

Adriana Aikawa da Silveira Andrade

**CARTAS DE ROMA (1822-1823):
TRADUÇÃO COMENTADA DAS MISSIVAS DE GIACOMO
LEOPARDI PARA O PORTUGUÊS**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Università per Stranieri di Siena (UNISTRASI).

Orientadoras:

Profa. Dra. Andréia Guerini
(UFSC)

Profa. Dra. Lucia Strappini
(UNISTRASI)

Florianópolis/Siena
2015

Adriana Aikawa da Silveira Andrade

**LETTERE DA ROMA (1822-1823):
TRADUZIONE COMMENTATA DELLE MISSIVE DI
GIACOMO LEOPARDI IN PORTOGHESE**

Tesi presentata come requisito finale all'ottenimento del titolo di Dottore di Ricerca in Studi sulla Traduzione presso l'Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e l'Università per Stranieri di Siena (UNISTRASI).

Relatrici:

Profa. Dra. Andréia Guerini
(UFSC)

Profa. Dra. Lucia Strappini
(UNISTRASI)

Florianópolis/Siena
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Andrade, Adriana Aikawa da Silveira

Cartas de Roma (1822-1823): tradução comentada das
missivas de Giacomo Leopardi para o português / Adriana
Aikawa da Silveira Andrade ; orientadora, Andréia Guerini
; coorientadora, Lucia Strappini. - Florianópolis, SC, 2015.
444 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução, Leopardi, Literatura
italiana, Epistolário. I. Guerini, Andréia. II. Strappini,
Lucia. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

ADRIANA AIKAWA DA SILVEIRA ANDRADE

**CARTAS DE ROMA (1822-1823): TRADUÇÃO COMENTADA
DAS MISSIVAS DE GIACOMO LEOPARDI PARA O
PORTUGUÊS**

Tese julgada como requisito final para a obtenção do grau de
DOUTORA EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

Área de concentração: **Processos de Retextualização Teoria, Crítica e
História da Tradução.**

Aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e pelo
Dottorato di Ricerca in Letteratura, Storia della lingua e
Filologia Italiana dell'Università per Stranieri di Siena (Itália).

Florianópolis, 29 de junho de 2015.

Prof.a. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora da PGET/UFSC

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Andréia Guerini
Orientadora – PGET/UFSC

Prof.^a Dr.^a Lucia Strappini
Orientadora – UNISTRASI

Prof.^a Dr.^a Amina Di Munno
Università di Genova

Prof.^a Dr.^a Anna Palma
UFMG

Prof.^a Dr.^a Karine Simoni
PGET/UFSC

Prof.^a Dr.^a Tânia Mara Moysés
PGET/UFSC

Prof. Dr. Artur de Almeida Ataíde
PGET/UFSC

Para minha mãe Luiza e
para o meu querido pai,
que partiu no meio do caminho

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração todos que colaboraram para a realização desta pesquisa, em especial:

À Capes, pelo apoio recebido tanto no Brasil quanto na Itália, durante o período do doutorado sanduíche.

À minha orientadora, Profa. Dra. Andréia Guerini, pelo estímulo intelectual ao longo dos anos, pela extrema paciência e, especialmente, por confiar sempre no meu trabalho, até quando eu mesma duvidava.

À minha orientadora da Università per Stranieri di Siena, Profa. Dra. Lucia Strappini, pela orientação dos estudos, a discussão das traduções e todo o apoio recebido durante o doutorado sanduíche.

A todos os professores da PGET que, direta ou indiretamente, colaboraram no percurso, em particular, aos membros da banca de qualificação Profa. Dra. Karine Simoni, Profa. Dra. Cláudia Borges de Faveri e Prof. Dr. Gilles Jean Abes.

Ao Prof. Luigi Trenti, da Università per Stranieri di Siena, pelas indicações de leitura e pela disponibilidade para discutir a tradução.

Ao Gustavo, à Cláudia e ao Fernando, da secretaria da PGET, pela ajuda sempre gentil e bem-humorada.

À querida Tânia Mara pela generosidade e pelas trocas de ideias; a Carol Paganine, por me ajudar a clarear o pensamento;

Às minhas filhas Giulia, Clara e Beatriz, pela presença sempre amorosa e pela ajuda logística; e às minhas irmãs, pelo olhar carinhoso, mesmo à distância.

Aos queridos Toni, Mari, Nega, Eleonora e Charlie, pela força e amizade de sempre; à Silvia Salvini e à Barbara pela companhia preciosa em Siena.

À Louise, à Silvia Cavicchioli e à Kaká, por me ensinarem o caminho do ioga; ao Hélio e à Eva Laura, pelos cuidados; à Nicoletta e à Ale pela ajuda final.

A todos os amigos e mestres na vida que acompanharam este percurso.

Muito obrigada.

RESUMO

Esta tese consiste na tradução comentada para o português das missivas escritas por Giacomo Leopardi (1798-1837) em sua primeira estadia romana, as chamadas “Cartas de Roma” (1822-1823). O trabalho inicia com uma apresentação das principais edições e coletâneas existentes do epistolário leopardiano e com um panorama geral das cartas. Analisa, em seguida, a experiência romana de Leopardi e o *corpus* da tradução. Com base em reflexões sobre leitura, língua, escrita e tradução, desenvolvidas pelo próprio Leopardi a partir de sua experiência de escritor e tradutor, a tese discute os problemas enfrentados e as soluções encontradas no processo tradutório, numa perspectiva voltada ao texto leopardiano.

Palavras-chave: Literatura italiana. Leopardi. Epistolário. Tradução.

RIASSUNTO

Questa tesi consiste nella traduzione in portoghese commentata delle missive scritte da Giacomo Leopardi (1798-1837) nel suo primo soggiorno romano, le “Lettere da Roma” (1822-1823). La tesi ha inizio con una presentazione delle principali edizioni e raccolte dell’epistolario leopardiano e con un panorama delle lettere. Di seguito, analizza l’esperienza romana di Leopardi ed il *corpus* della traduzione. In base alle riflessioni su lettura, lingua, scrittura e traduzione, sviluppate da Leopardi stesso nella sua esperienza come scrittore e traduttore, la tesi discute i problemi affrontati e le soluzioni trovate nel processo traduttivo da una prospettiva rivolta al testo leopardiano.

Parole-chiave: Traduzione; Letteratura italiana; Leopardi; Epistolario

ABSTRACT

This thesis consists of a commented translation into portuguese of the letters written by Giacomo Leopardi (1798-1837) in his first roman stay, called "Letters from Rome" (1822-1823). The work begins with a presentation of the most important editions and selections of Leopardi's correspondence and a view of all the letters. Then it investigates Leopardi's roman experience and the letters from Rome. Based upon considerations about reading, language, writing and translation developed by Leopardi in his own writer and translator's experience, it analyses some of the most important textual elements to discuss the faced problems and the proposed solutions in the translation process.

Keywords: Italian literature. Leopardi. Letters. Translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 O EPISTOLÁRIO LEOPARDIANO.....	25
1.1 Sobre as edições do epistolário e as coletâneas parciais.....	25
1.2 História narrada através das cartas.....	31
1.2.1 Cartas da infância (1807 a 1812).....	31
1.2.1.1 “Caríssimo Sr. Pai”.....	32
1.2.1.2 À mãe – “uma crítica inevitável”.....	36
1.2.1.3 Ironia da <i>Befana</i> e a “Don Paolo”.....	38
1.2.2 “ <i>Il commercio coi dotti</i> ” (1815-1816).....	39
1.2.3 O ‘pai-mestre’ Pietro Giordani, um capítulo à parte (1817-1819).....	45
1.2.4 Ferdinanda Melchiorri, alma gêmea? (1819-1822).....	67
1.2.5 Relações editoriais (1820).....	69
1.2.6 O filósofo profissional (1820-1822).....	71
1.2.7 As cartas de Roma (1822-1823).....	82
1.2.8 Depois de Roma, e a filosofia prática (1823-1825).....	84
1.2.9 Viver da própria escrita (1825-1837).....	90
2 AS CARTAS DE ROMA.....	127
2.1 A experiência romana.....	130
2.2 Tons e registros das cartas de Roma.....	175
3 CARTAS DE ROMA (1822-1823): TRADUÇÃO E TEXTOS-FONTE.....	195
4 À SOMBRA DO AUTOR TRADUTOR: COMENTÁRIOS SOBRE ATRADUÇÃO.....	339
4.1 Marcadores temporais do texto	347
4.1.1 Graus de intimidade: o caso do <i>voi</i> e do <i>tu</i>	348
4.1.2 Fórmulas de saudação e despedida, abreviações, maiúsculas iniciais e ortografia.....	366
4.2 Questões de léxico.....	374
4.2.1 Arcaísmos moderados	376
4.2.2 Coloquialismos.....	392
4.2.3 Neologismos e outros (nomes próprios, de moedas, cargos e departamentos).....	403
4.3 Aspectos estilístico-sintáticos.....	408
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	429
BIBLIOGRAFIA.....	435

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu de um convite da professora Andréia Guerini para que eu integrasse o grupo de pesquisa do CNPq intitulado Estudos Leopardianos, coordenado por ela, e traduzisse o *Epistolario* do autor, paralelamente ao trabalho de tradução integral do *Zibaldone di pensieri*, que vem sendo realizado, há alguns anos, “na esteira da proposta lançada pelo Centro Nazionale di Studi Leopardiani (CNSL) ‘Leopardi nel mondo’” e, principalmente, da necessidade de tornar possível ao leitor lusófono “o acesso a um dos mais importantes textos do século XIX europeu”¹. A tradução do *Epistolario* viria a integrar esta iniciativa, também voltada a valorizar escritos leopardianos que permaneceram à margem por muito tempo, mas que têm despertado o interesse crescente dos estudiosos.

Giacomo Leopardi (1798-1837), poeta e prosador italiano, manteve, ao longo de sua breve existência, paralelamente à sua obra criativa, uma vasta troca epistolar com literatos, amigos, editores e parentes, correspondência que soma 1969 cartas do autor e de seus interlocutores, escritas entre 1807 e 1837. E, embora a poesia e a prosa tenham sido objeto de numerosos estudos críticos, é ainda pequena a atenção dispensada ao epistolário leopardiano, que continua sendo visto, em boa parte das vezes, como um *corpus* secundário para explicar elementos da obra principal. Não por acaso, afirmam De Caprio e Giovannardi que “as cartas constituem um precioso testemunho não só dos eventos biográficos do poeta, mas também do desenrolar de suas posições conceituais, de sua poética, de suas condições psíquicas, de suas escolhas político-culturais” (1993, p. 535).

Entretanto, desse rico material é possível extrair aspectos inusitados que iluminam a breve vida do autor e acompanhar a evolução do pensamento e dos estudos leopardianos, podendo servir, de acordo com Laura Diafani, como “uma chave de leitura, um comentário ou, por fim, revelar-se até como um meio de aprendizagem literária, terreno de experimentação de temas e expressões que ressurgem em âmbito artístico” (2000, p. 9-10). Além do mais, segundo a autora, a qualidade da escrita leopardiana, “extraordinária até quando é ausente a intenção criativa”, confirma que a leitura do *Epistolario* como um “simples documento biográfico ou ideológico” não alcança a profundidade do

¹ Ver de Giacomo Leopardi, *Zibaldone di Pensieri* em português, traduzido por Andréia Guerini, Anna Palma e Tânia Mara Moysés, disponível em <<http://www.zibaldone.cce.ufsc.br/apresentacao.php>>. Acesso em 27/05/2014.

texto, que é, ao mesmo tempo, um “documento humano [...] e estilístico da máxima importância” (DIAFANI, 2000, p.10).

A única tradução integral do epistolário leopardiano é a edição francesa *Giacomo Leopardi. Correspondance générale*, publicada em 2007 pela Allia, de Paris, com tradução de Monique Baccelli. Há uma edição inglesa com 220 cartas do autor, *The Letters of Giacomo Leopardi (1817-1837)*, traduzidas por Prue Shaw e publicadas em 1998 pela Northern Universities Press. No Brasil, foi publicada em 1996, pela Nova Aguilar, uma coletânea organizada por Marco Lucchesi², com 253 cartas de Leopardi, sem as respostas, traduzidas por Maurício Santana Dias em um volume intitulado *Giacomo Leopardi. Poesia e prosa*, cuja edição encontra-se atualmente esgotada.

Dada a importância do epistolário leopardiano e considerando que a edição da antologia desse material em português encontra-se esgotada, proponho, nesta tese, a tradução comentada das cartas enviadas por Leopardi em sua primeira permanência em Roma, entre novembro de 1822 e maio de 1823, as chamadas “Cartas de Roma”. Utilizo como texto-fonte o *Epistolario* organizado por Franco Brioschi e Patrizia Landi, publicado em 1998 em dois volumes pela Bollati Boringhieri, que é a edição mais completa e recente da correspondência composta por 1969 cartas de Leopardi e de seus interlocutores.

Idealmente, este projeto de tradução foi pensado para abarcar o *Epistolario* todo e ser realizado em um prazo extenso. Para o doutorado, porém, foi preciso propor um recorte desse *corpus* vasto.

A escolha não foi simples, aliás, arrastou-se por um longo período e sofreu mudanças de curso. Primeiro porque escolher uma coletânea cabível em uma tese, entre tantas cartas que compõem um todo orgânico e diversificado, requer uma capacidade de apreensão geral e, ao mesmo tempo, de síntese extrema, que cria inevitavelmente a impressão de ter deixado algo muito importante de lado, além de requerer a experiência de lidar com *corpus* amplos. Depois, porque era preciso considerar também o trabalho paralelo e posterior à tradução, ou seja, selecionar um material possível de ser analisado e adequado à discussão de questões em torno à tradução, objetivo principal desta tese.

² Ver “Leopardi no Brasil”, de Lucia Wataghin, para mais notícias sobre a importante edição organizada por Lucchesi, bem como as várias traduções da poesia e da prosa de Leopardi realizadas no Brasil desde o final do século XIX. Disponível em <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition07/artigos/Leopardi-no-Brasil-Lucia-Wataghin.php>

Nas várias publicações parciais do epistolário leopardiano em italiano, que mencionarei no primeiro capítulo, revela-se a tendência para coletâneas recortadas a partir dos interlocutores, isto é, cartas ao pai, ao irmão, ao editor, aos amigos da Toscana e assim por diante. Já as coletâneas das edições existentes em inglês (1998) e português (1996) aparentemente seguem o critério das cartas mais importantes, excluindo as infantojuvenis. É uma boa escolha quando se pode ter um grande número de cartas e se quer dar uma ideia do todo, coisa que o *corpus* de tradução para uma tese não comporta, devido à análise minuciosa dos textos que o trabalho requer.

Minha opção se deu, portanto, pela integração de uma série de critérios. Primeiro decidi fazer um recorte que me desse a possibilidade de ter uma diversidade de ocasiões e interlocutores numa linha temporal contínua. Portanto, um *corpus* variado e representativo da escrita epistolar leopardiana compreendido num determinado tempo. O período escolhido a princípio, a correspondência entre 1821-1823, levava em conta principalmente a presença, nas epístolas leopardianas, de reflexões em torno a temas que viriam a formar as bases de seu pensamento filosófico. Além disso, várias cartas importantes do período não haviam sido traduzidas na coletânea existente no Brasil. Mas o volume é extenso demais: são 237 cartas entre enviadas e recebidas, e logo decidi traduzir somente as de Leopardi, o que reduziria o *corpus* quase pela metade.

Entretanto, queria dar ao *corpus* uma unidade que facilitasse a análise das cartas e os comentários da tradução. Daí surgiu a ideia de restringi-lo às “Cartas de Roma”, que além de diversificadas do ponto de vista dos registros e tons, e de representarem um momento bem específico da experiência de vida de Leopardi (sua primeira permanência longe da terra natal e da casa paterna), são também representativas da variedade de interlocutores e da escrita leopardiana no *Epistolario* como um todo. São 55 cartas: 44 destinadas aos familiares e 11 distribuídas entre amigos e autoridades eclesíásticas, nas quais se destacam os temas ligados ao contato com o novo mundo, representado pela vida na capital, e a aguda observação da sociedade romana, incluindo duas cartas formais, voltadas à busca de um emprego junto às autoridades do Vaticano.

Vale notar que o período da primeira permanência romana corresponde a uma das fases de maior atividade de Leopardi na escrita de missivas (comparável somente aos anos da correspondência com Pietro Giordani entre 1817 e 1818), e que o núcleo familiar, que compõe 3/4 das cartas romanas, é considerado o principal núcleo de

interlocutores de Leopardi, cujas cartas só são comparadas, em termos de importância, às endereçadas a Pietro Giordani (FILICAIA, 2006, p.28).

Ainda antes de tomar uma decisão definitiva quanto à realização, de fato, deste projeto de pesquisa (meu projeto inicial do doutorado era a tradução comentada de um romance de Sibilla Aleramo, autora do início do século XX), resolvi dedicar um período exclusivamente à leitura das cartas de Leopardi. E imediatamente ao final da leitura eu já sabia a resposta. Temia a mudança de século na pesquisa e a enorme erudição do autor, mas a beleza das cartas e a empatia com Leopardi epistológrafo convenceram-me a encarar o desafio como uma oportunidade para aprender. E, nesse sentido, resolvi também ampliar os estudos às reflexões leopardianas sobre tradução, tomando-as como base para as discussões dos problemas tradutórios.

Leopardi dedicou-se, desde a adolescência, à leitura e tradução de obras gregas e latinas, que tiveram um papel fundamental em sua formação como pensador e escritor. Suas reflexões sobre as experiências de tradução encontram-se sobretudo no *Zibaldone di pensieri*, nos prefácios às suas traduções e nas cartas. E têm como temas essenciais: o papel da imitação na tradução; a importância da exatidão do sentido e da clareza do texto traduzido; o equilíbrio entre a fidelidade ao estilo do autor e à índole da língua de chegada; a importância da sintaxe e de vários recursos linguísticos para o efeito produzido no leitor; a relação entre as línguas e a capacidade que determinada língua tem de acolher a fala estrangeira, e até a empatia que se deve criar entre autor traduzido e tradutor. Estas são algumas das questões que se põe Leopardi sobre língua, estilo e tradução, que servem de base para a discussão da tradução das cartas.

A leitura do *Epistolario* foi acompanhada de muitas anotações, que serviram de base não só para a apresentação das cartas como também para algumas análises desenvolvidas ao longo da tese e para a realização da tradução em si. Foram também fundamentais na preparação e elaboração desta tradução comentada as contribuições da história e da crítica literária para os estudos sobre o autor, sua obra e poética, além dos estudos específicos sobre a língua e o estilo das cartas de Leopardi, que embasam escolhas feitas em termos de estrutura e léxico na tradução.

Outra fonte de pesquisa importante, além da leitura paralela de outras obras de Leopardi, foi a tradução já citada do *Zibaldone di pensieri* em português, que vem sendo gradativamente disponibilizada em versão bilíngue *on-line* e auxiliou em muitas consultas ao longo da

elaboração da tradução. Do mesmo modo, as coletâneas inglesa e brasileira foram consultadas em trechos pouco claros ou que apresentavam alguma dificuldade específica de tradução: sempre que possível, procurei aprender com os trabalhos já realizados. Há todo um legado dentro da literatura traduzida que constitui uma rica fonte de pesquisa para o tradutor e não deve ser ignorado.

Para compor este trabalho, inicio o primeiro capítulo apresentando as edições mais importantes do epistolário leopardiano, as principais coletâneas parciais das cartas e os estudos críticos que embasam este trabalho, passando, em seguida, a um panorama da correspondência leopardiana naquela que eu chamo de ‘história narrada através das cartas’.

No segundo capítulo, dedicado à primeira estadia de Leopardi em Roma, entre novembro de 1822 e maio de 1823, comento a experiência romana e seus reflexos nas cartas escritas na capital e examino as “Cartas de Roma” do ponto de vista do estilo, apontando especialmente para a diversidade de tons e registros, de modo a preparar a discussão da tradução.

Já no terceiro capítulo, apresento a tradução das “Cartas de Roma”. E, por fim, no quarto capítulo, discuto o processo tradutório, apoiando-me principalmente nas reflexões leopardianas sobre leitura, tradução, língua e a arte de escrever bem, e nos estudos de Fabio Magro sobre a língua e o estilo do *Epistolario*.

Observo que as menções ao *Epistolario*, ao longo da tese, seguem o modo tradicional de citá-lo no campo de estudos leopardianos. Uso *Epistolario* no corpo do texto, para referir-me à edição Brioschi & Landi (1998), escolhida como texto-fonte desta tradução comentada, e nas citações, a abreviação *Epist.*, seguida da indicação do volume e da página em que se encontra, como no exemplo: (*Epist.*, I, p. 34) para referir-me à carta presente na página 34 do volume I (o *Epistolario* contém dois volumes). Quando a data ou o destinatário da carta não são mencionados no corpo do texto, acrescento também a devida informação à citação, usando a data de modo abreviado, como no exemplo: (De Giacomo a Monaldo Leopardi. fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 322). As menções ao *Zibaldone di pensieri* também seguem a tradição: no corpo do texto uso *Zibaldone*, e nas citações (*Zib.* 10), número que indica o autógrafo a que se refere a citação, que remete à edição organizada por Giuseppe Pacella em 1991 para a Garzanti, no meu caso, reproduzida em edição organizada por Lucio Felici (2005) para a editora Newton Compton de Roma. Em várias citações ao longo da tese, a fonte do *Zibaldone* é o texto *on-line* presente no site da *Biblioteca italiana*,

também baseado na edição Pacella de 1991; nesses casos, indico a data do autógrafo e o endereço de acesso na internet.

Noto ainda que as cartas em italiano, apresentadas no capítulo 3, seguem a grafia da edição Brioschi & Landi (1998), que, por sua vez, é fiel aos autógrafos leopardianos e conserva algumas variações em relação à língua italiana atual.

Enfim, no intuito de tornar o texto mais homogêneo e a leitura do trabalho mais fluida, resolvi citar em português todos os textos dos autores italianos. Como as citações são muitas, especialmente por conta da apresentação das cartas, não indicarei a cada vez que se trata de texto traduzido, como ditam as normas: todas as traduções são minhas, exceto quando explicitamente indicado.

1. O EPISTOLÁRIO LEOPARDIANO

1.1 Sobre as edições do epistolário e as coletâneas parciais

A edição do epistolário leopardiano escolhida para este trabalho é a mais recente reprodução integral de todas as cartas de Giacomo Leopardi e de seus correpondentes, conhecidas até 1998, ano de sua publicação, organizada por Franco Brioschi e Patrizia Landi para a editora Bollati Boringhieri de Turim. Trata-se da segunda edição integral do epistolário, sendo, a primeira, obra de Francesco Moroncini³, publicada pela Le Monnier, de Florença, em sete volumes entre 1934-41, que, por sua vez, seguia o trabalho feito em 6 volumes para a mesma editora por Prospero Viani (1849), pioneiro na pesquisa, seleção e reprodução dos autógrafos. Entre as edições mais antigas é também referência a organizada por Francesco Flora com somente as cartas leopardianas, cerca de 900, que constitui o quinto volume de *Tutte le opere* de Giacomo Leopardi, publicada pela Mondadori em 1949. Entre as edições econômicas mais recentes com o epistolário inteiro, cito *Tutte le poesie e tutte le prose* (2001), organizada por Lucio Felici e Emanuele Trevi para a editora Newton Compton de Roma.

A edição Brioschi e Landi (que ao longo do trabalho chamarei simplesmente de *Epistolario* ou, nas citações, na forma abreviada *Epist.*) compõe-se de dois volumes. No primeiro deles, há uma lista de todas as bibliotecas, academias e arquivos públicos italianos que conservam as cartas originais (*Epist.*, I, p. X); uma introdução escrita por Brioschi; uma bibliografia referente às obras leopardianas; uma ‘nota ao texto’ (com considerações de caráter filológico e escolhas editoriais); e uma cronologia da vida e obra de Leopardi, centrada nas correspondências.

Divididas entre o primeiro e o segundo volume estão as 1969 cartas de Leopardi e seus correpondentes, acompanhadas de várias notas dos organizadores, extremamente importantes por esclarecerem aspectos obscuros e acrescentarem informações ricas em detalhes da biografia de Leopardi e de seus correpondentes, além de aspectos históricos e histórico-literários, a muitos dos quais recorro para amalgamar a história contada através das cartas, que proponho a seguir. Ainda no segundo volume do *Epistolario* há um Apêndice, com algumas cartas abertas de Leopardi publicadas em jornais ou usadas para

³ Na realidade, com a morte de Moroncini em 1835, o trabalho foi levado adiante por Getulio Moroncini e Michele Barbi, com base no texto preparado por Moroncini, e foi concluído por Giovanni Ferretti. (DOTTI, 1982, p. 39).

apresentar alguma obra sua, além de um ‘Dicionário dos correspondentes’ e um índice dos nomes, das obras, das coleções e dos periódicos citados nos volumes.

Há muitas edições parciais do epistolário leopardiano recortadas a partir dos interlocutores, cujas introduções, em geral, são importantes, e entre as quais cito: as cartas aos amigos da Toscana, ou *Lettere agli amici di Toscana* (1990, editora Mursia), com introdução e organização de William Spaggiari; as cartas entre pai e filho em *Il monarca delle Indie. Corrispondenza tra Giacomo e Monaldo Leopardi* (1988), organizada por Graziela Pulci para a Adelphi, com introdução de Giorgio Manganelli; as cartas ao irmão e à irmã em *Lettere al fratello Carlo e Paolina mia. Lettere alla sorella*, organizadas respectivamente por Renzo Bragantini e Mariella Muscariello, além das cartas ao editor milanês, reunidas em *Signore ed Amico amatissimo. Lettere all’editore Stella*, organizadas por Francesco Botti, todos os três volumes com texto introdutório dos organizadores e publicados pela Osanna Edizioni em 1997; e, por fim, cito “*Roma era bianca dalla neve*”. *Lettere da Roma* (2011), com as cartas leopardianas das duas fases romanas, edição organizada e introduzida por Giulia Alberico para a Lozzi Publishing.

Entre as edições parciais do epistolário leopardiano, há algumas coletâneas com cartas selecionadas em todo o arco temporal, como a organizada por Sergio e Raffaella Solmi, com 223 cartas de Leopardi, publicada em 1966 pela Ricciardi e reeditada em 1977 pela Einaudi, e a *Storia di un’anima: scelta dall’Epistolario*, coletânea elaborada por Ugo Dotti, publicada pela Rizzoli de Milão, em 1982.

Outra edição mais recente, com 939 cartas de Giacomo Leopardi, sem as respostas, é a organizada por Rolando Damiani e publicada pela Mondadori em 2006, com um ensaio introdutório (“Vita abbozzata di un uomo solo”), uma “Cronologia”, uma “Nota all’edizione”, além de um longo comentário sobre cada carta e a bibliografia. As *Lettere*, tal como se apresentam na coletânea de Damiani, compõem um “livro” de Leopardi e assim devem ser lidas, segundo o organizador, como o corpo único de uma obra, um romance epistolar que ele teria escrito e que narra a “história de uma alma” (DAMIANI, 2006, p. XCIV).

Segundo Damiani, já De Sanctis havia visto, em sua resenha ao *Epistolario di Giacomo Leopardi*, organizado por Viani, em 1849, que não se tratava da simples reunião de páginas documentais, mas de um conjunto com uma unidade, “quase como se fosse um romance autobiográfico formado por um quebra-cabeça de mensagens a conhecidos”, em que cada mínimo bilhete conservaria a “necessária fidelidade à expressão, à ‘palavra’”. Crítica o fato de as cartas de

Leopardi terem sido lidas, por anos, como “documentos acessórios” em relação a outros escritos maiores do autor, como se fossem meros registros de seus “meios de aprendizagem literária”. Afirma que, a essa altura (ano de 2006), ninguém duvida que o epistolário de Leopardi reúna os sinais de sua mais alta prosa, em sintonia com o seu “‘pensar poetando’ e falando de si, unido à exigência (que Eleandro coloca para si no diálogo com Timandro) de ‘escrever em língua moderna’” (DAMIANI, 2006, p. XVII). Que, consideradas as qualidades artísticas do texto epistolar leopardiano, atestadas por De Sanctis e De Robertis, passando pelos correspondentes Pietro Giordani e Pietro Brighenti, imediatos admiradores da beleza das cartas do amigo, era chegado o momento de considerar as cartas uma obra, um romance autobiográfico e epistolar, que teria substituído o projeto de um verdadeiro romance nunca realizado por Leopardi. Diz Damiani que “é preciso ler uma página após a outra, como um dos livros mais belos da literatura italiana.” (2006, p. XVII). A ausência dos correspondentes estaria assim justificada nessa escolha editorial, que privilegia a leitura do epistolário leopardiano como uma obra composta de unidade.

Já Patrizia Landi, coorganizadora do *Epistolario* (1998) e autora do livro *Con leggerezza ed esattezza. Studi su Leopardi* (2012), irá contestar a leitura das cartas leopardianas como obra única, ressaltando a importância das cartas dos interlocutores. Ler o epistolário sem as respostas dos correspondentes, segundo ela, é como “ouvir uma ópera lírica sem os cantores: o epistolário leopardiano não é”, segundo ela, “a ‘história de uma alma’”, nem foi escrito para a posteridade, como as cartas de Petrarca, embora seja ‘extraordinariamente’ poético. E acrescenta:

é o melhor instrumento para reconstruir a história pessoal de Leopardi, para percorrer com ele as vias públicas ou privadas de sua experiência de homem e de intelectual, experiência na qual as vozes de seus interlocutores são peças indispensáveis para restituir a voz mais concreta do escritor, bem como do ambiente e da sociedade em que ele viveu e atuou” (LANDI, 2012, p. 25-6).

As escolhas editoriais, tanto de Brioschi e Landi quanto de Damiani, salvo os aspectos práticos ligados a investimentos, tamanho do volume etc., refletem dois modos diferentes de ler o epistolário

leopardiano: um focado nas cartas como documentos iluminadores de vida e obra (LANDI, 2012, p. 25), e o outro focado em seu valor “autônomo, literário e narrativo” (DAMIANI, 2006, p. XVIII), visões, obviamente, não absolutas.

Na minha experiência pessoal da leitura do *Epistolario*, logo percebi a importância dos interlocutores no mimetismo atuado no texto leopardiano, que se adapta às relações e aos contextos, mostrando várias facetas que vão desde as cartas ‘de serviço’, pensadas para obter um determinado fim, até as mais meditativas, em que Leopardi explora a própria vida interior e escreve com liberdade plena, como quem escreve a um ‘outro si mesmo’. Mas confesso que a leitura das cartas, uma após a outra, como teria recomendado Damiani (no meu caso, incluindo as dos correspondentes), surtiu o efeito da leitura de um romance: nos meses dedicados à leitura integral do *Epistolario*, a vontade era continuar no dia seguinte, como quem não pode se desvincular da história de uma vida sem conhecer o seu fim, exatamente como acontece quando lemos um bom romance.

O início da leitura é árduo, porque as cartas parecem ainda engessadas pela necessidade de se apresentar ao mundo, seguindo de perto a tradição da escrita epistolar e os padrões de relação senhoris, em um tom predominantemente formal. Com o passar dos anos, há uma maior abertura, e os tons e modos do texto leopardiano ganham naturalidade, fazendo com que o leitor penetre não só o mundo de estudos, reflexões e projetos de escrita do autor, como também a complexidade de sentimentos que ligam Leopardi aos seus variados interlocutores, nas diversas situações de vida em torno às quais escreve, e, fazendo que que perceba, por último, a visão de mundo que se manifesta através do movimento que parte da narração da própria dor de existir ampliada a uma coletividade em que o ‘eu’ já não é mais o foco da atenção. Nos últimos anos, vemos nas páginas do *Epistolario* uma falta de investimento na escrita: cartas práticas que dão conta da vida, e um silêncio de quem não tem nada de importante para contar, ou, de certa forma, de quem desistiu do mundo ao seu redor.

Voltando à questão dos dois modos de ler o *Epistolario*, não há como negar a riqueza literária e a beleza das cartas leopardianas, que são belas justamente pela capacidade que Leopardi tem de ‘desnudar’ seu coração e se oferecer com generosidade ao próprio interlocutor. Fabio Magro dirá que “a escolha dos assuntos, o tom geral das cartas [...] – tudo é voltado para os destinatários”, de modo que Leopardi “dobra-se ao correspondente, mas busca sempre a autenticidade” (MAGRO, 2012, p. 17). E nem se poderia falar em ‘ingenuidade literária’, tratando da

escrita de um erudito como Leopardi. Aliás, o fato de que “nenhuma antologia leopardiana ao longo do tempo deixou de incluir ao menos uma seleção da correspondência” confirma, segundo Magro, a sua “dignidade literária e o seu pleno pertencimento ao cânone das obras leopardianas” (2012, p. 15).

Entretanto, não havia da parte de Leopardi a intenção de publicar suas cartas (assunto que surgirá, em 1820, em carta a Brighenti, citada mais adiante). De modo que, sustenta Magro, talvez se possa acolher a ideia da total autonomia artística do *Epistolario*, defendida por Damiani, “somente como uma provocação” (MAGRO, 2012, p. 21) para uma leitura mais abrangente, que valorize os aspectos literários das cartas.

Entre os estudos dedicados à correspondência de Leopardi, fundamentais para este trabalho, gostaria de destacar os realizados por Laura Diafani (estudo temporal detalhado), Costanza Guedes Filicaia (estudo das temáticas principais) e o já citado Fabio Magro (estudo das questões de estilo e língua), além de artigos pontuais extremamente iluminadores do epistolário leopardiano, que citarei ao longo da tese.

Em *La ‘stanza silenziosa’. Studio sull’epistolario di Leopardi* (2000, Le Lettere), um dos primeiros estudos dedicados ao *Epistolario* integral, Laura Diafani examina a correspondência leopardiana, investigando o panorama variado de assuntos e tons presentes nas cartas, divididas por períodos: ‘Giochi e studi’ (1810-1816); ‘Gli anni eroici’ (1817-1819); ‘Gli anni tra il vero e le illusioni’ (1820-1823); ‘Gli anni del bisogno di sopravvivere’ (1823-1826) e ‘Gli anni del risorgimento delle passioni’ (1827-1837). Trata-se de um trabalho rico em detalhes da correspondência desde a infância até a morte do poeta, que busca valorizar, como trabalho pioneiro, a “autonomia expressiva” dos escritos para além da “função testemunhal”, pois considera que o epistolário leopardiano foi condenado, ao longo de anos, a “resplender a luz reflexa da poesia de Leopardi”, sem que se percebesse a “complexidade de motivos que o tornam um livro autônomo, dotado de valor artístico”, um “documento humano e ao mesmo tempo [...] monumento estilístico de suma importância”, talvez a melhor prova do Leopardi prosador.”, diz citando Contini (*apud* DIAFANI, 2000, p. 10).

Já Filicaia, em *Fuori da Recanati io non sogno. Temi e percorsi di Leopardi epistolografo* (Le Lettere, 2006) privilegia o aspecto temático do *Epistolario*, ou seja, quais formas e modos peculiares de expressão assumem os temas que sustentam a reflexão especulativa de Leopardi, inclusive em relação às suas outras obras, sem transcurar elementos da cronologia e da relação com seus interlocutores. Na base deste trabalho está a convicção de que, embora o *Epistolario* não tenha

sido escrito para ser publicado e tenha também uma função comunicativa “prática e ocasional”, ele é sustentado por uma notável veia literária, e, portanto, é possível encontrar nele muitos testemunhos significativos da evolução do pensamento leopardiano, “cuja expressão será uma consequência da natureza claramente dialógica da escrita epistolar.” (FILICAIA, 2006, p. 11-12).

No capítulo “Dell’*Epistolario* di Giacomo Leopardi ovvero della *consortio* humana” Filicaia trata das características mais importantes do *Epistolario*, identificando os principais núcleos de correspondentes: a família (pai, Carlo, Paolina, Melchiorri, tio Carlo); o amigo Pietro Giordani; os amigos/editores Stella e Brighenti; os amigos da Toscana (Viessesux, Colletta); e o amigo Ranieri, além de alguns temas cardinais recorrentes: as condições físicas, o sofrimento (e a nostalgia da distância) e as dificuldades da vida cotidiana. Em “Giacomo Leopardi e i luoghi della terra” fala sobre a relação de Leopardi com os locais geográficos onde permaneceu, e sobre a temática da viagem. Nos capítulos “Lo scriver lettere e la *philosophie* desesperante” e “Leopardi nell’*Epistolario* tra letteratura e società” trata dos modos de expressão de alguns aspectos fundamentais do pensamento leopardiano: temas que se desenvolvem a partir da esfera íntima (prazer, dor, tédio, melancolia, felicidade, infelicidade, ilusões, morte, doença, lembrança da infância, concluindo com a função da ironia no *Epistolario*), além das reflexões sobre política e sociedade. Segundo Filicaia, a subdivisão torna mais fácil e funcional a leitura, embora o trabalho tenha como base a consciência de que toda temática discutida por Leopardi “assume valor de reflexão geral sobre a condição humana e nunca se limita à esfera privada e pessoal do autor.” (2006, p. 12)

Já *L’Epistolario di Giacomo Leopardi. Lingua e stile* (Fabrizio Serra Editore, 2012) de Fabio Magro é um minucioso trabalho de análise da língua do epistolário de Giacomo Leopardi, composto por uma introdução geral e seis capítulos que têm como tema: a grafia e a pontuação; a fonologia; a morfologia; a sintaxe; o léxico e a formação das palavras. Há, porém, segundo Pier Francesco Mengaldo, responsável pela apresentação do livro, “algo que enriquece e anima fortemente” o trabalho de Magro, que está no fato de que as considerações feitas por ele sobre a língua de Leopardi nunca ocorrem sozinhas, mas sempre em relação ao uso geral do italiano da época (em especial, o epistolar), o de seus correspondentes, o de outras obras de Leopardi ou do próprio *Epistolario*, de modo a ampliar o conhecimento não só da escrita de Leopardi, mas também do uso linguístico italiano do início do século XIX (MENGALDO, 2012, p. 9).

Após estas considerações acerca das edições do epistolário leopardiano e dos trabalhos críticos que nortearão as minhas análises, apresento, a seguir, um breve panorama cronológico da correspondência de Leopardi, destacando algumas cartas-chave de cada período, no intuito de aproximar do texto epistolar leopardiano o leitor, e comentar alguns temas recorrentes, além de lançar luz sobre a sua biografia a partir das cartas. Obviamente, não pretendo aqui dar conta da vastidão e riqueza do *Epistolario*, pois não é o objetivo desta tese. Conto apenas uma história narrada através das cartas leopardianas.

1.2 História narrada através das cartas

As páginas do epistolário leopardiano percorrem quase toda a vida do poeta: iniciam no ano de 1807 com uma cartinha em latim ao pai Monaldo, escrita em casa, e terminam em 1837 com carta de Nápoles também endereçada ao pai, não por acaso, figura central na correspondência de Giacomo ao longo da vida.

1.2.1 Cartas da infância (1807 a 1812)

Sete são as cartas do *Epistolario* entre 1807 e 1812: seis delas escritas por Leopardi entre 9 e 14 anos de idade ao pai, à mãe, à irmã e à sra. Volumnia Roberti. Uma delas escrita aos irmãos Giacomo, Carlo e Paolina Leopardi por Don Sebastiano Sanchini, preceptor dos meninos na época.

Escritas em latim, italiano e francês, as cartas desse período fazem menção a estudos e a algumas das composições escritas por Giacomo naqueles anos, registrando, de um lado, a extrema aplicação do menino-adolescente aos estudos, e de outro, os projetos e expectativas de Monaldo para a exemplar formação escolar, ética, religiosa e moral dos filhos.

Acrescentando as missivas em tom de brincadeira — uma escrita pela suposta *Befana* e outra destinada a Dom Paolo (na verdade, a irmã Paolina) — temos nesse primeiro grupo de cartas uma amostra do que virão a ser as futuras. Não pelos temas ou modos, pois se trata de cartas infantojuvenis, ignoradas em boa parte das coletâneas parciais do epistolário leopardiano. Mas porque deixam entrever o contexto familiar, as dinâmicas e a personalidade do jovem Giacomo em formação, em que são centrais o amor à leitura e aos estudos, norte de sua trajetória de vida; a necessidade de reconhecimento e a angústia de atender as expectativas dos pais, além da vontade de conhecer as coisas da vida, e da ironia em relação a ela.

1.2.1.1 “Caríssimo Sr. Pai”

A carta que inaugura o *Epistolario* é um exercício de latim, agradecendo ao pai a chegada do preceptor Don Sebastiano Sanchini, sacerdote de Rimini trazido à casa Leopardi por Monaldo, em 1807, para dar continuidade aos estudos dos filhos, iniciados com Don Giuseppe Torres e com o pedagogo Don Vincenzo Diotallevi. O sacerdote os segue até julho de 1812, ano em que terminam os estudos escolares do jovem Giacomo, na época com 14 anos de idade, pois “o preceptor não tinha mais nada para [lhe] ensinar”⁴.

O orgulho com que Monaldo afirma tais palavras será o mesmo de alguns anos depois, ao narrar em carta ao cunhado Carlo Antici o feito alcançado pelos filhos naqueles anos:

Giacomo havia completado **nove anos**, e Carlo, **oito**, quando expuseram publicamente [30 jan 1808] **toda a gramática**, e começaram o estudo da retórica. No ano seguinte [3 fev 1809] **expuseram a metade da retórica**, e, no outro [8 fev 1810], **o restante com a Geometria e a aritmética**. Tendo terminado, o primeiro, com onze anos, e o segundo com dez, aplicaram-se ambos à **filosofia, à história natural, e à química**” (De Monaldo Leopardi a Carlo Antici, 17 jan 1815. *Epist.*, II, p. 2121, negritos meus).

O *Indice 1809*, compilado muitos anos depois pelo próprio Giacomo — *Indice delle produzioni di me Giacomo Leopardi dall’anno 1809 in poi*⁵ —, registra os anos de ‘estudo louco e desesperado’, acompanhado de perto pelo pai. Inicia com exercícios de latim em 1809, seguido da composição de prosas várias e da primeira composição poética: “La morte di Ettore” (em homenagem ao irmãozinho de Giacomo, falecido poucos meses após o nascimento). E segue com as primeiras traduções juvenis, feitas quando Giacomo tinha apenas 11 anos: as *Odes* de Horácio (1809), a “Elegia 7” do primeiro *livro dos Tristes*, de Ovídio (1810) e a tradução de um Epigrama francês, em

⁴ Do *Memorial* de Monaldo (*Epist.*, I, p. CXVII).

⁵ Em *Tutte le poesie e tutte le prose* (Org. Lucio Felici e Emanuele Trevi), 2001, p. 1038. Serão 3 os índices compilados pelo próprio Leopardi: I. o Índice 1809 citado; II. *Obras de G. Leopardi. 16 de Novembro de 1816* e III. *25 de Fevereiro de 1826* (idem, p.1038 a 1040).

ocasião da morte de Frederico II, rei da Prússia (1812), só para citar alguns exemplos.

Também entre as composições dos anos de 1809 e 1810 há versos bernescos, sonetos (ex. *Per la messa novella* – composto para a primeira missa celebrada pelo Sr. D. Placido Giorgi), *Cesare Vincitore dopo le Guerre Civili* (com rimas obrigatórias); várias fábulas e composições de tema religioso (*I ré magi*, a pedido do marquês e tio Tommaso Antici; *Canzonetta*, para o natal de 1809; *Il Paradiso terrestre*, poema escrito nas festas de Natal de 1809), além de elogios e discursos compostos por Giacomo e seu irmão Carlo para celebrações de dias santos, da quaresma e outros, recitados entre amigos, em casa ou em locais públicos, como a “Congregação dos Nobres” de Recanati.

Dentre as composições do jovem Giacomo, algumas eram preparadas especialmente para a exposição pública de fim de ano, tais como as compostas para os exames de gramática latina, ciências, história sacra, além das dissertações acadêmicas e dos escritos especificamente dedicados aos pais: *Prosa alla mia Genitrice composta a sua richiesta nel giorno della Domenica degli Ulivi* (1809); *Scusa al mio Genitore non avendogli alla fine del mese presentata alcuna produzione* (1810); *La Virtu Indiana* (1811), tragédia que dialoga com texto do mesmo gênero escrito pelo pai; *Al Sig. Co. Monaldo Leopardi: Sciolti* (1811).

A segunda carta ao pai Monaldo, escrita às vésperas do Natal de 1810, trata exatamente do citado acima “pedido de desculpas ao ‘genitor’ por não ter-lhe entregado nenhuma produção literária” ao final daquele ano escolar, como era de praxe na família⁶. As ‘mãos vazias’, entretanto, preanunciam a ‘audácia’ de se dedicar a obras de maior fôlego e que requeriam tempo, impedindo Giacomo de cumprir o ‘dever’ de apresentar o seu ‘livrinho’, como dita a tradição de fim de ano na Casa Leopardi:

Caríssimo e Estimadíssimo Sr. Pai,
Encontrar-me este ano com as mãos vazias não me impede de lhe atestar a minha gratidão, desejando-lhe todos os bens do Céu nas próximas

⁶ Era costume na família Leopardi produzir certos ‘livrinhos’ no fim do ano escolar, geralmente compostos a partir dos estudos feitos naquele ano. Dos estudos de filosofia iniciados com Sebastiano Sanchini em 1810 e levados adiante, teriam resultado, por ex., as *Dissertazioni filosofiche* de 1811-1812 (*Epist.*, II, p. 2122, notas 4 e 5).

recorrências festivas. [...] Crescendo a idade, cresceu a audácia, mas não o tempo de aplicação. Ousei dar início a obras mais amplas, mas o pouco espaço que me é possível ocupar com o estudo fez com que, enquanto tempos atrás terminava meus livrinhos na extensão de um mês, agora para concluí-los precise de anos. [...] (24 dez 1810. *Epist.*, I, p. 7)

Contando com a compreensão do pai, entretanto, Giacomo aproveita para demonstrar sua gratidão, pois sabe o quanto ele se empenha em lhe proporcionar a possibilidade de se dedicar ao ‘objeto de seu passatempo’, ou seja, os estudos e a escrita: “Sei do grande cuidado que o Senhor gentilmente me dedica, e, por trás da clara consciência, vem como companheiro indivisível o reconhecimento”. (*Epist.*, I, p. 7)

Conservando uma escrita formal e respeitosa, mas afeto ainda infantil, Giacomo conclui imaginando uma situação ideal em que o pai pudesse ver a verdade de seu coração:

Amaria se o senhor, iluminado por uma luz negada pela natureza a todos os homens, pudesse ler, em claras notas no meu coração, estes sentimentos que tento lhe expressar com as palavras. Não há neles nem exagero nem mentira. Não podendo o senhor penetrar em meu íntimo, pode certamente repousar no testemunho de minha pena.

Seu
Humilíssimo Obrigadíssimo Filho
Giacomo (*Epist.*, I, p. 7)

Aspectos interessantes da relação já despontam desta carta, sobretudo as ambiguidades: a rigidez da educação dada por Monaldo e sua visão estreita de mundo contraposta ao amor pelo conhecimento já despertado no menino Giacomo (e cabe aqui lembrar as horas prazerosas dedicadas aos estudos na biblioteca paterna que, naqueles anos, é aberta à frequência pública); o respeito e reconhecimento dos esforços do pai na educação dos filhos e a culpa por afrontá-lo com a ‘audácia’ de quem começa a descobrir o próprio caminho. A negação que pede a aceitação.

“De la Maison”, na vigília do próximo Natal, Giacomo escreve outra carta ao pai, desta vez anunciando, em francês, que, “encorajado

por seu exemplo, havia escrito uma tragédia⁷”. Porém, ao contrário da tragédia de Monaldo, que tinha como personagem principal um monarca das Índias Ocidentais (*Il Monarca delle Indie*), o seu protagonista era um monarca das Índias Orientais, aliás, um Príncipe Real (personagem principal de uma segunda tragédia escrita pelo pai), e o tema central era a traição (tema da terceira tragédia que o pai havia escrito).

Começa a delinear-se, aqui, o jogo de espelhos que se tornará mais claro à medida que os anos avançam: um pai com pretensões literárias, que projeta no filho o que não realizou; o filho que imita o pai para depois tentar superá-lo, sem para isso prescindir do amor paterno. Um modelo de ambiguidade/relação de culpa que permanecerá até o fim da vida do poeta, marcante na correspondência entre pai e filho e explorado por vários comentadores de Leopardi, entre os quais Giorgio Manganelli, que introduz a coletânea organizada por Graziella Pulci, intitulada justamente *Il Monarca delle Indie. Corrispondenza tra Giacomo e Monaldo Leopardi* (1988).

Manganelli serve-se da estrutura da tragédia para comentar a discutida relação entre pai e filho, e analisa a cartinha natalícia, segundo ele, “propiciatória, prospectiva e ameaçadora”, uma cartinha na qual

a relação Giacomo-Monaldo assume imediatamente a sua qualidade constante, algo que irá distingui-la de todas as outras relações documentadas pelo epistolário leopardiano; a qualidade é cerimonial e teatral, a linguagem é eloquente, com tons médios, por vezes humilde, discreta; a ironia poderá infiltrar-se por astúcia, fraude, malícia, mas não encontra nesta relação um lugar natural; é sobretudo importante notar que tudo o que se diz, de uma parte à outra, segue as leis de um roteiro, obedece aos acenos de um diretor invisível, ao qual ambos concordaram em seguir. (MANGANELLI, 1988, p. 12).

Assim se refere Manganelli àquela que ele chama de uma relação construída segundo um roteiro teatral – e a partir desse ponto de vista irá analisar as principais cartas entre os dois. De fato, há nas cartas entre Giacomo e Monaldo uma eloquência peculiar, ditada pela necessidade de autoafirmação de Giacomo; e uma cerimônia que impede, quase ao longo de toda a vida, a abertura dos próprios sentimentos (aspecto que

⁷*La Virtù Indiana. (Epist., II, p. 2123, nota 6-1).*

muda consideravelmente nas cartas entre os dois após a morte do irmão Luigi, em 1828).

Os papéis relacionais que transparecem nas correspondências, porém, não implicam necessariamente relações teatrais no sentido de um fingimento. A insinceridade presente em algumas cartas ao pai é fruto mais de conflitos internos do que da representação de um papel por ‘vontade própria’. Neste sentido, Patrizia Landi critica as leituras que veem, na relação entre pai e filho, dissimulação e fingimento, e fala da importância extrema que o pai tem para Giacomo ao longo da vida e de uma relação baseada numa aceitação gradual “das diferenças ideológicas recíprocas e num afeto que nunca mudou, apesar dos eventos, da distância e das diferentes escolhas existenciais e intelectuais⁸.” (LANDI, 2012, p. 48)

Por outro lado, quando se fala em correspondência epistolar há uma relação envolvida, e as cartas atendem a solicitações externas, às circunstâncias e exigências das relações sociais, de modo que, como dirá Bonifazi (1975, p. XIV-XV), não se pode falar em ‘veracidade dos sentimentos’ no gênero epistolar, mas sim em um texto escrito com empenho para a obtenção de resultados a apresentar ao leitor.

1.2.1.2 À mãe – “uma crítica inevitável”

A primeira carta escrita à mãe Adelaide, aos onze anos de idade, é datada de 26 de março de 1809 e acompanha uma composição que Giacomo havia feito a seu pedido, intitulada: *L’entrata di Gesù in Gerosolima, Dedicata a S.E. la Signora Contessa Adelaide Leopardi, da Giacomo Leopardi*⁹. O texto, encomendado pela mãe, é de inspiração religiosa, composto no Domingo de Ramos, e trata, como na tradição católica, da entrada triunfal do filho de Davi em Jerusalém, cuja

⁸A autora cita um exemplo de 1835, já nos últimos anos de vida, em que Leopardi escreve ao pai carinhosamente: “Não poderia expressar a impaciência com a qual aguardo suas novas e as de casa, e a dor que me causa ser privado delas por tanto tempo [...] Meu caro Pai, não queira deixar-me mais tempo sem uma linha sua. Estou suficientemente bem, graças a Deus, e até meus olhos estão se recuperando um pouco. Com o bom Matteo Antici, que agora está aqui, tenho o consolo de falar um pouco do Senhor, da Mamãe e dos irmãos; revê-los e ter o seu amor novamente é o que mais desejo nesta terra.” (22 de ago/10 de set de 1835. *Epist.*, II, p. 2038-9)

⁹ Segundo os organizadores do *Epistolario*, este texto é “identificado por Verducci 1990 com a ‘Prosa alla mia Genitrice composta a sua richiesta nel giorno della Domenica degli Ulivi 1809’, n. 32 do Indice 1809” (*Epist.*, II, p. 2122, nota 2-1).

passagem teria sido forrada por ramos de palmas (ou de oliveira na Itália). Seguindo a tradição para a qual esta data abre a semana da Paixão de Cristo, Giacomo acrescenta, após a exultação, a ‘rememoração’ de que em breve os mesmos que exultam a chegada de Jesus serão os responsáveis por sua crucificação. E conclui: “Oh Deus, oh Deus, o quanto sofrerás para nos redimir”. (*Epist.*, II, p. 2122).

Na cartinha, de formato reduzido como serão as raras cartas à mãe ao longo da vida, Giacomo se antecipa a uma imaginária crítica negativa e se desculpa pela composição que lhe dedica (embora seja um texto bem escrito para um menino de 11 anos). Na carta, um respeito que beira o temor, e uma escrita que segue os padrões da formalidade epistolar e reflete os usos de uma família nobre da época, conservando, tanto na abertura quanto no fechamento, a ambiguidade entre afeto (‘Caríssima’) e distância (‘senhora; seu devotíssimo, humilíssimo, obrigadíssimo criado’) também presente nas cartas ao pai:

Caríssima senhora Mãe,
 Já prevejo que uma crítica inevitável me aguarde.
 Esta composição, parece-me ouvir, é curta demais, e em alguns pontos o estilo é baixo. Não sei como responder a esta crítica, mas me contento de pedir-lhe para que considere a escassez do meu engenho e me creia
 Da senhora, caríssima senhora mãe
 Devotíssimo, Humilíssimo, Obrigadíssimo Criado
 Giacomo Leopardi
 (26 mar 1809. *Epist.*, I, p. 4)

É simbólica esta primeira cartinha à mãe, considerando que em todo o *Epistolario* há somente duas cartas de Adelaide Antici Leopardi para Giacomo¹⁰, e contam-se ao todo apenas sete cartas do filho para a mãe¹¹, que, não se sabe por que motivo, o havia ‘impedido’ de lhe

¹⁰ São as cartas de 29 de novembro de 1822 (escrita em conjunto com Carlo) e 6 de janeiro de 1823 (*Epist.*, I, p. 568 e 636), ambas pertencentes ao *corpus* de tradução desta tese.

¹¹ Esta da infância, duas do período romano (23 nov 1822 e 22 jan 1823), que veremos no *corpus* da tradução, três escritas em Florença (28 mai 1830, 17 nov 1832 e 11 dez 1832. *Epist.*, II, p. 1734, 1957 e 1967, respectivamente) e uma em Nápoles (25 abr 1835. *Epist.*, II, p. 2027), sendo que as últimas 2 eram cartas endereçadas em conjunto ao pai e à família toda, respectivamente (são, portanto, 5 cartas endereçadas exclusivamente à mãe em todo o *Epistolario*).

escrever quando estivesse fora de casa (como veremos nas cartas de Roma).

1.2.1.3 Ironia da *Befana* e a “Don Paolo”

Também do grupo infantojuvenil são duas cartinhas bem-humoradas escritas, uma, à Marquesa Volumnia Roberti pela suposta *befana* e, outra, endereçada a Don Paolo.

Já que estou em viagem, gostaria de visitar os Senhores e todos os Jovens Senhores de seu convívio, mas a Neve atrapalhou minhas etapas, e não posso permanecer. Pensei então em parar um momento para **mijar em seu portão**, e depois seguir em frente com minha viagem. Entretanto, mando umas coisinhas a seus filhinhos para que sejam bons, mas digam-lhes que, se o relatório sobre eles for ruim, no próximo ano lhes trarei **um pouco de Merda** (6 jan 1810. *Epist.*, I, p. 4, negritos meus).

Assim começa a carta à ilustre senhora reccanatense, assinada por Giacomo-Befana aos 12 anos de idade no dia da Epifânia ou *Befana*, velhinha que, na tradição popular italiana, presenteia as crianças com doces ou carvão, dependendo do bom ou mau comportamento. Segundo Moroncini, apesar de inocente, esta carta (encontrada na Casa Leopardi) provavelmente não foi entregue à destinatária “pela extrema liberdade do ditado, e, especialmente, por algumas palavras de cru realismo” (*Epist.*, II, p. 2122, nota 3-1). Segundo Damiani, “era o aprendizado da arte de rir”, sobre a qual Leopardi teria refletido e com a qual teria articulado a sua própria “filosofia negativa” futuramente (2006, p. 1120).

A ironia, somada à doçura e a certa leveza no trato marcam as cartas de Giacomo à sua irmã desde a primeira, enviada a ‘Don Paolo’, aliás, Paolina, em 28 de janeiro de 1812, para agradecer o pacote que recebera com um bilhete e o *Compendio di Logica*, composto por Giacomo naquele ano, que ela copiara a pedido do irmão. Don Paolo era o apelido que Carlo e Giacomo usavam para se dirigir à irmã nas brincadeiras de ‘altarzinho’, em que cabia sempre a ela o papel de padre por ter cabelos curtos e usar normalmente um vestidinho preto semelhante a um hábito religioso (*Epist.*, II, p. 2123, nota 7-1).

A brincadeira reflete a realidade religiosa presente na família, mas também as possibilidades que um Estado religioso oferecia em

termos de futuro a um jovem de família nobre, que escolhesse se dedicar a algum trabalho. A carreira eclesiástica despontava como a eleita pelos pais para Giacomo, e a busca de um emprego no Vaticano (ou de alguma forma ligado ao clero) será objeto de várias cartas escritas por Leopardi ao longo da vida.

Nesta primeira carta a Paolina, Giacomo elogia a capacidade de síntese da irmã no bilhete, digna dos povos da Lacônia, que “tendo que responder a alguma pergunta por carta, às vezes escreviam um simples ‘não’” (28 jan 1912, *Epist.*, I, p. 8). E segue agradecendo o favor que a irmã lhe fizera e exaltando suas boas qualidades de copista. Conta das dificuldades que Petrarca, o ‘restaurador da poesia italiana’, tivera para encontrar um bom copista para o seu *De Fortuna*. Que o próprio Petrarca e outros grandes haviam copiado, de punho próprio, obras que consideravam fundamentais. E brinca que, se vivesse no tempo de Petrarca, certamente a teria recomendado para copiar as obras do poeta. No futuro, sairão das mãos de Paolina várias cópias de escritos leopardianos, inclusive de algumas cartas.

Esse tom dócil, brincalhão, e ao mesmo tempo cuidadoso de um irmão que zela pela irmã mais jovem e procura incentivá-la, ressaltando suas qualidades, será uma marca das missivas de Giacomo a Paolina ao longo dos anos. A correspondência entre os dois é uma das mais constantes e longas do *Epistolario* (são 113 cartas no total), conservando um diálogo aberto e afetuoso, em que se nota claramente a estima recíproca, a admiração do talento de Giacomo por Paolina, e o alto conceito que o escritor tinha da irmã, tanto do ponto de vista intelectual quanto da escrita. São várias as ocasiões em que Leopardi recorda à irmã o fato de que seus conhecimentos superariam de longe os de boa parcela das mulheres (e homens) da época. A troca de cartas entre os irmãos parece frutificar também na escrita da jovem Paolina: algumas análises apontam para fortes influências em termos de vocabulário e dos modos da escrita epistolar leopardiana nas cartas de Paolina a outros destinatários (como Mariana Brighenti, por exemplo). Comentarei esses aspectos ao tratar especificamente da correspondência com a irmã na análise das cartas de Roma no capítulo 2 desta tese.

1.2.2 “*Il commercio coi dotti*” (1815-1816)

No ano de 1815 as cartas de Leopardi começam a sair do círculo familiar e se expandem para fora dos muros da pequena Recanati, cidadezinha da província das Marcas, pertencente ao Estado Pontifício, onde ele nascera em 1798 e vivera até então. Leopardi é citado pela primeira vez em livro sobre os homens dotados de grande memória de

Cancellieri¹², e lhe escreve agradecendo a honra da citação: “Nós não conheceríamos Aquiles, se Homero não tivesse falado dele, mas a imortalidade do poeta garante a do Herói. Vejo-me assim assegurado de viver para a posteridade em seus escritos como os grandes homens vivem nos próprios”. (15 abr 1815. *Epist.*, I, p. 11)

Na realidade, o marquês Carlo Antici vinha se empenhando na tentativa de publicar alguns trabalhos filológicos do sobrinho Giacomo e, com esse intuito, os havia submetido (em especial, os comentários sobre *Porphyrii de vita Plotini et ordine Librorum*) à apreciação de Cancellieri, que, por sua vez, encaminha o livro ao exame de Johann David Akerblad.

O diplomata sueco elogia o trabalho erudito realizado por um rapaz tão jovem, considerando-o uma promessa italiana digna dos grandes filólogos alemães e holandeses da época. Mas tece alguns comentários e sugestões, caso a publicação viesse a se concretizar. Entre elas que o jovem fizesse um cotejo cuidadoso dos códices de Porfírio, pois os utilizados no livro, copiados da edição a que Leopardi teve acesso, conteriam diversas imprecisões e erros. Um limite ditado pela ausência de boas bibliotecas nas quais consultar os originais, dizia Akerblad. E recomenda que, antes de publicar o livro, o jovem examinasse algum bom códice do autor disponível em Roma, Milão e Nápoles, e conversasse com “homens doutos” como Cancellieri e outros¹³. Nada disso, porém, deveria chegar aos ouvidos de Giacomo, pois a ele caberiam somente palavras de elogio e incentivo: tais indicações eram destinadas ao tio Antici e ao pai Monaldo (*Epist.*, II, p. 2123, nota 9-1). Não é o que parece ter ocorrido, considerando que, na carta, Leopardi pede a Cancellieri que agradeça o exame cuidadoso de Akerblad.

Nessa carta, Leopardi já demonstra um domínio sutil da retórica, deixando que as emoções permeiem o texto na medida justa para a construção de um discurso em “estilo senhoril impecável” (DIAFANI, 2000, p. 24), baseado na gentileza e na humildade. Diante da abertura

¹²Francesco Girolamo Cancellieri (1751-1826), abade, erudito e polígrafo, foi Superintendente na romana *Stamperia di Propaganda* e autor, entre outros, de *Dissertazione intorno agli uomini dotati di gran memoria ed a quelli divenuti smemorati, con un'Appendice delle Biblioteche degli scrittori sopra gli eruditi precoci, la memoria artificiale, l'arte di trascegliere e di notare, ed il giuoco degli scacchi*. (*Epist.*, II, p. 2392)

¹³Carta de Akerblad a Cancellieri, citada na nota 10 ao *Epistolario* (*Epist.*, II, p. 2124).

dada por Cancellieri, Leopardi pede permissão para voltar a ‘incomodá-los’, enviando escritos seus para a apreciação. E promete aproveitar com os estudos e a aplicação todas as instruções que receber, pois, segundo o jovem, o “contato com doutos não [lhe] é somente útil, como necessário.” (*Epist.*, I, p. 11)

Ao formular a crítica, apoiada na escassez de recursos de Recanati, e a recomendação de que o jovem pesquisasse em centros maiores e dialogasse com outros estudiosos, mal sabia Akerblad que realizava um retrato preciso da situação de vida do jovem estudioso, para quem os limites das paredes da biblioteca paterna e dos muros da cidade natal começavam a ficar estreitos, tornando imperativo o “*commercio coi doti*” [contato com os eruditos], expressão muito usada por Leopardi nas cartas dos anos seguintes e que aparece aqui pela primeira vez.

Vale notar também, por trás da humildade expressa na carta, a noção que o jovem de 17 anos já tem de seu próprio valor como ‘homem de Letras’, e o desejo de ser grande, ‘o desejo de glória’ tão evocado nas cartas a Pietro Giordani em torno a 1817. Basta atentar para os personagens grandiosos a que Leopardi alude: quando fala de si como um simples desconhecido, citado na obra de um estudioso, usa o exemplo de Aquiles e Homero (trecho acima); ao dizer que se sente um nada diante dos grandes personagens citados por Cancellieri em seu livro, usa outro exemplo envolvendo nada menos que Lucrécio, Virgílio, Galilei e Newton:

Sinto-me um nada ao me ver diante daqueles grandes personagens, que abraçavam todo o cognoscível com a extensão de seu saber, e que a natureza costuma deixar em seu século sem concorrente, assim como tirou Lucrécio do mundo no dia em que Virgílio depôs a pretexto, e Galilei, no ano do nascimento de Newton. (15 abr 1815. *Epist.*, I, p. 12).

Seguindo esse movimento de abertura, todas as cartas de 1816 serão também sobre temas literários e eruditos: à mostra, a faceta do jovem filólogo e tradutor, ansioso por se fazer conhecido e desejoso de glória. Algumas das relações que se iniciam nas correspondências dessa época terão grande importância na carreira do escritor, como a com Antonio Fortunato Stella (1757-1833), futuro editor de suas obras,

Angelo Mai (1782-1854), referência para Leopardi em filologia, e Giuseppe Acerbi (1773-1846), editor da revista *Biblioteca Italiana*.

No início de 1816, Leopardi escreve a Stella, editor e livreiro de Milão, que vinha atendendo aos pedidos de livros da família Leopardi desde 1815, apresentando o seu *Saggio sopra Gli Errori Popolari degli Antichi*, que pretendia enviar para publicação. Assim o descreve na carta ao senhor milanês: “Este Ensaio Filosófico e Crítico sobre uma matéria ainda não tocada pelos Escritores é destinado a mostrar os erros populares dos Antigos, sua grande afinidade com os dos modernos e a utilidade que se pode tirar do exemplo das épocas passadas”. (primi mesi 1816. *Epist.*, I, p. 17).

O ensaio, que incluía a tradução em italiano das passagens originalmente em latim, permanece nas mãos de Stella por bons anos, vindo a ser publicado pela primeira vez em 1845, por iniciativa de Prospero Viani¹⁴. No ano de 1816, porém, saíram suas primeiras publicações no periódico *Spettatore Italiano e Straniero*, dirigido pelo editor milanês, responsável pela publicação de muitos artigos e livros de Leopardi nos próximos anos. Saem em 1816 no “*Spettatore*” o *Saggio di traduzione dell’Odissea*, o *Discorso sopra Mosco* (com a tradução dos idílios); o *Parere sopra il Salterio ebraico*; o *Discorso sopra la Batracomiomachia*, com a tradução do poema; o discurso *Della fama di Orazio presso gli antichi* e os *Scherzi epigrammatici* (*Epist.*, I, p. CXIX). No ano seguinte, a falsa tradução do *Inno a Nettuno* (texto atribuído a um imaginário autor grego, mas na realidade, de autoria de Leopardi) e o *Libro secondo dell’Eneide* (tradução de Leopardi).

Extremamente aplicado aos estudos filológicos, Leopardi traduz na época os escritos de Frontão, que haviam sido publicados por Angelo Mai, para os quais compõe o *Discorso sopra la vita e le opere di M. Cornelio Frontone*. A propósito deste trabalho em torno a Frontão, Angelo Mai escreverá ao jovem estudioso em julho de 1816, tecendo

¹⁴ Diz Viani no prefácio da quarta edição do *Saggio* que se publicava em 1855 pela Le Monnier, de Florença: “Escutem-no falar, e vejam como cedo arda de amor pelo verdadeiro: - ‘O mundo’, diz ele, ‘está cheio de erros; e o primeiro cuidado do homem deve ser o de conhecer o verdadeiro. Não há coisa mais injuriosa ao espírito humano que os preconceitos: acreditar em uma coisa por ouvir falar ou por não ter tido o cuidado de examiná-la é um despeito ao intelecto do homem ... E é deplorável que o homem, que tem uma vida tão breve, deva gastar, para desfazer os erros que concebeu, a parte maior que lhe resta para ir em busca do verdadeiro’ – assim raciocina um juvenzinho. Por trás disto, quanta convicção ponderada e filosofia de educação!”(VIANI, 1855, p. IX, negritos meus).

muitos elogios pela capacidade de traduzir e comentar um trabalho extenso como aquele em tão pouco tempo, somente possível a um jovem com “gênio superior à expectativa comum” (21 jul 1816. *Epist.*, I, p. 23). Agradece a dedicatória feita a ele, a lisonja e os modos gentis com que é tratado, e, atendendo ao pedido do próprio Leopardi, intermediado por Stella, para que examinasse o seu trabalho, enumera alguns pontos da tradução que mereceriam ser revistos.

Leopardi escreve longa carta a Mai em 31 de agosto de 1816, agradecendo as observações feitas, com um respeito que beira o exagero, desculpando-se por tomar do filólogo momentos “sagrados para toda a República das letras”, destinados a ocupações “úteis à literatura universal”, e por agir motivado por um “amor-próprio demasiado forte”, que “faz com que se deseje somente para si o que se deveria empregar para o bem de todos” (*Epist.*, I, p. 26-7) . E justifica cada uma das observações de Mai, que chama de “juíz absoluto” de sua obra. Futuramente, Leopardi desistirá de publicar o seu *Frontão*, considerado “indigno de ver a luz” e destinado a permanecer “na escuridão eternamente”¹⁵.

Também de 1816 é a *Lettera ai Compilatori della Biblioteca Italiana in risposta a quella di Mad. Staël ai medesimi*, enviada por Monaldo a Stella para que a transmitisse a Acerbi, diretor da revista milanesa *Biblioteca Italiana*. Em carta aberta, Leopardi respondia ao artigo de Madame de Staël *Sulla maniera e l'utilità delle traduzioni*, que fora publicado em janeiro daquele ano no periódico, e vinha suscitando discussões e escritos variados entre os italianos¹⁶.

¹⁵ Palavras de Leopardi ao próprio Mai em carta de 21 de fevereiro de 1817, quando lhe escreve para apresentar sua tradução do segundo livro da *Eneida* e dá notícias sobre o destino do livro examinado (que irá figurar entre as obras reprovadas por Leopardi no *Indice 1809*). O *Discorso sopra Frontone* será publicado em 1878-80 pela primeira vez por Cugnoni (*Epist.*, II, p. 2126, nota 14-4).

¹⁶ A publicação da *Lettera ai Compilatori* não ocorre, mas o artigo de Mme. de Staël irá motivar, entre tantos outros, texto de Ludovico De Breme em defesa da poesia romântica, que, por sua vez, será o ponto de partida para a articulação do leopardiano *Discorso intorno alla poesia romantica*, de 1818, texto intrincado e difícil, segundo Trevi, fundamental para a compreensão da estética leopardiana, e no qual Leopardi consegue isolar algumas das linhas fundamentais da própria ideia de poeta moderno, que ‘deve iludir e, iludindo, imitar a natureza e, imitando a natureza, deleitar’” (TREVI, 2001, p. 968). O homem moderno teria perdido de modo irreversível o contato espontâneo e direto que o antigo tinha com a natureza, afastamento este que teria originado uma ferida irremediável

De fato, em 9 de novembro de 1816, Acerbi responde a Leopardi, de quem acabara de identificar as iniciais “G.L.”, que assinavam outro artigo enviado à revista em julho do mesmo ano¹⁷, justificando que o primeiro não fora publicado por sua parcialidade em relação a um “colega” e o último, em resposta a Mme. de Staël, pela enxurrada de artigos versando sobre o mesmo tema, que obrigara a revista a não publicar nenhum para não privilegiar ninguém. Leopardi responde a Acerbi cerimonioso e humilde, dizendo que não só compreendia os motivos da não publicação, como acreditava que seus escritos efetivamente fossem “indignos de ver a luz na preclaríssima Biblioteca” (25 nov 1815. *Epist.*, I, p. 34); põe-se, entretanto, à disposição do jornal.

O volume crescente de cartas do período e a rapidez das respostas revelam a importância que a troca epistolar assume para o jovem Leopardi, ansioso por firmar os contatos recém-adquiridos, essenciais em sua busca de interlocutores reais com os quais dialogar para além dos livros.

No mesmo mês de novembro de 1816, Leopardi escreverá a Cancellieri, pedindo para que verifique a possibilidade e os custos de publicação das suas *Iscrizioni Triopee*. E recebe de Stella carta anunciando a publicação de sua “elogiada” tradução da *Batracomiomachia* (completando as várias publicações daquele ano no *Spettatore*) e mostrando-se interessado em publicar todas as composições que Leopardi se dispusesse a lhe enviar, pois, dizia Stella “seu nobre e agudo engenho se manifestava em cada escrito seu.”¹⁸.

(BELLUCCI, 2012, p. 55). Diz Trevi: “gravíssimas são as responsabilidades que pesam sobre o poeta moderno, que deve fazer frente à perda de autenticidade que caracteriza o seu tempo, e não pode mais simplesmente ‘imitar a natureza’, mas deve também, remediando a decadência universal, *manifestá-la*” (2001, p. 968). De Staël Leopardi lerá também *Corinne ou l’Italie*, que, segundo Bellucci (2012, p. 73), terá muito presente na época de sua primeira permanência em Roma.

¹⁷Questionando a (duvidosa, na avaliação de Leopardi) tradução de todos os poetas clássicos gregos em verso italiano anunciada por Bernardo Bellini (*Epist.*, II, p. 2127, nota 20-2). A carta é um documento interessante de reflexão sobre tradução e as capacidades/afinidades/limites entre tradutor e obra/autor traduzido.

¹⁸Vale ressaltar o quanto a prática tradutória é presente na vida e nos estudos dos irmãos Leopardi, como pudemos ver nas indicações do *Índice 1809*. O próprio Stella, anunciando o envio de alguns livros em inglês, em carta posterior, sugere a Leopardi que incentive seu irmão Carlo, que aprecia a língua inglesa, a se dedicar a alguma tradução que poderia vir a ser publicada por ele

Indica, preferencialmente, artigos que contenham “a análise crítica de alguma obra que a mereça”, especialmente se escrita nas línguas antigas (27 nov 1816. *Epist.*, I, p. 35-36), e dá como exemplo a coleção *Traduzione di tutti i poeti classici greci* de Bellini, na qual havia saído a obra de Calímaco.

Atento aos acontecimentos do mundo literário italiano e às possibilidades de se inserir nele, Leopardi havia justamente escrito sobre a ‘duvidosa’ “tradução de toda a poesia clássica” por Bellini na *Lettera ai compilatori* enviada a Acerbi, da qual falamos. Agradece as publicações e se dispõe a continuar colaborando com o jornal, na medida do possível, pois a falta de boas bibliotecas na cidade, que permitissem o acesso a livros importantes, sobretudo no caso de originais antigos, além do mau funcionamento dos correios na entrega de novas aquisições, eram empecilhos graves à realização de certos trabalhos (tema recorrente das cartas do próximo período). Quanto aos conselhos literários de Stella, assim responde Leopardi:

Levarei em consideração os conselhos que o senhor me dá em torno ao Apolônio Ródio. Mas, já que lhe agrada entrar em discussões literárias comigo, direi que se se trata de adquirir fama, certas empresas jamais tentadas não são as mais propícias para este efeito, pois mesmo que haja grandes dificuldades e que se consiga superá-las perfeitamente, o público não as considera, pois não tem o exemplo de alguém que já tenha enalhado. Por isto, o senhor vê que Monti é muito mais famoso pela *Ilíada* que pelo *Pérsio*. (6 dez 1816. *Epist.*, I, p. 40).

O desejo de glória, cuja expressão epistolar é ainda comedida em 1816, cresce, e Leopardi não só planeja os passos a dar, como parece disposto a trabalhos de grande envergadura em busca da fama. E, assim, a correspondência leopardiana, que ganha corpo no último ano, torna-se frenética em 1817, pautada pela necessidade de expandir a teia de conhecidos no ambiente literário italiano.

1.2.3 O ‘pai-mestre’ Pietro Giordani, um capítulo à parte (1817-1819)

(*Epist.*, I, p. 36). Aprofundarei a questão da tradução para Leopardi no capítulo 4.

Aproveitando a oportunidade de divulgar sua tradução do segundo livro da *Eneida*, publicada por intermédio de Stella¹⁹, Leopardi inicia 1817 enviando cartas de apresentação do trabalho ao trio de estudiosos Angelo Mai, Vincenzo Monti e Pietro Giordani, referências para ele respectivamente em filologia, poesia e prosa. Já nessas cartas percebe-se um Leopardi ligeiramente mais à vontade na escrita, que se atém às formalidades e modos senhoriais da comunicação epistolar da época, mas com alguma espontaneidade na articulação da retórica, construída sob medida para cada interlocutor.

A Angelo Mai (1782-1854) escreve brevemente, reafirmando o interesse em manter o contato com o filólogo²⁰, e avisando que em breve ele receberia pelas mãos de Stella uma “pequena obra” sua, que, diferentemente do seu Frontão, “indigno de ver a luz” (21 fev 1817. *Epist.*, I, p. 54), acabara de sair das prensas.

A Vincenzo Monti (1784-1828), poeta e tradutor da *Ilíada* em italiano, Leopardi escreve como um “súdito” escreve ao seu “Príncipe”²¹, e, na condição de “amador das letras”, anuncia que Monti receberá por intermédio de Stella um pequeno presente seu: a tradução do segundo livro da *Eneida*, certamente “motivo de riso ao maior tradutor da *Ilíada* na Europa [...]”. Que seja, entretanto, um riso de compaixão, diz Leopardi, sentimento “mais grato e digno de honra que a inveja de tantos outros” (21 fev 1817. *Epist.*, I, p. 55).

Das três, a carta de Leopardi a Pietro Giordani (1774-1848), renomado classicista e prosador italiano da época, é a que conserva maior cerimônia e um tom tão submisso e humilde quão grande parece ser a expectativa de acolhida do jovem, que “ousa” escrever “primeiro” ao admirado conhecedor dos antigos:

¹⁹A produção leopardiana é incessante nesse período e, enquanto Stella publica a segunda edição da *Batracomiomachia*, no início de 1817, Leopardi lhe envia o apócrifo *Inno a Nettuno nuovamente scoperto* (*Indice 1816*, n.8), “tradução” de um inexistente original grego atribuído a Calímaco, seguido de notas e de duas *Odae adespotaes*, em grego, atribuídas a Anacreonte”, publicados no *Spettatore* de maio de 1817 (*Epist.*, II, p. 2132, nota 39-2).

²⁰“Estimadíssimo Sr. / Estaria louco se, tendo tido no ano passado a boa ventura de conhecer suas letras e sua cortesia, não me empenhasse ao máximo para prolongar seus efeitos”. (21 fev 1817. *Epist.* I, p.54)

²¹“Estimadíssimo Sr. Cavalheiro / Se é culpa um homem pequeno escrever a um Literato grande sem ser interpelado, sou culpadíssimo pois a nós cabem os superlativos das duas qualidades.” (21 fev 1817. *Epist.*, I, p.55)

Odiando fortemente o mediano em Literatura (e não chego a odiar a mim, que sou ínfimo), bem sei que a apenas dois ou três outros eu poderia me dirigir na Itália se não me dirigisse ao senhor, o que almejo fazer há tempo, mas nunca ousei, e agora faço com motivo, aproveitando a oportunidade do livro que lhe será oferecido em meu nome pelo Sr. Stella. Em primeiro lugar, peço-lhe calorosamente que me perdoe a audácia de lhe escrever primeiro. [...] Se o senhor tiver a bondade de não recusar a minha oferta, poderei um dia vangloriar-me, recordando a ocasião, em que o presente de um livro meu foi aceito pelo senhor. (21 fev 1817. *Epist.*, I, p. 53).

A ‘ousadia’ renderá a Leopardi uma das relações mais importantes de sua história pessoal e literária, além de páginas entre as mais belas e comentadas do *Epistolario*.

Pietro Giordani recusa a “cortesia desproporcional” com que é tratado pelo “Ilustríssimo e prezadíssimo senhor Conde”, mas recebe de bom grado o livro ofertado, e promete lê-lo assim que for possível. Escreve, motivando o nobre autor em 5 de março de 1817:

V.Sa. não precisa dos meus elogios; nem poderia ter por eles grande consideração. Entretanto quero congratular-me consigo, e com a Itália, que V. Sa. exercite os bons estudos com tanto amor: os quais considero que jamais poderão prosperar e ser publicamente úteis, a não ser quando forem amados e praticados pela nobreza. V. Sa. dá um belo e necessário exemplo disto: e por isto eu o reverencio e amo e agradeço. (*Epist.*, I, p. 60).

Na realidade, Giordani não sabia que Leopardi era tão jovem, e, assim que soube, manda nova carta ao “Senhor condinho prezadíssimo”, justificando o “ânimo um tanto incerto” de sua resposta. Giordani sabia tratar-se de um nobre de “engenho e estudos raros”, sem saber, porém, a sua idade; e desconfiara do excesso de cortesia empregado. Ao tomar conhecimento da juventude do remetente, percebeu que se tratava de palavras sinceras, sendo os jovens “bons, leais, e facilmente afetuosos” (12 mar 1817. *Epist.*, I, p. 65), e que Leopardi, movido pela paixão pelos clássicos antigos que os unia e pela informação de que Giordani não

tinha tido a sorte de se realizar neste campo, afeiçoou-se a ele e acabou engrandecendo o seu pequeno valor.

Giordani elogia o jovem e o encoraja a abraçar com amor seus estudos, pois a única esperança para a recuperação da glória italiana nas letras estaria na nobreza, segundo ele: “Agrada-me pensar que no século XX o Conde Leopardi (que já amo) será citado entre os primeiros que recuperaram para a pátria sua honra perdida”. Que isto sirva de consolo nos momentos difíceis, e que Leopardi continue a traduzir os clássicos, “exercício [...] de fato necessário para se tornar grande escritor.” (12 mar 1817. *Epist.*, I, p. 66-7).

A carta acolhedora de Giordani abre as portas para uma comunicação epistolar franca e afetuosa, que encontraremos somente nas missivas a alguns familiares e a pouquíssimos amigos de Leopardi ao longo da vida. Já se delineia, na amizade nascente, o jogo especular que verá Giordani na figura de pai-mestre, o qual projeta para Leopardi o futuro glorioso do ‘perfeito escritor italiano’ que ele não teria conseguido ser, tornando-se, por sua vez, uma referência fundamental para Leopardi nos próximos anos.

Há vestígios de espelhamento entre os dois também na escrita epistolar. Um incorpora a linguagem do outro, e as cartas de Leopardi, a exemplo de Giordani, primam pelo cuidado na escrita e são construídas seguindo de perto o texto do mestre, chegando a responder, passo a passo cada parágrafo giordaniano, especialmente no início da correspondência entre os dois.

As primeiras cartas, além disso, ainda conservam o tratamento formal e respeitoso, mas mostram um Leopardi que começa a se utilizar da escrita epistolar como espaço de autenticidade e expressão dos próprios sentimentos. Como na longa e importante carta de 21 de março de 1817, que introduz alguns dos principais temas das missivas leopardianas desse período: a literatura e sua paixão pelos clássicos antigos, a tradução como aperfeiçoamento da escrita, o desejo de glória e a realidade desalentadora de sua terra natal.

Estimadíssimo e caríssimo Senhor.

Que eu veja e leia a letra do Giordani, que ele escreva a mim, que eu possa doravante tê-lo como um mestre, são coisas nas quais mal posso crer. Nem o senhor ficaria maravilhado em saber por quanto tempo e com quanto amor eu contemplei esta ideia, porque as coisas muito desejadas parecem impossíveis quando são presentes. Quero

que em tudo aquilo que escreverei de agora em diante o senhor acredite plenamente, mesmo nas pequenas frases, pois todas, e lhe prometo, virão do coração. [...] Minha primeira carta foi obra mais do respeito que do afeto, pois este, grato e honrável com os iguais, frequentemente é injurioso com os superiores. Agora que o senhor, com duas caríssimas cartas, me dá permissão, esteja certo de que com todo o afeto lhe falarei. (21 mar 1817. *Epist.*, I, p. 69).

Leopardi comenta sobre a realidade desestimulante em que vive (“Do senhor não me falaram senão os seus escritos, pois aqui onde estou não há alma viva que fale de Literatos”), e que, para prosseguir acreditando na verdadeira literatura, tem se apoiado nos clássicos, entre os mortos, e em bons escritores como ele, entre os vivos:

[...] Não sei dizer-lhe com quanta necessidade, estomagado e desencorajado pela mediocridade que nos assola, e nos afoga, depois da Leitura dos jornais e de outras garatujas modernas [...], quase acreditando que as letras não deem mais algo belo, dirija-me aos clássicos entre os mortos e ao senhor e a seus grandes amigos entre os vivos, com os quais principalmente me consolo e fortaleço, vendo que é ainda viva a verdadeira literatura. (21 mar 1817. *Epist.*, I, p. 69-70).

Assume a posição de aprendiz, e comenta os defeitos apontados por Monti em sua tradução do segundo livro da *Eneida*, concordando com Giordani sobre o valor que traduzir tem no aperfeiçoamento da escrita.

Confessa, pela primeira vez, o seu “grandíssimo, talvez desmedido e insolente desejo de glória”, e trata logo de declarar que sua pátria é a Itália, e não Recanati, que bem lhe serviria de tema para um tratado de ódio à pátria.²² (21 mar 1817. *Epist.*, I, p. 70-71). Na

²²“De Recanati não me fale. É-me tão cara que me daria belas ideias para um tratado de Ódio à pátria, pela qual se Codrus *non fu timidus mori*, eu serei *timidissimus vivere*.” (*Epist.*, I, p. 71). Trata-se de uma alusão à ode de Horácio: “Codro, pro patria non timidus mori” (Codrus, não temeroso de morrer pela pátria); ou seja, Leopardi falava na inspiração que Recanati lhe dava de

correspondência leopardiana dos próximos anos veremos declarada esta relação de ódio (e amor) à terra natal e a busca incessante de meios para se manter fora da casa paterna.

É marcante, sobretudo, a consciência que o jovem Leopardi já tem daquilo que o move na vida: a dedicação às Letras como uma necessidade absoluta, agora também fortalecida pelas palavras elogiosas do mestre:

Aquilo que o senhor diz do bem que os nobres podem fazer às letras é uma grande verdade, e desejo ardentemente que o destino o mostre uma vez. O seu dizer me inflama e lisonjeia: mas não creio que eu possa vencer minha natureza e a dos outros. Apesar disto, o senhor pode estar certo de que se eu viver, viverei para as Letras, pois para outra coisa não quero nem poderia viver. (12 mar 1817. *Epist.*, I, p. 72)

Não à toa, Pietro Giordani havia sido um grande admirador da beleza das cartas do jovem reccanatense, exortando-o a prosseguir aperfeiçoando a prosa, através da tradução de prosadores gregos antigos, como Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Demóstenes (“para ter cores para imitar a sua pintura”) e da leitura dos trecentistas. A imitação de bons textos em prosa seria o primeiro passo para adquirir a propriedade de expressar precisamente os conceitos através das palavras e frases, e, por isso, para se tornar um bom escritor seria preciso primeiro traduzir, antes de compor, e compor antes em prosa e depois em verso (15 abr 1817. *Epist.*, I, p. 81-2). Mas Leopardi contraria a ordem recomendada pelo mestre e lhe revela o ímpeto à composição poética advindo de sua própria natureza, e que a leitura de Homero, Dante e Virgílio lhe havia despertado:

Desde que comecei a conhecer um pouco o belo, aquele calor e aquele desejo ardentíssimo de traduzir e fazer meu o que leio não me deram outros, senão os poetas, e aquele furor violentíssimo de compor, não outros, senão a natureza e as paixões, mas de um modo forte e elevado, fazendo-me quase agigantar a alma em

escrever um tratado de ódio à pátria (terra natal), pela qual Codrus não temeu a morte, e na qual Leopardi temia viver.

todas as suas partes, e dizer comigo: isto é poesia, e para expressar o que sinto são necessários versos e não prosa, e começar a fazer versos. (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 94).

Para que sufocar a natureza, dizia Leopardi, se ela faz do jovem um poeta e, com o acalmar dos anos, concede maturidade e ponderação para a dedicação à prosa?

A propósito da divergência sobre o fazer literário que o ‘discípulo’ manifesta na carta ao mestre Giordani, que se esmerava na escrita de cartas didáticas²³, com indicações do caminho a trilhar nas letras, Bonifazi (1975, p. 83) destaca, citando análise de Gino Tellini em *Scrivere lettere. Tipologie epistolari nell’Ottocento italiano*, a contraposição entre a visão classicista e centrada na retórica de Giordani, e a de Leopardi, que se aproximaria mais daquela que Tellini chama de “noção antiformal de literatura”, ao referir-se a Manzoni, ou seja, a visão que Leopardi teria do estudo como uma forma de conhecimento do mundo, de conquista interior e amadurecimento intelectual, ao invés de ser meramente centrado na língua e no estilo.

Na carta de Leopardi a Giordani, de 30 de abril de 1817, citada acima, e considerada por De Sanctis “uma das páginas mais eloquentes” da prosa italiana, além da “primeira poesia” de Leopardi e “a primeira revelação de sua vida íntima” (*apud* DIAFANI, 2000, p. 38), o jovem recanatenense pede a seu interlocutor para que estreitem “inteiríssima confiança” e fala de si abertamente, emocionado pela carta do amigo: “[...] gostaria de poder lhe mostrar meu coração para que o senhor visse os afetos nele despertados pela leitura das suas palavras.” (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 88).

Fala de sua “não frágil, mas fragilíssima” constituição física, da excessiva dedicação aos estudos, único prazer em sua odiosa vida de província. Às vantagens, enumeradas por Giordani, de se viver numa cidade pequena, onde é possível a um estudioso ter autoridade e uma posição de destaque dificilmente atingível numa cidade grande, Leopardi responde com um retrato da situação regional:

²³Segundo Laura Melosi, as cartas de Giordani a Leopardi desse período têm característica de carta aberta, de fundo político-cultural e didático (especialmente nos anos 20 do século XIX, momento de “máxima formalização teórica das ideias de Giordani” (MELOSI, 2002, p. 123), que culminam com escrita do texto em forma de carta *A un giovane italiano. Istruzione per l’arte dello scrivere* (idem, nota p. 93).

[...] o senhor crê que as Marcas e o sul do Estado Romano sejam como a Romanha e o Norte da Itália? [...] Aí promover a literatura é obra útil, reinar com o talento é escopo de bela ambição. Aqui, amabilíssimo Senhor, tudo é morte, tudo é insensatez e estupidez. [...] O senhor crê que um grande talento aqui seria apreciado? Como pérolas aos porcos. (30 abr 1817. *Epist.*, I, p.90).

Com a clareza de quem percebe o contraste entre os limites hostis da própria realidade e os de seus ideais, Leopardi prossegue:

Mas **isso de não ter** um literato com quem conversar, **esse conservar** todos os pensamentos para si, **esse não poder** difundir e debater as próprias opiniões [...], tomar coragem em tantas **horas e dias de desânimo e falta de vontade**, parece-lhe que seja uma bela diversão? [...] O que há em Recanati de belo? que o homem se importe de ver ou aprender? **nada. Ora Deus fez tão belo este nosso mundo, tantas coisas belas nos fizeram os homens**, [...] a terra está cheia de maravilhas, e eu, com dezoito anos, poderei dizer 'nesta caverna viverei e morrerei onde nasci'? Parece-lhe **que** estes desejos possam ser freados? [...] **que** seja loucura o **não** contentar-se com **não** ver **nada**, o **não** contentar-se com Recanati? [...] A tudo isto, acrescente-se a **obstinada, negra, horrenda, bárbara** melancolia, que me consome e me devora, e com o estudo se alimenta e sem estudo cresce. (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 91-2, negritos meus).

Dos limites externos, Leopardi passa aos internos, ditados pela melancolia, veneno “que destrói as forças do corpo e do espírito”²⁴. Mas

²⁴ Palavras de Giordani em carta de 15 de abril de 1817. Assustado com a melancolia dos versos de *L'apressamento della morte*, que Giacomo lhe enviara, comenta: “É de filósofo não amar a vida e não temer a morte mais do que o justo: mas fixar-se ao pensamento contínuo da morte, com tanto espaço quanto o necessário para a composição daquela cantiga, não me parece coisa para um juvenzinho de dezoito anos, ao qual a natureza permite viver bem ainda sessenta, e o engenho promete encher de estudos gloriosos. Pense portanto [...]

o que fazer se em Recanati não há diversão, e se a única diversão é justamente aquilo que o mata? “Todo o resto é *tédio*” (*Epist.*, I, p. 92), diz Leopardi, introduzindo uma das palavras-chave de seu futuro pensamento filosófico.

Atentando à sintaxe do trecho citado acima, vemos a repetição de uma mesma estrutura em frases seguidas, o uso de superlativos, de palavras em par e sequências de negações e de adjetivos que reforçam a eficácia do discurso, além da antítese, do falar ritmado e do uso de interrogações que tendem a exaltar o efeito de um diálogo entre interlocutores presentes. O jovem, de fato, trabalha para que a palavra mostre o “seu coração”, como anuncia no início da carta, e o resultado disso é um texto com forte carga poética:

Bem vejo que para poder continuar os estudos é preciso interrompê-los de vez em quando e dedicar-se um pouco às coisas chamadas mundanas; mas para fazer isto eu quero um mundo que me atraia e me sorria, um mundo que resplandeça (mesmo que seja de luz falsa) e tenha força suficiente para me fazer esquecer por alguns momentos aquilo que mais importa para mim, não um mundo que me faça recuar logo de início, e me revire o estômago e me provoque raiva e me entristeça e me force a recorrer, para me consolar, àquilo do qual queria fugir. (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 92).

Leopardi sente pertencer a outro mundo e, nesse período da vida, nutre a ilusão de que haja um lugar que o acolha com suas características humanas. Diante de uma realidade sentida como negativa, a infância, então, surge como algo doce e belo de se recordar²⁵, tempo em que a experiência humana ainda não sofre com a consciência das coisas e da realidade do mundo. É a primeira menção, no *Epistolario*, da recordação, tema caro ao pensamento leopardiano, à qual o autor

em alegrar-se e revigorar-se [...]. A índole melancólica em atitude alegre é o temperamento do engenho que pode produzir coisas belas: mas a atual melancolia é um veneno, que destrói mais ou menos o poder da mente.” (*Epist.*, I, p. 82)

²⁵ “Do lugar onde se passou a infância é belíssima e dulcíssima coisa recordar-se” (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 89).

atribuirá o poder de transfigurar a realidade, necessário à criação da poesia.

As cartas desse período a Giordani ganham gradualmente um tom mais íntimo e confessional. Leopardi aproveita a ocasião do artigo que escrevera sobre o Dionísio do Mai, em forma de carta aberta a Pietro Giordani²⁶, para sugerir que deixem de lado o tratamento senhoril e passem a se tratar por *Voi*, segundo ele, forma mais adequada à espontaneidade entre amigos, imediatamente acolhida por Giordani. Na carta de 8 de agosto de 1817, Leopardi demonstra a abertura conquistada, rompendo, inclusive, com a tradicional fórmula de abertura. Assim inicia:

Quando um jovem, meu caríssimo, diz ser infeliz, normalmente se imaginam certas coisas que eu não gostaria que se imaginassem de mim. [...] Por isto, quero lhe dizer que embora eu deseje muitas coisas, e até ardentemente, como é natural nos jovens, nenhum desejo me fez nem jamais poderá me fazer infeliz, nem mesmo o da glória, pois creio que certamente riria da infâmia, se não a tivesse merecido. [...] Mas me faz infeliz principalmente a ausência de saúde, pois, além de eu não ser um filósofo que não se importa com a vida, vejo-me forçado a estar distante do meu amor que é o estudo. (8 ago 1817. *Epist.*, I, p. 128).

É um período em que Leopardi sofre de problemas físicos atribuídos à sua extrema dedicação aos estudos e, impossibilitado de se

²⁶ Trata-se da *Lettera di Giacomo Leopardi al Ch. Pietro Giordani sopra il Dionigi del Mai*, artigo que Leopardi pretendia publicar no *Spettatore*, mas que acaba enviando a Acerbi, em setembro de 1817, propondo publicá-la na *Biblioteca italiana*. A carta aberta dirige-se à segunda pessoa do plural (“Voi”), mais espontâneo que o formalíssimo “Lei” (ou “Ella”) no italiano, como dizia a Giordani: “Nesta carta lhe tratarei por *Voi* [você] (pois a terceira pessoa me parece um obstáculo ao estilo) o que faria sempre, se não temesse não ser correspondido, pois na verdade, quando lhe falo, gostaria de poder lhe falar intimamente, sem que a Senhoria estivesse sempre no meio a nos ouvir.” (20 jun 1817. *Epist.*, I, p. 122). A correspondência entre os dois ainda irá assumir o tratamento mais íntimo “tu”. Sobre os graus de formalidade/intimidade e suas dificuldades tradutórias falarei no capítulo 4 de discussão da tradução.

dedicar como gostaria ao seu trabalho, retrata-se como refém do próprio pensamento:

Outra coisa que me faz infeliz é o pensamento. Creio que o senhor saiba, mas espero que não tenha experimentado, de que modo o pensamento possa crucificar e martirizar uma pessoa que pensa muito diversamente dos outros quando a tem como refém, quero dizer, quando a pessoa não tem outra ocupação e distração, ou somente o Estudo, o qual, por prender a mente e mantê-la imóvel, mais prejudica do que ajuda. A mim o pensamento deu por longuíssimo tempo e dá tais martírios; somente por isto, porque sempre me teve e me tem inteiramente como refém [...] e me matará, se eu antes não mudar de condição. [...] Em suma, a solidão não é feita para aqueles que se destroem e se consomem de si mesmos. (8 ago 1817. *Epist.*, I, p. 128-9).

Nas cartas a Giordani desse período transparece aquilo que Antonio Prete (2006), referindo-se especialmente ao *Zibaldone di pensieri*, irá chamar de “pensamento poetante”, isto é, um pensamento capaz de reflexão profunda e poesia, rompendo com a separação entre filosofia e literatura em campos distintos. Guardadas as devidas diferenças, no texto epistolar leopardiano o “pensamento poetante”, tal como no diário intelectual que o autor começa a escrever bem nestes anos, caracteriza-se por um pensamento em movimento, pelo ritmo marcado de quem escreve como fala, pelo uso de palavras apaixonadas, interrogações e exclamações, e um estilo enfático que, como vimos, recorre a figuras de linguagem para dar ênfase ao discurso.

Giordani, por sua vez, mantém o tom didático e o olhar paternal, preocupado com a preservação da saúde física e mental do jovem, incentivando-o a não sucumbir à melancolia e aos ‘martírios do pensamento’, e a cuidar de si, através da moderação nos estudos e de exercícios físicos, caminhadas, natação, cavalgadura. Um jovem com tantas qualidades reunidas (riqueza, nobreza, erudição e engenho, entre outras) seria o candidato ideal para se tornar o ‘perfeito escritor italiano’, e deveria se cuidar para que a Itália não perdesse um talento tão singular. O mestre busca na própria juventude exemplos que fortaleçam a identificação entre os dois: “Eu, até os vinte anos, fui tão moribundo que nem eu nem os outros podíamos, dia após dia, jurar que

eu teria uma semana de vida [...]. Por isto, confie, ame, cuide-se. Conserve a sua vida como se a confiasse à Itália [...] (De Giordani a Leopardi, 12 set 1817. *Epist.* I, p. 141).

Embora Leopardi negue por modéstia as qualidades ressaltadas pelo amigo, e esclareça a própria condição física limitante e a situação financeira de um ‘filho de família’ nobre decadente, é evidente que o juízo de Giordani alimenta no jovem a esperança de se tornar “grande e eterno com o engenho e com o estudo” (De Leopardi a Giordani, 26 out 1817. *Epist.*, I, p. 142).

Ocorre, no final de 1817, uma mudança estilística nas epístolas, que passam, segundo Diafani, de um “‘agonismo titânico’ literariamente retratado a um tom mais alto e sofrido, fruto da experiência do primeiro amor (ocorrida no final de 1817) juntamente com a ‘epifânica revelação do próprio mundo interior’”. Esta fase inaugura uma série de cartas mais meditativas e nítidas no plano formal, “movidas intimamente pela vibração sentimental da consciência da inevitabilidade da dor” (2000, p. 79). Deste período são as composições “Il primo amore”, dedicado a Gertrude Cassi, a prima por quem Leopardi se apaixona, e as *Memorie del primo amore*.

Já se falava numa possível visita de Giordani a Recanati para que os dois pudessem finalmente se conhecer²⁷, e havia, inclusive, um temor da parte de Leopardi de não corresponder às expectativas que o amigo teria dele. A relação epistolar, a esta altura, é muito mais do que a troca de ideias entre literatos: torna-se um ponto de referência para que o jovem não se perca em suas próprias angústias e siga o seu percurso nas letras. O extravio frequente das correspondências, porém, faz crescer em Leopardi o desespero do abandono, que fica evidente nos inícios das cartas a Giordani de 13 de fevereiro e 2 de março de 1818:

Por que deixou de me escrever, ó caríssimo?
Desagradou-lhe talvez alguma coisa na minha
última? (13 fev 1818. *Epist.*, I, p. 180).

²⁷A propósito da possibilidade de um encontro, em carta de 14 de julho de 1817, visivelmente mais à vontade — a carta inicia com “Agradeço a você por banir a Senhoria” (*Epist.*, I, p. 124) — Leopardi ironiza a própria impossibilidade de se mover da terra natal: “Caro Giordani, se eu fosse dono de mim, as correntes e grades não seriam capazes de impedir-me que voasse até você. Mas eu sou como a montanha de Maomé, que tudo pode se mover, exceto ela, e é preciso vir encontrá-la” (idem). Giordani visitará a família de Leopardi em setembro de 1818.

Não considere, ó meu Caríssimo, aquilo que a melancolia e mais ainda o amor imenso me fizeram dizer e, doravante, escreva-me como lhe convir e brevemente e como lhe apraz [...] (2 mar 1818. *Epist.*, I, p. 183).

Esta carta de 2 de março de 1818 é considerada por Damiani um verdadeiro “balanço da adolescência” de Leopardi e de seu “fosco horizonte” (2006, p. 1172, comentário 67). Partindo da consideração de seu “aspecto miserável”, Leopardi reflete sobre a importância da aparência e do quanto somente esse “ornamento exterior” é algo valorizado pelos homens, incapazes de admirar a virtude em uma pessoa sem que haja nela um atrativo externo, “[homens] que não têm coragem de amar o virtuoso no qual nada é belo, a não ser a alma” (*Epist.*, I, p.184). É claro aqui um movimento do pensamento de Leopardi que parte da reflexão sobre si e a amplia à consideração da aparência na relação entre os homens, tema atualíssimo nos dias de hoje, presente também, entre outros, no diálogo “La Moda e la Morte” que compõe as *Operette morali* escritas em 1824.

Embora a consciência das próprias limitações dê à carta um tom pessimista, Leopardi deixa entrever nessas linhas algo que o move e lhe dá serenidade para reconhecer a própria infelicidade sem desesperar-se: a ideia de que um coração sensível possa deixar um legado importante aos homens. Diz ele num longo raciocínio:

Esta [a mísera aparência] e outras míseras circunstâncias pôs o destino em torno a minha vida, dando-me tamanha abertura de intelecto para que eu as visse claramente e percebesse aquele que sou, e de coração, para que ele soubesse que a ele não convém a alegria, e, quase vestindo-se de luto, tomasse a melancolia por companhia eterna e inseparável. Eu sei, portanto, e vejo que a minha vida não pode ser outra coisa senão infeliz; todavia não me assusto, e assim possa ela ser útil para alguma coisa, como eu tentarei sustentar sem covardia. Passei anos tão amargos que pior não parece que me possa acontecer: contudo não me desespero por sofrer ainda mais; não vi ainda o mundo, e assim que o vir, e conhecer os homens, certamente deverei recolher-me amargamente em mim mesmo, não tanto pelas desgraças que poderão ocorrer a mim [...] mas pelas coisas que

ofenderão meu coração [...]. (2 mar 1818. *Epist.*, I, p. 184).

O tom melancólico nas cartas do jovem poeta se alterna com tons pouco mais otimistas, deixando clara uma oscilação de estado de espírito. Há cartas de Leopardi a Giordani em que o papel se inverte: em dezembro de 1818 é Leopardi quem consola o amigo que sofre de melancolia, exortando-o a recorrer às ilusões que vêm da “mãe natureza”, contrapondo-a à razão, “carrasco do gênero humano”, tema caro à crítica ao racionalismo presente no pensamento filosófico leopordiano:

Na última sua o vejo muito melancólico, e o senhor pode acreditar que não sei como consolá-lo, senão pedindo-lhe que conceda algo às **ilusões** que vêm substancialmente da **natureza benfeitora universal**, pois a **razão é o carrasco do gênero humano**, é uma chama que deve iluminar, mas não incendiar, como infelizmente faz. (De Leopardi a Giordani, 14 dez 1818. *Epist.*, I, p. 225, negritos meus).

No ano de 1819, Leopardi começa a distribuir os dois primeiros *Cantos* heróicos recém-publicados: “All’Italia” e “Sopra il monumento di Dante che si prepara in Firenze”²⁸, dedicadas ao ‘Preclarissimo Cavalheiro Vincenzo Monti’. Também neste ano irá escrever os primeiros idílios “L’Infinito”, “La Ricordanza” (depois intitulado “Alla Luna”) e “Lo spavento notturno” (que se tornará “Odi, Melisso: io vo’ contarti un sogno”) (*Epist.*, I, p. CXX). Amplia seus contatos literários, iniciando a correspondência com Giulio Perticari, Giuseppe Montani e Pietro Brighenti, além da correspondência privada com a tia Ferdinanda Melchiorri.

Se, de um lado, a boa recepção dos versos anima o jovem poeta a continuar sua empreitada, de outro, torna ainda mais insuportável sua permanência em Recanati. A possibilidade de conseguir um emprego na Biblioteca Vaticana havia sido levantada pelo tio Carlo Antici, que se encarrega ele mesmo de desencorajar o sobrinho a se candidatar à vaga

²⁸ Que Leopardi tentará reeditar junto com o canto *Ad Angelo Mai*, em 1820, por intermédio de Brighenti, mas Monaldo consente somente a publicação desta última, cuja circulação foi proibida pelo governo Lombardo-Veneto. (*Epist.*, I, p. CXX).

depois de saber que se tratava do cargo de responsável pela Biblioteca, para o qual o governo já havia destinado uma indicação. Ao insucesso da primeira tentativa de conseguir um emprego que possibilitasse a Leopardi se sustentar fora da casa paterna, soma-se um persistente problema nos olhos, que o obriga a abandonar os estudos.

Leopardi escreve a Giordani uma série de cartas em que surge a imagem da prisão em sua terra natal e o recurso a sensações corporais, reflexo de sua visão fenomênica do mundo, também presente em certos idílios seus, sintetizados no que Laura Diafani chama de “fiscalização das sensações espirituais mais intensas” (2000, p. 72-3):

De Março para cá me persegue uma obstinadíssima fraqueza dos nervos oculares, que me impede não somente qualquer leitura, mas também qualquer concentração intensa. De resto, **estou bem do corpo, e do espírito, ardentíssimo e desesperado como nunca, de modo que comeria este papel em que escrevo.** [...] Não farei jamais nada de grande? nem mesmo agora que vou **debatendo-me nesta jaula como um urso?** Neste lugarejo de frades, [...] nesta maldita casa, onde pagariam um tesouro para que me fizesse frade também eu [...] e com a idade de vinte e um anos, e com este coração que tenho, esteja certo de que **em breve explodirei**, se de frade não me converter em apóstolo e não fugir daqui mendigando, como a coisa acabará certamente. (De Leopardi a Giordani, 21 jun 1819. *Epist.*, I, p. 311-12, negritos meus).

Estamos em 1819, ano que Leopardi identifica no *Zibaldone* (*Zib.* 123) como “o ano da passagem entre o antigo e o moderno”, em que começa a sentir a própria infelicidade de modo mais “tenebroso”, a “abandonar as esperanças” e a “refletir mais profundamente sobre as coisas”. É também conhecido nas biografias leopardianas como o “ano da tentativa de fuga da casa paterna” (BELLUCCI, 2012, p. 34), testemunhada por uma carta ao irmão Carlo e outra ao pai, escritas quando Giacomo ainda estava certo de que seu plano de fugir de casa se concretizaria.

‘Cansado da prudência’, que só os levaria a perder a juventude, Giacomo escreve ao irmão Carlo, explicando que não havia outra forma

de sair da situação que os aborrecia, senão fugindo dela (a fala no plural indica que a insatisfação com a vida na casa paterna era compartilhada pelos dois). Agora que a lei o tornava dono do próprio nariz (*padrone di me stesso*), pois completava 21 anos, resolveu não adiar mais o que era indispensável. Dois seriam os motivos que o levaram a tal decisão: o tédio terrível consequente da impossibilidade de se dedicar aos estudos, única coisa que o mantinha em Recanati, e outro motivo que, diz ele, “não quero expressar, mas podes facilmente adivinhar” (fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 319), dando a entender que se tratava de algo ligado ao seu aspecto físico e às suas qualidades mentais²⁹.

Giacomo avisa que levaria consigo alguns papéis importantes, deixando os que pudessem comprometer alguém na cômoda do quarto que dividiam, sob a custódia do irmão, a quem encarrega também de abrir e responder as cartas de Giordani que chegassem, além de entregar a carta que escrevera ao pai.

Num ato heroico, Leopardi espera com a fuga abrir estrada para os irmãos:

Oh, como eu gostaria que meu exemplo servisse para iluminar nossos pais em relação a ti e aos outros nossos irmãos! Certissimamente serás menos infeliz que eu. [...] Oh, como mereces mais que eu! Quem sou eu? Um homem de nada. [...] Enquanto tinha estima por mim, fui mais cauto; agora, que me desprezo, não encontro outro conforto senão lançar-me à sorte, e procurar perigos, como coisa de nenhum valor. Entrega a carta que incluo ao meu pai. Pede perdão a ele, pede perdão à minha mãe em meu nome. [...] Teria sido melhor para eles (humanamente falando) que eu não tivesse nascido, ou tivesse morrido bem antes de agora. Assim quis nossa desgraça. Adeus, caro, adeus. (fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 320).

²⁹ No fim da carta, temos a impressão de que o segundo motivo seria o desprezo por si mesmo, que o teria levado a tomar a decisão ousada da fuga, pois um ‘homem de nada’ não teria nada a perder. Mas há quem interprete esse segundo motivo como uma insatisfação na relação com as mulheres da cidade ou, mais especificamente, algo de cunho sexual.

A carta de Giacomo ao pai na ocasião da tentativa de fuga é bastante comentada pela crítica, mas vale destacar a análise feita por Bellucci em “In nome del padre. Le forme del conflitto nelle lettere di Giacomo a Monaldo”³⁰, em que a estudiosa esmiuça a estrutura retórica da carta baseada nos aspectos conflitantes da relação manifestos no texto.

Segundo Bellucci, a carta ao pai segue a divisão prevista pela epistolografia clássica: a *salutatio* (“Mio Sig. Padre”) é mais seca que o ambíguo “Carissimo Sig. Padre” costumeiro; o *exordium* introduz e antecipa com dramaticidade a argumentação (*narratio*), complexa e formada, segundo ela, por três partes; e enfim, o fechamento ou *conclusio* (2012, p. 34). A primeira parte seria construída com base na antítese, na apresentação de fatos e argumentos que colocam pai e filho em relação antagonística; a segunda parte teria como base a afirmação de si, construída por assertivas; e a terceira parte, antes de concluir, seria pautada na *captatio benevolentiae* como estratégia de atenuação da contraposição e recuperação da relação (BELLUCCI, 2012, p. 35-6).

A carta começa com as desculpas do filho, que declara amor ao pai e diz contar com a sua compreensão. Segundo Giacomo, não se tem notícias de um jovem de sua idade que tenha vivido com tamanha prudência e respeito aos pais, abstendo-se inclusive dos prazeres juvenis em prol da dedicação aos estudos (fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 322).

Mas, mesmo diante do reconhecimento de Leopardi como uma grande promessa das Letras, por parte de estudiosos renomados, e do desejo manifesto pelo filho de ampliar os horizontes, o pai insistia em mantê-lo em casa, ao contrário das famílias que costumam incentivar talentos até bem menos engenhosos que o seu. A relação conflituosa com o pai, que aqui aparece como responsável por toda infelicidade do jovem, se concretiza nas contraposições presentes no texto, marcadas pela colocação do desejo de um (‘eu’) *versus* a falta de acolhimento do outro (‘o senhor’):

[...] **eu** via várias famílias [...] menos abastadas que a nossa [...], que por qualquer indício de engenho visto num jovem seu, não hesitavam em fazer gravíssimos sacrifícios a fim de lhe propiciar uma condição adequada para aproveitar seus talentos.

³⁰ In Bellucci, Novella. *Itinerari leopardiani*. Roma: Bulzoni Editore, 2012.

[...] **O senhor** todavia julgou indigno que um pai devesse fazer sacrifícios por mim.

Eu [...] pedi para que ao menos me fosse arranjado algum meio para viver de maneira adequada às minhas circunstâncias, sem que ficasse a cargo da família;

Fui acolhido com risadas, e **o senhor** não acreditou nem que suas relações [...] devessem ser empregadas para que o seu filho pudesse se estabelecer suficientemente. (fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 322, negritos meus).

A contraposição presente na percepção de si como um ser independente, com talentos e vontade própria *versus* a projeção do desejo do pai ('o senhor') também marca a relação conflituosa:

Eu sabia bem **os projetos que o senhor fazia para nós**, como que para assegurar a felicidade de uma coisa que eu não conheço, mas ouço chamar de casa e família. **O senhor exigia de nós dois o sacrifício** [...] de nossas inclinações, da juventude, de toda a nossa vida." (*Epist.*, I, p. 322, negritos meus).

O ápice do conflito é representado por uma série de antíteses que demonstram a consciência e a imobilidade do pai em relação ao sofrimento do filho:

O senhor também **sabia** da vida miserabilíssima **que eu levava** pelas horríveis melancolias e tormentos [...] que me preparava minha estranha imaginação, e **não podia ignorar o que era mais que evidente**, isto é, que para isto [...] **não havia** absolutamente **outro remédio senão fortes distrações**, e tudo **o que em Recanati não podia nunca encontrar**. **Mesmo assim, o senhor deixava**, por tantos anos, **um homem com o meu caráter, consumir-se** em estudos enlouquecidos, ou **sepultar-se** no mais terrível tédio, e, conseqüentemente, melancolia, originada da solidão inevitável e da vida absolutamente desocupada, como foi principalmente nos últimos meses. (*Epist.*, I, p. 323, negritos meus).

Giacomo diz ter percebido, diante do caráter do pai, que não havia ‘sombra de esperança’ de obter o seu apoio para deixar Recanati, e, convencido a confiar somente em si, depois de ter feito certas reflexões sobre a natureza dos homens, decidira ‘encarregar-se da própria sorte’. A partir daqui, Giacomo desfila uma série de afirmações incisivas sobre a estrada escolhida:

Eu sei que a felicidade do homem consiste em estar contente, porém é mais fácil que eu seja feliz mendigando do que em meio a tantos confortos corporais quantos possa gozar neste lugar. [...]
 Odeio a vil prudência que nos congela e amarra e torna incapazes de qualquer grande ação, reduzindo-nos a animais que esperam tranquilamente a conservação desta vida infeliz sem outro pensamento. [...]
 Prefiro ser infeliz a ser pequeno, e sofrer a entediar-me, pois o tédio³¹, origem de mortíferas melancolias para mim, me é muito mais nocivo que qualquer desconforto do corpo. (*Epist.*, I, p. 323).

Explanadas as razões que haveriam motivado a sua fuga, segue um longo parágrafo em que Giacomo pede perdão pelo modo como vai embora (levando dinheiro ‘emprestado’ dos irmãos) e pelo desgosto causado ao pai. Agradece-lhe a bondade e o esforço de fazer com que os filhos se satisfizessem com a vida que tinham, mas reafirma que a diferença intransponível de princípios o teria conduzido à morte naquele lugar. Consola-o considerar que este seria o último incômodo provocado aos pais. Despede-se de Monaldo pondo-se de joelhos e narrando a própria infelicidade:

Meu caro Senhor Pai, se me permite chamá-lo com este nome, eu me ajoelho para lhe pedir que perdoe este infeliz por natureza e por circunstância. **Gostaria que a minha infelicidade tivesse sido toda minha, e que ninguém tivesse de tê-la ressentido, e assim espero que seja**

³¹ Leopardi usa neste trecho da carta “la noia, madre di mortifere malinconie [...]”, ou seja, o tédio ou “noia” seria a mãe de vários sentimentos negativos – coisa que se perde na tradução, porque sendo “tédio” palavra masculina, não há como afirmar que seja “mãe de mortíferas melancolias”.

doravante. [...] O último favor que lhe peço é que, se um dia lhe despertar a recordação deste filho, que sempre o venerou e amou, não a rejeite como odiosa nem a amaldiçoe; **se a sorte não quis que o senhor pudesse dele se orgulhar, não lhe recuse a compaixão, que não se nega nem aos malfetores.** (fim jul 1819. *Epist.*, I, p. 325, negritos meus).

A carta, conservada pelo irmão Carlo, nunca fora entregue a Monaldo³², que descobre a tentativa de fuga antes que ela ocorra. Giacomo havia solicitado o passaporte de viagem sem que Monaldo soubesse, usufruindo do fato de haver completado 21 anos. Mas a autoridade responsável pela assinatura do documento, marquês Filippo Solari, ao escrever a Carlo Antici, tio de Leopardi, deseja boa viagem ao sobrinho, convicto de que a família soubesse dos passos do jovem. O fato chega ao conhecimento de Monaldo, que intercepta a recepção do passaporte.

Giacomo escreve uma terceira carta em ocasião da tentativa de fuga ao Conde Saverio Broglio D'Ajano, a quem havia requerido o passaporte, desculpando-se por ter mentido quanto ao consentimento do pai e explicando a situação. Afirma não ter se arrependido e nem mudado de ideia; a decisão de adiar seu plano de sair de casa era só uma questão de tempo:

Se me opuserem a força, eu vencerei, pois quem está resolvido a encontrar a morte ou uma vida melhor, tem a vitória em suas mãos [...] Eu não quero viver em Recanati. Se meu pai conseguir-me um meio de sair, como me prometeu, viverei grato e respeitoso, como qualquer ótimo filho; se não, o que devia acontecer, e não aconteceu, não foi mais do que adiado. (13 ago 1819. *Epist.*, I, p. 328-9)

A falta de diálogo entre pai e filho fica evidente nas palavras de Leopardi a Saverio: “Eu não saio se ele me abre as portas, mas se as fecha: meu pai o percebeu, e, por isto, mostra não se opor a mim.” (*Epist.*, I, p. 329).

³²Segundo nota 242 do *Epistolario* (*Epist.*, II, p. 2159).

Intensifica-se neste período o que Neuro Bonifazi chama de “discurso da infelicidade” (1975, p. 138), referindo-se às análises que o jovem faz da própria vida a Giordani, em que se retrata, na maior parte das vezes, como um ‘filho de família’ infeliz e atormentado. O tormento leopordiano, segundo Bonifazi, é um tormento do pensamento, que tortura mais do que a dor física. Na impossibilidade de dizer o tormento e a angústia, o nada toma conta.

É o caso da carta abaixo, escrita no final de 1819, em que Leopardi esboça uma reflexão sobre o tédio e o vazio da existência, central em suas reflexões filosóficas dos anos seguintes, através de uma construção repleta de negativas e sensações corporais. Assim inicia a carta:

Estou tão aturdido pelo **nada** que me circunda, que **não** sei como tenha força de pegar a pena para responder à tua do dia primeiro. Se neste momento enlouquecesse, acho que a minha loucura seria de **sentar sempre com os olhos atônitos, com a boca aberta, com as mãos entre os joelhos, sem rir nem chorar, nem** mover-me **senão** por força do local onde estivesse. **Não** tenho mais ânimo para conceber **nenhum** desejo, **nem** mesmo a morte, **não** porque eu a tema de **algum modo**, mas **não** vejo mais diferença entre a **morte** e esta minha **vida**, em que **não** vem me consolar **nem** mesmo a dor. Esta é a primeira vez que o **tédio** não somente me **oprime e cansa**, mas me **aflige e lacera** como uma dor gravíssima; e estou tão espantado com a **nullidade** de todas as coisas, e com a condição dos homens, **mortas todas as paixões, como se apagaram na alma minha**, que vou fora de mim, considerando que é um **nada** também o meu desespero. (De Giacomo a Giordani, 19 out 1819. *Epist.*, I, p.350, negritos meus).

Referindo-se a si próprio como uma ‘alma abalada e entorpecida’ (*Epist.*, I, p. 355), que não se assusta mais com nada e nem espera nada, Giacomo narra a sua dor em cartas extremamente poéticas neste período, num misto de desalento e consolo, que só a lembrança de um ‘bendito e beato tempo’ pode trazer:

Havia uma época em que a maldade humana e as desgraças da virtude causavam-me indignação, e a minha dor nascia da consideração da crueldade. Mas **agora choro a infelicidade dos escravos e dos tiranos, dos oprimidos e dos opressores, dos bons e dos maus, e na minha tristeza não há mais centelha de ira, e esta vida não me parece mais digna de ser batalhada.**

[...] e como o andamento e os costumes e os acontecimentos e os lugares desta minha vida são ainda infantis, **mantenho-me aferrado com ambas as mãos a estes últimos restos e a estas sombras daquele bendito e beato tempo, em que eu esperava e sonhava com a felicidade,** e esperando e sonhando a desfrutava, e passou, não voltará nunca mais, certamente nunca mais; vendo com desmedido terror que junto com a infância terminou o mundo e a vida para mim e para todos os que pensam e sentem; de modo que **não vivem até a morte senão os muitos que restam crianças pela vida toda.** (De Giacomo a Giordani, 17 dez 1819. *Epist.*, I, p. 354-5, negritos meus).

A propósito da infância e do papel das ilusões no mascaramento da realidade e na conseqüente amenização da dor de existir, há outro trecho de carta a Giordani de 6 de março de 1820 bastante citado, em que o autor revela ter ouvido a ‘voz da natureza’ com a aproximação da primavera, introduzindo alguns dos temas que serão caros às suas reflexões filosóficas:

Também eu estou suspirando calorosamente a bela primavera como única esperança de remédio que reste ao abatimento do ânimo meu; e poucas noites atrás, antes de me deitar, abera a janela do meu quarto, e vendo um céu puro e um belo raio de lua, e sentindo um ar morno e certos cães que latiam de longe, **despertaram em mim algumas imagens antigas, e pareceu-me sentir um movimento no coração,** pelo qual me pus a gritar feito um louco, pedindo misericórdia à **natureza, cuja voz me parecia ouvir depois de tanto tempo.** E naquele momento, dando uma olhada à minha condição passada, à qual eu estava certo de

logo depois retornar, como se deu, congelei de medo, não chegando a compreender **como é possível tolerar a vida sem ilusões e afetos vivos, e sem imaginação e entusiasmo [...]**

Porque **esta é a miserável condição do homem, e o bárbaro ensinamento da razão: que sendo os prazeres e dores humanos meros enganos, o sofrimento que deriva da certeza da nulidade das coisas é sempre e somente certo e verdadeiro.**

[...] tudo neste mundo se faz pelo simples e contínuo esquecimento daquela **verdade universal** de que **tudo é nada**. Estas considerações eu gostaria que fizessem enrubescer aqueles **pobres filosofastros**, que se consolam com o desmedido crescimento da razão e **pensam que a felicidade humana esteja na cognição do verdadeiro, quando não há outro verdadeiro senão o nada [...]** (6 mar 1820. *Epist.*, I, p. 379-80, negritos meus).

Confiando ao amigo os sentimentos mais íntimos, e sabendo que não os julgaria “romanesco” (pois diz odiar a “maldita afetação que corrompe todo o belo” (*Epist.*, I, p. 380), Giacomo parte da observação da própria interioridade para propor uma reflexão relativa à existência humana, que irá desenvolver de modo mais sistemático no *Zibaldone* e, em forma de diálogos ficcionais, nas *Operette morali*. Movimento semelhante (do particular para o universal) parece³³ ocorrer nas cartas de Leopardi à tia Ferdinanda Melchiorri escritas naquele período, em que o tema da infelicidade humana e o papel da razão e das ilusões também vem à tona.

1.2.4 Ferdinanda Melchiorri, alma gêmea? (1819-1822)

³³O *Epistolario* conta 16 cartas da tia Ferdinanda Melchiorri escritas entre o final de 1819 e a metade de 1822, pouco antes de seu falecimento e da primeira viagem de Leopardi a Roma. É um volume considerável, levando em conta o período breve, e ilustra a ligação afetiva entre os dois e a participação ativa da tia nesta fase de preparação de Giacomo para deixar a casa paterna. Essas missivas são, além disso, exemplares da importância que a correspondência assume, naqueles anos, para o cultivo da amizade. Infelizmente, as cartas de Leopardi à tia se perderam, de modo que nos resta acompanhar as respostas dela e inferir as palavras do escritor.

Em 1820, a dificuldade de comunicação de Giacomo com o pai será tema de uma carta da tia Ferdinanda, que tentava convencer Monaldo a trazer o sobrinho para passar uma temporada com ela, em Roma (cujas conversas parece ter sido prejudicada pela tentativa de fuga). Segundo a tia, que intermediava o diálogo entre os dois, Monaldo temia que Giacomo se arrependesse de perder as comodidades de casa, mas não se opunha à sua saída; além do que, ressentia o silêncio do filho. Como uma ‘mãe afetuosa’, Ferdinanda aconselha: “Caro Giacomo, e por que não romper esse gelo! Por que você não fala com seu Pai? Por que não procura você mesmo obter esta permissão?” (De Ferdinanda Melchiorri a Giacomo Leopardi, 25 out 1820. *Epist.*, I, p. 464).

Ferdinanda escreve ao sobrinho “com o coração”³⁴, mostrando-se uma ‘alma sensível’, capaz de acolher com empatia as questões existenciais de Leopardi, e de compreender a sensibilidade extrema que o poeta relata ter em relação às coisas dos homens:

Eis meu coração desvelado: eu vivo quase sempre sozinha e não sozinha como pessoa, pois estou em Família, ou obrigada a me relacionar por necessidade, mas sozinha porque quase nunca encontro pessoas que possam contentar o meu ânimo [...]. Nesta solidão, quais podem ser os motivos que alegam e aliviam o meu espírito? (De Ferdinanda Melchiorri a Leopardi. 19 dez 1819. *Epist.*, I, p. 356).

Em tom maternal, comenta sobre seus “problemas nos nervos”³⁵, mas encoraja o sobrinho a usar a razão para não mergulhar no estado de extrema melancolia e baixa autoestima em que o vê, e a não ampliar demais a sensibilidade, que poderia trazer, segundo ela, “muitos motivos de dor”. Discute as reflexões filosóficas que o sobrinho vinha

³⁴“Eis meu coração desvelado: eu vivo quase sempre sozinha e não sozinha como pessoa, pois estou em Família, ou obrigada a me relacionar por necessidade, mas sozinha porque quase nunca encontro pessoas que possam contentar o meu ânimo [...]. Nesta solidão, quais podem ser os motivos que alegam e aliviam o meu espírito?” (De Ferdinanda Melchiorri a Leopardi. 19 dez 1819. *Epist.*, I, p. 356).

³⁵Destaco as expressões recorrentes nas cartas de Ferdinanda; a última, ‘problemas nos nervos’, usada também por correspondentes como Giordani e Brighenti, parece se referir a episódios de depressão, embora, de maneira genérica, a expressão seja usada para problemas de fundo emocional.

compartilhando nas cartas, em especial sobre a (in)felicidade humana, defendendo um ponto de vista que parte da religião e da fé cristã como possibilidade de atingir a paz e a felicidade, fundada em princípios verdadeiros e reais, ou melhor, nas palavras da “Verdade Eterna”³⁶, que mostrariam a estrada para abandonar os sentimentos infelizes. Apesar de discordar de Giacomo, que aparentemente defendia na carta à tia o fato de que somente as ilusões trariam alívio à infelicidade humana, os dois parecem ter em comum a sensibilidade extrema e um sentimento de impotência diante da vida:

As almas sensíveis se conhecem, se entendem, se amam [...] mas você e eu, porque sensíveis demais, seremos sempre infelizes; [...] se tivesse tido a sorte de ter por natureza um ânimo mais insensível, nunca experimentei a felicidade e só encontrei alívio na Religião [...]” (De Ferdinanda Melchiorri a Leopardi, 21 mar 1821. *Epist.*, I, p. 487).

Ferdinanda encontra na religião o alívio à sua dor de existir; Leopardi, na escrita.

1.2.5 Relações editoriais (1820)

No início de 1820, Leopardi escreve a Angelo Mai propondo-lhe preparar um trabalho relacionado às suas descobertas recentes de fragmentos homéricos, mas os versos ainda levariam tempo para serem publicados e a proposta termina ali. Por outro lado, em fevereiro, Pietro Odescalchi escreve propondo a Leopardi entrar para a lista de colaboradores do *Giornale Arcadico* de Roma, e este aceita o convite. No mesmo mês, o poeta encomenda a Pietro Brighenti (1775-1846), advogado, livreiro e editor de Bolonha (além de fundador das revistas *L'Abbreviatore* e *Il Caffè di Petronio*) a reedição dos primeiros dois cantos já publicados, acrescidos de mais três³⁷.

As cartas a Brighenti do primeiro semestre de 1820 giram em torno da publicação desses cantos, e dão notícias das exigências de Leopardi quanto ao tamanho das folhas, o tipo de caractere e papel a usar, destacando, sobretudo, algo que o autor irá frisar muito ao longo

³⁶ De Ferdinanda Melchiorri a Leopardi (2 fev 1820. *Epist.*, I, p. 365)

³⁷ “Ad Angelo Mai” e os dois, depois recusados pelo próprio autor, “Nella morte di una donna fatta trucidare col suo portato dal corruttore per mano ed arte di un chirurgo” e “Per una Donna inferma di malattia lunga e mortale”.

dos anos junto aos editores: que a revisão fosse feita com muito cuidado, ressaltando a importância da pontuação e da exatidão do impresso em relação ao manuscrito. Em tantos casos, Leopardi preferirá revisar pessoalmente uma primeira impressão; em outros, a revisão é delegada a alguém competente por conta da distância e da morosidade dos correios.

O manuscrito havia sido aprovado pela polícia³⁸, e Brighenti tratava com Leopardi detalhes sobre o número da tiragem e o custo da impressão, quando recebe carta de Monaldo querendo saber o que o filho pretendia publicar, e desaprovando a impressão, temendo que em tempos de Restauração, as Canções fossem interpretadas como “ligadas a alguma facção.”³⁹

Provavelmente o pai havia mexido nas correspondências de Leopardi, pois ele não comentara com ninguém a intenção de publicar seus cantos; Leopardi se revolta e orienta Brighenti a não publicar de modo algum o manuscrito, se o pai sugerisse alterações, pois preferia renunciar a perder completamente a ‘autoridade’ (*autorità*) sobre o texto. Faz todo um discurso sobre a inutilidade da sua aplicação aos estudos, sobre uma juventude perdida pelos esforços vãos e se diz realmente disposto a destinar aos cantos o mesmo fim que tantos outros escritos seus tiveram: o esquecimento.

Monaldo se opõe à publicação dos dois primeiros cantos, por conta do momento político da Itália. Quanto aos outros, preferiria que “Donna morta col suo portato” não fosse publicado, restando, portanto, as canções “Ad Angelo Mai” e “Per una donna inferma”.

Informado por Brighenti da censura paterna, Giacomo escreve ironicamente ao amigo: “Agradeço a meu pai (que sempre reverenciei e amei de verdade) a permissão que me concede de imprimir as *minhas* canções”. A carta, incisiva e crítica em relação ao pai, o acusa de ignorância literária e ingenuidade ao vetar a canção inédita e permitir a dedicada a Mai, cheia de fanatismo. Mas “é justo que *nos meus escritos* prevaleça a sua opinião, pois eu sou e serei sempre criança, e incapaz de me comportar.” (*Epist.*, I, p. 399). Recusa a oferta de Brighenti de publicar os cantos no *Abbreviatore*, alegando ter tido más experiências com textos seus em jornais, que tendem a desvalorizar o que não se

³⁸Na Itália dos tempos da Restauração, a censura prévia das publicações era obrigatória: todos os manuscritos deviam ser submetidos à leitura de revisores, encarregados de liberá-los ou não para irem às prensas, de modo a garantir que o teor dos textos não ferisse os princípios dos respectivos governos.

³⁹Palavras de Monaldo, citadas em carta de Brighenti a Leopardi, de 12 de abril de 1820. (*Epist.*, I, p. 392)

adequa ao seu conteúdo; que Brighenti faça o que quiser com seus cantos. Quanto ao convite do amigo para que viesse a encontrá-lo em Bolonha, Leopardi se abre e confessa a sua “bárbara condição”, reafirmando que não é “dono de si mesmo”, que nunca saiu e nunca sairá de Recanati, a cidade mais “inculta e morta de toda a Marca.” (*Epist.*, I, p. 400)

Evidentemente desapontado, Giacomo havia compreendido de modo equivocado a proposta de publicação no *Abbreviatore*, que era uma alternativa sem custo, indicada por Brighenti, ainda disposto a publicar os cantos ‘autorizados’, se custeados pelo autor. Em maio de 1820, decide-se, então, publicar somente “Ad Angelo Mai”, com dedicatória ao conde Trissino, e, no segundo semestre, Leopardi distribuirá o volume publicado para amigos e literatos, entre os quais: Bartolomeo Borghesi, Giannantonio Roverella, Giuseppe Grassi, Giulio Perticari, Francesco Cassi, Angelo Mai, Giovan Battista Niccolini, entre outros.

No meio-tempo, Brighenti, que dizia ter a capacidade de “julgar o que irá agradar ou não, apesar de não ser um literato”, elogia as cartas de Leopardi e lhe pergunta se não tem intenção de publicá-las: “O senhor não só é um poeta em toda a grandeza do termo, como é um escritor de Cartas tais, que não creio que a Itália possa apresentar outros que o vençam neste gênero” (*Epist.*, I, p. 409). Leopardi não crê ser uma boa ideia publicar as cartas já escritas por causa das pessoas envolvidas, mas sabe-se que, entre os projetos literários, reunidos em *Disegni letterari*⁴⁰, nos quais o autor esboçará numerosos projetos de escrita imaginados de 1819 a 1825, estão várias epístolas, entre as quais “Cartas de um pai a um filho” e “Carta a um jovem do século XX”.

1.2.6 Filósofo profissional (1820-1822)

O teor filosófico das epístolas desse período se faz presente na medida em que a familiaridade com o interlocutor é maior. Neste sentido, embora as cartas mais conhecidas e citadas a Pietro Giordani se situem entre 1817 e 1819 e, ao longo dos anos, a correspondência entre os dois tenda a se tornar menos frequente (inclusive porque terão períodos de maior convívio, como quando Leopardi permanece em Bolonha, em 1825), de 1820 em diante há várias cartas ao amigo (e também a Brighenti e Perticari, por exemplo) em que surgem temas importantes do pensamento leopardiano, como a razão e a natureza, o

⁴⁰ In Leopardi. *Tutte le poesie e tutte le prose*. Org. por Lucio Felici e Emanuele Trevi. Roma: Newton, 2001, p. 1108.

moderno e o antigo e, sobretudo, a polaridade entre a realidade e as ilusões, predominante nestes anos. A esta altura, segundo Diafani (2000, p.117), Leopardi já se tornara um ‘filósofo profissional’ e nas páginas do *Epistolario* resvalam muitas das especulações que ele vinha anotando no *Zibaldone*.

É o caso da carta de 30 de junho de 1820 a Giordani, em que Leopardi contrapõe o viver beato de acordo com a natureza ao racionalismo moderno e diz que bons e maus (‘tristi’) compartilham das mesmas dores, que só as ‘caras ilusões’ são capazes de remediar. Na tentativa de consolar o amigo, abatido como ele estava há meses, diz Leopardi num longo raciocínio:

Creio que nenhum homem no mundo [...] deva desesperar-se pelo retorno das **ilusões**, pois estas não são obra da arte ou da razão, mas da **natureza** [...] **Eu torno criança, e considero que o amor seja a coisa mais bela da terra, e me alimento de vãs imagens. O que é a barbárie se não a condição em que a natureza não tem mais força nos homens?** Não considero as **ilusões** meras vanidades, mas coisas de certo modo **substanciais**, pois não são caprichos particulares deste ou daquele, mas naturais e inerentes essencialmente a cada um; e compõem toda a nossa vida. [...] Sêneca dizia que a razão tem que observar e consultar a natureza, e que viver beato, e segundo a natureza, são uma coisa só. Mas **a razão moderna, ao contrário da razão antiga, não observa nem consulta senão o verdadeiro, coisa bem diversa da natureza.**

Não creio que os maus vivam melhor que nós. Se a felicidade verdadeira pudesse ser conseguida de algum modo, a realidade das coisas não seria assim formidável. Mas **bons e maus nadam ansiosamente nesse mar de sofrimentos, onde não encontra outro porto que o das fantasias e das imaginações.** E, por isto, parece-me que a condição dos bons seja melhor que a dos malvados, pois as grandes e esplêndidas ilusões não pertencem a essa gente, de modo que, restritos à verdade e à nulidade das coisas, o que mais podem esperar senão o tédio infinito e eterno? (30 jun 1820. *Epist.*, I, p. 414-15, negritos meus).

As angústias pessoais e a dor de existir ganham outra dimensão nas cartas, e o foco passa a ser não mais a ‘dor em si’, como diz Diafani (2000, p. 125), mas o valor que a dor tem para o conhecimento. Mesmo quando se trata de consolar um amigo, e, de certa forma, manter viva a própria esperança, o movimento é semelhante:

É preciso encorajar-se de algum modo, e conservar a esperança. Finalmente, este mundo é um nada, e todo o bem consiste nas caras ilusões. A esperança é uma das mais belas, e a misericórdia da natureza forneceu-nos de tal jeito, que dificilmente podemos perdê-la. A mim resta somente por força da natureza. Segundo a razão, deveria efetivamente faltar-me. Mas vivamos, já que temos que viver, e confortemo-nos mutuamente, e amemo-nos com o coração, que talvez esta seja a melhor sorte deste mundo. (De Leopardi a Brighenti, 14 de ago 1820. *Epist.*, I p. 430, negritos meus).

Com Brighenti e Pietro Giordani, Leopardi vinha conversando sobre a possibilidade de ocupar uma cátedra em Milão, que lhe permitiria manter-se fora de casa, já que Monaldo não fazia nenhum movimento para ajudá-lo neste sentido. E não deixa escapar o julgamento sobre a sociedade da época, compartilhando a antipatia manifesta por Brighenti em relação à nobreza:

Você diz muito bem dos nobres que são o corpo morto da sociedade. Mas infelizmente não vejo o que se possa chamar corpo vivo hoje em dia; pois todas as classes são esmagadas pelo egoísmo destruidor de tudo o que é belo e grande; e o mundo sem entusiasmo, sem magnanimidade de pensamentos, sem nobreza de ações, é algo mais morto que vivo. (De Leopardi a Brighenti, 28 ago 1820. *Epist.*, I, p. 435).

Entretanto, diz Bonifazi que a crítica de Leopardi à hipocrisia e maldade dos homens de seu tempo, e o desprezo de seu próprio sangue nobre, difere essencialmente da visão de mundo de Pietro Giordani, que defende o “instituto da nobreza e da família (embora os deseje ver reformados e liberais)” e “tem pouca confiança nos homens e o senso vivo de uma ruína social” (1975, p. 189). Segundo Bonifazi, quando

Leopardi fala de dor, de morte, de tédio e de vazio, tem, pelo contrário, necessidade do prazer e da felicidade, tem uma “pulsão de esperança” que Giordani nem imagina e que ao próprio Leopardi surpreende, fazendo-o sentir-se mais próximo da vida quando o amigo lhe escreverá em momento de extremo desânimo: “Não podemos fazer nada a não ser sofrermos juntos e nos amarmos: que assim seja **até a última hora**, que para mim e para ti (...) **espero que não esteja distante**” (De Giordani a Leopardi, 18 jun 1820. *Epist.*, I, p. 413, negritos meus).

À fala do amigo, desejando que a morte estivesse próxima, Leopardi reage imediatamente, assumindo o papel de consolador e escrevendo as palavras esperançosas da carta de 30 de junho, citada acima, seguindo a linha das anotações feitas no *Zibaldone* (137-140) no dia 26 de junho de 1820, que a carta de Giordani e o temor da morte haviam suscitado⁴¹.

É interessante notar a análise fenomenológica que Leopardi faz no *Zibaldone* dos ‘acontecimentos internos’ ligados ao modo como ele experencia a relação com a morte. Quem nunca se imaginou morto num caixão rodeado de pessoas que lamentam a grande perda? Ou então, desejou se livrar de uma situação que somente a morte seria capaz de solucionar? Não se trata, em geral, de um verdadeiro desejo de morte; é, antes, uma via imaginária de fuga ou a ilusão de obter heroicamente o reconhecimento que lhe falta em vida. Ugo Dotti irá resumir deste modo

⁴¹Diz o texto do *Zibaldone* (*Zib.* 137-140): “Enquanto eu estava desgostoso da vida, e de fato sem esperança e desejoso da morte, recebo uma carta daquele meu amigo, que havia sempre me confortado a esperar e pedido para viver, assegurando-me como homem de suma inteligência e de grande fama, que eu teria me tornado grande e glorioso para a Itália, em cuja carta dizia conceber muito bem as minhas desventuras, (Piacenza, 18 de Junho), que se Deus me mandasse a morte, eu a aceitasse como um bem, que ele esperava próxima para si e para mim pelo amor que me tinha. É possível acreditar que aquela carta, ao invés de me afastar mais da vida, reforçou meu afeto àquilo que eu já havia abandonado? E que, pensando às esperanças passadas, e aos confortos e presságios feitos a mim pelo meu amigo, que agora parecia não se importar mais em vê-los verificados, e nem com a grandeza que me havia prometido, e revendo caso a caso meus papéis e estudos, e recordando a minha infância e os pensamentos e os desejos e as belas visões e ocupações da adolescência, eu sentia o coração apertado de um jeito que não sabia mais renunciar à esperança, e a morte me assustava? não como morte em si, mas como anuladora de toda a bela expectativa passada. E aquela carta não havia me dito nada que eu já não me dissesse todos os dias, e estava de acordo com a minha opinião, nem mais nem menos.”

as reflexões sobre a relação com a morte, explicitadas no trecho citado do *Zibaldone*:

O que está distante parece desejável, mas de perto é monstruoso e intolerável; é possível desejar a morte quando ela é posta em certas perspectivas adequadas às próprias convicções e sensibilidade, mas é refutada enquanto anulação dos projetos de vida que os homens sonharam e ainda não puderam realizar; Leopardi confessa ter desejado a morte e ter sentido uma espécie de antecipação de seus prazeres; mas diz que se tratava de uma ilusão da imaginação, e que depois entrou em contato com outra realidade – outra *verdade* – que jazia no fundo de seu coração, constituída pelo sentimento da alegria de viver e de suas esperanças. (DOTTI, 1998, p. 18).

A propósito da passagem em que Giordani desejava a Giacomo a morte como fim da dor insanável, diz Filicaia que o episódio mancha, de certa forma, a "confiança absoluta de Giacomo na capacidade de compreensão humana" do mestre, que demonstra, por sua vez "não compreender que por trás do lamento de Giacomo houvesse um sistema filosófico-literário dos mais complexos": embora Giordani tenha sido, inegavelmente, o grande incentivador de Leopardi no início, e tenha sabido, como ninguém, apreciar sua grandeza como poeta e prosador, nunca conseguiu compreender a profundidade de Leopardi filósofo e teorizador da "infinita nulidade de tudo." (FILICAIA, 2006, p. 36)

Enquanto Leopardi continuava a divulgação do canto "Ad Angelo Mai", os frequentes extravios da correspondência o levam a pensar que sofresse censura, pois vários de seus interlocutores narravam receber cartas abertas. De fato, o livro enviado a Trissino, a quem era dedicado, jamais chegara à sua destinação, porque o Reino Lombardo-Vêneto havia proibido a sua circulação. Já em Bolonha, a canção parece ter-se alastrado e tido boa recepção, através da distribuição de Brighenti, que a anexara a alguns volumes do *Abbreviatore* e vendera outros tantos.

O retorno positivo recebido dos amigos, somado à resenha elogiosa da canção publicada no *Giornale Arcadico*, mantém Leopardi motivado em sua produção. A saúde parece equilibrada, e o ânimo, aceso, mas sereno, como de alguém que desiste de lutar contra os limites impostos pela vida, e, aceitando-os, vive mais tranquilamente. É o que demonstra a carta que abre o ano de 1821, e outras em torno ao tema da

fortuna, 'soberana da vida'. Diz Leopardi ao amigo Giordani aos 5 de janeiro de 1821:

Estou razoavelmente bem do corpo. O ânimo, após longuíssima e ferocíssima resistência, finalmente sujeitou-se e obedeceu à fortuna. Não gostaria de viver, mas tendo que viver, de que adianta resistir à necessidade? Esta não é possível vencer senão com a morte. Juro que a teria vencido há muito tempo, se estivesse certo de que a morte fosse um arbítrio meu. Não estando, só me resta ceder. Já nem creio que outra virtude me convenha senão a paciência, para a qual não nasci. Leio e escrevo e faço tantos projetos que, para colorir e terminar não somente os que rabisquei, mas delineei, imagino que não me bastariam quatro vidas. Embora eu compreenda, aliás, sinta todos os dias e intensamente a inutilidade das coisas humanas, ainda assim me aflige e me angustia a consideração do quanto se teria por fazer, e o quão pouco poderei fazer. Sobretudo porque esta única vida que a natureza me concede, a miséria (fortuna) entorpece e acorrenta, e a vejo escoar e evaporar entre as mãos, de modo que, enquanto aos meus projetos seriam necessárias muitas vidas, não terei nem mesmo uma. (*Epist.*, I, p. 472).

Apesar do discurso sobre a morte e sobre a pouca vida que lhe resta, a impressão que se tem é de que há tanta vida por trás dessas palavras. O texto é ritmado e tem forte carga poética. Por trás da acomodação aos limites externos, há uma vida mental intensa, um burburinho do pensamento que quer se realizar pela palavra, por isso tantos projetos que nem em 'quatro vidas' caberiam. De certa forma, Leopardi sintetiza neste trecho o conflito entre a própria finitude corpórea e a ilimitada vida do pensamento.

O escritor continua, ao longo do ano de 1821, a sua empreitada em busca de uma colocação em Roma. Em março, escreve a Angelo Mai e a Giulio Perticari, pedindo que intercedam em seu favor junto ao Cardeal Consalvi, Secretário de Estado do Vaticano, na tentativa de obter uma vaga de professor de Língua latina na Biblioteca Vaticana. Envia aos dois cartas de conteúdo e estrutura semelhante, bastante enfáticas e cuidadosamente articuladas, mas com linguagem e nível de

formalidade diferentes (embora Leopardi se coloque de maneira bastante humilde perante os dois, com Mai tem uma atitude reverente e extremamente formal, enquanto que com Perticari procura falar diretamente ao coração, pelo maior grau de intimidade).

Assim justifica a Mai o seu pedido de ajuda:

Monsenhor Veneradíssimo,

É sempre grave pedir, tanto para quem pede quanto mormente ao demandado. E mais ainda se quem pede não tem direito algum ao benefício e é o primeiro a pedir, como no meu caso. Pois desde que tive a fortuna de conhecer V.Sa. jamais tive ocasião nem força para lhe servir, se não pelo desejo, embora tenha sido por V.Sa. sempre sumamente ajudado. E agora, em vez de corresponder, vejo-me constrito a implorar um novo favor ao senhor. [...] Jamais teria me convencido a incomodar V.Sa. com este pedido e a confirmar a sua bondade com esta temerária e talvez presunçosa intimidade, se, por um lado, não houvesse conhecido por mil provas a **maravilhosa bondade do seu coração**, e se, por outro, **a infelicidade da minha vida não tivesse me impellido violentamente a isso.** (30 mar 1821. *Epist.*, I, p. 491, negritos meus).

E, a Perticari, deste modo:

Sr. Conde Estimadíssimo e Caríssimo,

É duro ter que pedir, e pior ainda a quem nada nos deve, pelo contrário, é credor há tanto tempo. Mas sua **maravilhosa benevolência** de um lado, e o **desespero de minha vida** de outro, fizeram-me ter força para que eu demande e peça, aliás, lhe suplique. Antes de mais nada, **peço perdão pela rudeza da minha escrita, pois a tristeza do espírito e a angústia das coisas não deixam tempo nem espaço para a consideração das palavras.** (30 mar 1821. *Epist.*, I, p. 493, negritos meus).

Leopardi faz, com leve diferença para os dois, uma longa consideração de sua vida e da aplicação extrema aos estudos, que

arruinou a sua constituição física e o fez sentir-se um velho aos 22 anos, tempo em que juventude deveria estar apenas começando. E que, diante da obstinação de seus pais de impedi-lo de sair de casa, a não ser que tenha um sustento próprio, vê-se obrigado a pedir ajuda para conseguir um emprego literário, se não quiser abandonar o fruto do sacrifício de anos, pois só na Literatura se vê. Ressalta a condição própria como a de alguém que não conta com apoio algum, e que vive ‘sepultado’ em uma ‘pequena cidadezinha’, em que nem mesmo o nome das letras se sabe, e na qual as pessoas de engenho são confundidas com os desocupados e ignorantes⁴².

Perticari esclarece, tratando Leopardi com muita proximidade na resposta, que a vaga era de ‘copista’, não de professor. Mas se comove com a carta do poeta (‘sua carta cortou meu coração’), e o encoraja a contrastar a ‘ré fortuna’ e a se mostrar digno da ‘palavra sábio’: “Deixe toda a tristeza e toda a melancolia que o oprime. A sabedoria é coisa grata e altíssima, que não se curva aos vãos temores e às vãs esperanças do vulgo. Acredite em mim.” (abr 1821. *Epist.*, I, p. 495). E, depois de desaconselhar o ambiente romano, tanto por conta das pestes e do ar insano, quanto pelo jogo de poder naquele ‘ninho’ que é o Vaticano, lhe oferece a sua casa, em Pesaro, onde vivia parte da família de Leopardi: “Venha, portanto, entre nós: e assim o novo céu, e os amigos novos, e as nossas vilas, e o nosso mar, e os nossos livros lhe irão tirar toda a amargura da alma; e talvez o convençam de que o uso mais útil da vida é conservá-la totalmente para a filosofia e para as letras” (abr 1821. *Epist.*, I, p. 496).

Leopardi responde com uma das cartas mais bonitas do período, com forte carga emotiva e trechos exemplares de sua prosa poética, como no parágrafo abaixo:

Meu caro conde, alguém disse com razão que aquele que não foi infeliz não sabe nada; mas é igualmente verdadeiro que o infeliz não pode nada: e por esse motivo creio sentar-se Tasso abaixo e não ao lado dos nossos três sumos

⁴² Em carta da mesma época a Brighenti, a propósito da ignorância e dos péssimos hábitos dos recanatenses, dizia Leopardi: “Propor-lhes a compra de um livro é o mesmo que convidá-los a fazer uma viagem à Meca ou a fantasiar-se na Quaresma [...]. Ficam atônitos, ou riem. Aqui todos os homens de qualquer idade, de qualquer classe, não conhecem, não pensam, não imaginam outra ocupação, em qualquer momento, a não ser estragar mulheres.” (*Epist.*, I, p. 489).

poetas, porque ele foi sempre infelicíssimo. Todos os bens deste mundo são enganos. Mas tirem-se estes enganos: que bem nos resta? onde nos reparamos? o que é a sabedoria? o que mais nos ensina além de nossa infelicidade? Em suma, o feliz não é feliz, mas o miserável é realmente miserável, por mais que a sabedoria, inclusive a mais miserável, se empenhe em consolá-lo. Houve um tempo em que eu confiava na virtude e desprezava a fortuna: agora, após uma longuíssima batalha, estou domado e estendido no chão, pois me encontro de tal modo que, se muitos sábios conheceram a tristeza e vaidade das coisas, eu, como tantos outros, conheci também a tristeza e vaidade da sabedoria. (De Leopardi a Perticari, 9 abr 1821. *Epist.*, I, p. 499).

Com o tempo, até as cartas mais formais ganham uma formalidade menos exagerada. Podemos dizer que Leopardi está mais à vontade na escrita e consegue se expressar de modo mais autêntico, através de uma linguagem que se caracteriza cada vez mais por uma maior simplicidade, clareza e fluência.

Essa carta de 9 de abril de 1821 é mais um exemplo do movimento de reflexão sobre questões da existência humana que parte do particular para o universal, num pensamento que flui de forma aberta e ritmada. À parte a atualidade de um tema como o da vaidade da sabedoria, há nela também um lamento sobre a própria impotência diante de um mundo infernal (imagem das tavernas e bordéis), no qual o autor não encontra o seu lugar (em meio à ignorância e frivolidade das pessoas):

As cortes, Roma o Vaticano? Quem não conhece aquele covil da superstição, da ignorância e dos vícios? Mas quase o mundo todo é purgatório. Este é mesmo inferno, onde é preciso que o homem cuide bem para não mostrar que sabe ler; onde não se discorre sobre outro assunto a não ser de nuvem e de sereno, ou então de mulheres, com as palavras das tavernas e dos bordéis; onde, por um lado, não resta ao homem de engenho outra ocupação que os estudos, outro repouso que os estudos e, por outro, falta aos estudos a esperança

da glória, último engano do sábio. (*Epist.*, I, p. 499)

A partir de 1821, segundo Laura Diafani, o léxico epistolar leopardiano, no qual eram recorrentes termos como “speranza”, “virtù”, “fortuna”, “ragione”, “natura”, passa a incorporar dois novos vocábulos “pazienza” e “riso”: o primeiro como forma de heroísmo, e o segundo como “estranhamento desesperado”, uma forma de vingança da inevitabilidade do mal (2000, p. 126-7). Por trás do acostumar-se com a má sorte, haveria um novo tipo de heroísmo expresso nas páginas do epistolário, e que carta a Brighenti de 22 de junho de 1821 retrata perfeitamente:

Aquele que disse que a vida do homem é uma guerra disse ao menos uma grande verdade, tanto no sentido profano quanto sacro. **Todos nós combatemos uns contra os outros, e combateremos até o último sopro, sem trégua, sem pacto, sem quartel. Cada um é inimigo do outro, e ao seu lado não tem ninguém a não ser si mesmo.** Exceto os pouquíssimos agraciados pelas faculdades do coração, que podem ter ao seu lado algumas pessoas: e o senhor, nesse aspecto, é superior a infinitos outros. De resto, **vencido ou vencedor, não se deve jamais cansar de combater, e lutar, e insultar e pisotear quem quer que ceda, mesmo que por um momento.** O mundo é assim, e não como o pintavam a nós, pobres crianças. **Eu estou aqui, escarnecido, cuspidor, chutado por todos, levando a vida inteira em um quarto, de modo que, só de pensar, me arrepio.** E todavia **estou me acostumando a rir,** e até consigo. Ninguém triunfará sobre mim até poder me esparramar pelos campos e se divertir ao fazer voar minhas cinzas no ar⁴³. (*Epist.*, I, p. 512, negritos meus).

⁴³O tema do destino de sofrimento e solidão do homem será aprofundado nos anos seguintes nos diálogos filosóficos “Storia del genere umano” e “Dialogo tra un fisico e un matematico”, só para citar duas das *Operette morali* em que esse tema é central.

Leopardi continua, neste período, uma produção incessante: a Giordani, diz estar preparando uma obra sobre as línguas grega, latina, italiana, francesa e espanhola⁴⁴, além de esboçar certas prosas “à maneira de Luciano” (*Epist.*, I, p. 519), em que trata dos gêneros filosófico e satírico (que ele próprio achou melhor deixar para o futuro⁴⁵). Deste período são as canções “Nelle nozze della sorella Paolina” (que, de fato, havia acordado um casamento, que acaba não se concretizando), “A un vincitore nel pallone” e “Bruto minore”. Também neste ano, por conta de um mal-entendido relativo a débitos que Monaldo havia contraído com Stella, a relação com o editor é interrompida e será retomada somente em 1825, ano em que Leopardi inicia uma série de trabalhos de grande fôlego para o editor, sobre os quais comentarei adiante.

O ano de 1822 marca a aproximação epistolar entre Leopardi e o quase coetâneo primo Giuseppe Melchiorri (1796-1856), filho da tia Ferdinanda Melchiorri, irmã de Monaldo Leopardi, que, seguindo a moda dominante em Roma, se dedicava aos estudos eruditos, históricos e de antiquariato. Com a viagem de Giacomo a Roma, que irá se realizar em breve, inicia também a correspondência com o principal núcleo do *Epistolario*, composto pelos familiares mais próximos: o pai Monaldo, os irmãos Carlo e Paolina Leopardi e a mãe Adelaide, da qual recebe, neste ano, a primeira das duas únicas cartas de que se tem notícia no *Epistolario*. Escreve neste ano os cantos “Alla Primavera o delle Favole antiche”, “Ultimo canto di Saffo”, “Inno ai Patriarchi”, e a prosa *Comparazione delle sentenze di Bruto Minore e di Teofrasto vicini alla morte*, além de traduzir, fingindo tratar-se de um texto do século XIV, o *Martirio de’ Santi Padri*. (*Epist.*, I, p. CXXI)

Melchiorri, que vinha escrevendo ao primo, pedindo sugestões em relação às pesquisas e traduções que fazia de inscrições gregas antigas, sobre as quais Leopardi pouco opina, por estarem fora de seu campo de atuação, o convida a colaborar com a revista romana *Effemeridi letterarie*, em nome de seu editor Filippo De Romanis. Também o tio Carlo Antici escreve ao sobrinho, pedindo para que preparasse uma lista com as obras compostas por ele até então, que seriam objeto de publicação no *Effemeride*, junto a um artigo sobre o *Il Trattato sulla Zecca recanatense*, que o pai Monaldo acabara de lançar.

⁴⁴ *Il Parallelo delle 5 lingue*, que Moroncini teria a associado a um concurso que ocorreria na *Accademia della Crusca* (*Epist.*, II, p. 2179, nota 409-2).

⁴⁵ Provavelmente aqui se refere a algum esboço das *Operette Morali*, escritas em grande parte, em 1824.

Leopardi, entretanto, prefere não divulgar suas obras juvenis, aliás, infantis, segundo ele, por considerá-las indignas do seu grau literário atual (excluindo desse conjunto somente os *Cantos*). Teria concordado com a reedição da tradução da *Batracomiomachia*, que Brighenti preparava, na época, depois de algumas alterações no manuscrito.

Em carta de 09 de junho de 1822, Giuseppe Melchiorri envia a Leopardi uma obra de seu amigo Pietro Visconti por intermédio de Carlo Antici, que se dirigia a Recanati, e com o qual havia conversado para que tentasse convencer Monaldo a deixar o primo ir para Roma.

Em outubro de 1822, Leopardi recorre a Melchiorri pedindo que lhe procure em Roma uma “pensão boa e discreta, em região não deserta”. Um quarto simples seria o suficiente, desde que não fosse no último andar. E fala de seus hábitos: “Eu como pouco, e não bebo vinho: faço uma refeição somente, com um pequeno jejum pela manhã. Diz-me a que preço se encontraria [...]. Eu viria a Roma lá pela metade de novembro.” (*Epist.*, I, p. 561)

1.2.7 As cartas de Roma (1822-1823)

De Spoleto, Giacomo escreve a Monaldo aos 20 de novembro de 1822 a caminho de Roma. Passados três dias, escreverá à mãe Adelaide, dando a notícia de que haviam chegado ‘sãos e salvos’ (*Epist.*, I, p. 562) à casa do tio Carlo Antici, que o hospedará até maio de 1823 (vê-se que Leopardi não consegue escapar à permanência em casa de familiares, como a carta a Melchiorri sugeria).

As cartas da fase romana, ou Cartas de Roma, como são conhecidas, compõem uma seção bem distinta do *Epistolario*, pois refletem o impacto do primeiro período de afastamento físico da casa paterna e o encontro com a grande cidade, narrado através dos acontecimentos e experiências concretas vividas pelo recanatenese (sem, para isto, prescindir das autoanálises características do Leopardi epistológrafo). Na vida pobre de acontecimentos da pequena Recanati, os interesses, os sonhos, as reflexões sobre si e sobre a vida dominam as páginas das cartas, enquanto a vivência na metrópole, especialmente em se tratando da primeira experiência de “contato real com o mundo”, introduz a dimensão de uma outra realidade externa que se impõe e é confrontada com o lugar idealmente imaginado para si, coroando, através da própria experiência de vida, uma fase do *Epistolario* que Diafani intitula “‘Tra vero e ilusioni’ (1820-1823)” (2000, p. 107).

São 55 cartas escritas por Leopardi, 44 delas destinadas aos familiares, predominando, portanto, “o circuito das relações afetivas na página epistolar” (DIAFANI, 2000, p. 129). Mas há boa variedade de

registros, considerando especialmente o grau de intimidade com o interlocutor e o assunto tratado. Entre os amigos, aos quais Leopardi escreve neste período, estão Brighenti, Cancellieri, Giordani, Niebuhr e Friedrich Tiersch; já as ‘cartas de serviço’, endereçadas a autoridades eclesiásticas, são para Ercole Consalvi e Capaccini⁴⁶.

As primeiras impressões de Leopardi, descritas à irmã Paolina em carta de 3 de dezembro de 1822 já dão uma ideia do que virá a ser a experiência romana. Sentindo-se estranho a si mesmo, perdido em meio a tanta confusão, desordem e amplidão, Leopardi se decepciona com os homens de Roma – fúteis e vazios – assim como é vazio o espaço arquitetônico em que se encontram:

Toda a grandeza de Roma não serve para outra coisa senão para multiplicar as distâncias e o número dos degraus que é preciso subir, se quiser encontrar quem quer que seja. Estas construções imensas, e, conseqüentemente, estas estradas intermináveis, são tantos espaços jogados entre os homens, ao invés de serem espaços que contêm homens. Não vejo que beleza há em colocar as peças de xadrez de tamanho normal sobre um tabuleiro tão largo e comprido quanto a praça de Nossa Senhora em Recanati. Não quero dizer que Roma me pareça desabitada, mas digo que, se os homens precisassem viver assim tão distantes, como se vive nesses palácios, e como se caminha por essas estradas, praças, igrejas, não bastaria o globo para conter o gênero humano. (*Epist.*, I, p. 576-7).

Na realidade, Leopardi sonhava em se aproximar do mundo dos homens sábios, doutos, de espírito elevado, como se ali pudesse vir a encontrar seus pares e sentir-se acolhido, identificado. Mas na grande cidade vê mesquinharia, tolices, diálogos vazios e espaços enormes e desabitados entre os homens – o que contribui ainda mais para ampliar sua visão sobre a solidão e o imenso vazio da existência humana. São várias as cartas desse período comentadas pela crítica, entre as quais, destaco a carta a Carlo em ocasião da visita ao túmulo de Tasso,

⁴⁶ Respectivamente, o Secretário do Estado Pontifício e o seu assistente, o minutor do Estado.

considerada a ‘obra-prima’ literária romana por Bini (1965, p. 178)⁴⁷, que comentarei, junto às outras cartas do período romano, no próximo capítulo dedicado ao *corpus* escolhido para a tradução.

Em Roma, Leopardi conhece palácios e monumentos importantes, frequenta teatros e a sociedade romana, acompanhando a família Antici; é um período marcado sobretudo pela colaboração com revistas como as *Effemeride letterarie* e a *Antologia*. Retoma a dedicação a textos filológicos, impelido pelo contexto romano, que tendia a valorizar a arqueologia e os estudos históricos, escrevendo sobre a *De re publica* de Cícero, e as *Annotazioni sopra la Cronica D’Euzebio*.

1.2.8 Depois de Roma, e a filosofia prática (1823-1825)

Em maio de 1823, Leopardi retorna a Recanati, mantendo a correspondência com os amigos feitos em Roma. Escreve ao primo Melchiorri, com quem se corresponde com frequência no período que segue, inclusive por conta da colaboração em comum ao *Effemeride letterarie* e da mediação do primo na revisão e publicação das empresas literárias encomendadas pelo amigo e editor Filippo De Romanis⁴⁸; a Brighenti, em torno à publicação dos *Cantos*, acrescidos de “Alla sua Donna”; a Bunsen, Jacopsen e Barthold Niebuhr, embaixador da Prússia em Roma e amante dos estudos históricos e arqueológicos, que se empenhava em ajudá-lo a conseguir um emprego como ‘cancelliere del censo’ no Vaticano; e ao tio Carlo Antici, a quem deve o favor de o ter lhe acolhido, e que continuará a aconselhar o sobrinho tanto na continuidade dos estudos, quanto nas escolhas que ele considera mais adequadas de trabalhos a realizar etc. É um período de intensa produção escrita, que irá culminar com a composição das *Operette morali* e com o *Discorso sopra lo stato presente dei costumi degli italiani*, em 1824.

A correspondência do período pós-romano mostra um Leopardi menos ansioso por se comunicar, e as cartas revelam um menor investimento, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, como se, a esta altura, o autor depositasse menores expectativas em seus interlocutores e se voltasse mais para dentro. Diz Diafani que é um

⁴⁷ Ver Walter Bini “Il periodo romano” in *Corso sul Leopardi*. Dispense redatte e curate da R. Cardin. Anno Accademico 1965-66, Edizioni dell’Ateneo di Roma e “Il capolavoro letterario romano: la lettera a Carlo del 20 febbraio 1823” in Bellucci, *Itinerari leopardiani* (2012), obra já citada.

⁴⁸ O editor romano irá publicar os ensaios já citados sobre as *Annotazioni sopra la cronica d’Euzebio* e *De Re publica* de Cícero.

recolhimento típico dos períodos de grande produção criativa do autor, também relacionado à crescente “consciência da realidade” que domina naqueles anos, restringindo, de certa forma, o impulso e a vontade de se comunicar (2000, p. 153). Assim como no ano de 1821, 1823 será um período de muitas anotações no *Zibaldone*.

Da casa paterna, Leopardi escrevia a Carlo Antici em 4 de maio de 1823 para avisá-lo da chegada e agradecer-lhe a acolhida, tentando suprir por carta o imenso débito que tinha com o tio, uma vez que “a natureza ou outra circunstância” havia-lhe sido avara quanto ao dom da palavra (*Epist.*, I, p. 710). Leopardi expressa aqui uma das heranças do período romano: a percepção de si próprio como alguém inábil para “tratar com os outros”, como um homem solitário.

Mais tarde, em carta a Giordani de 4 de agosto de 1823, Leopardi se declarava negado às relações humanas, depois de ter “experimentado que a natureza e os hábitos” o haviam feito de modo “a não poder ser nada” e a “não saber o que fazer com os homens”. E, embora não estivesse triste por retornar ao seu “sepulcro”, por nunca ter “sabido viver”, sentia falta da liberdade que tinha em Roma, e da sensação de poder viver nas praças, em meio aos homens, como quem vive em um “deserto” (*Epist.*, I, p. 737). É uma das poucas passagens entre as cartas do próximo período em que Leopardi se dedica à autoanálise:

Quando eu já me sentia velho, aliás, decrépito, antes de ter sido jovem, tive que exigir de mim mesmo os ofícios da juventude, que eu nunca havia conhecido. Mas nesta alma ela não podia encontrar lugar. E assim, por minha própria experiência, certifiquei-me de que a natureza ou o hábito fizeram-me de um jeito que não posso ser outra coisa a não ser nada [...]. E a presença dos homens, com os quais não sei o que fazer, é, como sabes, mais incômoda nas cidades pequenas, e principalmente na terra natal, do que nas capitais, onde é possível viver até no meio das praças como se estivesse em um deserto.” (*Epist.*, I, p. 737-8).

Tinha esperanças de que Niebhur lhe conseguisse o emprego de “cancellieri del censo”, mas, com a morte iminente do papa e a provável mudança de Secretário de Estado, qualquer tentativa lhe parecia vã. E comenta a sugestão que o embaixador da Prússia lhe dera de começar a frequentar a corte para que a sua estrada se abrisse aos empregos e honrarias: “eu queria alguma remuneração para poder ser livre e seguir

as minhas inclinações, não deixar as inclinações e a liberdade para ser remunerado.” (*Epist.*, I, p. 738).

Certa dificuldade nas relações sociais, motivada sobretudo pela sensibilidade extrema, já havia sido tema da correspondência anterior, se pensarmos nos conselhos que a tia Ferdinanda Melchiorri dava ao sobrinho para que moderasse na sensibilidade, antevendo nesta característica da personalidade uma provável fonte de sofrimento. Leopardi vinha cultivando nos diálogos epistolares a ideia da aceitação da própria sorte (“cedere alla fortuna”) e de certa indiferença em relação a si próprio para tentar viver melhor, além de incentivar o uso da filosofia diante da infelicidade⁴⁹. Nas cartas de Roma essa inadequação do homem sensível ao social se torna mais evidente e, na volta a Recanati, será o tema de uma carta ao jovem literato belga, André Jacopssen, longamente analisada por Diafani (2000, p. 155-162).

A carta de Jacopssen, em resposta a uma primeira carta de Leopardi (não presente no *Epistolario* porque perdida), insistia, segundo Moroncini, numa espécie de tentativa de busca “de sabedoria, de não sofrimento” diante da impossibilidade de atingir a felicidade (*apud* DIAFANI, 2000, p. 155). Mas, diferentemente de Jacopssen, que defende uma atitude de entrega incondicional e pacífica à própria sorte para amenizar o sofrimento, Leopardi, em tom afetuoso e solidário ao amigo, diz que se trata, na realidade, de cultivar uma sábia indiferença.

Para Leopardi, a maior das virtudes humanas estaria na sensibilidade, e esta seria a base de uma vida feliz, fundada em sensações, sentimentos e esperanças. Acontece que a sensibilidade não é comum a todos, e o contato com esta realidade faz com que ela se torne uma inevitável fonte de sofrimento, pois quanto mais sensível o homem, maior a consciência da nulidade e do vazio das coisas humanas. Ocorre, então, como forma de sobrevivência, desenvolver a “arte de não sofrer”, chamada por Diafani de “novo credo filosófico”, que consistiria na sabedoria de exercer o controle mental sobre os próprios sentimentos, ao invés de abandonar-se ao ímpeto e às paixões do coração. A autora comenta sobre a dificuldade que Leopardi demonstra ter, em sua experiência pessoal, de “viver as ilusões por um processo de abstração” (2000, p. 160 - 161), tentando deixar intacta a essência das emoções

⁴⁹ À irmã Paolina, que sofria por ocasião dos repetidos insucessos nas tratativas de casamento, dizia Leopardi em 28 de janeiro de 1823: “Mas, por amor a mim, quero que faças um esforço, uses um pouco a **filosofia**, procures te alegrar da melhor forma, como sei, por longa experiência, que é possível fazer mesmo no teu estado, assim como em qualquer outro.” (*Epist.* I, p.639, negrito meu).

boas e colocando-as, a salvo do contato com a realidade e da desilusão, num patamar acima da experiência mundana. Este mecanismo estaria na base da teorização sobre a fantasia e a felicidade, pois se a felicidade consiste nas ilusões, ela só poderia ser garantida pela imaginação.

A carta a Jacopssen, seguindo a análise de Diafani (2000, p. 164), estaria inserida numa linha temática do *Epistolario* que considera os fins terapêuticos da filosofia, e que, especialmente entre os anos de 1823 a 1827, vê na prática da filosofia estoica uma possibilidade de auxílio ao sofrimento do espírito humano⁵⁰.

Tal ‘filosofia prática’ parece inútil, porém, se aplicada aos assuntos amorosos. Ou, ao menos, é o que dá a entender o conselho de Leopardi ao primo Melchiorri, que lhe escrevera dando notícias da edição preparada por De Romanis e narrando o sofrimento amoroso que o acometia naqueles dias. Aliviado ao saber que a desventura à qual o primo se referia em carta anterior era coisa ligada ao amor, diz Leopardi em carta de 19 de dezembro de 1823:

O amor, mesmo profundo e desesperado, é sempre doce. Sou convicto demais, não digo da sua filosofia, pois a filosofia nestes casos não serve, mas da sua esperteza e conhecimento do mundo, para crê-lo capaz de se apaixonar de um modo que a paixão possa inquietá-lo. Caro Peppino, não estamos mais naqueles tempos. No comecinho da juventude isto pode acontecer: mas depois da experiência com as coisas é impossível ou demasiado fora da razão. (*Epist.*, I, p. 769).

⁵⁰Semelhante defesa desta prática filosófica estaria presente no Preâmbulo da tradução do Manual de Epíteto, realizada por Leopardi no final de 1825. Ver nota de Luporini (*apud* DIAFANI, 2000, p. 165). Há também, nestes anos, várias anotações no *Zibaldone*, que Leopardi indica especificamente como ‘para o Manual de filosofia prática’, que inicia com uma consideração sobre ‘ter perspectivas na vida para ser feliz’, em 28 de fevereiro de 1827 no *Zibaldone*: “Para o Manual de filosofia prática. Desejo natural, necessário, e perpétuo no homem, de um futuro melhor que o presente, por bom que o presente possa ser. Importância, então, de ter uma perspectiva e uma esperança para ser feliz.”, acessível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&hunk.id=d88e115212&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=filosofia%20pratica#12>, consultado em 20 de janeiro de 2015.

E, após confessar ter quase morrido de amor na juventude, diz que hoje em dia não sofreria nem morreria por uma mulher:

Ofenderia o seu bom juízo se lhe recordasse que as mulheres não valem a pena de amá-las e de sofrer por elas. Não posso acreditar que me responda que a sua é diferente das outras. [...] Você e eu devemos ter por axioma matemático que não há nem pode haver mulher digna de ser amada de verdade. [...] Alegremente, caro Peppino, riamos do mundo, e sobretudo das mulheres, que são feitas de propósito para isto” (19 dez 1823. *Epist.*, I, p. 769-70).

A veia sarcástica na consideração sobre as mulheres é pungente, mas parece em consonância com o mecanismo do riso como antídoto contra o sofrimento, já mencionado em carta anterior a Brighenti. Há que se considerar também que neste período, mais exatamente em setembro de 1823, Leopardi se dedica ao *Volgarizzamento della satira di Simonide sopra le donne*, e que está em curso a elaboração mental de seus diálogos morais, de gênero satírico.

Com as observações de Brighenti, que compara os teólogos a pessoas obstinadas como as mulheres, Leopardi concorda e acrescenta ironicamente: “É mais fácil arrancar-lhes os dentes da boca que uma opinião da cabeça. Embora eu acredite que seja melhor ter que se relacionar com as mulheres, e até com o diabo, do que com eles.” (3 abr 1824. *Epist.*, I, p. 796). O assunto em pauta eram os problemas com a censura relativa ao ensaio⁵¹ que se desejava incluir no novo volume dos *Cantos*, de cuja edição Brighenti vinha se ocupando. Sempre em tom irônico, diz Leopardi: “Eu, caro amigo, tenho um grandíssimo vício, e é que não peço licença aos frades quando penso nem quando escrevo, e por isto, quando quero publicar, os Frades não me dão licença para fazê-lo” (*Epist.*, I, p. 796).

A propósito desta edição dos *Cantos*, são interessantes as cartas trocadas entre Leopardi e Brighenti entre o final de 1823 e meados de 1824, que tratam das questões envolvidas na preparação do volume, e mostram o zelo com que Leopardi acompanha a publicação de obras suas, com indicações precisas de detalhes (entre os quais: não usar “j”; uma estrofe por página; sem adornos, que são de “mau gosto”; prosas com o mesmo caractere que as poesias; numeração progressiva das notas

⁵¹ *Comparazione delle sentenze di Bruto Minore e di Teofrasto vicini a morte.*

de rodapé, que devem ter um caractere especial; palavras sublinhadas em cursivo) e, sobretudo, do cuidado na correção e com a pontuação (“não há uma vírgula que não foi pensada e repensada” *Epist.*, I, p. 764). Depois de todas estas recomendações, Leopardi ainda pede para ler o resultado antes da encadernação, enviado por correio em poucas folhas por vez.

Deste período é também famoso um trecho de carta a Melchiorri, que contém, segundo Diafani, a única informação sobre o método de composição do autor reccanatese (2000, p. 172). O primo havia lhe escrito em 28 de fevereiro de 1824, encomendando versos fúnebres para um volume que se preparava em Ferrara em ocasião da morte do jovem Orazio Carnevalini, ao que Leopardi recusa, atribuindo a si a incapacidade de compor sob encomenda:

Não escrevi em minha vida senão pouquíssimas e breves poesias. Ao escrever não segui outra coisa que a inspiração (ou frenesi), chegada a qual, em dois minutos eu formava o desenho e a distribuição de toda a composição. Feito isto, costume sempre esperar que volte outro momento de criatividade, e quando volta (o que geralmente não ocorre se não dali a alguns meses), ponho-me então a compor, mas com tanta lentidão que não me é possível terminar uma poesia, mesmo brevíssima, em menos de duas ou três semanas. Este é o meu método, e se a inspiração não nasce por si só, é mais fácil sair água de um tronco que um só verso de meu cérebro. Os outros podem poetar sempre que querem, mas eu não tenho esta faculdade de modo algum, e por mais que você me pedisse, seria inútil, não porque eu não queira contentá-lo, mas porque não conseguiria. (*Epist.*, I, p. 792-3).

Em maio de 1825, após um período de interrupção, Leopardi retoma a correspondência com Stella, editor milanês. Stella lhe escrevera, pedindo a sua opinião em relação a vários aspectos envolvidos em um projeto seu de publicação das obras de Cícero. Leopardi responde minuciosamente, comentando, especialmente, os problemas relativos à fixação e escolha dos melhores textos (originais) e à inexistência de uma tradução italiana que não “peque gravemente” (18 mai 1825. *Epist.*, I, p. 891) quanto à exatidão e ao entendimento

verdadeiro do sentido do texto. Não perde a oportunidade de se oferecer tanto para fixação e seleção dos melhores originais quanto para traduzir algumas obras, trabalho que poderia fazer somente se estivesse em Milão.

Após algumas cartas, em que Leopardi finalmente deixa clara a intenção de realizar a empreitada, para a qual pretendia como retribuição casa, comida e as despesas de viagem, Stella pede que ele parta imediatamente para Milão. Recorre à ajuda do tio Carlo Antici para providenciar com urgência um passaporte que lhe permita “partir, residir e voltar”. Diz ao tio: “Se for necessário especificar o motivo da viagem, o senhor pode dizer que vou *para assistir à edição de todas as Obras de Cícero empreendida pelo Sr. A. F. Stella.*” (18 jun 1825. *Epist.*, I, p. 897). Ao tio Ettore Leopardi, pede uma ajuda “pequena ou grande” para realizar a viagem:

O senhor sabe o estado de nossa família, e conhece bem o motivo pelo qual não ouse importunar meus pais com certos pedidos. Se o senhor puder me dar alguma coisa para esta viagem, me faria um grande favor, pelo qual eu lhe professaria uma cordialíssima e terníssima gratidão, que faria crescer os sentimentos de amor e reconhecimento que já lhe tenho. (s.d., mas jul 1825. *Epist.*, I, p. 901).

1.2.9 Viver da própria escrita (1825-1837)

Inicia aqui uma série de viagens de Leopardi, que continuarão até o fim de sua vida: nos próximos anos, viverá em Bolonha, Milão, Florença, Pisa, Roma e Nápoles, com breves retornos a Recanati. Mas são poucas as notas relativas aos trajetos em si, a não ser os relatos dos incômodos do calor, do frio, da precariedade do transporte e das instalações em que pernoitavam, das companhias, nem sempre agradáveis, nos vários dias necessários para se chegar de um ponto a outro. Começa a se concretizar também um projeto que Leopardi sonhara para si: viver da própria escrita.

Em 19 de julho de 1825, Leopardi escreve ao pai Monaldo, contando-lhe ter chegado cansado, mas com saúde, em Bolonha. Ainda não sabia se seguiria para Milão ou se retornaria à casa (dependia de outra permissão para seguir viagem). Continua em Bolonha ainda por alguns dias e, ao pai, escreve “derretendo de calor”, mas bem; está com problemas de prisão de ventre, coisa que nunca tinha tido na vida. Diz-

se tentado a permanecer em Bolonha, “cidade calmíssima, alegríssima, hospitaleiríssima” (*Epist.*, I, p. 703), onde foi muito bem acolhido, mas que o compromisso assumido com Stella o impede de ficar. São quatro dias de viagem em carroça (para realizar um trajeto que hoje em dia se faz em três horas de trem): parte de Bolonha no dia 26, passando por Modena (27), Parma (28), Piacenza (29) e chegando finalmente a Milão no dia 30 de julho de 1825.

Francesco Botti, na apresentação de um volume dedicado à correspondência entre Leopardi e Stella⁵², dirá, especialmente nas observações relativas à ida de Leopardi a Milão em busca de uma oportunidade de trabalho autônomo, que é admirável que um nobre de uma “província pontifícia marginal” fosse profissionalmente motivado como o era Leopardi. E irá destacar o período em Milão como uma experiência em que o “último guardião da grande tradição clássica” experimenta uma “incipiente produção industrial e tendencialmente de massa” (BOTTI, 1997, p. 9), caracterizada pelos empreendimentos editoriais modernos presentes na cidade em tempos de Restauração, literalmente da “biblioteca paterna à tipografia”, segundo ele. E irá destacar, com relação às escolhas editoriais de Leopardi, a “extraordinária confiança na validade (...) da ética antiga e de sua meta-histórica sabedoria antropológica” em pleno século XIX, em que o máximo do saber humano – vide carta a Giordani de 24 de julho 1828 – consistia em “conhecer a política e a estatística” (BOTTI, 1997, p. 13)

Da casa da família Stella, que o hospeda, Leopardi escreve ao irmão Carlo no final de julho de 1825, contando a impressão que a metrópole lhe havia causado, já demonstrando preferir Bolonha, pela qual ‘suspira’:

Numa primeira impressão, não me parece possível durar aqui nem mesmo uma semana, mas como a experiência me ensinou que minhas desesperações nem sempre são razoáveis e nem sempre se concretizam, ainda não ousou afirmar nada [...]. Suspiro, porém, por Bolonha, onde fui quase festejado, onde fiz mais amizades em nove dias que em Roma em cinco meses, onde não se pensa em outra coisa senão em viver alegremente sem diplomacias [...], onde os homens de engenho são convidados para almoçar nove dias por semana,

⁵²*Signore ed Amico amatissimo. Lettere all'editore Stella*. Coletânea de cartas com introdução de Francesco Paolo Botti. Venosa: Florença, 1997.

onde Giordani me garante que eu viveria melhor do que em qualquer outra cidade da Itália [...]. (31 jul 1825. *Epist.*, I, p. 911).

A acolhida tida em Bolonha parecia incomparável e, aqui, Leopardi inicia um retrato das duas cidades, em que contrapõe as características positivas de Bolonha às negativas de Milão: Milão é uma espécie de Paris, um Jardim de *Tuileries*; em Bolonha tudo é belo e nada magnífico; em Milão, o belo é estragado pela magnificência e pela diplomacia; em Bolonha os homens são “vespas sem ferrão” (tamanho a bondade do coração: “uma raça humana diferente”), em Milão, os homens são “*partout ailleurs*” e “te olham da cabeça aos pés” (31 jul 1825. *Epist.*, I, p. 912).

Aos 7 de setembro de 1825 escreve, ainda de Milão, carta a Monaldo, Carlo e Paolina. Ao pai diz que espera partir em um mês, mas tem dificuldades, pois Stella quer que ele permaneça, e tem sido muito cortês, e Leopardi confessa não saber dizer não, quanto mais a quem o trata bem. Com os irmãos, retoma os temas da filosofia e da indiferença. Com Paolina brinca, dizendo que a irmã, às voltas com um possível casamento, será felicíssima com o marido se persistir nas suas “máximas filosóficas e rirá dos boatos e dos homens [...]”. (*Epist.*, I, p. 937). Enquanto a Carlo continua o retrato dos homens de Milão, que só pensam em si, de modo que não há vida social, só os passeios nas praças e os cafés. Mas diz não ter-se sentido “inferior a ninguém” nas sociedades em que esteve, nem em Bolonha nem em Milão, fato que atribui à “perfeitíssima indiferença” que eles tanto desejaram, e que ele finalmente conquistou e enraizou “de um modo que não há mais risco” (*Epist.*, I, p. 937).

Depois de passar três dias na estrada entre Milão e Bolonha, Leopardi escreve a Monaldo, em 3 de outubro de 1825, contando que alugara um apartamentinho na casa de uma “ótima e amabilíssima família” (*Epist.*, I, p. 948), que irá servi-lo e dar-lhe de comer, já que ele não gosta muito de aproveitar os convites para almoçar fora de casa. Stella lhe dará dez *scudi* por mês, por conta do trabalho feito, além do que conseguirá outros ganhos realizando a leitura de latim com um riquíssimo senhor grego e com uma hora e meia de aulas de latim e grego por dia ao Conde Papadopoli, que se tornará um caro amigo de Leopardi. Dizia ao pai: “Não busco outra coisa senão liberdade. E poder estudar sem enlouquecer. Mas realmente não encontro em lugar nenhum nem a liberdade nem as comodidades da minha casa [...]” (3 out 1825; *Epist.*, I, p. 948).

Soa um tanto falsa a afirmação de que não encontra ‘em lugar algum nem a *liberdade* nem a comodidade de sua casa’, mas, embora possamos dizer que a permanência em Bolonha tenha sido das mais felizes do poeta fora de Recanati, passado um tempo, ele já começa a dizer-se melancólico e saudosos do lar. Parece oscilar entre o bem-estar e o sofrimento pela distância de casa, e tende, muitas vezes, a acentuar a melancolia e o amor à família nas cartas. Há que se considerar, porém, a apreensão constante de Monaldo quanto ao adiamento de um retorno do filho, somado aos juízos negativos que o pai faz das atividades exercidas por Giacomo fora de casa (considera, por exemplo, indigno de um nobre dar aulas particulares, além de condenar a humilhação de pôr-se a serviço de um “editor mercante”⁵³ (De Monaldo a Giacomo Leopardi. 6 out 1825. *Epist.*, I, p. 954). Tudo isto exerce uma pressão e torna o já tão marcado conflito de Giacomo em relação ao pai ainda mais forte.

Também nas cartas ao irmão Carlo, Leopardi parece atenuar as eventuais conquistas ou prazeres de estar fora, como uma espécie de culpa por estar vivendo a vida que sonhou para si, deixando o irmão na ‘prisão da casa paterna’: “Vêm-me lágrimas aos olhos ao escrever teu nome”. Fala de um novo amigo, Antonio Papadopoli, quase da idade de Carlo, generoso e de princípios virtuosos, “capaz de ser um amigo verdadeiro” (*Epist.*, I, p 959), embora a amizade com o irmão seja incomparável:

[...] nenhuma amizade jamais será como a nossa, que é fundada em tantas lembranças, que é tão antiga quanto o nosso nascimento, que se um de nós pedisse ao outro todo o seu sangue, este estaria pronto a dá-lo, e aquele já certíssimo de obtê-lo. Mas, em suma, não me falas nada de ti. O que fazes, Carluccio, meu caro? Por que não me escreves sobre tudo, sobre as coisas tristes e alegres? Crês talvez que não me importe? (De Giacomo a Carlo Leopardi. 10 out 1825. *Epist.*, I, p 959).

⁵³ A alcunha de “editor mercante” era dirigida obviamente a Stella, para quem Leopardi realiza trabalhos de grande envergadura nesta época. “Para Stella, em Bolonha, Leopardi continua a dirigir a edição das obras de Cícero, traduz o *Manual de Epíteto* (22 de novembro a 6 de dezembro de 1825), que inauguraria a projetada e nunca realizada “*Scelta dei moralisti greci*”, e apronta o comentário às Rimas de Petrarca, que sai em junho de 1826.” (DIAFANI, 2000, p. 186, nota 35).

As cartas passam a dar conta de aspectos mais práticos da vida. Segundo Diafani, “dominam, em vez das reflexões interiores, as questões econômicas, as tentativas de trabalho, as renúncias e sacrifícios pela dificuldade financeira”; os “esforços literários” sustentados nos trabalhos para Stella, as “chatíssimas aulas” ministradas, “os inconvenientes da saúde e do frio” (2000, p. 186).

A Carlo, na carta de 10 de outubro de 1825, escreve:

Levanto às 7. Deço logo ao café para o desjejum. Depois estudo. Às 12 vou à casa de Papadopoli, às 2, do Grego. Volto para casa às 3. Vou almoçar às 5, geralmente em casa e, se tenho convites, me aborrecem. À noite passo como Deus quer. Às 11 vou para a cama. Eis a minha vida. As aulas que me quebram o dia entediam-me terrivelmente. Fora isto não teria do que me lamentar. (*Epist.*, I, p. 959).

Em outubro de 1825, Leopardi escrevia a Bunsen, secretário da embaixada prussiana em Roma, com quem estreitara amizade na capital e vinha se correspondendo, sobretudo por questões ligadas a possíveis vagas de emprego. Bunsen havia acenado sobre a possibilidade de Leopardi ocupar uma cátedra na Universidade de Roma, que o poeta recusa, explanando com toda delicadeza os motivos:

[...] ouso fazê-lo observar que a permanência em Roma, especialmente no verão, é pouco adequada ao meu temperamento e à minha saúde assaz frágil; por outro lado, não sei quanto uma cátedra me poderia convir por duas razões: uma física, isto é, a grandíssima fraqueza de meu peito, e a outra moral, isto é, minha pouca atitude na relação com os estudantes, sempre insolentes, devido à timidez natural do meu caráter. Duvido ainda que a remuneração ligada às cátedras desta Universidade possa bastar para me manter em Roma. (24 out 1825. *Epist.*, I, p. 975).

Mas se diz interessado em uma vaga que soube disponível na Academia de Belas Artes de Bolonha, cidade mais adequada ao seu modo de vida e onde poderia viver, inclusive, com menos. Pede que o amigo interceda junto à Secretaria de Estado para que lhe seja destinado

o cargo de Secretário da Academia, que lhe custaria menor esforço, considerando o estado delicado de sua saúde.

Bunsen aguardava uma resposta, confirmando os cargos, mas, gentilmente, já deixara à disposição de Leopardi um crédito bancário para que ele pudesse viajar para Roma, acreditando que ele quisesse assumir imediatamente o ofício. Na realidade, nenhuma das oportunidades irá se concretizar, pois, embora fossem reconhecidas as qualidades intelectuais e a erudição do poeta, o teor de oposição ao regime monárquico, que os governantes viam nos *Cantos*, e a proximidade e amizade com certas pessoas⁵⁴ despertavam a desconfiança em relação à moral leopardiana, e daí a preferência por mantê-lo sob os olhos e o controle do Estado em Roma (o que também não ocorre, porque não se consegue para a cátedra romana uma remuneração que Leopardi considere suficiente⁵⁵).

De novembro de 1825, por sua vez, é uma carta de Leopardi endereçada ao irmão Carlo, em que pede o envio de vários manuscritos, de 1815 em diante, deixados em uma cômoda de casa, pois se preparava em Bolonha uma edição com todas as obras do Conde G. Leopardi, com “retrato, acenos biográficos e todas as cerimônias.” (9 nov 1825. *Epist.*, I, p. 990). O irmão que, ajudado atentamente por Paolina, reúne todo o material, não deixa de dar a sua opinião sobre a empreitada:

Non nego que esta edição me pareça um pouco prematura, especialmente pelos acenos biográficos, mas talvez este seja, justamente, o seu atrativo principal. No mais, lembro-me bem de onde estamos e em que tempos, e com que modos é preciso prover a própria fama aqui. Quanto ao interesse, não sei se é teu, mas certamente a empresa não será sem vantagens. (De Carlo a Giacomo Leopardi, 14 nov 1825. *Epist.*, I, p. 995).

Leopardi responde assim à observação do irmão: “[...] não nego que a coisa seja prematura, mas agora é preciso fazer assim, e, depois, o meio certo para conquistar fama é dizer ou mostrar tê-la, como eu já sabia antes, mas ultimamente tenho me certificado cada vez mais por mil exemplos.” (23 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1004). E, animado, dá notícia dos trabalhos que vinha realizando para Stella e dos que havia publicado no *Nuovo raccoglitore*; que se encontrava bem em meio a literatos que o

⁵⁴ Provavelmente se referiam a Pietro Giordani, defensor de ideias liberais.

⁵⁵ Ver nota 770-1 *Epist.*, II, p. 2229.

tratavam com deferência e o visitavam espontaneamente, mas fala das lembranças de Recanati despertadas em seus passeios no campo: “No mais, suspiro todos os dias por rever vocês, os meus caros, e em certos passeios solitários que tenho feito por estes campos belíssimos não busco outra coisa senão lembranças de Recanati.”⁵⁶ (23 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1004).

Ao “Amadíssimo Senhor Pai”, em carta conjunta, Giacomo respondia às considerações positivas que o pai fizera sobre a cátedra de Roma, especialmente quanto à estabilidade de trabalhar para o Governo, mas diz que não há o que fazer com um emprego cujo salário não basta para viver, e que só agora se sentia melhor de saúde, dando detalhes do problema que vinha sofrendo no intestino:

[...] a viagem que fiz neste verão curou-me de qualquer outro incômodo, mas me causou um aquecimentozinho no intestino que depois sempre me perseguiu. Em Milão o incômodo não foi grave e o ignorei, mas desde que voltei a Bolonha, foi sempre aumentado, de modo que, por certo tempo, devido à forte prisão de ventre, eu não podia fazer as necessidades senão com o uso de laxantes. (23 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1003).

⁵⁶Na casa paterna, por sua vez, os irmãos não parecem muito animados com situação atual. Diz Carlo, sempre impetuoso: “Teria muito prazer em ver tudo o que publicaste, mas quem me fala agora de prazeres? Realmente parece-me ver que a presunção da fortuna contra mim esteja um pouco singular – que essa infame faça do seu modo, desde que te acaricie e me deixe a esperança – sim, a esperança, mesmo que tiver que ser vã [...]. Que morra sempre a resignação e quem me caluniar crendo-me adaptado.” E encerra, irônico: “Fica bem, e se me amas, **caga**: permite-me rir um pouco, só falando de ti e contigo o faço; de resto, o riso agora é desconhecido em meus lábios; pode confirmá-lo quem escreve depois de mim.” (30 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1011, negrito meu). Paolina, mais comedida, resume o estado de ânimo dos irmãos: “Oh sim, posso te garantir que há três dias ele não ri mais, porém espero que não passem muitos para que o riso compareça aos seus lábios; um grande contentamento para nós nunca houve, e nossos dias são tomados por um tédio terrível, que quase já se tornou incurável, aliás, o será certamente se durar mais um pouco este teor de vida.” (30 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1012). Os dois dependiam da realização de um acordo para se casar e sair de casa, mas o caso de Paolina era mais ‘desesperador’ por conta do pequeno dote que possuía, única coisa que interessava nos matrimônios da época, segundo ela.

Aos 9 de novembro de 1825, Leopardi recebia, por intermédio de carta de Federico Petrilli, o diploma de sócio-correspondente da Academia Latina de Roma, conferido por seus méritos literários. Era o terceiro diploma atribuído ao escritor, que já havia recebido honraria semelhante da Academia de Ciências e Artes de Viterbo e da Academia Truentina de Ascoli. Leopardi escreve ao Presidente da Academia, Carlo Emanuele Muzzarelli, agradecendo a honra do título e dos versos dedicados a ele, lamentando-se não poder responder à altura por ter “dado adeus às musas”:

Esta é a primeira vez que sinto por ter dado adeus às musas, ou melhor, pelas musas me terem abandonado completamente, deixando-me a alma fria e ocupada somente pelo tédio e pela melancolia; e sinto não poder responder às gentilíssimas expressões das suas estrofes na língua do parnaso, como gostaria. (*Epist.*, I, p. 1007).

E pede licença para publicar os versos⁵⁷ “para testemunhar ao mundo que a virtude e a nobreza do espírito ainda vivem na Itália.” (9 nov 1825. *Epist.*, I, p. 1007).

De Monaldo, em 23 de dezembro de 1825, vem a notícia do falecimento do tio Ettore, último representante da geração mais velha que a do pai, de modo que ele, Monaldo, passa a ser o próximo para o qual “se abrirá o túmulo” (*Epist.*, I, p. 1031). Assim o pai dá a notícia da morte do irmão querido em tom religioso, como tantas vezes usava adotar com o filho: “[...] terça-feira, 13 do corrente, sua urina inesperadamente parou, e tudo foi inútil para fazê-la funcionar. Sofrendo com admirável paciência, munido tantas vezes com os Santos Sacramentos, passou à vida eterna na noite do dia 20, três quartos de hora depois da Ave-maria.” (*Epist.*, I, p. 1031).

Giacomo lamenta não ter podido reabraçar o tio, que lhe queria tão bem, e é solidário com o sofrimento do pai. Escreve-lhe com o costumeiro tom cerimonioso, mas a certa altura, a exemplo do que acontecerá em situações extremas, como a perda de um irmão, em 1828, Giacomo se dirige a Monaldo com o afetuoso “caro Papà” (em lugar do ambíguo “Carissimo Sig. Padre”). Pede-lhe, porém, que não escreva

⁵⁷Al Conte Giacomo Leopardi, de fato, sairá no *Caffè di Petronio* em 17 de dezembro de 1825. (*Epist.*, II, p. 2230, nota 779-2)

mais expressões como as que a sua carta trazia (referindo-se a ser o ‘próximo para o qual se abrirá o túmulo’):

Pense, querido Papai, que ferida [essas expressões] causam em um coração que o ama mais que a si mesmo, no coração de um filho que cederia de bom grado o seu sangue (lhe juro)⁵⁸ em troca de um único dia de sua vida. Que o senhor tenha pensamentos um pouco mais agradáveis, e se convença de que seu filho não tem nada mais caro e mais adorado no mundo do que o senhor, assim como não tem desejo maior que apertá-lo novamente entre os braços. (25 dez 1825. *Epist.*, I, p. 1034).

Com a morte do tio, ficam disponíveis dois benefícios eclesiásticos que Ettore recebia: o primeiro deles rapidamente destinado, por questões práticas, a Pietruccio (irmão mais novo de Giacomo, que já desmonstrava inclinações religiosas); o outro, o pai pretendia destinar a Giacomo, mas pedia a sua confirmação, pois provavelmente, para recebê-lo, teria de passar a usar “hábito e tonsura” (13 jan 1826. *Epist.*, I, p. 1047) e se comprometer a realizar certas tarefas cotidianas (“recitar todos os dias o Ofício divino”, ou seja, rezar a missa). Leopardi agradece a oferta do pai, mas considera as atividades religiosas inconciliáveis com sua vida de então. O episódio ilustra uma tradição da sociedade religiosa da época, mas também a distância que os planos de Monaldo para o filho tinham da realidade de Giacomo, que jamais teria aceito um encargo como esse.

De Florença, no início de março de 1826, Vieusseux anunciava a Leopardi a publicação, no n. 61 da *Antologia* de alguns diálogos retirados do manuscrito que Giordani lhe confiara. Tratava-se de um *Primo Saggio* de três *Operette morali: Dialogo di Timandro e di Eleandro, Dialogo di Cristoforo Colombo e di Pietro Gutierrez e Dialogo di Torquato Tasso e del suo Genio familiare*. Com a carta, aproveitava para convidar Leopardi a visitar a Toscana na primavera e lhe perguntava se não gostaria de escrever para o jornal: “Suponho que fazer a análise crítica, ou a resenha de obras históricas, morais,

⁵⁸ Note-se que os parênteses são bastante usados nas cartas ao pai, como uma espécie de confirmação e reforço da verdade dos próprios sentimentos positivos dirigidos a ele.

filosóficas, seria o que mais poderia lhe agradar, enquanto, sem dúvida, conviria essencialmente ao objetivo da *Antologia*.” (1 mar 1826. *Epist.*, I, p. 1094). E propõe que Leopardi inicie com a análise de uma obra sobre filosofia moral de Bozzelli, para a qual previa a remuneração de um valor por página de impressão. Esclarece a sua ideia:

Várias vezes pensei em ter como correspondente um *hermite des apennins*, que lá de seu eremitério criticaria a nossa *Antologia*, flagelaria nossos péssimos costumes, nossos métodos de educação e de pública instrução [...] Um outro eremita do Arno poderia lhe responder. Você seria o eremita dos Apeninos. [...] Vamos, ótimo Conde meu, ajude-me nesta minha empresa [...] (1 mar 1826. *Epist.*, I, p. 1094).

A correspondência entre os dois iniciara no ano anterior, intermediada pelo amigo em comum Giordani. Leopardi, na realidade, não estava nada satisfeito com a publicação em separado dos três diálogos sob o título de “primeira amostra” das *Operette*, além do que, relata ao próprio Vieusseux ter se sentido humilhado pelos numerosos erros de impressão e pela “ortografia bárbara” que reinava no volume (*Epist.*, I, p. 1095). Agradece, entretanto, a carta amorosa de Vieusseux e demonstra estima pelo amigo, mas nega o convite de escrever para o jornal, por conta dos empenhos já assumidos e dos problemas de saúde que o impossibilitavam de assumir compromissos regulares com tempo determinado.

Sobre a ideia de ser o eremita dos Apeninos, a considera oportuna, mas diz: “para que este bom Eremita pudesse flagelar nossos costumes e nossas instituições, conviria que, antes de se retirar em seu eremitério, tivesse vivido no mundo, e tivesse tomado parte nem pequena nem accidental nas coisas da sociedade” (4 mar 1826. *Epist.*, I, p. 1096), o que não era o seu caso. Faz um belíssimo retrato de si, de sua forma de estar no mundo e de ver os homens, que não combina com a filosofia do jornal⁵⁹:

⁵⁹Segundo Diafani, nessa consideração “Leopardi conta a Vieusseux como a sua atenção esteja voltada ao fundo de vanidade das coisas humanas, que anula o valor daqueles aspectos que os colaboradores da *Antologia*, por sua vez, elegeram como objeto de estudo.” (2000, p. 197)

Minha vida, antes por necessidade das circunstâncias e contra a minha vontade, depois por inclinação nascida do hábito convertido em natureza e tornado indelével, sempre foi, é, e será perpetuamente solitária, até em meio à conversação, na qual, para dizê-lo em inglês, sou mais *absent* do que possa ser um cego ou um surdo. Este vício da *absence* é em mim incorrigível e desesperado. [...] Deste hábito e desta característica nasce naturalmente que os homens são aos meus olhos o que são na natureza, isto é, uma minúscula parte do universo, e que as minhas relações com eles e as relações entre eles de fato não me interessam, e, por não me interessarem, não as observo a não ser superficialmente. Por isto, esteja certo de que em toda filosofia social eu sou um verdadeiro ignorante. Entretanto sou acostumado a observar-me continuamente, ou melhor, a observar o homem em si e, do mesmo modo, as suas relações com o resto da natureza, das quais, com toda a minha solidão, eu não posso me libertar. Considere certo, portanto, que a minha filosofia (se quiser honrá-la com este nome) não é do gênero que se aprecia e agrada neste século; mas é útil a mim mesmo, pois me faz desprezar a vida e considerar todas as coisas como quimeras, e assim me ajuda a suportar a existência; mas não sei quanto possa ser útil à sociedade e convir a quem deva escrever para um Jornal. (De Leopardi a Viessesux, 4 mar 1826. *Epist.*, I, p. 1096-7).

Nesta passagem emblemática do *Epistolario*, Leopardi expõe, numa fala clara, despida de mascaramentos, a sua solidão como ser humano. É bem verdade que ele não seria exatamente negado a uma filosofia social, como afirma, se considerarmos a perspicácia com que é capaz de analisar a si e as relações humanas. Mas o hábito da solidão, segundo ele, transformado em aspecto natural de sua personalidade, o fez, em suas próprias relações, pouco hábil para “tratar” com os homens (como vemos em algumas cartas romanas e pós-romanas) e, do ponto de vista das relações sociais, fez com que centrasse a sua atenção no “homem em si”, naquilo que descobre penetrando a própria interioridade, questionando-se sobre os mecanismos da vida que desiludem o prepotente instinto humano à felicidade”, como afirma

Diafani (2000, p. 197). A imagem de alguém que se encontra ausente (*absent*), mesmo na presença dos outros, estende a inabilidade em ‘tratar’ com os homens de seu círculo de relações a uma descrença de Leopardi na possibilidade de um ‘encontro’ verdadeiro com os homens de seu tempo, não só do ponto de vista da empatia com a sua pessoa, mas também da percepção de mundo e das relações humanas, das ideias e interesses literários.

No *Zibaldone di pensieri* encontramos, em 12 de maio de 1825 (antes, portanto da carta a Viessesux citada), uma anotação que trata exatamente da necessidade da solidão para o filósofo, em especial, para o metafísico. Segundo Leopardi, o homem “especulativo e reflexivo”, tendo que viver no mundo, se põe naturalmente a refletir sobre os homens e a relação entre eles. E acaba deste modo restringindo o seu campo de observação, pois as relações humanas representariam somente uma parte das relações que o homem tem com o “resto da natureza”. E define o campo de interesse do metafísico, com quem parece se identificar:

[...] interessa-lhe a especulação e a cognição de si mesmo como si mesmo; dos homens como parte do universo; da natureza, do mundo, da existência, coisas para ele (efetivamente) bem mais graves que os mais profundos assuntos relacionados à sociedade. Em suma, pode-se dizer que o filósofo, e o homem reflexivo com o hábito de vida social, quase não pode deixar de ser um filósofo social (ou psicólogo, ou político etc.); com o hábito da solidão se torna necessariamente um metafísico. E se antes ele era filósofo social, depois, com o hábito da solidão, à medida que o tempo passa, ele se volta insensivelmente à metafísica e finalmente faz dela o tema principal de seus pensamentos, e o grato e favorito. (*Zib.* 4138-9).

É notável nas cartas pós-romanas certa falta de vontade de ‘tratar’ com os homens, que nas páginas do epistolário leopardiano se reflete em cartas mais voltadas a aspectos concretos e banais da vida. Leopardi fala menos de si, um hábito que tinha, no início do *Epistolario*, ligado à necessidade de se apresentar ao mundo e de estabelecer elos, mas que, com o passar dos anos, acaba sendo uma forma de compartilhar a própria experiência com os outros, e, através das reflexões suscitadas, ajudá-los.

Eram anos em que Leopardi havia mudado o foco de seus estudos: mantinha-se distante da poesia e de qualquer coisa que tivesse um quê de “afetuoso e de eloquente”, e voltava o seu interesse o ‘verdadeiro’ (“*il vero*”), agradando-lhe cada vez mais “descobrir e tocar com a mão a miséria dos homens e das coisas [...], especulando este arcano infeliz e terrível da vida do universo”, como já apontava em carta a Giordani de 6 de maio de 1825: “Bem percebo que, mortas as paixões, não resta aos estudos outra fonte e fundamento de prazer que uma vã curiosidade, cuja satisfação tem muita força para deleitar, coisa que tempos atrás, enquanto havia em meu coração uma última centelha, eu não podia compreender.” (*Epist.*, I, p. 885).

Um lampejo de ilusão, porém, havia ocorrido ao conhecer Teresa Carniani Malvezzi, nobre senhora bolonhesa casada e apaixonada por literatura e filosofia, cujo salão Leopardi começara a frequentar em sua permanência em Bolonha. Em carta a Carlo, de 30 de maio de 1826, Leopardi falava da intimidade e do coração ressuscitado a partir da relação com essa mulher, que não era jovem, mas cuja “graça e espírito supriam a juventude” e criavam uma “ilusão maravilhosa”, tornando-se, no momento, “grande parte da sua vida”:

Confessamos todos os nossos segredos, nos reprendemos, falamos de nossos defeitos. Em suma, tê-la conhecido constitui e constituirá uma época bem marcada da minha vida, pois desenganou-me do desengano, convenceu-me de que há realmente no mundo prazeres que eu acreditava impossíveis, e de que eu sou ainda capaz de ilusões duradouras, apesar da cognição e do hábito contrário tão enraizado; e ressuscitou meu coração, depois de um sono, aliás, uma morte total, que durou tantos anos. (*Epist.*, I, p. 1171).

A relação com Malvezzi não irá durar muito⁶⁰ e nem nos dará a chance de ler uma carta de amor, exemplar ausente no *Epistolario*. Mas

⁶⁰ Aliás, termina mal o relacionamento com a senhora bolonhesa, cuja afinidade e correspondência parecem não ter passado de uma ilusão. Em carta de outubro daquele ano à própria Malvezzi, Leopardi declarava não estar magoado pelo fato de ela ter afirmado que a conversa privada com ele a entediava, e pedia permissão para ir cumprimentá-la, antes de seu retorno a Recanati. (s.d., mas out 1826. *Epist.*, I, p. 1260). Mais tarde, em carta ao amigo Papadopoli, de 21 de maio de 1827, não poupa palavras ao negar que tivesse intenções de revê-la

em breve veremos, especialmente nas cartas à irmã Paolina, escritas de Pisa, o retorno da poesia, que andava adormecida, numa fase que Diafani intitula “O ressurgimento das paixões” (2000, p. 199).

Do ano de 1826, destaco ainda uma carta a Carlo Pepoli, que preparava a edição de versos de Leopardi⁶¹, e para o qual o poeta compõe “Al Conte Carlo Pepoli”, que irá recitar na *Accademia dei Felsinei*, da qual o amigo era o vice-presidente, em fevereiro daquele ano. A Pepoli envia em outubro daquele ano uma breve biografia sua, com as “notícias pouco notáveis” de sua vida, narrando, em seguida suas principais publicações até o momento⁶²:

Nascido do Conde Monaldo Leopardi de Recanati, cidade da Marca de Ancona, e da marquesa Adelaide Antici da mesma cidade, aos 29 de junho de 1798, em Recanati.

Viveu sempre na cidade natal até a idade de 24 anos.

Preceptores não teve, senão para os primeiros rudimentos que aprendeu de pedagogos, mantidos expressamente em casa por seu pai. Entretanto, fez uso de uma rica biblioteca reunida pelo pai, homem amante das letras.

Nessa biblioteca passou a maior parte de sua vida, enquanto e quanto lhe permitiu a saúde, destruída por seus estudos, que começou independentemente dos preceptores, com a idade

em Bolonha: “Como pode te passar pela mente que eu continue visitando aquela puta da Malvezzi? Quero que o meu nariz caia se, desde que soube das fofocas que ela fez de mim, voltei a vê-la ou voltarei algum dia; isto se não falo dela todo o mal possível. Outro dia, ao encontrá-la, virei o rosto para o muro para evitá-la”. (21 mai 1827. *Epist.*, II, p. 1324)

⁶¹*Versi del Conte Giacomo Leopardi* (Stamperia delle Muse, Bolonha), com os seis idílios, as duas elegias, os *Sonetti in persona di ser Pecora fiorentino beccaio*, a terceira tradução da *Guerra dei topi e delle rane* e a *Satira di Simonide sopra le donne*. (*Epist.*, I, p. CXXIII)

⁶²As traduções: *Guerra dei topi e delle rane*, de 1816, e *Inno a Nettuno*, supostamente traduzido do grego, de 1817; o segundo livro da *Eneida*, de Homero; as *Annotazioni sopra la Cronaca di Eusebio*, publicada em 1818 e depois em 1823; os *Cantos*, em sua primeira publicação de 1820 e na versão mais completa de 1824; o *Martirio de' SS. Padri del Monte Sinai e dell'eremo di Raitu*, suposta tradução em italiano do século XVI, de 1826; coletânea de opúsculos morais na *Antologia* e no *Nuovo Raccolgitore*, além dos *Versos* (várias poesias), de 1826.

de 10 anos, e continuou depois sem repouso, fazendo disso sua única ocupação.

Depois de aprender, sem mestre, a língua grega, deu-se seriamente aos estudos filológicos, e perseverou nestes por 7 anos; até que, com a vista arruinada e obrigado a passar um ano inteiro (1819) sem ler, voltou-se a pensar, e se afeixou naturalmente à filosofia, à qual, juntamente com a bela literatura, seguiu quase exclusivamente até o presente.

Aos 24 anos foi para Roma, onde recusou a carreira eclesiástica e as esperanças de um rápido avanço que lhe foi oferecido pelo cardeal Consalvi, mediante vivos pedidos feitos em seu favor pelo Conselheiro Niebuhr, então enviado extraordinário da corte da Prússia a Roma.

Voltando à terra natal, foi para Bolonha etc. [...]. (s.d., mas out 1826. *Epist.*, I, p.1257).

Na poesia “Al Conte Carlo Pepoli”⁶³, Leopardi parte da vida nobre de Carlo Pepoli para expor o seu pensamento filosófico, que sustentava a tese geral da impossibilidade de os homens atingirem a felicidade, independentemente da vida que levavam, tema que vinha surgindo em várias cartas e havia sido foco de sua atenção no *Zibaldone* desde 1821, quando iniciam, no “diário intelectual”, as reflexões em torno ao amor-próprio, ao prazer e à felicidade, intensificadas em 1823, e que prosseguem em 1825 e 1826, com as anotações sobre as distrações e ocupações externas e a sua relação com a atenuação da infelicidade. Segundo Leopardi, os homens nunca poderão atingir a felicidade, e vivem infelizes. A natureza deu ao homem uma vida cheia de necessidades, de modo que, tomados pelo esforço de satisfazer tais necessidades, possam afagar o ardente desejo de felicidade que sempre se reapresenta e aflige o homem, jogando-o em um estado de necessidade e de dor. Mas diz Leopardi que nenhum tipo de trabalho ou ocupação pode fazer com que o homem atinja a felicidade, pois ela é fugidia e inatingível por natureza. As ‘ocupações externas’ seriam somente formas de manter distraídos com ‘vida real’ os homens sensíveis, evitando os fantasmas do pensamento (13 jul 1826. *Zib.* 4187).

⁶³ De acordo com Ugo Dotti, o canto a Pepoli constitui um verdadeiro terreno para o ressurgimento da poesia em Leopardi, em especial quando conclamava a sua milagrosa futura ressurreição. Ver Leopardi. *Canti* (org. Ugo Dotti). Milão: Feltrinelli, 1993, p. 72.

Leopardi, que havia enviado recentemente a Stella as últimas correções a realizar no segundo volume de seus comentários às rimas de Francesco Petrarca⁶⁴, em breve partirá para Recanati, e escreve ao pai no dia 1 de novembro de 1826, avisando que faria uma viagem pausada para “fazer e renovar amizades.” (*Epist.*, II, p. 1261)

O retorno à terra natal fora apenas uma forma de “fugir do frio”, como afirma o próprio Leopardi à Antonietta Tommasini, que, juntamente com a filha Adelaide Maestri, será sua fiel amiga de Bolonha, com quem começa a se corresponder nesse período, correspondência que irá durar até o fim da vida do autor. Essa, aliás, refere-se frequentemente à afinidade que sente pelo amigo Leopardi, pessoa com quem dizia se entender muito bem tanto nas conversas instrutivas como nos diálogos sobre as dores que os afligiam naqueles tempos: “Certamente não é fácil encontrar pessoas com quem temos afinidades no modo de sentir; e quando encontramos, creio que seja uma das coisas mais felizes que possa acontecer”. (16 dez 1826. *Epist.*, II, p. 1278)

Leopardi permanece em Recanati por todo o inverno, até abril de 1827, mas já programa voltar à Bolonha, e talvez prosseguir para Florença assim que chegasse a primavera. Enquanto isso, trabalha na antologia de poesia italiana⁶⁵, que sairá em 1828, mas já se lamenta com o editor Stella, que preparava a edição com as 24 primeiras *Operette morali*, de sua permanência no ‘sepulcro de vivos’: “[...] eu, e minha saúde em si, não podemos tolerar essa cidadezinha sem nenhum tipo de distração, afastadíssimo de qualquer relação literária, morto de fato, desprovido de qualquer novidade, verdadeiro sepulcro de vivos”. (9 fev 1827. *Epist.*, II, p. 1293)

⁶⁴ Os comentários às *Rime di Francesco Petrarca* sairão logo depois da antologia italiana de prosa (*Crestomazia italiana cioè scelta di luoghi insigni o per sentimento o per locuzione raccolti dagli scritti italiani in prosa di autori eccellenti d'ogni secolo per cura del Conte Giacomo Leopardi*), trabalhos que o autor executa para o editor Stella em troca de uma retribuição mensal. Alguns meses antes, o envio do primeiro volume de comentários a Petrarca havia suscitado no pai certa perplexidade pela ausência do nome de Recanati no frontispício da obra, à qual o filho responde, justificando que pareceria “afetação nomear a pátria” (terra natal), mas que quando publicasse as *Operette* num só corpo o faria. (3 jul 1826. *Epist.*, I, p. 1194)

⁶⁵ *Crestomazia italiana poetica cioè scelta di luoghi in verso italiano insigni o per sentimento o per locuzione, raccolti e distribuiti secondo i tempi degli autori, dal Conte Giacomo Leopardi.*

Em 27 de abril de 1827 chega a Bolonha e se hospeda na *Locanda della Pace*, pensão em que aluga um quarto. Ali encontrará Stella, com quem irá tratar da continuidade de sua colaboração. Poucas são as cartas desse período, pois logo Leopardi decide partir para Florença, em que pisará pela primeira vez aos 23 de junho de 1827.

A fluxão (congestão) nos olhos, que o afligira no passado, volta a incomodar, e Leopardi escreve tanto à família como ao amigo Brighenti dizendo-se muito melancólico por conta dos problemas na vista, que o obrigam a recusar convites e o impedem de ler os jornais e de sair durante o dia e conhecer a cidade, além de ‘faltar com a educação’, deixando sem resposta várias cartas de pessoas queridas (8 set 1827. *Epist.*, II, p. 1377). Leopardi frequenta, na época, o Gabinetto Vieusseux, e narra à irmã ter sido muito bem acolhido pelos literatos florentinos⁶⁶.

No início de agosto de 1827, Stella lhe escreve, dando notícias da repercussão das *Operette morali*, recém-publicadas, que vinham recebendo críticas positivas, embora, segundo ele, a Itália não estivesse acostumada a esse gênero de leitura (1 ago 1827. *Epist.*, II, p. 1357). Crítica contundente, porém, viria de Niccolò Tommaseo, que assim escreve ao editor milanês: “Li o livro do Conde Leopardi: pareceu-me o livro mais bem escrito do nosso século; mas os princípios, todos negativos, não fundados na razão, mas somente em algumas observações parciais, difundem nas imagens e no estilo uma frieza que dá arrepió, uma desolante amargura”. (*Epist.*, II, p. 2275 nota 1115-1).

Com o avançar do outono, Leopardi já planejava passar o período mais frio do ano fora de Florença, possivelmente em Massa Carrara. Mas, convencido por amigos, decide passar o inverno de 1827 em Pisa, de onde escreve para a irmã Paolina, fazendo um retrato desta que é um

⁶⁶A propósito das idas de Leopardi ao *Gabinetto Vieusseux*, uma nota dos organizadores do *Epistolario* traz uma descrição que Mario Pieri (1776-1852) havia feito do visitante, curiosa pelos detalhes não só dos dons literários do recanatense, como de seus aspectos físicos e de temperamento: “Bela companhia esta noite em casa Vieusseux! [...] O conde Leopardi de Recanati, jovem provido de ótimas letras e de gosto clássico e não romântico, grande helenista, e escritor de versos e prosas elegantes e ornadas de fortes e generosos conceitos, jovem, em suma, singular inclusive pela idade, que creio não ultrapasse os 26 anos. Pena que ele não tenha a saúde perfeita! O ar do semblante é vivo e gentil, o corpo é um tanto defeituoso pela altura dos ombros, o trato, doce e modesto: fala bem pouco, tem a cor pálida, e parece-me melancólico. Tentarei conhecê-lo melhor, pois já sinto simpatia por ele”. (*Epist.*, II, p. 2273, nota 1098-1)

misto de cidade grande e pequena, cheia de vida, clima ameno e bela língua:

O aspecto de Pisa me agrada muito mais do que o de Florença: o beira Arno é um espetáculo tão bonito, tão amplo, tão magnífico, tão alegre, tão sorridente, que enamora: não vi nada semelhante nem em Florença nem em Milão nem em Roma; e realmente não sei se em toda a Europa se encontram muitas vistas como esta. Ali se passeia no inverno prazerosamente, pois há quase sempre um ar de primavera: de modo que, em certas horas do dia, aquela região é cheia de vida, cheia de carroças e de pedestres; ali se ouvem falar dez ou vinte línguas; ali brilha um sol belíssimo entre o dourado dos cafés e das lojas cheias de preciosidades, e nas vidraças dos prédios e das casas, todas de bela arquitetura. Além do mais, Pisa é um misto de cidade grande e de cidade pequena, de cidadezinha e de vilarejo, um misto tão romântico, que nunca havia visto. A todas as outras belezas se acrescenta a bela língua. E depois, se acrescenta que eu, graças a Deus, estou bem; que como com apetite; que tenho um quarto voltado ao poente, que dá para uma grande horta, com uma grande abertura, tanto que é possível ver o horizonte, o que é preciso esquecer em Florença.” (12 nov 1827. *Epist.*, II, p. 1400).

Também a Adelaide Maestri e a Vieuiseux escreve carta em tom semelhante, encantado com o sol, o céu, os contornos do Arno e a mistura romântica de urbano e rústico da cidade à beira-rio. Sergio Solmi dirá que neste trecho à Paolina, assim como em outras passagens semelhantes, a propriedade do discurso produz “aquele efeito singular de aproximação” que não crê ter encontrado noutra lugar senão nos diários stendhalianos (SOLMI, 1977, p. XIV). De fato, o trecho provoca no leitor a sensação de experimentar o que o poeta sente, tão vivas são as imagens e sensações descritas.

Da Toscana, Vieuiseux se lamenta da ausência do poeta recanata-se nas noites do *Gabinetto*, dizendo considerar o amigo um dos pouquíssimos homens com os quais teria o prazer de conviver (13 nov 1827. *Epist.*, II, p. 1404). Leopardi responde lisonjeado pelo afeto demonstrado nas palavras do amigo, àquela altura da vida, mais

importante para ele do que a própria estima: “Você me enche de orgulho quando fala do desejo que sente da minha companhia. Digo orgulho, pois atualmente tenho mais consideração pelo afeto do que pela estima dos homens; e por isto, teria maior conceito de mim mesmo se acreditasse ser capaz de fazer-me amar que de fazer-me estimar”. (16 nov 1827. *Epist.*, II, p. 1407)

As cartas do poeta escritas em Pisa terão como característica geral uma maior leveza e a expressão franca dos próprios sentimentos, como se realmente os afetos estivessem mais vivos. Cito em particular, uma resposta dada por Leopardi ao pai Monaldo, que, nas palavras de Paolina, estava bravo e emburrado (*‘col muso’*) (18 nov 1827. *Epist.*, II, p. 1409) com o filho, pelo fato de ele não ter retornado a Recanati para passar o inverno, e que havia lhe escrito, lamentando-se das poucas e breves notícias que o filho costumava dar⁶⁷. Na realidade, Monaldo parece se dar conta de que a vida do filho a esta altura havia se tornado independente, e faz disso um discurso dramático: “[...] reflito com grande dor que, se nas boas estações você deve estar fora para se aproximar dos literatos, e para acudir às Letras, e nas más estações deve estar fora para evitar nosso clima demasiado rigoroso, o local e a estação para vivermos juntos serão o Paraíso e a eternidade.” (15 dez 1827. *Epist.*, II, p. 1433). Leopardi lhe responde, justificando a ida a Pisa com uma espécie de resumo da relação entre os dois, em tom amoroso, mas bastante franco:

Caríssimo Sr. Pai,

A sua última caríssima não deixou de me entristecer sensivelmente pelas repreensões que, apesar de amorosas, contém. O senhor me repreende pela aridez das minhas cartas, que provém da falta de assunto e é comum a todas as

⁶⁷ Escrevia Monaldo em 15 de dezembro de 1827: “[...] parece que as minhas cartas incomodem-no, e que você as responda forçado, como os versos latinos dos jovens, quase como se seu coração encontrasse algum empecilho para se aproximar do meu, que gostaria de ser visto por você uma só vez e em um só lampejo, e isto lhe bastaria. Ultimamente, então, calei-me com você por mais tempo que o normal, pois desagradou-me mais que um pouco não revê-lo este ano, e ouvir que iria a Massa Carrara, e depois a Pisa, sem que eu soubesse de nada, e sem que a minha vontade sobre o seu ir e vir, e estar nessa ou naquela cidade, fosse considerada nem mesmo como se considera Pilatos no credo [...]” (*Epist.*, II, p. 1433)

minhas cartas, pois minha vida é monótona e sem novidade. O senhor gostaria que eu visse o seu coração por um só momento, e, a este propósito, permita-me que eu faça um protesto e uma declaração, que de agora em diante possa iluminar para sempre o meu modo de sentir em relação ao senhor. Digo-lhe, então, e lhe protesto com toda a verdade possível, diante de Deus, que eu o amo tão ternamente quanto é ou foi jamais possível a um filho amar seu pai; que eu sei clarissimamente o amor que o senhor me tem [...]. Se o senhor, porém, deseja de vez em quando mais confiança em mim, e mais demonstrações de intimidade em relação ao senhor, a falta destas coisas não provém de outro fator senão do hábito adquirido desde a infância, hábito imperioso e invencível, pois antigo demais, e iniciado há tempo demais.” (24 dez 1827. *Epist.*, II, p. 1436).

Após um longo raciocínio baseado em fatores climáticos da terra natal, prejudiciais à própria saúde, e favoráveis, por sua vez em Pisa, onde “não deixo de passear duas a três horas em um só dia” (*Epist.*, II, p. 1436), Leopardi jura não ter maior desejo que o de estar próximo à família e que, *quando puder* viver em Recanati com saúde suficiente, renunciará “ao prazer e à vantagem de viver em um lugar onde é admirado, procurado, quase cortejado, em vez de ser desprezado e evitado como sempre foi necessariamente em Recanati [...]” e ali se estabelecerá, para viver ao lado do pai para sempre (*Epist.*, II, p.1438). O tempo verbal indica uma hipótese futura (“quando io possa vivere a Recanati con salute sufficiente”), que a própria argumentação de Leopardi desmonta. E, embora o filho enumere ao pai as renúncias e sacrifícios que teria que fazer para tornar a viver em Recanati, há na expressão a ambiguidade de quem precisa preservar a relação e não diz ao pai o que outros correspondentes ouviriam a respeito do “natio borgo selvaggio”. Somente anos depois, Leopardi irá admitir em carta ao pai sua impossibilidade de voltar a viver de modo estável em Recanati.

A *Crestomazia di prosa*, publicada pelas prensas do editor Stella, vinha tendo boa repercussão e provavelmente seria adotada nas escolas do Reino Lombardo-Vêneto. Paolina e Carlo acompanham de longe os passos e a produção do irmão, comentam suas publicações, encarregam-se de envios de manuscritos e se lamentam da brevidade de suas cartas. Leopardi, preocupado com os estudos e a conclusão da antologia poética

que vinha preparando, parece ter pouco tempo a dedicar à escrita epistolar e, em geral, limita-se aos aspectos práticos da vida.

Pilla (Paolina) escreve ao “Caro Muccetto” (apelido carinhoso de Leopardi), mantendo-o informado das notícias de casa e da cidade, mas diz invejar seus ‘passeios eternos’ e, num anseio de participar daquela outra realidade, pergunta ao irmão quando ele a fará conhecer aquele lado do mundo em que vive? (15 fev 1828. *Epist.*, II, p. 1454). A ela, Giacomo confessará em carta de 25 de fevereiro de 1828, o retorno do sonho e da imaginação: “Sonho sempre com vocês, dormindo e acordado; tenho aqui em Pisa uma rua especial, que chamo de *Rua das Remembranças*: lá vou passear quando quero sonhar de olhos abertos. Garanto que, em matéria de imaginação, pareço ter voltado ao meu bom tempo antigo.” (*Epist.*, II, p. 1459). A Carlo Pepoli, por sua vez, fala da “doce melancolia” ao agradecer os versos que o amigo dedicara a ele:

Li e reli [os versos] com muito prazer, primeiro porque são coisas tuas, depois porque demonstram o amor que tens por mim, finalmente porque me fascinam aquela melancolia doce e aquela imaginação forte e calorosa que neles reinam. Desejo de coração que possas gozar perpetuamente tanto de uma quanto da outra; e com isto, creio ter dito muito, pois até a melancolia doce foge das desventuras reais e da melancolia negra e dura. (25 fev 1828. *Epist.*, II, p. 1461).

Muito em breve, em 2 de maio de 1828, Giacomo escreverá a Paolina, anunciando que havia terminado a *Crestomazia poetica* e que, passados dois anos, voltara a escrever versos ‘realmente à antiga’, com o coração de um tempo (*Epist.*, II, p. 1480). Deste período são os poemas “Il risorgimento” e “A Silvia”.

As doenças e males físicos, porém, continuam a ser tema recorrente nas cartas aos amigos e familiares, sejam eles provenientes de inflamações no intestino, dores no baixo-ventre, bronquite (“reuma”⁶⁸),

⁶⁸Segundo o *Dizionario Enciclopedico delle Scienze, Lettere ed Arti compilato per la prima volta da Antonio Bazzarini* (1834, vol. VI, p. 517): “*Reuma*. 2. Sinônimo de catarro: abusa-se da palavra como sinônimo de reumatismo ou semelhante. Diz-se também [...] *reuma di petto*, para a bronquite e a pneumonia crônica [...]”. De fato, futuramente em cartas ao pai, Leopardi referirá ter tido

problemas nos nervos⁶⁹ (identificados aqui com dificuldades digestivas) ou na vista, que novamente o impedem de se dedicar aos estudos e de ter o mínimo prazer cotidiano⁷⁰. É comum Leopardi narrar ter ficado duas, três semanas de cama por conta de uma gripe, de frieiras, de catarro no peito. As doenças, o tratamento e a cura acabam revelando outra dimensão do tempo e dos cuidados com o corpo na época.

Também a sensibilidade extrema, que leva a uma dor generalizada, é um aspecto físico que surgirá em cartas posteriores⁷¹ de Leopardi, a ponto de provocar a desconfiança da própria mãe, a quem ele responde, em tom fúnebre, numa de suas poucas cartas à Adelaide Antici, escrita mais tarde, de Florença:

Quisera Deus que os meus males viessem somente da fantasia porque o meu aspecto é bom. Parece impossível que se acuse de imaginária uma incapacidade assim terrível de qualquer mínima aplicação dos olhos e da mente, uma infelicidade de viver assim completa como a minha. Espero que a morte, que sempre invoco, entre os outros infinitos bens que aguardo, faça-me também isto:

um ‘reuma di petto’, problema respiratório que o aflige frequentemente desde a infância.

⁶⁹ A Antonietta Tommasini, Leopardi escrevia em 31 de janeiro de 1828: “Não posso fixar a mente em um pensamento sério por um único minuto sem sentir se mover uma convulsão interna, e sem o estômago se embrulhar, a boca ficar amarga, e coisas desse tipo.” (*Epist.*, II, p. 1451). Pouco depois, escreve a Adelaide Maestri, dizendo estar bem, mas que seus *nervos* o atormentam sempre, que não consegue digerir, apesar de caminhar com frequência. (5 mar 1828. *Epist.*, II, p. 1464)

⁷⁰ Em carta de 5 de maio de 1828 a Giordani, o poeta se diz melancólico por conta da saúde, e sente a ausência do amigo, que, à parte a sua família, seria o único homem em cujo amor acredita encontrar refúgio: “uma coluna *em que a cansada vida minha se apoia*”. Segundo nota dos editores, trata-se de citação de trecho do *Canzoniere* de Petrarca (*Epist.*, II, p. 2290, nota 1249-1). Nesta carta, Leopardi se lamentava com o amigo: “Minha vida é tédio e pena: pouquíssimo posso estudar (...). Minha saúde é tal que torna impossível qualquer prazer (...); se não quero morrer, é preciso que eu não viva.” (*Epist.*, II, p. 1481).

⁷¹ Como a Tommasini, em 19 de junho de 1830: “*Todos os meus órgãos são sãos, dizem os Médicos, mas nenhum pode ser usado sem grande sofrimento por causa de uma extrema, inaudita, sensibilidade, que de três anos para cá cresce obstinadíssimamente a cada dia: quase todas as ações e sensações me dão dor.*” (*Epist.*, II, p. 1736)

convencer os outros da verdade das minhas penas.
(28 mai 1830. *Epist.*, II, p. 1734).

Por problemas de saúde, em meados de 1828, falece Luigi, um dos irmãos mais jovens de Leopardi, que se vê impedido⁷² de se unir à família no momento do luto. Várias cartas de consolo são trocadas entre Giacomo e Monaldo, que recomenda ao filho viajar somente quando sua saúde permitisse e o calor estivesse ameno o suficiente para enfrentar a estrada. As cartas do pai demonstram sua devoção religiosa, à qual Leopardi responde à altura, sofrendo à distância, mas “resignado ao desejo divino” (18 mai 1828. *Epist.*, II, p. 1489). É uma das raras ocasiões no *Epistolario* em que Giacomo se dirige ao pai, chamando-o de “Caro Papà”, que passa a usar mais frequentemente dali em diante:

Caro Papai, bem sei que almas sensíveis, em casos desta sorte, quase se envergonhariam de si mesmas se tentassem subtrair-se à dor que sentem e se admitissem algum alívio: parece um sacro dever abandonar-se inteiramente [...] ao pensamento que nos aflige. Mas não posso deixar de lhe pedir que procure um pouco de distração: e o ânimo encontrará menor dificuldade em me atender, se pensar que eu lhe peço por um motivo tão sacro e terno quanto o que causa a sua dor; peço-lhe, não por amor a si mesmo, mas por amor a nós, que [...] sentiríamos apagada e mutilada a nossa vida se no senhor se apagassem a saúde. (26 mai 1828. *Epist.*, II, p. 1492).

Da casa paterna, Carlo justifica o longo silêncio ao irmão:

Não te escrevi por tanto tempo, porque havia me tornado um nada devido ao desespero. Agora que a dor me fez voltar a ser algo, sou algo tão

⁷² Enquanto Leopardi aguardava condições favoráveis para viajar a Recanati, recebe um convite de Tommasini para passar o verão com eles no campo em Bolonha, ao qual responde: “Perdi um irmão na flor da idade; minha família está em pranto, não espera outro consolo possível senão o meu retorno. Eu me envergonharia de viver, se não estivesse impedido, por uma perfeita e extrema impossibilidade, de misturar minhas lágrimas com as dos meus caros.” (5 ago 1828. *Epist.*, II, p. 1543)

miserável, tão incapaz de se comunicar, de receber ou dar outras impressões senão de morte, que achei melhor continuar a silenciar. (27 mai 1828. *Epist.*, II, p. 1493).

A caminho de Recanati, Leopardi sai de Pisa e passa um período em Florença, até que haja condições climáticas ideais para seguir viagem. No final de novembro de 1828, inicia a sua última e penosa permanência na terra natal, que irá durar até abril de 1830. É um período que dedica à composição de vários poemas, entre os quais “Le ricordanze”, “La quiete dopo la tempesta”, “Il sabato del villaggio” e “Canto noturno di un pastore errante in Asia” e corresponde-se, entre outros, com Giovanni Rosini, de quem terminava a revisão de um livro, feita por amizade, com Antonio Ranieri, Vincenzo Gioberti, Karl Bunsen, Vieuksseux e Pietro Colletta.

As páginas do *Epistolario* mais uma vez se enchem de melancolia, atribuída ao estado de sua ‘pobre saúde’, misturada com o desânimo e certa resignação ao exílio que lhe foi destinado na própria terra. A Brighenti comunica a chegada a Recanati como quem chega ao ponto final: “Cheguei há poucos dias, e **aqui ficarei** não sei quanto, **talvez sempre.**” (28 nov 1828. *Epist.*, II, p. 1582). Ao “Caro General”, como costumava chamar Colletta, diz Leopardi aos 16 de dezembro de 1828: “De mim não queira que eu fale: **este ar me faz mal**, como sempre fez, meus olhos sobretudo sofrem indizivelmente: de todo modo, **este é o ar que me é destinado.**” (*Epist.*, II, p. 1590). Ao amigo Antonio Papadopoli, fala de uma vida já terminada: “Estar em Recanati não me agrada certamente, e a minha saúde aqui sente tanto, tanto; mas meu pai não pode ou não quer me manter fora de casa; **suponho que a minha vida tenha terminado.**” (17 dez 1828. *Epist.* II, p. 1591, todos negritos meus).

Mais adiante, falará da ‘amargura’ e da ‘melancolia que é quase uma loucura’ a Vieuksseux, sem, porém, alongar-se demais no assunto: “Não lhe falarei da minha vida, nem da **amargura** em que passo os dias, sufocado por uma **melancolia** que, a esta altura, é quase uma **loucura**: não quero aborrecê-lo e nem me aborrecer com discursos tristes.” (12 abr 1829. *Epist.*, II, p. 1652). Ao amigo Francesco Puccinotti diz não se reconhecer: “Não sei se me reconhecerás mais, **não me reconheço** eu mesmo; a má saúde e a tristeza desta estada horrenda acabaram comigo.” (19 mai 1829. *Epist.*, II, p. 1663). A Stella faz um breve retrato do ‘purgatório’: “Minha saúde está em um mísero estado, e **minha vida é um purgatório. Nesta horrenda e detestada morada**

não tenho outro consolo a não ser recordar-me dos amigos passados.” (26 ago 1829. *Epist.*, II, p. 1681). A Bunsen, por sua vez, Leopardi fala em condenação e repouso da morte: “**Condenado**, por falta de meios, **a esta horrível e destestável morada, e já morto** para qualquer prazer e qualquer esperança, não vivo senão para sofrer, e **não invoco senão o repouso do sepulcro**”. (5 set 1829. *Epist.*, II, p. 1686-7, todos negritos meus).

A Pietro Colletta, de quem admira o “raríssimo engenho” e a “alma amabilíssima”, além da valentia de dedicar-se a trabalhos da envergadura de sua *Storia*⁷³, mesmo sofrendo tantos males físicos, Leopardi dedica cartas belíssimas. Contrariando a tendência à brevidade na escrita epistolar deste período, dá ao amigo detalhes da situação econômica da família, cujo patrimônio se encontrava “mergulhado em débitos”, restando-lhe a alternativa de trabalhar muito, coisa que sua péssima saúde o impedia de realizar e que teria motivado o rompimento do contrato com o editor Stella, que lhe dava “venti scudi romani” (16 jan 1829. *Epist.*, II, p. 1608) por mês.

Espelhando-se na valentia do ‘general’, o escritor deixa entrever a sensação de um destino incompleto, daquela vida intensa do pensamento que não cabe na própria existência, retomando o assunto de seus projetos literários (‘disegni letterari’), como fizera com Pietro Giordani nos anos da juventude:

Os meus projetos literários são tantos, numericamente falando, quanto é pequena a faculdade que tenho de executá-los; pois não podendo fazer, passo o tempo a projetar. Só os títulos que gostaria de escrever tomam várias páginas, e para tudo tenho muito material, parte na cabeça e parte jogada em papéis assim de qualquer jeito⁷⁴. (16 jan 1829. *Epist.*, II, p. 1608).

Falava-se na ocupação de alguma cátedra universitária tanto em Parma (que Ferdinando Maestri estaria mediando), quanto em Florença, já que o prêmio da *Accademia della Crusca*, ao qual Leopardi concorria com as *Operette Morali*, fora atribuído a *Storia D’Italia* di Carlo Botta, esvaindo-se uma possibilidade concreta de obter recursos para se manter

⁷³*Storia del reame di Napoli dal 1734 al 1825*, publicada postumamente por Gino Capponi em 1834.

⁷⁴Serão os *Disegni letterari*, já citados.

fora de casa um período. Será Colletta, grande incentivador⁷⁵ de Leopardi, que parece assumir nesses anos o papel de pai-mestre que Giordani ocupara no passado, o responsável por angariar entre os amigos da Toscana uma soma de dinheiro suficiente para sustentar o poeta por um ano, possibilitando o seu retorno a Florença em abril de 1830.

De Florença, em 18 de maio de 1830, Giacomo enviará a Paolina um retrato que se tornou famoso por ser um dos poucos disponíveis do poeta⁷⁶. Na breve carta que o acompanha, Leopardi declara todo seu ódio à terra natal: “O retrato é feíssimo: apesar disto, faça-o circular assim, para que os Recanatenses vejam com os olhos do corpo (que são os únicos que possuem) que o *corcunda do Leopardi* contou para alguma coisa no mundo, onde Recanati não é conhecida nem de nome.” E reafirma o valor que têm noutros lugares, como se precisasse demonstrar aos concidadãos e à própria família o quanto era reconhecido:

[...] Poucos meses atrás, correu um boato na Itália de que eu havia morrido, e esta novidade despertou aqui uma dor tão geral, tão sincera, que todos ainda me falam disto com ternura, e me descrevem aqueles círculos como cheios de agitação e luto. Imagine o quanto eu não aprecie a amizade dessas pessoas. (18 mai 1830. *Epist.* II, p. 1731).

Escasseiam as cartas do próximo período, nas quais Leopardi se limita a dar notícias do cotidiano. Está ocupado com os compromissos sociais florentinos e se dedica, no momento, a conseguir assinaturas para a publicação da nova edição dos *Cantos*, que sairá em 1831 mais completa, com as canções de 1824, mais os idílios, a carta “Al Conte Carlo Pepoli”, os poemas “Il risorgimento”, “A Silvia” e os últimos cantos compostos em Recanati (*Epist.* p. CXXIV). Além de incluir uma carta introdutória belíssima, dedicada “Agli amici suoi di Toscana”,

⁷⁵Assim escreve Colletta a Leopardi em 25 de dezembro de 1828: “Você, Giordani e algum outro sabem unir à pureza, à clareza, a nobreza do estilo; Giordani está falido, em algum outro não confiamos; se o Leopardi nos abandona, quem nos resta? Escreva, amigo; não mate o germe do belo que a natureza e os estudos lhe puseram nas mãos.” (*Epist.*, II, p. 1596)

⁷⁶Trata-se de uma gravura em cobre de Guadagnini, encomendada por Brighenti e presentada ao amigo. (*Epist.*, II, p. 2321 nota 1534-1)

segundo Spaggiari, verdadeiro “documento de poética do autor”, que aqui define a poesia como consagração da dor, além de “confissão pública da própria infelicidade” (1990, p. 12), sem deixar de insinuar (como acontece frequentemente até nos escritos mais negativos do poeta) um fio de esperança no futuro, no amor dos amigos, que irá perdurar no tempo mesmo depois que o seu corpo se reduzir a cinzas:

Meus caros amigos,

Seja dedicado a vocês este livro, no qual eu buscava, como se busca frequentemente com a poesia, consagrar a minha dor, e com o qual no momento (nem posso dizê-lo sem lágrimas) despeço-me das letras e dos estudos. Esperava que estes caros estudos fossem sustentar a minha velhice, e acreditava, tendo perdido todos os outros prazeres e todos os outros bens da infância e da juventude, ter ganhado um bem que por nenhuma força, por nenhuma desventura me fosse tirado. Mas eu ainda não tinha vinte anos quando aquela enfermidade de nervos e vísceras, que privando-me da vida não me dá esperança da morte, reduziu o meu único bem a menos que a metade; [...]

Não sei mais me lamentar, meus caros amigos, e a consciência que tenho da grandeza da minha infelicidade não comporta o uso de querelas. Perdi tudo: sou um tronco que sente e pena [...]

O amor de vocês permanecerá todavia, e ainda durará talvez depois que o meu corpo, que já não vive mais, tiver virado cinzas. (15 dez 1830. *Epist.*, II, p. 2118-9).

De Florença, Leopardi escreve ao pai, dizendo estar bem de saúde: come de tudo, faz quatro refeições por dia, e até o lanche da tarde! Dizem que ele voltou a ser como antes (ou ao menos assim se define ao pai em 6 de agosto de 1831.) (*Epist.*, II, p.1814). Pouco tempo atrás, havia lhe escrito, traçando um retrato da situação editorial e da literatura italiana: “A literatura está num estado de asfíxia em todo lugar, e os pobres literatos [estão no meio] da rua. A *Antologia* esteve a ponto de fechar, e só continua pelo empenho e os socorros prestados por alguns benfeitores. A Europa está cheia de falências de livreiros”. (21 jun 1831. *Epist.*, II, p. 1805). Mostrava-se, porém, animado com a possibilidade de que alguns de seus escritos filológicos fossem

publicados em Paris, para onde o filólogo alemão De Sinner os levara na esperança de conseguir uma boa retribuição.

Ainda em Florença, em 1830, Leopardi irá estreitar amizade com o jovem napolitano Antonio Ranieri⁷⁷, com quem andara se correspondendo, e com Fanny Targioni Tozzetti,⁷⁸ por conta de quem endereçará, na época, várias cartas a amigos, tentando reunir autógrafos de ‘homens ilustres’ para a coleção da ‘dama belíssima e gentilíssima’ (que irá inspirar, nos próximos anos, as poesias do chamado “ciclo de Aspasia”) (*Epist.*, I, CXXIV).

De setembro de 1831 a março do ano seguinte, Leopardi permanecerá em Roma, acompanhado de Ranieri, com quem divide um apartamento na *Via delle Carrozze*. A estada romana é retratada por Leopardi como um “exílio amarguíssimo” (*Epist.*, II, p. 1830), mas passageiro, embora nem ao irmão Carlo, com quem sempre foi tão confidente, esclareça detalhes sobre a viagem. Ranieri, em seu polêmico livro sobre os sete anos de convívio com o poeta, dirá que a viagem ocorrera por recomendação médica de um ar mais ameno, com a entrada do outono, pois o amigo, que tinha uma bronquite incurável, “vomitava sangue” (RANIERI, 1855, p. 6). Mas Leopardi, a esta altura do *Epistolario*, é lacônico: escreve poucas cartas e fala pouco de sua vida e de suas escolhas; pede simplesmente que o irmão não faça alarde da viagem e se desculpa por ter uma “dezena de cartas a responder e os olhos doentes” (*Epist.*, II, p. 1830). Apesar de sufocado pelas visitas, cerimônias e chatices da ‘capital da diplomacia’ (a Vieuxseux, 27 out 1831. *Epist.*, II, p. 1838), parece satisfeito porque em Roma ‘todos o reconhecem’ (a Paolina, 19 out 1831. *Epist.*, II, p. 1834).

À Fanny Targioni Tozzetti faz uma das poucas considerações sobre si e sobre os homens de que temos notícia nesta fase do *Epistolario*, de modo muito mais expedito do que o usado anos atrás,

⁷⁷ Antonio Ranieri (1806-1888), jovem napolitano de origem nobre, estudioso de história, que por conta de suas idéias liberais vivera exilado do reino de Nápoles em diferentes períodos da vida, que o poeta reccatense conhecerá na Toscana e ao qual se manterá ligado até o fim da vida.

⁷⁸ Fanny Ronchivecchi Targioni Tozzetti (1805-1889), casada com Antonio Targioni Tozzetti, “foi uma personagem conhecida na vida cultural florentina por sua beleza e por suas inclinações literárias [...]. Leopardi a conheceu em maio de 1830, graças a Alessandro Poerio, e sentiu por ela uma atração forte e atormentada, nunca correspondida, que está na base do chamado “ciclo de Aspasia” (“Il pensiero dominante”, “Amore e Morte”, “Consalvo”, “A se stesso” e “Aspasia”, compostos entre 1831 e 1834) (*Epist.*, II, 2439)

mas que se tornou uma passagem bem conhecida. Diz ele em 5 de dezembro de 1831:

Novidades sobre mim não creio que espere. Sabe que eu abomino a política, pois creio, aliás, vejo que os indivíduos são infelizes sob qualquer forma de governo; culpa da natureza que fez os homens para a infelicidade; e rio da felicidade das *massas*, pois meu pequeno cérebro não concebe uma *massa* feliz, composta por indivíduos não felizes. (*Epist.*, II, p. 1852).

Mas, logo se corrige, encurtando a sua ‘filosofia negra e desesperada’ e identificando-se com a ‘alma gentil e engenhosa’ da admirada amiga, com a qual a melancolia não combina:

Mas faço mal em escrever estas coisas à senhora, que é bela, e privilegiada pela natureza a resplender na vida e triunfar do destino humano. Sei que a senhora também é inclinada à melancolia, como sempre foram e serão eternamente todas as almas gentis e de engenho. Mas, com toda sinceridade, e não obstante a minha filosofia negra e desesperada, creio que a melancolia não lhe convenha, isto é, embora seja natural, não é absolutamente razoável. Pelo menos assim gostaria que fosse. (*Epist.*, II, p. 1852).

Voltando a Florença, Leopardi se vê obrigado a desmentir a autoria de certos Diálogos⁷⁹ que o pai Monaldo havia publicado e que vinham erroneamente sendo atribuídos a ele. Desabafa com o primo Melchiorri: “[...] não aguento mais. Não quero mais ter a minha face manchada por aquele infame, infamíssimo, nefasto livro. Aqui todos o creem meu; porque Leopardi é o seu autor, meu pai é desconhecidíssimo, eu sou conhecido, então o autor sou eu.” Prepara declarações a “todos os jornais da Itália” (15 mai 1832. *Epist.*, II, p. 1907), esclarecendo sobre o verdadeiro autor da obra. Obviamente, com o pai o tom da conversa sobre o equívoco será atenuado, e Giacomo esclarece que enviara a declaração aos jornais para não usurpar indignamente do que é dos outros e para não passar por ‘convertido’,

⁷⁹*Dialoghietti sulle materie correnti dell'anno 1831.*

dato que o teor dos Diálogos não refletia exatamente os seus princípios e opiniões, embora respeitasse as do pai (28 mai 1832. *Epist.*, II, p. 1918).

Em 1832, Leopardi escreve duas novas *Operette: Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggiere e Dialogo di Tristano e di un amico*, e encerra as anotações no imenso *Zibaldone*. Atribui-se a este período também o início da elaboração dos *Pensieri*. (*Epist.*, I, p. CXXIV).

A situação financeira de Leopardi é cada vez mais precária: já não contava com a ajuda dos amigos toscanos e, diante da fragilidade de sua saúde, somada à crise editorial em que se encontrava a Itália, segundo ele, com revistas fechando e livreiros falindo (só lhe ofereciam artigos para escrever, nunca dinheiro), vê-se obrigado a pedir ao pai uma ajuda mensal. Escreve longa carta a Monaldo em 3 de julho de 1832, narrando os ‘esforços extremos’ que vinha realizando ao longo de sete anos para procurar meios de se sustentar sozinho, mas que chegara a um ponto em que só o pai poderia lhe ajudar. O peso de ter que pedir era tão grande que teria preferido a morte, se a escolha estivesse em suas mãos. Não estando, e prevendo a sugestão que o pai lhe faria de um retorno à casa, assume, com todas as palavras, que não voltaria jamais a morar em Recanati, onde a vida não lhe era tolerável, e pede perdão ao pai por isto que está acima de suas forças em um “melancólico discurso”:

Se a morte estivesse em minhas mãos, Deus é testemunha de que eu jamais teria feito este discurso, pois a vida em *qualquer lugar* é abominável e tormentosa para mim. Mas, enquanto Deus não quiser me levar, tornaria aí para terminar meus dias, se viver em Recanati, sobretudo na minha atual impossibilidade de me ocupar, não superasse as gigantescas forças que tenho para sofrer. Esta verdade (da qual acredito que até o Senhor tenha se convencido com a última experiência) é-me tão fixa no espírito, que apesar da grande dor que sinto por estar longe do Senhor, da Mãe e dos irmãos, estou imutavelmente resolvido a não voltar a me estabelecer aí, senão morto. Tenho um desejo extremo de abraçá-lo, e somente a falta de meios para viajar pôde e poderá impedir-me que o faça nas estações propícias: mas voltar para Recanati sem a certeza concreta de ter um modo

de sair novamente depois de um ou dois meses, isto foi o que me fez tomar a decisão, e espero que o Senhor me perdoe se as minhas forças e a minha coragem não são suficientes para tolerar uma vida impossível de se tolerar. [...] Perdoe, meu querido papai, este discurso melancólico que tive que fazer-lhe pela primeira e última vez na vida. Esteja certo da minha extrema indiferença acerca do meu futuro nesta terra, e se o meu pedido lhe parecer excessivo, inoportuno ou inconveniente, não o leve em conta. (3 jul 1832. *Epist.*, II, p. 1934-5).

A princípio, a soma destinada a Giacomo permanece um acordo tácito entre pai e filho, mas sua continuidade terá de passar pela aprovação da mãe Adelaide, que geria as contas da casa, à qual o filho também escreverá, justificando o pedido de 12 *francesconi*, feito por absoluta necessidade, e o suficiente para “tocar a vida miseravelmente adiante.” (17 nov 1832. *Epist.*, II, p. 1957).

Da segunda permanência em Florença, destaco também as várias cartas-bilhete que Leopardi escreve entre o final de 1832 e a metade do próximo ano a Ranieri, que passará um período em Nápoles, com a família. Num bilhete após o outro, com intervalos que chegam a dois dias, o poeta narra a angústia pela distância do inseparável amigo, dá notícias dos conhecidos, assume o papel de consolador em suas desventuras amorosas, sempre temendo que os acontecimentos da vida os impedissem de unir os destinos, como desejavam. Desespera-se por notícias e deseja abraçar Ranieri “antes de morrer” (jan 1833. *Epist.*, II, 1980), mas também reassegura a certeza de uma futura vida compartilhada: “Se tens somente a mim, tens-me porém inteiro e para sempre: vive mais certo disto do que da existência dos corpos” (15 jan 1833. *Epist.*, II, p. 1980); ou ainda “[...] a tua distância não é outra coisa senão uma contínua lição de como és mais necessário do que o ar para mim.” (23 fev 1833. *Epist.*, II, p. 1985).

Nas cartas a Ranieri, Leopardi irá abusar do léxico amoroso⁸⁰, comum nas epístolas do século XIX destinadas aos amigos (do qual são

⁸⁰ “Anima mia” [alma minha], “cor mio” [meu coração], “Ti amo quanto si può più amare” [Te amo quanto é possível amar], “Ti rendo un milione di baci” [Te dou um milhão de beijos], “Ti abbraccio come mia unica causa vivendi” [Te abraço como minha única *causa vivendi*], “ogni giorno, ogni ora ti sospiro” [todo dia, toda hora suspiro por ti], “noi dobbiamo ricongiungerci in eterno” [nós

testemunhos também as cartas da juventude à Pietro Giordani), que chegam a suscitar, posteriormente, comentários sobre a suposta homossexualidade do poeta, um suposto amor platônico por Ranieri, ou até uma relação simbiótica com o napolitano, o que não nos interessa. Interessante é o testemunho que a carta de Leopardi a Ranieri de 5 de janeiro de 1833 dá das maledicências que o convívio (o chamado “sodalizio” entre os dois) irá suscitar na época:

Meu pobre Ranieri! Se os homens te ridicularizam por minha causa, consola-me ao menos a certeza de que ridicularizam por tua causa também a mim, que, em relação a ti sempre me mostrei e me mostrarei mais que um menino. O mundo ri sempre das coisas, as quais, se não risse, seria obrigado a admirar; e critica sempre, como a raposa, aqueles que inveja.⁸¹ (*Epist.*, II, p. 1978).

No final de setembro de 1833, Leopardi irá com Ranieri para Nápoles, onde passará os últimos anos da vida. Lá escreve os *Paralimpomeni della Batracomiomachia*, os *Pensieri* e, provavelmente, as canções sepulcrais “Sopra un basso rilievo antico” e “Sopra il ritratto di una bella donna”, além da “Palinodia al Marchese Gino Capponi”. Publica em Florença, em 1834, a segunda edição das *Operette Morali di Giacomo Leopardi* (acrescentando os diálogos escritos em 1832) e, em julho de 1835, assina um contrato com o editor Saverio Starita, de Nápoles, para publicar suas obras em seis volumes: no fim de 1835 saem os *Cantos* (acrescidos do *Ciclo di Aspasia*, das canções sepulcrais, da “Palinodia” e do “Il passero solitário”, entre outros). Em 1836 sai o primeiro volume da terceira edição das *Operette morali*, mas ali se interrompem as impressões por conta da censura borbônica aos *Cantos* e às *Operette* (*Epist.*, I, p. CXXV-VI), agravando ainda mais a situação financeira do escritor. Assim escreve Leopardi a De Sinner sobre a censura em 22 de dezembro de 1836: “A edição das minhas *Obras* está

temos que nos unir eternamente] são exemplos das palavras amorosas empregadas por Leopardi a Ranieri.

⁸¹A carta de Ranieri, à qual Leopardi respondia, perdeu-se como quase todas as outras do napolitano ao poeta. Em seu livro, porém, Ranieri irá comentar certas insinuações feitas sobre o convívio entre os dois em Roma, em 1832, reafirmando a amizade que o unia ao poeta, e fazendo certa crítica ao tratamento que Leopardi lhe dispensa nas cartas, como excessivamente livre, coisa que lhe desagradou ver publicada (RANIERI, 2009, p. 7).

suspensa [...] não tendo obtido o *publicetur*. A minha filosofia desagradou aos padres, que aqui e em todo o mundo, sob um nome e sob outro, ainda podem e poderão eternamente tudo.” (*Epist.*, II, p. 2086).

A sua ‘filosofia desesperada’, que a tantos desagradava, será assunto de algumas cartas trocadas entre Leopardi e o amigo De Sinner, em especial, em maio de 1832 e com Karl Bunsen, na ocasião da reedição das *Operette* e dos *Cantos* em 1835.

Rebatendo as páginas do “Hesperus”, jornal alemão que publicara em 1832 traduções do poema “Sogno” e do diálogo *Cantico del Gallo Silvestre* (*Epist.*, II, p. 2349, nota 1740-1), Leopardi critica o exagero na exposição de suas desgraças em “praça pública” negando que a sua situação infeliz de vida tenha relação direta com as suas opiniões filosóficas. Faz uma verdadeira defesa da coragem que teve de “não diminuir o peso da existência do homem e nem de alimentar frívolas esperanças de uma felicidade futura”, abraçando completamente a sua “filosofia desesperada”, ao contrário dos homens que, incapazes de enxergar a realidade, pela necessidade que sentem de considerar a vida um bem precioso, negam a sua filosofia, dizendo-a fruto do sofrimento pessoal de seu autor (De Leopardi a De Sinner, 24 mai 1832. *Epist.*, II, p. 1913)

Mais tarde, porém, Leopardi será mais indulgente com o amigo Karl Bunsen, quando esse confessa não ter visto nos diálogos (*Operette*) o seu “antigo [amigo] *platônico*, mas sim o observador agudo e hipocondríaco da hipocrisia dos homens, da maldade dos caracteres” e manifesta o desejo de que Leopardi deixasse à nação uma obra filosófica “que não se ressentisse tanto de sua melancolia de viver nesses tempos.” (5 jul 1835. *Epist.*, II, p. 2034). Sua resposta é condescendente, talvez pelo amadurecimento dos anos, que o veem mais desarmado, mas provavelmente, como afirma Diafani, porque a esta altura, Leopardi “desistiu de buscar uma compreensão intelectual” (2000, p. 243):

Tem razão ao dizer que nas minhas prosas a melancolia talvez seja excessiva, e talvez às vezes encubra o meu juízo. Culpe em parte o meu caráter, e em parte a idade em que foram escritas: pois com 26 anos as escrevi, e dali para cá, embora reeditadas com algumas correções minhas, nunca mais as pude reler inteiramente até hoje. A própria experiência me ensina que o avançar da idade, entre tantas mudanças que traz ao homem, altera consideravelmente o seu sistema filosófico. No volume anexo [*Cantos*], se tiver

paciência de lê-lo, talvez também encontre algum excesso melancólico, e me repreenda por isto, não sem razão.” (26 set 1835. *Epist.*, II, p. 2041).

As páginas do *Epistolario*, que vinham escasseando nos últimos anos, e que tantas vezes versavam sobre letras de câmbio, empréstimos e adiantamentos, tornam-se ainda mais raras. Leopardi deixa muitos sem resposta e, nas poucas notícias que dá aos amigos e familiares, se vê, muitas vezes, ajudado pelas mãos de Ranieri ou de Paolina, irmã do amigo, que passara a viver com eles (e que Ranieri descreve como zelosíssima nos cuidados com a saúde de Leopardi). Nos últimos anos, conserva quase somente a correspondência com Bunsen e De Sinner, através do qual ainda tinha esperanças de publicar suas obras no exterior, com as amigas Adelaide Maestri e Antonietta Tomasini, e com o pai Monaldo.

Ao pai, escreve sobre a mudança de ares, que lhe fez bem, sobre as pessoas amigáveis e a vista da casa em Nápoles, de onde contempla o Golfo de Portici e, o Vesúvio, com sua fumaça de dia, e lava ardente de noite (5 abr 1834. *Epist.*, II, p. 2010). Fala da saúde com certo distanciamento, como quem observa a si mesmo resignado: “Minha saúde não me assusta mais”. Até do sonho de “terminar os dias em Paris”, com o inseparável Ranieri, expresso anteriormente, abdica. Vive “precariedade em Nápoles, como estava em Florença, sem nenhum projeto em vista.” (De Leopardi a De Sinner, 20 mar 1834. *Epist.*, II, p. 2009).

O isolamento sentido em Nápoles aumenta ainda mais com as barreiras impostas pelo governo durante a epidemia de cólera que assolara a região no final de 1836. A comunicação por carta, que já era deficiente, sofre extravios frequentes, e amigos e familiares se lamentam da falta de notícias de Leopardi e dos longos intervalos das respostas. Era, inclusive, difícil receber objetos vindos de fora do Reino. Leopardi tranquiliza a família, dizendo-se “isolado no campo” (30 out 1836. *Epist.*, II, p. 2077) e longe do perigo, mas a carestia provocada pela ‘peste’ o obriga mais uma vez a pedir ao tio Carlo Antici um empréstimo, ao qual esperava que o pai pudesse cobrir em seu nome. A Monaldo, que havia escrito cartas ‘um tanto secas’ (11 dez 1836. *Epist.*, II, p. 2083), lamentando o silêncio e a ausência prolongada do filho, Leopardi responderá ainda mais seco, ao descobrir que o tio lhe negara o adiantamento por oposição da mãe, narrando a penúria em que vivia:

O senhor crê ao certo que eu tenha passado entre rosas estes últimos 7 anos, que passei entre os juncos marítimos. Quando a Mamãe souber que receber uma subvenção extraordinária *não pode* acontecer-me e não me aconteceu a não ser quando a necessidade chegou ao artigo *pão*; quando souber que ninguém deles, graças a Deus, jamais passou na vida e nem passará por angústias de natureza tão terrível quanto as que passei *muitas vezes sem nenhuma culpa minha*; quando vir os panos com que voltarei diante dela, e souber [...] que o protesto de uma minha letra de câmbio significa minha imediata prisão pessoal, talvez sentirá algum desprazer pela recusa hostil que o Tio Antici me anuncia em uma sua de 6 de Novembro [...] (11 dez 1836. *Epist.*, II, p. 2083).

Falará num possível retorno à casa para reabraçar os seus caros, mas a viagem é sempre adiada por mudança de moradia, recomendações médicas, problemas da estação, epidemia do cólera, enfim, é um retorno que não acontece.

De Nápoles, aos 27 de maio de 1837, Leopardi escreverá a última carta ao pai, na realidade, uma justificativa dos atrasos na correspondência e dos impedimentos de visitar a família. Atacado pela asma, que o impede de “caminhar, deitar e dormir”, Leopardi diz-se acamado há um bom tempo e escreve pelas mãos de outros. A comunicação da cidade fora novamente interrompida pelo cólera, que voltou a atacar Nápoles, como previsto, de modo que era absolutamente desaconselhado qualquer tipo de viagem e o compartilhamento de meios de transporte e albergues temporários. No final, porém, Leopardi deixa claro o sentimento de quem já espera a morte, invocando “o eterno repouso”, não por heroísmo, mas por conta do rigor do sofrimento que sente nos últimos tempos:

Se escapar do cólera, e assim que minha saúde o permitir, farei o possível para revê-lo em qualquer estação, pois eu mesmo tenho pressa, convencido pelos fatos do que sempre previ: que o término prescrito por Deus à minha vida não esteja muito distante. Com a idade, meus sofrimentos físicos diários e incuráveis chegaram a um grau tamanho que não podem mais aumentar. Espero que, superada finalmente a pequena resistência que

lhes opõe meu moribundo corpo, conduzam-me ao eterno repouso, que invoco calorosamente todos os dias não por heroísmo, mas pelo rigor das penas que sinto. (*Epist.*, II, p. 2106).

Giacomo Leopardi morre em 14 de junho de 1837. Por conta da epidemia de cólera, quase fora enterrado numa vala comum, mas acaba sendo sepultado na Igreja de San Vitale, em Fuorigrotta, tendo os restos mortais transferidos para o local onde estaria o túmulo de Tasso em 1839. (*Epist.*, I, p. CXXVI).

2 AS CARTAS DE ROMA

As cartas que Leopardi escreveu em Roma entre 23 de novembro de 1822, dia de sua chegada à casa da família Antici, que o hospeda, e 26 de abril de 1823, pouco antes de seu retorno a Recanati, são ao todo 55, e formam um *corpus* bem distinto no *Epistolario*, tanto do ponto de vista biográfico quanto literário. Se, por um lado, refletem a experiência vivida no primeiro afastamento da terra natal e o encontro com a grande cidade e seus homens, por outro, segundo Lucio Felici, as cartas romanas são “ocasiões diferenciadas para combinar pensamentos e escrita à índole e fisionomia dos respectivos destinatários” (2006, p. 112), resultando numa ampla diversidade de registros e tons. Diz Felici: “Depois de vinte e quatro anos de espera sofrida, a distância de Recanati obriga Leopardi a rever, na palavra escrita, a intensidade e as modalidades dos afetos, das confidências, dos comportamentos”, numa “complexa estratégia de remissões à memória, trocas de notícias, confissões e aberturas, alternadas com reticências, com pequenos e grandes ressentimentos” (FELICE, 2006, p. 123).

São 44 as cartas escritas aos familiares, núcleo central da correspondência romana; as outras 11 cartas são distribuídas entre amigos e autoridades eclesíásticas, além de uma expedida a destinatário desconhecido (N.N.), talvez Jacopsen. Na tabela abaixo reproduzo os correspondentes, o número de cartas a cada um e suas respectivas datas:

De Giacomo Leopardi para	nº	data
Monaldo Leopardi	18 ⁸²	20 e 29 nov 1822; 9, 20 e 27 dez 1822; fim dez 1822; 4, 13, 24 e 30 jan 1823; 15 e 22 fev 1823; 7 e 15 mar 1823; 2, 5, 16 e 22 abr 1823

⁸² Incluo no *corpus* das cartas romanas de Leopardi também a carta escrita a Monaldo, de Spoleto, a caminho de Roma, no dia 20 de novembro de 1822.

Carlo Leopardi	16	25 nov 1822; 6, 16 e 26 dez 1822; 6, 10, 18 e 22 jan 1823; 5 e 20 fev 1823; noite de carnaval; 12, 22 e 27 mar 1823; 5 e 19 abr 1823
Paolina Leopardi	5	3 e 30 dez 1822; 28 jan 1823; 19 mar 1823; 19 abr 1823
Adelaide Antici Leopardi	2	23 nov 1822 e 22 jan 1823
Pierfrancesco Leopardi	2	27 dez 1822 e 8 fev 1823
Ettore Leopardi	1	14 dez 1822
Pietro Giordani	3	1 fev 1823; 10 mar 1823 e 26 abr 1823
Pietro Brighenti	1	4 jan 1823
Francesco Cancellieri	2	jan 1823; fim de jan 1823
Friedrich Tiersch	1	16 dez 1822
Barthold Georg Niebuhr	1	9 abr 1823
Ercole Consalvi	1	13 mar 1823
Francesco Capaccini	1	fim abril 1823
N.N.	1	primeiros meses de 1823

As cartas de Roma, além de diversificadas do ponto de vista dos registros e tons, são também representativas da variedade de interlocutores e da escrita do *Epistolario* leopardiano como um todo, e este foi um dos motivos que me levou a optar por este *corpus* para a

tradução que proponho no próximo capítulo. Há entre os destinatários membros da família, ‘velhos’ amigos e amigos recém-adquiridos em Roma, funcionários e autoridades eclesiásticas. Os objetos da comunicação e os graus de intimidade e confiança (mesmo no interior do núcleo familiar) são variados, garantindo que o leitor conheça várias facetas do Leopardi epistológrafo: do bilhete com notícias breves da chegada na cidade ou das entradas para o funeral de Canova à carta burocrática, representada pela súplica ponderada e formal de um emprego à autoridade pontifícia; passando pela veia narrativo-descritiva dos acontecimentos romanos, em que não falta espaço para a ironia, e pela veia reflexivo-poética da experiência vivida, ambas presentes nas cartas aos irmãos Carlo e Paolina; da carta dedicada ao cultivo da amizade, “sentimento cardinal da experiência humana do poeta” (LANDI, 2012, p. 29) às cartas de ‘prestação de contas’, quase semanais, sobre a saúde, o cotidiano, os trabalhos que vinha realizando, os lugares e pessoas que conhecera, e sobre as incumbências que Monaldo lhe dava, como visitar certas pessoas em seu nome e buscar algum volume ou informação que lhe interessava entre as livrarias e bibliotecas romanas.

Falta neste *corpus* uma carta destinada ao editor, no *Epistolario* leopardiano representada sobretudo pela correspondência com Stella, interrompida naqueles anos⁸³, e de modo geral, rica em detalhes e recomendações de Leopardi quanto aos cuidados e critérios editoriais, quando se fala de publicação. A carta a Brighenti⁸⁴, escrita em Roma, dirige-se não ao editor, mas ao livreiro e amigo Brighenti, a quem Leopardi pedia notícias de Giordani e agradecia o envio de um livro encomendado.

Um dos motivos para tal ausência é que, estando em Roma, Leopardi investirá seus esforços na relação direta com estudiosos e editores, entre os quais Filippo De Romanis, ex-colaborador do

⁸³ A colaboração com o editor e livreiro milanês Antonio Fortunato Stella, pródiga entre os anos de 1815 e 1818, havia sido interrompida nestes anos após ruptura de Stella com Monaldo por questões ligadas a pendências de pagamentos de encomendas, e será retomada, com vimos no primeiro capítulo, no ano de 1825. Para aprofundar a relação de Leopardi com Milão, ou melhor, com o editor e a editoria milanesa, indico o capítulo “‘A Milano si stampa quel che si vuole’. Leopardi a Milano / Leopardi e Milano (1815-1859)”, presente em Landi, Patrizia. *Con leggerezza ed esattezza. Studi su Leopardi*. Bolonha: Clueb, 2012.

⁸⁴ De 4 de janeiro de 1823 (*Epist.*, I, p. 610).

Giornale Arcadico, e, na época, editor das *Effemeride letterarie*, de viés classicista, “único jornal que publicou os trabalhos filológicos de Leopardi em vida”⁸⁵. A tradução de toda a obra de Platão, proposta a Leopardi por De Romanis, será assunto de algumas cartas trocadas com Monaldo e Carlo Leopardi no início de janeiro de 1823, que comentarei logo adiante, e que, de algum modo, acabam suprimindo neste *corpus* o diálogo em torno a projetos e publicações do momento, mesmo que sob uma perspectiva familiar (com todas as questões afetivas envolvidas).

No intuito de esmiuçar o *corpus* escolhido para a tradução, desenvolvo, num primeiro momento, uma trama biográfica e psicológica do autor, contada através das cartas do período romano, destacando alguns temas fundamentais do pensamento filosófico leopardiano, amadurecidos naqueles anos, e passando, em seguida, para a análise dos componentes estilísticos do texto epistolar leopardiano, com foco nas especificidades relativas aos registros e tons adotados com os diferentes interlocutores.

2.1. A experiência romana

A caminho de Roma, aos 20 de novembro de 1822, Leopardi dá notícias da viagem a Monaldo num bilhete escrito na penumbra da tumultuada taberna de Spoleto, onde ele, o tio Momo (Don Girolamo) e os ocupantes da carruagem haviam parado para repousar. Expressa palavras de gratidão e o firme propósito de fazer sempre o que crê ser do agrado do pai (*Epist.*, I, p. 562). Três dias depois, escreverá à mãe Adelaide contando que haviam todos chegado “sãos e salvos” à casa da família Antici, e que a viagem lhe fizera bem ao invés de prejudicar. Promete escrever com calma quando “tiver a cabeça no lugar” e cumprimenta a mãe “pleno de vivíssimo afeto” (23 nov 1822. *Epist.*, I, p. 562.).

A carta de 25 de dezembro de 1822 de Leopardi ao irmão Carlo abre simbolicamente a temporada romana do ponto de vista existencial, destacando a experiência sensível do escritor. As primeiras impressões descritas são todas negativas: mas não é ainda a cidade o centro da reflexão leopardiana, e, sim, o impacto sentido a partir da nova realidade

⁸⁵ Entre os trabalhos publicados em 1823 estão a resenha ao *Filone*, de Aucher, as *Notae in M. Tulli Ciceronis De re publica* e as importantes e, segundo Dondero, laboriosas *Anotazioni Sopra la Cronoca d'Eusebio*. Ver DONDERO, Marco. “Lo stampatore De Romanis” in BELLUCCI, N.; TRENTI, L. (org.). *Leopardi a Roma. Catalogo da mostra*. Roma: Electa, 1998, p. 94.

externa. Leopardi contrapõe a visão das maravilhas da cidade à ausência de sentimento: “não sinto o menor prazer com as coisas grandiosas que vejo, pois sei que são maravilhosas, mas não o sinto, e te garanto que sua abundância e amplidão me entediaram passado o primeiro dia.” (*Epist.*, I, p. 564). Sendo ainda inexperto nas ruas e dependente dos parentes para sair de casa, segue a vida da família Antici (dando adeus à liberdade sonhada ao deixar Recanati, pois passa da tutela dos pais para a do tio Carlo). Além do que, perdeu a confiança em si mesmo, depois de se sentir sozinho em meio aos seus hospedeiros, naquela casa em que reina uma “horrenda desordem, confusão, vazio, pequenez insuportável e desleixo indizível.” (*Epist.*, I, p. 565).

Cancellieri, que acabara de conhecer, não era o homem erudito e nobre que esperava, mas um “imbecil, um rio de boatos, o homem mais chato e desesperador da terra” (A Carlo Leopardi. 25 nov 1822. *Epist.*, I, p. 565). O cerne da carta, porém, é a falta de contato consigo mesmo, com os próprios sentimentos e pensamentos, que a exposição constante ao que vem de fora impôs, contrariando seu hábito de viver mais voltado para dentro, e provocando a sensação da perda de si mesmo e da extinção de suas capacidades:

Se crês que aquele que te escreve é Giacomo, teu irmão, te enganas muito, pois aquele está morto ou desmaiado, e, em seu lugar, há uma pessoa que mal lembra o próprio nome. Acredita, Carlo, meu querido, que estou fora de mim não pelo espanto, que até se eu visse o Demônio não me espantaria; e frente às coisas grandiosas que vejo, não experimento o menor prazer, pois entendo que são maravilhosas, mas não o sinto, e te garanto que sua abundância e amplidão me entediaram passado o primeiro dia. [...] Em suma, estou nos braços de uma melancolia tal e tamanha, que de novo não tenho outro prazer senão o sono; e esta melancolia, e estar sempre exposto ao mundo externo, completamente ao contrário do meu antiquíssimo hábito, abate-me e extingue todas as minhas faculdades, de modo que não me sinto bom para nada, não espero nada, quero falar e não sei que diabo dizer, não sinto mais a mim mesmo, e me tornei, em tudo e para tudo, uma estátua. (25 nov 1822. *Epist.*, I, p. 565-6).

Essa imagem da perda do mundo interior pela extrema exposição ao mundo externo será retomada, segundo Felici (2006, p. 113), em uma passagem do *Zibaldone* (4420) de 1º de dezembro de 1828, intitulada “Memórias da minha vida”, em que Leopardi narra a recordação ainda viva da experiência romana com palavras bastante próximas às da carta:

Tendo chegado a Roma, a necessidade de conviver com os homens, de voltar-me para fora, de agir, de viver externamente, tornou-me estúpido, inapto, morto internamente. Tornei-me efetivamente privado e incapaz de ação e de vida interna, sem porém me tornar mais apto à externa. Na época, eu era incapaz de conciliar uma vida com a outra; tão incapaz que julgava esta união impossível, e acreditava que os homens, que via aptos a viver externamente, não sentissem mais vida interior do que a que eu sentia na época, e que a maioria nunca a tivesse conhecido. Somente a experiência própria pôde depois desenganar-me sobre este assunto. Mas aquele estado foi talvez o mais penoso e mais mortificante pelo qual passei na minha vida; porque eu, que havia me tornado inapto tanto ao interior quanto ao exterior, quase perdi toda a estima por mim mesmo, e toda a esperança de conquistar o mundo e de ter algum fruto em minha vida. (*Zib.* 4420).

Felici dirá que a morte interna, verdadeiro “apagamento de todo movimento interior autêntico e profundo” (2006, p. 114), narrada por Leopardi na carta ao irmão e na reflexão do *Zibaldone*, coincide com os meses de silêncio da poesia e da atividade criativa de Leopardi em geral: em Roma, Leopardi escreverá somente cerca de cinquenta páginas do *Zibaldone* – predominantemente sobre temas filológicos – comparadas às 327 dos meses imediatamente anteriores à partida e às 1500 escritas logo após o retorno a Recanati, entre maio e dezembro de 1823; além disso, não escreve versos em Roma.

É verdade que, percebendo o seu entorno na capital, Leopardi opta por dedicar-se a trabalhos “instrumentais”, voltados a torná-lo conhecido como erudito e grecista entre os romanos e os doutos estrangeiros presentes na cidade. De fato, em Roma, Leopardi “dará vida a produtos de alta filologia” (TRENTI, 1998, p. 98), que

ironicamente chamará de “bagatelas” em carta ao irmão Carlo⁸⁶. Por outro lado, as circunstâncias da vida movimentada por visitas e passeios na cidade, além do convívio diário na casa Antici, não deixam como alternativa ao autor senão a de viver a vida que os outros levam.

Felici aponta para esta dicotomia entre fora e dentro, uma espécie de constante das cartas do período romano, que, de um lado, apresentam esse estranhamento em relação ao mundo externo, a insensibilidade, o isolamento, contrapostos à frenética “tensão para fora”, a “busca ávida de contatos com o mundo e com a sociedade em vários níveis” (2006, p. 115), só interrompida, nesses seis meses, pela semana em que Leopardi permanece de cama para curar uma frieira nos pés, em janeiro de 1823.

Ao pai Monaldo, que em carta a Giacomo falava da separação entre os dois após 25 anos de convívio ininterrupto, e recomendava ao filho cuidado com o que está por trás das aparências no mundo⁸⁷, Giacomo responde, em 29 de dezembro de 1822, dizendo-se amargurado pelo afastamento entre os dois tanto quanto o pai e tranquilizando-o, pois havia encontrado em Roma “mais estupidez, insipidez e vazio, e menos malvadeza”. E prometia descobrir “pelo menos parte dos artifícios usados para seduzir, enganar, caçoar, e desviar os jovens e todo o tipo de homem” (*Epist.*, I, p. 568), ou seja, estava disposto a aproveitar o convívio social para aprender as artimanhas das relações entre os homens. E realmente Leopardi dedicará grande atenção à observação social, como veremos ao longo deste capítulo.

Carlo, que acabara de receber a primeira carta enviada por Giacomo de Roma, lhe responde imediatamente numa longa missiva em que, de modo muito espontâneo e amoroso, narra a dor que sentiu ao ver o irmão partir, especialmente diante da frieza que sentiu em Giacomo quando ele foi embora. A agonia de se ver sozinho no quarto que dividira a vida toda com o irmão havia sido grande, mas ele vinha se conformando, e a carta de Giacomo o confortava ao confirmar sua

⁸⁶ De 22 de janeiro de 1823. (*Epist.*, I, p. 633)

⁸⁷ “Meu caro Filho. Depois de vinte e cinco anos de convivência ininterrupta, cerca de duzentas milhas nos separam. Se o meu coração não aplaude este afastamento, minha razão não o condena. [...] Desejo [...] que a distância lhe pese ao menos um quarto do que me dói”. E recomenda: “Filho meu, pela primeira vez você está sozinho em meio ao mundo; e este mundo é mais tempestuoso e malvado do que pensa. Os escolhos que aparecem são os menos perigosos; mas não é fácil preservar-se dos escondidos.” (De Monaldo a Giacomo Leopardi, 25 nov 1822. *Epist.*, I, p. 566-7)

suspeita de que a indiferença do irmão na partida fora um sentimento forçado, atitude de quem encobre o sofrimento. Reafirma a proximidade e empatia que os une, mesmo distantes, e incentiva Giacomo a sair sozinho em Roma, a não se abater e se entregar ao sofrimento, que, bem sabe, lhe é costumeiro e “independe dos hospedeiros”. Diz que “é possível encontrar uma pequena ordem em meio à desordem” da família Antici, e que é preciso entender que Giacomo “não perdeu nada; pelo contrário, ganhou”. Que esta viagem lhe sirva como uma viagem de negócios:

Deves considerar a tua viagem como uma viagem de negócios, de comércio, como quiseres: para uma viagem sentimental como a de Sterne é necessário ir com a diligência, com o seu camareiro, descer na locanda arcando com as próprias despesas – Te digo isto porque percebo que exiges o entusiasmo como regra; caro amigo, quem pode exigi-lo? não é absolutamente raro encontrá-lo?” (De Carlo a Giacomo Leopardi. 20 nov 1822. *Epist.*, I, p. 572).

Comentários como este abundam nas cartas do impetuoso Carlo, cujo coração “indomável”⁸⁸ e sensível o torna um observador agudo de hábitos e traços da personalidade do irmão. Assim como fala carinhosamente da ingenuidade de Giacomo diante do mundo⁸⁹, é também capaz de contradizer o irmão e ironizar a gravidade de seu discurso com palavras leves e espontâneas, como na ocasião em que diz que quem escreve com tanto ardor não poderia estar entorpecido (referindo-se ao entorpecimento narrado por Giacomo pelo excesso de ‘vida externa’ em Roma). Não à toa, Giacomo havia falado de Carlo a Pietro Giordani, em 1817, como um “outro eu” (26 set 1817. *Epist.*, I, p. 143), pessoa com quem podia sustentar um diálogo franco, livre, que o conhecia profundamente: um verdadeiro companheiro de vida.

⁸⁸Suas próprias palavras em carta a Giacomo Leopardi de 29 de novembro de 1822. (*Epist.*, I, p. 570)

⁸⁹“Estás acostumado a entediarte, mas a modo teu, não dos outros: a necessidade de dizer o dia todo palavras vazias te atormenta; ainda não tens prática na vida, eu seria um pouco mais esperto, e sofreria menos. Mas a coragem não te deve faltar, e está certo de que quando ela existe todas as situações podem passar.” (29 nov 1822. *Epist.*, I, p. 572)

Veremos na análise estilística das cartas de Roma algumas peculiaridades da correspondência Giacomo-Carlo.

Voltemos aos acontecimentos da vida romana. A poucos dias da chegada, Leopardi já conhecera Cancellieri, símbolo dos maus costumes da sociedade romana e de um clero disposto a tudo para subir os degraus da carreira eclesiástica. A carta a Carlo de 16 de dezembro de 1822 (*Epist.*, I, p. 592) traz várias das “histórias espirituais” de Cancellieri, que, sem a menor cerimônia, narra as façanhas amorosas envolvendo “coquetes” e “putas”, que teriam levado até mesmo o Papa a conseguir a colocação em que se encontra. Na carta, Leopardi faz várias observações sobre os “bons” costumes do clero romano, demonstrando o quanto “sexo e dinheiro são os elementos que sustentam a sociedade romana e que governam as ações dos padres.” (TATTI, 1998, p. 74)

Para atender à curiosidade da irmã Paolina, Giacomo lhe escreve em 3 de dezembro de 1822, contando da vida que levava em Roma, e explorando a veia narrativo-descritiva, presente especialmente nas cartas a ela e ao irmão Carlo, ainda ‘prisioneiros’ da casa paterna e sedentos por conhecer o mundo. Faz um retrato que resume o homem romano e a cidade: homens frívolos, que tratam de assuntos banais como se fossem de suma importância: “[...] o mais estúpido Recanatense tem uma dose maior de bom senso que o mais sábio e mais sério Romano. Esteja certa de que a frivolidade dessas bestas ultrapassa os limites do crível. Se eu quisesse lhe contar todos os assuntos ridículos que servem de matéria para as conversas deles, e que são os seus favoritos, não me bastaria um in-fólio” (*Epist.*, I, p. 576); enquanto a cidade, em seu aspecto físico, não é feita para a dimensão humana, tamanha a grandiosidade dos monumentos e dos espaços entre os homens:

A arquitetura de Roma teria um grande mérito, se os homens daqui medissem cinco braços de altura e dois de largura. Toda a população de Roma não basta para preencher a Praça de São Pedro. [...] Estas construções imensas, e, conseqüentemente, estas estradas intermináveis, são tantos espaços jogados entre os homens, ao invés de serem espaços que contêm homens. Não vejo que beleza há em colocar as peças de xadrez de tamanho normal sobre um tabuleiro tão largo e comprido quanto a praça de Nossa Senhora em Recanati. (3 dez 1822. *Epist.*, I, p. 576).

Os romanos, entre os quais Leopardi esperava encontrar interlocutores, são fúteis e cultivam interesses frívolos e relações de aparência, enquanto a cidade não é capaz de acolher o homem em sua dimensão mais íntima, ou seja, o retrato do novo mundo que se apresenta diante dele é todo negativo. Mas a novidade da carta está na ironia e leveza com que Leopardi narra a desilusão, lembrando a cartinha da infância a ‘Don Paolo’. Veremos outros exemplos das marcas das cartas à irmã na segunda parte deste capítulo.

As observações de Leopardi sobre a grande cidade prosseguem em 6 de dezembro de 1822 na carta a Carlo, que responde passo a passo a recebida do irmão. Descreve, em primeiro lugar, todas as situações pelas quais passou quando partiu de Recanati, como se sentira, o que pensara. Tudo isto para declarar amor ao irmão e dizer que com ele esteve e estaria em verdadeira companhia, pois “não há solidão maior do que estar na companhia de muitos” (*Epist.*, I, p. 578), e que desejava estar só para estar na companhia dele e de seu próprio coração. Mais uma vez Leopardi alude à necessidade de contato com seu mundo interno, seja através do recolhimento ou da recordação. Tenta convencer Carlo de que a vida que ele leva em Recanati não é tão ruim assim, falando da grande cidade como um lugar invivível⁹⁰:

Em uma pequena cidade podemos nos entediar, mas, no final, as relações de homem a homem e deste com as coisas existem, pois a esfera destas relações é restrita e proporcional à natureza humana. Em uma grande cidade o homem vive sem absolutamente nenhuma relação com aquilo que o circunda, pois a esfera é tão grande que o indivíduo não pode preenchê-la, não pode senti-la ao redor de si, e, portanto, não há nenhum ponto de contato entre ela e ele. Disto é possível conjecturar quão maior e mais terrível é o tédio

⁹⁰ É curioso que, agora que saiu de Recanati, Leopardi assume um discurso parecido com o que Giordani lhe fizera em 1817, quando ele ainda se desesperava por deixar o ‘borgo natio’: “[...] parece-me que o homem estudioso talvez possa viver melhor nas pequenas [cidades] que nas grandes”. E, ressaltando as vantagens que a nobreza lhe proporcionava em sua terra natal, dizia: “[...] O senhor condinho aí tem pouquíssimos iguais e nenhum superior em nobreza e riqueza: assim, em Recanati tem uma autoridade, uma faculdade de fazer bem grandíssima”. (Dia de Páscoa, 1817. *Epist.*, I, p. 77).

sentido em uma grande cidade, se comparado ao que se sente nas cidades pequenas: pois a indiferença, aquela horrível paixão, aliás, despaixão do homem, tem de fato e necessariamente sua sede principal nas grandes cidades, nas sociedades muito extensas. As faculdades sensitivas do homem, nestes lugares, limitam-se somente à visão. Esta é a única sensação dos indivíduos, que não se reflete de modo algum dentro deles. A única maneira possível de viver em uma grande cidade — e que todos mais cedo ou mais tarde são obrigados a adotar — é criar uma pequena esfera de relações, ficando completamente indiferente ao resto da sociedade. Quer dizer, construir ao seu redor como uma pequena cidade dentro da grande, ficando todo o resto desta grande cidade inútil e indiferente ao indivíduo em questão. Para fazer isto, não é preciso sair das cidades pequenas. Isto é realmente como cair de novo no pequeno por força da natureza. (6 dez 1822. *Epist.*, I, p. 578-9).

O juízo sobre as faculdades sensitivas limitadas à visão, que não tem reflexos no mundo interno do homem romano, é uma continuação do discurso sobre a impossibilidade de uma vida interna quando se está voltado para fora, registrado na primeira carta a Carlo e na passagem do *Zibaldone* (4420) citada.

Leopardi fala também do amor-próprio como única fonte de prazer; amor que se resolveria em ambição ou em sentimento (ou seja, em realizações ou no amor partilhado com outra pessoa). Impossível resolver o lado sentimental em meio a uma multidão dissipada, e quanto à ambição, o ambiente da grande cidade estaria tão cheio de tudo (beleza, doutrina, nobreza, riqueza), que só sendo um monarca ou um príncipe para se sobressair e deixar de ser um mero espectador, para quem o espetáculo entedia no segundo minuto. Nem a relação com as mulheres da grande cidade se salva, pois as romanas “não dão”, assim como as recanatenses (6 dez 1822. *Epist.*, I, p. 580), e a única opção são mulheres da vida. Essa linguagem mais baixa será um traço quase exclusivo⁹¹ das cartas a Carlo, a quem Giacomo trata livremente,

⁹¹ Também com o primo Giuseppe Melchiorri e com o jovem amigo Antonio Papadopoli Leopardi usará, por vezes, uma linguagem mais solta, à semelhança da usada na correspondência com o irmão.

respondendo ao estímulo da própria linguagem usada por Carlo, extremamente espontânea e livre.

Obviamente, Monaldo não toma parte na conversa informal entre os irmãos, que haviam combinado não fazer cartas ostensivas (que pudessem ser lidas pelos outros), justamente para poderem conservar a liberdade com que tratam certos assuntos. E o pai, em carta a Giacomo de 6 de dezembro de 1822, lamenta que Carlo tenha “fechado o seu coração”, negando-lhe a leitura da carta do irmão. Comenta que sabia que os homens de Roma não teriam agradado Giacomo, que isto era coisa rara no mundo e que sempre fora assim; e, numa observação indireta da genialidade e sensibilidade do filho, diz que os homens “cujo gênio e sofrimento” permitiam “sobreviver os outros”, deviam “contentar-se consigo mesmos, e rir ou chorar das misérias” sobre as quais pairavam (*Epist.*, I, p. 581).

Monaldo dá notícias de casa, da saúde dos irmãos, de quem irá se casar, das óperas na cidade, dos trabalhos que assume (teve alguns cargos públicos em Recanati ao longo da vida), de modo a manter o filho Giacomo informado e, de alguma forma, ligado à família e à sua terra natal. Os livros são assunto frequente na correspondência entre os dois: Monaldo quer saber sobre algum volume faltante na biblioteca de casa, pede que Giacomo busque alguma edição especial nas bibliotecas de Roma, comenta sobre a aquisição feita ou desejada de algum livro. E incumbe o filho de visitar várias pessoas em Roma, inclusive para ajudá-lo a resolver dúvidas relativas a algumas moedas antigas⁹². Enfim, participa sua vida ao filho, mas também quer saber dele e dos literatos que conheceu: “Fale-me de você, de suas ideias, [...] pois tudo é de meu grandíssimo interesse.” (6 dez 1822. *Epist.*, I, p. 582)

Giacomo responde em tom amoroso, dizendo que o alegra receber as cartas do pai, pois sempre sentiu e sente “necessidade de comunicar o que vem do coração e dos sentimentos” (9 dez 1822. *Epist.*, I, p. 582-3), coisa impossível com seus hospedeiros, entre os quais se sente um forasteiro⁹³. Mas a carta de 9 de dezembro de 1822 é sobretudo uma resposta à pergunta do pai sobre os literatos romanos.

⁹² Monaldo se interessava pela numismática e havia publicado em 1822 as *Notizie della Zecca e delle monete recanatensi raccolte da Monaldo Leopardi di Recanati*, pela tipografia Morici e Fratini de Recanati; a publicação fora anunciada nas *Effemeride letterarie* de abril, maio e junho de 1822 em Roma.

⁹³ Persiste a sensação de estranhamento e de não pertencimento à “desordem inacreditável e inconcebível que reina no cotidiano” de Casa Antici.

São poucos os literatos que conheceu em Roma, mas estes poucos lhe tiraram a vontade de conhecer outros. “Todos almejam chegar à imortalidade em uma carroça, como os maus Cristãos ao Paraíso.” (*Epist.*, I, p. 583). Arqueologia ou Antiquariato passam a definir “literatura romana” para Leopardi:

Para eles, o sumo da sapiência humana, aliás, a única e verdadeira ciência do homem é o Antiquariato. Não pude ainda conhecer um literato Romano que entenda sob o nome de literatura algo diferente de Arqueologia. Filosofia, moral, política, ciência do coração humano, eloquência, poesia, filologia: tudo é estranho em Roma, e parece brincadeira de criança, se comparado à descoberta de que aquele pedaço de cobre ou de pedra pertence a Marco Antonio ou a Marco Agripa. O incrível é que não se encontra um Romano que realmente domine o latim ou o grego; sem um perfeito conhecimento dessas línguas, o senhor bem vê o que possa ser o estudo da antiguidade. (9 dez 1822. *Epist.*, I, p. 583-4).

E o retrato dos literatos romanos continua na carta a Carlo de 16 de dezembro de 1822:

Falei somente das mulheres, pois da literatura não sei o que dizer. Horrores e mais horrores. Os nomes mais santos profanados, as mais insignificantes tolices erguidas aos céus, os melhores espíritos deste século pisados como inferiores ao menor literato de Roma, a filosofia desprezada como um estudo de criança; o gênio e a imaginação e o sentimento, palavras (não digo coisas, mas palavras) desconhecidas e estranhas aos poetas e às poetisas profissionais; o Antiquariato posto por todos no topo do saber humano, e considerado constante e universalmente como o único e verdadeiro estudo do homem. Não exagero no que digo. Pelo contrário, é impossível dizer o suficiente. Literato e Antiquário em Roma são uma só coisa. Se não sou um Antiquário, entende-se que não sou um literato e que não sei nada. (*Epist.*, I, p. 593).

Por trás da crítica de Leopardi ao Antiquariato, segundo Trenti, estaria a sua oposição a qualquer segmentação do saber, reducionismo ou consideração isolada de disciplinas, e a exigência, sobre a qual se funda o pensamento filosófico-estético leopardiano, da primazia de poesia e filosofia:

[...] a acusação fundamental dirigida por Leopardi aos expoentes medíocres da erudição romana da época da restauração [...] pertence à filosofia da cultura, em especial como recusa, ‘protesto’ [...] contra qualquer reducionismo, qualquer tentativa de considerar as disciplinas do antigo de modo individualizado, apartadas, tanto na prática quanto na abordagem teórica, de instâncias de mais amplo respiro, representantes da globalidade da cultura. Tudo isto como pressuposto categórico e exigência profunda do pensamento filosófico-estético leopardiano, fundado na primazia de poesia e filosofia [...].” (TRENTI, 1998, p. 52).

Leopardi propunha, portanto, a noção “ampla” de literatura e de saber, contra a “estreita” do Antiquariato. Trenti dirá ainda que essas amargas considerações serão destiladas nas páginas de “Parini ovvero la gloria” das *Operette Morali*⁹⁴. E serão assunto das cartas endereçadas a Vieusseux, em 2 de fevereiro de 1824, em que dizia não ter conhecido em Roma um literato que o tivesse feito desejar sua correspondência⁹⁵; a

⁹⁴ Eis a passagem do *Parini*, citada por Trenti: “[...] a verdade é que ter nome de medíocre matemático, físico, filólogo, antiquário [...], ser medianamente versado, inclusive em uma só língua antiga ou estrangeira, é motivo para ter, com a maioria dos homens, especialmente nas cidades maiores, muito mais consideração e estima do que ser conhecido e celebrado pelos bons juízes como um filósofo ou poeta insigne, ou como homem excelente na arte de escrever bem.” (LEOPARDI *apud* TRENTI, 1998, p. 53).

⁹⁵ “Se eu lhe dissesse que nesta capital, no espaço de vários meses, não tive a sorte de conhecer um literato romano que me tenha feito desejar a honra de sua correspondência, talvez lhe pareceria soberbo ou ignorante, sendo que esta última qualidade posso reconhecer que me pertença, a outra foi-me sempre estranhíssima. Mas posso lhe dizer a mesma coisa referida por todos os doutos estrangeiros que conheci naquela época, entre os quais o então Ministro da Prússia em Roma, homem, como o senhor saberá, eruditíssimo, que me dizia

Papadopoli, em 19 de dezembro de 1825, em que não se maravilhava com a impressão ruim de Roma que o amigo havia tido⁹⁶; e a De Sinner, em 24 de dezembro de 1831, na segunda permanência de Leopardi em Roma, em que afirmava que a filologia romana estava praticamente entregue à arqueologia⁹⁷.

O inverno romano é particularmente frio naquele ano, por conta do vento de tramontana, e castiga Leopardi, que sofre com frieiras nos pés. Não faltam ocasiões para lamentar-se da falta de aquecimento do quarto, do frio que nem se compara ao sentido em Recanati no ano anterior, e que os idosos dizem ser o mais rigoroso de todos os tempos, e até do frio que se sente dentro dos teatros em que esteve. Tudo é gelado em Roma, até a cidade branca de neve. Felici fala que de dezembro de 1822 a fevereiro de 1823 o “frio” é um tema constante nas cartas, como se, de certa forma, o escritor quisesse “transferir para ele os motivos mais profundos do mal-estar sentido na permanência romana.” (2006, p. 116)

A vida voltada para fora e o frio; o espaço físico da cidade inadequado às relações humanas, Roma como “um espetáculo em que nada brilha, além do espetáculo em si”, excluindo a participação efetiva dos homens sensíveis; a literatura reduzida à arqueologia ou ao mísero “tráfico de glória”; homens doutos, como Cancellieri e o Monsenhor Mai, ou mexeriqueiros ou gentis, mas políticos, e, de todo modo, pouco confiáveis e indignos de amizade. Giacomo garante a Carlo, na carta de 16 de dezembro de 1822, que não só não tinha tido “prazer algum” em Roma, como vivia imerso em “profunda melancolia”. Mas não negava que isto viesse, em grande parte, de sua “peculiar constituição moral e física.” (*Epist.*, I, p. 592).

expressamente não ter visto um literato romano com o qual tivesse desejado falar uma segunda vez.” (2 fev 1824. *Epist.*, I, p. 786).

⁹⁶ “Não me maravilha que Roma pouco tenha te satisfeito, como percebo da tua carta, e como me diz também a Condessa. Quanto à literatura, então, terás visto que em Roma ela é um nome e não um fato, e se em toda a Itália ela não é grande coisa, em Roma não é nada.” (19 dez 1825. *Epist.*, I, p. 1031)

⁹⁷ “Espera que eu lhe diga algo da filologia romana. [...] É bem verdade que frequentemente sou honrado por visitas literárias, mas estas não são nada filológicas, e em geral, pode-se dizer que aqui se sabe um pouco mais de latim que na alta Itália, o grego é quase desconhecido, e a filologia, quase inteiramente entregue às graças da arqueologia.” (24 dez 1831. *Epist.*, II, p. 1859)

É verdade que Leopardi tendia a amenizar os aspectos positivos da experiência romana nas cartas aos irmãos, especialmente a Carlo⁹⁸, como se quisesse poupá-los de um parâmetro agradável que tornasse a permanência em Recanati ainda mais insuportável. Mas a percepção negativa da cidade e da sociedade romana como um todo já aponta para o caminho da universalização do sofrimento no pensamento leopardiano, que independe de onde se está, e não é exclusivo dele como indivíduo, mas de toda a existência humana, aliás, de todo ser vivo. Vale lembrar, neste sentido, uma frase de encorajamento dita à irmã Paolina, que escrevera ao irmão melancólica com a própria vida. Giacomo lhe responde em 30 de dezembro de 1822: “[...] resguarde-se deste diabólico inverno, e por amor a mim, mande embora os pensamentos melancólicos [...], fica alegre, por favor; vejo por experiência própria e certíssima que a alegria e a melancolia são frutos de todos os lugares.” (*Epist.*, I, p. 606)

Dois novidades se diferenciam na massa negativa da experiência romana: os eruditos estrangeiros, que Leopardi conheceu, “bem diferentes dos romanos” (A Monaldo Leopardi, 9 dez 1822. *Epist.*, I, p. 585), e o ‘giro’ pelas bibliotecas da cidade, que ocupará parte do tempo do autor recanatense. Porém, antes de passar a estas experiências

⁹⁸Carlo faz constantemente um contraponto aos relatos negativos de Giacomo sobre a experiência romana, inconformado com o fato de o irmão não aproveitar a nova situação. Assim responde ao relato de estranhamento de Giacomo nos primeiros dias na cidade: “[...] não vejo do que possas te lamentar: não perdeste nada, pelo contrário ganhaste – estás em Roma: passeio pelas ruas povoadas, um belo monumento ao dia para visitar, ocasiões sociais numerosas com várias probabilidades de encontros favoráveis, teatro – já sabes que estas são as minhas condições para uma vida *comfortable*. Por que não saís sozinho?” (*Epist.*, I, p. 572). E rebate a ideia de que não é possível viver na grande cidade, defendida por Giacomo: “[...] com todas as belas coisas que me dizes para provar que se está melhor em Recanati que em Roma, é preciso que eu diga, pelo bem que te quero, que não te desejo a troca. Não sei contradizer detalhadamente todos os raciocínios que fazes, mas, de modo geral, acho que te enganas, e muito. Enfim, sempre se disse que as cidades grandes não são feitas para o homem sensível, mas nem as cidades pequenas, e nem o mundo [...] O que queres dizer quando garantes que desde que moras em Roma não sentiste um só prazer? Seria preciso que me dissesses que não tens um momento da vida que não seja desagradável, o que realmente espero que não seja verdade, e aqui é.” (*Epist.*, I, p. 588). Afetuosamente, contradiz Giacomo, recomendando-lhe a diversão: “Se me queres bem, diverte-te; esta é a única coisa que compensa a tua distância.” (*Epist.*, I, p. 575).

concretas, há algo a que Leopardi alude em carta a Carlo de 16 de dezembro, que pertence ao plano das ilusões e mantém um “fio de esperança” em meio à superficialidade e ao vazio da cidade: o “refúgio da posteridade”. Diz Leopardi em tom poético, sempre falando do vazio da sociedade romana e da falta de lugar para os homens sensíveis: “[...] tudo isso me desanima de um modo que, se eu não tivesse o refúgio da posteridade e a certeza de que com o tempo tudo encontra o seu lugar (refúgio ilusório, mas único e absolutamente necessário ao verdadeiro literato), mandaria a literatura para o inferno mil vezes.” (*Epist.*, I, p. 593-4)

Na casa de Reinhold, ministro da Holanda, Leopardi havia conhecido Friedrich Tiersch, professor de grego da Universidade de Munique, Alemanha, que se interessa pelos trabalhos filológicos que ele vinha preparando para as *Effemeridi letterarie*, e o visita “espontaneamente” para aprofundar a conversação, interrompida pelo tio Carlo Antici, que chama o sobrinho para um compromisso externo. Por conta dessa situação, Leopardi escreve um bilhete ao ilustre amigo em francês, “língua culta usada no salão do ministro Reinhold”, fazendo votos de que a conversa pudesse continuar, e dizendo que, apesar de ter vindo a Roma para “gozar da sociedade de homens doutos e célebres”, havia encontrado poucos (DAMIANI, 2006, p. 1269). Serão os encontros com os eruditos estrangeiros a garantir uma conversa do nível esperado por Leopardi, como testemunha a descrição feita à irmã Paolina em carta de 30 de dezembro de 1822:

Ontem fui almoçar na casa do Ministro da Holanda. A companhia era seleta e toda composta por estrangeiros. Posso dizer que esta é a primeira vez que assisti a uma conversa de bom-tom, espirituosa e elegante, quase comparável a uma conversa francesa. Inclusive a língua que se falou foi o francês quase sempre. Não havia italianos, a não ser os meus hospedeiros, eu e um romano, que não falou nada.” (*Epist.*, I, p 605).

Leopardi dizia-se muito ocupado, pois aqueles senhores “não lhe permitiam deixar os estudos”; pelo contrário, havia escrito “mais em um mês do que normalmente fazia em dois”, usando mais que uma língua, algo fora do seu costume (*Epist.*, I, p. 606); a Carlo dirá que os “chamados literatos não o deixam respirar” (6 jan 1823. *Epist.*, I. 613), referindo-se às publicações que fará em breve no jornal *Effemeride*

letterarie. A esse ponto, e justamente porque ao longo de anos boa parte da crítica tenha retratado Leopardi como um homem extremamente solitário e até misantropo, é interessante notar algo a que Felici chamou atenção em seu ensaio sobre as cartas de Roma: embora Leopardi se lamentasse de ter que viver sempre “voltado para fora” e fale da dificuldade dessa “vida externa”, “as jornadas romanas – tal como resultam do *Epistolario* – foram cheias de ocasiões e de encontros, e nos mostram um jovem provinciano – que até aquele momento nunca havia saído de casa – nem um pouco incapaz ou avesso a frequentar novos ambientes e novas pessoas.” (FELICI, 2006, p. 114).

Ainda em dezembro, Leopardi conhece o culto cavalheiro Marini, diretor-geral do Setor de Cadastros⁹⁹ de Roma e antigo conhecido de Monaldo por tê-lo livrado de uma multa nos tempos em que seu pai administrava a Secretaria de Abastecimento de Recanati. O cavalheiro havia posto sua biblioteca privada à disposição de Leopardi e do primo Melchiorri, e os dois ali passavam boa parte da manhã sozinhos. No início do ano seguinte, Leopardi irá frequentar a Biblioteca Barberina para realizar a catalogação dos códices gregos ali guardados, encargo atribuído ao recanatense pelo abade Rezzi, bibliotecário da Barberina, sob recomendação de Cancellieri (*Epist.*, II, p. 2189, nota 488-2). Leopardi escreve, no início de janeiro de 1823, um bilhete a Cancellieri, conservando todas as formalidades de praxe, em que confirma a sua disponibilidade para realizar o trabalho e aproveita a ocasião para devolver um livro emprestado:

Il.mo Sr. Abade, Patrão e Amigo. Restituo-lhe, com meus agradecimentos, as *Memorie Mariniane* [...]. Teria ido prontamente até o senhor para lhe agradecer, e tentado ver o Senhor Abade, mas, não tendo podido nem podendo sair de casa e nem praticamente do quarto por conta de uma maldita ferida causada por uma frieira no pé, agradeço como posso por carta, e rendo infinitas graças ao senhor, pedindo-lhe para que confirme ao Abade Rezzi que assumo de muito boa vontade este encargo dos *Códices gregos* e que, assim que puder me mover, eu me empenharei em realizar o meu compromisso. Que o senhor conserve para comigo a sua benevolência, que me foi e será

⁹⁹Órgão responsável pelo registro e a taxação de bens móveis e imóveis naquela época.

preciosíssima, e me honre com as suas ordens.
(s.d., mas jan 1823. *Epist.*, I, p. 612).

Por ocasião do Natal, Monaldo escreve ao filho, em carta conjunta com Paolina e Pierfrancesco, desejando que “as próximas solenidades natalícias” tragam para ele “bençãos divinas ainda maiores” e, para que as “rajadas celestes não se separem de algum brilho terreno”, Leopardi deveria buscar nos correios 10 *scudi* que o pai lhe franqueara, para “lembrar do júbilo infantil com o qual se costuma na primeira idade ver o retorno dessas agradabilíssimas festas”. Pierfrancesco, o irmãozinho de dez anos, diz que quer bem ao “caríssimo irmão”, e pede que “o Menino Jesus lhe dê boas Festas com toda a felicidade”. E como sabe que Giacomo lhe quer bem, pede que compre algumas figurinhas, algum livrinho ou lembrancinha que o ajude a se recordar do irmão. Já Paolina se diz feliz por saber que Giacomo fez “conhecidos úteis”, que o deixam mais tranquilo do que estava nos primeiros dias (20 dez 1822. *Epist.*, I, p. 599-600).

Nas festas de fim de ano, Leopardi assiste à apresentação “mediocre” da ópera *Eufemio de Messina* de Michele Carafa, com o famoso tenor Giacomo David, no Teatro Argentina, e comenta com Carlo em 6 de janeiro de 1823 não ter tido uma boa impressão, pois o canto mostra um esforço evidente do tenor¹⁰⁰. Diferente será a impressão dos espetáculos vistos por ocasião do carnaval, em fevereiro: a *Donna del lago* de Rossini, que o comove e peca somente por ser longo demais (assim como são exageradas as dimensões de Roma); a corrida de cavalos¹⁰¹, que é linda e digna de ser vista, e os bailes vistos com a *lorgnette*:

¹⁰⁰ “O canto de David não me causou grande impressão, pois se percebe evidentemente o seu esforço. Portanto, o corpo da sua voz, segundo o meu gosto, não consegue agradar muito. Quanto à agilidade e volubilidade do seu canto, meus ouvidos brutos não veem nada de extraordinário. Entretanto, a mais bela voz aplicada a uma melodia insignificante não pode fazer grande efeito.” (6 jan 1823. *Epist.*, I, p. 613)

¹⁰¹ Segundo Felici, tratava-se da corrida dos cavalos berberes (2006, p. 119), assim chamados porque os melhores cavalos de corrida vinham de uma região do norte da África denominada Berbéria. Segundo a enciclopédia Treccani, era famosa a corrida de cavalos no trecho urbano da via Flaminia (“il Corso”) em Roma. In <http://www.treccani.it/enciclopedia/barbero/>, acesso em 19 de fevereiro de 2015.

Temos no Teatro Argentina a *Donna del Lago*, cuja música, executada por vozes supreendentes, é algo estupendo, e até me faria chorar se o dom das lágrimas não estivesse suspenso em mim, pois percebo que não o perdi de todo. Mas é intolerável e mortal o tempo do espetáculo, que dura seis horas, e aqui não se tem o hábito de sair do próprio camarote. Parece que esses Romanos desgraçados, que construíram palácios e estradas e igrejas e praças do tamanho das habitações dos gigantes, querem ter diversões da mesma proporção, ou seja, gigantescas, como se a natureza humana, por mais estúpida que seja, pudesse aguentar e ser capaz de diversão maior que até certo ponto. Sem falar do espetáculo da corrida, que é realmente linda e digna de ser vista (quero dizer a corrida de carnaval), e da impressão que me deu a dança vista com a *lorgnette*. Digo que, de modo geral, nem com o canto nem com outro meio uma mulher pode fazer um homem se apaixonar tanto quanto com a dança, que parece dar às suas formas um não sei quê de divino e, ao seu corpo, uma força, uma capacidade mais que humana. (De Giacomo a Carlo Leopardi, 5 fev 1823. *Epist.*, I, p. 646).

Entre as diversões e compromissos romanos, Giacomo encontra tempo para escrever ao tio Ettore, que vivia com a família Leopardi, comentando sobre a promoção de oito prelados ao cardinalato e dizendo que “está muito bem, e se diverte até certo ponto” e que “as distrações de Roma não o impedem de tê-lo presente na memória”¹⁰². O mesmo cuidado e zelo, Giacomo demonstra em relação ao irmãozinho Pierfrancesco, a quem escreve prometendo comprar alguma coisinha assim que for possível, e recomenda amorosamente: “Coma e durma bem, e continue estudando, pois, quando eu voltar, quero que esteja

¹⁰² Eis o trecho todo: “Eu estou muito bem, e me divirto até certo ponto. Gostaria de ouvir o mesmo do senhor. Caro Tio, creia que eu o amo de todo coração, e que as distrações de Roma não me impedem de tê-lo presente na memória.” (De Giacomo a Ettore Leopardi, 14 dez 1822. *Epist.*, I, p. 590-1). Giacomo dedicará algumas breves cartas ao tio Ettore, dando notícias de suas permanências fora de Recanati, e uma, em especial, pedindo uma ajuda financeira para realizar a viagem a Milão, em 1825. O tio será assunto também de cartas aos irmãos e ao pai, por conta de seus problemas de saúde e de sua morte, em dezembro de 1825.

escrevendo como uma pena de ganso. Adeus, dou-lhe um abraço e tantos e tantos beijos. Beije forte os irmãos por mim e a mão de Papai e Mamãe.” (De Giacomo a Pierfrancesco Leopardi, 27 dez 1823. *Epist.*, I, p. 603).

A tradução de toda a obra de Platão, proposta a Leopardi pelo editor Filippo De Romanis será tema de algumas cartas dele a Monaldo e Carlo Leopardi no início de 1823. Aos 4 de janeiro, Leopardi escreve ao pai, falando sobre a proposta e contando que a tradução de Platão vinha sendo realizada também na Alemanha e na França, em suas respectivas línguas, e que seria muito bem-vinda na Itália. Ressaltava, além disso, que “todos os literatos nacionais e estrangeiros” (*Epist.*, I, p. 611) com os quais havia conversado sobre o assunto haviam aprovado e elogiado o projeto, aconselhando-o a pedir 100 *scudi* por tomo da tradução (que, no total, teria de 4 a 5 volumes), e pede a opinião do pai. Ao irmão Carlo, aos 6 de janeiro, acena rapidamente sobre o trabalho de catalogação dos códices gregos, que vinha fazendo na Biblioteca Barberina, e sobre o projeto de tradução de Platão, cujo acordo com De Romanis estaria quase fechado (*Epist.*, I, p. 614).

No mesmo dia, pai e irmão escrevem a Giacomo sem saber desta última carta que ele lhes enviara. Desde dezembro de 1822, a neve vinha retardando as entregas dos correios, e ocorrem muitos atrasos, fazendo com que a correspondência tantas vezes se cruze: um escreve para o outro sem ter recebido resposta à carta anterior. Era comum ter que esperar 10 dias para obter uma resposta, mas nessa época os prazos se alongam. O problema de comunicação é motivo de reclamação de Carlo¹⁰³ e da preocupação de Giacomo, que escreve angustiado ao irmão (“Estou com uma angústia que não posso expressar”)¹⁰⁴, temendo que as cartas escritas “com a maior liberdade possível” tivessem sido abertas em casa e pudessem motivar um conflito com os pais.

Mas desta vez o correio havia sido veloz. Aos 9 de janeiro de 1823, Carlo responde à carta em que Giacomo falava da tradução, criticando-o por ter contado ao pai da proposta:

Soube da proposta de De Romanis, sobre a qual escreveste ao Papai no último correio. Suponho

¹⁰³ “Para que serve o conforto do contato por escrito? Para bem pouco quando não pode passar menos de oito dias entre um palavra minha e a sua, e não menos que onze dias entre a sua última carta e a próxima.” (De Carlo a Giacomo Leopardi. 12 dez 1822. *Epist.*, I, p. 588)

¹⁰⁴ De Giacomo a Carlo Leopardi. 26 dez 1822. (*Epist.*, I, p. 601)

que tenhas decidido recusá-la, já que resolveu lhe contar. Pois, cá entre nós, não posso atribuir a outra coisa, senão à política, e não à ingenuidade, toda a linguagem que usas desde que estás fora, e que não deixa de ter o seu efeito. Se a efusão tivesse a mínima parte nisto, eu não poderia deixar de te condenar. (De Carlo a Giacomo Leopardi. 9 jan 1823. *Epist.*, I p. 617).

E justifica a sua crítica, contando que o pai havia dito à mãe Adelaide, na presença dos irmãos (quando ele, Carlo, estava ausente), que iria desaconselhar Giacomo a aceitar a proposta de De Romanis, porque lhe daria meios para pagar uma pensão e permanecer mais tempo em Roma. Com Carlo, por sua vez, havia feito uma série de raciocínios e cálculos, explicando porque não convinha a Giacomo assumir o encargo. Em suma, adverte o irmão para que esteja atento, e, se achar que deve, aceite a proposta, dizendo ao pai já ter fechado um acordo antes que sua resposta chegue por carta.

Aos 10 de janeiro de 1823, Monaldo, com a ótima capacidade de articulação do discurso, peculiar de suas cartas, defenderá o seu ponto de vista em relação ao projeto de tradução do Platão, fazendo duas considerações: sobre “a coisa” e sobre “o modo de executá-la”. Em primeiro lugar, diz que o filho deve refletir sobre as próprias forças físicas e a capacidade de assumir um empenho que o ocupe três anos. Não aprovaria de bom grado vê-lo fora de casa tanto tempo, embora não se importasse que Giacomo retornasse frequentemente a Roma; mas, diz Monaldo ao filho, que o considera sempre “domiciliado na casa Paterna, e na Cidade onde repousam as Cinzas dos Ancestrais” do filho e dele¹⁰⁵. Já sobre o modo, expõe vários cálculos até chegar a um suposto número de caracteres que teria a tradução, e a uma conta final em que resulta não ser possível fazer mais que uma folha por dia:

¹⁰⁵ Eis o trecho todo da carta: “Sei que você é constante e tenaz em suas propostas, mas para que segui-las não se torne danoso ou prejudicial, pondere bem consigo mesmo, e reflita que não é coisa pouca comprometer três anos de vida. Ademais, pense se este trabalho é executável aqui na sua casa [...] pois, senão, obrigar-se a manter longa distância não lhe faria bem e nem poderia ser aprovado por mim que, de bom grado, o veria voltar frequentemente a Roma, mas, de minha parte, irei considerá-lo sempre domiciliado na casa de seu Pai, e na Cidade onde repousam as cinzas dos antepassados seus e meus.” (De Monaldo a Giacomo Leopardi, 10 jan 1823. *Epist.*, I, p. 621)

Portanto, o seu esforço será pago com cerca de 60 *baiocchi* por dia, e, trabalhando um mês todo, todos os dias, sem repouso ou festa, ganharia 18 *scudi*, pouco mais do que damos ao nosso cozinheiro, e um pouco menos do quanto se dá nas Administrações aos Escriturários. A este ponto, o deixo em plena liberdade para resolver como quiser, mas me parece que a oferta de 500 *scudi* seja mais vil que mesquinha, absolutamente desproporcional ao seu esforço e ao ganho grandioso que ela dará ao impressor. (10 jan 1823. *Epist.*, I, p. 621).

Segundo Monaldo, a remuneração proposta é quase “indecente”, mas repete:

[...] quanto ao interesse, sinta-se livre para fazer o que quiser, só quis lhe comunicar as minhas reflexões para a sua Luz. Se for estipular um contrato, seria prudente que eu visse antes a minuta, por causa de todos aqueles detalhes que podem escapar a quem não tem prática de negócios; e diria que me interpelar não pode ser inconveniente, e nem é vergonhoso que um filho peça a opinião do Pai, e um Jovem consulte quem não o é mais. (10 jan 1823. *Epist.*, I, p. 622).

Monaldo deixa a Giacomo a decisão, mas reforça os pontos negativos do projeto, sobretudo ao comparar a remuneração ao ganho do empregado de casa, julgando o trabalho indigno de um nobre como o filho, sem considerar o ganho de autonomia, de experiência, enfim, de satisfação e projeção do filho no mundo literário.

Giacomo, por sua vez, escreve uma das cartas mais lúcidas do *Epistolario* enviadas ao pai, em que articula uma longa argumentação, em tom sempre respeitoso, mas firme, baseada na liberdade de tempo que teria para fazer o trabalho, sem contrato nem obrigações com o editor; e explicando que haveria pouco ganho dos editores, que De Romanis era um homem bom e, por fim, que na Itália não era possível pretender grande coisa em termos de trabalhos literários, já que o ganho dos editores era restrito e o número de cópias também. O projeto, por sua vez, não conteria o original, somente o texto da tradução com notas filosóficas ou históricas, mas não filológicas (13 jan 1823. *Epist.*, I, p. 625). É surpreendente o quanto um jovem, de origem provinciana como

a dele, já tivesse uma ampla visão do mundo editorial e clareza em relação a escolhas a fazer para publicar a tradução que pretendia realizar.

No meio-tempo, Pietro Brighenti escrevia de Bolonha aos 9 de janeiro de 1823, feliz por saber que o “adorado amigo” havia saído da “antiga e bruta” Recanati e passado “à pátria de Cícero”. Narrava o desânimo que o clima frio lhe trazia, tirando “três quartos do [seu] vigor” e irritando-lhe os nervos¹⁰⁶. Também Paolina escreve ao irmão no dia 13 com o ânimo abalado: se diz “amargurada” e “desolada”, e se lamenta do próprio “modo de vida, sem nenhuma esperança de melhora”, que só teria como fim a morte. Diz não acreditar que a alegria e a melancolia existam em todos os lugares, como afirmava Giacomo em carta de dezembro: “pode até haver melancolia em Roma, mas alegria em Recanati é impossível! [...] E depois, o lugar onde moro é a casa Leopardi; e você sabe melhor que eu como se vive aqui. [...] A cada dia que passa cresce a minha infelicidade” (*Epist.*, I, p. 627-8).

Nas cartas desse período é evidente a influência que o clima exerce no estado de ânimo dos correspondentes, e o próprio Giacomo escreverá a Carlo em 18 de janeiro de 1823, contando que finalmente esperava ficar em pé, depois de ter estado de cama por uma semana, tentando curar a frieira que o machucava há mais de quinze dias. Não podia escrever muito na cama, pois lhe faltava luz, mas responde rapidamente algumas perguntas que Carlo fizera em relação à língua e à escrita, e comenta os versos do irmão em homenagem a uma atriz, que estava apresentando uma ópera em Recanati, pela qual Carlo se apaixonara. Não perde a oportunidade de alfinetar a literatura e os homens romanos: “Teu soneto peca um pouco de obscuridade, não em si, mas para Recanati. De resto, é muito belo e afetuoso, e dá a ideia do teu espírito, do sentimento, da poesia, e do verdadeiro belo, todas coisas que é preciso esquecer em Roma, nesta estrumeira de literatura de opiniões e de costumes (ou melhor, de usanças, pois nem os Romanos, e

¹⁰⁶ “[...] agora que o frio começa, irrita-me tanto os nervos que tira três quartos do meu vigor, e me gela tanto, e me desanima, que me obriga a estar ao lado do fogo do momento em que saio da cama ao momento em que retorno. [...] Você saiu, então, da antiga e bruta Recanati, e passou à pátria de Cícero. Espero que aí se recupere dos tédios sentidos alhures. [...] Ame-me, adorado amigo, pois eu o tenho em meu coração como algo sagrado, aliás, celeste.” (De Brighenti a Leopardi, 9 jan 1823. *Epist.*, I, p. 616)

talvez nem os Italianos, têm costumes¹⁰⁷).” (18 jan 1823. *Epist.*, I, p. 630)

O assunto da tradução fora retomado por Monaldo em carta de 20 de janeiro de 1823, em que deixava ao filho a liberdade de decidir, não havendo uma obrigação contratual a cumprir. A Carlo, Giacomo escreverá longa carta em 22 de janeiro de 1823, uma das mais importantes do período, em que fala da relação com o pai, da vida em Roma e de seus contatos ali, das escolhas feitas em termos de projetos de vida e de trabalho. Enfim, faz um resumo de sua situação atual com uma lucidez e uma clareza, inclusive da sintaxe, que a aproximam das cartas escritas no fim da vida, com a diferença de que esta é uma carta longa, em que Giacomo se desdobra em minúcias ao irmão, fazendo-o participar de cada detalhe, coisa rara entre as suas missivas napolitanas. Sobre o modo político de lidar com o pai na história da tradução de Platão, Giacomo diz que lhe contou para manter uma conversa e talvez porque tenha os sentimentos afetados pela distância, responsável por reanimar “as afeições adormecidas ou apagadas”:

Não te enganas ao crer que minhas efusões etc. venham mais da política que de outra fonte, embora não se possa negar que a distância reanime de algum modo as afeições adormecidas ou apagadas; primeiro porque é distância, depois porque o homem tem sempre necessidade de alguém a quem creia interessar, e esta necessidade é sentida especialmente quando se vive entre estrangeiros e estranhos, ou em sua maioria desconhecidos. Informe-me meu pai do projeto de *De Romanis* por pura vontade de conversar e encher a página, e porque: 1.º eu não imaginava de modo algum que meu pai fosse suspeitar do projeto como suspeitou, nem que fosse temer o prolongamento de minha ausência [...]; 2.º eu estava e estou bem longe de pensar o que deu motivo às inquietações de meu pai, ou seja, que o ganho desse trabalho pudesse bastar para me manter em Roma. Imagine que rica entrada seria a de quinhentos ou seiscentos *scudi* ao todo nos cinco ou seis anos necessários para terminar uma

¹⁰⁷Segundo Bellucci, esta passagem da carta a Carlo será retomada quase literalmente no *Discorso sui costumi degli italiani*, escrito em 1824 (2012, p. 69).

obra imensa como aquela. Cem *scudi* por ano no máximo, isto seria a grande renda. De modo que jamais depusitei nesse trabalho esperança alguma, e falei dele a meu pai como se fosse nada, e desse nada ele se angustiou e me escreveu, como pôde imaginar. [...] No mais, quase fechei um acordo com De Romanis. Porém, como ainda tenho dúvidas, não me comprometi e resolverei com calma, pois o esforço é grande, o proveito é pequeno, o tempo que o trabalho exige é longo, e tenho muitas coisas com as quais gastá-lo melhor, tendo vontade de escrever. (22 jan 1823. *Epist.*, I, p. 632).

Leopardi não depositava esperanças no projeto de tradução de Platão, mas outras esperanças o motivavam, sobretudo fazer com que um estrangeiro o levasse para viver fora da Itália:

Se então me perguntar que esperanças tenho, em que sentido, e que vantagem pense obter desta viagem, aqui estão. Procurar emprego no Estado é missão quase perdida. Quanto mais de perto se vê a corte, maior é o desespero por não se obter nada dela. Tenho certa amizade com o Cavalheiro Marini, Diretor-geral dos Cadastros. Um leve empenho dele talvez fosse suficiente para que eu conseguisse a função de Oficial de Registro do Patrimônio (que depende completamente dele) quando surgisse a primeira vaga. Tio Carlo me disse que o golpe está dado, que eu cultive Marini e não pense em outra coisa. Eu o deixo falar, como sempre fiz. Marini não é homem de compromissos, e tem mil recomendações para essas vagas etc. Meu projeto é fazer com que algum estrangeiro inglês, alemão ou russo leve-me embora.

[...] sei que ainda há procura de literatos italianos, conheço o nome de vários literatozinhos romanos que fizeram fortuna ou, então, que passam bem naqueles países; [...] e, finalmente, vejo com meus próprios olhos quão pouco é preciso para ter sorte com esses Senhores estrangeiros, o quanto pequenas habilidades são pagas por eles com ótimo preço, quanto valor eles dão a cada pequeno

dom literário que alguém demonstre. (22 jan 1823. *Epist.*, I, p. 633).

Nem filosofia nem literatura, entretanto, interessam a esses estrangeiros, que não apreciam o que não podem compreender em outra língua; de modo que em Roma Leopardi mudou de hábito, ou melhor, retomou o que tinha quando criança, e por isso se dedicou a escrever as “bagatelas” que sairão nas *Effemeridi letterarie*: para fazer um nome como erudito e grecista, e tentar conquistar a confiança de algum estrangeiro.

Em seguida, Leopardi fala de Roma como uma cidade em que há vida; menos que em outras capitais, mas há vida e vários modos de se manter: humildes, mas literários e possíveis (*Epist.*, I, p. 634). Tem usado muito a comunicação em francês nos ambientes que frequenta – e, embora se lamente da dificuldade de entendê-lo na “boca dos estrangeiros”, diz que o “hábito remediará tudo”, tocando em um dos pontos centrais de seu pensamento (a criação de hábito, habituação ou *assuefazione*).

É uma das cartas mais positivas do período, tanto em relação à visão de Roma quanto das próprias perspectivas, motivadas certamente pelas “esperanças” que Giacomo tinha no futuro, um “sonho” que precisaria ganhar “corpo”, segundo ele (*Epist.*, I, 635). Mas há também um contraponto a esse otimismo: a indiferença conquistada em Roma, sobre a qual Giacomo fala como algo que o preparava para os diferentes êxitos da vida. Diz ele ao irmão:

Caro Carlo, sabes bem que te amo, e o que representa para mim o simples pensamento de me afastar de ti. Mas isso talvez seja um sonho, e sei bem que gostarias que tivesse um corpo. Devo dizer que, na verdade, mesmo se conseguir, não teria sentimento algum de alegria, pois sou inteiramente incapaz de alegrar-me, e incapaz para sempre; Roma ao menos me deu esta vantagem de aperfeiçoar a minha insensibilidade em relação a mim mesmo, de olhar minha vida toda, meu bem, meu mal, como vida, bem, mal alheio. (22 jan 1823. *Epist.*, I, 635).

A indiferença em relação a si mesmo – esse olhar de fora, distanciado, como quem sobrevoa a própria vida – havia sido tema de certas cartas enviadas pela tia Ferdinanda Melchiorri a Giacomo e

escritas por ele a Pietro Brighenti já em 1821, quando falava em “ceder à fortuna” e cultivar a sabedoria da arte de não sofrer: uma forma de reduzir o sofrimento diante da impossibilidade de ser feliz (como vimos no primeiro capítulo). E será assunto de várias cartas dos próximos anos, como a de 28 de janeiro de 1823 a Paolina, e de páginas do *Zibaldone*, como veremos a seguir.

Damiani, em comentário a esta carta de Giacomo a Carlo de 22 de janeiro de 1823, relaciona a passagem sobre a indiferença com o trecho do *Zibaldone* (4420), de 1º de dezembro de 1828, em que Leopardi recordava amargamente a experiência romana, narrando ter se tornado inútil para as coisas internas por conta da exposição excessiva ao mundo exterior (DAMIANI, 2006, p. 1278) – que eu, porém, relaciono à carta de 25 de novembro a Carlo: a abertura simbólica da experiência romana de Leopardi (em que ele narra a sensação da perda de si até virar uma estátua que não serve para nada).

Na minha interpretação, as passagens falam de coisas diferentes. Uma coisa é a sensação de vazio e inaptidão para o mundo interior que o fato de estar sempre voltado para fora dá, porque cria a sensação de perda de contato consigo mesmo, com os sentimentos e pensamentos mais profundos (carta do dia 25 de novembro de 1822). Outra coisa seria a passagem citada acima, da carta de 22 de janeiro de 1823, na qual a indiferença surge como uma capacidade de se identificar menos com as próprias dores e paixões, adquirida com a maturidade, e que não implica a perda de contato com o próprio mundo interior, mas funciona com uma espécie de proteção contra o sofrimento, uma forma de educação da mente, de filosofia prática, como Leopardi a chamará.

Isto fica claro na carta a Paolina de 28 de janeiro de 1823, em que Giacomo, respondendo à irmã, que havia escrito desesperada com a vida que levava, a aconselha a usar a filosofia para amenizar o sofrimento. Em tom amável e íntimo à irmã, diz Giacomo:

Cara Paolina,

Tua carta agradou-me muito, e assim será sempre que me escreveres; mas também me desagrada muito sentir-te assim atormentada pela tua imaginação. Não digo que não tenhas razão de sofrer por conta da imaginação, mas que de lá vêm todos os nossos males, pois, de fato, não há no mundo nem verdadeiro bem nem verdadeiro mal, humanamente falando, a não ser a dor do corpo. (*Epist.*, I, p. 639).

Gostaria de consolá-la, mesmo “às custas da própria felicidade”, e faz uma consideração sobre o sonho de felicidade e o mundo insuportável em que vivem:

Depois disso, não será preciso repetir que a felicidade humana é um sonho, que o mundo não é belo, aliás, não é suportável, a não ser visto como o vês, isto é, de longe; que o prazer é uma palavra, não uma coisa; que a virtude, a sensibilidade, a grandeza de espírito não só são os únicos consolos para os nossos males, como os únicos bens possíveis nesta vida; e que esses bens, vivendo no mundo e na sociedade, não são desfrutados nem aproveitados, como costumam crer os jovens, mas se perdem completamente, ficando a alma em um vazio assustador. (28 jan 1823. *Epist.*, I, p. 639).

Mesmo sendo jovem, diz Giacomo, Paolina já sabia de tudo isto, mas sofria porque desejava experimentar por si própria. Pede à irmã que use a “filosofia” para se alegrar, pois o motivo de sua melancolia poderia desaparecer de um dia para o outro (aludindo, provavelmente, ao êxito positivo de um acordo de casamento, tão esperado por ela), e lhe ensina uma máxima filosófica, que poderia servir de consolo:

Mas tens por certa esta máxima reconhecida por todos os filósofos, que poderá consolar-te em muitas ocasiões: que a felicidade, e a infelicidade, de um homem (à parte as dores do corpo) é absolutamente igual à de outro em qualquer condição ou situação em que este ou aquele estiverem. E, por isto, falando concretamente, tanto gozam e sofrem o pobre, o velho, o fraco, o feio, o ignorante, quanto o rico, o jovem, o forte, o belo, o douto: pois cada um em seu estado constrói seus bens e seus males, e a quantidade de bens e males que um homem pode construir é igual a que constrói qualquer outro. (28 jan 1823. *Epist.*, I, p. 639).

Todos nós, humanos e capazes de imaginar, sentimos prazer e sofremos, pois construímos prazeres e dores através da imaginação (do sonho ou desejo imaginado; da dor alimentada pelo pensamento).

Sobretudo porque, como dirá Leopardi em suas reflexões zibaldonianas de 12 de março de 1826, quanto maior o desejo de ser feliz, maior o sofrimento, pois "o homem sempre deseja a felicidade, e, portanto, um prazer infinito":

Da minha teoria do prazer deriva que o homem ou ser vivo, inclusive no momento de maior prazer de sua vida, deseja não só mais, mas infinitamente mais do que ele tem, ou seja, um prazer infinitamente maior, pois ele sempre deseja uma felicidade, e, portanto um prazer infinito. E que o homem, em cada instante de sua vida pensante e sentida, deseja infinitamente mais ou melhor do que ele tem. (*Zib.* 4126)

Não cabe aqui aprofundar a "teoria do prazer"¹⁰⁸, segundo Landi um dos núcleos temáticos mais fortes e relevantes do *Zibaldone* e do pensamento filosófico leopordiano (2012, p. 212). Limite-me a apontar a consonância das reflexões na carta à irmã com o amadurecimento das ideias em torno a prazer e dor, felicidade e infelicidade, que ganharão corpo tanto nas *Operette morali* (neste caso, em especial, no "Dialogo di un islandese e della natura") e, que, a partir de 1824, se tornarão frequentes no diário intelectual de Leopardi.

O funeral de Antonio Canova, artista famoso sobretudo por suas esculturas espalhadas por Roma, será assunto de carta a Cancellieri, ao pai Monaldo e a Pietro Giordani em janeiro de 1823. Canova havia falecido em Veneza em outubro do ano anterior, e seu sepultamento, programado para o dia 31 de janeiro de 1823 na Igreja dos Santos Apóstolos, se transformara em um acontecimento na capital. Leopardi escreve um bilhete a Cancellieri, que lhe pedira o favor de conseguir alguns ingressos para o funeral, dizendo que havia uma lista composta a

¹⁰⁸A teoria do prazer, segundo Landi, explica a evidente e "assustadora" contradição inerente ao sistema da natureza, ou seja, a contradição entre a finalidade da natureza como um todo e da natureza humana, da existência universal e da existência humana (2012, p. 185). Em linhas gerais, diz Leopardi que a finalidade do homem e de todo ser vivo é a felicidade, ou o prazer próprio, mas não só a felicidade é impossível como a transformação que necessariamente acontece na relação dos seres vivos entre si, em que cada um busca o prazer próprio, provoca desprazer no outro, fazendo com que a soma e a intensidade dos desprazeres seja maior que a soma e a intensidade dos prazeres. (*Zib.* 4128-4129, 5-6 de abril de 1825 *apud* LANDI, 2012, p. 185).

critério dos membros da Academia de Belas Artes, responsável pela organização do evento, e que tentaria inserir os nomes dos amigos que ele indicava (*Epist.*, I, p. 640). Ao pai Monaldo fala com desdém do funeral, cujos ingressos eram procuradíssimos, como todas as “tolices” naquela cidade (*Epist.*, p. 641); enquanto a Pietro Giordani escreve dizendo-se “muito desafortunado” por não ter podido conhecer o grande Canova por intermédio dele, que era seu amigo, tendo a morte levado o artista e outros caros seus¹⁰⁹ antes que Leopardi conseguisse deixar o seu “ninho e ver Roma” (*Epist.*, I, p. 643).

Após um longo silêncio na correspondência entre os dois, aos 12 de janeiro de 1823, Giordani havia escrito ao seu “indizivelmente amado Giacominio” uma carta afetuosa, em que se dizia oprimido por “mil tristezas” e “males públicos e privados”, pela perda de Canova, e agradecia a consideração que o amigo tinha por lhe escrever de Roma, dando-lhe a notícia de que saíra das “longas e tenebrosas trevas”¹¹⁰. Leopardi lhe responde com o mesmo afeto em 1º de fevereiro de 1823, falando do desejo que tinha de rever o amigo e consolá-lo em suas moléstias e tristezas. Da literatura romana faz o costumeiro retrato negativo; os únicos com quem conversava eram os estrangeiros:

A literatura romana, como sabes muitíssimo bem, é tão mísera, vil, estúpida, nula, que me arrependo de tê-la visto e de vê-la, pois esses miseráveis literatos fazem-me desgostar da literatura; o desprezo e a compaixão que tenho por eles redundam em meu espírito, prejudicando o grande conceito e o grande amor que tinha pelas letras. Trouxe para cá algumas pequenas coisinhas trabalhadas por muito tempo, que até conseguiria publicar nesta cidade, não sem dificuldade e obstáculos; mas estou muito incerto, pois tudo o que se publica aqui, se não é absoluta vaidade e loucura, parece jogado fora e perdido. Deixando de lado os romanos e os italianos, converso com os estrangeiros que aqui vivem, alguns dos quais de muito mérito e fama. (*Epist.* I, p. 643).

¹⁰⁹ Referia-se provavelmente à tia Ferdinanda Melchiorri, morta poucos dias antes da chegada de Giacomo a Roma em novembro de 1822.

¹¹⁰ Palavras de Giordani, que estava muito melancólico, e assim conclui a carta: “Assim vivo: esperando morrer. Mas não te entristeças por mim, já resignado ao meu destino. Tu, jovem, cheio de grandes esperanças, ama e cuida-te”. (12 jan 1823. *Epist.*, I, p. 624).

Leopardi pede a Giordani sua opinião sobre a ideia que tinha de se juntar a algum estrangeiro que o apoiasse, de modo a poder passar a viver da escrita fora da Itália. E este lhe responde, aos 16 de fevereiro de 1823, que sair um pouco "de Roma e da Itália, onde não há esperança de algo bom", talvez pudesse "contribuir para o intelecto" de Giacomo. Mas o adverte com a fala amargurada e cética:

O mundo está cheio de malvados, cheíssimo de egoístas. Por favor, peço-lhe, tenha cuidado ao crer na bondade: ela é muito escassa no mundo; e geralmente misturada a tantas fraquezas, e contradições, que prejudica muito a quem nela confia. Esteja sempre alerta: seja cuidadosíssimo ao acreditar; não se entregue jamais a uma total e seguríssima confiança. (De Giordani a Leopardi. 16 fev 1823. *Epist.*, I, p. 652).

Giordani indica alguns amigos que poderiam ajudá-lo no caso de uma ida ao exterior, porém, o próprio Leopardi, em carta de março ao amigo irá desconsiderar a hipótese de sair da Itália, pois no exterior, segundo ele, teria que se submeter a um "privado", e, por mais humano e bom que fosse, ainda preferiria trabalhar para uma instituição pública (10 mar 1823. *Epist.*, I, p. 663-4).

Em fevereiro, acontece um "incidente" envolvendo Leopardi durante um almoço na casa do monsenhor Mai, no qual estavam presentes, além dele, o erudito Giuseppe De Mattheis, o monsenhor Marini, o abade Palcani e um eclesiástico que Mai esquecera de apresentar. Leopardi comete uma gafe, da qual falará ao pai num tom leve de quem conta um 'causo', incomum nas cartas a Monaldo:

Falou-se sobre o célebre funeral de Canova ocorrido aqui poucos dias atrás, e sobre a Oração fúnebre declamada pelo Abade Missirini, que não valia nada, mas o Carnaval e a Oração de Missirini eram os assuntos do dia, e era preciso adequar-se. Eu disse a minha opinião sobre aquela Oração, que foi seguida e confirmada por outros e pelo Monsenhor Mai, que, por acaso, não estava atento à minha fala. Enfim, a Oração foi desaprovada por todos. Depois do almoço, antes de tomar o café, soubemos que aquele eclesiástico desconhecido era o Abade Missirini, que o Monsenhor Mai tinha inadvertidamente esquecido

de apresentar aos convidados. Todos lamentaram o inconveniente, mas não havendo como nos desculparmos, conveio disfarçar. Ao sairmos de lá eu não disse nada, mas todos os outros e o próprio Missirini contaram o ocorrido a meio mundo, e Roma literária toda ocupou-se com essa besteira, da qual Missirini e eu fomos os protagonistas, pois os outros haviam seguido a minha opinião. As risadas dadas em vários lugares sobre esse incidente realmente não foram às minhas costas. Soube depois que Missirini havia mandado ao Monsenhor Mai certas fofocas para que as remetesse a mim, e que o Monsenhor tinha ido de propósito até ele para convencê-lo a não levar isto adiante. (De Giacomo a Monaldo Leopardi. 15 mar 1823. *Epist.*, I, p. 672-673).

Diz Felici que o "incidente" na casa de Mai quebra a "impressão de total indiferença do ambiente romano em relação a Leopardi, sobre a qual tantas vezes se insistiu", pois mostra que os "os literatos da cidade – por mais tolos e superficiais que fossem – abriram as portas de seus salões e bibliotecas, e não deixaram de notar o seu talento extraordinário." (2006, p. 120)

Do dia 20 de fevereiro é a carta mais comentada do período romano, em que Giacomo narra a Carlo sua visita, provavelmente solitária, ao túmulo de Tasso, ocorrida em 15 de fevereiro¹¹¹. Esta carta é considerada por Bini "o documento mais alto do período romano, em certo sentido, a 'poesia' escrita por Leopardi neste período, documento de essencial importância, de uma profunda e severa beleza, chave para que possamos compreender pontos essenciais dessa grande personalidade." (1965, p. 174)

¹¹¹ Na realidade, a visita ao túmulo de Tasso teria ocorrido às 18 hs do dia 14 de fevereiro, uma sexta-feira, e não no dia 15, que foi sábado. Ocorre que o sistema de horas seguido na época pelo Estado Pontifício considerava o fim das vinte e quatro horas na hora da ave-maria (seis da tarde), por isto Leopardi teria datado a visita ao túmulo como dia 15, sexta-feira, o que não corresponde com nosso modo de contar o tempo atual. Esta precisção deve-se a Luigi Trenti, "L'orologio di Leopardi" in Bonella, A.; Pompeo, A.; Venzo, m. I. (org.). *Roma fra la Restaurazione e l'Elezione di Pio IX. Amministrazione, economia, società e cultura*. Roma-Freiburg-Wien: Herder, 1977, p. 707-716, citado em nota por Bellucci (2012, p. 45, nota 1).

A carta inicia tratando do acordo de casamento que a família vinha tentando concluir entre Paolina e um certo Roccetti, e passa, improvisamente, a narrar esta que teria sido a "única" experiência prazerosa vivida por Giacomo em Roma, o "prazer das lágrimas":

Sexta-feira, 15 de fevereiro de 1823, fui visitar o túmulo de Tasso e chorei. Este é o primeiro e único *prazer* que senti em Roma. A estrada para ir até lá é longa, e não se vai àquele lugar a não ser para ver o túmulo; mas não seria possível vir até da América para experimentar o prazer das lágrimas no espaço de dois minutos? É bem certo que os gastos imensos que vejo fazerem para ter um ou outro prazer são todos jogados fora, pois ao invés do prazer nada se obtém além do tédio. (De Giacomo a Carlo Leopardi. 20 fev 1823. *Epist.* I, p. 653-4).

Leopardi havia visto obras-primas da escultura e da pintura, museus e monumentos antigos e modernos, assistido a encenações teatrais, a espetáculos na cidade, mas nada disso, segundo Bellucci, havia ganhado muito espaço nas páginas de sua correspondência romana (2012, p. 46).

Eis que, em meio à rotina de "muito movimento" e "giro pelas bibliotecas", narrada por Leopardi em carta a Monaldo do dia 22 de fevereiro de 1823 (*Epist.*, I, p. 655), ocorre a experiência prazerosa da comoção diante do túmulo de Tasso, que contrasta com a experiência predominantemente negativa narrada nas cartas romanas, em especial, com a ausência de prazer confessada a Carlo na carta de 6 de dezembro de 1822¹¹². Diz Bellucci que a repetição "quase obsessiva" do "termo-chave desta comunicação epistolar", o "prazer", no início desta parte da carta (4 vezes no trecho citado), indicaria a busca incansável de

¹¹²“Pergunta-me, se nas duas semanas em que estou em Roma, pude alguma vez gozar de um pequeno prazer fugidio, de um prazer roubado, previsto ou improvisado, exterior ou interior, turbulento ou pacífico, ou vestido de uma forma qualquer. Responderei em sã consciência e jurarei que desde que pus os pés nesta cidade, jamais uma gota de prazer caiu sobre a minha alma, exceto nos momentos em que li tuas cartas, que foram, sem exagero algum, os momentos mais bonitos de minha estada em Roma [...].”(Epist., I, p. 578).

"comoção profunda", falida tanto nas experiências "estéticas quanto afetivas" de Leopardi no período romano (BELLUCCI, 2012, p. 45-47). Leopardi contrapõe o prazer da comoção profunda provocada pelas coisas simples aos prazeres do mundo fútil da sociedade e dos monumentos romanos, baseados nas aparências e restritos ao sentido da visão:

Muitos têm um sentimento de indignação ao ver as cinzas de Tasso cobertas e indicadas por algo que não passa de uma pedra larga, com cerca de um palmo e meio de comprimento, posta no cantinho de uma igrejinha. Mas de modo algum eu gostaria de encontrar estas cinzas sob um mausoléu. Podes compreender a quantidade de afetos que nasce da consideração do contraste entre a grandeza de Tasso e a humildade de sua sepultura. Mas não podes ter ideia de outro contraste, ou melhor, o que sente um olho acostumado à infinita magnificência e vastidão dos monumentos romanos ao compará-los com a pequenez e nudez deste sepulcro. Sente-se uma triste e fremente consolação, pensando que até mesmo esta pobreza é suficiente para interessar e animar a posteridade, enquanto os soberbíssimos mausoléus existentes em Roma são observados com perfeita indiferença pela pessoa para a qual foram erguidos, da qual não se pergunta nem mesmo o nome; ou se pergunta o nome do monumento, não da pessoa. (20 fev 1823. *Epist.*, I, p. 654).

A "pequenez e nudez" do sepulcro de Tasso comove Leopardi, segundo Felici, porque, ao se contrapor aos "soberbíssimos mausoléus" existentes em Roma, remete à grandeza do homem ali enterrado, quase uma "vingança" dirá, citando Bini, em relação ao "mundo tolo e vazio, retórico e falso" e o "restabelecimento da verdadeira proporção entre grandeza real e monumentalidade exterior." (2006, p. 137)

Bellucci, por sua vez, irá destacar a "intensidade ética e estética" manifesta em cada detalhe do texto, cuja ideia-guia seria "a defesa do essencial contra o supérfluo, do verdadeiro contra o falso, a defesa [...] do humano não desvirtuado e de sua potencial grandeza" (2012, p. 49). A estudiosa ressalta alguns aspectos da estruturação do discurso, que

produzem no leitor o efeito de um "intenso envolvimento emocional". Entre eles, o uso lado a lado dos diminutivos "cantinho" e "igrejinha", pouco comum na linguagem leopardiana, para indicar o lugar onde repousa o poeta, mas também o lugar dos afetos do coração, e outra aproximação lexical contrastante, "de rara força expressiva": a "triste e fremente consolação" de saber que algo de aparência tão pobre, mas de essência grandiosa, possa despertar o interesse da posteridade. E chama atenção para o modo como a visita é anunciada, com palavras pobres, simples, que ocupam pouco espaço, assim como o túmulo de Tasso (BELLUCCI, 2012, p. 48), construído na Igreja de Santo Onofre:

"Sexta-feira, 15 de fevereiro, fui visitar o túmulo de Tasso e chorei": dia memorável e declaração surpreendentemente adequada; a perfeita simplicidade da informação comunica as duas ações coordenadas ["fui visitar" e "chorei"], sem nenhum ornamento retórico ou lexical, conseguindo, todavia, produzir um intenso envolvimento emocional em quem lê, justamente por conta da essencialidade e humildade do discurso. (BELLUCCI, 2012, p. 48).

Até a estrada que conduzia à igreja, a subida de Santo Onofre, preparava o espírito para as "impressões do sentimento", como diz Leopardi na carta. Não era uma estrada suntuosa nem monumental, como as ruas de Roma nas quais estava acostumado a passear. Era uma estrada popular, costeadada por casas simples e manufaturas, com gente 'de verdade', empenhada em seu trabalho cotidiano, um outro mundo em relação à Roma ociosa e 'falsa':

Até a estrada que conduz àquele lugar prepara o espírito para as impressões do sentimento. É toda costeadada por casas destinadas às manufaturas, e ecoa o ruído dos teares e de outros instrumentos, e o canto das mulheres e dos operários ocupados com o trabalho. Em uma cidade ociosa, dissipada, sem método, como são as capitais, é belo considerar a imagem da vida sintetizada, ordenada e ocupada por profissões úteis. Até as fisionomias e os modos da gente que se encontra por aquela rua têm um não sei quê de mais simples e de mais humano que as dos outros, e demonstram os

costumes e o caráter de pessoas cuja vida se funda no verdadeiro e não no falso, isto é, que vivem de trabalho e não de intriga, de impostura, de engano, como a maior parte dessa população. (De Giacomo a Carlo Leopardi, 20 fev 1823. *Epist.*, I, p. 654).

A descrição lentamente introduz o leitor na atmosfera poética formada pelos sons dos instrumentos de trabalho e dos cantos das mulheres, e pela imagem dos rostos esculpidos por uma vida simples, mas humana e verdadeira. Dirá Bini que desta experiência nascerá uma das "vias mais poéticas de Leopardi", do "Leopardi poeta da verdade, do vago fundado na verdade." (1965, p. 178). O 'verdadeiro' também é capaz de satisfazer ou afetar a alma, como resulta da reflexão anotada no *Zibaldone*, em Roma, pouco tempo antes da visita ao túmulo, e apontada por Bellucci (2012, p. 50). Dizia Leopardi no dia 13 de dezembro de 1822:

O verdadeiro certamente não é belo; mas também satisfaz ou, então, afeta de algum modo a alma; e existe, sem dúvida, o prazer da verdade e do conhecimento do verdadeiro. [...] Mas a pior coisa do mundo, e a maior infelicidade do homem, é encontrar-se privado do belo e do verdadeiro, tratar, conviver com o que não é belo nem verdadeiro. Esta é a sorte de quem vive nas cidades grandes, onde tudo é falso, e este falso não é belo, pelo contrário, feíssimo. (*Zib.* 2653-54).

Vale notar, nesta carta considerada a obra-prima romana de Leopardi, certa identificação com o poeta, tão infeliz quanto admirado por ele, quando fala do reconhecimento da grandiosidade de Tasso pela posteridade. "O refúgio da posteridade", necessário ao "verdadeiro literato", era apontado, em carta a Carlo de 16 de novembro de 1822, como a esperança que o movia diante da pobreza de espírito da época. Chamo atenção também para a proximidade da atmosfera criada pela descrição da subida de Santo Onofre, caminho que "prepara o espírito para as impressões do sentimento", com a preparação para a "conversa no céu", palavras de Tasso na carta escrita à beira da morte, em que se referia ao motivo de sua ida a Santo Onofre.

Segundo Maria Cristina Figorilli, a carta de Tasso endereçada a Antonio Costantini, na qual o poeta narra seus últimos momentos de vida, passados no convento de Santo Onofre, fora incluída por Leopardi na *Crestomazia italiana* de prosa, e é provável que este texto estivesse presente em sua memória ao visitar o túmulo do poeta (1998, p. 132). Cito a passagem da carta de Tasso, que fala da preparação para a "conversa no céu" (que aproximo à leopordiana preparação do espírito para "as impressões do sentimento"). Diz Tasso: "Pedi para que me conduzissem a este monastério de Santo Onofre não só porque o seu ar é elogiado pelos médicos, mais do que em qualquer lugar de Roma, mas quase para começar neste lugar eminente, e através da conversa com estes padres devotos, a minha conversa no céu".¹¹³

Aos 7 de março, Giacomo escreve a Monaldo, anunciando que está catalogando os códices gregos da Biblioteca Barberina e que havia aceito o encargo com a "esperança de fazer alguma descoberta". Comenta sobre o hábito egoísta e avaro dos bibliotecários, que, por ignorância, não permitiam a ninguém que "os infinitos códices presentes naquelas bibliotecas" fossem consultados e usados. Entre várias obras menores descobertas, encontrou uma obra grega quase inteira, "de século e estilo absolutamente clássico" (*Epist.*, I, p. 660), tão importante quanto a descoberta recente do monsenhor Mai. Tratava-se da *Oração* de Libânio, que ele mostrou a Niebuhr, o qual se compromete a publicar o texto na Alemanha. No meio-tempo, o pai responde, esperando que a descoberta proporcionasse a Giacomo os ganhos que deu a Mai, e, sempre com o tom de quem chama para a realidade, diz:

Infelizmente, porém, o valor da moeda Literária nem sempre segue a proporção de seu conteúdo, mas geralmente a fortuna ou audácia de quem a vende. De todo modo, deste trabalho poderá extrair ocupação, deleite e honra, recompensas que deverão bastar a quem, pela graça do Senhor, não busca o pão, e não almeja tesouros. (De Monaldo a Giacomo Leopardi. 10 mar 1823. *Epist.*, I, p. 665).

¹¹³ Carta de Tasso a Antonio Costantini. Sem data, mas abril de 1595, carta 1535 ed. Guasti, disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001167/bibit001167.xml&hunk.id=d77e19951&toc.depth=1&toc.id=d77e121&brand=newlook>. Acesso em outubro de 2014.

A publicação da Oração de Libânio não ocorre, pois, segundo Felici, o monsenhor Mai, que havia descoberto o mesmo texto que Leopardi num outro códice, se antecipa a ele e publica primeiro, e Leopardi, sentindo-se ofendido, rompe para sempre a relação com o filólogo religioso (2006, p. 121). Entretanto, a descoberta estreitara a sua amizade com Niebuhr, que “espontaneamente” começou a ajudá-lo “de modo tal que nem de um pai poderia esperar”, como comenta Leopardi em carta ao amigo Giordani¹¹⁴. Niebuhr, ‘ministro’ da Prússia em Roma (na realidade, embaixador) estava para retornar à sua terra, mas havia conversado com o Secretário de Estado, o cardeal Ercole Consalvi, usando de sua amizade e influência no Vaticano para tentar conseguir um emprego administrativo¹¹⁵ para Leopardi. A pedido do ministro, Leopardi escreverá uma súplica endereçada ao Secretário de Estado, que o próprio Niebuhr irá reler e entregar a Cappaccini, auxiliar do cardeal, acompanhado de um bilhete de recomendação seu. Eram os últimos passos que Leopardi tentava dar em direção à autonomia, antes de retornar a Recanati, pois a temporada romana estava terminando, e, não havendo novidades, os planos eram voltar à cidade natal no próximo mês. A carta a Consalvi, escrita nos padrões da máxima formalidade e cuidadosa estruturação retórica do discurso, embora com sintaxe mais clara do que a das cartas formais do início do *Epistolario*, não deixa de conter um retrato de si:

Eminentíssimo Príncipe,
 Encorajado pelos luminosos exemplos de sua benevolência para com os súditos Pontifícios, que de algum modo se esforçam para os progressos dos bons estudos, suplico à Vossa Eminência Reverendíssima que volte também a mim seus benéficos olhares.
 Tendo até agora me aplicado às línguas clássicas e às matérias que dependem mais diretamente das

¹¹⁴ De 10 de março de 1823 (*Epist.*, I, p. 663).

¹¹⁵ Niebuhr escrevia, em carta a Leopardi do dia 11 de março de 1823, narrando a conversa tida com Consalvi, em que lhe havia dito que o melhor encargo para ele seria continuar a dedicar-se ao estudo da filologia, mas, não havendo esta possibilidade, que Leopardi estaria disposto a adequar-se a um emprego administrativo. Informado de que Leopardi não desejava seguir carreira religiosa, o cardeal perguntara se Leopardi não gostaria de “frequentar a Corte”, abrindo estrada para empregos e honrarias, sem necessidade de ordenar-se. (*Epist.*, I, p. 666)

mesmas, infelizmente percebi que deveria renunciar a qualquer esperança de ulteriores avanços se continuasse a viver em Recanati, minha terra natal.

Por outro lado, meu pai, gravado pela prole e com a renda atenuada por acontecimentos passados, não tem meios para me manter em outro lugar onde o convívio com homens de Letras e o socorro dos livros possam aperfeiçoar meus fracos conhecimentos.

Desejaria profundamente atingir este escopo, exercendo algum emprego administrativo, no qual, servindo fielmente ao Estado, pudesse servir também, de acordo com as minhas forças, ao crescimento das ciências às quais me dediquei.

Vejo que nenhum emprego poderia ser mais adequado aos meus objetivos e à minha restrita capacidade que o de Oficial de Registro do Patrimônio em alguma importante Capital de Circunscrição. E se atualmente não há uma vaga, certamente não deve faltar à Vossa Eminência Reverendíssima modo de suprir este pedido, conferindo a algum dos atuais Oficiais de registro do Patrimônio um emprego qualquer equivalente no qual houvesse ou estivesse por haver uma vaga.

Suplico à Vossa Eminência que perdoe, com sua tão aclamada bondade, a minha ousadia, e a atribua à confiança que me inspira o seu grande coração, permitindo, ao mesmo tempo, que me exprima com profunda veneração e gratidão

De Vossa Eminência Reverendíssima

Humilíssimo, Devotíssimo, Obrigadíssimo Criado
Conde Giacomo Leopardi.

(13 mar 1823. *Epist.*, I, p. 670)

Em carta de 22 de março de 1823, Giacomo irá detalhar a Carlo todo o pensamento feito até chegar à conclusão de que realmente não deveria seguir carreira eclesiástica, e que lhe restava pedir um emprego de oficial de registro do patrimônio (*cancelliere del censo*):

Não sei o que pensa da carreira eclesiástica. A essa altura, nosso espírito está em condições de deixar de lado o belo para limitar-se ao útil. A

carreira prelatícia, na verdade, oferece atualmente grandíssimas vantagens, sobretudo a um nobre, pois há muita falta de Senhores que entrem nessa carreira, e o Secretário de Estado adora que certos cargos sejam exercidos por nobres. [...] Eu estava confusíssimo, em se tratando de decidir *de agenda vita*, e de fazer a escolha do estado, e isto em poucas horas. Comuniquei o bilhete aos dois tios [Carlo Antici e Momo], e não posso negar que as visões deles tenham me ajudado, no mínimo porque eles podiam falar a sangue frio. [...] Em suma, é quase certo que se eu tivesse querido me tornar prelado, em pouco tempo ouvirias que teu irmão estava indo de batina governar uma província. [...] Dei uma olhada ao meu redor e concluí que não queria saber de nada daquilo. [...] não tomei esta decisão por hesitação ou pouca coragem, mas porque há muito tempo, antes de vir para cá e mais ainda depois de ter vindo, decidi que minha vida deve ser o mais independente possível, e que minha felicidade em nada mais pode consistir que em fazer o que é cômodo para mim. Minha natureza é assim, e certifiquei-me disto por meio de tantas experiências que não posso mais duvidar. Consequentemente, seguir carreira eclesiástica não é absolutamente para mim. Então, considerando que eu devia procurar um emprego laico, depois de ter passado todos em revista, certificamo-nos de que não havia algum que me conviesse, a não ser o de Oficial de registro do Patrimônio. (*Epist.*, I, p. 679).

Com a mesma ponderação com que fala a Carlo sobre a decisão tomada em relação à escolha do emprego, que a esta altura levava em conta o “útil”, e não somente o “belo”, Giacomo tratará, no final desta temporada romana, as questões e sentimentos envolvidos nas tentativas de um arranjo matrimonial, que a irmã aguardava ansiosamente. Para os padrões da época, Paolina já estava quase passando da idade de casar (tinha 23 anos!), e a dificuldade de encontrar alguém de seu nível, que aceitasse o pequeno dote oferecido por sua família, tornava as coisas mais difíceis. A indefinição do próprio futuro a angustiava, e Paolina desabafa em carta a Giacomo, de 3 de março de 1823, lamentando-se de Roccetti, com o qual não se concluía nada, numa mistura de ironia e desânimo: “Giacomuccio querido, você tem sorte! Preferiria ser uma

perna sua do que eu inteira. Mas a vida é tão breve que eu espero já ter passado um terço dela, e quisera Deus que fosse a metade!” (*Epist.*, I, p 658).

Carlo, no meio-tempo, informava o irmão que Roccetti já estava negociando o casamento com uma jovem e bela viúva, e que consideraria a tratativa com Paolina somente se o arranjo com a moça não fosse adiante (6 mar 1823. *Epist.*, I, p 659). Surge, então, a hipótese, levantada por Monaldo, de investigar a possibilidade de um arranjo com Marini, que perdera a esposa recentemente. O pai pede informações sobre o cavalheiro em carta a Giacomo de 28 de março de 1823: queria saber sobre o “físico, o humor e os ganhos do sujeito; se poderia agradar, ou ao menos não desagradar Paolina, que [era] sábia, mas jovem.” (*Epist.*, I, p. 684). Giacomo, nas vestes de irmão mais velho, preocupado com o destino da irmã, seguirá exatamente as orientações do pai, buscando informações para um futuro acordo, mas, antes, faz uma descrição detalhada do cavalheiro:

O Cavalheiro Marini, de aspecto, é um homem com idade entre quarenta e cinco e cinquenta anos; de rosto efetivamente não juvenil, mas nada velho; fisionomia muito amável e geralmente sorridente; olhos vivos, cor saníssima; compleição forte; estatura média e corpo proporcional. O conjunto, considerando somente o físico, é dez vezes mais simpático que o de Peroli. Mas, como os homens tornam-se agradáveis muito mais pelas maneiras que pelo simples aspecto, direi que as maneiras do Cavalheiro Marini são agradabilíssimas, e que o Cavalheiro, tendo sempre frequentado e frequentando todo tipo de gente, inclusive a Corte, domina otimamente a arte de agradar [...]. (2 abr 1823. *Epist.*, I, p. 685-87).

Além das características físicas e de temperamento de Marini, Giacomo falará também de suas inclinações e hábitos, valores, religiosidade e posses, concluindo que considera o acordo conveniente para Paolina. Mas a comunicação na tratativa, mediada pelo primo Melchiorri, não evolui rapidamente, e Paolina escreve desesperada a Giacomo, em 14 de abril de 1823, pedindo para que o irmão interceda e esclareça as coisas junto ao Cavalheiro Marini:

Giacomuccio querido, até que haja em mim uma sombra de esperança de poder concluir com este, não quero ouvir falar de outros; caso contrário, há um outro partido, ao qual, por mais que eu ache horrível, será preciso me adaptar por desespero. Mas espero que consiga, e aguardo suas cartas com uma palpitação terrível. Se soubesse quanto choro! [...] O Dote, creio que possa chegar a oito mil, pagos desde já em rendimentos etc. Vê, meu Giacomuccio, se consegues me consolar. Levo uma vida desesperada. [...] Consola-me se podes – se não, tira-me logo esta dúvida atroz em que vivo. (*Epist.*, I, p. 699).

O retorno a Recanati havia sido fixado pelo tio Momo para o final do mês de abril. Antes disso, porém, Giacomo escreverá uma carta a Carlo e outra a Paolina, no dia 19 de abril de 1823, em que a busca da moderação no estado de espírito é o tema central. Ao irmão, pede que acalme Paolina, com quem se preocupa pelo “excesso de entusiasmo” e “esperança”:

Escreverei hoje a Paolina, que precisa moderar seu entusiasmo: vejo que a esperança a faz sofrer mais que o desespero e a dor; e que ter sentido uma forte expectativa não lhe dá sossego. Isto não me surpreende; mas é preciso aconselhar-lhe um pouco de constância, pois, na verdade, não há estado mais inquieto e ansioso que o de quem espera vivamente, e teme esperar em vão. Nós dois estamos fora desses perigos, mas a pobrezinha ainda não *rendeu as armas à fortuna*¹¹⁶, como havia feito Petrarca. (*Epist.*, I, p. 701-2).

A Paolina falará dos fatos, do estado atual do acordo de casamento, mas, no papel de conselheiro, dirigirá a ela palavras sábias sobre a moderação do estado de ânimo e o uso da própria força do pensamento (filosofia) para não se deixar arrebatar pelas paixões:

¹¹⁶Alusão às *Rimas* CCCXXXI,7-8 de Petrarca: “Or lasso, alzo la mano, et l’arme rendo / a l’empia et violenta mia fortuna” (DAMIANI, 2006, p. 1293).

[...] Mas, minha cara Paolina, não posso disfarçar que seu estado de ânimo, e a perturbação e a agitação que demonstra em sua carta me dão muita pena, aliás, chegam a me parecer um pouco repreensíveis. Você chora e se desespera por quê? Porque concebeu uma grande esperança, e isto não é absolutamente digno de você, e não combina com as lições que recebeu dos livros e da pouca luz que seus irmãos, por experiência própria, puderam lhe dar e deram. A esperança é uma paixão turbulentíssima, pois traz consigo necessariamente um enorme temor de que a coisa não aconteça; se nós nos entregamos a esperar e, conseqüentemente, a temer, com todas as nossas forças, descobrimos que o desespero e a dor são mais suportáveis que a esperança. [...]

Mas, suponhamos ainda que ele seja a maior felicidade que se possa imaginar: eu lhe garanto, cara Paolina, que, se nós não conquistamos um pouco de indiferença em relação a nós mesmos, jamais poderemos ser felizes, e nem mesmo viver. É preciso que se deixe levar um pouco pela vontade da fortuna, e que, esperando, não se aprofunde tanto na esperança, a ponto de não estar pronta ao que possa acontecer: caso contrário, mesmo que suas coisas andem de vento em popa, será um martírio tal que, antes de obter o que esperava, você já terá passado por um verdadeiro purgatório. Dirá que estou sempre a rodeá-la com a filosofia. Mas terá de concordar que esta não me foi ensinada pelos livros nem pelos estudos ou outra coisa qualquer, mas pela experiência: e eu a exorto a praticar esta filosofia porque creio que você tenha as mesmas capacidades e a mesma disposição que eu. (19 abr 1823. *Epist.*, I, p. 703-4).

A correspondência da temporada romana de 1822-23 conclui-se no final de abril com uma carta a Pietro Giordani e uma ao minutor e auxiliar do Secretário de Estado, o abade Francesco Capaccini. A esse Leopardi pede, num humilde bilhete, para que lembre Sua Eminência, o Secretário de Estado, da súplica apresentada por ele, e comunica o seu retorno a Recanati. A Giordani, por sua vez, fará um balanço do período,

que lhe proporcionou, além da possibilidade de um emprego, movimento físico e melhora na saúde, mas a consciência da inabilidade no convívio com os homens e a sensação de ter se tornado nulo também para as coisas internas (depois da experiência de extrema exposição ao exterior, que a primeira carta a Carlo anunciava). Mas a tudo isto Leopardi havia se tornado indiferente, a mesma insensibilidade narrada na carta a Carlo de 22 de janeiro (*Epist.*, I, p. 632) e recomendada na carta anterior a Paolina:

Daqui a dois ou três dias parto daqui e volto para Recanati, onde talvez fique pouco, talvez sempre. Levo boas esperanças de conseguir um emprego [...]. Fiz em Roma muito exercício com o corpo, e suportei tudo com muita facilidade [...]. À parte o vigor, que jamais reconquistarei, e a plena senhoria dos meus olhos e da minha cabeça, que também perdi para sempre, posso dizer que minha saúde não só está boa, como ótima. O mesmo não posso dizer do meu espírito, que, acostumado longamente à solidão e ao silêncio, é completa e obstinadamente nulo no convívio com os homens, e assim será eternamente, como pude certificarme através de muitas, contínuas experiências. E, tendo, nos últimos meses, perdido inclusive o hábito da solidão, tornou-se ainda mais nulo, de modo que eu realmente não sou mais capaz de coisa alguma no mundo; e isto também pouco me incomoda. (De Leopardi a Giordani, 26 abr 1823. *Epist.*, I, p. 708-9).

Das pendências concretas (o acordo de casamento de Paolina e o pedido de emprego no Vaticano) veremos, pelas cartas logo após o retorno a Recanati, que nenhuma se realizou. Melchiorri, responsável por levar a tratativa de casamento com Marini adiante, dirá, em 19 de julho de 1823, que o cavalheiro havia decidido se casar com uma viúva de Rieti. Também a esperança de um emprego administrativo no Vaticano se esvai com a morte do Papa Pio VII, e, conseqüentemente, a perda de influência e apoio do cardeal Consalvi.

O retorno a Recanati, fonte momentânea de alegria (“Estou na minha bela Recanati, cheguei ontem à noite”, dirá a Melchiorri¹¹⁷), logo voltará a ser retratado como aprisionador.

A “culpa não era de Roma, era toda sua”, dirá Bini (1965, p. 167), recordando uma expressão usada por De Sanctis. A sua entrada tardia no mundo havia sido o motivo da experiência negativa de Roma, dirá Leopardi em carta a Giordani de 4 de agosto de 1823, refletindo sobre a experiência vivida meses atrás:

Na verdade era tarde demais para começar a me habituar à vida, jamais tendo tido dela indício algum; e os hábitos estão enraizados em mim de modo tal que nenhuma força os pode extirpar. Quando eu já me sentia velho, aliás, decrépito, antes de ter sido jovem, tive que exigir de mim mesmo os ofícios da juventude, que eu nunca havia conhecido. (*Epist.*, I, p. 737).

Bini dirá que, embora as esperanças do jovem Leopardi já tivessem diminuído quando ele finalmente chega a Roma (vide carta a Perticari, de 1821, em que falava com descrença das cortes e do Vaticano¹¹⁸), havia em Leopardi uma propensão a desiludir-se com toda experiência que limitasse as “expectativas da imaginação e dos desejos”, típica de tantos espíritos pré-românticos e românticos (1965, p. 167). Por outro lado, a desilusão da experiência romana tinha uma base concreta, que ia além de sua própria inabilidade social, e que motivará o crescimento do pessimismo leopardiano em relação à vida “no mundo”: o forte contraste entre a “altura espiritual e cultural do poeta” e a sociedade e cultura medíocres da época, que Bini irá sintetizar, a nível da experiência pessoal leopardiana, como um contraste entre a sua “interpretação duríssima da realidade romana” e a “profunda necessidade de amor e de entusiasmo”¹¹⁹ (BINI, 1965, 168), a que se refere também Bellucci ao analisar a carta da visita ao túmulo de Tasso.

Em “Italiani ed europei nel *Discorso sui costumi* di Giacomo Leopardi”¹²⁰, Bellucci aprofunda a questão da visão leopardiana sobre a sociedade romana e italiana, que teria culminado na escrita, em 1824,

¹¹⁷Em carta de 4 de maio de 1823 (*Epist.*, I, p. 712).

¹¹⁸Carta de Leopardi a Perticari de 9 de abril de 1821. (*Epist.*, I, p. 499)

¹¹⁹Bini citará a carta a Carlo de 25 de novembro de 1822, em que Leopardi diz: “[...] preciso de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida.” (*Epist.*, I, p. 566)

¹²⁰Em Bellucci, N. *Itinerari leopardiani*. Roma: Bulzoni editore, 2012, p. 65.

das *Operette Morali* e do *Discorso sopra lo stato presente dei costumi degli italiani*, texto sobre o qual faz uma longa e detalhada análise. Destaco, do ensaio da estudiosa, somente alguns aspectos que chamam a atenção para a relação entre a experiência romana de Leopardi e a escrita do *Discorso*.

Bellucci falará da importância da leitura das obras de Madame di Staël, que o próprio Leopardi anotara, no *Zibaldone* em 1821¹²¹, como fundamentais para o seu processo de “mutação” e aproximação da filosofia na crise de 1819. E, em especial, relaciona a leitura do romance *Corinne ou L'Italie* (1807) (“de primária importância para a geração nascida entre os séculos XVIII e XIX”)(BELLUCCI (2012, p. 67) com a experiência romana de Leopardi.

A experiência vivida em Roma, de acordo com a estudiosa, irá confirmar as palavras do romance, que tratava a viagem como uma ocasião para conhecer ao vivo as dinâmicas sociais. Leopardi já noticiava na carta a Monaldo¹²² que se dispunha a conhecer “as artimanhas” utilizadas pelos homens na sociedade, e fará da experiência romana muito mais do que uma viagem de negócios, como propunha Carlo (29 nov 1822. *Epist.*, I, p. 572), tentando animar o irmão, ou uma viagem turística de aprimoramento cultural, de praxe na Europa do *Gran Tour*¹²³. “Roma foi o ponto, a partir do qual”, segundo Bellucci, “com uma formidável visão do conjunto, [Leopardi] conseguiu ver a ferida da modernidade, a irreparável perda dos valores humanísticos, a crise moral e social da Itália.” (2012, p. 69).

Pouco tempo depois de voltar ao “ermitério recanatense”, em maio de 1823, Leopardi teria decidido, provavelmente motivado pela “proliferante produção contemporânea europeia relativa à observação do estado e dos costumes das diversas nações”¹²⁴ (BELLUCCI, 2012, p. 72-3) assumir a tarefa de falar como italiano sobre a Itália, antes que um estrangeiro fizesse um retrato inadequado de seu país, e escreve o seu *Discorso sopra lo stato presente dei costumi degli italiani* (*Discorso*).

¹²¹ “[...] não acreditei ser filósofo senão depois de ter lido algumas obras de Madame di Staël”, escrito no final de uma reflexão do *Zibaldone* 1742.

¹²² Carta de 29 de novembro de 1822. (*Epist.*, I, p. 568)

¹²³ O *Gran tour*, como se tornou conhecido, era uma viagem comumente realizada, como um ritual de passagem educacional, por jovens nobres ingleses que atravessavam a França e, especialmente, a Itália para conhecer o patrimônio cultural e as raízes da civilização ocidental.

¹²⁴ Entre as quais Bellucci cita as *Lettres sur l'Italie*, de Dupaty, das quais, diz ela, há claros vestígios no *Discorso* de Leopardi (2012, p. 72).

O *Discorso*, que, em sua introdução, critica a viagem como antídoto ao tédio e ao vazio da modernidade, se funda, diz Bellucci, “na percepção da modernidade como perda, como alienação”: em toda a Europa civil, segundo Leopardi, vê-se um empobrecimento das tensões e impulsos vitais; desapareceram as fortes paixões que alimentavam os vínculos sociais na Antiguidade, dando lugar a uma irreversível “destruição das ilusões” [*strage delle illusioni*], em consequência do uso desmedido da razão. Destruídas todas as ilusões, o corpo da sociedade ia secando, perdendo o vigor, chegando ao estado em que se encontravam os países modernos, na visão de Leopardi (BELLUCCI, 2012, p. 74-5). A Itália, por sua vez, não tinha “espírito social”, era desprovida de uma moral e de instituições culturais “em torno às quais se constrói e se reconhece uma identidade nacional” (a Itália não têm costumes, só “usanças e hábitos” – dizia na carta a Carlo do dia 18 de janeiro de 1823 – ao comentar que Roma era uma “estrumeira da literatura de opiniões e de costumes (ou melhor, de usanças, pois nem os Romanos, e talvez nem os Italianos, têm costumes)”. (*Epist.*, I, p. 630)¹²⁵.

Para Leopardi, no mundo moderno só há aparências ilusórias, que funcionam como agregadoras sociais. Na Itália, porém, um processo de civilização incompleto e imperfeito teria levado à perda dos fundamentos morais sem substituí-los, por “simulacros de virtude necessários ao convívio civil”¹²⁶, restando os italianos distantes tanto

¹²⁵ Citado por BELLUCCI, 2012, p. 75-7. Há várias passagens do *Discorso* (LEOPARDI, 2001, org. Felici & Trevi) que parecem ‘tiradas’ da experiência romana, tamanha a proximidade que têm com o que Leopardi narrava nas cartas escritas na capital. Exemplos: diz o *Discorso* que “a vida civil italiana se reduz ao passeio, ao espetáculo e à Igreja” (LEOPARDI, 2001, p.1015), lembrando a carta a Carlo: “Ao passear, na Igreja, caminhando pelas ruas, não se encontra uma bruxa velha que o olhe.”, além da narração dos espetáculos vistos e de Roma-espetáculo; quando fala no *Discorso* que a conversação, que seria um meio eficaz de ‘amor mútuo’, na Itália se reduz a uma “guerra sem trégua” (LEOPARDI, 2001, p. 1019), lembra as histórias contadas sobre as conversas, as disputas entre os ditos literatos romanos, e a própria dificuldade que Leopardi tinha de ter uma conversa de ‘bom-tom’ (o que conseguia somente com os estrangeiros). Neste caso, em especial, o *Discorso* remete à carta a Brighenti, de 22 de junho de 1821, em que Leopardi dizia: “Todos nós combatemos uns contra os outros, e combateremos até o último sopro, sem trégua, sem pacto, sem quartel” (*Epist.*, I, p. 512). Haveria vários outros pontos a ilustrar, mas não cabe aqui me alongar.

¹²⁶ Palavras de Trevi em nota ao *Discorso sui costumi degli italiani* in LEOPARDI, 2001, p.1011.

dos antigos quanto dos modernos. O estado atual da vida italiana seria caracterizado por uma dissipação contínua sem vida civil [*società*] (TREVI, 2001, p. 1011), e, se “comparados a outros povos europeus, os italianos não teriam senso moral e [...] consciência civil” e se comunicariam sobretudo pelo “sarcasmo e pela chacota” (BELLUCCI, 2012, p. 78).

Emanuele Trevi dirá que o *Discorso* faz um “diagnóstico preciso da ‘anomalia moral’ representada pela vida italiana com perspicácia e originalidade do pensamento impressionantes” (TREVI, 2001, p. 1011), numa prosa priva de imagens e citações, e caracterizada pela nitidez racional. Bellucci, por sua vez, qualifica o *Discorso* como uma daquelas “fichas preciosas de materiais culturais, em grande parte literários, que contribuem para a formação e compreensão da identidade de um povo.” (2012, p. 83).

2.2 Tons e registros das cartas de Roma

Um quarto de toda a correspondência leopardiana é endereçado aos familiares, volume que, nas cartas romanas, chega a ser mais que 3/4 do total. Será neste núcleo de cartas que encontraremos uma ampla diversidade de tons e registros, em que “tudo parece voltado para o destinatário”, sem que para isso Leopardi jamais deixe de se colocar (MAGRO, 2012, p. 17). Damiani dirá que:

[...] a qualidade narrativa da prosa das cartas emerge do andamento mimético que Leopardi lhes confere a cada vez, adequando-se ao modo de pensar e de se expressar de seus correspondentes. O estilo e o léxico sofrem vários ajustes de acordo com cada correspondência. [...] Quando se cita uma carta, como apoio a uma tese ou um argumento retomado em outros escritos, a indicação do correspondente é quase indispensável para identificar a acepção específica na qual os termos em questão devem ser examinados. (2006, p. XVIII).

No *Epistolario* a ausência da mãe é particularmente sentida, e na correspondência romana não será diferente: são somente duas as cartas a Adelaide neste período, número insignificante se comparado às 17 cartas ao pai Monaldo e 16 a Carlo enviadas de Roma. Duas serão as breves respostas dadas ao filho: em ambas, o afeto, a religiosidade e a severidade moral dão o tom do discurso.

A primeira resposta é uma carta conjunta com Carlo, aos 29 de novembro de 1822, em que Adelaide falava do quanto havia sido um "um espinho em seu coração" ver o filho sempre descontente e de mau humor em casa, e, apegando-se à fé cristã, pedia à "advogada Maria Santíssima" para que o fizesse "plenamente feliz". Recomendava, nesta que era a primeira experiência do filho longe de casa, que ele tivesse uma "boa conduta" e cuidado para não se relacionar "com pessoas indignas" (*Epist.*, I, p. 569).

Por outro lado, a comunicação de Leopardi com a mãe parece encontrar uma barreira e, quando ocorre, se dá através de cartas brevíssimas e de uma linguagem infantilizada, presente em menor escala também nas cartas ao pai, mas pouco comum no *Epistolario*. Passados dois meses em Roma, Leopardi escreve a segunda carta à mãe aos 22 de janeiro de 1823:

Cara Mamã,

Lembro que **a Senhora** quase me proibiu de lhe escrever, no entanto, não gostaria que pouco **a Senhora** se esquecesse de mim. [...] Estou em pé hoje pela primeira vez depois de oito dias inteiros de cama, e **minha pequena ferida** está bem fechada. Se não abrir de novo, e espero que não, estarei curado. Se **a Senhora** não quiser me responder de próprio punho, basta pedir para que alguém o faça e me dê suas novas, mas detalhadamente, e não de modo geral, como sempre as tive. [...] Mas sobretudo **lhe peço que me queira bem, como é obrigada pela consciência, pois sou um bom rapaz, e lhe quero tanto bem quanto a senhora sabe ou deveria saber. Beijo-lhe a mão, o que não poderia fazer em Recanati. E com todo o coração, declaro-me**

Seu filho de ouro

Giacomo-aliás-Mucciaccio.

(*Epist.*, I, p. 631, negritos meus).

A carinhosa abertura da carta ("cara mamã") se contrapõe ao pronome de tratamento "a senhora", repetido duas vezes em pouco espaço, marcando o posicionamento do filho diante da mãe-autoridade, cuja proibição de escrever ele havia rompido. Giacomo rompe a proibição para reivindicar o afeto que a mãe lhe deve por "obrigação da consciência", mas também porque ele é "um bom rapaz" (ou seja,

seguiu direitinho o preceito de 'boa conduta', preconizado pela mãe, e merece receber cartas suas). Assina a carta de um modo peculiar ("seu filho de ouro Giacomo, aliás, Mucciaccio"), reforçando o tom particularmente regredido, que lembra a cartinha da infância citada no primeiro capítulo.

Adelaide não o deixará sem resposta, e escreve rapidamente, aos 26 de janeiro de 1823, dizendo que "apesar da proibição, [o filho] lhe escrevera duas vezes com tanta cordialidade que se sentia no dever de responder", e que estava "lisonjeada pela boa conduta do filho", concluindo: "Adeus, Filho de ouro, continue a ter por mim o seu afeto *sincero*, e me creia, de todo o coração, sua afetuosíssima Mãe." (*Epist.*, I, p. 636).

A propósito da proibição de escrever, e da barreira que parece haver no contato entre os dois, dirá Bandini que a comunicação com Adelaide "é sentida como explícita proibição, porta fechada que não pode ser ultrapassada pela escrita comunicante, a não ser com extrema titubeação e temor." (*apud FELICI*, 2006, p. 123)

Monaldo, ao contrário de Adelaide, é uma presença constante ao longo do *Epistolario*, não só pelo número de cartas trocadas entre eles¹²⁷, mas também porque é frequentemente mencionado pelo jovem Giacomo nas cartas aos amigos (especialmente, quando fala da falta de apoio para deixar Recanati nos anos anteriores à ida a Roma). Monaldo efetivamente não vê com bons olhos o afastamento do filho, mas defende tanto este quanto qualquer outro ponto de vista com a devida prudência e contornando o assunto, sem nunca entrar num embate frontal com Giacomo. Diz Felici que Monaldo é um "epistológrafo habilíssimo", que com "astúcia, sedução e comoção dos afetos" distribui na página epistolar recomendações, broncas e hipocrisia, evitando embates frontais, e "avançando com cautela, apenas insinuando alusões a certas disputas domésticas", nunca de modo direto (2006, p. 125). Vide trecho já citado da primeira carta do pai a Giacomo em Roma (em que destaco o apelo à comoção, a antítese, marcando sua posição quanto à saída do filho de casa, e a disputa velada):

Meu caro Filho. **Depois de vinte e cinco anos de convivência ininterrupta**, cerca de duzentas milhas nos separam. Se o **meu coração não aplaude** este afastamento, **minha razão não o**

¹²⁷ São 240 cartas trocadas entre pai e filho: 136 de Leopardi a Monaldo em todo o *Epistolario*, 17 escritas no período romano.

condena. [...] Desejo [...] que a distância lhe pese ao menos um quarto do que me dói". (De Monaldo a Giacomo Leopardi. 25 nov 1822. *Epist.*, I, p. 566-7, negritos meus).

Giacomo, por sua vez, usará na correspondência com o pai uma linguagem contida, que parece confirmar suas palavras a Monaldo a caminho de Roma, em que se dizia disposto a fazer o que acreditasse ser do agrado do pai (20 nov 1822. *Epist.*, I, p. 562). O tom é, quase sempre, exageradamente amoroso (ou adequadamente religioso), o que suscita no irmão Carlo, como vimos, indignação, e a acusação de estar sendo político com o pai. Eis alguns exemplos:

Ama-me, caro Senhor Pai, pois eu o amo com todo o coração e **desejo servi-lo, satisfazê-lo e obedecer-lhe em todas as coisas. E não por outro motivo senão para poder destinar-lhe a minha sensibilidade, alegro-me pela sorte de ter um coração sensível e cheio de amor. [...]** Consola-me muito pensar **que o senhor peça ao Senhor Deus por mim para que me liberte dos perigos do mundo**, que certamente são graves; e que o senhor me abençoe de longe e me considere seu bom, fiel e afetuossíssimo filho. (29 nov 1822. *Epist.*, I, p. 568).

Todas as cartas que recebo de casa, e **especialmente as suas**, me consolam acima de qualquer coisa [...] (9 dez 1822. *Epist.*, I, p. 583).

O senhor sabe, caríssimo Sr. Pai, quais são os meus sentimentos, embora eu não saiba expressá-los. E por isto basta dizer que lhe agradeço de todo o coração o presente, e que **o reconhecimento pelo antigo, terno e talvez infelizmente desmerecido amor que o senhor tem por mim; amor este que, mesmo desmerecido, certamente é correspondido, e correspondido com todas as forças possíveis do meu ânimo**. (27 dez 1822. *Epist.*, I, p. 602).

Como escrevi com o correio passado, as minhas frieiras, **graças a Deus** e à minha paciência, estão

curadas. (24 jan 1823. *Epist.*, I, p. 635) (todos negritos meus).

Felici dirá que é admirável a capacidade que Giacomo tem de agradar o pai no que “não compromete suas ideias e aspirações” (2006, p. 126). A Carlo, que não se conformava com a chance que o irmão perdia de finalmente se rebelar, Giacomo sustenta que, em parte, usa da ‘política’ ao falar com o pai, mas não nega que a distância tenha feito o costumeiro efeito de “reanimar [...] as afeições adormecidas ou apagadas”, distância que também criou a necessidade de se sentir querido, especialmente agora que ele vivia entre estranhos (*Epist.*, I, p. 632).

A suposta ‘insinceridade’ de Giacomo nas cartas a Monaldo motivara comentários como o de Giorgio Manganelli, citado no início do primeiro capítulo, que qualificava a correspondência entre os dois como uma espécie de encenação da tragédia sobre a “Traição”, em que caberia a Monaldo e Giacomo, respectivamente, os papéis de Monarca/Tirano e Príncipe/Tiranicida (tendo como base a tragédia escrita por Giacomo adolescente). Felici irá criticar “o excesso de laboriosa afabulação” de Manganelli, afirmando que vê na correspondência Giacomo-Monaldo “um código de escrita feito de respeito formal, eufemismos e defesas, cujas raízes estariam nos comportamentos verbais das famílias nobres do século XIX [italiano]” (2006, p. 124-5).

Um correio sem cartas de Giacomo é suficiente para que Monaldo se lamente da falta de notícias. É evidente a necessidade que o pai tem de manter um controle sobre os passos do filho, e será comum, na correspondência entre os dois, certas contas sobre cartas recebidas e enviadas, como parte das obrigações. Giacomo, em geral, é condescendente com o pai, e, agora que está fora, reconsidera a dinâmica das relações no interior da própria família, oposta ao sistema absurdo da casa Antici. Utilizando várias antíteses para marcar essa oposição, escreve no final de dezembro de 1822:

Como o senhor amorosamente me pede, não deixarei de fazer com que a cada correio parta uma carta minha endereçada à minha família. Família em que, como o senhor bem diz, reina uma ordem realmente rara, que mais se estima quanto mais se conhece de dentro a desordem de outras famílias. O próprio dar-se ao incômodo de fazer algo pelo outro, para que todos os outros o

façam conosco, é a coisa mais **cômoda** do mundo; pequenas e moderadas regras de criação são muito necessárias até na mais íntima e absoluta vida doméstica. (Epist., I, p. 609, negritos meus).

“Ninguém quer se incomodar”, mas todos acabam se incomodando. A contradição é parte do sistema absurdo da casa Antici. O desacordo entre os membros da família hospedeira é descrito ao pai numa longa sequência ritmada de termos, que vão se acumulando até criar o efeito do clima caótico que reina naquela casa, cuja história promete “muitas risadas inocentes” numa futura conversa ao vivo entre os dois. O tom, mais informal e irônico, é raro na correspondência entre Giacomo e Monaldo:

Mas aqui, onde **ninguém quer se incomodar**, onde habitual e abertamente **os filhos brigam com a Mãe, a Mãe com os filhos, o marido com a mulher, a mulher com o marido, por pedaços de pão, goles de vinho, pelas melhores partes de um prato, negando-os mutuamente, tirando-os da boca, acusando, chamando de glutões uns aos outros, cada um é incomodado por todos e todos por um**. Mas seria uma tarefa longa demais descrever minuciosamente os absurdos do sistema desta família, e as contradições que há em cada detalhe. **Com a devida prudência, creio que poderei fazê-lo dar muitas risadas inocentes** em relação a este assunto quando nos falarmos pessoalmente. (fim dez 1822. *Epist.*, I, p. 609-10, negritos meus).

Quando o assunto é a saúde, é frequente um tom infantilizado nas cartas de Giacomo ao pai:

Escrevo para avisá-lo de que ontem foram-me entregues por correio dez *scudi*, e para dar notícias de mim, que nestes dias passo boa parte do tempo em casa, pois estou com duas **feridinhas**, uma na mão e outra no pé, **muito em dúvida se devo medicá-las ou não, e sobre o que convém passar**. Até agora não fiz nada: não doem se eu ficar parado; e me contento em

resguardá-las. (fim dez 1822. *Epist.*, I, p. 611, negritos meus).

Monaldo, porém, não deixa de acudir o filho e de fazer recomendações:

Desagrada-me que esteja atormentado pelas frieiras, que eu esperava já estivessem curadas. Não sei o que dizer com relação a como medicá-las, pois depende do quanto são duras e pertinazes; lembro somente que seus Irmãos foram ajudados pela aspersão regular de uma pequena quantidade de quina em pó. Certamente, porém, ajudará a curá-lo resguardar-se do ar, usar discretamente o fogo, e, sobretudo, guardar repouso. Não deixe de nos dar notícia em cada correio. (10 jan 1283. *Epist.*, I, p. 620-21).

Felici irá sinalizar, na correspondência romana entre Giacomo e Monaldo, duas únicas ocasiões em que as palavras se tornam mais duras e diretas entre os dois, momento em que o código usual se abala. Uma delas será a ocasião em que discutem a proposta de tradução de Platão feita a Giacomo por De Romanis. Como vimos, Monaldo irá traçar uma clara argumentação, em que apresenta várias contas ao filho para concluir que a retribuição proposta não valia o esforço empregado no serviço¹²⁸. E, pela primeira vez, Giacomo irá responder ao pai em tom respeitoso, mas incisivo, defendendo o seu ponto de vista com “secura lexical” e uma sintaxe caracterizada pela “enumeração frenética” (FELICI, 2006, p. 130-131):

Digo somente **que** o acordo não é de um triênio, mas de um tempo mais ou menos de minha escolha; **que** de minha escolha serão também todas as circunstâncias tanto do trabalho quanto do compromisso, se eu o assumir; [...] **que** De Romanis é um homem bom, não extremamente interesseiro, e até maneável; **que** na Itália, e sobretudo em Roma, como o senhor sabe, não se pode pretender grande coisa por trabalhos

¹²⁸ Vide carta de 10 de janeiro de 1823 (*Epist.*, I, p. 620-22), já citada na primeira parte deste capítulo.

literários [...] (13 jan 1823. *Epist.* I, p. 625, negritos meus).

Também a carta de 11 de abril de 1823, em que Monaldo dá sua opinião direta sobre a súplica feita a Consalvi para o emprego de *cancelliere del censo*, rompia o 'floreio' característico de suas cartas ao filho. Diz ele secamente a Giacomo: "A ocupação do Censo, completamente material e servil, o entediará cruelmente na primeira semana, e o local que lhe será destinado será provavelmente pior que este [Recanati]" (*Epist.*, I, p. 694). Todavia, Leopardi responderá aos 23 de abril, retomando as regras de respeito costumeiras e concordando com o pai:

Não tenho o que acrescentar às suas sábias reflexões expressas na carta do dia 10 corrente. Mas, **como o senhor disse**, não há o que arriscar procurando um emprego, em torno ao qual, se der certo, seria sempre possível decidir se aceitar, recusar ou renunciar, tendo conhecido suas condições e circunstâncias." (*Epist.*, I, p. 699-700, negritos meus).

A correspondência entre Giacomo e seu irmão Carlo, composta por 89 cartas (16 enviadas por Giacomo no período romano), é distribuída de modo descontínuo ao longo do *Epistolario*, e escasseia no final da vida (ao contrário da correspondência com Paolina, menos frequente no período romano, mas mais constante, inclusive nos últimos anos de vida do escritor). As cartas a Carlo são as mais espontâneas e ricas de toda a correspondência leopardiana, pois se caracterizam por uma ampla variedade de tons e nuances de estilo que vão dos "vértices da meditação" à "cumplicidade das cruezas verbais" (FELICI, 2006, p. 132), da mais íntima e profunda confissão à leveza da brincadeira.

Já na abertura das cartas vê-se um modo peculiar de tratar o irmão: "Carlo mio", com o pronome possessivo depois do nome, criando um efeito de proximidade e enfatizando a ligação estreita entre os dois (também destacada por expressões como "ex carne mea"¹²⁹ e "fomos e seremos [...] a mesma pessoa hipostática"¹³⁰). O mimetismo do qual

¹²⁹ Carne de minha carne, em "Adeus, caro ex carne mea". (25 nov 1822. *Epist.*, I, p. 566)

¹³⁰ Variação do 'carne de minha carne', 'mesma pessoa hipostática' aqui significa que os dois são pessoas 'feitas da mesma substância': "Carlo, meu querido,

falava Damiani, referindo-se à adaptabilidade da escrita epistolar leopordiana aos vários interlocutores, será uma marca da correspondência Giacomo-Carlo em ambas as direções. Não à toa, nas cartas ao alegre, espontâneo e desbocado Carlo, Giacomo faz observações hilárias e usa expressões chulas com uma liberdade que não veremos com outros correspondentes, assim como há nas cartas de Carlo tons poéticos e certos elementos sensoriais e imagéticos comuns na escrita do irmão.

Eis um exemplo. Giacomo escrevia ao irmão aos 25 de novembro narrando a sensação de ter se tornado uma estátua pelo excesso de exposição à vida externa em Roma, como vimos no exemplo já citado (*Epist.*, I, p 564-66). Carlo responde aos 29 de novembro de 1822, usando a imagem forte de um homem asfixiado, debaixo da terra, para descrever o estado em que ficou quando o irmão foi embora. O texto, baseado em sensações físicas, segue de perto o sensismo¹³¹ de Leopardi:

[...] parecia que eu estava dentro de um túmulo, e caminhava sob um ar cego e pesado, como deve ser debaixo da terra: meus olhos, sempre inchados, pareciam recusar-se a ver, com um efeito semelhante ao que talvez lembrará ter visto ao teatro no Furioso por Amor: tudo ao meu redor era irrespirável e antivital, não havia um sopro leve o bastante para servir à vida; e assim mesmo, sentia existir, mas como o sente um asfixiado ou enterrado vivo — esta é a única imagem que parece dar ideia da minha situação. (*Epist.*, I, p. 571, negritos meus).

Também na carta de 13 de janeiro de 1823, Carlo usava imagens sensoriais típicas do repertório leopordiano:

[...] este é realmente um inverno muito rígido: aqui, então, está um verdadeiro **vegetar**, aliás, dormir, pois não é possível mover-se, e a **cabeça parece entorpecer, assim como as mãos e todo**

podes acreditar o quão prazerosamente eu faria qualquer coisa por ti, ou melhor, por mim, já que tu e eu fomos e seremos sempre a mesma pessoa hipostática, não é preciso repetir." (5 fev 1823. *Epist.*, I, p. 646).

¹³¹ Mais adiante falarei sobre o sensualismo ou sensismo de Leopardi, com base em análise de Patrizia Landi (2012).

o resto. Te garanto que jamais tive **pensamentos tão gelados.** (*Epist.*, I, p. 626, negritos meus).

Carlo, sem dúvida, é um interlocutor privilegiado dos assuntos íntimos de Leopardi, e, com ele, o irmão tocará também nos "temas mais altos" de sua reflexão, estabelecendo, segundo Felici, "certa continuidade com as páginas do *Zibaldone*: a condenação à solidão, que aumenta com a companhia; o tédio, o estranhamento, a insensibilidade pior que a dor; o prazer [...] que se identifica com a ausência de vida, ou seja, com o sono." (2006, p. 133.). As cartas dessa esfera meditativa sobre temas da existência, em geral, assumem um tom mais elevado, e por vezes recorrem a "expressões e estilemas que remetem aos *Cantos*" (FELICI, 2006, p. 134). É o caso da carta de 6 de dezembro, em que Giacomo falava da falta que sentia do irmão, e do quanto preferia estar sozinho para estar na companhia de seu próprio mundo interior¹³². O texto é composto por vários recursos linguísticos, que lhe dão a tonalidade poética da qual falava Felici. Destaco apenas um pequeno trecho da carta, que retomarei na discussão da tradução:

[...] desde que pus os pés nesta cidade, jamais uma **gota de prazer** caiu sobre a minha alma, exceto nos momentos em que li tuas cartas; [...] e, mesmo as poucas linhas que puseste no final da carta de minha Mãe, foram para mim como **um raio de luz rompendo as densas, mudas e desertas trevas** que me circundavam. (6 dez 1822. *Epist.*, I, p. 580, negritos meus).

Mas não só de tons graves será feita a correspondência entre os irmãos. Carlo lhe escrevia aos 12 de dezembro: "Sabes de uma coisa? sinto muito a tua ausência até nisto: que não posso o dia todo desabafar numa linguagem mais livre, não tenho com quem, ao raciocinar calorosamente, soltar um 'caralho', um 'por Deus' etc.; preciso sempre segurar a palavra na boca." (*Epist.*, I, p. 589).

É o convite que faltava para que o irmão se manifestasse com toda a liberdade que Carlo costumava usar. Na mesma carta, aliás, prosseguem os comentários espontâneos do irmão: "O diabo que leve quem tem paciência." (reclamando da demora das cartas); "Enfim,

¹³² Aqui entendido como o extremo da resistência, da proteção das ilusões, da capacidade imaginativa e dos sonhos, em contraposição à realidade externa, à "amarga lucidez" (TATTI, 1998, p. 75) que é existir no mundo (exterior).

sempre se disse que as cidades grandes não são feitas para o homem sensível, mas nem as pequenas, e nem o mundo [...]. De modo que, quem sente demais não sente merda nenhuma." (em resposta à defesa da invivibilidade nas grandes cidades, sustentada por Leopardi). E completa: se o principal problema do homem, até do homem talentoso, é passar o tempo, não é possível que isto possa ser melhor em Recanati do que em Roma. Mesmo entre frívolos e vazios há esperança de encontrar uma exceção: "um homem douto, algo digno de se ver ou até uma bela puta [...]". (12 dez 1822. *Epist.*, I, p. 588-9)

Seguindo a linguagem do irmão, Giacomo lhe responde aos 16 de dezembro, comentando sobre o primo Melchiorri, "que convida meio mundo a pôr-lhe três braças de chifre", referindo-se à sua mulher, que, segundo ele, era "uma puta, ou, pelo menos, uma coquete". E, com relação às mulheres de Roma, garante a Carlo que ali "não se faz nada nadinha a mais que em Recanati." Além do mais, as putas romanas ficam muito atrás das recanatenses, pois a "mais feia e grossa coquetinha de Recanati vale três das melhores de Roma." (16 dez 1822. *Epist.*, I, p. 592). Na carta de 6 de dezembro, Leopardi já falava das mulheres romanas com desprezo e crueza de léxico:

Ao passear, na Igreja, caminhando pelas ruas, não se encontra uma **bruxa velha** que o olhe; [...] é tão difícil parar uma mulher em Roma quanto em Recanati, aliás, muito pior, devido à **excessiva frivolidade** e **devassidão** dessas **bestas femininas** que, além do mais, não inspiram interesse algum ao mundo, são **cheias de hipocrisia**, só gostam de rodar e de se divertir sabe-se lá como; **não dão** (acredite em mim), a não ser com as infinitas dificuldades que sentimos em outras cidades. E tudo acaba se reduzindo às mulheres da vida, que agora parecem muito mais circunspectas que há um tempo atrás, e, de todo modo, são perigosas, como sabe." (*Epist.*, I, p. 580, negritos meus).

Giacomo diverte o irmão, contando as histórias 'espirituais' ouvidas de Cancellieri, que tem prazer em narrar a podridão dos bastidores do clero, no qual ninguém tem sucesso senão "através das mulheres" (destaco no texto o léxico cru das afirmações, e alguns elementos que se repetem, enfatizando o discurso):

Cancellieri diverte-me às vezes com algumas anedotas espirituais, por exemplo, que o Cardeal Malvasia, de abençoada memória, **metia as mãos nos peitos das Damas** de seu convívio, era um *dèbauché* de primeira, e **mandava para a inquisição os maridos e filhos daquelas que resistiam a ele** etc. etc. Coisas semelhantes **sobre** o Cardeal Brancadoro, **sobre** todos os Cardeais (que são as pessoas mais asquerosas da terra), **sobre** todos os Prelados, nenhum dos quais tem sucesso senão através das mulheres. **O santo Papa Pio VII deve o Cardinalado e o Papado a uma coquete de Roma.** [...] Magatti, **aquela famosa puta de Calcagnini**, exilada em Florença, **recebe 700 scudi de pensão** do governo, obtidos por intermédio do príncipe Real da Baviera, que foi seu amigo. (16 dez 1822. *Epist.*, I, p. 592-3, negritos meus).

Na realidade, falar sobre as anedotas de Cancellieri não parece exatamente algo divertido para Leopardi, nem tampouco, segundo Mariasilvia Tatti, dá a sensação de decepção ou de "inocência perdida", pois o escritor há tempos já "é consciente da insuperável distância que separa a Igreja Romana e a hierarquia eclesiástica da ética" (1998, p. 74-5). Na narração haveria, sobretudo, uma análise lúcida dos costumes romanos, revelando a hipocrisia religiosa, e uma certa "habituação resignada, alienada de compromissos, que Leopardi propunha como única solução possível para resistir à negatividade da metrópole". Tatti dirá ainda que a prosa enxuta, sem rodeios e premente desta carta ressalta o "juízo claro e inapelável do poeta", e a rapidez expositiva, a "sua distância em relação à matéria narrada" (1998, p. 75).

Mantendo a confidência entre os dois, Giacomo irá compartilhar dos acontecimentos em torno à paixão de Carlo pela prima Mariuccia, filha dos Antici, e durante a permanência em Roma, fará o jogo de lhe provocar ciúmes, a pedido do irmão, que dizia:

Buccio¹³³ querido, amo Mariuccia diabolicamente. Se soubesses o quanto brinca comigo a paixão, terias que confessar que é forte e involuntária. [...] Tu, que és hábil, fá-la sentir ciúme, por favor. É tão fácil sempre que fales de mim! Não te

¹³³ Apelido carinhoso com que Carlo chama o irmão Giacomo.

canses de me dizer sempre algo dessa bandida.
(12 dez 1822. *Epist.*, I, p. 589).

Giacomo segue à risca as instruções de Carlo e, ao dar notícias da "malvada", diverte-se, retratando os hábitos inúteis da família Antici, com toda a liberdade de léxico e ironia que o irmão lhe inspira:

A malvada estava muito atenta, como sempre. Não creias que ela tenha muitas distrações: pelo menos para mim, as distrações que ela tem seriam muito poucas. E depois, estejas certo de que ela não **enfeita a tua testa**, pois realmente segue o sistema dos meus hospedeiros: sair, ver e voltar para casa; uma **vida porca**, da qual queriam que eu também participasse, se fosse **mais burro que uma porta**. Ao voltar para casa mais entediados do que quando saíram, vingam-se, provocando um ao outro com centenas de alegrias que são um consolo para quem se encontra presente, como é o meu caso: mas já estou calejado. (5 fev 1823. *Epist.*, I, p. 647, negritos meus).

O senso de humor será também característico das cartas à irmã Paolina, desde a primeira enviada de Roma aos 3 de dezembro de 1822. Na sucessão de interrogações, Giacomo brinca com a curiosidade da irmã:

Cara Paolina. O que quer saber sobre mim? Se Roma me agrada, se me divirto, aonde fui, que vida levo? Quanto à primeira pergunta, não sei mais o que responder, pois todos me perguntam a mesma coisa cem vezes por dia, e, querendo sempre variar na resposta, já gastei a coleção de frases e os Sinônimos do Rabbi. (*Epist.*, I, p. 575-6).

Paolina não fica atrás, mesmo no encerramento de uma de suas cartas mais tristes: "Se cansou da minha falação, como certamente terá sido, agradeça-me ter começado em uma meia folha de papel."¹³⁴. Ou quando, sempre curiosa, pede que o irmão lhe fale das mulheres

¹³⁴13 de janeiro de 1823. (*Epist.*, I, p. 629)

romanas, "não das altas, pois dessas [tem] uma ideia, mas das baixas" (9 dez 1823. *Epist.*, I, p. 586).

Satisfazendo a curiosidade de Paolina, Giacomo narra o cotidiano na grande cidade: retrata os hábitos do clero, que se perdia em conversas fúteis, a arquitetura da cidade, grande demais para a dimensão humana, tudo com leveza e ironia, características das cartas à irmã. Paolina, por sua vez será a informante geral de casa, aliás, suas cartas, ao longo do *Epistolario*, serão relevantes também porque permitem "entrar na intimidade de casa Leopardi e, graças ao gosto pela narração e à sensibilidade toda feminina de Paolina, permitem conhecer os hábitos, as ilusões, os amores, em suma, o cotidiano dos irmãos que ficaram em Recanati." (LANDI, 2012, p. 81).

A descrição das "grandezas inúteis" de Roma a havia divertido, assim como a linguagem livre que ela havia lido numa carta do irmão a Carlo (para a qual fora obrigada a pedir esclarecimentos, pois não sabia o que significavam os "chifres de Melchiorri"). Surpreende-se com a impressão que Leopardi teve dos romanos: imaginava que numa cidade grande a educação e o convívio com os estrangeiros produzissem habitantes mais "instruídos, espirituosos e desenvoltos". Mas era um alívio saber que havia pessoas mais "tolas, ridículas e incultas" que ela (*Epist.* I, p. 586). Leopardi lhe responderá com toda delicadeza, elogiando a escrita da irmã:

Suas cartinhas e seu modo de escrever, que conheci pela primeira vez depois que saí daí, **são tão gentis, que não só não parecem recanatenses, mas nem sequer italianas.** Sinceramente, não sei responder com a graça que as suas proposições mereceriam. Não tenho muito garbo nos galanteios, além do que, se quisesse usá-lo com você, temo que a Mamãe queimasse minhas cartas antes ou pelo menos depois de tê-las entregado (30 dez 1822. *Epist.*, I, p. 605-6, negritos meus).

Modesta e lisonjeada pelos elogios, Paolina desconfia que o irmão "peque um pouco de adulação":

Os elogios que faz às minhas cartas me desconcertam; na verdade, até agora eu acreditava que não valessem nada, e quase me envergonhava de lhe escrever, pois sendo o mais inteligente a

quem as tenha endereçado, temia que descobrisse o engano dos que as elogiavam; agora, porém, suspeito que peque um pouco de adulação [...] (13 de jan 1823. *Epist.*, I, p. 628).

Giacomo sabia da “inteligência notável” da irmã e da “preparação incomum”¹³⁵ que ela tinha, se comparada a uma moça de sua condição social na época. Mas é também verdade que Paolina desperta nele um epistológrafo mais cauteloso na apresentação dos fatos e mais brando no tocante à realidade da vida, por amor e pela responsabilidade que ele tinha como irmão mais velho, que quer dar exemplo de pensamento e conduta e, ao mesmo tempo, incentivar a irmã. Filicaia dirá que as cartas a Paolina são extremamente afetuosas, de tom ameno e alegre, mas, por vezes, demonstram uma visão maquiada da sociedade, uma “vontade de proteger paternalmente a irmã dos aspectos mais crus e desoladores da vida” (2006, p. 24).

Mas, como vimos em alguns exemplos citados na primeira parte deste capítulo, há também na correspondência Giacomo-Paolina temas da mais alta reflexão leopardiana: a felicidade/infelicidade dos homens, a esperança e o sofrimento advindo da imaginação; a indiferença como forma de amenizar a dor, a magnificência dos monumentos e espaços citadinos em contraposição à pequenez do homem ‘civilizado’ temas que também serão recorrentes e tratados de forma mais “sistemática” no *Zibaldone di pensieri*

As cartas de Paolina neste período, em especial a do dia 13 de janeiro de 1823, são marcadas por um sentimentalismo romântico e melancólico:

[...] o pior é não ter **nenhuma esperança**, nem mesmo distante de melhora; não, **não ver outro fim para este estado que a morte!** Pois que venha esta morte, e aliás, venha logo, pois sempre será tarde para os meus votos [...]
[...] estou **desesperada**, e, no fim, sabendo que terei que **viver miseramente**, acabarei me tornando freira, e se pudesse fazê-lo agora, neste momento em que choro e **me desespero!**

¹³⁵ Vide prefácio de Manuela Ragghianti para o volume com cartas de Paolina Leopardi, *Io voglio il biancospino. Lettere 1829-1869*. Milão: Archinto, 2003 (1990).

[...] a cada dia que passa, **crece a minha infelicidade**. [...] Estou tão **amargurada**, tão **intimamente desolada**, que sem perceber comecei a falar de mim, sem me lembrar que está é a coisa mais chata que se possa fazer aos outros. (*Epist.*, I, p. 627-8, negritos meus).

O tom e o léxico usado por Paolina para dar ideia do desespero em que se encontra aproximam-se bastante das cartas escritas por Leopardi a Giordani entre 1817 e 1819, que narravam a miséria, a angústia e o desespero da vida sem saída na 'odiosa' Recanati¹³⁶. A carta desesperada de Paolina, Leopardi responderá com a "suma de filosofia", citada no início deste capítulo¹³⁷, que lhe aconselhava moderação, quase como se ela fosse "um outro si mesmo feminino."¹³⁸ (DAMIANI, 2006, p. 1278-9, nota 252).

A propósito do léxico adotado por ela nas cartas, Patrizia Landi observa, num ensaio sobre a correspondência napolitana entre Paolina e Leopardi, que as cartas de Paolina a Marianna e Anna Brighenti, além de Vittoria Lazzari Regnoli, escritas em torno aos anos de 1836-37,

¹³⁶ Sobre a ideia da morte como alívio da dor em cartas de Leopardi a Giordani: "Mas quanto a mim não tenhas outra preocupação senão amar-me, pois nisto está o meu consolo e na esperança da morte, que me parece a única saída para esta miséria." (26 abr 1819, *Epist.* I, p. 298); "[...] minha vida é assustadora. Na idade em que normalmente as compleições se formam, vou perdendo a cada dia o vigor, e as faculdades corporais me abandonam uma a uma. Isto me consola, pois me fez desesperar-me comigo mesmo, e saber que, se minha vida não vale nada, posso jogá-la fora, como farei em breve [...]. (26 jul 1819, *Epist.*, I, p. 314)

¹³⁷ Em carta de 28 de janeiro de 1823 a Paolina, já citada: "[...] estejas certa desta máxima reconhecida por todos os filósofos, que poderá te consolar em muitas ocasiões: que a felicidade, e a infelicidade, de um homem (à parte as dores do corpo) é absolutamente igual à de outro em qualquer condição ou situação em que este ou aquele estiverem. E, por isto, falando concretamente, tanto gozam e sofrem o pobre, o velho, o fraco, o feio, o ignorante quanto o rico, o jovem, o forte, o belo, o douto: pois cada um em seu estado constrói seus bens e males, e a quantidade de bens e males que um homem pode construir é a mesma que constrói qualquer outro." (*Epist.*, I, p. 639)

¹³⁸ Damiani dirá nessa mesma nota que Paolina era uma "mulher excepcional, capaz de comentar a morte do camareiro dos Antici, anunciada por Giacomo, citando *Lettres de Madame de Sévigné*", a sua obra clássica (2006, p. 1279, nota 252).

estão cheias de "vocábulos, imagens e considerações de inequívocável ascendência leopardiana". Cita alguns exemplos: Paolina define Recanati como uma cidadezinha "assustadora", "horrível", "abominável", "odiosíssima"; usa termos como "rememoração", "ilusão", "prazer"; e fala do vazio da vida como uma "nulidade que dá medo"¹³⁹ (2012, p. 83). Ainda com relação às cartas às irmãs Brighenti, Landi destaca o trecho de uma carta de Paolina, cuja entonação geral compara à carta de Leopardi ao pai do dia 3 de julho de 1832¹⁴⁰: "Com um coração sensibilíssimo e com uma fantasia ardente, o destino me golpeou – não sou mais nada do que era antes, e do que era quando me conhecestes – estou tão mudada, que não me conheço mais"¹⁴¹, e que eu considero próxima ao tom da carta de Leopardi a Francesco Puccinotti de 19 de maio de 1829: "Não sei se me conhecerás mais, não me reconheço eu mesmo, não sou mais eu; a má saúde e a tristeza desse lugar horrendo acabaram comigo." (*Epist.*, II, p. 1663)

A correspondência com a irmã, que soma um total de 100 cartas, torna-se mais íntima e frequente no período pós-Roma e mantém-se constante até o fim da vida de Leopardi. Entre as cartas mais citadas estão as de Pisa, em que o poeta narrava o despertar da poesia, e o prazer de viver naquela cidade cheia de vida.

Ao que parece, as cartas enviadas pelo irmão deixaram marcas inapagáveis não só na escrita como na memória de Paolina. Ela, que por muito tempo precisou alimentar suas amizades epistolares escondida da mãe, que não admitia nem que ela trocasse cartas, quando se vê sozinha e livre dos impedimentos familiares, irá terminar os dias em Pisa, talvez um dos poucos lugares em que o irmão amou viver (LANDI, 2012, p. 83).

¹³⁹ Respectivamente, em italiano: *spaventevole, orribile, abbominevole, odiosissima; rimembranza, illusione, piacere; nullità che fa orrore.*

¹⁴⁰ Landi cita aqui um longo trecho da carta, do qual reproduzo somente parte: "Creio que o senhor saiba os esforços extremos que fiz por sete anos para procurar meus próprios meios de subsistência. Não podendo mais ler nem escrever nem pensar [...] Encontro-me, como o senhor pode bem imaginar, sem meios para andar adiante. [...] Se a morte estivesse em minhas mãos, chamo novamente Deus como testemunha, eu nunca lhe teria feito este discurso. [...] Mas, não querendo Deus atender-me ainda, voltaria a Recanati para terminar meus dias, se viver aí não superasse as gigantescas forças que tenho para sofrer." (*Epist.*, II, p. 1767)

¹⁴¹ De Paolina Leopardi a Mariana Brighenti (*apud* LANDI, 2012, p. 83)

Abundância de figuras retóricas afetivas como exclamações, interrogações, paralelismos e antíteses; adjetivos no superlativo, metáforas e citações literárias são algumas das características que Bigi apontava na “fisionomia geral” das cartas do período entre 1817-21, que mantém “vestígios tenazes” ao longo do *Epistolario*, e, inclusive nas cartas de Roma (*apud* BRIOSCHI, 1998, p. XXVI-VII). A trama delicada do ritmo e da construção analítica nos trechos mais densos e introspectivos, lembrando a prosa reflexiva do *Zibaldone*, misturada ao sarcasmo e aos tons leves e irônicos. Léxico que se alterna entre o coloquial e o formal. Tudo isto, unido a uma “clareza e uma nitidez da sintaxe”, tanto nas construções mais breves quanto nas mais longas, dará ao texto epistolar leopardiano uma marca inconfundível, segundo Brioschi (*apud* LANDI, 2012, p. 56), e servirá de base para a reescrita das cartas na tradução.

Acrescentaria ainda algumas considerações de Patrizia Landi sobre a escrita de Leopardi, baseadas em observações de Ítalo Calvino em *Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio* (2002), fundamentais para a leitura que faço das cartas visando a tradução. A autora investiga, nos ensaios que compõem o volume *Con leggerezza ed esattezza. Studi su Leopardi*, os nexos entre a precisão do pensamento e a leveza de expressão, aspectos que ocupam um espaço essencial na existência e na obra leopardiana, pois, segundo ela, as escolhas filosóficas, literárias e até privadas de Leopardi “caracterizaram-se por uma profunda e íntima exigência de leveza sempre inequivocavelmente associada a um atento cuidado com o detalhe.” (2012, p. 9). Essa leveza no modo de pensar e de sentir o mundo leopardianos, que se fundaria “na filosofia e na ciência de matriz sensista e materialista”, encontraria seu próprio modo de expressão numa língua especial, “única em relação aos registros e estilemas do século XIX: uma língua ao mesmo tempo capaz de ser poeticamente vaga [...] e de representar com força icástica [...] os temas da vida e da infelicidade do homem.” (LANDI, 2012, p. 10)

A exatidão, diz a estudiosa, citando Calvino (2002), se manifestaria através de três aspectos principais: um projeto bem definido da obra, a evocação de imagens visuais claras e uma linguagem precisa e capaz de expressar a sutileza das sensações. São várias as cartas ao longo do *Epistolario* em que as imagens visuais e a ‘fiscalização do pensamento’ são marcantes; no período romano, há exemplos sobretudo nas cartas a Carlo. Não irei me aprofundar aqui sobre o tema, mas Landi dedica um capítulo do volume às raízes materialistas/sensistas de Leopardi, traçando um paralelo entre a leitura

de *De Ruine* de Volney e certas anotações do *Zibaldone* em torno a 1825, após a escrita das *Operette morali*. Quanto ao sensismo de Leopardi, limito-me a destacar duas observações de Landi que, a meu ver, o resumem: uma delas é que o sintagma frequentemente utilizado por Leopardi para definir a existência humana é “vida sentida” — de evidente derivação sensista; a outra é a “experiência exemplar e sensível do sofrimento dos seres vivos” (2012, p. 139) retratada no “Jardim do sofrimento”, uma das páginas mais conhecidas do *Zibaldone* (4175) e que melhor ilustram esse modo de sentir e pensar manifestos na escrita.¹⁴²

¹⁴²“Entre em um jardim de plantas, de ervas, de flores. Mesmo o mais alegre, se quiser. Mesmo na estação mais amena do ano. Não é possível dirigir o olhar para lado algum em que não haja sofrimento. Aquela família toda de vegetais está em estado de *souffrance*, um indivíduo mais, outro menos. Lá, aquela rosa é ofendida pelo sol, que lhe deu a vida; murcha, definha, apodrece. Lá, aquele lírio é sugado cruelmente por uma abelha em suas partes mais sensíveis, mais vitais. O doce mel não é fabricado pelas industriosas, pacientes, boas e virtuosas abelhas sem um massacre impiedoso de doces florzinhas. Aquela árvore está infestada por um formigueiro, aquela outra infestada por lagartas, moscas, caramujos, pernilongos; ela está ferida na casca e é atormentada pelo ar e pelo sol, que penetra na ferida; ela é ofendida no tronco, ou nas raízes; aquela outra tem várias folhas secas; aquela outra está com as flores roídas; aquela outra está machucada, com as frutas furadas. Aquela planta sente calor demais, aquela, frio demais; luz demais, sombra demais; úmido demais, seco demais. Uma sofre incômodo e encontra obstáculo ao crescer, ao se estender; outra não encontra onde se apoiar, ou se cansa e custa para conseguir. Em todo o jardim não há uma só plantinha em estado de saúde perfeita. Aqui um galinho é quebrado pelo vento ou pelo próprio peso; ali um zéfiro passa arrancando uma flor, voa com um pedaço, um fio, uma folha, uma parte viva desta ou daquela planta, solta e arrancada. Enquanto isso, dilaceras a grama com teus passos: a trituras, amassas, espremes seu sangue, rompes, matas. Aquela pequena donzela sensível e gentil caminha docemente, destruindo e quebrando os cabos. O jardineiro sabiamente vai podando, cortando membros sensíveis. Com as unhas, com o ferro. (Bolonha, 19 de abril de 1826)”. Disponível em <<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e93967&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=giardin%20di%20piante#>>. Acesso em 17 de março de 2015.

A suavidade com que Leopardi expõe certos temas e a escolha lexical precisa contrabalançam a gravidade, o peso das considerações, características que observamos também nas cartas do *corpus* que compõe esta tese, e que tantas vezes suscitam no leitor aquele ‘efeito contrário’ do qual falava Lucchesi, lembrando as palavras de De Sanctis: “O que mais impressiona em Leopardi é exatamente aquilo que de Sanctis observou em seu artigo “Leopardi e Schopenhauer”: uma espécie de inversão entre o sentimento do texto e o sentimento do leitor. ‘Porque Leopardi produz o efeito contrário a que se propõe. Não acredita no progresso e faz com que o desejes; não acredita na liberdade e faz com que a ames. Considera ilusões o amor, a glória, a virtude, e acende em seu coração um desejo incessante [...]’” (LUCCHESI, 1999, p. 52).

Landi dirá que a coexistência de leveza e exatidão, “traço fundamental de Leopardi como homem, escritor e pensador”, talvez nunca compreendido pelos contemporâneos do autor,

parece ser o que o torna legível e apreciável universalmente, inclusive em suas afirmações mais terríveis e pessimistas, pois a maestria com que é capaz de expor suas considerações, apoiado em representações poéticas e sugestivas, atrai a atenção do leitor, através das imagens que exprimem a realidade das coisas. (2012, p. 11).

Esses e outros aspectos relativos ao estilo das cartas de Roma serão aprofundados à medida que a discussão sobre a tradução se desenvolver no capítulo final da tese. No próximo capítulo apresento a tradução do *corpus* escolhido, composto pelas 55 cartas de Leopardi escritas no primeiro período romano, e os respectivos originais.

3 CARTAS DE ROMA (1822-1823): TRADUÇÃO E TEXTOS-FONTE

Apresento, a seguir, a tradução das cartas de Roma (1822-1823) ao português, acompanhadas dos textos-fonte em italiano, segundo a edição de 1998 organizada por Franco Brioschi e Patrizia Landi e publicada pela Bollati Boringhieri de Turim em dois volumes.

A grafia do italiano é reproduzida tal como está na edição, bem como as palavras iniciadas por maiúscula ou destacadas em itálico. Observo que incluo no *corpus* das cartas romanas de Leopardi também a carta escrita de Spoleto, a caminho de Roma. Noto ainda que não incluí nesta tradução as notas dos editores às cartas romanas, que são interessantes, mas não acrescentam muito à tese em si. No caso de uma edição integral teria que se pensar se incluí-las.

A MONALDO LEOPARDI

Spoletto 20 Novembre 1822.

Carissimo Sig. Padre

Scrivo in gran fretta e a un barlume per darle nuova del mio arrivo felice in questa città con ottimo tempo, e perfetta salute. Il dolor di testa ha fatto risolvere il zio Momo di allungare d'un giorno il nostro viaggio. Saremo a Roma sabato, piacendo a Dio. Il zio Carlo co' suoi compagni ha seguito la sua strada, e sarà a Roma Venerdì. Riserbo a un'altra lettera tutte le espressioni della mia vera ed eterna gratitudine verso di Lei, e del mio fermo proposito di far sempre quello che io creda doverle essere di maggior piacere. La prego de' miei saluti alla cara Mamma, al fratello Carlo, e agli altri tre; e similmente de' saluti del zio Momo, il quale dal primo giorno del viaggio in poi, non ha più sofferto, e sta bene. Perdoni l'orridezza dello scrivere, il qual è dopo cena, in tavola, fra molte persone che mi assordano. Le bacio le mani, e con gran tenerezza mi segno

Suo affettuosissimo e
riconoscentissimo figlio
Giacomo

A MONALDO LEOPARDI

Spoletto, 20 de Novembro de
1822.

Caríssimo Sr. Pai,

Escrevo bem depressa e à penumbra para lhe dar notícias de minha chegada feliz nesta cidade com ótimo tempo, e perfeita saúde. A dor de cabeça fez com que tio Momo resolvesse estender de um dia a nossa viagem. Estaremos em Roma sábado, se Deus quiser. Tio Carlo, com seus companheiros, seguiu estrada, e estará em Roma Sexta-feira. Reservo para outra carta as expressões da minha verdadeira e eterna gratidão ao senhor, e de meu firme propósito de fazer sempre aquilo que acredite lhe ser de maior agrado. Lembranças à querida Mamãe, ao irmão Carlo, e aos outros três, assim como manda lembranças a vocês o tio Momo, que depois do primeiro dia de viagem não sofreu mais, e está bem. Perdoe o horror da escrita, que é de depois do jantar, à mesa, entre muitas pessoas que me ensurdecem. Beijo-lhe as mãos, e com grande ternura me declaro

Seu afetuosíssimo e
reconhecidíssimo
filho
Giacomo

AD ADELAIDE ANTICI
LEOPARDI

Roma 23 Nov. [1822]

Carissima Signora Madre
Siamo arrivati in questo punto sani e salvi senz'alcuna disgrazia, e troviamo similmente arrivati e sani tutti i parenti. Scrivo in fretta perchè la posta è per partire, e le fo i saluti del Zio Carlo, del Zio Momo, di Donna Marianna e di tutti gli altri, i quali stanno benissimo. La prego di presentare i miei più rispettosi e affettuosi saluti al Signor Padre al quale scrissi già da Spoleto, e d'abbracciare per me i fratelli, assicurando sì l'uno come gli altri, che io scriverò loro a lungo, e darò loro conto di me quando sarò libero dalla necessità della fretta, e quando avrò trovato dove sia la mia testa. Io sto bene e gl'incomodi del viaggio, in cambio di nuocermi m'hanno notabilmente giovato. Le bacio la mano con tutto il cuore, e pieno di vivissimo affetto e desiderio di Lei, mi dichiaro

Suo tenerissimo figlio
Giacomo

A ADELAIDE ANTICI
LEOPARDI

Roma, 23 de Novembro de
[1822].

Caríssima Senhora Mãe,
Chegamos a este ponto sãos e salvos, sem nenhuma desgraça, e encontramos também sãos e salvos todos os parentes. Escrevo depressa porque o correio está para partir, e lhe mando as saudações do Tio Carlo, do Tio Momo, de Dona Marianna e de todos os outros, que estão muitíssimo bem. Peço-lhe que apresente as minhas mais respeitosas e afetuosas saudações ao meu Senhor Pai, a quem já escrevi de Spoleto, e abraçe por mim os irmãos, assegurando, tanto um quanto os outros, que lhes escreverei longamente, e contarei sobre mim quando estiver livre da necessidade da pressa, e quando tiver a cabeça no lugar. Estou bem, e os incômodos da viagem, em vez de me abaterem, ajudaram-me notavelmente. Beijo-lhe a mão com todo o coração; e, pleno de vivíssimo afeto e desejo, declaro-me

Seu afetuossíssimo filho
Giacomo

A CARLO LEOPARDI

Roma 25 Novembre [1822]

Carlo mio. Se tu credi che quegli che ti scrive sia Giacomo tuo fratello, t'inganni assai, perchè questi è morto o tramortito, e in sua vece resta una persona che a stento si ricorda il suo nome. Credi, Carlo mio caro, che io son fuori di me, non già per la meraviglia, chè quando anche io vedessi il Demonio non mi meraviglierei: e delle gran cose che io vedo, non provo il menomo piacere, perchè conosco che sono maravigliose, ma non lo sento, e t'accerto che la moltitudine e la grandezza loro m'è venuta a noia dopo il primo giorno. E perciò s'io ti dico d'aver quasi perduto la conoscenza di me stesso, non pensare nè alla meraviglia, nè al piacere, nè alla speranza, nè a veruna cosa lieta. Sappi, Carlo mio, che durante il viaggio ho sofferto il soffribile, come accade a chi viaggia a spese d'altri, e di tale che cerca per ogni verso e vuole i suoi più squisiti comodi, sieno o non sieno compatibili cogli altrui. Ma ciò non ostante, per tutto il viaggio ho goduto, e goduto assai, non d'altro che dello stesso soffrire, e della noncuranza di me, e del prendere ogni momento novissime e

A CARLO LEOPARDI

Roma, 25 de Novembro de [1822].

Meu Carlo. Se crês que aquele que te escreve é Giacomo, teu irmão, te enganas muito, pois aquele está morto ou desmaiado, e, em seu lugar, há uma pessoa que mal lembra o próprio nome. Acredita, Carlo, meu querido, que estou fora de mim não pelo espanto, que até se eu visse o Demônio não me espantaria; e frente às coisas grandiosas que vejo, não experimento o menor prazer, pois entendo que são maravilhosas, mas não o sinto, e te garanto que sua abundância e amplidão me entediaram passado o primeiro dia. E, por isto, se te digo que quase não me reconheço mais, não penses no espanto nem no prazer nem na esperança nem em algo agradável. Saiba, meu Carlo, que durante a viagem sou o sofrível, como acontece a quem viaja às expensas de outros, e de alguém que busca e de todo modo quer as suas mais refinadas comodidades, sejam elas compatíveis ou não com as dos outros. Não obstante isso, por toda a viagem desfrutei, e desfrutei muito, de nada que não o próprio sofrimento e indiferença por mim, e da aquisição de novíssimos e disparatadíssimos

disparatissime abitudini. E mi restava pure quel filo di speranza, del quale io sono capace, che senza infiammare nè anche dilettere, pur basta a sostenere in vita. Ma giunto ch'io sono, e veduto questo orrendo disordine, confusione, nullità, minutezza insopportabile e trascuratezza indicibile, e le altre spaventevoli qualità che regnano in questa casa; e trovatomì intieramente solo e nudo in mezzo ai miei parenti (benchè nulla mi manchi), ti giuro, Carlo mio, che la pazienza e la fiducia in me stesso, le quali per lunghissima esperienza m'erano sembrate insuperabili e inesauribili, non solamente sono state vinte, ma distrutte. Come inespertissimo delle strade, io non posso uscir di casa, nè recarmi in alcun luogo, nè restarvi, senza la compagnia di qualcuno della famiglia; e conseguentemente, per quanta forza io voglia fare in contrario, sono affatto obbligato a far la vita di casa Antici; quella vita la quale noi due, ragionando insieme, non sapevamo qual fosse, nè in che consistesse, nè come potesse reggersi, nè se fosse vita in alcun modo. Ieri fui da Cancellieri, il qual è un coglione, un fiume di ciarle, il più noioso e disperante uomo della terra; parla di cose assurdamente frivole col massimo interesse, di cose somme colla maggior freddezza possibile; ti affoga di complimenti e di lodi

hábitos a cada momento. E, ainda assim, restava-me aquele fio de esperança, de que sou capaz, o qual, mesmo sem arder nem deleitar, basta para sustentar a vida. Mas, tendo chegado aqui, e visto esta horrenda desordem, confusão, nulidade, pequenez insuportável e desleixo indizível, e as outras espantosas qualidades que reinam nesta casa; e encontrando-me completamente só e nu em meio aos meus parentes (embora nada me falte), juro, Carlo querido, que a paciência e a confiança em mim mesmo, as quais por longuíssima experiência minha pareciam insuperáveis e intermináveis, não só foram vencidas, mas destruídas. Por desconhecer completamente as ruas, não posso sair de casa nem ir a lugar algum, nem ficar sem a companhia de alguém da família; e, consequentemente, por mais que eu queira fazer o contrário, estou inteiramente obrigado a seguir a vida da casa Antici; aquela vida que, em nossas conversas, não sabíamos qual era, nem em que consistisse, nem como podia se sustentar, e nem se era, de algum modo, vida. Ontem visitei Cancellieri, que é um imbecil, um rio de boatos, o mais entediante e desesperador homem da terra; fala de coisas absurdamente frívolas com o maior interesse, de coisas importantes com a maior frieza possível; afoga-te em elogios e

altissime, e ti fa gli uni e l'altre in modo così gelato e con tale indifferenza, che a sentirlo, pare che l'esser uomo straordinario sia la cosa più ordinaria del mondo. In somma io sono in braccio di tale e tanta malinconia, che di nuovo non ho altro piacere se non il sonno: e questa malinconia, e l'essere sempre esposto al di fuori, tutto al contrario della mia antichissima abitudine, m'abbatte, ed estingue tutte le mie facoltà in modo ch'io non sono più buono da niente, non ispero più nulla, voglio parlare e non so che diavolo mi dire, non sento più me stesso, e son fatto in tutto e per tutto una statua. Fa leggere questa lettera al Signor Padre, al quale io non so quello che mi scrivessi da Spoleto: perchè dovete sapere che io scrissi in tavola fra una canaglia di Fabrianesi, Iesini ec. i quali s'erano informati dal Cameriere dell'esser mio, e già conoscevano il mio nome e qualità di poeta ec. ec. E un birbante di prete furbissimo ch'era con loro, si propose di dar la burla anche a me, come la dava a tutti gli altri: ma credetemi che alla mia prima risposta, cambiò tuono tutto d'un salto, e la sua compagnia divenne bonissima e gentilissima come tante pecore.

Senti, Carlo mio, se potessi esser con te, crederei di potere anche vivere, riprenderei un poco di lena e di coraggio, spererei qualche cosa, e avrei qualche ora

louvores altíssimos, e faz tudo de um modo tão gelado e com tanta indiferença que, ao ouvi-lo, parece que ser um homem extraordinário é a coisa mais ordinária deste mundo. Em suma, estou nos braços de uma melancolia tal e tamanha, que de novo não tenho outro prazer senão o sono; e esta melancolia, e estar sempre exposto ao mundo externo, completamente ao contrário do meu antigússimo hábito, abate-me e extingue todas as minhas faculdades, de modo que não me sinto bom para nada, não espero nada, quero falar e não sei que diabo dizer, não sinto mais a mim mesmo, e me tornei, em tudo e para tudo, uma estátua. Faz que se leia esta carta ao Senhor, ao qual não sei o que escrevi de Spoleto: pois devem saber que escrevi à mesa rodeado por uma canalha de Fabrianeses, Iesinos etc., que tinham se informado sobre mim com o Garçom e já sabiam o meu nome e as minhas qualidades de poeta etc. etc. E um velhaco de um padre espertinho, que estava com eles, tentou fazer um gracejo comigo, como fazia com todos os outros, mas podem acreditar que à minha primeira resposta mudou completamente de tom, e a sua companhia tornou-se boníssima e gentilíssima como a de uma ovelha.

Escuta, meu Carlo, se eu pudesse estar contigo, acreditaria até poder viver, retomaria um

di consolazione. In verità io non ho compagnia nessuna: ho perduto me stesso; e gli altri che mi circondano non potranno farmi compagnia in eterno. Scrivimi distesamente e ragguagliami a parte a parte dello stato dell'animo tuo, intorno al quale ho molti dubbi che mi straziano. Amami, per Dio. Ho bisogno d'amore, amore, amore, fuoco, entusiasmo, vita: il mondo non mi par fatto per me: ho trovato il diavolo più brutto assai di quello che si dipinge. Le donne romane alte e basse fanno propriamente stomaco; gli uomini fanno rabbia e misericordia. Ma tu scrivimi, e amami; e parlami assai assai di te e degli altri miei. Bacia per me la mano al signor Padre e alla Mamma, a' quali scriverò quest'altro ordinario, se ancora saprò scrivere. Salutami Paolina e Luigi e D. Vincenzo. In tutti i modi faremo animo: e l'assuefazione sottenterà e rimedierà ogni cosa. Addio, *caro ex carne mea*. Addio.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 29 Nov. 1822]

Carissimo Sig. Padre
Ho ricevuto la sua
amorosissima de' 25 corrente,

pouco de força e coragem, esperaria algo, e teria algum momento de consolo. Na verdade, não tenho companhia alguma: perdi a mim mesmo, e os outros que me rodeiam não poderão me fazer companhia jamais. Escreve-me longamente e informa-me cada detalhe do teu estado de espírito, em torno ao qual tenho muitas dúvidas que me dilaceram. Ama-me, por Deus. Preciso de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida; o mundo não parece feito para mim: achei o diabo bem mais feio do que se pinta. As mulheres romanas altas e baixas dão nojo; os homens dão raiva e pena. Mas tu escreve-me, e ama-me, e fala-me muito muito de ti e dos outros caros. Beija por mim a mão do senhor Pai e da Mamãe, aos quais escreverei no próximo correio, se ainda souber escrever. Lembranças a Paolina, Luigi e D. Vincenzo. De todo modo, faremos força: e o hábito substituirá e remediará todas as coisas. Adeus, *caro ex carne mea*. Adeus.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 29 de Novembro de
1822.]

Caríssimo Sr. Pai,
Recebi a sua amorosíssima
do 25 do mês corrente, pela qual

dalla quale rilevo che dev'essere smarrita la mia scrittale da Spoleto ai 20. Non una quarta parte dell'amarezza che reca al suo bell'animo la nostra separazione, ma per lo meno altrettanta è quella ch'io provo: anzi ne' primi giorni dopo il mio arrivo, fu tale il mio smarrimento, trovandomi isolato, e lontano da' miei più cari, ch'io non credeva di poter durare in questo stato senza somma e continua pena, come scrissi a Carlo, pregandolo di farle subito leggere la mia lettera. Ora, quantunque l'assuefazione e alquante conoscenze fatte m'abbiano un poco sedato e pacificato l'animo, non m'hanno però compensato, nè mai cosa veruna del mondo mi compenserà della vicinanza e del presente e visibile amore de' miei genitori e fratelli. Mi consola molto il pensare ch'Ella preghi il Signore Iddio per me, affinché mi liberi da' pericoli del mondo, che certo son gravi; e ch'Ella da lontano mi benedica, e mi tenga per suo buono e fedele e tenerissimo figlio. Ma perchè, quanto è possibile all'amore, Ella stia coll'animo riposato sul conto mio, le dirò che ho trovato in Roma assai maggiore sciocchezza, insulsaggine e nullità, e minore malvagità di quella ch'io m'aspettassi; e le ripeterò quello ch'io le dissi poco avanti di partire, cioè ch'io sono molto più ostinato che volubile, e molto più

percebo que deve ter se extraviado a carta que lhe escrevi de Spoleto dia 20. Não a quarta parte da amargura que a nossa separação traz à seu belo espírito, mas ao menos de igual medida é a que sinto: pelo contrário, nos primeiros dias após a minha chegada, foi tal o meu desconcerto, estando isolado e distante dos meus caros, que não acreditava poder durar nesse estado sem suma e contínua pena, como escrevi a Carlo, pedindo que logo lhe fizesse ler a minha carta. Pois bem, embora o hábito e alguns novos conhecidos tenham tranquilizado um pouco e apaziguado o meu espírito, não compensaram, nem coisa alguma no mundo compensará a falta da proximidade, e o presente e visível amor dos meus pais e irmãos. Consola-me muito pensar que o senhor rogue ao Senhor Deus por mim, para que me liberte dos perigos do mundo, que certamente são graves; e que o senhor me abençoe de longe e me considere seu bom, fiel e terníssimo filho. Mas, para que o senhor, tanto quanto seja ao amor possível, fique com o espírito sereno em relação a mim, digo que encontrei em Roma muito mais estupidez, insipidez e vazio, e menos malvadeza do que esperava; e repito o que disse pouco antes de partir, isto é, que sou muito mais obstinado do que volúvel, e muito mais desprezador

disprezzatore che ammiratore: e non ostante la poca pratica fatta nella conversazione degli uomini, pure mi riprometto (e in questa lusinga mi conferma anche una certa esperienza) di scoprire almeno una gran parte degli artifizii che s'adoprono per sedurre, ingannare, schernire e perdere i giovani e ogni sorta d'uomini. La saluta caramente il cugino Melchiorri, il quale Ella mi dee credere che veramente non è un cattivo giovane, anzi è più di tre volte buono, e smaniosamente infatuato della letteratura assai più di quello che sia mai stato io medesimo. La salutano i Zii, e la insopportabile Donna Marianna, la quale mi vuol bene; e io non so quello che me le voglia. Bacio la mano alla cara Mamma, e saluto ed abbraccio i fratelli. A lei professerò eternamente la più viva gratitudine e il più caldo e filiale affetto. Mi ami, caro Signor Padre, ch'io l'amo di tutto cuore, e desidero di servirla e di compiacerla e d'ubbidirla in ogni cosa. E per quasi niun'altro [sic] rispetto mi rallegro di aver sortito un cuore sensibile e pieno d'amore, se non perch'io posso rivolgere la mia sensibilità verso di Lei.

Suo ossequiosissimo e
affettuosissimo figlio
Giacomo

Roma 29 Nov.

do que admirador. E, não obstante a pouca prática tida na conversação com os homens, até me proponho (e esta promessa inclusive confirma certa experiência minha) a descobrir pelo menos boa parte dos artificios usados para seduzir, enganar, zombar e arruinar os jovens e toda sorte de homens. Receba um abraço do primo Melchiorri, que, o senhor deve acreditar, não é um jovem mau; pelo contrário, é mais de três vezes bom, e maniacamente interessado pela literatura mais do que eu próprio tenha sido. Recomendações dos tios e da insuportável Dona Marianna, que me quer bem; e eu não sei o que isto quer dizer. Beijo a mão à querida Mamãe, e saúdo e abraço os irmãos. Ao senhor professarei eternamente a minha mais viva gratidão e o mais ardente e filial afeto. Ama-me, caro Senhor Pai, pois eu o amo com todo o coração, e desejo servir-lhe e satisfazer-lhe e obedecer-lhe em todas as coisas. E quase que a nenhum outro respeito me alegra a sorte de ter um coração sensível e cheio de amor, senão para poder dedicar-lhe a minha sensibilidade.

Seu obsequiosíssimo e
afetuosíssimo filho
Giacomo

Roma, 29 de Novembro.

A PAOLINA LEOPARDI

Roma 3 Dicembre 1822.

Cara Paolina. Che cosa volete sapere de' fatti miei? Se Roma mi piace, se mi diverto, dove sono stato, che vita faccio? Quanto alla prima domanda, non so più che rispondere, perchè tutti mi domandano la stessa cosa cento volte il giorno, e volendo sempre variare nella risposta, ho consumato il frasario, e i Sinonimi del Rabbi. Parlando sul serio, tenete per certissimo che il più stolido Recanatense ha una maggior dose di buon senso che il più savio e più grave Romano. Assicuratevi che la frivolezza di queste bestie passa i limiti del credibile. S'io vi volessi raccontare tutti i propositi ridicoli che servono di materia ai loro discorsi, e che sono i loro favoriti, non mi basterebbe un in-foglio. Questa mattina (per dirvene una sola) ho sentito discorrere gravemente e lungamente sopra la buona voce di un Prelato che cantò messa avanti ieri, e sopra la dignità del suo portamento nel fare questa funzione. Gli domandavano come aveva fatto ad acquistare queste belle prerogative, se nel principio della messa si era trovato niente imbarazzato, e cose simili. Il Prelato rispondeva che aveva

A PAOLINA LEOPARDI

Roma, 3 de Dezembro de 1822.

Cara Paolina. O que quer saber de mim? Se Roma me agrada, se me divirto, aonde fui, que vida levo? Quanto à primeira pergunta, não sei mais o que responder, pois todos me perguntam a mesma coisa cem vezes por dia, e, querendo sempre variar na resposta, já gastei a coleção de frases e os Sinônimos do Rabbi. Falando sério, pode ter certeza de que o mais estúpido Recanatense tem uma dose maior de bom senso que o mais sábio e mais sério Romano. Esteja certa de que a frivolidade dessas bestas ultrapassa os limites do crível. Se eu quisesse lhe contar todos os assuntos ridículos que servem de matéria para as conversas deles, e que são os seus favoritos, não me bastaria um in-fólio. Esta manhã (para lhe dizer somente uma), ouvi falar séria e longamente sobre a boa voz de um prelado que cantou a missa anteontem, e sobre a dignidade com a qual se portava ao realizar essa função. Perguntavam-lhe como havia feito para adquirir essas belas qualidades, se no início da missa não havia se envergonhado, e coisas desse tipo. O Prelado respondia que havia aprendido de tanto assistir cantos à capela, que

imparato col lungo assistere alle Cappelle, che questo esercizio gli era stato molto utile, che quella è una scuola necessaria ai loro pari, che non s'era niente imbarazzato, e mille cose spiritosissime. Ho poi saputo che parecchi Cardinali e altri personaggi s'erano rallegrati con lui per il felice esito di quella messa cantata. Fate conto che tutti i propositi de' discorsi romani sono di questo gusto, e io non esagero nulla. Il materiale di Roma avrebbe un gran merito se gli uomini di qui fossero alti cinque braccia e larghi due. Tutta la popolazione di Roma non basta a riempire la piazza di San Pietro. La cupola l'ho veduta io, colla mia corta vista, a 5 miglia di distanza, mentre io era in viaggio, e l'ho veduta distintissimamente colla sua palla e colla sua croce, come voi vedete di costà gli Appennini. Tutta la grandezza di Roma non serve ad altro che a moltiplicare le distanze, e il numero de' gradini che bisogna salire per trovare chiunque vogliate. Queste fabbriche immense, e queste strade per conseguenza interminabili, sono tanti spazi gittati fra gli uomini, invece d'essere spazi che contengano uomini. Io non vedo che bellezza vi sia nel porre i pezzi degli scacchi della grandezza ordinaria, sopra uno scacchiere largo e lungo quanto cotesta piazza della Madonna. Non voglio già dire che Roma mi

esse exercício tinha-lhe sido muito útil, que aquele é um aprendizado necessário aos seus pares, que não havia se envergonhado de modo algum, e mil coisas engraçadíssimas. Soube depois que vários Cardeais e outros personagens tinham-no felicitado pelo bom êxito daquela missa cantada. Considere que todos os assuntos das conversas romanas são desse gosto, e não exagero em nada. A arquitetura de Roma teria um grande mérito, se os homens daqui medissem cinco braços de altura e dois de largura. Toda a população de Roma não basta para preencher a Praça de São Pedro. Avistei a cúpula, com minha vista curta, a 5 milhas de distância, enquanto viajava, e vi claramente sua abóbada e sua cruz como se veem daí os Apeninos. Toda a grandeza de Roma não serve para outra coisa senão para multiplicar as distâncias e o número dos degraus que é preciso subir, se quiser encontrar quem quer que seja. Estas construções imensas, e consequentemente, estas estradas intermináveis, são tantos espaços jogados entre os homens, ao invés de serem espaços que contêm homens. Não vejo que beleza há em colocar as peças de xadrez de tamanho normal sobre um tabuleiro tão largo e comprido quanto a praça de Nossa Senhora em Recanati. Não quero dizer que Roma me pareça desabitada, mas digo que

paia disabitata, ma dico che se gli uomini avessero bisogno d'abitare così al largo, come s'abita in questi palazzi, e come si cammina in queste strade, piazze, chiese; non basterebbe il globo a contenere il genere umano. Quanto alla prima domanda siete soddisfatta. Alle altre risponderò con più comodo. Salutate il Papà, baciategli la mano per me, ditegli che ho ricevuto la sua del 29 passato, che eseguirò le sue commissioni circa la Contessa Mazzagalli e il Padre Trachini, che l'altra circa l'avvocato Fusconi è già eseguita, che il danaro e il panno della Marchesa Roberti è consegnato da più giorni, che io sto bene, e così tutti i miei ospiti, i quali, e in particolare i Zii, salutano lui e la Mamma. Ho ricevuto anche la lettera della Mamma; salutate anche lei, e datele un bacio. Dite a Carlo che qualunque sia il baule di cui parla Luigi, la mia testa non istava sopra il baule: ma che un altro baule, del quale io intendo di parlare, l'ebbi sempre di dietro. A Luigi, a Pietruccio, a Don Vincenzo ec. salute e benedizione. Non ho adempiuto i vostri comandi, ma col tempo si farà tutto. Vogliami bene e sta' bene. Aspetto lettera di Carlo con quest'ordinario, e tua fra una settimana. Addio. Marietta ti saluta. Addio.

se os homens precisassem viver assim tão distantes, como se vive nesses palácios, e como se caminha por essas estradas, praças, igrejas, não bastaria o globo para conter o gênero humano. Quanto à primeira pergunta, está respondida. Às outras responderei com mais calma. Lembranças ao Papai, beije-lhe a mão por mim, diga-lhe que recebi a carta dele de 29 passado, que farei o que me pediu em relação à Condessa Mazzagalli e ao Padre Trachini, que o outro pedido relativo ao advogado Fusconi foi resolvido, e que o dinheiro e o pano da Marquesa Roberti foram entregues dias atrás; diga-lhe que estou bem, assim como todos os que me hospedam; os Tios, em particular, mandam lembranças a ele e à Mamãe. Recebi também a carta da Mamãe; mande também lembranças de minha parte a ela, e dê-lhe um beijo. Diga a Carlo que, seja qual for o baú do qual fala Luigi, a minha cabeça não estava sobre o baú, mas que eu tinha um outro baú (ao qual me refiro) atrás de mim o tempo todo. A Luigi, a Pietruccio, a Don Vincenzo etc., saúde e bençãos. Não fiz o que me pediu, mas com o tempo tudo se fará. Quer-me bem e fica bem. Espero uma carta de Carlo com este correio, e uma tua daqui a uma semana. Adeus. Marietta manda lembranças. Adeus.

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 6 Dicembre [1822]

Carlo mio. Quei dubbi che mi laceravano, non erano certo che tu fossi per avermi dimenticato, perchè quando anche ciò potesse accadere o fosse accaduto, io era ben certo che non poteva essere se non per momenti. Ma io stavo in grandissimo batticuore sullo stato dell'animo tuo verso di te, e delle tue circostanze, e questo pensiero mi pungeva infinitamente quel primo giorno ch'io ti lasciai, e ch'io mi dipingeva alla fantasia tutto il nero, tutto il freddo, tutto il morto dell'abbandono in cui ti trovavi. E non potendo altro, la mattina del giorno seguente, pregai molto la moglie del Fattore di Tolentino, che avendo occasione, facesse arrivar le mie nuove e i miei saluti a te, ed agli altri miei. Credi, Carlo mio, che se l'amor nostro scambievolmente potesse crescere, crescerebbe dalla mia parte, non solo per l'allontanamento, il quale agli animi come i nostri, suol recare gran desiderio dell'amato, ma per lo stesso viver nel mondo, e nel tumulto, e per le stesse distrazioni, e gl'impedimenti ch'io ho di pensare a te solo. Veramente per me non v'è maggior solitudine che la gran compagnia; e perchè questa solitudine mi rinesce, però desidero d'essere

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 6 de Dezembro de [1822].

Meu Carlo. As dúvidas que me dilaceravam certamente não eram de que irias me esquecer, porque mesmo se isso pudesse acontecer ou tivesse acontecido, eu estava certo de que seria somente algo momentâneo. Mas sentia o coração apertadíssimo por conta do teu estado de ânimo em relação a ti mesmo e às tuas circunstâncias, e este pensamento me doía tanto naquele primeiro dia em que te deixei, que ficava imaginando toda a escuridão, todo o frio, todo o torpor do abandono em que te encontravas. E, não podendo fazer nada, na manhã do dia seguinte, pedi insistentemente à mulher do Fazendeiro de Tolentino que, assim que tivesse oportunidade, encaminhasse minhas notícias e saudações a ti e aos outros caros. Acredita, meu Carlo, que se o amor nosso recíproco pudesse crescer, cresceria da minha parte, não só pelo afastamento, que, em espíritos como os nossos, costuma causar um grande desejo do amado, mas pelo próprio viver no mundo e no tumulto, e pelas próprias distrações e pelos impedimentos que tenho de pensar somente em ti. Realmente, para mim não há solidão maior que a companhia de muitos, e

effettivamente solitario, per essere in effettiva compagnia, cioè nella tua, ed in quella del mio cuore. Senti, mio caro fratello; non mi dare del misantropo, nè del codardo, nè del bigotto; ma piuttosto assicurati che quello ch'io sono per dirti m'è dettato dall'esperienza, e dalla cognizione dell'animo tuo e mio. Dico, che in verità, se per qualche modo tu potessi procurarti costì un'esistenza meno dipendente e meno povera di quella d'oggi, tu non dovresti pensare e giudicare di cedere al destino, e rilasciargli la maggior parte della felicità; ma ti dovresti fermamente persuadere di essere, se non nel migliore, certo in uno de' migliori stati possibili all'uomo. Domandami se in due settimane da che sono in Roma, io ho mai goduto pure un momento di piacere fuggitivo, di piacere rubato, preveduto o improvviso, esteriore o interiore, turbolento o pacifico, o vestito sotto qualunque forma. Io ti risponderò in buona coscienza e ti giurerò, che da quando io misi piede in questa città, mai una goccia di piacere non è caduta sull'animo mio; eccetto in quei momenti ch'io ho letto tue lettere, i quali ti dico senz'alcuna esagerazione che sono stati i più bei momenti della mia dimora in Roma: quelle stesse poche righe che ponesti sotto la lettera di mia Madre, furono per me come un lampo di luce che rompesse le

como esta solidão me incomoda, desejo estar efetivamente solitário para ter efetiva companhia, isto é, a tua companhia e a do meu coração. Escuta, meu caro irmão; não me chames de misantropo, nem de covarde, nem de beato; entretanto acredita que o que estou para te dizer é ditado pela experiência e pelo que conheço do teu espírito e do meu. Digo, em verdade, que se de algum modo tu pudesses buscar aí uma existência menos dependente e menos pobre que a atual, não deverias pensar e julgar estar cedendo ao destino, e entregando-lhe a maior parte da felicidade; mas deverias convencer-te firmemente de estar, se não no melhor, certamente em um dos melhores estados possíveis ao homem. Perguntame, se nas duas semanas que estou em Roma, pude alguma vez gozar de um pequeno prazer fugidio, de um prazer roubado, previsto ou improviso, exterior ou interior, turbulento ou pacífico, ou vestido de uma forma qualquer. Responderei em sã consciência e jurarei que desde que pus os pés nesta cidade, jamais uma gota de prazer caiu sobre a minha alma, exceto nos momentos em que li tuas cartas, que foram, sem exagero algum, os momentos mais bonitos de minha estada em Roma; e, mesmo as poucas linhas que puseste no final da carta de minha Mãe, foram para mim como um raio de luz rompendo as

dense e mute e deserte tenebre che mi circondavano. Dirai ch'io non so vivere; che per te, e per altri tuoi simili il caso non andrebbe così. Ma senti i ragionamenti ed i fatti. L'uomo non può assolutamente vivere in una grande sfera, perchè la sua forza o facoltà di rapporto è limitata. In una piccola città ci possiamo annoiare, ma alla fine i rapporti dell'uomo all'uomo e alle cose, esistono, perchè la sfera de' medesimi rapporti è ristretta e proporzionata alla natura umana. In una grande città l'uomo vive senza nessunissimo rapporto a quello che lo circonda, perchè la sfera è così grande, che l'individuo non la può riempire, non la può sentire intorno a sè, e quindi non v'ha nessun punto di contatto fra essa e lui. Da questo potete congetturare quanto maggiore e più terribile sia la noia che si prova in una grande città, di quella che si prova nelle città piccole: giacchè l'indifferenza, quell'orribile passione, anzi spassione, dell'uomo, ha veramente e necessariamente la sua principal sede nelle città grandi, cioè nelle società molto estese. La facoltà sensitiva dell'uomo, in questi luoghi, si limita al solo vedere. Questa è l'unica sensazione degl'individui, che non si riflette in verun modo nell'interno. L'unica maniera di poter vivere in una città grande, e che tutti, presto o tardi, sono

densas e mudas e desertas trevas que me circundavam. Dirás que não sei viver; que para ti e para outros que te assemelham não teria sido assim. Mas escuta os raciocínios e os fatos. O homem não pode absolutamente viver em uma grande esfera, pois sua força ou faculdade de se relacionar é limitada. Em uma pequena cidade podemos nos entediar, mas, no final, as relações de homem a homem e deste com as coisas existem, pois a esfera destas relações é restrita e proporcional à natureza humana. Em uma grande cidade o homem vive sem absolutamente nenhuma relação com aquilo que o circunda, pois a esfera é tão grande que o indivíduo não pode preenchê-la, não pode senti-la ao redor de si, e, portanto, não há nenhum ponto de contato entre ela e ele. Disto é possível conjeturar quão maior e mais terrível é o tédio sentido em uma grande cidade, se comparado ao que se sente nas cidades pequenas: pois a indiferença, aquela horrível paixão, aliás, despaixão do homem, tem de fato e necessariamente sua sede principal nas grandes cidades, nas sociedades muito extensas. As faculdades sensitivas do homem, nestes lugares, limitam-se somente à visão. Esta é a única sensação dos indivíduos, que não se reflete de modo algum dentro deles. A única maneira possível de viver em uma grande cidade —

obbligati a tenere, è quella di farsi una piccola sfera di rapporti, rimanendo in piena indifferenza verso tutto il resto della società. Vale a dire fabbricarsi dintorno come una piccola città, dentro la grande; rimanendo inutile e indifferente all'individuo tutto il resto della medesima gran città. Per far questo, non è bisogno uscire delle città piccole. Questo è veramente un ricadere nel piccolo per forza di natura. Veniamo alle prove di fatto. Lascio stare ch'io vedo la noia dipinta sul viso di tutti i mondani di Roma. Dirò solamente questo. Voi sapete che l'unica fonte di piaceri è l'amor proprio; e che questo amor proprio in ultima analisi si risolve o in ambizione o in sentimento. Quanto al sentimento, potete immaginare se una moltitudine dissipata che non pensa mai a se medesima, ne debba esser capace. Quanto all'ambizione, dovete persuadervi che in una città grande è impossibilissimo di soddisfarle. Qualunque sia il pregio a cui voi pretendiate, o bellezza, o dottrina, o nobiltà, o ricchezza, o gioventù, in una città grande è tanta soprabbondanza di tutto questo, che non se ne fa caso veruno. Io vedo tuttogiorno uomini che riempierebbono Recanati di se medesimi, e di cui qui nessuno si cura. L'attirare gli occhi degli altri in una gran città è impresa disperata; e veramente queste tali città non son fatte se

e que todos mais cedo ou mais tarde são obrigados a adotar — é criar uma pequena esfera de relações, ficando completamente indiferente ao resto da sociedade. Quer dizer, construir ao seu redor como uma pequena cidade dentro da grande, ficando todo o resto desta grande cidade inútil e indifferente ao indivíduo em questão. Para fazer isto, não é preciso sair das cidades pequenas. Isto é realmente como cair de novo no pequeno por força da natureza. Venhamos às provas de fato. Deixo estar que vejo o tédio estampado no rosto de todos os mundanos de Roma. Direi somente isto. Sabe-se que a única fonte de prazer é o amor-próprio; e que este amor-próprio, em última análise, se resolve em ambição ou em sentimento. Quanto ao sentimento, você pode imaginar se uma multidão dissoluta, que jamais pensa em si mesma, é capaz de ter. Quanto à ambição, convença-se de que em uma cidade grande é impossibilíssimo satisfazê-la. Seja qual for a qualidade pretendida — beleza, doutrina, nobreza, riqueza ou juventude — em uma grande cidade há tanta abundância de tudo isto que ninguém nota. Vejo todos os dias homens que preencheriam Recanati com o próprio valor, aos quais ninguém dá importância. Atrair os olhos dos outros em uma grande cidade é uma tarefa desesperada; e, na

non per i monarchi, o per uomini tali che possano smisuratamente soverchiare la massima parte del genere umano in qualche loro pregio per lo più di fortuna, come ricchezza immensa, dignità vicina a quella di principe, o cose simili. Fuori di questi casi, voi non potete godere di Roma, e delle altre città grandi, se non come puro spettatore: e lo spettacolo del quale v'è impossibile di far parte, v'annoia al secondo momento, per bellissimo che sia. Lasciando da parte lo spirito e la letteratura, di cui vi parlerò altra volta (avendo già conosciuto non pochi letterati di Roma), mi ristringerò solamente alle donne, e alla fortuna che voi forse credete che sia facile di far con esse nelle città grandi. V'assicuro che è propriamente tutto il contrario. Al passeggio, in Chiesa, andando per le strade, non trovate una befana che vi guardi. Io ho fatto e fo molti giri per Roma in compagnia di giovani molto belli e ben vestiti. Sono passato spesse volte, con loro, vicinissimo a donne giovani: le quali non hanno mai alzato gli occhi; e si vedeva manifestamente che ciò non era per modestia, ma per pienissima e abituale indifferenza e noncuranza: e tutte le donne che qui s'incontrano sono così. Trattando, è così difficile il fermare una donna in Roma come in Recanati, anzi molto più, a cagione dell'eccessiva frivolezza e

realidade, tais cidades não são feitas senão para os monarcas ou para aqueles homens capazes de superar desmedidamente a maior parte do gênero humano em alguma de suas qualidades, que têm sobretudo por sorte, como riqueza imensa, dignidade próxima a de um príncipe ou coisas semelhantes. À parte estes casos, não se pode desfrutar Roma e outras cidades grandes, senão como um mero espectador; e o espetáculo, no qual é impossível tomar parte, entedia no segundo instante por mais bonito que seja. Deixando de lado o espírito e a literatura, dos quais falarei da próxima vez (tendo já conhecido não poucos literatos de Roma), eu me restringirei somente às mulheres, e à sorte que talvez pense ser fácil ter com elas nas cidades grandes. Garanto que é tudo exatamente ao contrário. Ao passear, na Igreja, caminhando pelas ruas, não se encontra uma bruxa velha que o olhe. Dei e dou várias voltas por Roma, acompanhado de jovens muito bonitos e bem vestidos. Passei com eles, várias vezes, pertíssimo de mulheres jovens, que sequer ergueram os olhos; e se via claramente que não era por modéstia, mas por completa e habitual indiferença e desconsideração: e todas as mulheres que se encontram aqui são assim. Enfim, é tão difícil parar uma mulher em Roma

dissipatezza di queste bestie femminine, che oltre di ciò non ispirano un interesse al mondo, sono piene d'ipocrisia, non amano altro che il girare e divertirsi non si sa come, non *la danno* (credetemi) se non con quelle infinite difficoltà che si provano negli altri paesi. Il tutto si riduce alle donne pubbliche, le quali trovo ora che sono molto più circospette d'una volta, e in ogni modo sono così pericolose come sapete. La carta mi manca. Non finirei mai di discorrer con voi. Tutti dormono: io rubo questi momenti al sonno, perchè durante il giorno, non mi lasciano un momento di libertà. Salutami tanto Paolina. Ti prego, caro Carlo, che per amor mio, quando tu mi scrivi, vogli prendere questa fatica d'allargare un poco il carattere, e lasciare fra le righe alquanto più d'intervallo a causa de' miei poveri occhi. Marietta sta bene, e pare che attenda molto ogni volta che si parla di te. Puoi scrivermi liberamente sotto il mio nome, senza far lettere ostensibili ec. perchè io non mostro nè le tue nè le altrui, e questi di casa sono incapaci di violare le lettere che mi vengono. Addio, caro. Questa sera ho conosciuto alcuni dotti tedeschi che m'hanno alquanto confortato. Addio, ti bacio, stammi di buon animo.

quanto em Recanati, aliás, muito pior, devido à excessiva frivolidade e devassidão dessas bestas femininas que, além do mais, não inspiram interesse algum ao mundo, são cheias de hipocrisia, só gostam de rodar e se divertir sabe-se se lá como; não *dão* (acredite em mim), a não ser com as infinitas dificuldades que sentimos em outras cidades. E tudo acaba se reduzindo às mulheres da vida, que agora parecem muito mais circunspectas que há um tempo atrás, e, de todo modo, são perigosas, como sabe. O papel está acabando. Não pararia nunca de conversar com você. Todos dormem; roubo estes momentos ao sono, pois, durante o dia, não me dão um minuto de liberdade. Dê um abraço em Paolina. Por favor, caro Carlo, por amor a mim, quando me escreveres, faça o esforço de ampliar um pouco a letra e deixar mais espaço entre as linhas por causa dos meus pobres olhos. Marietta está bem e parece muito atenta toda vez que se fala de ti. Podes me escrever livremente ao meu próprio nome, sem fazer cartas ostensivas etc., pois não mostro nem as tuas nem as dos outros, e estes de casa são incapazes de violar as cartas que chegam para mim. Adeus, caro. Esta noite conheci alguns doutos alemães, que me confortaram muito. Adeus, dou-te um beijo, fica de bom ânimo.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 9 Dicembre 1822.]

Carissimo Sig. Padre

Tutte le lettere ch'io ricevo da casa mia, e specialmente le sue, mi consolano e mi rallegrano sopra ogni altra cosa, perchè in verità io ebbi sempre ed avrò sempre bisogno della comunicazione del cuore e dei sentimenti, la quale non posso trovare appresso i miei ospiti, quantunque non mi lascino mancare di nessun'altra cosa o necessaria o comoda. Ma i principii e gli elementi eteroclitici ed affatto anomali di cui sono composti i loro naturali, e il disordine incredibile e inconcepibile che regna nel giornaliero di questa famiglia, non mi lasciano esser con loro altro che forestiere. Sono stato dalla Contessa Mazzagalli, la quale ho trovato bene, e le ho fatto i suoi saluti e quelli della Marchesa Roberti. Ringrazia e saluta Lei e la Marchesa, alla quale forse a quest'ora avrà scritto in proposito. Sono anche stato a posta dal P. Trachini, il quale è molto invecchiato, ma il suo aspetto è sano. Ha gradito la visita, e la memoria ch'Ella tiene di lui, e m'ha incaricato di riverirla da sua parte. Di qui a pochi mesi, o forse a pochi giorni, compie il triennio del suo Procuratorato generale, e

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 9 de Dezembro de 1822.]

Caríssimo Sr. Pai,

Todas as cartas que recebo de casa, e especialmente as suas, consolam-me e alegram-me acima de qualquer coisa, pois, na verdade, sempre senti e sempre sentirei necessidade de comunicar o que vem do coração e dos sentimentos, o que não é possível com os meus hospedeiros, embora eles não me deixem faltar nenhuma outra coisa necessária ou cômoda. Mas, os princípios e elementos heteróclitos e, completamente, anômalos, que para eles são naturais, e a desordem inacreditável e inconcebível que reina no cotidiano desta família, não permitem que eu seja mais do que um forasteiro entre eles. Estive com a Condessa Mazagalli, que estava bem, e lhe transmiti as suas recomendações e as da Marquesa Roberti. Ela agradece e manda lembranças ao senhor e à Marquesa, à qual provavelmente a esta hora terá escrito. Estive também em visita especial ao Padre Trachini, que envelheceu muito, apesar de ter um aspecto saudável. Agradeceu a visita, a lembrança que tem dele, e me encarregou de recomendá-lo ao senhor. Daqui a poucos meses, ou talvez a poucos dias, ele cumpre o

potrebb'essere che tornasse a stabilirsi costì. Ho mostrato a Melchiorri la descrizione ch'Ella mi consegnò della medaglia iscritta M. CARR. L'ha fatta vedere ad Alessandro Visconti che passa per il primo Numismatico di Roma, e (dicono costoro) d'Europa: e questi ha creduto che la medaglia appartenga alla famiglia Papiria, e che l'iscrizione si debba leggere M. CARB. cioè *M. Carbo*. Così veramente la riportano il Vaillant, l'Ekhel ed altri, come ho veduto io medesimo: e la descrizione che fanno della medaglia, concorda appunto colla sua. Farò ricerca dell'Arwood, e s'altro m'occorrerà in materia Bibliografica che faccia a proposito, non mancherò d'avvertirla. Cercherò anche il noto opuscolo di San Girolamo nell'edizione Vallarsiana, ch'è l'ultima e la più completa, delle opere di questo Padre. La ringrazio molto delle notizie ch'Ella mi dà, e godo che il fratellino stia meglio: desidero sapere che sia guarito, e spero che Ella o altri non lascerà di darmi notizia di lui ne' prossimi ordinarii. Del Grutero non dubito che non sia cosa magnifica, com'Ella dice, e son certo ch'è utilissima, e poco meno che necessaria, massimamente a una Biblioteca. Quanto ai letterati, de' quali Ella mi domanda, io n'ho veramente conosciuto pochi, e questi pochi m'hanno tolto la

triênio de sua Procuradoria Geral, e pode ser que volte a se estabelecer por esses lados. Mostrei a Melchiorri a descrição que o senhor me entregou da medalha com a inscrição M. CARR. Ele mostrou-a para Alessandro Visconti, considerado o primeiro Numismático de Roma e (dizem eles) da Europa: e este acredita que a medalha pertença à família Papiria, e que a inscrição deva ser M. CARB., isto é, *M. Carbo*. Assim se referem a ela Vaillant, Ekhel e outros, como pude eu mesmo ver; e a descrição que fazem da medalha de fato concorda com a sua. Vou procurar o Arwood, e, se precisar de algo mais em matéria de bibliografia relacionada, não deixarei de avisá-lo. Pesquisarei também a edição Vallarsiana do conhecido opúsculo de São Jerônimo, que é última e mais completa entre as obras deste Padre. Agradeço muito as notícias que o senhor me dá, e alegra-me que meu irmãozinho esteja melhor; gostaria que me dissessem que está curado, espero que o senhor ou os outros não deixem de me dar notícias sobre ele nos próximos correios. Com relação ao Grutero, não duvido que seja algo magnífico, como o senhor diz, e estou certo de que é muito útil e pouco menos que necessário sobretudo a uma Biblioteca. Quanto aos literatos, dos quais o senhor me pergunta, conheci

voglia di conoscerne altri. Tutti pretendono d'arrivare all'immortalità in carrozza, come i cattivi Cristiani al Paradiso. Secondo loro, il sommo della sapienza umana, anzi la sola e vera scienza dell'uomo è l'Antiquaria. Non ho ancora potuto conoscere un letterato Romano che intenda sotto il nome di letteratura altro che l'Archeologia. Filosofia, morale, politica, scienza del cuore umano, eloquenza, poesia, filologia, tutto ciò è straniero in Roma, e pare un giuoco da fanciulli, a paragone del trovare se quel pezzo di rame o di sasso appartene a Marcantonio o a Marcagrippa. La bella è che non si trova un Romano il quale realmente possieda il latino o il greco; senza la perfetta cognizione delle quali lingue, Ella ben vede che cosa mai possa essere lo studio dell'antichità. Tutto il giorno ciarlano e disputano, e si motteggiano ne' giornali, e fanno cabale e partiti, e così vive e fa progressi la letteratura romana. Quanto a me, alcuni di costoro mi conoscevano avanti il mio arrivo, altri no. Quelli mi trattano molto bene, questi poco, come accade all'uomo nuovo, e massimamente ad uno che non s'è mai curato di farsi conoscere in questa città, e che non sa parlare della loro scienza favorita, o che s'annoia di parlarne. Cancellieri è insopportabile per le estreme lodi

realmente poucos, e estes poucos tiraram-me a vontade de conhecer outros. Todos almejam chegar à imortalidade em uma carroça, como os maus Cristãos ao Paraíso. Para eles, o sumo da sapiência humana, aliás, a única e verdadeira ciência do homem é o Antiquariato. Não pude ainda conhecer um literato Romano que entenda sob o nome de literatura algo diferente de Archeologia. Filosofia, moral, política, ciência do coração humano, eloquência, poesia, filologia: tudo é estranho em Roma, e parece brincadeira de criança, se comparado à descoberta de que aquele pedaço de cobre ou de pedra pertence a Marco Antonio ou a Marco Agripa. O incrível é que não se encontra um Romano que realmente domine o latim ou o grego; sem um perfeito conhecimento dessas línguas, o senhor bem vê o que possa ser o estudo da antiguidade. Mexericam e discutem o dia todo, insultam-se nos jornais, formam cabalas e partidos; e assim vive e faz progressos a literatura romana. Quanto a mim, alguns deles me conheciam antes da minha chegada, outros não. Aqueles me tratam muito bem, estes, pouco, como acontece com um homem recém-chegado, e, sobretudo, um como eu, que nunca se empenhou em se tornar conhecido nesta cidade, e que não sabe falar da ciência preferida deles, ou que se

che colla maggiore indifferenza del mondo dice in faccia di chiunque lo va a trovare: ed è famoso per questa brutta proprietà, che rende la sua conversazione affatto insignificante, non potendosegli mai credere. Monsignor Mai è tutt'altro da questa canaglia; è gentilissimo con tutti, compiacentissimo in parole, politico in fatti; mostra di voler soddisfare a ciascuno, e fa in ultimo il suo comodo; ma quanto a me, non solo non ho che lagnarmene, anzi debbo dire che m'ha compiaciuto realmente in ogni mia domanda, e che mi tratta quasi con rispetto. Dopo il mio arrivo è uscita la sua *Repubblica*, la quale è una bella cosa, e molto lodata da chi la capisce, come biasimata dal partito contrario a Mai. Presto uscirà il Frontone accresciuto del doppio da quel che fu nell'edizione di Milano, in modo che gran parte delle sue opere viene ad essere intera e senza lagune. Ho conosciuto il Cav. Marini Direttore generale de' catasti, uomo coltissimo, il quale mi parlò subito di Lei, e de' suoi affari al tempo dell'annona, ne quali anch'egli, come mi disse, ebbe parte; e mi dimostrò molta stima per la sua persona. Ha una ricchissima libreria, ch'è, si può dire, a disposizione di Melchiorri e mia. Non è pubblica. Quivi passiamo, per lo più, buona parte della mattina, e ordinariamente

entedia de falar sobre isso. Cancellieri é insuportável, por conta do exagero de elogios que faz com a maior indiferença do mundo na cara de qualquer um que vá visitá-lo; e é famoso por essa característica ruim, que torna a sua conversa de fato insignificante, pois não se pode acreditar nele. Monsenhor Mai é bem diferente daquele canalha: é gentilíssimo com todos, amabilíssimo nas palavras, político nos atos; demonstra querer agradar a todos, e, no final, faz o que lhe é cômodo; mas, em relação a mim, não só não tenho do que lamentar, mas devo dizer que ele realmente satisfaz todos os meus pedidos, e me trata quase com respeito. Depois da minha chegada, saiu a sua *De Republica*; é uma bela coisa, muito elogiada por quem a compreende, e criticada pelo partido contrário a Mai. Logo sairá o Frontão, acrescido com o dobro do que foi a edição de Milão, de modo que grande parte das suas obras será integral e sem lacunas. Conheci o Cavalheiro Marini, Diretor-geral dos Cadastros, homem cultíssimo, que logo me falou do senhor e de seus negócios no tempo do Abastecimento, dos quais ele também participou, como me disse; e demonstrou-me grande estima pela sua pessoa. Ele tem uma riquíssima biblioteca, que está, pode-se dizer, à disposição de Melchiorri e de mim. Não é

siamo soli. Presso il Ministro d'Olanda, (che mi chiese nuove di Lei, e volle la sua opera sulla nostra Zecca, avendola veduta annunciata nelle *Effemeridi*) ho conosciuto alcuni dotti forestieri, (ben altra cosa che i Romani). Uno de' quali venne ieri da me a posta, e spontaneamente; e mi pregò che gli comunicassi alcune osservazioni ch'io sono per fare stampare; le lodò, e mi dimandò dell'ora in cui sarebbe potuto tornare a *côsare* con me. Questi è un Professore di letteratura greca di Monaco, uomo celebre, che io conosceva già di nome da più anni in qua. La ho trattenuta di queste bagattelle, perchè credo, ed Ella m'assicura che si compiace d'essere informata delle cose mie. Desidero che il suo nuovo impiego le rechi il minor possibile incomodo: auguro e confido che riesca in beneficio della patria. La prego de' miei saluti a tutti i nostri, particolarmente alla Mamma, e de' miei ossequi alla Marchesa Roberti. Mi benedica: non è necessario dirle che mi comandi: solamente ne la posso pregare, perch'io abbia la consolazione di renderle qualche servizio secondo le mie forze. Il suo tenero figlio Giacomo.

Roma 9 Dicembre 1822.

pública. Geralmente passamos boa parte da manhã lá e, normalmente, estamos sós. Conheci alguns eruditos estrangeiros — bem diferentes dos Romanos — na casa do Ministro da Holanda (que me perguntou novamente do senhor e gostaria de ter a sua obra sobre a nossa Moeda, tendo-a visto anunciada nas *Effemeridi*). Um deles veio ontem especialmente para me ver, por iniciativa própria, e pediu-me que lhe falasse sobre algumas observações que estou para publicar; elogiou-as, e me perguntou quando poderia voltar a *cosar* [conversar] comigo. É professor de literatura grega em Munique, homem célebre, que eu já conhecia de nome há vários anos. Incomodei-o com essas bobagens, pois creio — e o senhor me garante — que lhe agrada ser informado sobre as minhas coisas. Desejo que o seu novo emprego lhe traga o menor incômodo possível: espero que seja e estou certo de que será em beneficio da pátria. Por favor, envie lembranças a todos os nossos, particularmente, à Mamãe, e meus respeitos à Marquesa Roberti. Sua benção: não é necessário dizer que estou às suas ordens; é só o que posso pedir para que eu tenha o consolo de ser-lhe útil segundo as minhas forças. O seu filho terno Giacomo.

Roma, 9 de Dezembro de 1822.

A ETTORE LEOPARDI

[Roma 14 de Dicembre 1822]

Carissimo Zio

Voi mi permetteste d'annoiarvi colle mie lettere ed io mi prevalgo di questa licenza, e vi scrivo. Desidero grandemente di ricevere le vostre nuove, e soprattutto di riceverle da voi medesimo. Come vi tratta l'inverno di Recanati? Quello di Roma, finora, appena si è potuto chiamare inverno. Ma ieri ed oggi il vento di tramontana ha fatto sentire per la prima volta un poco di freddo, benchè il tempo sia bellissimo. Nuove non vi sono, eccetto la promozione d'otto Prelati al Cardinalato, che avrete già intesa. I promossi sono Pallotta, Odescalchi, Orfini, Serlupi, Guerrieri: degli altri tre non mi ricordo. Io sto benissimo, e mi diverto sino a un certo segno. Vorrei sentire altrettanto di voi. Caro Zio, credetemi ch'io v'amo di tutto cuore, e che le distrazioni di Roma non m'impediscono d'avervi presente alla memoria. Avrei voluto scrivervi prima, ma io posso disporre di poco tempo, perchè ad ogni momento, ora questo ora quello mi viene a prendere in casa, e tutta la giornata si consuma in girare e vedere. Abbiate cura della vostra salute, ve ne prego con tutta

A ETTORE LEOPARDI

[Roma, 14 de Dezembro de 1822.]

Caríssimo Tio,

O senhor permitiu-me incomodá-lo com as minhas cartas, e eu me sirvo dessa licença para lhe escrever. Desejo muito receber notícias suas, e, sobretudo, recebê-las de seu próprio punho. Como o trata o inverno de Recanati? O de Roma, até agora, mal pode ser chamado de inverno. Mas ontem e hoje o vento de tramontana fez sentir pela primeira vez um pouco de frio, embora o tempo esteja bellissimo. Novidades não há, exceto a promoção de oito Prelados ao Cardinalado, que o senhor já deve ter sabido. Os promovidos são Pallotta, Odescalchi, Orfini, Serlupi, Guerrieri: dos outros três não me lembro. Eu estou muitíssimo bem, e me divirto até certo ponto. Espero que o senhor também. Caro Tio, acredite que eu o amo com todo o coração, e que as distrações de Roma não me impedem de tê-lo presente na memória. Gostaria de ter-lhe escrito antes, mas disponho de pouco tempo, pois, a todo instante, um ou outro vem buscar-me em casa, e o dia todo se consome em rodar e ver. Peço-lhe, com toda a alma, que tenha

l'anima, e s'è possibile distraetevi, chè la distrazione è la miglior medicina per voi e per me. Vogliatemi bene, caro Zio mio, e se potessi servirvi in qualche cosa, comandatemi. Vi bacio la mano e mi protesto

vostro affettuosissimo e
obbligatissimo nipote.

Giacomo

Roma 14 Dicembre 1822.

A CARLO LEOPARDI

[Roma], 16 Dic. [1822]

Carlo mio. Se non siete persuaso di quello ch'io cercai di provarvi nell'ultima mia, *n'en parlons plus*. Io v'accerto che non solo non ho provato alcun piacere in Roma, ma sono stato sempre immerso in profondissima malinconia. Non nego però che questo non venga in gran parte dalla mia particolare costituzione morale e fisica. V'accerto ancora che quanto alle donne, qui non si fa niente nientissimo più che a Recanati. V'accerto che gli spettacoli e divertimenti sono molto più noiosi qui che a Recanati, perchè in essi nessuno brilla, fuori dello stesso spettacolo e divertimento. Questo è il solo

cuidado com a sua saúde, e, se possível, distraia-se, pois a distração é o melhor remédio para o senhor e para mim. Queira-me bem, meu caro Tio, e, se eu puder ser-lhe útil em algo, estou às ordens. Beijo-lhe a mão, e me declaro

seu afetuosíssimo e
obrigadíssimo sobrinho.

Giacomo

Roma, 14 de Dezembro
de 1822.

A CARLO LEOPARDI

[Roma], 16 de Dezembro de
[1822.]

Meu Carlo. Se não está convencido daquilo que tentei lhe provar na minha última, *n'uma parlons plus*. Garanto-lhe que não só não provei prazer algum em Roma como estive sempre imerso em profundíssima melancolia. Não nego, porém, que isto venha, em grande parte, da minha peculiar constituição moral e física. Garanto-lhe ainda que, com relação às mulheres, aqui não se faz nada nadinha a mais que em Recanati. Garanto-lhe que os espetáculos e diversões são muito mais enfadonhos aqui do que em Recanati, pois neles ninguém brilha, à parte o espetáculo e a diversão em si. Esta é a única

che possa brillare, e non si va allo spettacolo se non puramente per veder lo spettacolo, (cosa noiosissima), oppure per trattenersi con quelle tali poche persone che formano il piccolo circolo di ciascheduno; il qual piccolo circolo s'ha nelle città piccole meglio ancora che nelle grandi, e certamente nelle grandi è più ristretto che nelle piccole. Ma venghiamo a cose più allegre. Primieramente io non ho conosciuto nè guardia nè Spada nessuna. Ho ben conosciuto quel fenomeno di Menicuccio Melchiorri, e pratico tuttogiorno con quel coglione di Peppe, che invita mezzo mondo a mettergli tre braccia di corna. Ma per quanto pessima idea possiate aver della moglie, non è possibile che arrivate a concepire che razza di donna misera e nulla sia questa. Figuratevi una servaccia sciocchissima, bruttissima, goffissima, senza una grazia negli occhi o nel portamento o in alcuna parte della persona, senza una parola in bocca, insomma senza un *attrait* immaginabile al mondo; e tutto questo, essendo puttana, o se non altro, civetta. Io non conosco le puttane d'alto affare, ma quanto alle basse, vi giuro che la più brutta e gretta civettina di Recanati vale per tutte le migliori di Roma. Ho conosciuto parecchi di questi furbi e di questi bravi. Hanno più franchezza e più parole, ma

coisa que pode brilhar, e não se vai ao espetáculo a não ser para ver estritamente o espetáculo (coisa tediosíssima), ou então para estar com as poucas pessoas que formam o pequeno círculo de cada um; pequeno círculo que é mais fácil ter nas cidades pequenas do que nas grandes, e certamente nas grandes é mais restrito que nas pequenas. Mas venhamos a coisas mais alegres. Em primeiro lugar, não conheci nem guarda nem Spada alguma. Conheci bem aquele fenômeno do Menicuccio Melchiorri, e convivo todos os dias com aquele imbecil do Peppe, que convida meio mundo a pôr-lhe três braços de chifre. Mas por pior que seja a ideia que se tem de sua esposa, não é possível chegar a conceber que raça de mulher mísera e vazia ela é. Imagine uma mexeriqueira tolíssima, feíssima, estranhíssima, sem graça alguma nos olhos, no porte ou em parte alguma da sua pessoa, sem uma palavra na boca, em suma, sem um *attrait* imaginável ao mundo; sendo, ainda por cima, uma puta ou, no mínimo, uma coquete. Não conheço as putas de alta classe, mas quanto às baixas, juro que a mais feia e reles coquetinha de Recanati vale por todas as melhores de Roma. Conheci vários desses sujeitos espertos e capazes. São mais francos e mais comunicativos, mas, quanto a saber fazer e chegar aos

quanto al saper fare e cavare i ragni dai buchi, cederebbero tutti quanti ai Galamini. Un Condulmari si mangerebbe tutta Roma viva viva in un boccone. Confermatevi pure nel vostro pensiero che un buono e compito Marchegiano vale per mezzo mondo. Io me n'accorsi fin da Spoleto, paragonando quei Marchegiani che v'erano a tavola, con altri pur giovanotti e galanti, nativi d'altre parti. Cancellieri mi diverte qualche volta con alcuni racconti spirituali, verbigrazia che il Card. Malvasia b. m. metteva le mani in petto alle Dame della sua conversazione, ed era un *débauché* di prima sfera, e mandava all'inquisizione i mariti e i figli di quelle che le resistevano ec. ec. Cose simili del Card. Brancadoro, simili di tutti i Cardinali (che sono le più schifose persone della terra), simili di tutti i Prelati, nessuno de' quali fa fortuna se non per mezzo delle donne. Il santo Papa Pio VII deve il Cardinalato e il Papato a una civetta di Roma. Dopo essere andato in estasi, si diverte presentemente a discorrere degli amori e lascivie de' suoi Cardinali e de' suoi Prelati, e ci ride, e dice loro de' *bons-mots* e delle galanterie in questo proposito. La sua conversazione favorita è composta di alcuni secolari, buffoni di professione, de' quali ho saputo i nomi, ma non me ne ricordo. Una figlia di non so quale

resultados, perderiam todos para os Galamini. Um Condulmari comeria Roma inteira vivinha numa só mordida. Pode ter por certo em seu pensamento que um bom e íntegro nativo das Marcas vale por meio mundo. Percebi isto desde Spoleto, comparando os *Marchegiani* que estavam à mesa com outros, também jovens e galantes, nativos de outros lugares. Cancellieri diverte-me às vezes com algumas anedotas espirituais, por exemplo que o Cardeal Malvasia, de abençoada memória, metia as mãos nos peitos das Damas de seu convívio, era um *débauché* de primeira, e mandava para a inquisição os maridos e filhos daquelas que resistiam a ele etc. etc. Coisas semelhantes sobre o Cardeal Brancadoro, sobre todos os Cardeais (que são as pessoas mais asquerosas da terra), sobre todos os Prelados, nenhum dos quais tem sucesso senão através das mulheres. O santo Papa Pio VII deve o Cardinalado e o Papado a uma coquete de Roma. Depois de ter ficado pasmo, diverte-se atualmente a falar dos amores e lascívias de seus Cardeais e Prelados, e ri, chamando-os de *bons-mots* e galanteios desse gênero. O seu círculo favorito é composto por alguns eclesiásticos seculares, farsantes profissionais, dos quais soube os nomes, mas não me lembro. A filha de não sei que artista, já ajudada por

artista, già favorita di Lebzelter, ottenne per mezzo di costui, e gode presentemente una pensione di settecento scudi l'anno, tanto che, morto il suo primo marito, si è rimaritata a un Principe. La Magatti, quella famosa puttana di Calcagnini, esiliata a Firenze, ha 700 scudi di pensione dal governo, ottenuti per mezzo del principe Reale di Baviera, stato suo amico. Questo è quel principe ch'ebbe quel miracolo di guarire improvvisamente (come si lesse nelle gazzette) dalla sordità, restando più sordo di prima. Che ve ne pare? E contuttociò siate certo, che quanto al sostanziale (in materia di donne) si fa molto più a Recanati che a Roma, data però la proporzione della gente, ed escluso quello che si fa per puro purissimo denaro, il che senza dubbio è moltissimo, anzi è il più. Ma ci vuol danaro assai, perchè qui non se ne manca, e non si può discorrere di bagattelle. Vi ho parlato solamente delle donne, perchè della letteratura non so che mi vi dire. Orrori e poi orrori. I più santi nomi profanati, le più insigni sciocchezze levate al cielo, i migliori spiriti di questo secolo calpestati come inferiori al minimo letterato di Roma, la filosofia disprezzata come studio da fanciulli, il genio e l'immaginazione e il sentimento, nomi (non dico cose ma nomi) incogniti e forestieri ai poeti e alle poetesse di professione;

Lebzelter, obteve, por intermédio desse, e desfruta atualmente de uma pensão de setecentos *scudi* por ano, tanto que, tendo morrido seu primeiro marido, casou-se de novo com um Príncipe. Magatti, aquela famosa puta de Calcagnini, exilada em Florença, recebe 700 *scudi* de pensão do governo, obtidos por intermédio do príncipe Real da Baviera, que foi seu amigo. Este é aquele príncipe que fez o milagre de curar-se improvisamente da surdez (como se leu nas gazetas), ficando mais surdo que antes. O que acha disso? Entretanto, esteja certo de que quanto ao essencial (em matéria de mulheres) faz-se muito mais em Recanati que em Roma, se considerarmos a proporção das populações e excluirmos o que se faz por puro e simples dinheiro, o que, sem dúvida é muitíssimo, aliás, a maior parte. Mas é preciso muito dinheiro, que aqui não falta, e não se trata de uma ninharia. Falei somente das mulheres, pois da literatura não sei o que dizer. Horrores e mais horrores. Os nomes mais santos profanados, as mais insignificantes tolices erguidas aos céus, os melhores espíritos deste século pisados como inferiores ao menor literato de Roma, a filosofia desprezada como um estudo de criança; o gênio e a imaginação e o sentimento, palavras (não digo coisas, mas palavras)

l'Antiquaria messa da tutti in cima del sapere umano, e considerata costantemente e universalmente come l'unico vero studio dell'uomo. Non vi dico esagerazioni. Anzi è impossibile che vi dica abbastanza. Letterato e Antiquario in Roma è perfettamente tutt'uno. S'io non sono Antiquario, s'intende ch'io non sono letterato, e che non so nulla. E poi quel veder la gente fanatica della letteratura anche più di quello ch'io fossi in alcun tempo; quel misero traffico di gloria (giacchè qui non si parla di danari, che almeno meriterebbero d'esser cercati con impegno), e di gloria invidiata, combattuta, levata come di bocca dall'uno all'altro; quei continui partiti, de' quali stando lontano non è possibile farsi un'idea; quell'eterno discorrere di letteratura (come p.e., Massucci de' suoi negozi), e discorrerne sciocchissimamente, e come di un vero mestiere, progettando tuttogiorno, criticando, promettendo, lodandosi da se stesso, magnificando persone e scritti che fanno misericordia; tutto questo m'avvilisce in modo, che s'io non avessi il rifugio della posterità, e la certezza che col tempo tutto prende il suo giusto luogo (rifugio illusorio, ma unico e necessarissimo al vero letterato), manderei la letteratura al diavolo mille volte. Quanto alla gelosia da ispirarsi, lasciami pur fare; e già

desconhecidas e estranhas aos poetas e às poetisas profissionais; o Antiquariato posto por todos no topo do saber humano, e considerado constante e universalmente como o único e verdadeiro estudo do homem. Não exagero no que digo. Pelo contrário, é impossível dizer o suficiente. Literato e Antiquário em Roma são uma só coisa. Se não sou um Antiquário, entende-se que não sou um literato e que não sei nada. E depois, ver aquela gente fanática pela literatura, até mais do que eu fui tempos atrás; aquele mísero tráfico de glória (já que aqui não se fala de dinheiro, que pelo menos mereceria ser buscado com empenho), de glória invejada, disputada, arrancada da boca de um pelo outro; ver aqueles eternos partidos, dos quais não é possível ter uma ideia de longe; aquele eterno falar de literatura (como, p. ex., Massucci fala de seus negócios), e uma fala superficialíssima, como se a literatura fosse uma verdadeira profissão, fazendo projetos constantemente, criticando, prometendo, elogiando a si mesmo, magnificando pessoas e escritos que dão dó; tudo isso me desanima de um modo que, se eu não tivesse o refúgio da posteridade e a certeza de que com o tempo tudo encontra o seu lugar (refúgio ilusório, mas único e absolutamente necessário ao verdadeiro literato), mandaria a

non ho trascurato alcune occasioni. Quanto a quella che tu provi, conosco che la lontananza l'accende e la fomenta, ma in verità, in verità non ha luogo. D. Marianna m'ha detto e ripetuto più volte che ti salutassi particolarmente a nome suo. Quest'è la prima e forse l'ultima volta che l'ubbidisco. Salutami tutti. Io sto bene. Abbiamo un freddo del diavolo, perchè tira vento di tramontana. Fuori dei giorni di gran neve, non fa mai tanto freddo costì. Buona notte. Stammi allegramente, se puoi; voglimi bene e scrivimi.

A FRIEDRICH WILHELM
TIERSCH

[Roma 16. Décembre 1822.]

Monsieur

Lorsque vous me fîtes l'honneur de me rendre cette visite que j'estime autant que je conçois de ne l'avoir pas méritée, notre entretien fut interrompu, parce que je fus obligé de sortir avec mon oncle, à qui je l'avais promis. Je vous en demande mille pardons. C'est là un homme qui ne connaît pas beaucoup d'égards. Le jour après je fis mon devoir, mais vous n'étiez pas chez vous.

literatura para o inferno mil vezes. Quanto ao ciúme a provocar, deixa comigo: não perdi a oportunidade. Quanto ao que sentes, entendo que a distância o acende e fomenta, mas, a bem da verdade não há porquê. D. Marianna disse e repetiu várias vezes que eu te saudasse particularmente em seu nome. Esta é primeira e talvez a última vez que lhe obedeço. Lembranças a todos. Eu estou bem. Está um frio dos diabos, pois tem batido um vento de tramontana. Nunca faz muito frio aqui, à parte nos dias de muita neve. Boa noite. Procura ficar alegre, se podes; quer-me bem e escreve-me.

A FRIEDRICH WILHELM
TIERSCH

[Roma 16. Décembre 1822.]

Monsieur

Lorsque vous me fîtes l'honneur de me rendre cette visite que j'estime autant que je conçois de ne l'avoir pas méritée, notre entretien fut interrompu, parce que je fus obligé de sortir avec mon oncle, à qui je l'avais promis. Je vous en demande mille pardons. C'est là un homme qui ne connaît pas beaucoup d'égards. Le jour après je fis mon devoir, mais vous n'étiez pas chez vous.

J'espérais vous révoir ce Vendredi passé chez Mons. Reinhold, mais je me trompai. Cependant puisque j'ai été assez heureux pour faire votre connaissance, je voudrais bien profiter de votre conversation. S'il était possible de vous retrouver chez vous, je pense que j'y serais tous les jours. Mais puisque cela ne se peut faire, et que vous même m'en avez ôté tout espoir, je vous prie de vouloir bien m'apprendre en quel lieu, ou par quel moyen, il me sera permis de vous révoir. Si je ne me trompe pas, vous eûtes la complaisance de me demander à quelle heure du soir je serais libre et chez moi. Je suis toujours libre et dégagé de tout affaire; et je suis ordinairement chez moi la plus grande partie du jour, mais surtout le soir dès deux heures d'Italie, c'est à dire cinq heures avant minuit. Pardonnez moi, Monsieur. Je suis venu à Rome pour faire la connaissance, et jouir de la société des hommes savans et célèbres. J'en trouve ici fort peu. Vous en êtes un, et, ce que n'est pas moins pour moi, vous daignez ne me pas refuser votre conversation. C'est pour cela que je vous importune.

Je suis, Monsieur, avec la plus haute estime

Votre très-humble et très-obéissant serviteur
G. Leopardi.

16. Décembre 1822.

J'espérais vous révoir ce Vendredi passé chez Mons. Reinhold, mais je me trompai. Cependant puisque j'ai été assez heureux pour faire votre connaissance, je voudrais bien profiter de votre conversation. S'il était possible de vous retrouver chez vous, je pense que j'y serais tous les jours. Mais puisque cela ne se peut faire, et que vous même m'en avez ôté tout espoir, je vous prie de vouloir bien m'apprendre en quel lieu, ou par quel moyen, il me sera permis de vous révoir. Si je ne me trompe pas, vous eûtes la complaisance de me demander à quelle heure du soir je serais libre et chez moi. Je suis toujours libre et dégagé de tout affaire; et je suis ordinairement chez moi la plus grande partie du jour, mais surtout le soir dès deux heures d'Italie, c'est à dire cinq heures avant minuit. Pardonnez moi, Monsieur. Je suis venu à Rome pour faire la connaissance, et jouir de la société des hommes savans et célèbres. J'en trouve ici fort peu. Vous en êtes un, et, ce que n'est pas moins pour moi, vous daignez ne me pas refuser votre conversation. C'est pour cela que je vous importune.

Je suis, Monsieur, avec la plus haute estime

Votre très-humble et très-obéissant serviteur
G. Leopardi.

16. Décembre 1822.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 20 Dicembre 1822.]

Carissimo Sig. Padre
Rispondo

all'affettuosissima sua de' 16 del corrente, e cominciando dal parere ch'Ella mi chiede circa il dono del quadro; io dubito assai che, valendo molto il quadro (come pare anche a me), il dono non sia gettato; sì per la poca intelligenza de' miei ospiti in queste materie, e sì per la loro abituale e naturale freddezza per tutto quello che non ha qualche cosa di strano, anzi di stravagante; o che non s'incontra quasi per azzardo coi loro gusti momentanei, indefinibili, imprevedibili, inafferrabili. Contuttociò credo anch'io che il dono d'un quadro sarebbe forse il più a proposito; e posso dirle che a questi di casa non riuscirebbe inutile perchè la maggior parte del loro appartamento è addobbata con quadri, e soli quadri; e questi tuttavia non sono se non pochi; in maniera che il suo non si verrebbe a perdere nell'abbondanza. Il *Torto* e il *Diritto* del Bartoli, il piccolo Luciano greco, e il primo tomo del *D. Quijote* di Madrid, sono qui con me, che gli ho portati per non avere ad interrompere la mia lettura quotidiana di greco, italiano e spagnuolo, neppure per viaggio. Ma dell'*Omero* mi dispiace assai

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 20 de Dezembro de 1822.]

Caríssimo Sr. Pai,
Respondo à sua

afetuosíssima do dia 16 do corrente, e começando da opinião que o senhor me pede acerca do presente do quadro; duvido muito que, se o quadro valer bastante (como me parece), o presente não seja desperdiçado; quer pela pouca intelligência dos meus hospedeiros nesses assuntos, quer por sua habitual e natural frieza em relação a tudo aquilo que não tem um quê de estranho, ou melhor, de extravagante; ou que, por sorte, não vem ao encontro dos seus gostos momentâneos, indefiníveis, imprevisíveis, inapreensíveis. Contudo, também creio que dar um quadro viria melhor ao caso; e posso lhe dizer que a estes aqui de casa não seria inútil, pois a maior parte do apartamento deles é decorada com quadros e mais quadros; e, mesmo assim, são poucos, de modo que um seu não se perderia na abundância. O *Torto e il Diritto* de Bartoli, o pequeno Luciano grego, o primeiro volume do *D. Quijote* de Madri estão aqui comigo, pois os trouxe para não ter que interromper a minha leitura cotidiana de grego, italiano e espanhol, nem mesmo durante a viagem. Mas me desagrada muito ouvir que o *Homero* não está em

di sentire che non si trovi al suo luogo, nel quale io so di certo d'averlo sempre rimesso: e non so immaginare dove possa essere, se pur Carlo non l'avesse prestato a Zavagli, il quale era solito di domandare altri poeti, e che deve anche avere il 4^o tomo del Murray. Quanto prima potrò, sarò da Fusconi, come Ella mi ordina. Il noto opuscolo manoscritto di San Girolamo, non si trova nell'edizione Vallarsiana, ch'è l'ultima e completissima in 12 o 14 tomi in foglio, e che comprende tutte le opere che vanno sotto il nome di San Girolamo. E però, s'io non m'inganno, dovrebbe essere inedito. Ho fatto ricerca dell'Arwood, e non solo inutilmente; ma sono stato assicurato che non si trova vendibile in nessun luogo, se non a caso; benchè ve ne siano moltissime richieste. De Romanis n'ha uno solo per suo uso, tutto postillato, e neppur questo è venuto dalla bottega, ma fu già adoperato da non so qual prete. Cercherò la Vita di Leon X, e farò secondo ch'Ella mi scrive. Non ho comprato la Repubblica del Mai (la quale ho avuta in prestito e la sto leggendo); e se il mio giudizio è di niun valore, io la consiglio a non prenderla. Il prezzo, in carta infima è di paoli trentatre: la materia non ha niente di nuovo, e le stesse cose dice il medesimo Cicerone in cento altri luoghi. Di

seu lugar, onde tenho certeza de tê-lo sempre recolocado: e não consigo imaginar onde possa estar, a não ser que Carlo o tenha emprestado a Zavagli, que normalmente costumava pedir outros poetas, e que deve estar com o 4^o tomo do Murray. Assim que puder, irei ver Fusconi, como o senhor me pede. O conhecido opúsculo manuscrito de São Jerônimo não se encontra na edição Vallarsiana, que é a última e completíssima em 12 ou 14 tomos in-fólio, e que compreende todas as obras que estão sob o nome São Jerônimo. Porém, se não me engano, deve ser inédito. Procurei o Arwood, mas não só não o encontrei, como fui informado de que não está à venda em lugar algum, a não ser por acaso, embora haja muitos pedidos. De Romanis tem somente um para seu uso, todo apostilado, e nem este veio da loja, mas já foi usado por não sei que padre. Procurarei a *Vita di Leon X*, e farei o que o senhor me escreve. Não comprei a *De República* do Mai (que me foi emprestada e estou lendo); e, se a minha opinião tem algum valor, aconselho o senhor a não comprá-la. O preço, em papel inferior, é de trinta e três *paoli*: o conteúdo não traz nada de novo, e as mesmas coisas diz o próprio Cícero em cem outros lugares. De modo que a utilidade real desse livro não vale o seu preço. Se se

modo che l'utilità reale di questo libro non vale il suo prezzo. Se si trattasse di completare una Biblioteca o una Collezione, non direi così; ma noi non siamo nel caso. Attenderò sopra di questo i suoi comandi. Il cugino Melchiorri sta lavorando insieme col Cav. P. Visconti a un'edizione de' Libri de *Lingua Latina* di Varrone, i quali non sono stati mai stampati sopportabilmente. Certo egli non è capace di riempire questo vuoto, ma lo spera; e lo sperano anche questi letterati; tanto che De Romanis è per pubblicarglielo a conto proprio; e l'editore Torinese de' Classici latini e greci (edizione bellissima, colle note Variorum, correttissima, e di prezzo discreto) si offerse, qualche tempo fa, di stamparlo esso medesimo a proprio conto. Melchiorri dunque avendo saputo ch'Ella ha un Varrone de *ling. lat.* del quattrocento (il quale stava poco fa nella scansia dell'ultima camera), desidererebbe d'averlo in mano per collazionarlo, e trarne le Varianti, e poi rimandarlo. Ella farà quello che crederà meglio a proposito. Della puntualità di Melchiorri non v'è da dubitare. Ma intanto Ella mi favorirebbe mandandomi i contrassegni di quella edizione, cioè l'anno, se v'è, il luogo della stampa, il nome dell'editore, stampatore ec. Il cugino vorrebbe anche pubblicare le iscrizioni ch'Ella possiede,

trattasse de completar uma Biblioteca ou uma Coleção, não diria isto; mas não é o caso. Aguardarei a este propósito as suas ordens. O primo Melchiorri está trabalhando com o Cavalheiro Padre Visconti em uma edição dos Livros de *Lingua Latina* de Varrão, que nunca foram publicados decentemente. É claro que ele não é capaz de preencher esse vazio, mas espera fazê-lo; e o esperam também os literatos daqui, tanto que De Romanis está para publicá-lo por conta própria; e o editor de Turim dos *Classici latini e greci* (edição belíssima, com as conhecidas *Variorum*, corretíssima, e de preço discreto) ofereceu-se, um tempo atrás, para publicá-lo por conta própria. Melchiorri, então, sabendo que o senhor tem um Varrão, *De lingua latina*, do século XV (que estava até pouco tempo na estante do último cômodo), gostaria de tê-lo em mãos para copiá-lo e extrair suas variantes, e depois o mandaria de volta. O senhor faça como crê a propósito deste assunto. Da pontualidade de Melchiorri não é preciso duvidar. No entanto, o senhor me faria um favor se me mandasse os dados daquela edição, isto é, o ano, se há, o local da impressão, o nome do editor, o tipógrafo etc. Meu primo gostaria também de publicar as inscrições que o senhor possui, se o senhor permitir, mandando-lhe uma

s'Ella gliele vuol concedere, mandandogliene copia, colle notizie opportune; massimamente quella sepolcrale del Manlio ec. Sta ora pubblicando parecchie altre iscrizioni inedite, in queste Effemeridi.

Abbiamo qui un freddo tale, che in tutto l'anno scorso non si provò il simile a Recanati; e ieri nevicava. Ma io m'ho riguardo, e grazie a Dio, sto benissimo. La prego de' miei più teneri saluti alla Mamma e ai fratelli. E augurando a Lei ed a tutta la mia famiglia le felici feste, e ritornandole i saluti de' miei ospiti, particolarmente di Donna Marianna e del Zio Carlo, le bacio la mano con tutta l'anima, e mi ripeto

Suo vero e gratissimo e amorosissimo figlio Giacomo.

Roma 20 Dicembre 1822.

In uno de' tomi della B. Gr. del Fabricio, e credo nel nono, subito dopo la coperta, dovrebb'essere una mia cartuccia, tutta piena di numeri, in cima della quale dovrebb'essere scritto *Theopomp*. o, in qualunque altro modo, il nome di *Teopompo*. Se non è troppa confidenza il domandarlo, desidererei ch'Ella si compiacesse di spedirmela, perchè forse mi dovrebbe servire in alcuni lavori; de' quali, se avranno luogo, non mancherò informarla.

cópia com as informações oportunas, principalmente a sepulcral do Mânlio etc. Está agora publicando várias outras inscrições inéditas nas *Effemeridi*.

Aqui está tão frio que no ano passado todo não tivemos algo semelhante em Recanati; e ontem nevava. Mas me resguardei e, graças a Deus, estou muito bem. Peço-lhe que transmita minhas mais ternas saudações à Mamãe e aos meus irmãos. E, desejando ao senhor e a toda a minha família felizes festas, e restituindo-lhe as saudações de meus hospedeiros, em particular, de Dona Marianna e do Tio Carlo, beijo-lhe a mão com toda a alma, e me declaro

Seu verdadeiro, gratíssimo e amorosíssimo filho Giacomo.

Roma, 20 de Dezembro de 1822.

Em um dos tomos da Biblioteca Grega do Fabricio, creio que no nono, logo depois da capa, deve haver um papelzinho meu cheio de números, no alto do qual deve estar escrito *Theopomp* ou, de outro modo qualquer, o nome de *Teopompo*. Se não é abusar demais, gostaria de pedir que o senhor me fizesse a gentileza de expedi-lo, pois talvez possa me servir em alguns trabalhos; sobre os quais, se acontecerem, não deixarei de informá-lo.

A CARLO LEOPARDI

Roma 26 Dicembre 1822.

Caro Carlo. Ti scrissi, rispondendo alla tua del 12 corrente; ti scrissi colla maggior libertà possibile, e nondimeno indirizzai la lettera al tuo nome, perchè mi parve che nella tua mi dessi facoltà di farlo, e mi liberassi da ogni timore in questo proposito. Oggi avrei dovuto ricevere la tua risposta, e non veggio nulla. Solamente m'è resa una lettera scrittami in comune da Pietruccio, da Paolina e dal Papà che mi manda dieci scudi; e questa lettera porta la data del 20, e l'impronta del 22, che vuol dire ch'è giunta fin dall'ordinario passato. Insomma di quest'ordinario non ho niente. Sto con un batticuore che non ti posso esprimere, perchè da una parte mi pare impossibile che se tu hai ricevuto la mia lettera, non m'abbi voluto rispondere a pronto corso; dall'altra parte mi viene un sospetto terribile che la mia lettera sia stata intercettata ed aperta in casa, e non data a te; il che mi dispiacerebbe moltissimo perch'io non ti parlavo quasi d'altro che di donne e di buzzarate, e che mio Padre o mia Madre abbiano letto quello ch'io ti scriveva, non so se mi farebbe danno, e a questo non penso; ma certo mi mostrerebbe

CARLO LEOPARDI

Roma, 26 de Dezembro de 1822.

Caro Carlo. Te escrevi, respondendo à tua do dia 12 deste mês: escrevi com a maior liberdade possível, e apesar disto, enderecei a carta ao teu nome, pois me pareceu que na tua carta tivesses dito que eu podia fazê-lo, sem que precisasse temer quanto a isto. Hoje deveria ter recebido a tua resposta, e não vejo nada. Chegou-me somente uma carta escrita em comum por Pietruccio, Paolina e Papai, que me manda dez *scudi*; e esta carta traz a data do dia 20, e o carimbo do dia 22, o que quer dizer que chegou com o correio passado. Ou seja, neste último correio não recebi nada. Sinto uma angústia que não posso expressar, pois, se de um lado me parece impossível que tenhas recebido a minha carta e não a tenhas respondido prontamente, de outro tenho uma terrível suspeita de que a minha carta tenha sido interceptada e aberta em casa, e não entregue a ti; isto me desagradaria muitíssimo, pois nela não falava de outra coisa senão de mulheres e besteiradas e, se meu Pai ou minha Mãe leram o que te escrevia, não sei se me traria problemas, e não é a isto que penso, mas certamente me mostraria hipócrita e ingrato em

ipocrita e ingrato verso loro, e mi metterebbe in una guerra con essi, che oggi non mi conviene per nessun titolo. Ti prego con tutto il cuore di levarmi al più presto di questo dubbio. Io sto bene, e presentemente la mia vita sarebbe molto passabile, se io potessi camminare, che quasi non posso, per una miseria di geloni che m'è sopravvenuta e mi dà molto dolore. Ma queste son cose che passano. Sono sul punto di andare a teatro, a sentir David, con donna Marianna ec. Marietta sta bene, e deve avere scritto a Paolina. Finora, ch'io sappia, (e credo certo di saperlo) non è uscita se non una sera, ch'è venuta colla Madre e con me da Reinhold, e quivi le donne fanno società da loro sole. Quanto all'uscite della mattina e del dopo pranzo, in parecchie delle quali io l'ho accompagnata (colla Mamma), assicuratevi ch'ella è fuori d'ogni pericolo, e non s'accosta a nessuno, e nessuno a lei nè alla madre. In casa indubitatamente non v'è nulla. Forestieri qui non capitano, perchè la madre esce ogni sera. Addio, caro Carlo. Scrivimi subito per carità; vogliami bene; ti do un bacio; scriverò più a lungo quando avrò veduta qualche tua lettera.

relação a eles, e me colocaria em uma guerra com eles, que neste momento não me convém de modo algum. Peço-te, com todo o coração, que me tire o mais rápido possível esta dúvida. Eu estou bem, e atualmente minha vida seria passável, se pudesse caminhar, pois quase não posso por conta de uma frieira miserável que me atacou e que me faz ter muita dor. Mas estas são coisas que passam. Estou saindo para ir ao teatro ouvir David com Dona Marianna etc.. Marietta está bem, e deve ter escrito a Paolina. Até agora, que eu saiba, (e creio saber) não saiu, a não ser uma noite, em que foi com sua mãe e comigo à casa de Reinhold, e ali as mulheres reúnem-se entre si. Quanto às saídas da manhã e após o almoço, em várias das quais eu a acompanhei (junto com a mãe dela), pode estar certo de que ela está fora de perigo, e não se aproxima de ninguém, e ninguém dela nem da mãe. Em casa, sem dúvida não acontece nada. Forasteiros aqui não vêm, pois sua mãe sai todas as noites. Adeus, caro Carlo. Escreve-me logo, por favor; quer-me bem; dou-te um beijo; escreverei mais quando receber alguma carta tua.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 27 Dicembre 1822]

Carissimo Sig. Padre.

Le scrissi già l'ordinario passato, rispondendo alla sua graziosissima dei 16 Dicembre. Oggi m'è resa l'altra dei 20, benchè arrivata qui fino dal 22, come leggo nell'impronta. Sarebbe quasi inutile ch'io provassi di ringraziarla della liberalità che mi usa, e dell'affetto che mi dimostra. Ella sa, carissimo Signor Padre, quali sono i miei sentimenti, ancorchè io non li sappia esprimere. E per tanto mi basterà dirle che la ringrazio con tutto il cuore del dono, e che lo riconosco dall'antico e tenero, e forse pur troppo non meritato amore, ch'Ella mi porta: il quale amore però, quando anche non meritato, certamente è corrisposto, e corrisposto con tutte le forze possibili dell'animo mio. Scrivo qui dietro a Pietruccio per non moltiplicare le lettere. Salutai da sua parte il Cav. Marini, e gli feci l'invito ch'Ella mi scrisse. Ma il Cav. è così occupato, che difficilmente avrà mai libertà di muoversi da Roma. La ringrazia molto e la riverisce: e mi disse che non solamente si ricorda di Lei, ma che dal vederla e

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 27 de Dezembro de 1822.]

Caríssimo Sr. Pai,

Já lhe escrevi no correio passado, respondendo à sua gentilíssima de 16 de Dezembro. Hoje me entregaram a outra carta do dia 20, que chegou com o correio do dia 22, de acordo com o carimbo. Seria quase inútil tentar agradecer-lhe a liberdade com a qual me trata e o afeto que me demonstra. O senhor sabe, caríssimo Senhor Pai, quais são os meus sentimentos, embora eu não saiba expressá-los. E por isto basta dizer que agradeço de todo o coração o presente, e que o reconheço pelo antigo, terno e talvez infelizmente desmerecido amor que o senhor me tem; amor este que, mesmo desmerecido, certamente é correspondido, e correspondido com todas as forças possíveis do meu ânimo. Escrevo aqui atrás a Pietruccio para não moltiplicar as cartas. Cumprimentei o Cavalheiro Marini de sua parte, e fiz-lhe o convite que o senhor me pediu. Mas o Cavalheiro é tão ocupado que difficilmente terá liberdade de sair de Roma. Agradece muito e se recomenda ao senhor; disse-me que não só lembra do senhor, como, ao vê-lo e conhecê-lo, teve

conoscerla prese ottima idea della prontezza, del talento e del buon tratto de' Signori Marchegiani. Non ho ancora veduto Fusconi, perchè nessuno m'ha saputo dire dove abiti, ma lo saprò, e farò quanto Ella mi prescrive. Tutti (compreso anche me) stanno bene; e tutti la salutano; particolarmente Donna Marianna, alla quale ho dato da sua parte notizia dell'Opera di Recanati. Vorrebbe che io, per contraccambio, e quasi per soverchieria, le descrivessi l'opera d'Argentina che vedemmo ier sera, ma queste descrizioni non fanno per Lei nè per me. L'Opera è nuova, del M.ro Caraffa: non mi parve gran cosa, benchè avesse un incontro sufficiente. I politici di qui tengono per certa la guerra di Spagna e Francia, e molti vogliono, ma non so con qual fondamento, che le ostilità siano cominciate. La prego de' miei amorosi saluti alla Mamma e ai fratelli, e baciandole la mano con tutta l'anima, mi confermo

Suo riconoscentissimo
figlio
Giacomo.

Roma 27 Decembre 1822.

uma ótima impressão da prontidão, do talento e do bom trato dos Senhores das Marcas. Ainda não vi Fusconi, pois ninguém soube me dizer onde mora, mas assim que souber farei o que o senhor me pede. Todos (inclusive eu) estão bem; e todos mandam lembranças, especialmente Dona Marianna, à qual dei de sua parte as informações sobre a Ópera de Recanati. Ela quase me obrigou a retribuir com uma descrição da ópera do Teatro Argentina, que vimos ontem à noite, mas essas descrições não são meu forte e nem do senhor; a Ópera é nova, do Maestro Caraffa: não me pareceu grande coisa, embora tivesse público suficiente. Os políticos daqui dão por certa a guerra entre Espanha e França, e muitos querem, mas não sei com que fundamento, que as hostilidades comecem. Peço-lhe que transmita minhas amorosas saudações à Mamãe e aos meus irmãos. Beijo-lhe a mão com toda a alma e me confirmo

Seu reconhecidíssimo filho
Giacomo.

Roma, 27 de Dezembro de
1822.

A PIERFRANCESCO
LEOPARDI

[Roma 27] Dicembre 1822.

Caro Pietruccio

Vi ringrazio della memoria che avete di me, della lettera che mi scrivete, delle galanterie che mi domandate, e in somma di tutto. La posta mi ha ritardato la vostra lettera. Se l'avessi avuta più presto, avrei avuto tempo di consegnare qualche cosetta per voi a Mandolino, il quale o è partito, o parte domani. Oggi è festa, e non si trova nessuna bella cosa da comprare. Ma se domani si potrà fare a tempo, vedrete che Mandolino vi porterà qualche regalo. Se no, non dubitate che troverò qualche altra occasione, e presto sarete contento. Dovevate dirmi come stavate, e se eravate guarito, perchè so che siete stato male. Ma me lo direte un'altra volta, o me lo farete dire dal vostro Segretario, al quale ho scritto, e voglio che lo salutate da parte mia, e diate il buon anno a lui, a Carlo, a Paolina, e specialmente al Papà e alla Mamma. Dite a Paolina che con quest'altro ordinario le scriverò. Mangiate e dormite bene, e seguitate a studiare, perchè quando io torno, vorrei che sapeste scrivere come una penna d'Oca. Addio, v'abbraccio, e vi do tanti e tanti baci. E voi baciate forte i fratelli per me, e la mano a

A PIERFRANCESCO
LEOPARDI

[Roma, 27] de Dezembro de
1822.

Caro Pietruccio,

Agradeço-lhe a lembrança que tem de mim, a carta que me escreveu, os mimos que me pediu, enfim, tudo. O correio entregou sua carta com atraso. Se a tivesse recebido mais cedo, teria tido tempo de lhe mandar alguma coisinha por Mandolino, que já partiu ou parte amanhã. Hoje é feriado, e não se encontra nada belo para comprar. Mas, se amanhã conseguir fazer isto em tempo, verá que Mandolino irá levar-lhe algum presente. Se não, não duvide que encontrarei alguma outra ocasião, e logo ficará contente. Deveria ter-me dito como está, e se melhorou, pois sei que esteve mal. Mas pode dizer-me numa próxima vez, ou mande o recado por seu Secretário, ao qual escrevi; quero que lhe mande lembranças de minha parte e deseje um bom ano a ele, a Carlo, a Paolina, e, especialmente, ao Papai e à Mamãe. Diga a Paolina que, no próximo correio, eu lhe escreverei. Coma e durma bem, e continue estudando, pois, quando eu voltar, quero que esteja escrevendo como uma pena de ganso. Adeus, dou-lhe um abraço e tantos e tantos beijos. Beije forte os irmãos por mim e a mão de

Babbo e a Mamma.

A PAOLINA LEOPARDI

Roma 30 Decembre [1822]

Cara Paolina

Mi vergogno di non avere ancora eseguite le vostre commissioni, bench'io non le abbia perciò dimenticate. E se v'è qualche scusa ch'io possa portare della mia tardanza, sarà questa, che nei primi giorni della mia dimora in Roma io sono stato così affollato di distrazioni, anzi così occupato nello stesso distrarmi, che appena ho avuto il tempo di pensare alle cose più necessarie. In seguito sono stato costretto a far grandissimo risparmio di viaggi per l'incomodo de' geloni che mi sono sopravvenuti, e che finalmente son suppurati e aperti, sicchè mi conviene stare per lo più in casa. Ma questo impedimento spero che debba essere di poca durata. Ieri fui a pranzo dal ministro d'Olanda. La compagnia era scelta e tutta composta di forestieri. Posso dir che questa sia la prima volta che io abbia assistito a una conversazione di buon tuono, spiritosa ed elegante, e quasi paragonabile a una conversazione francese. Anche la lingua che si parlò fu francese quasi sempre. Non v'erano Italiani fuorchè i miei ospiti e me, ed un Romano,

Papai e Mamãe.

A PAOLINA LEOPARDI

Roma, 30 de Dezembro de [1822.]

Cara Paolina,

Envergonho-me de ainda não ter feito o que me pediu, embora eu não tenha esquecido. E se há alguma desculpa que eu possa dar pela minha tardança, será esta: que nos primeiros dias de minha estada em Roma estive tão cheio de distrações, aliás, tão ocupado pelas distrações em si, que mal tive tempo de pensar nas coisas mais necessárias. Em seguida, fui obrigado a poupar muitíssimo as minhas saídas pelo incômodo das frieiras que me atacaram, e que finalmente supuraram e se abriram, de modo que ainda me convém estar mais em casa. Mas espero que esse impedimento dure pouco. Ontem fui almoçar na casa do Ministro da Holanda. A companhia era seleta e toda composta por estrangeiros. Posso dizer que esta é a primeira vez que assistí a uma conversa de bom-tom, espirituosa e elegante, quase comparável a uma conversa francesa. Inclusive a língua que se falou foi o francês quase sempre. Não havia Italianos, a não ser os meus hospedeiros, eu e um romano, que não falou nada. Está tão frio que

che non parlò mai. Abbiamo un freddo tale, che i vecchi cavano fuori la loro solita formola di non ricordarsene uno simile in questo clima. Le vostre letterine e il vostro modo di scrivere, ch'io ho conosciuto per la prima volta dopo la mia partenza da costì, sono così gentili, che non solamente non paiono recanatesi, ma neanche italiane. Veramente io non vi so rispondere con quella grazia che meriterebbero le vostre proposte. Non ho molto garbo nella galanteria, e di più temo che, se volessi usarla con voi, la Mamma non abbruciasse le mie lettere o prima o almeno dopo di avervele date. Se vi dicessi che v'amo di tutto cuore, questa non sarebbe un'espressione galante, ma forse peccherebbe di tenerezza. Sicchè quanto ai sentimenti dell'animo mio verso di voi, per non errare in qualche termine, lascio che voi medesima ne siate l'interprete, e in questo ufficio vi faccio mia plenipotenziaria. Credo di aver detto abbastanza. Bacciate la mano per me alla Mamma e al Papà, al quale direte che gli ho scritto coll'ultimo ordinario, e col medesimo ho ricevuto due sue, l'una a pronto corso, l'altra dei 13, giunta qui fino dai 15. Marietta e Giovannina vi salutano caramente. E voi salutate per me Carlo e Luigi, e bacciate Pietruccio avvisandolo che io soddisfarò alla promessa che gli ho fatto, subito

os velhos desenterram a sólita frase feita: de que não se lembram de um tempo como este. Suas cartinhas e seu modo de escrever, que conheci pela primeira vez depois que saí daí, são tão gentis, que não só não parecem recanateses, mas sequer italianas. Sinceramente, não sei responder com a graça que as suas proposições mereceriam. Não tenho muito garbo nos galanteios, além do que, se quisesse usá-lo com você, temo que a Mamãe queimasse minhas cartas antes ou ao menos depois de tê-las entregado. Se dissesse que a amo com todo o coração, esta não seria uma expressão galante, mas talvez pecasse pela ternura. De modo que, quanto aos sentimentos de minha alma em relação a você, para que não erre em nenhum termo, deixo que você mesma seja a intérprete, e, nesta incumbência, eu a faço minha plenipotenciária. Creio ter dito o suficiente. Beije por mim a mão da Mamãe e do Papai, ao qual diga que escrevi no último correio e que, no mesmo, recebi duas suas, uma recente e outra do dia 13, que chegou com o correio do dia 15. Marietta e Giovannina mandam lembranças. E você, abrace Carlo e Luigi por mim, e dê um beijo em Pietruccio, avisando-o de que irei satisfazer a promessa feita assim que estiver bem para sair de casa. Adeus, cara Paolina; queira-me bem e dê de minha parte um bom ano novo à

che sarò in caso d'uscire a mio piacere. Addio, cara Paolina; vogliatemi bene, e date da mia parte il buon capo d'anno alla Zia Isabella, che si compiacque poco fa di mandarmi i suoi saluti. Se non vi parrà troppo ardire, fate per me gli stessi augurii alle Cugine, e salutate il zio Peppe. Felicitate ancora il Papà del suo ingresso al nuovo Ufficio. Non vi meravigliate se non mi stendo di più, perchè l'abbondanza delle cose che vi potrei dire produce il solito effetto del troppo, cioè ch'io non so scegliere nè determinare quello che più convenga di scrivere. Parlando a voce, ogni cosa avrà il suo luogo. Sono anche molto occupato, perchè questi signori non mi permettono di lasciare gli studi; anzi ho dovuto più scrivere in un mese, ch'io non era solito di fare in due, e mi conviene anche usare più d'una lingua; il che è fuori affatto della mia consuetudine. Mi raccomando alla fortuna ch'io non dica e scriva più spropositi che parole. Addio: guardatevi da questo diabolico inverno, e per amor mio cacciate alla meglio i pensieri malinconici. Vi ringrazio della descrizione che mi fate del nuovo tomo Giordani. Io non l'aveva ancora veduto. Di nuovo stammi allegra, chè te ne prego; e io vedo per esperienza propria e certissima, che l'allegria e la melanconia sono frutti d'ogni paese.

Tia Isabella, que pouco tempo atrás mandou lembranças a mim. Se não lhe parecer demais, faça de minha parte os mesmos cumprimentos às Primas, e recomende-me ao tio Peppe. Parabenize Papai por sua entrada na nova Repartição. Não se surpreenda se não me alongo mais, pois a abundância de coisas que poderia dizer produz o sólito efeito do excesso, ou seja, não sei escolher nem determinar o que convém escrever. Quando nos falarmos pessoalmente, cada coisa encontrará o seu lugar. Estou também muito ocupado, pois estes Senhores não me permitem deixar os estudos, pelo contrário, tive que escrever mais em um mês do que normalmente fazia em dois; e me convém até usar mais que uma língua, o que está completamente fora do meu costume. Espero ter a fortuna de não dizer e escrever mais despropósitos que palavras. Adeus; resguarde-se deste diabólico inverno, e por amor a mim, mande embora os pensamentos melancólicos. Agradeço a descrição que me faz do novo volume do Giordani. Ainda não o havia visto. De novo, fica alegre, por favor; vejo por experiência própria e certíssima que a alegria e a melancolia são frutos de todos os lugares.

A MONALDO LEOPARDI

[s.d., ma Roma, fine di dicembre
1822]

Carissimo Sig. Padre
Peppino è stato
contentissimo della descrizione
ch'Ella gli ha favorito del Codice
di Varrone, e m'assicura che
questa è l'edizione principe, e che
gli sarà di grandissima utilità il
consultarla, mandandogliela Ella
a suo comodo per occasione
opportuna. L'altro giorno fu da me
Luigi Sorini, e mi disse che per
gli armadi da lui fatti in cotesto
archivio comunale, Ella promise
di fargli avere gli armadi vecchi,
ovvero otto scudi in danaro, oltre
il resto del prezzo convenuto per
la sua fattura. Disse ch'era stato
pagato del resto, ma non aveva
avuto nè gli armadi vecchi nè gli
otto scudi; che non si curerebbe di
averli se il suo credito fosse con
Lei, ma ch'essendo colla Comune,
non vedeva nessun motivo di
trascurarlo: in somma mi pregò
che gliene scrivessi, come faccio;
ed Ella disporrà come crederà
meglio, rispondendomi, se le
piacerà, quello ch'io gli dovrò
dire, in caso che torni. Ho trovato
la cartina del Teopompo fra i miei
scartafacci, e mi dispiace d'averle
dato inutilmente l'incomodo di
cercarla. Ho anche trovato qui fra
i libri di Peppe Antici il 9° tomo

A MONALDO LEOPARDI

[s.d., mas Roma, fim de dezembro
de 1822]

Caríssimo Sr. Pai,
Peppino ficou
contentíssimo com a descrição
que o senhor lhe forneceu do
Código de Varrão, garante-me que
essa é a edição príncipe e que será
de grande utilidade consultá-la, se
o senhor a mandar com
comodidade e em ocasião
oportuna. Outro dia, veio me
visitar Luigi Sorini, e disse-me
que, pelos armários novos feitos
no arquivo municipal daí, o
senhor lhe prometeu dar os
armários velhos, além de oito
scudi em dinheiro e o resto do
preço combinado pela fabricação.
Disse que havia recebido o resto,
mas que não recebeu nem os
armários velhos nem os oito
scudi; que não se importaria em
receber, se o crédito fosse com o
senhor, mas sendo com a
Prefeitura, não via motivo para
transcurá-lo: em suma, pediu-me
que lhe escrevesse, como faço; e o
senhor resolva como achar
melhor, respondendo-me, se
quiser, o que devo dizer se ele
voltar. Encontrei o papelzinho do
Teopompo entre os meus papéis,
desculpe ter lhe dado o incômodo
inútil de procurá-lo. Também
encontrei aqui, entre os livros de

del Metastasio, ediz. del Zatta, segnato *Luigi Leopardi*. M'immagino che questo tomo debba mancare nel nostro corpo, e perciò l'avverto ch'è nelle mie mani. Reinhold, dal quale fummo a pranzo Domenica, mi disse di Lei molte cose obbliganti, e fra l'altre, che aveva ricevuta una sua lettera, e fattale la risposta.

La sua carissima de' 20 Dicembre, mi giunse ritardata, come mi pare averle scritto. Da quando io la ricevetti, non mi sono potuto muovere da casa se non di rado, e andando a poca distanza, a motivo de' geloni che ho ai piedi e che m'infastidiscono assai. Non sono dunque potuto andare alla posta a riscuotere il Franco di cui Ella si compiaceva di farmi dono e di darmi notizia. Ed essendo somma in questo paese la difficoltà di riscuotere i Franchi senz'andare in persona, non ho trovato chi mandare per me, fino a questa mattina. Così non prima di questa mattina ho potuto sapere che i dieci scudi non sono ancora arrivati. Del che mi pare di dovere avvisarla.

Questa notte, dopo dieci giorni di mal di punta, se n'è andato il povero Giuseppe Quercia. Anche la sua de' 13, come scrissi ieri a Paolina, m'è giunta ritardatissima, cioè avanti ieri, benchè fosse arrivata a suo tempo in Roma. Non mancherò, com'Ella amorosamente mi ordina, di fare che ogni ordinario

Peppe Antici, o nono tomo do Metastásio, edição Zatta, em que está escrito *Luigi Leopardi*. Imagino que este tomo esteja faltando no nosso conjunto, por isso aviso que está em minhas mãos. Reinhold, na casa de quem fomos almoçar domingo, disse-me várias coisas gratas sobre o senhor, entre as quais, que havia recebido uma carta sua e lhe respondido.

A sua caríssima carta de 20 de Dezembro chegou atrasada, como acho que lhe escrevi. Desde que a recebi, não pude mais sair de casa senão raramente, e andando a lugares pouco distantes, por conta de uma frieira nos pés, que me incomoda muito. Portanto, não pude ir ao correio buscar a quantia que o senhor gentilmente me doava e sobre a qual me avisava. E, sendo grande nessa cidade a dificuldade de receber o dinheiro sem ir pessoalmente, não encontrei quem pudesse mandar em meu lugar até esta manhã. Por isso, não antes de hoje de manhã pude saber que os dez *scudi* ainda não chegaram. Achei bom avisá-lo.

Esta noite, após dez dias de pneumonia, foi-se o pobre Giuseppe Quercia. A sua carta do dia 13, como escrevi ontem a Paolina, também foi entregue atrasadíssima, ou melhor, antes de ontem, apesar de ter chegado a Roma em tempo. Como o senhor amorosamente me pede, não

parta qualche mia lettera diretta alla mia famiglia. Nella quale, Ella dice troppo bene, che regna un ordine veramente raro, il qual ordine tanto più si stima, quanto più si conosce il disordine delle altre famiglie nel loro interno. Lo stesso prendersi un poco d'incomodo verso gli altri, affinché tutti gli altri lo prendano verso di voi, è la più comoda cosa del mondo; e un piccolo e moderato codice di creanza è necessarissimo anche nel più intimo ed assoluto domestico. Ma qui, dove niuno si vuole incomodare; dove i figli alla Madre, la Madre ai figli, il marito alla moglie, la moglie al marito si contrastano abitualmente e sinceramente le pagnotte di pane, i sorsi di vino, i migliori bocconi delle vivande, e se li negano scambievolmente, e se li tolgono di bocca, e se li rimproverano, e si danno dei ghiotti gli uni cogli altri; ciascheduno è incomodato da tutti e tutti da ciascuno. Ma sarebbe impresa troppo lunga il descrivere minutamente le assurdità del sistema di questa famiglia, e le contraddizioni che vi si trovano in ogni articolo. Io credo di potere, colla debita prudenza, farle fare molte risate innocenti sopra questo proposito, parlandole a voce.

Desidero ch'Ella s'abbia riguardo in questo inverno, che qui è considerato come straordinario, e secolare. Ed

deixarei de fazer com que a cada correio parta uma carta minha endereçada à minha família. Família em que, como o senhor bem diz, reina uma ordem realmente rara, ordem que mais se estima quanto mais se conhece de dentro a desordem de outras famílias. O próprio dar-se ao incômodo de fazer algo pelo outro, para que todos os outros o façam conosco, é a coisa mais cômoda do mundo; pequenas e moderadas regras de criação são muito necessárias até na mais íntima e absoluta vida doméstica. Mas aqui, onde ninguém quer se incomodar, onde habitual e abertamente os filhos brigam com a Mãe, a Mãe com os filhos, o marido com a mulher, a mulher com o marido, por pedaços de pão, goles de vinho, pelas melhores partes de um prato, negando-os mutuamente, e tirando-os da boca, e acusando, e chamando de glutões uns aos outros, cada um é incomodado por todos e todos por um. Mas seria tarefa longa demais descrever minuciosamente os absurdos do sistema desta família, e as contradições que há em cada detalhe. Com a devida prudência, creio que poderei fazê-lo dar muitas risadas inocentes em relação a este assunto quando nos falarmos pessoalmente.

Espero que o senhor se resguarde neste inverno, que aqui é considerado extraordinário e

augurandole un felice cominciamento del nuovo anno e delle fatiche della sua carica, le bacio la mano e domando la sua benedizione.

Amorosissimo figlio
Giacomo

A PIETRO BRIGHENTI

Roma 4 del 1823.

Caro Amico. Siete pur memore delle offese, e non volete lasciarne passar una senza rappresaglia. Vi doleste mesi fa del mio lungo silenzio: avevate ragione; vi rispose subito pregandovi a perdonarmi e scrivermi, ma voi mi avete voluto punire, e tacere. Lasciando gli scherzi, io son qui da circa un mese, e ci starò tutto l'inverno. Desidero infinitamente aver notizia di voi, e vi scongiuro a darmene. Vi prego ancora quanto più posso a darmi nuova di Giordani, del quale non so più nulla, da quando tornò dalla Svizzera in poi. Gli ho bensì scritto più d'una volta, benchè inutilmente. Arrivato a Roma, ho inteso con sommo dispiacere dagli amici suoi, che da quell'epoca in qua, neanch'essi ne

secular. E, com os desejos de um feliz início do novo ano e das fadigas de seu encargo, beijo-lhe a mão e peço a sua benção.

Amorosíssimo filho
Giacomo

A PIETRO BRIGHENTI

Roma, 4 de 1823.

Caro Amigo. Você guarda mesmo as ofensas na memória, e não quer deixar passar uma sem represália. Lamentou-se, meses atrás, do meu longo silêncio: tinha razão; respondi-lhe imediatamente pedindo que me perdoasse e me escrevesse, mas você me quis punir e calar. Brincadeira à parte, estou aqui há cerca de um mês e aqui estarei por todo o inverno. Desejo infinitamente ter notícias suas, e lhe suplico que me dê. Peço-lhe com toda força que também me dê notícias de Giordani, do qual não sei mais nada desde que voltou da Suíça. Escrevi-lhe mais de uma vez, embora inutilmente. Ao chegar a Roma soube com imenso desprazer através de seus amigos que daquela época para cá nem eles sabiam de mais nada.

sapevano più niente. Gli sono tornato a scrivere, sperando che le lettere di qua dovessero andar meglio che quelle di Recanati, ma non ho avuto risposta. Vi prego con tutto il cuore e vi supplico a dirmi qualche cosa di lui. So che avete spedito a Recanati un nuovo tomo delle sue opere, pel quale vi son debitore di paoli sei. Rispondendo all'ultima vostra, vi mandai franca per la posta la somma corrispondente al mio debito d'allora. Desidero intendere che l'abbiate ricevuta. Quantunque io mi trovi a Roma, avrò piacere che gli altri volumi delle opere Giordani che debbono uscire, sieno spediti a Recanati come per l'addietro. Consolami, caro amico, d'una tua risposta, e vogliami bene, assicurandoti ch'io sono sempre verso di te quello di prima, cioè caldissimo e costantissimo amico. Se qui o dovunque ti posso servire in qualche cosa, comandami e adoprami come adopreresti te medesimo: e in qualunque caso credimi

Il tuo Leopardi

Tornei a escrever a ele, esperando que as cartas daqui tivessem melhor fim que as de Recanati, mas não obtive resposta. Rogo-lhe com todo o coração e lhe suplico que me diga algo sobre ele. Sei que expediu para Recanati um novo volume das obras de Giordani, pelo qual devo-lhe seis *paoli*. Respondendo à sua última, mandei por correio a quantia correspondente ao meu débito de então. Gostaria de saber se a recebeu. Apesar de estar em Roma, gostaria que as outras obras de Giordani que saírem sejam expedidas a Recanati, como antes. Consola-me com uma resposta tua, caro amigo, e queme bem, estando certo de que, para ti sou sempre o mesmo de antes: o calorosíssimo e constantíssimo amigo. Se aqui ou em outro lugar puder ser-lhe útil em algo, estou às ordens, serve-te de mim como de ti próprio: e, em todo caso, crê-me

O teu Leopardi

A MONALDO LEOPARDI

Roma 4 del 1823.

Carissimo Signor Padre.

Scrivo questa per avvisarla che ieri mi furono resi dalla posta gli scudi dieci, e per darle nuova di me, che in questi giorni me la passo per lo più in casa, stando con due piaghetta l'una alla mano e l'altra al piede, molto irresoluto s'io le debba medicare o no, e che cosa converrebbe metterci. Finora non ci ho fatto nulla: non mi danno dolore, stando fermo; e io mi contento di riguardarle. Lo stampatore De Romanis mi ha proposto d'intraprendere per lui una traduzione di tutte le opere di Platone. Questo lavoro si fa contemporaneamente in Germania e in Francia nelle rispettive lingue; ed è molto desiderato in Italia. Tutti i letterati nazionali e forestieri ai quali s'è parlato di questo disegno, l'hanno lodato infinitamente; lo Stampatore n'è invaghito; e credo anch'io che quest'impresa ben eseguita potrebbe far grande onore. M'hanno consigliato di domandare a De Romanis 100 scudi per ciascun tomo della traduzione, la quale verrebbe a portare quattro o cinque tomi. Sono quasi nell'impegno; e se le condizioni mi converranno, penso di stringerlo. Mi sarà molto caro il suo parere in questo proposito. Il

A MONALDO LEOPARDI

Roma, 4 de 1823.

Caríssimo Senhor Pai,

Escrevo para avisá-lo de que ontem foram-me entregues por correio dez *scudi*, e para dar notícias de mim, que nestes dias passo boa parte do tempo em casa, pois estou com duas feridinhas, uma na mão e outra no pé, muito em dúvida se devo medicá-las ou não, e sobre o que convém passar. Até agora não fiz nada: não doem se eu ficar parado; e me contento em resguardá-las. O editor De Romanis me propôs realizar para ele uma tradução de todas as obras de Platão. Este trabalho está sendo feito contemporaneamente na Alemanha e na França nas respectivas línguas e é muito desejado na Itália. Todos os literatos nacionais e estrangeiros aos quais se falou deste projeto, elogiaram-no infinitamente; o Editor está fascinado com a ideia, e eu também creio que se a empresa for bem feita poderá trazer grande honra. Aconselharam-me a pedir a De Romanis 100 *scudi* por tomo da tradução, que teria ao todo quatro ou cinco tomos. Estou quase fechando um acordo; e, se as condições mi convierem, acho que fecharei. Seria muito bem-vinda a sua opinião a propósito. O

freddo qui è mitigato, ma pare presto voglia riprendere il suo rigore. Mercoldì Roma era bianca dalla neve. Saluti di tutti a tutti. La prego in particolare de' miei, specialmente alla cara Mamma e ai fratelli. E baciandole la mano, mi ripeto

Suo Affmo e Gratmo figlio
Giacomo.

A FRANCESCO CANCELLIERI

[s.d., ma Roma, gennaio 1823]

Ill.mo Sig.re Abate Padrone ed Amico. Le rimando coi miei ringraziamenti le *Memorie Mariniane*. La speranza di poterle riportare io medesimo, me le ha fatte ritenere più del conveniente. Mio Zio m'ha riferito da sua parte quanto Ella s'è compiaciuta di operare col Sig. Ab. Rezzi, e la risposta che ne ha ricevuta. Sarei stato subito in persona da Lei a ringraziarla, ed avrei anche procurato di vedere il Signor Abate; ma non avendo potuto nè potendo muovermi di casa, nè anche, si può dire, di camera, per una maledetta piaga cagionatami da un gelone a un piede, supplisco come posso per lettera; e rendo infinite grazie a Lei, pregandola di assicurare l'Ab.

frio aqui atenuou-se, mas parece que logo vai retomar o seu rigor. Na quarta-feira, Roma estava branca de neve. Saudações de todos a todos. Peço que transmita em especial as minhas, principalmente à Mamãe e aos meus irmãos. Beijo-lhe a mão e me declaro

Seu Afetuosíssimo e
Gratíssimo filho
Giacomo.

A FRANCESCO CANCELLIERI

[s.d., mas Roma, janeiro de 1823]

Il.mo Sr. Abade, Patrão e Amigo. Restituo-lhe, com meus agradecimentos, as *Memórias Marinianas*. A esperança de podê-las devolver eu próprio fez com que as mantivesse comigo mais tempo do que convém. Meu Tio referiu-me de sua parte o quanto o senhor teve a bondade de se empenhar junto ao Senhor Abade Rezzi, e a resposta que recebeu. Teria ido prontamente até o senhor para lhe agradecer, e teria tentado ver o Senhor Abade, mas, não tendo podido nem podendo sair de casa e nem praticamente do quarto por conta de uma maldita ferida causada por uma frieira no pé, agradeço como posso por carta, e rendo infinitas graças ao senhor, pedindo-lhe que

Rezzi che assumo di buonissima voglia quest'incarico de' *Codici greci*, e che appena sarò in istato di muovermi, avrò tutto l'impegno di soddisfare al mio assunto. Ella mi conservi la sua benevolenza, che mi fu e sarà sempre preziosissima, e mi onori de' suoi comandi.

A CARLO LEOPARDI

Roma 6 de 1823.

Caro Carlo

Se le mie lettere ti arrivano, non so: so bene che dalla tua seconda in poi, non vedo nè sento più nulla di te; la qual cosa mi dà quella pena che tu puoi, o certo dovresti immaginarti. S'aggiunge che in quest'ordinario non ho lettera di casa, bench'io n'aspettassi, e non come proposta ma come risposta. Io non so d'averti offeso, nè vedo come noi due possiamo stimare d'essere offesi l'uno dall'altro, nè credo possibile che, quando anche tu avessi di che incolparmi, ti sii voluto vendicare. In ogni modo scrivimi, chè s'io non credessi di farti ingiuria, ti domanderei perdono di qualunque cosa in me ti fosse potuta dispiacere. Ho sentito tutte e due le Opere: quella

confirme ao Abade Rezzi que assumo de muito boa vontade este encargo dos *Códices gregos* e que, assim que puder me mover, eu me empenharei em realizar o meu compromisso. Que o senhor conserve para comigo a sua benevolência, que me foi e será sempre preciosíssima, e me honre com as suas ordens.

A CARLO LEOPARDI

Roma, 6 de 1823.

Caro Carlo,

Se minhas cartas chegam a ti, não sei; bem sei que da tua segunda em diante não vejo nem ouço mais nada de ti, o que traz aquele sofrimento que podes, ou melhor, deves imaginar. E, além disso, neste correio não há carta de casa, embora eu esperasse alguma, não como proposta, mas como resposta. Não sei se te ofendi, nem sei como entre nós dois se possa imaginar que um ofenda o outro, nem creio ser possível que quisesses revidar mesmo que tivesses como me culpar de algo. De todo modo, escreve-me, pois se eu não acreditasse que isso te ofenderia, pediria perdão por algo meu que possa ter te desagradado. Ouvi as duas óperas: a do Teatro

d'Argentina e quella di Valle. La prima è del Maestro Carafa, quasi tutta rubata a Rossini, ma così male, che non reca il piacere nè dell'originalità nè dell'imitazione; e se il Carafa vi si disprezza, il Rossini non vi si può godere. Nessun pezzo interessante, fuorchè un'aria del contralto nel prim'atto, la quale però sembra cominciata e non finita. Tutte le voci mediocri; eccetto il Tenore, cioè David, e il Contralto, cioè la Ferlotti. Il Basso è nulla, ed agisce anche poco nell'Opera. Il canto di David non mi ha fatto grande impressione, perchè ci si conosce evidentemente lo sforzo. E perciò il corpo della voce, secondo il gusto mio, non può molto dilettere. Quanto all'agilità e volubilità del suo canto, le mie rozze orecchie non ci trovano niente di straordinario. Ma, comunque sia, la più bella voce applicata a una melodia che non significa niente, non può far grand'effetto. I Romani hanno lodato le decorazioni e disapprovato l'opera. Il ballo non è niente di buono quanto alla parte pantomimica, cioè all'imitativa. Quanto alla parte ballabile, non è da disprezzarsi; ma tutto quello ch'è puro spettacolo, come il ballabile, dopo un quarto d'ora annoia. Non posso negare che le gambe dei ballerini, sui primi momenti, non mi facessero provar quell'effetto che non mi farà mai provare la testa di

Argentina e a de Valle. A primeira é do Maestro Carafa, quase toda roubada de Rossini, mas tão mal roubada que não causa o prazer nem do original nem da imitação; se o Carafa da ópera é desprezível, o Rossini não se consegue desfrutar. Nenhuma peça interessante, à parte uma ária do Contralto no primeiro Ato, que porém parece começada e não terminada. Todas as vozes mediócras; exceto o Tenor, ou seja David, e o Contralto, isto é, a Ferlotti. O Baixo não existe e atua muito pouco na Ópera. O canto de David não me causou grande impressão, pois se percebe evidentemente o seu esforço. Portanto, o corpo da sua voz, segundo o meu gosto, não consegue agradar muito. Quanto à agilidade e volubilidade do seu canto, meus ouvidos brutos não veem nada de extraordinário. Entretanto, a mais bela voz aplicada a uma melodia insignificante não pode fazer grande efeito. Os Romanos elogiaram a decoração, mas desaprovaram a ópera. A dança não tem nada de bom em sua parte pantomímica, isto é, imitativa. Quando à parte dançante, não é de se desprezar; mas tudo que é puro espetáculo, como a dança, depois de quinze minutos entedia. Não posso negar que as pernas dos bailarinos, nos primeiros momentos, tenham me causado aquele efeito que cabeça

nessun Romano, cioè la meraviglia. Ma chi si può meravigliare per un'oretta e mezza, è molto ammirabile. Quanto all'Opera di Valle, ch'è buffa, tenete per certissimo che il nostro Turco in Italia, non solamente per la musica, ma per ciascun cantante, a uno per uno, e tutti insieme, fu migliore senza nessunissimo paragone. Il teatro è per lo più deserto, e ci fa un freddo che ammazza. L'Opera è del M. Celli. Gl'istrioni sono insoffribili. Un Parigi a confronto loro sarebbe un angelo, e assicuratevi che non esagero. Non mi allungo di più, perchè assolutamente non ho tempo, e questi così detti letterati non mi lasciano respirare. Ho dovuto scrivere un articolo sopra il Filone d'Aucher recentissimo. Sto disponendo per la stampa le annotazioni all'Eusebio del Mai. Sono in impegno di scrivere certe note latine sopra la Repubblica di Cicerone. Mi si offre il catalogo dei Codici greci della Barberina, che finora non v'è stato un cane che abbia saputo quel che contengono. De Romanis mi fa bei partiti perch'io traduca tutte l'opere di Platone, e già siamo quasi convenuti. Addio, caro: salutami il Papà, la Mamma, i fratelli e tutti. Scrivimi, se mi vuoi bene. Possibile che tu non me ne voglia? Addio addio.

de Romano nenhuma me fará sentir, ou seja, a maravilha. Mas quem pode se maravilhar por uma hora e meia é muito admirável. Quanto à Ópera de Valle, que é bufa, esteja certo de que o nosso *Turco in Italia* foi incomparavelmente melhor, não só em relação à música, mas a cada cantor individualmente, e todos em conjunto. O teatro geralmente está deserto, e ali faz um frio que mata. A ópera é de M. Celli. Os histriões são insuportáveis. O Paris comparado com eles seria um anjo, e pode estar certo de que não exagero. Não me alongo mais, pois realmente não tenho tempo, e os ditos literatos daqui não me deixam respirar. Tive que escrever um artigo sobre o Fílon de Aucher recentíssimo. Estou preparando para a publicação as *Annotazioni all'Eusebio* do Mai. Comprometi-me a escrever certas notas latinas sobre a *De República* de Cícero. Ofereceram-me o catálogo dos Códices gregos da Barberina, que até agora não houve infeliz que soubesse o que contém. De Romanis me faz boas propostas para que eu traduca todas as obras de Platão, e estamos quase fechando um acordo. Adeus, caro, lembranças ao Papai, à Mamãe, aos irmãos e a todos. Escreve-me, se me queres bem. É possível que não me queiras? Adeus, adeus.

A CARLO LEOPARDI

Roma 10 Gen. [1823]

Caro Carlo. Ho ricevuto la tua dei 6. Ma l'altra di cui mi parli, è perduta da vero. Io sono sempre colla mia piaga a un dito del piede, e sempre in casa, perchè non mi posso muovere. Ma quest'altra settimana, che probabilmente avrò sbrigato alcune cose che ho da fare in gran fretta, son risoluto di mettermi in letto a giornata, e così spero in quattro o cinque giorni di guarire. Ti saluta Donna Marianna che si fa sempre più schifosa. Ti scrissi già coll'ordinario passato, e ti parlai delle nostre *Operà* e d'altre bagattelle. Saluta tutti, e dì al Papà che gli scriverò quest'altro ordinario. Dalla sua vedo ch'è stata ritardata una mia che gli scrissi, e ch'egli ai 6 non aveva ancora ricevuta. Dì anche a Pietruccio che non mi scordo di lui, ma che in verità finora, non potendo uscire, non s'è potuto far niente. Mons. Mai mi ha mandato in dono una copia della Repubblica, cosa ch'è stata molto ammirata e invidiata, perchè Mons. non è solito a far questi regali, e parecchi, per averne, l'hanno tentato e lusingato inutilmente. Addio. Amami, e goditi cotesto nevoso Carnevale. Sappiamo già delle Mazzagalli al teatro ec. ec.

A CARLO LEOPARDI

Roma, 10 de Janeiro de [1823].

Caro Carlo. Recebi a tua do dia 6. Mas a outra, da qual me falas, realmente se perdeu. Estou sempre com a minha ferida em um dedo do pé, e sempre em casa, pois não posso me mover. Mas, na próxima semana, quando provavelmente terei terminado algumas coisas urgentes que tenho para fazer, decidi passar o dia na cama, e assim espero em quatro ou cinco dias estar curado. Recomendações de Dona Marianna, que está cada vez mais chata. Já no correio passado te escrevi e falei das nossas *Operà* e de outras bobagens. Dá lembranças a todos e diz ao Papai que lhe escreverei no próximo correio. Lendo a carta dele vejo que a que lhe escrevi chegou com atraso, e que no dia 6 ele ainda não a havia recebido. Diz também a Pietruccio que não me esqueço dele, mas que, na verdade, não podendo sair, até agora não pude fazer nada. Monsenhor Mai me mandou de presente uma cópia da *De República*, o que causou muita admiração e inveja, pois o Monsenhor não costuma dar presentes como este, e tantos, para ter o livro, tentaram e adularam-no inutilmente. Adeus. Ama-me e aproveita o Carnaval nevoso daí. Já sabemos das Mazzagalli no teatro etc. etc.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma] 13 Gen.[1823]

Carissimo Sig. Padre

Ho ricevuto oggi la sua amorosissima dei 10. Manderò alla posta a riscuotere l'unguento e il resto ch'Ella con tanta premura m'invia, e ne farò uso secondo il mio stato. Scrivo brevemente perchè sono in letto, dove fo conto di passare una settimana, avendo veduto che la mia piaghetta, benchè leggera, aperta da quindici giorni, non ha mai migliorato per la cura che gli ho avuta stando in piedi. Con un poco di pazienza spero di guarire. Non potendo scrivere a lungo, Ella mi perdonerà se non mi stendo sufficientemente sull'affare del Platone, intorno al quale Ella ha la bontà di consigliarmi e istruirmi così amorosamente. Le dirò solo che l'affare non è d'un triennio, ma di più o meno a piacer mio: che a piacer mio saranno ancora tutte le circostanze sì del lavoro, sì dell'impegno, quando si contragga; giacchè per uso e per ragione gli autori non si legano cogli stampatori come due parti contraenti, ma li trattano a modo loro: che De Romanis è un buon uomo, non estremamente interessato, e se non altro, maneggiabile: che in Italia, e massimamente in Roma, com'Ella

A MONALDO LEOPARDI

[Roma] 13 de Janeiro de [1823.]

Caríssimo Sr. Pai,

Recebi hoje a sua amorosíssima do dia 10. Mandarei alguém ao correio buscar o unguento e o resto que o senhor me manda com tanto zelo, e que usarei dependendo do meu estado. Escrevo rapidamente porque estou na cama, onde supponho passar uma semana, pois vi que a minha feridinha, aberta há 15 dias, apesar de superficial, não melhorou por mais cuidado que eu tenha tido quando estava em pé. Com um pouco de paciência espero me curar. Não podendo escrever longamente, o senhor me perdoe se não me estendo o suficiente sobre o assunto do Platão, em torno ao qual o senhor tem a bondade de me aconselhar e instruir tão amorosamente. Digo somente que o acordo não é de um triênio, mas de um tempo mais ou menos de minha escolha; que de minha escolha serão também todas as circunstâncias tanto do trabalho quanto do compromisso, se eu o assumir, já que de costume, e com razão, os autores não mantêm vínculos com os editores como duas partes contratantes, mas decidem o que acordar; que De Romanis é um homem bom, não extremamente

sa, non si può pretender gran cosa per lavori letterarii, giacchè il guadagno degli stampatori è ristretto, e il numero di copie ch'Ella dice, non credo che possa trovar esito, anzi sarebbe molto che se n'esitasse la metà: che nell'impresa di De Romanis non avrebbe luogo il testo, ma la sola traduzione con note o filosofiche o storiche, ma non filologiche: che ho già presso di me un Platone di Lipsia 1819-22 in-8°, volumi, finora, 3, datomi da De Romanis *gratis*, come anche *gratis* mi dovrà procurare qualunque altra opera, edizione ec. sia necessaria al proposito; e che finalmente o non si farà scrittura, ed io resterò libero di far quanto mi piacerà, e d'interrompere il lavoro subito che lo stampatore non corrisponda il convenuto; o dovendosi fare obbligazione in iscritto, non mancherò di comunicarne il tenore antecedentemente. Mi sono sempre dimenticato di dirle che tempo fa Monsignor Nembrini mi parlò di Lei con gran lode, e m'incaricò di salutarla. Ho dato la sua risposta a Sorini, che la ringrazia e se le raccomanda. Saluti di tutti, e particolari del Zio Momo e del Zio Carlo. Oggi (15) la mia piaghetta va meglio, ma mi ostino in letto finchè non sia guarita in modo che non si debba riaprire. Le bacio la mano, e chiedendole la benedizione mi ripeto

interesseiro, e até maneável; que na Itália, e sobretudo em Roma, como o senhor sabe, não se pode pretender grande coisa por trabalhos literários, já que o ganho dos editores é restrito, e o número de cópias que o senhor diz, não creio que possa ser feito, aliás, seria muito se saísse a metade; que no projeto de De Romanis não se colocaria o texto, mas somente a tradução com notas filosóficas ou históricas, mas não filológicas; que já tenho comigo um Platão de Lipsia 1819-22, 8 volumes, dos quais tenho até agora 3, que De Romanis me deu *grátis*, assim como irá me procurar, também *grátis*, qualquer outra obra, edição etc. necessária ao propósito; e, finalmente, que não haverá contrato, e ficarei livre para fazer o que me agradar e para interromper o trabalho assim que o editor não corresponder ao combinado; ou, tendo que se fazer uma obrigação escrita, não deixarei de lhe comunicar previamente o seu teor. Esqueci de dizer que há tempos atrás o Monsenhor Nembrini fez muitos elogios ao falar do senhor, e me encarregou de cumprimentá-lo. Dei sua resposta a Sorini, que lhe agradece e se recomenda. Saudações de todos, e em especial, do Tio Momo e do Tio Carlo. Hoje (15), a minha feridinha está melhor, mas continuo na cama até que esteja curada para que não se abra de

Il suo affettuosissimo figlio
Giacomo.

novo. Beijo-lhe a mão e, pedindo
a sua benção, declaro-me
Seu afetuosíssimo filho
Giacomo.

A CARLO LEOPARDI

A CARLO LEOPARDI

Roma 18 Gennaio 1823.

Roma, 18 de Janeiro de 1823.

Caro Carlo. Non risposi subito alla tua de' 9 perchè avendoti scritto ne' due ordinarii precedenti, nostro padre non prendesse sospetto s'avesse veduto una tal continuazione di lettere fra noi due, dopo un lungo intervallo che non ci avevamo quasi più scritto l'uno all'altro. Ho ricevuto anche la tua dei 13. Tutte due m'hanno fatto grandissimo piacere, come puoi ben credere. Soddisfarò, com'è ben giusto, a tutte le tue domande e a tutte le parti delle tue ultime lettere, e non lascerò che ti possa lamentare di non aver saputo le mie nuove da me, anche le più minime. Avrei voluto farlo subito, e vorrei farlo adesso, ma coll'ordinario passato non lo feci per la ragione che ti ho detto, e oggi non lo fo perchè sono ancora in letto molto incomodamente, e non posso scrivere senza grande stento e lontano dalla luce. Credo che domani sarò in piedi, e mi lusingo

Caro Carlo. Não respondi logo a tua do dia 9 porque, tendo escrito nos dois correios anteriores, não queria que nosso pai ficasse intrigado se visse uma continuidade de cartas entre nós dois depois de um longo intervalo, no qual quase não escrevemos um ao outro. Recebi também a tua do dia 13. As duas me agradaram muitíssimo, como podes bem imaginar. Responderei, como é justo, todas as tuas perguntas e todas as partes das tuas últimas cartas, e não deixarei que te laments de não ter tido novas de mim, até as menores. Gostaria de tê-lo feito imediatamente, e gostaria de fazê-lo agora, mas, com o correio passado não escrevi pela razão que te disse, e hoje não escrevo porque ainda estou na cama muito incomodamente, e não posso escrever sem grande esforço e longe da luz. Acho que amanhã estarei em pé, e espero já estar

d'esser guarito già, dopo sei giorni di pazienza. Da ora in poi non ci sarà camminatore più disperato di me. Sicuramente coll'ordinario venturo ti scriverò una letterona. Intanto io ti desidero le migliori medicine che sieno possibili alla noia. Il tuo sonetto pecca un poco d'oscuro, non in se, ma per Recanati. Del resto è molto bello e affettuoso, e mi ridesta l'idea dell'animo tuo, e del sentimento, e della poesia, e del bello vero, tutte cose che bisogna dimenticare affatto in Roma, in questo letamaio di letteratura di opinioni e di costumi (o piuttosto d'usanze, perchè i Romani, e forse nè anche gl'Italiani, non hanno costumi). *Come* riceve anche il caso obbliquo: *come me, come te* ec. Onde *come lei* è ben detto. *Avvampare* attivo è ottimo. *Disperare* per trarre di speranza, se gli antichi non l'hanno detto, non hanno però lasciato per testamento, che non si possa dire. Saluti a tutti. Ho ricevuto anche la lettera di Paolina e risponderò.

curado após seis dias de paciência. De agora em diante não haverá caminhador mais desesperado que eu. Certamente com o correio vindouro te escreverei uma cartona. Por enquanto, desejo-te os melhores remédios possíveis contra o tédio. O teu soneto peca um pouco por ser obscuro, não em si, mas para Recanati. De resto é muito belo e afetuoso, e reacende em mim a ideia da tua alma, e do sentimento, e da poesia, e do belo verdadeiro, todas coisas que é preciso esquecer completamente em Roma, esta estrumeira de literatura de opiniões e de costumes (ou melhor, de usanças, pois nem os Romanos, e talvez nem os Italianos, têm costumes). *Come* [Como] recebe também o caso oblíquo: *come me, come te* [como eu, como tu] etc. Então *come lei* [como ela] está bem dito. *Avvampare* [Arder] ativo é ótimo. *Disperare* [desesperar] para *trarre di speranza* [perder a esperança], se os antigos não o disseram, também não deixaram em testamento que não se possa dizer. Saudações a todos. Recebi também a carta de Paolina, que responderei.

A ADELAIDE ANTICI
LEOPARDI

[Roma, 22 de 1823.]

Cara Mamma

Io mi ricordo ch'Ella quasi mi proibì di scriverle, ma intanto non vorrei che pian piano, Ella si scordasse di me. Per questo timore rompo la sua proibizione e le scrivo, ma brevemente, dandole i saluti del Zio Carlo e del Zio Momo. Sono in piedi oggi per la prima volta dopo otto giorni intieri di letto, e la mia piccola piaga è ben chiusa. Se non si riapre, che spero di no, son guarito. S'Ella non mi vuol rispondere di sua mano, basterà che lo faccia fare, e mi faccia dar le sue nuove, ma in particolare, perchè le ho avute sempre in genere. La prego a salutare cordialmente da mia parte il Papà e i fratelli; e se vuol salutare anche D. Vincenzo, faccia Ella. Ma soprattutto la prego a volermi bene, com'è obbligata in coscienza, tanto più ch'alla fine io sono un buon ragazzo, e le voglio quel bene ch'Ella sa o dovrebbe sapere. Le bacio la mano, il che non potrei fare in Recanati. E con tutto il cuore mi protesto

Suo figlio d'oro
Giacomo-alias-Mucciaccio.
22. 1823

A ADELAIDE ANTICI
LEOPARDI

[Roma, 22 de 1823.]

Cara Mamãe,

Lembro que a Senhora quase me proibiu de lhe escrever, no entanto, não gostaria que pouco a pouco a Senhora se esquecesse de mim. Por este temor rompo a sua proibição e lhe escrevo, mas brevemente, mandando-lhe as saudações do Tio Carlo e do Tio Momo. Estou em pé hoje pela primeira vez depois de oito dias inteiros de cama, e minha pequena ferida está bem fechada. Se não abrir de novo, e espero que não, estarei curado. Se a Senhora não quiser me responder de próprio punho, basta pedir para que alguém o faça e me dê suas novas, mas detalhadamente, e não de modo geral, como sempre as tive. Peço-lhe minhas recomendações ao Papai e aos meus irmãos; e, se quiser recomendar-me também a Dom Vincenzo, faça como preferir. Mas, sobretudo, peço que me queira bem, como é obrigada pela consciência, pois sou um bom rapaz, e lhe quero tanto bem quanto a senhora sabe ou deveria saber. Beijo-lhe a mão, o que não poderia fazer em Recanati. E com todo o coração, declaro-me

Seu filho de ouro
Giacomo-aliás-Mucciaccio.
22. 1823

A CARLO LEOPARDI

Roma, 22 de janeiro de 1823.

Caro Carlo. Sono in piedi, e posso dir guarito, dopo duecent'ore giuste di letto. Rispondo, come ti promisi, all'ultime tue. Non t'inganni a credere che le mie effusioni ec. vengano più da politica che da altro fonte, benchè non si può negare che la lontananza ravviva in qualche modo le affezioni o sopite o spente, prima perch'è lontananza, poi perchè l'uomo ha sempre bisogno di qualcuno a cui creda d'interessare, e questo bisogno si sente in modo particolare quando si vive tra forestieri ed alieni e per la maggior parte ignoti. Diedi poi conto a mio padre del progetto di De Romanis per pura voglia di ciarlare e d'empier la pagina, e perchè 1.º io non m'immaginava in alcun modo che mio padre fosse per concepirne quei sospetti che n'ha concepti, nè che dovesse temere il prolungamento della mia assenza, quando, si può dire, colla sua bocca m'aveva suggerito di procurarmi qualche impiego da viver fuori di casa: 2.º io era e sono ben lungi dal pensare quello che ha dato motivo alle inquietudini di mio padre, cioè che il ritratto di quest'impresa mi potesse bastare a

A CARLO LEOPARDI

Roma, 22 de janeiro de 1823.

Caro Carlo. Estou em pé, e posso dizer-me curado depois de exatas duzentas horas de cama. Respondo, como prometi, às últimas tuas. Não te enganas ao crer que minhas efusões etc. venham mais da política que de outra fonte, embora não se possa negar que a distância reanime de algum modo as afeições sopitas ou apagadas; primeiro porque é distância, depois porque o homem tem sempre necessidade de alguém a quem creia interessar, e esta necessidade é sentida especialmente quando se vive entre estrangeiros e estranhos, ou em sua maioria desconhecidos. Informei meu pai do projeto de De Romanis por pura vontade de conversar e encher a página, e porque: 1.º eu não imaginava de modo algum que meu pai fosse suspeitar do projeto como suspeitou, nem que fosse temer o prolongamento de minha ausência, quando, digamos, havia sugerido de boca própria que eu procurasse um emprego para viver fora de casa; 2.º eu estava e estou bem longe de pensar o que deu motivo às inquietações de meu pai, ou seja, que o ganho desse trabalho pudesse bastar para me manter em Roma. Imagine

mantenermi in Roma. Figuratevi voi che ricca entrata sarebbe quella di cinque o seicento scudi in tutto, fra cinque o sei anni che ci bisognerebbe a terminare un'opera immensa come quella. Cento scudi l'anno al più, sarebbero pure una gran rendita. Di modo che io non ho mai posto in quest'impresa nessuna delle mie speranze, e ne diedi notizia a mio padre, come d'un nulla, e di questo nulla egli s'è messo in angoscia, e m'ha scritto come voi vi figuravate. Vi ringrazio molto degli schiarimenti che mi dèste in questo proposito, i quali mi servirono di regola per la risposta. Del rimanente siamo quasi restati d'accordo con De Romanis. Io però dubito ancora, non mi sono legato, e risolverò con più comodo: perchè la fatica è grande, il profitto è piccolo, il tempo che l'impresa richiede è lungo, ed io ho molte cose da spenderlo meglio, volendo scrivere.

Se poi mi domanderete che speranze io abbia, dove tenda, e che vantaggio pensi di ricavare da questo viaggio, ecco qua. Cercare impieghi nello Stato è opera quasi perduta. Quanto più da vicino si vede la corte, tanto più si dispera di cavarne niente. Io ho una certa amicizia col Cav. Marini Direttore generale de' Catasti. Un suo leggero impegno forse basterebbe a farmi avere un posto di Cancelliere del censo (dipendenza tutta sua) alla prima vacanza. Mio

que rica entrada seria a de quinhentos ou seiscentos *scudi* ao todo nos cinco ou seis anos necessários para terminar uma obra imensa como aquela. Cem *scudi* por ano no máximo, isto seria a grande renda. De modo que jamais depositei nesse trabalho esperança alguma, e falei dele a meu pai como se fosse nada, e desse nada ele se angustiou e me escreveu, como pôde imaginar. Agradeço muito seus esclarecimentos sobre o assunto, que me servem de regra para a resposta. No mais, quase fechei um acordo com De Romanis. Porém, como ainda tenho dúvidas, não me comprometi e resolverei com calma, pois o esforço é grande, o proveito é pequeno, o tempo que o trabalho exige é longo, e tenho muitas coisas com as quais gastá-lo melhor, tendo vontade de escrever.

Se então me perguntar que esperanças tenho, em que sentido, e que vantagem pense obter desta viagem, aqui estão. Procurar emprego no Estado é missão quase perdida. Quanto mais de perto se vê a corte, maior é o desespero por não se obter nada dela. Tenho certa amizade com o Cavalheiro Marini, Diretor-geral dos Cadastros. Um leve empenho dele talvez fosse suficiente para que eu conseguisse a função de Oficial de Registro do Patrimônio (que dependente

Zio Carlo mi dice che il colpo è fatto, ch'io coltivi Marini e non pensi ad altro. Io lo lascio ciarlare come ho sempre fatto. Marini non è uomo d'impegni, e ha mille raccomandazioni per questi posti ec. ec. Il mio progetto è di farmi portar via da qualche forestiere o inglese o tedesco o russo. Cancellieri, al quale solo e non ad altri, ho comunicato questo mio disegno, me lo mette per facilissimo, e conoscendo molta di questa gente, mi ha promesso di favorirmi e d'aiutarmi. Non bisogna dar gran fede a Cancellieri, ma io vedo realmente che la cosa non è difficile, so che le incette di letterati italiani ancora durano, conosco i nomi di parecchi letteratucci romani che hanno fatto fortuna o, se non altro, campano bene in quei paesi; altri ne vedo e ne conosco di persona, i quali sono stati in Germania, in Inghilterra ec. andati e tornati a spese d'altri, e là sono stati molto ben trattati e pressati a fermarsi; so che alcuni de' nostri sono stati invitati da Italinski ministro di Russia e da altri simili, a trasferirsi e stabilirsi ne' loro paesi con emolumenti ec.; e finalmente vedo cogli occhi miei quanto poco ci vuole per far fortuna con questi Signori forestieri, quanto piccole abilità sono pagate da loro a gran prezzo, quanta stima concedono a ogni piccola dote letteraria che uno sappia mostrare. Dovete però

completamente dele) quando surgisse a primeira vaga. Tio Carlo me disse que o golpe está dado, que eu cultive Marini e não pense em outra coisa. Eu o deixo falar, como sempre fiz. Marini não é homem de compromissos, e tem mil recomendações para essas vagas etc. Meu projeto é fazer com que algum estrangeiro inglês, alemão ou russo leve-me embora. Cancellieri, único ao qual comuniquéi essa minha ideia, a considera muito fácil, e, por conhecer muita gente, prometeu contribuir e me ajudar. Não se pode confiar muito em Cancellieri, mas vejo realmente que a coisa não é difícil; sei que ainda há procura de literatos italianos, conheço o nome de vários literatozinhos romanos que fizeram fortuna ou, então, que passam bem naqueles países; outros que encontro e conheço pessoalmente, que estiveram na Alemanha, na Inglaterra etc., foram e voltaram com as despesas pagas, e lá foram muito bem tratados e convidados a ficar; sei que alguns dos nossos foram convidados por Italinski, ministro da Rússia, e por outros como ele, a se mudarem e se estabelecerem em seus países com salários etc.; e, finalmente, vejo com meus próprios olhos quão pouco é preciso para ter sorte com esses Senhores estrangeiros, o quanto pequenas habilidades são pagas por eles com ótimo preço, quanto

sapere che la filosofia, e tutto quello che tiene al genio, insomma la vera letteratura, di qualunque genere sia, non vale un cazzo cogli stranieri: i quali non sapendo quasi niente d'italiano, non gusterebbero un cazzo le più belle produzioni che si mostrassero loro in questa lingua; e non prendono nessun interesse per chi brilla in un genere di studi inaccessibile per loro. Io dunque ho mutato abito, o piuttosto ho riassunto quello ch'io portai da fanciullo. Qui in Roma io non sono letterato (il qual nome, se vero, è inutile coi romani, inutile coi forestieri), ma sono un erudito e un grecista. Non potete credere quanto m'abbiano giovato quegli avanzi di dottrina filologica ch'io ho raccolto e raccapezzato dalla memoria delle mie occupazioni fanciullesche. Senza questi, io non sarei nulla cogli stranieri, i quali ordinariamente mi stimano, e mi danno molti segni d'approvazione. E perchè in una gran città dove pur c'è qualcuno che legga, è utilissimo, anzi necessario il metter fuori qualche cosa che ti faccia conoscere, e questa, o bene o male, ti fa conoscere immancabilmente, come mi son bene accorto; per questo ho voluto scrivere qualche bagattella (tutta erudita) che verrà fuori a momenti, e tu sarai il primo ad averne copia. Questo sarà il mio primo passo; dopo il quale (come n'ho molti esempi,

valor eles dão a cada pequeno dom literário que alguém demonstre. Saiba, porém, que a filosofia, e tudo o que concerne ao gênio, em suma, a verdadeira literatura, seja ela de que gênero for, não vale merda nenhuma para os estrangeiros, que, não sabendo quase nada de italiano, não conseguiriam apreciar uma linha sequer das mais belas produções mostradas a eles nesta língua; e não têm interesse algum por quem brilha em um gênero de estudos inacessível a eles. Por isso, mudei de hábito, ou melhor, retomei o que tinha quando criança. Aqui em Roma não sou literato (nome que, em seu sentido verdadeiro, é inútil com os romanos, inútil com os estrangeiros), sou erudito e grecista. Não pode imaginar quanto me ajudaram os restos de doutrina filológica que reuni e recuperei da memória das minhas ocupações infantis. Sem elas eu não seria nada com os estrangeiros, que normalmente me estimam e dão muitos sinais de aprovação. E, visto que em uma grande cidade, onde há alguém que leia, é utilíssimo, aliás, necessário divulgar algo que te torne conhecido e, bem ou mal, isto te torna conhecido inevitavelmente, como pude perceber, quis escrever alguma bobagem (totalmente erudita) que sairá em breve, e serás o primeiro a ter uma cópia. Este será meu primeiro passo, depois do qual

anzi quotidiani) è probabile che diversi forestieri, ministri, ec. desiderino di conoscermi, e allora procureremo di cavar qualche ragno. In Roma, benchè meno assai che nell'altre capitali, pur c'è qualche vita; e molte bagattelle giovano, e capitano vari mezzi di guadagnare e d'andare avanti per qualche strada. Anzi, s'io mi contentassi di certe occupazioni piuttosto umili, avrei già trovato diverse occasioni di guadagnare, (non presso il governo, ma presso i privati), e colla sola letteratura mi potrei ben ripromettere di campare in Roma, non da Signore, ma di campare. Basta, vedremo: e intanto m'è necessarissima la lingua francese, la quale mi dicono che parlo bene; e in verità non mi dà gran fastidio il parlarla; ma tu non puoi credere che orrenda pena e fatica sia il capirla nelle bocche de' forestieri, i quali ci mettono una gorgia tale che muta e confonde affatto la sembianza delle parole, dimodochè queste v'arrivano all'orecchio tutte diverse da quelle che voi conoscete. La parlano in gran fretta, e bisogna che tu stii sempre coll'orecchio e coll'animo in una attenzione minutissima, e non interrotta neppure un momento; ch'è un vero sudar freddo. Accèrtati che questa difficoltà è propriamente grande; e per vincerla, non basta saper bene la lingua. Ma l'assuefazione rimedierà tutto. Che queste cose

(tenho tantos exemplos, aliás, cotidianos) é provável que vários estrangeiros, ministros etc. desejem me conhecer, e então tentaremos conseguir algo. Embora menos que em outras capitais, em Roma há alguma vida; muitas bagatelas ajudam, e surgem vários meios para ter um ganho e seguir adiante por alguma estrada. Pelo contrário, se eu me contentasse com certas ocupações bastante humildes, já teria tido diversas ocasiões para ganhar um dinheiro (não com o governo, mas com particulares), e poderia propor-me a viver em Roma só de literatura, não como um Senhor, mas viver. E agora chega, veremos. Por enquanto, me é muito necessária a língua francesa, a qual dizem que falo bem, e, na realidade, não me incomoda falá-la. Mas não imaginas o sacrifício horroroso e o esforço que é entendê-la na boca dos estrangeiros, que têm uma pronúncia que muda e confunde completamente a aparência das palavras, de modo que estas chegam aos ouvidos totalmente diferentes das que se conhecem. Falam tão depressa, e é preciso estar sempre com o ouvido e o espírito tão atentos, sem nem um minuto de interrupção, que realmente se sua frio. Podes estar certo de que essa dificuldade é bem grande, e, para vencê-la, não basta saber bem a língua. Mas o hábito irá remediar

tu non le debba dire a nessuno, sarebbe una sciocchezza lo scrivertelo. Mi guardo bene di fare il menomo cenno della mia intenzione a' miei ospiti. Caro Carlo, puoi ben credere s'io t'amo, e quale mi debba comparire per se stesso il pensiero d'allontanarmi da te. Ma questo è forse un sogno e io so bene che tu vorresti che avesse un qualche corpo. Ti dico in verità che quando anche io l'avessi già conseguito, non proverei alcun senso d'allegrezza: ma quantunque io sia già incapace affatto di godere, e incapace per sempre; Roma mi ha fatto almeno questo vantaggio di perfezionare la mia insensibilità sopra me stesso, e di farmi riguardare la mia vita intera, il mio bene, il mio male, come vita, bene, male altrui. Ti ringrazio soprattutto de' ragguagli che mi dai di te stesso al che vedi che io corrispondo con usura. Vorrei che non ti stancassi, e non ti annoiassi di seguitare. Ma quanto più vorrei, non dico saperti felice o contento, chè questi son sogni per noi; ma trovarmi teco, ed essere partecipe di tutto il tuo, e tu di tutto il mio, come siamo pure stati per tutta la vita finora. E certo che lo saremo finchè avremo fiato, se tu non dubiti di me. Ma questo è il più raro nella nostra amicizia, che l'uno di noi non dubita che l'altro possa mai dubitare di lui. Ti bacio.

tudo. Que essas coisas não debes dizer a ninguém é inútil escrever. Cuido para não dar o menor sinal da intenção que tenho aos meus hospedeiros. Caro Carlo, sabes bem que te amo, e o que representa para mim o simples pensamento de me afastar de ti. Mas isso talvez seja um sonho, e sei bem que gostarias que tivesse um corpo. Devo dizer que, na verdade, mesmo se conseguir, não teria sentimento algum de alegria, pois sou inteiramente incapaz de alegrar-me, e incapaz para sempre; Roma ao menos me deu esta vantagem de aperfeiçoar a minha insensibilidade em relação a mim mesmo, de olhar minha vida toda, meu bem, meu mal, como vida, bem, mal alheio. Agradeço sobretudo as notícias que me dás de ti, às quais vês que retribuo com juros. Gostaria que não te cansasses, e não te incomodasses de continuar. Mas gostaria mais ainda, não digo de ver-te feliz ou contente, pois isto são sonhos para nós, mas de me encontrar contigo, e ser partícipe de tudo o que é teu, e tu, de tudo o que é meu, como sempre fomos a vida toda até agora. E é certo que seremos enquanto respirarmos, se não duvidas de mim. Mas isto é o que mais vale em nossa amizade: que nenhum de nós jamais duvida que o outro possa duvidar dele. Beijo-te.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 24 del 1823.]

Carissimo Signor Padre
 Ricevo la sua graziosissima dei 20. Come scrissi già coll'ordinario passato, i miei geloni, grazie a Dio ed alla mia pazienza, son guariti. Ieri tornai ad uscire per la prima volta dopo 13 giorni. Oggi piove, come ha fatto per tutta quanta la settimana passata, e se dura così, il Carnevale vorrà esser magro, e si dovranno mangiare in casa i confetti ch'Ella così gentilmente mi regala. Farò valere la pagella nel miglior modo possibile. Del Cav. Marini, dopo la morte di sua moglie, corse qui in Roma quella voce di cui Ella mi domanda. Ma egli se ne ride, e invece della prelatura, è verisimile che prenda un'altra moglie. D. Luigi Santacroce era l'altra sera al teatro, e non so ch'abbia avuto alcun male. Tornano i discorsi di guerra, ma non so con quanto fondamento. La promozione è stata prorogata fino a Quaresima. La prego a incaricarsi de' miei saluti, e baciandole amorosamente la mano mi confermo

Suo affezionatissimo figlio
 Giacomo

Roma 24 del 1823.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 24 de 1823.]

Caríssimo Senhor Pai,
 Recebo a sua cordialíssima do dia 20. Como escrevi com o correio passado, as minhas frieiras, graças a Deus e à minha paciência, estão curadas. Ontem voltei a sair pela primeira vez depois de 13 dias. Hoje está chovendo, bem como na semana passada toda, e se continuar assim, o Carnaval será magro, e os confeitos que o senhor gentilmente me presenteou terão que ser comidos em casa. Farei valer o depósito do melhor modo possível. Quanto ao Cavalheiro Marini, depois da morte de sua mulher, correu aqui em Roma o boato sobre o qual o senhor me pergunta. Mas ele se diverte com o que falam, e ao invés da carreira eclesiástica, é bem possível que se case de novo. Dom Luigi Santacroce estava outra noite no teatro, e não sei se teve algum problema de saúde. Voltou a se falar sobre a guerra, mas não sei com que fundamento. A promoção foi prorrogada até a Quaresma. Peço que transmita as minhas saudações; beijo-lhe a mão amorosamente e me confirmo

Seu afeiçoadíssimo filho
 Giacomo

Roma, 24 de 1823.

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma] 28 Gen.[1823]

Cara Paolina

La tua lettera m'è stata molto gradita, come sempre mi saranno quelle che mi scriverai, ma mi dispiace pur molto di sentirti così travagliata dalla tua immaginazione. Non dico già dalla immaginazione, volendo inferire che tu abbi il torto, ma voglio intendere che di lì vengono tutti i nostri mali, perchè infatti, non v'è al mondo nè vero bene, nè vero male, umanamente parlando, se non il dolore del corpo. Vorrei poterti consolare, e procurare la tua felicità a spese della mia; ma non potendo questo, ti assicuro almeno che tu hai in me un fratello che ti ama di cuore, che ti amerà sempre, che sente l'incomodità e l'affanno della tua situazione, che ti compatisce, che in somma viene a parte di tutte le cose tue. Dopo tutto questo non ti ripeterò che la felicità umana è un sogno, che il mondo non è bello, anzi non è sopportabile, se non veduto come tu lo vedi, cioè da lontano; che il piacere è un nome, non una cosa; che la virtù, la sensibilità, la grandezza d'animo sono, non solamente le uniche consolazioni de' nostri mali, ma anche i soli beni possibili in

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 28 de Janeiro de [1823.]

Cara Paolina,

Tua carta agradou-me muito, e assim será sempre que me escreveres; mas também me desagrada muito sentir-te assim atormentada pela tua imaginação. Não digo que não tenhas razão de sofrer por conta da imaginação, mas que de lá vêm todos os nossos males, pois, de fato, não há no mundo nem verdadeiro bem nem verdadeiro mal, humanamente falando, a não ser a dor do corpo. Gostaria de poder te consolar e proporcionar a tua felicidade à custa da minha. Mas, como não posso, ao menos te asseguro de que tens em mim um irmão que te ama de coração, que te amará sempre, que sente a incomodidade e a angústia da tua situação, que te compadece, em suma, que participa de todas as coisas tuas. Depois disso, não será preciso repetir que a felicidade humana é um sonho, que o mundo não é belo, aliás, não é suportável, a não ser visto como o vês, isto é, de longe; que o prazer é uma palavra, não uma coisa; que a virtude, a sensibilidade, a grandezza de espírito não só são os únicos consolos para os nossos males, como os únicos bens

questa vita; e che questi beni, vivendo nel mondo e nella società, non si godono nè si mettono a profitto, come sogliono credere i giovani, ma si perdono intieramente, restando l'animo in un vuoto spaventevole. Queste cose già le sai, e non solo le sai, ma le credi; e nondimeno hai bisogno e desideri di vederle coll'esperienza tua propria; e questo desiderio ti rende infelice. Così accadeva a me, così accade e accaderà eternamente a tutti i giovani, così accade agli uomini ancora e agli stessi vecchi, e così porta la natura. Vedi dunque quanto io sono lontano dal darti il torto. Ma io voglio che per amor mio tu facci qualche sforzo, ti approfitti un poco della filosofia, procuri di rallegrarti alla meglio, come io so per lunga esperienza che si può fare anche nel tuo stato, niente meno che in qualunqu'altro. E finalmente non voglio che ti dispergi; perchè dentro un giorno può svanire la causa delle tue malinconie, e questo è probabilissimo che avvenga; anzi è facilissimo; anzi, andando le cose naturalmente, è certissimo. Quello ch'io potrò per te, devi credere che lo farò. Intanto divertiti. Credi tu ch'io mi diverta più di te? No sicuramente. Eppure in questi ultimi giorni ho fatto, e seguo a fare, una vita molto divagata. Ma tieni per certa questa massima riconosciuta da tutti i filosofi, la quale ti potrà

possíveis nesta vida; e que esses bens, vivendo no mundo e na sociedade, não são desfrutados nem aproveitados, como costumam crer os jovens, mas se perdem completamente, ficando a alma em um vazio assustador. Destas coisas já sabes, e não só sabes como acreditas nelas; e, assim mesmo, tens necessidade e desejo de vê-las por experiência própria; e este desejo te torna infeliz. Assim acontecia comigo, assim acontece e acontecerá eternamente com todos os jovens, assim acontece também com os homens e com os velhos, e assim é a natureza. Vês, portanto, quanto estou distante de dizer que não tens razão. Mas, por amor a mim, quero que faças um esforço, uses um pouco a filosofia, procures te alegrar da melhor forma, como sei, por longa experiência, que é possível fazer mesmo no teu estado, assim como em qualquer outro. E, finalmente, não quero que te desespere; pois de um dia para o outro pode desaparecer a causa da tua melancolia, e é muito provável que isto aconteça, aliás, probabilíssimo; aliás, se as coisas seguirem seu rumo natural, é certíssimo. O que puder fazer por ti, debes acreditar que farei. Por enquanto diverte-te. Pensas que me divirto mais que tu? Certamente que não. E, assim mesmo, nos últimos dias, tenho levado e continuo levando uma

consolare in molte occorrenze; ed è che la felicità e l'infelicità di ciascun uomo (esclusi i dolori del corpo) è assolutamente uguale a quella di ciascun altro, in qualunque condizione o situazione si trovi questo o quello. E perciò, esattamente parlando, tanto gode e tanto pena il povero, il vecchio, il debole, il brutto, l'ignorante, quanto il ricco, il giovane, il forte, il bello, il dotto: perchè ciascuno nel suo stato si fabbrica i suoi beni e i suoi mali; e la somma dei beni e dei mali che ciascun uomo si può fabbricare, è uguale a quella che si fabbrica qualunqu'altro.

Forse, volendoti consolare, t'avrò annoiata con tanta filosofia. In ogni modo stammi più allegra che puoi, ed aspettami, ch'io ti consoli a voce; se pur già a quell'ora non sarai consolata dalla fortuna. Saluti ai genitori, ai fratelli, a Carlo in particolare. Io sto bene, e ti amo. Addio.

vida muito distraída. Mas tens por certa esta máxima reconhecida por todos os filósofos, que poderá consolar-te em muitas ocasiões: que a felicidade, e a infelicidade, de um homem (à parte as dores do corpo) é absolutamente igual à de outro em qualquer condição ou situação em que este ou aquele estiverem. E, por isto, falando concretamente, tanto gozam e sofrem o pobre, o velho, o fraco, o feio, o ignorante, quanto o rico, o jovem, o forte, o belo, o douto: pois cada um em seu estado constrói seus bens e seus males, e a quantidade de bens e males que um homem pode construir é igual a que constrói qualquer outro.

Ao querer te consolar, devo ter te entediado com tanta filosofia. De todo modo, fica o mais alegre que puderes, e espera que eu te console pessoalmente, se até lá a fortuna já não tiver te consolado. Saudações aos nossos pais, irmãos, a Carlo, em especial. Estou bem, e te amo. Adeus.

A FRANCESCO CANCELLIERI

[Sem data, ma Roma, fine
gennaio 1823]

Stimatissimo Sig. Abate
Padrone ed Amico

Cercando di soddisfare al mio impegno circa il procurare ai due Signori suoi amici l'ingresso ai Funerali di Canova, ho saputo che non si dispensano biglietti, ma è necessario essere introdotto da qualcuno degli Accademici promotori della funzione, i quali hanno una nota delle persone che vogliono introdurre. La prego dunque di farmi sapere i nomi dei due predetti Signori, ch'io non ho bene a memoria. Cercherò, quanto sarà possibile, di farli mettere in lista, e le saprò poi dire a quale Accademico si dovranno indirizzare nel punto dell'ingresso, per essere introdotti. E con piena stima ed amicizia mi confermo

Il Suo Dmo
Giacomo Leopardi

A FRANCESCO CANCELLIERI

[Sem data, mas Roma, fim de
janeiro de 1823]

Estimadíssimo Sr. Abade,
Patrão e Amigo,

Tentando cumprir o meu compromisso de conseguir ingressos para o Funeral de Canova para os dois amigos do senhor, soube que não se dispensam entradas, mas que é preciso ser apresentado por um dos Acadêmicos promotores da solenidade, que têm uma lista das pessoas que querem introduzir. Peço-lhe, então, que me faça saber os nomes dos dois Senhores mencionados, que não me lembro de memória. Tentarei, se possível, fazer com que sejam inseridos na lista, e saberei dizer-lhe depois a qual Acadêmico devam se dirigir na entrada, para serem introduzidos. Com plena estima e amizade, declaro-me

Seu Devotíssimo
Giacomo Leopardi

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 30.Gennaio 1823.]

Amatissimo Sig. Padre

Sono due ordinarij ch'io non ho lettere da casa, bench'io non abbia mai lasciato di scrivere. Da parecchi giorni il freddo è cessato, anzi abbiamo una specie di primavera. Io, grazie al cielo, sono guarito perfettamente da' geloni e sto benissimo. Siamo tutti in gran movimento per il carnevale incominciato oggi, e prevedo che in questi giorni non si potrà far nulla. Domani avremo i famosi funerali di Canova a SS. Apostoli, e l'ingresso a questa funzione è molto ricercato, come sono qui tutte le corbellerie. Saluti di tutti, e in particolare del zio Carlo. Le bacio la mano, e col solito invariabile affetto mi ripeto

il suo amorosissimo figlio

Giacomo

Roma 30. Gennaio 1823.

A N.N.

[s.d., ma Roma, primi mesi del
1823]

Stimatissimo Signore

Non voglio nè mostrar

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 30 de Janeiro de 1823.]

Amadíssimo Senhor Pai,

São dois correios que não recebo cartas de casa, embora eu nunca tenha deixado de escrever. Há alguns dias o frio foi embora, aliás, está uma espécie de primavera. Eu, graças aos céus, estou perfeitamente curado da frieira e muito bem. Estamos todos muito agitados por conta do Carnaval, que começou hoje, e acredito que nesses dias não será possível fazer nada. Amanhã teremos o famoso funeral de Canova na Igreja dos Santos Apóstolos, e o ingresso para esta solenidade está muito procurado, como são todas as tolices por aqui. Saudações de todos, em especial, do tio Carlo. Beijo-lhe a mão, e com o mesmo e imutável afeto, declaro-me

seu amorosíssimo filho

Giacomo

Roma, 30 de Janeiro de
1823.

A N.N.

[s.d., mas Roma, primeiros meses
de 1823]

Estimadíssimo Senhor,

Não quero nem

poca stima dell'occasione che iersera mi procurò la sua conoscenza, nè renderla tanto fastidiosa a V.S. quanto è grata ed onorevole a me. Non ho cosa che sia degna di Lei. Ma gli opuscoli che mio zio le nominò, essendo piuttosto fanciulleschi che giovanili, sono indegni anche di me, per pochissimo ch'io sia degno. In questi pochi versi V.S. dovrà perdonare molti e gravi errori alla stampa di Roma, che deturpano la lingua, e talvolta guastano i sentimenti. Dovrà perdonare anche a me una confidenza, ed è questa: che la terza canzone fu immediatamente proibita e confiscata per comando dello stesso Vicerè in tutto il Regno Lombardo-Veneto: la qual cosa insieme collacanzone ho tenuto sempre nascosta a tutti i miei parenti, che hanno opinioni ed inclinazioni molto diverse dalle mie. E perciò solo ardisco di manifestare a V.S. questa circostanza, affinch' Ella si compiaccia di usare in riguardo a questi versi la sua prudenza. Desidero vivamente di poter esser buono a qualche cosa di suo servizio, e a farmi perdonare la libertà che prendo nell'offerirle un dono così meschino come questo.

Suo Dmo Oblmo
 Servitore
 Giacomo Leopardi

demonstrar pouca estima pela occasião que tive ontem à noite de conhecê-lo, nem fazer com que se torne um incômodo tão grande à V. Sa. quanto o prazer e a honra que me proporcionou. Não tenho nada que seja digno do Senhor. Mas os opúsculos que meu tio mencionou, sendo mais infantis que juvenis, são indignos até de mim, por pouco digno que eu seja. Nestes poucos versos, V. Sa. deverá perdoar muitos e graves erros na publicação de Roma, que deturpam a língua, e, às vezes, destroem os sentimentos. Deverá perdoar também esta minha confissão: que a terceira canção foi imediatamente proibida e confiscada por ordem do Vice-rei em todo o Reino Lombardo-Vêneto, fato que, juntamente à canção, sempre mantive escondido de todos os meus parentes, que têm opiniões e inclinações muito diferentes das minhas. Por isto, faço questão de explicitar a V. Sa. esta circunstância para que o senhor faça o favor de ter prudência em relação a esses versos. Desejo vivamente poder servi-lo de algum modo, e que me perdoe a liberdade que tomo ao lhe oferecer um presente tão insignificante como este.

Seu Devotíssimo
 Obrigadíssimo Criado
 Giacomo Leopardi

A PIETRO GIORDANI

Roma, 1° febbraio 1823.

Mio divino amico. Non puoi pensare di quanta consolazione mi sia stato il rivedere i tuoi caratteri dopo tanto intervallo; benchè mi sconforti infinitamente l'intendere che i mali de' tuoi nervi durano ancora, contro quello che io sperava e che quasi mi prometteva. Sempre ch'io penso a te (il che avviene ogni giorno) e massimamente leggendo le tue lettere, mi prende un desiderio incredibile di rivederti e riabbracciarti e conversar teco lungamente, e mostrarti il mio cuore e contemplare il tuo; e se non consolarti dei rigori della fortuna, sottentrare ad alcuna parte delle molestie e della tristezza che ti aggravano. Credi che questo è il maggior desiderio ch'io m'abbia e ch'io sono determinato di conseguire a ogni modo, subito ch'io divenga padrone di qualche cosa. Ho veduto più volte monsignor Mai, che la prima volta che mi vide mi domandò di te, dicendo che da gran tempo mancava delle tue nuove. Lo rivedrò ben presto e gliene darò. Da lui ho ricevuto moltissime cortesie, ed intendo che suol dire molto bene di me. Vedrò certo e visiterò da tua parte l'ab. Canova.

A PIETRO GIORDANI

Roma, 1° de fevereiro de 1823.

Meu divino amigo. Não podes imaginar quanto consolo me deu rever tua letra depois de um intervalo tão grande, embora me desconforte infinitamente saber que teus males dos nervos ainda duram, ao contrário do que eu esperava e quase teria jurado. Sempre que penso em ti (o que acontece todos os dias) e, sobretudo ao ler tuas cartas, sou tomado por um desejo inacreditável de rever-te, reabraçar-te e conversar contigo longamente; mostrar-te o meu coração e contemplar o teu e, se não te consolar dos rigores da fortuna, tomar teu lugar em alguma parte das dores e da tristeza que te oprimem. Acredita que este é o meu maior desejo e que estou determinado a consegui-lo de todo modo, assim que me tornar dono de alguma coisa. Vi várias vezes o monsenhor Mai, que na primeira vez que me viu, perguntou de ti, dizendo que há tempos não tem notícias tuas. Irei revê-lo em breve e as darei. Fui tratado por ele com muita cortesia, e ouço dizer que costuma falar muito bem de mim. Certamente verei e visitarei de tua parte o abade Canova. O cavalheiro do qual me

Il cav. di cui tu mi parli deve avere qui molti nemici. Lo danno per un uomo finto, interessato, e per ispia del governo, e d'un tale ambasciatore. Io non so nulla. Che ti dirò di Canova? Vedi ch'io son pure sfortunato, come soglio, poichè quando aveva pure ottenuto, dopo tanti anni e tanta disperazione, d'uscire dal mio povero nido e veder Roma, il gran Canova, al quale principalmente era vòlto il mio desiderio, col quale sperava di conversare intimamente e di stringer vera e durevole amicizia col mezzo tuo, appena un mese avanti il mio arrivo in questa città piena di lui, se n'è morto. E la morte ha preso anche piacere d'uccidermi, quasi sul punto della mia mossa, alcune altre persone ch'erano qui, e che rivedendomi fuor d'ogni speranza loro e mia, si sarebbero rallegrate assai per l'affetto che mi portavano, ed io mi sarei confortato di vederle e di star con loro.

La letteratura romana, come tu sai benissimo, è così misera, vile, stolta, nulla, ch'io mi pento d'averla veduta e vederla, perchè questi miserabili letterati mi disgustano della letteratura, e il disprezzo e la compassione che ho per loro, ridonda nell'animo mio a danno del gran concetto e del grande amore ch'io aveva alle lettere. Ho recato qua certe piccole coserelle lungamente lavorate, che, non senza difficoltà

falas deve ter aqui muitos inimigos. Dizem que é um homem fingido, interesseiro e espião do governo e de certo embaixador. Não sei de nada. O que dizer de Canova? Vês que sou mesmo desventurado, como sempre, pois, depois de tantos anos e tanto desespero, quando consegui sair de meu pobre ninho e ver Roma, o grande Canova, que eu desejava especialmente conhecer e com o qual esperava conversar intimamente e estreitar amizade verdadeira e durável por teu intermédio, morreu apenas um mês antes de minha chegada nesta cidade impregnada dele. E a morte teve também o prazer de levar, quando eu estava quase a ponto de me mover, outras pessoas que aqui se achavam e que, se tivessem me visto, o que estava longe de nossas esperanças, teriam se alegrado muito pelo afeto que me tinham, e eu teria me confortado por vê-las e por estar com elas.

A literatura romana, como sabes muitíssimo bem, é tão mísera, vil, estúpida, nula, que me arrependo de tê-la visto e de vê-la, pois esses miseráveis literatos fazem-me desgostar da literatura; o desprezo e a compaixão que tenho por eles redundam em meu espírito, prejudicando o grande conceito e o grande amor que tinha pelas letras. Trouxe para cá algumas pequenas coisinhas trabalhadas por muito tempo, que

ed ostacoli, pur mi riescirebbe di stampare in questa città; ma son molto sospeso perchè tutto quello che si pubblica qui, se non sono assolute vanità e follie, mi pare che sia gittato e perduto. Lasciando per lo più da parte i romani e gl'italiani, converso cogli stranieri, de' quali abbiamo ora alcuni di molto merito e fama. Ch'io trovi uno stabilimento o in Roma (dove mi sarebbe difficile di passare i mesi caldi) o nello Stato, mi pare molto inverosimile. Ma nondimeno questo sarebbe il mio desiderio. Una piccolissima rendita mi basterebbe. Non mi curo della ricchezza, ma solamente della libertà, che non si può possedere da chi non ha niente di suo da vivere. Nè anche mi curo delle Capitali. Una città mediocre mi contenterebbe. Ma questo poco ch'io desidero, non ho quasi speranza di conseguirlo in questo paese, massimamente avendo pochissimo ardire di domandarlo. Mi va molto per la mente di collocarmi con qualche ricco forestiere che mi porti nel suo paese, dove lavorando e scrivendo chi sa ch'io non potessi vivere mediocrementemente? So che i ministri esteri che sono in questa corte fanno qualche ricerca di letterati o scienziati da mandare ai loro paesi; che hanno fatto questa proferta ad alcuni che non l'hanno accettata, ad altri che accettatala, oggi si trovano con qualche comodità, e pur sono persone di

até conseguiria publicar nesta cidade, não sem dificuldade e obstáculos; mas estou muito incerto, pois tudo o que se publica aqui, se não é absoluta vaidade e loucura, parece jogado fora e perdido. Deixando de lado os romanos e os italianos, converso com os estrangeiros que aqui vivem, alguns dos quais de muito mérito e fama. Que eu consiga estabelecer-me em Roma (onde seria difícil para mim passar os meses quentes) ou no Estado, parece-me algo improvável. Mas apesar disto, este seria o meu desejo. Uma pequenina renda me bastaria. Não me importo com a riqueza, mas somente com a liberdade, que alguém que não tem nada de seu para viver não pode possuir. Nem me importo com as Capitais. Uma cidade mediana me contentaria. Mas este pouco que desejo quase não tenho esperança de conseguir neste país, sobretudo tendo pouquíssima vontade de pedir. Tem-me passado muito pela mente unir-me a algum rico estrangeiro que me leve ao seu país, onde, quem sabe trabalhando e escrevendo eu possa viver modestamente? Sei que os ministros estrangeiros que vivem nesta corte estão procurando literatos ou cientistas a mandar para os seus países; que fizeram esta proposta a alguns que não aceitaram, e a outros que, tendo aceito, acham-se hoje com alguma comodidade, mesmo

poco talento, e di quella dottrina che hanno potuto acquistare in Roma, giacchè non parlo se non di romani. So che i disegni che ho concepiti e gli abbozzi che ho fatti in tanto tempo di solitudine, non si possono per niun modo colorire nè condurre a fine in Italia, o coloriti e finiti che fossero, dovrebbero restare sul mio scrittoio; e d'altra parte, appresso a poco io non voglio scrivere se non secondo quei miei disegni, o secondo la specie o la natura di quelli. Dimmi, ti prego, il parer tuo; se credi possibile d'uscir di qua e viver bene fuori di qua; se credi che questo mi convenga; se pensi che l'utilità sia maggiore o minore della difficoltà e del travaglio che si richiede a questo effetto.

La traduzione di mio zio era fatta da un'opera tedesca del conte di Stolberg, la quale contiene a un dipresso il vangelo. Mio zio v'aveva aggiunta una prefazione, non sullo stile del Passavanti, ma fatta per quel secolo. Ti mandava il suo lavoro per testimonio della memoria che tiene di te, e dell'altissima stima che ti professa. L'una e l'altra son vere e costanti, e di ciò, mancandoti finora il suo dono e la sua lettera, ti posso far piena fede io medesimo. Ti saluta, ed ha già scritto per vedere di raddrizzarti il suo piego. Carlo e Paolina stanno bene di corpo, e saranno molto contenti d'aver le tue nuove, chè

sendo pessoas de pouco talento e com o conhecimento que puderam adquirir em Roma, já que falo só de romanos. Sei que os projetos que concebi e esbocei em tanto tempo de solidão não podem ser aperfeiçoados nem levados a cabo na Itália, ou se fossem aperfeiçoados e concluídos, teriam que ficar na minha escrivanía; e, por outro lado, quase não quero escrever, senão conforme aqueles meus projetos, ou conforme o seu tipo ou natureza. Diz o que achas, por favor; se acreditas que é possível sair daqui e viver fora; se acreditas que isto me convém; se pensas que a utilidade é maior ou menor que a dificuldade e o sofrimento necessário para realizá-lo.

A tradução de meu tio era feita a partir de uma obra alemã do conde Stolberg acerca do evangelho. Meu tio havia acrescentado a ela um prefácio, não sobre o estilo de Passavanti, mas feito para aquele século. Mandava o seu trabalho como testemunho da lembrança que tem de ti, e da altíssima estima que te professa. Tanto uma quanto a outra são verdadeiras e constantes, mas como nem o presente nem a carta te alcançaram ainda, sou testemunha de que foram enviados. Ele manda lembranças, e já escreveu para tentar reenviar o pacote. Carlo e Paolina estão bem de

le avranno da me subito. Paolina non fu più sposa. Voleva, e ciò (lo confesso) per consiglio mio e di Carlo, fare un matrimonio alla moda, cioè d'interesse, pigliando quel signore ch'era bruttissimo e di niuno spirito, ma di natura pieghevollissima e stimato ricco. S'è poi veduto che questa ultima qualità gli era male attribuita, e il trattato ch'era già conchiuso, è stato rotto. Essa e Carlo ti amano ed hanno continua memoria di te, non credendo (come non credo io) poter trovare in tutta la vita loro un cuore e uno spirito come il tuo. Che tu segua ancora ad amarmi, bench'io non ne dubitassi, pur mi è così dolce il sentirlo da te, che non so qual'altra dolcezza e qual altro contento non darei di tutto cuore in cambio di questo. Ma che tu segua a patire mi rattrista assai più di quello ch'io potessi mai esprimere. Da gran tempo io porto questa opinione e questo quasi sentimento, che la vita e la sorte mia e la tua sieno come una sola, e che della tua felicità io debba essere felicissimo, e infelicissimo della tua infelicità. Scrivimi più spesso che puoi, perchè le tue lettere mi recano sempre un senso di vita che da parecchi anni io non soglio provare, si può dir, mai. Vedi ch'io t'ubbidisco e che scrivo di me così lungamente come non farei certo ad alcun altro, nè anche a te, se non fosse per compiacerti. Amami come fai. T'abbraccio e ti saluto con tutta l'anima. Addio,

corpo, e ficarão muito contentes de receber tuas notícias, que logo mandarei. Paolina não se casou. Por meu conselho e de Carlo (o confesso), ela queria fazer um matrimônio à moda, isto é, de interesse, casando-se com aquele senhor que era feíssimo e sem espírito algum, mas de natureza dócil e considerado rico. Depois se viu que esta última qualidade lhe era mal atribuída, e o acordo, que já estava feito, foi rompido. Ela e Carlo te amam e lembram-se continuamente de ti, não acreditando (como eu) poder encontrar ao longo da vida um coração e um espírito como o teu. Que sigas ainda me amando, embora disso eu não duvidasse, é tão doce ouvir de ti que, de todo coração, não sei que outra doçura e que outro contentamento eu poderia dar em troca. Mas, que continues sofrendo me entristece muito mais do que eu possa expressar. Há muito tempo trago comigo esta opinião, que é quase um sentimento: que a vida e a sorte tua e minha são como uma só, e que a tua felicidade me faz feliz, e a tua infelicidade, infeliz. Escreve-me o mais frequentemente que puder, pois tuas cartas me dão sempre um senso de vida que há muitos anos não costumo sentir, aliás, jamais. Vês que te obedeço e escrevo longamente sobre mim, como certamente não escreveria a ninguém, nem mesmo a ti, se não

carissimo ed unico amico. Addio.

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 5 de Febbraio [1823]

Caro Carlo. Dal tuono della tua lettera mi par di vedere che tu sei più allegro del solito, e non mi parrebbe inverisimile che tu ne fossi debitore ai colloqui avuti colla bella virtuosa, e a quei sentimenti che tu provi per lei, i quali credo che rassomiglino all'amore. Te ne felicito con tutta l'anima, e prendo parte ai tuoi sentimenti così da lontano, come ho preso parte ai geloni dell'*aimable chanteuse*; ma quanto al letto, tocca a te solo di prenderne parte, se puoi, come non credo. Ti ringrazio de' tuoi sonetti, a proposito de' quali mi viene quasi un sospetto che tu vogli divenire un altro Alfieri, colla differenza che questi si pose a studiare e comporre per la prima volta in età maggiore della tua, e tu in età minore non incominceresti gli studi, ma li riprenderesti, o piuttosto li continueresti. Certo è che i tuoi versi hanno moltissimo dell'Alfieresco, senza che tu forse

fosse para agradar. Ama-me, como fazes. Abraço-te e saúdo-te com toda a alma. Adeus, caríssimo e único amigo. Adeus.

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 5 de Fevereiro de [1823].

Caro Carlo. Pelo tom da tua carta parece que estás mais alegre que o normal, e não pareceria implausível que fosse devido aos colóquios tidos com a bela virtuosa, e aos sentimentos que tens por ela, que creio se assemelhem ao amor. Felicito-te por isso com toda a alma, e tomo parte em teus sentimentos assim de longe, do mesmo modo como tomei parte das frieiras da *aimable chanteuse*; mas, quanto à cama, cabe somente a ti dividir, se puder, o que duvido. Agradeço os teus sonetos, a propósito dos quais desconho que queiras te tornar um outro Alfieri, com a diferença de que ele se pôs a estudar e compor pela primeira vez em idade maior que a tua, e tu, em idade menor, não estarias começando a estudar, mas recomeçando ou continuando. Certamente teus versos têm muitíssimo de Alfieresco, sem que percebas talvez; e o motivo que te levaria à poesia seria o

te ne avvegga; e la cagione che t'indurrebbe alla poesia, sarebbe quella stessa d'Alfieri, cioè l'amore o una cosa di questa specie. Puoi credere, Carlo mio, quanto volentieri io farei qualunque cosa per te, cioè per me, giacchè tu ed io siamo stati e saremo sempre una stessa persona ipostatica, e non c'è bisogno di ripeterlo. Che Marini abbia una certa influenza sugli impieghi relativi ai catasti, è vero. Che ne sia padrone, non è vero, ma sono i soliti sogni e chimere di Zio Carlo, come ti scrissi. Io ho con lui una certa amicizia, ma di quelle amicizie fredde che si possono avere con persone occupate, che vedono un'infinità di gente ogni giorno, che hanno fatto fortuna a forza di travaglio, e con ciò si sono abitate all'egoismo, cioè al travagliare per se sole, giacchè se avessero travagliato per altri, non avrebbero fatto fortuna. In ogni modo è un uomo molto cortese; ci sarebbe forse anche il suo verso di prenderlo e d'affezionarselo, e se io ne potrò profittare per te, non potrò mancare di farlo. Mi congratulo con te dell'impressioni e delle lagrime che t'ha cagionato la musica di Rossini, ma tu hai torto di credere che a noi non tocchi niente di simile. Abbiamo in Argentina la Donna del Lago, la qual musica eseguita da voci sorprendenti è una cosa stupenda, e potrei piangere ancor io, se il

mesmo que o de Alfieri, isto é, o amor ou algo do gênero. Meu Carlo, podes acreditar o quão prazerosamente eu faria qualquer coisa por ti, ou melhor, por mim, já que tu e eu fomos e seremos sempre uma mesma pessoa hipostática, não é preciso repetir. Que Marini tenha certa influência nos empregos relativos aos cadastros é verdade. Que seja o patrão, não é verdade: são os costumeiros sonhos e quimeras do Tio Carlo, como escrevi. Tenho com ele certa amizade, mas daquelas amizades frias que se podem ter com pessoas ocupadas, que veem uma infinidade de pessoas a cada dia, que têm feito fortuna pelo próprio trabalho, e com isto se habituaram ao egoísmo, ou seja, a trabalhar somente para si, pois, se tivessem trabalhado para outros não teriam feito fortuna. De todo modo, é um homem muito cortês; talvez haja até um jeito de conquistá-lo e afeiçoá-lo, e se eu puder aproveitar para fazer algo por ti, não perderei a oportunidade. Congratulo-me contigo pelas impressões e lágrimas que te causaram a música de Rossini, mas não tens razão de pensar que não nos aconteça nada semelhante. Temos no Teatro Argentina a *Donna del Lago*, cuja música, executada por vozes surpreendentes, é algo estupendo, e até me faria chorar se o dom das lágrimas não estivesse suspenso

dono delle lagrime non mi fosse stato sospeso, giacchè m'avvedo pure di non averlo perduto affatto. Bensì è intollerabile e mortale la lunghezza dello spettacolo, che dura sei ore, e qui non s'usa d'uscire del palco proprio. Pare che questi fottuti Romani che si son fatti e palazzi e strade e chiese e piazze sulla misura delle abitazioni de' giganti, vogliano anche farsi i divertimenti a proporzione, cioè giganteschi, quasi che la natura umana, per coglionessa che sia, possa reggere e sia capace di maggior divertimento che fino a un certo segno. Non ti parlerò dello spettacolo del corso, che veramente è bello e degno d'esser veduto (intendo il corso di carnevale); nè dell'impressione che m'ha prodotto il ballo veduto colla *lorgnette*. Ti dico in genere che una donna nè col canto nè con altro qualunque mezzo può tanto innamorare un uomo quanto col ballo: il quale pare che comunichi alle sue forme un non so che di divino, ed al suo corpo una forza, una facoltà più che umana. Tu hai veduto di questi balli da festino, ma non hanno che far niente nè anche con quelli degli ultimi ballerini d'una pezza da teatro. Il waltz che questi talora eseguiscono, passa per un'inezia e una riempitura. In somma credimi che se tu vedessi una di queste ballerine in azione, ho tanto concetto dei tuoi propositi

em mim, pois percebo que não o perdi de todo. Mas é intolerável e mortal o tempo do espetáculo, que dura seis horas, e aqui não se tem o hábito de sair do próprio camarote. Parece que esses malditos Romanos, que fizeram palácios e estradas e igrejas e praças do tamanho das habitações dos gigantes, querem ter diversões da mesma proporção, ou seja, gigantescas, como se a natureza humana, por mais estúpida que seja, possa aguentar e ser capaz de diversão maior que até certo ponto. Sem falar do espetáculo da corrida, que é realmente linda e digna de ser vista (quero dizer a corrida de carnaval), e da impressão que me deu a dança vista com a *lorgnette*. Digo que, de modo geral, nem com o canto nem com outro meio uma mulher pode fazer um homem se apaixonar tanto quanto com a dança, que parece dar às suas formas um não sei quê de divino e, ao seu corpo, uma força, uma capacidade mais que humana. Viste essas danças de festa, mas elas não têm nada a ver nem com as danças mais recentes dos bailarinos de uma peça de teatro. A valsa, que eles às vezes dançam, é considerada uma coisa de nada e um preenchimento. Em suma, estou tão convencido de teus propósitos antieróticos que, podes acreditar, se visses uma dessas bailarinas em ação, acho que te apaixonarias no primeiro

anterotici, che ti darei per cotto al primo momento. E prima e dopo della tua lettera ho lasciato sfuggire non poche di quelle inavvertenze e imprudenze che tu mi perdoni. Per servirti ho anche raccontato in tavola le prodezze della bella. La cattiva era molto attenta, come suole. Non credere ch'ella abbia molte distrazioni: almeno per me le distrazioni ch'ella ha sarebbero molto poco. Sta' poi sicuro che non ti fabbrica diademi, perch'ella è veramente del sistema de' miei ospiti: uscire, vedere e tornare a casa: vita porca, della quale vorrebbero a parte anche me; s'io fossi uno stivale più largo e più lungo dell'Italia. Tornati a casa con più noia di quando sono usciti, se ne vendicano collo strapazzarsi a vicenda, e con cento bellissime allegrie che sono una consolazione a trovarcisi presente, come mi tocca: ma ci ho fatto l'osso più duro d'un marmo. Giordani, il quale mi scrive, dopo un anno e più di silenzio, con grandissimo entusiasmo, mi domanda con infinita premura di te e di Paolina e vi saluta. Ti saluto anch'io e t'abbraccio di cuore. Non mi dir più che m'abbia cura, perchè son guarito e sano come un pesce in grazia dell'aver fatto a modo mio, cioè non aver usato un cazzo di medicamenti, come volevano a ogni patto, ed essere stato in letto quanto m'è parso bene, che non la volevano

istante. E antes e depois da tua carta deixei escapar não poucas daquelas inadvertências e imprudências, que me perdoes. Como pediste, falei até das proezas da bela à mesa. A malvada estava muito atenta, como sempre. Não creias que ela tenha muitas distrações: pelo menos para mim, as distrações que ela tem seriam muito poucas. E depois, está certo de que ela não enfeita a tua testa, porque realmente segue o sistema dos meus hospedeiros: sair, ver e voltar para casa: uma vida besta, da qual queriam que eu também participasse, se fosse mais burro que uma porta. Ao voltar para casa mais entediados do que quando saíam, vingam-se, provocando um ao outro com centenas de alegrias que são um consolo para quem se encontra presente, como é o meu caso: mas já estou calejado. Giordani, que me escreveu com grandíssimo entusiasmo depois de mais de um ano de silêncio, pergunta com infinito zelo de ti e de Paolina, e os saúda. Também eu te saúdo e abraço de coração. Não digas mais que me cuide, pois estou curado e são como um peixe por ter feito do meu jeito, isto é, por não ter usado porcaria nenhuma de remédio, como queriam a todo custo, e por ter ficado na cama quanto me pareceu bom, o que ninguém queria. Adeus, adeus que é hora do almoço e iremos ouvir

in corpo. Addio, addio, ch'è ora di pranzo, e andremo a sentirne delle belle, secondo il solito.

A PIERFRANCESCO
LEOPARDI

[Roma] 8 Febbraio 1823.

Caro Pietruccio

Mi fate tanti ringraziamenti per una bagattella tale com'è quella ch'io vi mandai, che resto quasi obbligato io medesimo a ringraziarvi. Avevo saputo che vi siete fatto un bravo scrittore, benchè la prima volta che mi scriveste, non ci volessi credere; ma non sapevo che foste diventato poeta. Bciate la mano per me all'Apollò che v'ha ispirato, e ditegli che tutti noi stiamo benissimo. Bciate ancora la mano alla Mamma, e ditegli che il Zio Carlo la saluta tanto, e si chiama confuso del suo biglietto. Salutate i fratelli, vogliatemi bene e divertitevi questi ultimi giorni di Carnevale. Addio.

as maravilhas de sempre.

A PIERFRANCESCO
LEOPARDI

[Roma], 8 de Fevereiro de 1823.

Caro Pietruccio,

São tantos os agradecimentos por uma bobagem como a que mandei que vejo-me quase obrigado a agradecer-lhe também. Sabia que você havia se tornado um bom escritor, embora não quisesse crer da primeira vez que me escreveu; mas não sabia que havia se tornado um poeta. Beije por mim a mão do Apolo que o inspirou e diga-lhe que todos nós estamos muito bem. Beije também a mão da Mamãe e diga-lhe que Tio Carlo lhe manda lembranças e está confuso por seu bilhete. Lembranças aos irmãos, queira-me bem, e divirta-se nesses últimos dias de carnaval. Adeus.

A CARLO LEOPARDI

Roma la sera di Carnevale 1823

Caro Carlo mio. Ti scrivo per salutarti, e dirti che sto bene e ti voglio bene come sempre. Sono assordato dal maledetto strepito del Carnevale, di cui non ti parlo, perchè te lo puoi figurare. Spettacoli e poi spettacoli non sono mancati, non mancano e non mancheranno fino a sei ore e mezza. Poi il diavolo se li porterà in anima e in corpo, come tu sai. Domani farò il comodo mio: son dieci giorni che fo quello degli altri, e che ne debbo restare obbligato. Ti manderò fra poco le bagattellissime che ho stampate qui e pubblicate da qualche giorno. Salutami tutti. Nell'ultima mia mi scordai di soddisfare a una tua domanda. Mi chiedevi della salute di Marietta, la quale sta bene, e non ha mai più sofferto nè di convulsioni nè d'altro come tu temevi. Quanto alla robustezza, mi par che sia robustissima. Quanto alla floridezza, non è gran cosa; ma s'io mi ricordo bene, il suo colorito è stato sempre così.

Vogliami bene, ancorchè non è necessario il pregartene, ma questa clausola serve a conchiuder la lettera. Giorni sono fui a pranzo da Mons. Mai, dove a me e ad altri ch'erano presenti successe uno di quei casi curiosi che danno sempre da discorrere a

A CARLO LEOPARDI

Roma, noite de Carnaval de 1823.

Meu querido Carlo. Escrevo para saudar-te e dizer que estou bem e que te quero bem como sempre. Estou ensurdecido com o maldito tumulto do Carnaval, do qual não falo, porque podes imaginar. Espetáculos e mais espetáculos não faltaram, não faltam e não faltarão até as seis e meia. Depois, o diabo os levará embora em corpo e alma, como sabes. Amanhã farei o que me convier: há dez dias que sou obrigado a fazer o que convém aos outros. Irei mandar-te em breve as bobagens que estampeei e publiquei dias atrás. Lembranças a todos. Na minha última esqueci de responder uma pergunta tua. Perguntavas sobre a saúde de Marietta, que está bem, e não teve mais convulsões nem nada, como temias. Quanto a estar forte, parece-me fortíssima. Quanto à aparência, não tanto; mas, se bem me lembro, sua cor sempre foi assim.

Quer-me bem, ainda que não seja preciso pedir, mas esta cláusula serve para concluir a carta. Dias atrás almocei com o Monsenhor Mai, quando ocorreu comigo e com outros um desses casos curiosos, que dão o que falar numa cidade que não faz

una città che non fa nulla, com'è accaduto in questa circostanza. Te lo racconterò a voce, sarebbe troppo lungo a scriverlo. Addio: ti do tanti baci, e ti ricordo il tuo antico Buccio.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma] 15 Febbraio 1823

Carissimo Sig. Padre

Ho ricevuto la Sua affabilissima degli 11 corrente, e l'altra che si compiacque di scrivermi a nome di Pietruccio, per la quale ho dovuto maravigliarmi che fra le Sue occupazioni presenti Ella possa e voglia darsi tanto pensiero di me. Che Ella non mi scrive frequentemente per non obbligarmi a rispondere, spero che lo abbia detto contro il Suo sentimento, perch'Ella sa che niente mi può essere più caro delle Sue lettere e del trattenermi con Lei, scrivendole, o rispondendole. Il zio Carlo ha lodato molto e ammirato le cure da Lei prese per lo splendido ricevimento del Delegato. Loda ancora il progetto del nuovo teatro, e si mostrò subito disposto a sottoscrivere, benchè donna Marianna borbottasse assai da principio. Ora pare che anch'essa

nada, como aconteceu nesta circunstância. Contarei pessoalmente, pois seria longo demais para escrever. Adeus: muitos beijos e recordações do teu antigo Buccio.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma], 15 de Fevereiro de 1823.

Caríssimo Sr. Pai,

Recebi a sua afabilíssima do dia 11 deste mês, e a outra que teve a bondade de me escrever em nome de Pietruccio, e me surpreendeu que, entre as ocupações atuais, o senhor possa e queira preocupar-se tanto comigo. Que o senhor não me escreve frequentemente para não me obrigar a responder, espero que o tenha dito contra o seu sentimento, pois o senhor sabe que nada me é mais caro que suas cartas e que me dedicar a lhe escrever e responder. Tio Carlo elogiou muito e admirou todo o cuidado dispensado pelo senhor na esplêndida recepção do Delegado. Elogiou também o projeto do novo teatro e logo se mostrou disposto a assiná-lo, apesar de Dona Marianna reclamar desde o princípio. Agora parece que ela também esteja de acordo. Não acrescento mais nada

ci si accomodi. Non aggiungo altro in questo proposito perchè credo che il zio Carlo gliene scriverà egli stesso o direttamente o indirettamente. Io sto benissimo, e veramente dalla metà di gennaio l'inverno di Roma è terminato. Le piogge sono state frequenti, ma non si è più parlato di freddo; il quale quest'anno, non so per qual cagione, m'era riuscito nimicissimo, al contrario del solito. Saluti di tutti a tutti. Mi conservi il Suo amore, come sarà eterno verso Lei quello del

Suo affezionatissimo figlio
Giacomo

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 20 Febbraio [1823]

Ricevo la tua dei 9, nella quale smentisci le mie imputazioni ingiuriose alla tua costanza e alla tua esperienza in amore, e non mi lasci che rispondere. Non so chi ti abbia scritto del pranzo di Mai. Te ne scrissi io in altro proposito, ma questo fu in data posteriore alla tua lettera. Veramente poche consolazioni potrei provare uguali a quella di vedere effettuato il

a este respeito, pois creio que o próprio tio Carlo lhe escreverá direta ou indiretamente. Estou muito bem, e, desde a metade de janeiro, o inverno de Roma realmente terminou. As chuvas foram frequentes, mas não se falou mais de frio, que neste ano, não sei por que razão, havia se tornado um inimicíssimo meu, ao contrário do habitual. Saudações de todos a todos. Conserve-me o seu amor, assim como será eterno em relação ao senhor o amor de

Seu afeiçoadíssimo filho
Giacomo

A CARLO LEOPARDI

[Roma], 20 de Fevereiro de
[1823.]

Recebo a tua do dia nove, na qual desmentes minhas acusações injuriosas à tua constância e à tua experiência no amor, e não posso deixar de responder. Não sei quem te escreveu sobre o almoço do Mai. Escrevi sobre ele em outra situação, mas foi em data posterior à tua carta. Realmente poucos consolos podem ser comparados ao de ver realizado o

progetto che mi descrivi, circa il matrimonio di Paolina. Son certo che dal tuo lato non lascerai cosa che possa giovare a questo effetto. Non so e niuno può sapere se Paolina sarà contenta nel suo nuovo stato, e con questo compagno; ma tutti sappiamo di certo che per lei non v'è miglior partito, anzi nessun partito, se non quello di maritarsi presto, e, se è possibile, con un giovane. Salutala tanto da parte mia, ed esprimile i miei sentimenti come tu credi: in seguito dammi nuove di questo affare. Venerdì, 15 febbraio 1823 fui a visitare il sepolcro del Tasso, e ci piansi. Questo è il primo e l'unico *piacere* che ho provato in Roma. La strada per andarvi è lunga, e non si va a quel luogo se non per vedere questo sepolcro; ma non si potrebbe anche venire dall'America per gustare il piacere delle lagrime lo spazio di due minuti? È pur certissimo che le immense spese che qui vedo fare non per altro che per procurarsi uno o un altro piacere, sono tutte quante gettate all'aria, perchè in luogo del piacere non s'ottiene altro che noia. Molti provano un sentimento d'indignazione vedendo il cenere del Tasso, coperto e indicato non da altro che da una pietra larga e lunga circa un palmo e mezzo, e posta in un cantoncino d'una chiesuccia. Io non vorrei in nessun modo trovar questo cenere sotto un

projeto que me descreves acerca do casamento de Paolina. Estou certo de que da tua parte não deixarás de fazer o que puder para tal efeito. Não sei e ninguém pode saber se Paolina ficará contente em seu novo estado, e com este companheiro; mas todos sabemos que para ela este é o melhor partido, aliás, não há outro partido senão casar-se logo e, se possível, com um jovem. Dá-lhe um abraço de minha parte, e expressa-lhe os meus sentimentos como preferir: em seguida, dá-me notícias desse novo acordo. Sexta-feira, 15 de fevereiro de 1823, fui visitar o túmulo de Tasso e chorei. Este é o primeiro e único *prazer* que senti em Roma. A estrada para ir até lá é longa, e não se vai àquele lugar a não ser para ver o túmulo; mas não seria possível vir até da América para experimentar o prazer das lágrimas no espaço de dois minutos? É bem certo que os gastos imensos que vejo fazerem para ter um ou outro prazer são todos jogados fora, pois ao invés do prazer nada se obtém além do tédio. Muitos têm um sentimento de indignação ao ver as cinzas de Tasso cobertas e indicadas por algo que não passa de uma pedra larga, com cerca de um palmo e meio de comprimento, posta no cantinho de uma igreja. Mas de modo algum eu gostaria de encontrar estas cinzas sob um mausoléu. Podes compreender a quantidade de afetos que nasce da

mausoleo. Tu comprendi la gran folla di affetti che nasce dal considerare il contrasto fra la grandezza del Tasso e l'umiltà della sua sepoltura. Ma tu non puoi avere idea d'un altro contrasto cioè di quello che prova un occhio avvezzo all'infinita magnificenza e vastità de' monumenti romani, paragonandoli colla piccolezza e nudità di questo sepolcro. Si sente una trista e fremebonda consolazione pensando che questa povertà è pur sufficiente ad interessare e animar la posterità, laddove i superbissimi mausolei, che Roma racchiude, si osservano con perfetta indifferenza per la persona a cui furono innalzati, della quale o non si domanda neppur il nome, o si domanda non come nome della persona ma del monumento. Vicino al sepolcro del Tasso è quello del poeta Guidi, che volle giacere *prope magnos Torquati cineres*, come dice l'iscrizione. Fece molto male. Non mi restò per lui nemmeno un sospiro. Appena soffrii di guardare il suo monumento temendo di soffocare le sensazioni che avevo provate alla tomba del Tasso. Anche la strada che conduce a quel luogo prepara lo spirito alle impressioni del sentimento. È tutta costeggiata di case destinate alle manifatture, e risuona dello strepito de' telai e d'altri tali istrumenti, e del canto delle donne e degli operai

consideração do contraste entre a grandeza de Tasso e a humildade de sua sepultura. Mas não podes ter ideia de outro contraste, ou melhor, o que sente um olho acostumado à infinita magnificência e vastidão dos monumentos romanos ao compará-los com a pequenez e nudez deste sepulcro. Sente-se uma triste e fremente consolação, pensando que até mesmo esta pobreza é suficiente para interessar e animar a posteridade, enquanto os soberbíssimos mausoléus existentes em Roma são observados com perfeita indiferença pela pessoa para a qual foram erguidos, da qual não se pergunta nem mesmo o nome; ou se pergunta o nome do monumento, não da pessoa. Perto do túmulo de Tasso está o do poeta Guidi, que quis fazer *prope magnos Torquati cineres*, como diz a inscrição. Fez muito mal. Não me restou nem mesmo um suspiro por ele. Mal sofri ao olhar seu monumento, temendo sufocar as sensações que havia experimentado no túmulo de Tasso. Até a estrada que conduz àquele lugar prepara o espírito para as impressões do sentimento. É toda costeada por casas destinadas às manufaturas, e ecoa o ruído dos teares e de outros instrumentos, e o canto das mulheres e dos operários ocupados com o trabalho. Em uma cidade ociosa, dissipada, sem

occupati al lavoro. In una città oziosa, dissipata, senza metodo, come sono le capitali, è pur bello il considerare l'immagine della vita raccolta, ordinata e occupata in professioni utili. Anche le fisionomie e le maniere della gente che s'incontra per quella via, hanno un non so che di più semplice e di più umano che quelle degli altri, e dimostrano i costumi e il carattere di persone, la cui vita si fonda sul vero e non sul falso, cioè che vivono di travaglio e non d'intrigo, d'impostura e d'inganno, come la massima parte di questa popolazione. Lo spazio mi manca. T'abbraccio. Addio addio.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 22 Febbraio 1823]

Carissimo Sig. Padre
D. Pietro Cesanelli mi consegnò da sua parte il Varrone, di cui la ringrazio sommamente anche a nome di Melchiorri che n'è contentissimo, e la saluta. Il Zio Carlo mi disse e mi pregò d'avvisarla che aveva ricevuta la sua lettera, e avendole già scritto col corriere precedente, le avrebbe risposto o con questo o col venturo ordinario. Ella avrà già saputo dai fogli pubblici la morte del padre Trachini. Saprà ancora,

método, como são as capitais, é belo considerar a imagem da vida sintetizada, ordenada e ocupada por profissões úteis. Até as fisionomias e os modos da gente que se encontra por aquela rua têm um não sei quê de mais simples e de mais humano que as dos outros, e demonstram os costumes e o caráter de pessoas cuja vida se funda no verdadeiro e não no falso, isto é, que vivem de trabalho e não de intriga, de impostura, de engano, como a maior parte dessa população. O espaço está acabando. Te abraço. Adeus, adeus.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 22 de Fevereiro de 1823.]

Caríssimo Sr. Pai,
D. Pietro Cesanilli entregou-me de sua parte o Varrão, o qual lhe agradeço sumamente também em nome de Melchiorri, que está contentíssimo e se recomenda ao senhor. Tio Carlo me disse e pediu que lhe avisasse que recebeu sua carta e que, tendo já escrito com o correio anterior, responderá com este ou com o vindouro. O senhor já deve ter sabido pelas páginas públicas da

o poco si curerà di sapere le stabilite promozioni di dieci o undici soggetti al Cardinalato, i nomi de' quali non mi ricordo, benchè gli abbia sentiti almeno dieci volte. So che Dandini è destinato Vescovo d'Osimo, e Falsacappa di Ancona. Il freddo è tornato in questi ultimi giorni dopo un mese e più di primavera (non asciutta), ma è sopportabile anche senza fuoco, e tutti stiamo benissimo. Io fo molto moto, e sono ordinariamente in giro per le biblioteche. Saluti cordiali di tutti. Le bacio la mano, e domandando la sua benedizione mi ripeto

Suo amorosissimo figlio

Giacomo.

Roma 22 Febbraio 1823.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma] 7. marzo [1823]

Carissimo Sig. Padre

Sono cinque ordinarii continui ch'io manco di lettere sue o di casa. Non sapendo trovar colpa in me, spero che questo silenzio non derivi se non dalle sue occupazioni, o che tutto si debba alla posta. Noi stiamo, grazie a Dio, benissimo, e la

morte do padre Trachini. Deve saber também, ou tem pouco interesse em saber das promoções estabelecidas de dez ou onze indicados ao Cardinalado, nomes de que não me recordo, embora os tenha ouvido ao menos dez vezes. Sei que Dandini foi destinado a Bispo de Osimo, e Falsacappa, de Ancona. O frio voltou nestes últimos dias, depois de mais de um mês de primavera (não seca), mas é suportável inclusive sem fogo, e estamos todos muito bem. Faço muito movimento e circulo frequentemente pelas bibliotecas. Saudações cordiais de todos. Beijo-lhe a mão e, pedindo a sua benção, declaro-me

Seu amorosíssimo filho

Giacomo.

Roma, 22 de Fevereiro de 1823.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma], 7 de março de [1823].

Caríssimo Sr. Pai,

Há cinco correios seguidos não recebo cartas suas ou de casa. Não vendo como me culpar, espero que este silêncio seja motivado pelas suas ocupações ou que se deva aos correios. Nós estamos muito bem, graças a Deus, e a primavera começa a dar

primavera comincia a lasciarsi vedere. Sapendo ch'ella s'interessa delle cose mie, non voglio tacerle che da qualche tempo ho trovato mezzo di farmi incaricare del Catalogo de' Codici greci che sono nella Biblioteca Barberina; il qual Catalogo non era stato mai fatto, se non trascuratissimamente, e la maggior parte di quei codici, che non son pochi, era sconosciuta. Ho preso questo incarico colla speranza di far qualche scoperta, e di potermene servire, in caso che mi riuscisse di farne. Il che è difficilissimo in questa città, dove i Bibliotecari sono così gelosi ed avari come ignoranti, e non permettono quasi a niuno l'uso degl'infiniti codici che si conservano in queste librerie. Da parecchie settimane ho incominciato il Catalogo, e ultimamente, oltre varie scoperte minori, ho trovata un'operetta greca sconosciutissima, la quale essendo quasi intera, e di secolo e stile assolutamente classica, viene ad essere di tanta importanza quanto le più famose scoperte del nostro Mai. Sono ora occupato a copiarla, nel che debbo superare infinite difficoltà, perchè da una parte mi conviene combattere coll'oscurità del codice, e dall'altra sfuggire o deludere continuamente con vari pretesti la vigilanza del Bibliotecario. Per ora non si parlerà in nessun modo di questa scoperta, finchè non sia

seus sinais. Como sei que o senhor tem interesse pelas minhas coisas, não posso deixar de contar que há algum tempo encontrei um meio de encarregar-me do Catálogo dos Códices gregos que estão na Biblioteca Barberina; este Catálogo só havia sido feito de modo muito precário, e a maior parte dos códices, que não são poucos, era desconhecida. Peguei este encargo com a esperança de fazer alguma descoberta, e poder me servir dela, se fosse o caso, o que é difícilimo nesta cidade em que os bibliotecários são tão ciumentos e avaros como ignorantes, e quase não permitem que ninguém use os infinitos códices conservados nessas prateleiras. Há várias semanas comecei o Catálogo e, ultimamente, além de várias descobertas menores, encontrei um opúsculo grego desconhecidíssimo, que, estando quase inteiro, e sendo de século e estilo absolutamente clássico, é tão importante quanto as descobertas mais famosas do nosso Mai. Estou agora ocupado em copiá-lo, o que me faz ter que superar infinitas dificuldades pois, de um lado, tenho que lutar contra a obscuridade do código e, de outro, esquivar-me ou burlar continuamente a vigilância do Bibliotecário com vários pretextos. Por hora não se falará de modo algum desta descoberta até que o Catálogo esteja pronto e

finito il Catalogo, e trovato e copiato tutto quello che si troverà di nuovo e di buono nella Barberina. Solamente ho mostrato il Codice a un letterato tedesco, il quale è convenuto del pregio della scoperta, e mi ha confermato nelle mie congetture e opinioni intorno all'autore, al secolo ec. Quando sarà tempo, metteremo il campo a romore.

Le bacio la mano, e pregandola a non volermi privare delle sue nuove, e a ripetermi ch'ella mi ama, con tutto il cuore mi confermo

Suo amatissimo figlio
Giacomo.

A PIETRO GIORDANI

Roma, 10 Marzo 1823.

Mio incomparabile amico, La tenerissima vostra dei 16 del passato, benchè giunta qui a' 27 del medesimo, non mi è stata renduta se non con quelle dell'ultimo ordinario: solite negligenze di questa posta. In verità, mio caro, tu non fai torto a te medesimo negandoci la facoltà di riputarti per uomo unico di bontà e santità, ma fai pure ingiuria non dico al cuor nostro, ma certo al nostro intelletto, il

que eu tenha encontrado e copiado tudo o que houver de novo e bom na Barberina. Mostrei o Códice somente a um literato alemão, que concordou com o prestígio da descoberta, e confirmou minhas conjecturas e opiniões em torno ao autor, ao século etc. Quando for a hora, causaremos tumulto.

Beijo-lhe a mão e, pedindo que o senhor não me prive de suas notícias e repita o quanto me ama, declaro-me com todo o coração

Seu amatissimo filho
Giacomo.

A PIETRO GIORDANI

Roma, 10 de Março de 1823.

Meu incomparável amigo. A tua carinhosíssima do dia 16 passado, embora tenha chegado aqui dia 27 do mesmo mês, só foi entregue com as cartas do último ordinário: negligência costumeira deste correio. Na verdade, meu caro, não só és injusto contigo mesmo, negando-nos a capacidade de te considerar um homem de bondade e santidade únicas, como também ofendes, não digo nosso coração,

quale tu non vuoi che abbia tanto di avvedutezza da essersi già certificato e fermato per sempre nella opinione della tua squisita virtù. Che se a te non pare d'averne dato segni che bastino, ripeto che questa tua credenza non può degnamente procedere se non da poca stima che tu faccia della nostra sagacità e prontezza di mente. Ma se noi ti giudichiamo per quello che sei, non devi pensare che questo giudizio sia prematuro, e venga da inesperienza, e da facilità di giudicar bene degli uomini; quando tu vedi che noi ti stimiamo e predichiamo unico, appunto perchè sappiamo e sperimentiamo che tutti o quasi tutti gli altri sono dissimilissimi da te solo. Sicchè l'ammirazione che ti professiamo nasce dalla cognizione che abbiamo potuto conseguire della perversità degli uomini: perchè se noi ci fidassimo anche degli altri, che meraviglia ci farebbe che tu fossi, come sei, degnissimo di confidenza? Ora io per soddisfarti pienissimamente ti voglio anche dire che siccome l'amicizia fra te e noi cominciò prima della nostra vita civile, così quando fummo entrati nel mondo, fatta esperienza degli uomini, e abbandonati a uno per uno tutti gli errori giovanili non fu alcuno di noi tre che non chiamasse finalmente ad esame anche il concetto che avevamo della fedeltà e dell'amor tuo. Non per

mas certamente nosso intelecto, que não achas esperto o suficiente para já ter se certificado e confirmado para sempre a opinião de que a tua virtude é especial. Pois, se não crês ter dado sinais suficientes, repito que essa tua crença não pode ter outra procedência digna senão a pouca consideração que tens de nossa sagacidade e prontidão de mente. Mas se te julgamos por aquilo que és, não debes pensar que este julgamento é prematuro, e que provém da inexperiência e da facilidade de julgar bem os homens, pois vês que te estimamos e consideramos único justamente porque sabemos e experimentamos que todos ou quase todos os outros são muito diferentes de ti. De modo que a admiração que te professamos nasce do conhecimento que pudemos ter da perversidade dos homens: porque se confiássemos também nos outros, que surpresa nos causaria seres, como és, digníssimo de confiança? Pois bem, para te satisfazer plenissimamente, gostaria também de dizer que, como a amizade entre ti e nós começou antes de nossa vida social, à medida que fomos introduzidos no mundo e tivemos a experiência do convívio com os homens, e fomos abandonando, um por um, todos os erros juvenis, não houve entre nós três quem não tenha finalmente examinado até a

alcuna, ancor menomissima, cagione particolare che ci movesse a voler chiarirci di questo punto, ma per la ragione universalissima, che tutti o quasi tutti gli uomini, secondo noi, dovessero essere tristi e falsi, qual più qual meno. Ma questo dubbio (se pure si può chiamar dubbio) circa l'esser tuo, fu quasi come quello che i teologi permettono che si possa concepire intorno alle materie di fede avanti di averle considerate coll'intelletto; e non ebbe altro successo nè maggior durata di quella che i medesimi teologi suppongono e prescrivono intorno alle dette materie.

Carlo e Paolina sono stati consolatissimi d'aver notizia di te dopo tanta incertezza, e ti salutano con tutta l'anima. Vivono per verità con poca allegria; non è però che non abbiano competentemente disposto l'animo ad accettare quello che piaccia alla fortuna, e a sopportare modestamente il tedio di questa vita; la quale ora ch'io mi trovo in una gran capitale non so dove non sia misera e fastidiosa. Il zio Antici ti saluta, e spera che ti debba esser giunta la sua traduzione. Io parlo spesso e teneramente di te coi pochi che soglio vedere, con monsignor Mai, col buon vecchio di Cancellieri, con alcuni amici miei giovani, desiderosi della letteratura, i quali ho trovato che già ti leggevano, ti stimavano

opinione que tínhamos da tua fidelidade e do teu amor. Não por uma razão particular, ou mínima sequer, que nos levasse a querer esclarecer esse ponto, mas pela razão universalíssima de que, para nós, todos ou quase todos os homens devessem ser tristes e falsos, uns mais, outros menos. Mas esta dúvida (se é que se pode chamar de dúvida) acerca do teu ser foi quase como a que os teólogos permitem que seja concebida em relação aos assuntos da fé antes de tê-los considerado com o intelecto; e não foi mais bem sucedida nem durou mais que a dúvida que os mesmos teólogos supõem e recomendam em relação a esses assuntos.

Carlo e Paolina ficaram muito satisfeitos de ter notícias tuas depois de tanta incerteza, e te saúdam com toda a alma. Vivem, na verdade, com pouca alegria; não que não tenham preparado competentemente o espírito para aceitar o que agrada à fortuna e suportar modestamente o tédio desta vida, a qual, agora que me encontro em uma grande capital, não sei onde não seja misera e fastidiosa. Tio Antici manda lembranças, e espera que sua tradução tenha chegado. Falo sempre e carinhosamente de ti com os poucos que costume ver: com o monsenhor Mai, com o bom e velho Cancellieri, com alguns meus amigos jovens,

sommamente e ti amavano. L'ab. Rezzi tuo cittadino, e gesuita, bibliotecario della Barberina, mi pregò pochi giorni addietro di salutarti singolarmente a nome suo. Sono stato da Canova e ti ringrazio di questa conoscenza che m'hai procurata. Mi pare uomo degnissimo d'essere amato, capacissimo d'amare, e d'intendere i segreti dell'amore e della natura umana. Con lui non s'è quasi parlato se non di te. *Mai* ricevette la lettera che gli scrivesti ai 16 del passato, e per quello che mi disse dovrebbe averti risposto. Ma Canova non ha lettera tua se non di quaranta o cinquanta giorni addietro. Mi ha fatto molte profferte gentilissime per amor tuo. Non mancherò di stringermi seco il più ch'io possa, e veramente desidero di potere assai. L'altre amicizie che ho fatte qui (poichè me ne domandi) sono il cav. Marini, uomo dotto, come tu sai, e buono; e parecchi forestieri, come il prof. Tiersch di Monaco, Grecista celebre; il dottor Krarup Danese; il Ministro de' Paesi Bassi letterato e gentile; e il Ministro di Prussia, il quale spontaneamente mi ha preso a favorire in modo che da un padre non avrei potuto sperare altrettanto. Ha parlato efficacemente per me al segretario di Stato, e spera di riuscire, dicendo che ha molta amicizia con lui, e che stando sul partire (chè partirà fra quindici giorni)

desejosos de literatura, os quais soube que já te liam, estimavam e amavam. O abade Rezzi, teu conterrâneo, e jesuíta, bibliotecário da Barberina, pediu-me dias atrás que te saudasse particularmente em seu nome. Estive com Canova e agradeço o conhecimento que me proporcionaste. Parece-me um homem digníssimo de ser amado, e com grande capacidade de amar e de compreender os segredos do amor e da natureza humana. Com ele quase não se falou a não ser de ti. *Mai* recebeu a carta que escreveste a ele dia 16 passado e, pelo que me disse, deve ter respondido. Mas Canova não recebe uma carta tua há quarenta ou cinquenta dias. Foi muito gentil comigo por amor a ti. Não deixarei de me aproximar dele o quanto puder, e espero muito poder. As outras amizades que fiz aqui (visto que me perguntas) são o cavalheiro Marini, como sabes, homem douto e bom; alguns estrangeiros, como o prof. Tiersch, de Munique, Grecista famoso; o doutor Krarup, Dinamarquês; o Ministro dos Países Baixos, literato e gentil; e o Ministro da Prússia, que espontaneamente começou a me ajudar de um modo que nem de um pai eu poderia esperar. Ele conseguiu falar em meu nome com o Secretário de Estado e espera obter bom resultado, pois disse que tem muita amizade com

confida che non gli sarà negata una grazia ch'esso domanderà come l'ultima e colla maggiore istanza che gli sarà possibile. Oggi o domani debbo portargli una supplica pel Cardinale, dove chiederò una carica che mi dia tanto da poter vivere mediocrementemente e quietamente, che è tutto quello che io desidero. Ottenendo questo, porrò da parte il pensiero intorno al quale ti chiesi consiglio nell'ultima mia; perchè veramente non so come potrei sopportare di sottopormi a un privato, fosse pur buono ed umano, che non sarebbe facile a trovarlo tale. Ma, non volendo soggiacere ad un privato, non credo che potrei trovar mezzo d'uscir d'Italia; come adattandomi a questa soggezione, sarebbe facilissimo il conseguirlo.

Insomma io t'ubbidisco, e ti ragguaglio lungamente di tutte le cose mie. Ma tu che certo ricusi d'essere superato negli uffici scambievoli dell'amicizia, ti lasci pur vincere in questo, che laddove io ti parlo di me quanto tu vuoi, tu non mi parli di te neppur quanto si costuma cogli amici più freddi e volgari. Correggi questo difetto, ch'io te ne prego con tutta l'anima, e se puoi, rallegrami, se no, rattristami, chè certo o l'uno o l'altro mi dee seguire dalle tue nuove; ma l'uno o l'altro mi par molto da anteporre all'incertezza. Io t'amo quanto tu sai. Canova e Mai ti salutano caramente. Lascio

ele e, como está para partir (parte em quinze dias), crê que não será negado um último pedido seu, feito com o maior empenho possível. Hoje ou amanhã devo levar-lhe uma súplica para o Cardeal, na qual pedirei um cargo suficiente para que eu possa ter uma vida mediana e tranquila, que é tudo o que desejo. Se conseguir, deixarei de lado o pensamento sobre o qual te perguntei na minha última carta, pois realmente não sei como conseguiria suportar submeter-me a um particular, mesmo que fosse bom e humano, o que não seria fácil encontrar. Mas, se não quiser me submeter a um particular, não creio que possa encontrar um meio de sair da Itália; já me sujeitando, seria fácil consegui-lo.

Enfim, te obedeço e dou longas notícias de mim. Mas tu, que certamente recusas ser superado nos deveres mútuos da amizade, te deixas vencer neste, pois enquanto falo de mim como desejas, não me falas de ti nem quanto se costuma falar com os amigos mais frios e comuns. Corrije este defeito, peço-te com toda a alma e, se puderes, alegrame; senão, entristece-me, que certamente um ou outro é consequência das tuas novas; mas um ou outro parece melhor que a incerteza. Eu te amo quanto sabes. Canova e Mai mandam lembranças. Deixo de escrever, mas não de pensar em ti, pois

di scriverti, ma non di pensare a te, perchè devi stimare ch'io t'ho sempre nell'animo, e spessissimo nella bocca. Addio caro ed unico amico ed uomo. Addio. Addio.

A CARLO LEOPARDI

Roma 12 Febbraio [ma marzo]
1823.

Caro Carlo. È veramente perduta la lettera nella quale mi domandavate del preteso trattato di nozze tra Marietta e Graziani. Dico, preteso, perchè non ne ho sentito mai nulla, nè potuto sospettar nulla, e dal tuono dei discorsi che si fanno qui, dove tutti parlano molto liberamente e apertamente sopra tutti gli affari e le persone di casa, rilevo che questo e qualunque altro trattato simile sia un'assoluta chimera. Ho domandato a Donna Marianna della vostra Sinfonia, della quale non so perchè questa befana m'avesse fatto finora un mistero. M'ha risposto che l'ha ricevuta, e che ve lo fece scrivere da Marietta a Paolina, e vi fece anche dire che non vi scriveva essa medesima per non disturbarvi *nelle vostre grate occupazioni. Capite? nelle sue grate occupazioni? così*

deves considerar que te tenho sempre em minha alma, e frequentemente em minha boca. Adeus, caro amigo e homem único. Adeus. Adeus.

A CARLO LEOPARDI

Roma, 12 de Fevereiro [mas
março] de 1823.

Caro Carlo. Realmente se perdeu a carta na qual me perguntava do possível acordo de casamento entre Marietta e Graziani. Digo possível, pois não ouvi falar mais nada sobre o assunto, nem pude desconfiar de nada e, pelo tom das conversas que acontecem aqui, em que todos falam muito livre e abertamente sobre todas as coisas e pessoas da casa, deduzo que este e qualquer outro acordo símile seja uma absoluta quimera. Perguntei à Dona Marianna da sua Sinfonia, em torno à qual não sei por que essa bruxa criava um mistério. Respondeu-me que a recebeu, e que pediu a Marietta que escrevesse a Paolina, dizendo inclusive que não lhe escrevia ela mesma para não atrapalhar *em suas gratas ocupações. Entendeu? em suas gratas ocupações? Assim*

proprio: nelle sue ec. Questo mi ha detto quella befana, e in questo modo, ridendo. Assolutamente o non è vero che voi mi abbiate scritto della musica mandatavi da Donna Marianna, o la lettera in cui me ne scriveste non mi è mai capitata. Marietta è stata in letto uno o due giorni, perchè qui, se uno si sente debole di stomaco per non aver mangiato, va a letto e chiama il medico. Aveva un menomissimo raffreddore, del quale è guaritissima. Farò a Donna Marianna la vostra ambasciata quest'altro ordinario, quando gli arriverà il vostro franco, perchè i franchi tardano sempre un ordinario come sapete. Il P. Latini francescano, che si lusingava dopo la morte di Trachini d'esser fatto procurator generale, per quanto ho potuto sapere, non predica quest'anno in nessun luogo, ed è qui in Roma nel Convento di SS. Apostoli. Dicono che abbia avuto grandissimo incontro predicando qui, non so che anno addietro; che sia un uomo di molto spirito, di gran fuoco, ec. ec.: in somma farà benissimo a Recanati. Non so a quali esami tu possa credere che vadano soggette le lettere indirizzate a me. Se per parte de' miei ospiti, le lettere non passano per le loro mani. Se per parte del governo, t'inganni; perchè in verità tutto viene dalla negligenza di quest'uffizio postale che non da' le lettere se non quando gli

mesmo: em suas etc. Foi o que me disse aquela bruxa, e deste modo, rindo. Não é absolutamente verdade que me escreveu da música que Dona Marianna lhe mandou ou a carta que escreveu não chegou. Marietta esteve de cama um ou dois dias, pois aqui, se alguém se sente fraco do estômago por não ter comido, vai para a cama e chama o médico. Estava um pouquinho resfriada, mas já está curadíssima. Darei seu recado a Dona Marianna no próximo correio, quando chegar a soma que envia a ela, porque o dinheiro atrasa sempre um correio, como sabe. O Padre franciscano Latini, que, depois da morte de Trachini, esperava ser nomeado procurador-geral, do quanto pude saber não rezerá missa em lugar nenhum este ano, e está aqui em Roma no Convento dos Santos Apóstolos. Dizem que teve grandíssima recepção pregando aqui, não sei em que ano passado; que é um homem de muito espírito, de grande entusiasmo etc. etc.; enfim, fará muito bem a Recanati. Não sei a que tipo de exame tu acreditas que as cartas endereçadas a mim sejam submetidas. Se por parte dos meus hospedeiros, as cartas não passam pelas mãos deles. Se por parte do governo, te enganas; na verdade, tudo vem da negligência desta agência do correio, que só entrega as cartas quando lhe é cômodo. Com o

torna comodo. Coll'ultimo ordinario ho avuto una lettera di mio padre del 28 febbraio, segnata qui coll'impronta 2 *Marzo*, e per consequenza arrivata due ordinarii prima. Una lettera di Giordani del 16 Febbraio, segnata qui 27 *Febbraio*, m'è stata pur consegnata ai 9 di questo. Le ultime tue e di Paolina mi sono state rese subito, perchè portano l'indirizzo *in casa Antici*. D'ora innanzi non lasciar mai di metterlo, e dillo ancora a mio padre, se vuoi. Un nome finto farebbe più danno che vantaggio, perchè la lettera si perderebbe più facilmente nella moltitudine, ma in ogni caso tu puoi servirti di quel Leonida Termopili che già mi scrvesti. Ti mando uno degli articoli da me pubblicati qui. Ti parrà una coglioneria; pur sappi che questo ha fatto che il Ministro di Prussia desiderasse di conoscermi. Mi ha fatto dir varie cose obbliganti da varie persone: sono stato da lui: m'ha detto che questo è il vero modo di trattar la filologia, ch'io sono nella vera strada, che mi pregava caldamente a non abbandonarla, che non mi spaventassi se l'Italia non mi avrebbe applaudito, perchè tutti gl'Italiani sono fuor di strada; che non mi sarebbe mancato l'applauso degli stranieri ec. Ha preso spontaneamente l'impegno di fare stampare in Germania quello ch'io ho scoperto (come scrissi a mio padre) o fossi per

último correio recebi uma carta de meu pai de 28 de fevereiro, com o carimbo de 2 *de Março* e que, consequentemente, chegou dois correios atrás. Uma carta de Giordani de 16 de fevereiro, com o carimbo de 27 *de Fevereiro*, foi-me entregue no dia 9 deste mês. As últimas tuas e de Paolina foram entregues logo, pois têm o endereço *em casa Antici*. De agora em diante, não deixe de colocá-lo, e o diga também a meu pai, se quiser. Um nome falso traria mais problemas do que vantagens, pois a carta se perderia mais facilmente na multidão, mas, em todo caso, podes usar aquele Leonida Termopili, através do qual já me escreveste. Mando-te um dos artigos que publiquei aqui. Pode parecer uma bobagem, mas deves saber que ele fez com que o Ministro da Prússia quisesse me conhecer. Fez com que várias pessoas me elogiassem. Estive com o Ministro: ele me disse que este é o verdadeiro modo de tratar a filologia, que estou no caminho certo, e me pediu calorosamente para que não o abandonasse, e que não me surpreendesse se a Itália não me aplaudisse, pois todos os italianos estão no caminho errado; que não me faltariam aplausos dos estrangeiros etc. Comprometeu-se espontaneamente a publicar na Alemanha o que descobri (como escrevi a meu pai) ou o que vier a descobrir nas Bibliotecas de Roma: enfim, demonstrou-me

iscoprire nelle Biblioteche di Roma: in somma mi ha mostrato tanto interesse, che sentendomi necessitato a partire di qua in breve, m'ha domandato se non accetterei volentieri qualche impiego. E in ultimo siamo rimasti ch'io gli porterò una memoria pel Segretario di Stato; che egli la presenterà e la raccomanderà con tutto l'impegno; e spera di riuscire, perchè dice di aver molta amicizia col Cardinale, di essere altre volte riuscito, e che dovendo oramai partire (come farà dopo pasqua), si lusinga che non gli sarà ruscata una grazia ch'egli domanderà come l'ultima, e come di grandissima importanza per farlo partir contento. Vedete se si può dir di più: e se non bisognerebbe darsi i pugni in testa, quando si fosse lasciata fuggire quest'occasione. Intanto il tempo stringe, e bisognerebbe domandar subito un posto (fosse pure ambizioso) il quale si potesse subito accordare; perchè se domanderemo un impiego per la prima vacanza, in modo che la memoria debba restare sul tavolino del Segretario di Stato, partito il Ministro, e raffreddate le cose, quest'affare correrà la sorte dei più. Ho raccontato il tutto al Zio Carlo: m'ha detto *ma bene, ma bravo*. Gli ho domandato qualche lume: m'ha risposto: *eh, vedete un poco*, e non me n'ha parlato mai più. Questa è la

tanto interesse que, ao perceber minha necessidade de ir embora daqui em breve, perguntou-me se aceitaria de bom grado algum emprego. E, por fim, combinamos de eu preparar um lembrete para o Secretário de Estado, que ele irá apresentar e recomendar com todo o empenho, e que espera conseguir, pois diz ter muita amizade com o Cardeal, e ter obtido o que pediu outras vezes, e que, estando para partir (parte depois da Páscoa), crê que não lhe será negado um último pedido seu, que teria grande importância para que parta contente. Vê se é preciso dizer algo mais: e se desperdiçar uma oportunidade como esta não mereceria uma bordoadada na cabeça. Entretanto, o tempo é curto, e seria preciso pedir logo uma vaga (mesmo se discretíssima), que estivesse imediatamente à disposição, pois se pedirmos um emprego na primeira vaga livre, e o lembrete ficar na mesinha do Secretário de Estado, quando o Ministro for embora e as coisas esfriarem, o pedido terá a mesma sorte que a de vários. Conteí tudo ao Tio Carlo; ele me disse: *muito bem, isso mesmo*. Perguntei se ele tinha alguma ideia; ele me respondeu: *é, veja o que é melhor*, e não disse mais nada. Esta é a orientação e o conselho que em Recanati ele dizia querer me dar sobre este assunto. De todo modo, faremos algo. Se tiveres alguma ideia

direzione e il consiglio che a Recanati si vantava di volermi dare in questa materia. In ogni modo faremo qualche cosa. Se ti venisse in mente qualche pensiero opportuno, scrivimelo subito. Ma non parlare a nessuno di quest'affare, perchè i miei non possono altro che disturbarlo.

Un altro articolo che ho pubblicato, non mi è stato possibile di averlo per mandartelo. Sono pure cominciate a uscire le mie Annotazioni sull'Eusebio, e si stamperanno anche a parte. Fa' le mie scuse a Paolina se coll'ordinario passato non ho risposto alla sua lettera, e se non le rispondo in questo. Sono veramente molto occupato: ma le risponderò certo nell'ordinario venturo. Salutala tanto da mia parte e fa' lo stesso a Luigi; e se credi, mostra a mio padre a nome mio la bagattella che ti mando. In vece della primavera abbiamo avuto un freddo diabolico, e poi l'altra sera un temporale bestialissimo che si scaricò tutto sopra Roma. Era una bella cosa sentir queste immense moli tremare allo strepito de' tuoni, come fossero tante capanne. Addio. Giordani mi parla di te e di Paolina col maggiore interesse del mondo, e più che non ha mai fatto per lo passato, e a me scrive con un entusiasmo tale d'affetto che par quasi fuor di sè. A me pare d'esser sempre più lontano dal meritarlo. Dì queste cose a

oportuna, escreve-me immediatamente. Mas não fala a ninguém sobre este assunto, pois meus pais não podem fazer nada senão atrapalhar.

Não consegui o outro artigo que publiquei para te enviar. Começaram também a sair as minhas Anotações sobre o Eusébio, e serão publicadas em partes. Pede desculpas por mim a Paolina se, com o último correio, não pude responder à sua carta, e se não respondo neste. Estou realmente muito ocupado, mas lhe responderei certamente no correio vindouro. Muitas lembranças a ela de minha parte e a Luigi também; e, se quiser, mostra a nosso pai em meu nome a bobagem que te envio. No lugar da primavera tivemos um frio infernal, e depois, outra noite, um temporal animalesco, que caiu sobre Roma toda. Era bonito sentir esses volumes imensos tremerem com o estrondo dos trovões, como se fossem cabanas. Adeus. Giordani me fala de ti e de Paolina com o maior interesse do mundo, e como nunca fez no passado, e a mim escreve com um afeto tão entusiasmado que quase parece fora de si. Cada vez mais parece que estou longe de merecê-lo. Diz estas coisas a Paolina, que talvez gostará de saber. *Mil saudações a Carlo e a Paolina: ah, se eles se lembram de mim, eu os tenho sempre no coração... Pelo que me dizes, considero um bem que não*

Paolina che forse le avrà care. *Manda mille saluti a Carlo e a Paolina: oh se essi mi ricordano, e io li ho sempre in cuore... Da quel che mi dici reputo un bene che non sia succeduto il matrimonio di Paolina. Ci è sempre tempo a cacciare il collo in un laccio che non si può sciogliere. In somma scrivi, ti prego, a Paolina e a Carlo ch'io li saluto tanto con tutto il cuore, e che vogliano qualche volta ricordarsi tra loro di me. E Carlino che fa? che studia? che pensa di fare? Oh povero Carlino; se potesse un poco anch'egli sgabbiarsi! Io non mi sazio di salutarli tutti due quei carissimi giovani.*

A ERCOLE CONSALVI

[s.d., ma Roma, 13 marzo 1823]

Eminentissimo Principe
 Incoraggiato dai luminosi
 esempi di sua generosa
 benevolenza verso quei sudditi
 Pontificj che in qualche modo si
 affaticano per li progressi de'
 buoni studi, supplico l'Eminenza
 Vostra Reverendissima a
 rivolgere anche sopra di me i suoi
 benefici sguardi.

Essendomi finora applicato

tenha dado certo o casamento de Paolina. É sempre tempo de dar o pescoço a um laço que não se pode mais desfazer. Enfim, peço que escreva a Paolina e a Carlo, dizendo que os saúdo tanto tanto com todo o coração, e que queiram de vez em quando lembrar-se de mim. E Carlino, o que faz? O que estuda? O que pensa em fazer? Ah, pobre Carlino; se ele também pudesse sair um pouco da gaiola! Não canso de saudar aqueles dois caríssimos jovens.

A ERCOLE CONSALVI

[s.d., mas Roma, 13 de março de 1823.]

Eminentíssimo Príncipe,
 Encorajado pelos
 luminosos exemplos de sua
 benevolência para com os súditos
 Pontifícios, que de algum modo
 se esforçam para os progressos
 dos bons estudos, suplico à Vossa
 Eminência Reverendíssima que
 volte também a mim seus
 benéficos olhares.

Tendo até agora me

alle lingue classiche e a quelle materie che più direttamente dipendono dalle medesime, ho pur troppo conosciuto che dovrei rinunziare ad ogni speranza di ulteriori avanzamenti se continuassi a vivere in Recanati mia patria.

D'altronde mio padre aggravato di prole, e per le passate vicende attenuato di rendite, non ha mezzi di mantenermi in altro luogo dove la società d'uomini di Lettere, e il soccorso de' libri possano perfezionare le mie deboli cognizioni.

Sarebbe pertanto mia fervida brama di giungere a questo scopo coll'esercizio di qualche impiego amministrativo, nel quale servendo fedelmente lo Stato, avessi il modo di servire ancora, secondo le scarse mie forze, all'incremento di quelle scienze a cui mi sono dedicato.

Veggio che niun impiego potrebb'essere più confacente alle mie mire ed alla mia ristretta capacità, che quello di Cancelliere del Censo in qualche importante Capo-luogo di Delegazione. E se attualmente non ve n'ha alcuno vacante, non manca certamente all'Eminenza

Vostra Reverendissima il modo di supplire a ciò, conferendo ad alcuno degli attuali Cancellieri del Censo qualche equivalente impiego che fosse ora vacante o per vacare.

aplicado às línguas clássicas e às matérias que dependem mais diretamente das mesmas, infelizmente percebi que deveria renunciar a qualquer esperança de ulteriores avanços se continuasse a viver em Recanati, minha terra natal.

Por outro lado, meu pai, gravado pela prole e com a renda atenuada por acontecimentos passados, não tem meios para me manter em outro lugar onde o convívio com homens de Letras e o socorro dos livros possam aperfeiçoar meus fracos conhecimentos.

Desejaria profundamente atingir este escopo, exercendo algum emprego administrativo, no qual, servindo fielmente ao Estado, pudesse servir também, de acordo com as minhas forças, ao crescimento das ciências às quais me dediquei.

Vejo que nenhum emprego poderia ser mais adequado aos meus objetivos e à minha restrita capacidade que o de Oficial de Registro do Patrimônio em alguma importante Capital de Circunscrição. E se atualmente não há uma vaga, certamente não deve faltar à Vossa Eminência Reverendíssima modo de suprir este pedido, conferindo a algum dos atuais Oficiais de registro do Patrimônio um emprego qualquer equivalente no qual houvesse ou estivesse por haver uma vaga.

<p>Supplico l'Eminenza Vostra a perdonare colla sua tanto acclamata bontà il mio ardire, ed attribuirlo alla fiducia che m'ispira il suo gran cuore, permettendomi intanto di segnarmi con profonda venerazione e gratitudine</p> <p>Di Vostra Eminenza Reverendissima</p> <p>Umilissimo, Devotissimo, Obbligatissimo Servitore</p> <p>Giacomo Conte Leopardi.</p> <p>A MONALDO LEOPARDI</p> <p>Roma 15 Marzo 1823</p> <p>Carissimo Sig. Padre Ricevetti coll'ultimo ordinario la sua graziosissima dei 10, e col penultimo, cioè ai 9 di questo, aveva riscossa l'altra dei 28 febbraio, benchè giunta qui fino dai 2 del corrente. Nello stesso ordinario mi fu resa una lettera di Lombardia, giunta qui a' 27 di Febbraio. Dico questo per toglierla da qualunque sospetto relativo a rivista di lettere o altro, giacchè queste lettere, benchè ritardate per negligenza dell'Uffizio, erano però intatte. Il zio Carlo ed io siamo restati sorpresi del suo pensiero e desiderio circa la collocazione del</p>	<p>Supplico à Vossa Eminência que perdoe, com sua tão aclamada bondade, a minha ousadia, e a atribua à confiança que me inspira o seu grande coração, permitindo, ao mesmo tempo, que me exprima com profunda veneração e gratidão</p> <p>De Vossa Eminência Reverendíssima</p> <p>Humilíssimo, Devotíssimo, Obrigadíssimo Criado</p> <p>Conde Giacomo Leopardi.</p> <p>A MONALDO LEOPARDI</p> <p>Roma, 15 de Março de 1823.</p> <p>Caríssimo Sr. Pai, Recebi com o último correio a sua cordialíssima do dia 10, e com o penúltimo, isto é, dia 9 deste, recebera a outra de 28 de fevereiro, que havia chegado aqui dia 2 do corrente. No mesmo correio entregaram-me uma carta da Lombardia que chegou em 27 de Fevereiro. Digo isto para remover qualquer suspeita que o senhor tenha com relação à revista de cartas ou algo assim, já que as cartas, apesar de terem atrasado por negligência da Agência, estavam intactas. Tio Carlo e eu ficamos surpresos com o seu pensamento e o seu desejo acerca</p>
--	---

nuovo teatro, giacchè il zio Carlo aveva concepito questo medesimo progetto, e ce l'aveva esposto più volte, e desiderava ancor egli che fosse posto in opera: onde io da principio pensai ch'ella ed egli si fossero comunicato scambievolmente questo disegno. Ma il zio m'assicura di no, e compiacendosi di questa non procurata conformità d'idee, vuole che io ne la ragguagli. Avrà già saputa la destinazione improvvisa dell'Avvocato Fusconi al posto di Promotor della Fede; posto che l'Avvocato, per quanto si dice, non ha voluto accettare. Al pranzo, del quale ella mi domanda, dato da monsignor Mai, fummo il Dott. De Matthaëis che gode qui molta opinione in letteratura (ossia in antiquaria), Monsig. Marini nepote del famoso Gaetano Marini e suo successore nell'impiego di archivista vaticano, l'Ab. Palcani ex gesuita, un ecclesiastico che non conoscevamo, ed io. Cadde il discorso sopra i celebri funerali di Canova fatti qui pochi giorni avanti, e sull'Oraçion funebre recitata dall'Ab. Missirini, la quale non valeva nulla; ma il carnevale e l'Oraçione del Missirini erano i discorsi della giornata, e conveniva adattarvisi. Io dissi sopra quella Oraçione il mio parere, che fu seguito e confermato dagli altri, fuorchè da monsignor Mai, che per accidentalità non attese al

da localização do novo teatro, pois tio Carlo havia concebido esse mesmo projeto, o havia exposto várias vezes e desejava que fosse concretizado: de modo que, a princípio, pensei que o senhor e ele tivessem se comunicado sobre o assunto. Mas o tio me garante que não, e satisfeito com essa não planejada conformidade de ideias, quis que eu lhe contasse sobre a coincidência. O senhor já terá sabido da destinação temporária do Advogado Fusconi à vaga de Promotor da Fé; vaga que o Advogado, pelo que dizem, não quis aceitar. Com relação ao almoço sobre o qual me pergunta, oferecido pelo Monsenhor Mai, fomos o Dr. De Mattheis, que aqui goza de boa reputação em literatura (ou seja, em Antiquariato), o Monsenhor Marini, neto do famoso Gaetano Marini e seu sucessor no emprego de arquivista vaticano, o Abade Palcani, ex-jesuíta, um eclesiástico que não conhecíamos, e eu. Falou-se sobre o célebre funeral de Canova ocorrido aqui poucos dias atrás, e sobre a Oraçõ fúnebre declamada pelo Abade Missirini, que não valia nada, mas o Carnaval e a Oraçõ de Missirini eram os assuntos do dia, e era preciso adequar-se. Eu disse a minha opinião sobre aquela Oraçõ, que foi seguida e confirmada por outros e pelo Monsenhor Mai, que, por acaso,

discorso. In somma l'Orazione fu disapprovata a pieni voti. Dopo il pranzo, avanti di prendere il caffè, si seppe che quell'ecclesiastico sconosciuto era l'Abate Missi[rini], che Monsig. Mai aveva inavvertitamente trascurato di far conoscere ai commensali. Dispiacque a tutti l'inconveniente; ma non essendovi neppur luogo a scuse, convenne dissimulare. Usciti di là, io non parlai, ma tutti gli altri, e lo stesso Missirini, raccontarono subito il fatto a mezzo mondo, e tutta Roma letterata fu piena di questa bagattella, della quale Missirini ed io fummo i protagonisti, perchè gli altri erano venuti dietro al parer mio. Veramente le risate che furono fatte di questo incidente in vari luoghi non furono alle mie spalle. Seppi poi che Missirini aveva mandati a Monsig. Mai certi pettegolezzi perchè li rimettesse a me, e che Monsignore era stato a posta da lui e l'aveva persuaso a non farne altro. Le ho raccontato questa storiella per ubbidirla. Noi abbiamo un gran freddo, e la primavera si tira sempre addietro, ma tutti stiamo bene. La prego de' miei rispetti alla marchesa Roberti ed anche de' miei saluti al povero Dott. Masi, s'Ella ha occasione di vederlo. E baciandole la mano, mi ripeto suo amorosissimo figlio Giacomo.

não estava atento à minha fala. Enfim, a Oração foi desaprovada por todos. Depois do almoço, antes de tomar o café, soubemos que aquele eclesiástico desconhecido era o Abade Missirini, que o Monsenhor Mai tinha inadvertidamente esquecido de apresentar aos convidados. Todos lamentaram o inconveniente, mas não havendo como nos desculparmos, conveio disfarçar. Ao sairmos de lá eu não disse nada, mas todos os outros e o próprio Missirini contaram o ocorrido a meio mundo, e Roma literária toda ocupou-se com essa besteira, da qual Missirini e eu fomos os protagonistas, pois os outros haviam seguido a minha opinião. As risadas dadas em vários lugares sobre esse incidente realmente não foram às minhas costas. Soube depois que Missirini havia mandado ao Monsenhor Mai certas fofocas para que as remetesse a mim, e que o Monsenhor tinha ido de propósito até ele para convencê-lo a não levar isto adiante. Conte-lhe esta historinha para obedecer-lhe. Está muito frio, e a primavera se retira cada vez mais, mas todos estamos bem. Minhas recomendações à Marquesa Roberti e minhas saudações também ao pobre Dr. Masi, se o senhor tiver ocasião de encontrá-lo. Beijo-lhe a mão e me confirmo seu amorosíssimo filho Giacomo.

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma] 19 Marzo 1823

Cara Paolina

Scusate la tardanza della risposta alla vostra graziosissima dei 3, la quale ruppe il silenzio che tutti mi avevate tenuto per cinque ordinarii, o piuttosto la negligenza de' postieri lo aveva fatto parere. So che vi siete meravigliata di me con Marietta, e avete ragione di meravigliarvi, perchè sapete quanto vi voglio bene, e non potete credere ch'io lasci di scrivervi per mia volontà. Ma v'assicuro che in questi giorni sono stato occupato in modo da non esser padrone del mio tempo. La modestia è sempre amabile; ma pure con un fratello, con cui si lasciano da parte tutte le cerimonie, si può fare anche a meno, se non della modestia, almeno dell'umiltà. In somma, volendomi bene come fate, e volendovene io tanto, quanto non potete ignorare, voglio che d'ora innanzi escludiate dalle vostre lettere tutte quelle espressioni che nell'ultima vostra sono contrarie alla confidenza che dovette avere in un fratello ed amico, vissuto con voi da che nascesti. Circa l'affare di Roccetti è verissimo che a me pare che vi convenga. È anche vero che Roccetti è un giovane come *tutti* gli altri. Ma,

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 19 de Março de 1823.

Cara Paolina,

Desculpe o atraso da resposta à sua gentilíssima do dia 3, a qual rompeu o silêncio que todos mantiveram por cinco ordinários, ou então que a negligência dos correios fez-me parecer assim. Sei que disse estar surpresa comigo a Marietta, e tem razão de se surpreender, pois sabe quanto lhe quero bem, e não deve pensar que eu deixe de escrever por minha vontade. Garanto-lhe que nestes dias estive tão ocupado que não era dono do meu tempo. A modéstia é sempre amável; entretanto com um irmão, com o qual deixamos de lado todas as cerimônias, pode-se abdicar, se não da modéstia, ao menos da humildade. Enfim, querendo-me bem como quer, e eu lhe querendo tanto que não é possível ignorar, gostaria que de agora em diante excluísse de suas cartas todas aquelas expressões que na sua última são contrárias à confiança que deve ter em um irmão e amigo, com quem convive desde que nasceu. Quanto ao acordo com Roccetti é bem verdade que me parece conveniente. É também verdade que Roccetti é um jovem como *todos* os outros. Mas, minha cara, pode bem ser, aliás, é quase

mia cara, si può ben credere, anzi è quasi certo, che un giovane di talento, com'è Roccetti, dopo essersi divertito assai, com'egli ha già fatto, e dopo essersi annoiato della galanteria, come a tutti accade, senta il bisogno di una che lo ami da vero, e che unisca alla gioventù il buon cuore e la capacità del sentimento. S'egli ha questo desiderio, com'è naturalissimo in un par suo, nessuna potrebbe soddisfarlo meglio di voi che siete sensibilissima, che sapete amare, che siete istruita al di sopra di quattro quinti delle vostre pari. E dall'altra parte, avendo egli questo desiderio, l'animo suo sarebbe ottimamente disposto ad esservi buon compagno, e così questo partito converrebbe anche a voi. Non dico già che in tal caso non dovrete aspettarvi da lui nessun tratto di gioventù. Ma son certo che si guarderebbe di offendervi, che non vi recherebbe volontariamente nessun dispiacere, che proverebbe pena se credesse di averne procurata a voi, che in una parola o sarebbe sempre vostro, o mostrerebbe sempre di esserlo, e tornerebbe presto e veramente a voi, quando anche l'animo suo se ne fosse mai allontanato per qualche momento. Dite al Papà e a Carlo che ho ricevuto le ultime loro dei 13 e dei 14, e che ho scritto all'uno e all'altro cogli ultimi due ordinarii. Dite a Carlo che Donna Marianna

certo que um jovem talentoso como Roccetti, depois de ter se divertido muito, como ele já se divertiu, e depois de ter se cansado do galanteio, como a todos acontece, sinta a necessidade de uma mulher que o ame de verdade, e que à juventude uma o bom coração e a capacidade de amar. Se ele tem esse desejo, naturalíssimo entre os seus iguais, ninguém pode satisfazê-lo melhor que você, que é sensibilíssima, que sabe amar, que é mais instruída do que quatro quintos das suas semelhantes. E, por outro lado, tendo ele esse desejo, teria disposição de ânimo para ser um bom companheiro, de modo que esse partido também lhe conviria. Não digo que, nesse caso, não devesse esperar dele nenhum resquício de juventude. Mas estou certo de que ele evitaria ofendê-la, de que não lhe causaria voluntariamente nenhum desprazer, de que sentiria pena se acreditasse ter-lhe causado sofrimento; em uma palavra: de que seria sempre seu ou mostraria ser, e voltaria logo e verdadeiramente para você, mesmo quando sua alma tivesse se afastado por um momento. Diga ao Papai e a Carlo que recebi as últimas deles dos dias 13 e 14, e que escrevi tanto a um como ao outro com os últimos dois correios. Diga a Carlo que Dona Marianna recebeu sua música, e lhe agradece; que falou

ha ricevuto la sua musica, e lo ringrazia; che ne ha parlato in tavola, e che il Zio Carlo ha detto di volerla sonare anch'esso. Quanto allo spartito non ho detto niente, e però giungerà nuovo. La Dionigi, di cui mi domandate, è una schifosissima, sciocchissima, presuntuosissima vecchia che m'ha veduto una o due volte in casa sua, e non mi ci vedrà più finchè vive. Lucrezia è veramente molto amabile, e d'un tratto facilissimo, senza affettazione, che obbliga tutti e non distingue nessuno. Ci fui col Zio Momo appena arrivato. Mi disse che sperava di rivedermi qualche volta presso di lei. Tornai di là ad alcuni giorni, e da un'anticamera esteriore sentii un bell'accoglimento che mi fece il marito nel ricevere l'ambasciata. Lucrezia mi trattò con ogni possibile finezza, ma io ho sempre osservato il proponimento che feci di non tornarci mai più. Addio cara Paolina mia. Stammi bene, e non ti curare d'essere una gamba mia, come dici, chè adesso ti converrebbe di faticare bestialmente, e di mandare ogni giorno al diavolo le selci e i fanghi e l'eternità delle strade di questa città eterna. Io t'amo. Salutami tutti, e particolarmente la Mamma e Luigi. Dì anche una parola per me a D. Vincenzo. Marietta ti saluta, e credo che ti scriva.

sobre ela à mesa e que Tio Carlo disse também querer tocá-la. Quanto à partitura, eu não disse nada, e por isso será uma novidade. Dionigi, sobre a qual me pergunta, é uma velha chatíssima, tolíssima e presunçosíssima, que me viu uma ou duas vezes em sua casa, e que não me verá mais enquanto viver. Lucrezia é realmente muito amável, e de trato fácil, sem afetação, que agrada a todos, sem fazer distinção. Fui visitá-la com Tio Momo logo que cheguei. Disse que esperava rever-me outras vezes em sua casa. Tornei a visitá-la dias atrás, e da antessala externa ouvi a bela acolhida demonstrada pelo marido ao receber o anúncio. Lucrezia tratou-me com toda fineza possível, mas sempre segui a resolução que tomei de não voltar lá nunca mais. Adeus, minha Paolina querida. Fica bem, e não queiras ser uma perna minha, como dizes, pois te cansarias bestialmente, e todos os dias mandarias ao inferno as pedras e a lama e a eternidade das ruas dessa cidade eterna. Eu te amo. Saúdam-me todos, especialmente Mamãe e Luigi. Diz também uma palavra por mim a Dom Vincenzo. Marietta te saúda, e penso que te escreva.

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 22 Marzo 1823.

Carlo mio

Ti ringrazio infinitamente della tua cara dei 13 che giunse qui due interi giorni dopo l'ordinario, e dell'altra carissima dei 16 che ricevetti subito. Devi certamente ridere, come io fo, della filologia, della quale mi servo qui in Roma, solamente per le ragioni che ti dissi altra volta, e servendomene, sempre più ne conosco la frivolezza. In particolare poi l'articolo che ti ho mandato è una vera coglioneria, ma sebbene il metodo ch'io v'ho tenuto è appunto quello che s'usa da' tedeschi, non perciò dovete credere che il Ministro, lodando l'articolo, abbia avuto o unicamente o principalmente in vista il metodo. Anzi di questo non mi ha nemmeno parlato; mi ha bensì parlato di altri pregi ch'egli ci trova, dei quali non vale la pena di fare altro discorso. Qualche giorno dopo la prima *entrevue* ch'ebbi col Ministro, ricevetti un biglietto, dove colla maggior gentilezza e premura possibile, mi diceva in sostanza che aveva parlato di me al Segretario di Stato, che questi non era alieno dal provvedermi, che intendendo la mia avversione

A CARLO LEOPARDI

[Roma] 22 de Março de 1823.

Meu Carlo,

Agradeço infinitamente a tua cara carta do dia 13, que chegou aqui dois dias inteiros depois do normal, e a outra caríssima do dia 16, que logo recebi. Assim como eu, debes certamente rir da filologia, da qual me sirvo aqui em Roma somente pelas razões que te escrevi da outra vez, e, ao me servir dela, cada vez mais conheço a sua frivolidade. Em especial, o artigo que te mandei é uma verdadeira bobagem, embora o método que segui seja justamente o usado pelos alemães; mas não por isso debes crer que o elogio feito pelo Ministro ao artigo mirasse somente ou principalmente o método. Pelo contrário, nem falou nada sobre ele; mas falou-me de outras qualidades que ele vê no artigo, sobre as quais não vale a pena comentar. Alguns dias depois da primeira *entrevue* que tive com o Ministro, recebi um bilhete dele, em que essencialmente dizia, com a maior gentileza e cuidado possíveis, que havia falado de mim para o Secretário de Estado, que este não era contrário a me atender, que sabendo da minha

al sacerdozio, gli aveva domandato se mi risolverei di prender l'abito di Corte, il quale mi avrebbe aperto la strada ad impieghi ed onori. Mi consigliava a mandargli senza dilazione una supplica pel Segretario di Stato, e concludeva chiamandomi suo collega filologo. Io non so quello che voi pensiate della prelatura. Oramai l'animo nostro è in istato di lasciar da parte il bello per attenersi all'utile. La carriera prelatizia in verità offre presentemente grandissimi vantaggi, massime a un nobile, perchè c'è grande scarsezza di Signori che si mettano in questa carriera, e il Segretario di Stato ama che certe cariche siano esercitate da nobili. Sicchè si può sperare in breve e forse anche di primo lancio una Delegazione, e quindi un avanzamento pronto, ec. ec. Io mi trovava confusissimo, trattandosi di decidere de *agenda vita*, e di far la scelta dello stato, e questo in poche ore. Comunicai il biglietto ai due zii, e non posso negare che le loro viste non mi abbiano giovato, se non altro, perch'essi potevano parlare a sangue freddo. Tutti tre insieme discutemmo la cosa, in modo che almeno io non mi potrò pentire di non averla pensata abbastanza. In somma è quasi certo che s'io avessi voluto farmi prelado, tu fra poco avresti sentito che tuo fratello in mantelletta se n'andava a

aversão ao sacerdócio, havia-lhe perguntado se eu não gostaria de passar a frequentar a Corte, que teria me aberto estrada para empregos e honras. Aconselhava-me a mandar sem demora uma súplica para o Secretário de Estado e concluía chamando-me de seu colega filólogo. Não sei o que pensa da carreira eclesiástica. A essa altura, nosso espírito está em condições de deixar de lado o belo para limitar-se ao útil. A carreira prelatícia, na verdade, oferece atualmente grandíssimas vantagens, sobretudo a um nobre, pois há muita falta de Senhores que entrem nessa carreira, e o Secretário de Estado adora que certos cargos sejam exercidos por nobres. De modo que, pode-se esperar em pouco tempo e, talvez, já de início, uma Circunscrição e, então, um avanço imediato etc. etc. Eu estava confusíssimo, em se tratando de decidir *de agenda vita*, e de fazer a escolha do estado, e isto em poucas horas. Comuniquei o bilhete aos dois tios, e não posso negar que as visões deles tenham me ajudado, no mínimo porque eles podiam falar a sangue frio. Nós três juntos discutimos o assunto, de modo que pelo menos não poderei me arrepender de não ter pensado suficientemente no assunto. Em suma, é quase certo que se eu tivesse querido me tornar prelado, em pouco tempo ouvirias que teu irmão estava indo de batina

governare una provincia. La grande spesa ch'è necessaria per mettersi l'abito paonazzo, si sarebbe sostenuta con un imprestito, che qui si sarebbe trovato facilmente, quando si fosse avuta la carica, o l'assicurazione della carica. Io mi diedi un'occhiata dintorno, e conchiusi di non volerne saper niente. Le ragioni, che ti potrei dire, son molte: io credo che tu convenga con me; in caso diverso, assicurati almeno che io non presi questa risoluzione per irresoluzione e poco coraggio: ma perchè da molto tempo, e prima di venir qua, e molto più dopo venuto, io ho fatto questa deliberazione che la mia vita debba essere più indipendente che sia possibile, e che la mia felicità non possa consistere in altro che nel fare il mio comodo. La mia natura porta così, e me ne sono accertato per tante esperienze che non ne posso più dubitare. Per conseguenza l'entrare in carriera non fa assolutamente per me. Posto dunque che io doveva cercare un impiego secolare, dopo averli passati tutti in rivista, ci assicurammo che non v'era alcuno che mi convenisse, se non quello di Cancellier del censo. In questo uffizio tutti i posti sono occupati, ma al Segretario di Stato non manca modo di sgombrarne uno, trasferendo l'occupante a qualche altro impiego tra la gran moltitudine che se ne trova in

governar uma província. A grande despesa, necessária para poder vestir o hábito roxo, teria sido paga com um empréstimo, que aqui se encontraria facilmente, se tivesse conseguido o cargo ou a garantia do cargo. Dei uma olhada ao meu redor e concluí que não queria saber de nada daquilo. As razões que poderia alegar são muitas: creio que concordas comigo; se não, estejas ao menos certo de que não tomei esta decisão por hesitação ou pouca coragem, mas porque há muito tempo, antes de vir para cá e mais ainda depois de ter vindo, decidi que minha vida deve ser o mais independente possível, e que minha felicidade em nada mais pode consistir que em fazer o que é cômodo para mim. Minha natureza é assim, e certifiquei-me disto por meio de tantas experiências que não posso mais duvidar. Consequentemente, seguir carreira eclesiástica não é absolutamente para mim. Então, considerando que eu devia procurar um emprego laico, depois de ter passado todos em revista, certificamo-nos de que não havia algum que me conviesse, a não ser o de Oficial de Registro do Patrimônio. Neste ofício todas as vagas estão ocupadas, mas não falta ao Secretário de Estado oportunidade de liberar uma, transferindo o ocupante a algum outro emprego entre os tantos que há neste

questo governo. Fui la sera stessa dal Ministro; convenimmo insieme, ed avendogli poi mandata la supplica, dov'egli volle che facessi alcune modificazioni, me la rimandò, com'eravamo rimasti, con una sua lettera e raccomandazione al Segretario di Stato, e con un suo biglietto all'Ab. Capaccini Minutante ec. che doveva presentar la supplica. Dopo una giornata intiera di sudore, nella quale non pranzai, feci quattro volte la strada di Monte Cavallo con un sole che smagliava, e in ultimo non conclusi nulla; finalmente la mattina dopo essendomi alzato a giorno, e fatta altre due volte la stessa strada, potei vedere l'Ab. Capaccini, e consegnargli il plico, intorno al quale mi diede buone speranze. I miei Zii dicono che un impiego non mi può mancare: io fo conto che tutto questo sia una burla, e spero in questo caso d'essere più contento di prima. Intanto s'è indicato all'Ab. Capaccini un impiego vacabile a Giugno, nel quale non sarà difficile di trasferire qualcuno dei Cancellieri del censo attuali.

Tutta questa storia, della quale sarebbe inutile il pregarti a non far parola con alcuno nè di casa nè di fuori, te l'ho raccontata così minutamente per osservare il patto che abbiamo insieme di comunicare tutte le cose nostre. Carlo mio, se tu m'ami, credi ch'io

governo. Fui naquela noite mesma à casa do Ministro; reunimo-nos, e tendo então lhe mandado a súplica, na qual ele quis que eu fizesse algumas modificações, ele a enviou de volta a mim, como tínhamos combinado, com uma carta de recomendação sua ao Secretário de Estado e um bilhete seu ao Minutador Abade Capaccini etc., que devia apresentar a súplica. Após um dia inteiro de suor, no qual não almocei, fiz quatro vezes a rua de Monte Cavallo com um sol que trincava, e não pude concluir nada; finalmente, na manhã seguinte, depois de levantar e fazer duas vezes a mesma rua, pude ver o Abade Capaccini e entregar-lhe o envelope, acerca do qual me deu boas esperanças. Meus Tios dizem que um emprego para mim não pode faltar: considero tudo isso uma burla, e, neste caso, espero ficar mais contente que antes. No meio-tempo, indicou-se ao Abade Capaccini um emprego vacante em Junho, ao qual não será difícil transferir algum dos atuais Officiais de Registro do Patrimônio.

Toda esta história, sobre a qual não é preciso pedir que não dê uma palavra com ninguém nem de casa nem de fora, contei-te assim minuciosamente para cumprir o pacto que fizemos de comunicarmos todas as nossas coisas. Meu caro Carlo, se me

non t'amo meno, e che in verità di giorno in giorno vo sempre più desiderando la tua compagnia, e sentendo il bisogno di te. Sarebbe forse vano ch'io mi sforzassi di persuadertelo, perchè ti conosci abbastanza e conosci me parimente, e sai che un par tuo non si trova, e ch'io non son fatto per conversare con chi non m'intende, e molto meno per amare chi non m'ama. Ti potrei dire infinite cose amorosissime; o piuttosto te le vorrei dire, ma non saprei; e dall'altro canto l'amor nostro è così vero e naturale che par che fugga o non si curi d'essere espresso con le parole. Io vivo qui molto indifferentemente, non tratto donne; e senza queste nessuna occupazione o circostanza della nostra vita ha diritto di affezionarci o di compiacerci. Io me n'assicuro per esperienza, e posso giurarti che la conversazione o spiritosa o senza spirito m'è venuta in un odio mortale. Tutto è secco fuori del nostro cuore: e questo non si esercita mai: vada al diavolo la società. Addio, Carluccio. Salutami tutti.

amas, debes crer que não te amo menos, e que, na realidade, a cada dia que passa desejo sempre mais a tua companhia, e sinto a tua falta. Talvez seja inútil tentar te convencer disso, pois te conheces o suficiente, assim como a mim, e sabes que alguém como tu não se encontra, e não sou feito para conversar com quem não me entende, e muito menos para amar quem não me ama. Poderia dizer-te infinitas coisas amorosíssimas, ou melhor, gostaria de dizê-las mas não saberia; de outra parte, nosso amor é tão verdadeiro e natural que parece fugir ou não se importar em ser expresso por palavras. Eu vivo aqui muito indifferentemente; não frequento mulheres, e, sem estas, nenhuma ocupação ou circunstância da nossa vida é capaz de nos afeiçoar ou contentar. Garanto, por experiência própria, e posso jurar, que peguei um ódio mortal da conversação espirituosa ou sem espírito. Tudo é seco fora do nosso coração: e este não se exercita nunca; vá para o inferno a sociedade. Adeus, Carluccio. Lembranças a todos.

A CARLO LEOPARDI

Roma 27 Marzo [1823]

Caro Carlo. Ier sera ricevetti il tuo piego colla tua lettera acclusa. In questo momento ho presentato il piego a D. Marianna, la quale insieme col marito è rimasta molto sorpresa e, com'essa dice, confusa di questo tuo regalo: ha riso dell'attenzione che hai avuta di scriverci *Teatro Argentina* ec., e m'ha pregato molto di ringraziarti, aggiungendo che prova pena in accettare questo tuo dono, considerando la gran fatica che ti dev'esser costato, l'eleganza dell'esecuzione, la spesa ec. Andava a presentarlo a Marietta, dicendo di volerlene fare un'improvvisata. Io ti scrivo in grandissima fretta. Già ti scrissi coll'ultimo, e m'accorgo d'essermi dimenticato di parlarti del tuo piego, che ancora io non avea ricevuto. Ti scriverò poi con più agio, e di questo e dell'altre cose delle quali ti parlai nell'ultima mia. Sono molto affaticato e stanco, massimamente che questa mattina ho dovuto contentarmi di non pranzare quasi affatto. Voglimi bene e scrivimi, ed aspettami, per quanto io sento, fra poco.

A CARLO LEOPARDI

Roma, 27 de Março de [1823].

Caro Carlo. Ontem à noite recebi o pacote com uma carta tua. Neste momento, entreguei o pacote a D. Marianna, a qual, junto ao marido, ficou muito surpresa e, como ela diz, confusa por este presente: riu da atenção que tiveste de escrever *Teatro Argentina* etc. e pediu-me muito para te agradecer, acrescentando que tem muita pena de aceitar essa lembrança, considerando o grande esforço que deve ter custado, a elegância da execução, o gasto etc. Ia mostrá-lo a Marietta, dizendo que queria lhe fazer uma surpresa. Escrevo-te com muita pressa. Já te escrevi com o último, e percebo que esqueci de falar do teu pacote, que eu ainda não havia recebido. Escreverei com mais calma sobre isto e sobre as outras coisas das quais falei na minha última. Estou muito fatigado e cansado, sobretudo porque esta manhã tive que me contentar em quase não comer. Quer-me bem, escreve-me, e espera por mim, pelo que ouço, em breve.

A MONALDO LEOPARDI

Roma 2 Aprile 1823

Amatissimo Sig. Padre

Rispondo all'ultima sua carissima del 28 dello scorso. Il Cavalier Marini all'aspetto è un uomo d'età fra i quarantacinque e i cinquant'anni; di viso non affatto giovanile, ma niente vecchio; fisionomia molto amabile e per lo più ridente; occhi vivi; colorito sanissimo; complessione forte; statura mediocre e personale proporzionato. Tutto insieme, avuto riguardo al solo fisico, è dieci volte più amabile di quel che fosse Peroli. Ma perchè gli uomini si rendono aggradevoli colle maniere molto più che col semplice aspetto, le dirò che le maniere del Cav. Marini sono piacevolissime, e che il Cav. avendo sempre trattato e trattando con ogni genere di persone, ed anche nella Corte, possiede ottimamente l'arte di farsi amare. Quanto al carattere, io non saprei desiderare in lui cosa alcuna; anzi trovo in lui molto più e molto meglio di quello che avrei mai potuto sperare in un uomo di mondo e di lettere. Il Cav. è disingannato affatto del mondo e della società, ed ella se lo deve immaginare principalmente sotto questo aspetto. I suoi piaceri e i suoi desideri sono l'amicizia sincera, la pace domestica e i

A MONALDO LEOPARDI

Roma, 2 de Abril de 1823.

Amadíssimo Sr. Pai,

Respondo à sua última caríssima de 28 passado. O Cavalheiro Marini, de aspecto, é um homem com idade entre quarenta e cinco e cinquenta anos; de rosto efetivamente não juvenil, mas nada velho; fisionomia muito amável e geralmente sorridente; olhos vivos, cor saníssima; compleição forte; estatura média e corpo proporcional. O conjunto, considerando somente o físico, é dez vezes mais simpático que o de Peroli. Mas, como os homens tornam-se agradáveis muito mais pelas maneiras que pelo simples aspecto, direi que as maneiras do Cavalheiro Marini são agradabilíssimas, e que o Cavalheiro, tendo sempre frequentado e frequentando todo tipo de gente, inclusive a Corte, domina otimamente a arte de agradar. Quanto ao caráter, não creio que deixe nada a desejar, pelo contrário, é muito melhor do que se poderia esperar de um homem do mundo e das letras. O Cavalheiro, efetivamente, está desencantado com o mundo e com a sociedade, e o senhor deve imaginá-lo principalmente sob este aspecto. Seus prazeres e desejos são a amizade sincera, a paz doméstica e os sentimentos do

sentimenti del cuore che in lui sono vivissimi. Amava visceratamente la sua moglie benchè zoppa e brutta, e s'attristò della sua morte in modo che non trovava consolazione: io stesso l'ho veduto piangere sopra la sua perdita, due mesi e più dopo accaduta. D'allora in poi è stato sempre, ed è ancora, occupato ad onorare la memoria della sua compagna, con busti in marmo, iscrizioni, elogi che fa comporre da' suoi amici. Pochissimo si diverte; attende per lo più agli affari del suo impiego, ed agli studi, nei quali consiste la sua principale ambizione: ma con tutto ciò non manca ai doveri sociali, e non trascurerebbe certo i riguardi che si dovessero alle inclinazioni giovanili d'una sua sposa, anzi sarebbe impegnatissimo di procurarle tutti i passatempi convenienti, e di prendervi parte, e soddisfare anche all'ambizioncella naturale alle donne in una città grande: perchè il suo carattere è veramente moderato, e formato dall'esperienza e dalla cognizione degli uomini. Mi par molto religioso: certamente la sua condotta pubblica in questa parte è esemplare; e i suoi discorsi anche i più confidenziali lo dimostrano espressamente Cristiano. Quanto alle sue finanze, io posso dirle, che tra' suoi pari, è de' più ricchi, e fa continuamente delle spese che

coração, que nele são vivísimos. Amava visceralmente sua mulher, apesar de manca e feia, e se entristeceu com sua morte de um modo que não encontra consolo: eu mesmo o vi chorar por sua perda dois meses e meio depois do ocorrido. Dali em diante, sempre esteve e ainda está ocupado em honrar a memória de sua companheira com bustos de mármore, inscrições, elogios que pede aos amigos para compor. Pouco se diverte; atende sobretudo aos negócios do seu emprego e aos estudos, nos quais consiste sua principal ambição; mas, apesar disto, não falta aos seus deveres sociais, e certamente não transcuraria a atenção necessária às inclinações juvenis de uma esposa sua, pelo contrário, ele se empenharia em lhe proporcionar todos os passatemplos convenientes, e em tomar parte, e satisfazer inclusive à ambiçãozinha natural das mulheres em uma grande cidade; pois seu caráter é realmente moderado, e formado pela experiência e pelo conhecimento dos homens. Parece-me muito religioso; certamente a sua conduta pública neste lado é exemplar; suas conversas, inclusive as mais confidenciais, demonstram-no expressamente Cristiano. Quanto às finanças, posso lhe dizer que entre os seus iguais é um dos mais ricos, e gasta continuamente o que numa cidade

non si farebbero forse in provincia dalle più ricche famiglie. So di alcuni suoi fondi nelle vicinanze di Roma o nell'interno; ma credo che la maggior parte della sua possidenza (oltre l'emolumento considerabile del suo impiego) consista in danaro. È per dare alla sua figlia (ch'è sola, e in trattativa di matrimonio) ventimila scudi di dote. Più di questo non posso dirle per ora, ma non mancherà poi modo d'informarsi meglio. So di certo che, riprendendo moglie, farà molto più caso delle qualità morali e intellettuali della persona, che della dote. Farà anche caso della nobiltà, della gioventù, e delle qualità fisiche: ma credo nel punto dell'interesse non sarà molto esigente; e in qualunque modo, egli è così trattabile e così ragionevole, che secondo me, sarà molto facile il ridurlo su questo articolo, quando anche presentemente egli avesse delle viste superiori a quelle che si richiederebbero nel caso nostro. Certo è che il Cavaliere non è niente attaccato al danaro, e cerca la sua felicità per tutt'altra via. Da tutto questo le sarà facile di tirare quella conchiusionè ch'Ella mi domanda, se questo trattato sia da coltivarsi o no. Io lo credo convenientissimo ad ambe le parti: e mi persuado che sia fattibilissimo dal lato del Cavaliere. Dal lato di Paolina spero che debba esserlo altrettanto; e che i molti e grandi

pequena talvez não gastem as famílias mais ricas. Sei de algumas terras que possuí nas vizinhanças de Roma ou no interior; mas creio que a maior parte de suas posses (além do salário considerável de seu emprego) consista em dinheiro. Está por dar à sua filha (que é solteira, em tratativa de casamento) vinte mil *scudi* de dote. Mais do que isto não posso dizer por ora, mas não irá faltar oportunidade de informar-me melhor. Sei, ao certo, que se casando novamente, irá se importar muito mais com as qualidades morais e intelectuais da pessoa que com o dote. Irá se importar também com a nobreza, a juventude e as qualidades físicas: mas creio que no quesito do interesse não será muito exigente; e, de todo modo, ele é tão conversável e tão razoável que, a meu ver, será muito fácil fazer com que se adapte nesse ponto, se ele tiver em vista algo mais alto do que seria possível exigir no nosso caso. A verdade é que o Cavalheiro não é nada apegado ao dinheiro, e busca a sua felicidade por uma via completamente diferente. Levando tudo isto em conta, será fácil o senhor chegar a uma conclusão à pergunta que me faz, se esse acordo deve ser cultivado ou não. Acredito que seja conveniente para ambas as partes: e estou convencido de que é

vantaggi di questo partito debbano compensare appresso di lei quel poco di gioventù ch'è l'unica cosa che manchi al Cavaliere. I vantaggi, com'Ella ben vede, sono, vivere in una capitale, al fianco di un uomo ricco, amato e considerato da chi comanda, buono, di molto spirito, prudentissimo, interessatissimo alla felicità della sua sposa, cordiale, religioso, compiacente, non per dabbenaggine ma per riflessione per carattere e per sentimento. Di più la facilità di accomodarsi circa l'interesse, che in questi tempi e nelle date circostanze è pur molto, massimamente trattandosi di un paese che non sia di montagna, e molto più, di una capitale.

Scrivo tutto ciò per ubbidirla, e sottomettendo queste mie opinioni al suo giudizio, com'è naturale. Poco dopo ch'ebbi letta la sua lettera, il Zio Carlo mi fece sotto un altissimo secreto la confidenza della proposta ch'egli le aveva fatta, e ch'io dissimulai totalmente di sapere.

La nostra partenza, cioè del Zio Girolamo e mia, par fissata agli ultimi dell'entrante. Credo che possa piuttosto essere anticipata che differita: così almeno mi par d'intendere. Non è necessario ch'io le significhi con quanto affetto e desiderio giungerò a rivederla e baciarle la mano, come fo presentemente di qua, pregandola a benedirmi e

realmente factível no tocante ao Cavalheiro. No que diz respeito a Paolina, espero que também possa ser; e que as muitas vantagens desse partido possam compensar para ela a pouca juventude, que é a única coisa que falta ao Cavalheiro. As vantagens, como o senhor bem vê, são: viver em uma capital ao lado de um homem rico, amado e considerado por quem comanda, bom, de muito espírito, prudentíssimo, interessadíssimo na felicidade de sua esposa, cordial, religioso, complacente, não por ingenuidade, mas por reflexão, por caráter e por sentimento. Além da facilidade de se adaptar acerca do interesse, que, nestes tempos e circunstâncias, já é bastante, sobretudo em se tratando de uma cidade que não é de montanha, e melhor ainda, de uma capital.

Escrevo tudo isto para lhe obedecer e, para submeter as minhas opiniões ao seu juízo, como é natural. Pouco depois de ter lido a sua carta, Tio Carlo confidenciou-me, como um segredo sigilosíssimo, a proposta que ele lhe havia feito, e eu fingi não saber de nada.

Nossa partida, ou seja, a do Tio Girolamo e minha, parece fixada para os últimos dias do mês que está entrando. Creio que talvez possa ser antecipada, mais do que adiada: assim pelo menos me parece. Não é preciso que eu

<p>credermi il suo affezionatissimo figlio Giacomo</p> <p>A CARLO LEOPARDI</p> <p>Roma 5 Aprile 1823.</p> <p>Caro Carlo. Ti felicitò sommamente del tuo nuovo amore; e altrettanto mi dispiacerebbe che a Pasqua fosse cominciata per te la Quaresima. Veramente non so qual migliore occupazione si possa trovare al mondo, che quella di fare all'amore, sia di primavera o d'autunno; e certo che il parlare a una bella ragazza vale dieci volte più che girare, come io fo, attorno all'Apollo di Belvedere o alla Venere Capitolina. Ti scrissi ultimamente sopra il tuo piego, e l'accoglienza che gli aveva fatta D.^a Marianna. Non so se quella mia lettera ti sia capitata. So bene che la tua de' 27 Marzo è giunta qui un ordinario più tardi del giusto, cioè ai 3 d'Aprile, o sia coll'ultimo corriere. Aggiungo adesso che Mariuccia è stata molto contenta del tuo dono, e mi ha pregato più d'una volta di</p>	<p>manifeste com quanto afeto e prazer virei a revê-lo e beijar-lhe a mão, como faço presentemente daqui, pedindo que me abençoe e me creia seu afeiçoadíssimo filho Giacomo</p> <p>A CARLO LEOPARDI</p> <p>Roma, 5 de Abril de 1823.</p> <p>Caro Carlo. Fico muito feliz por teu novo amor, assim como lamentaria que na Pásqua começasse para ti a Quaresma. Realmente, não sei que ocupação melhor possa haver no mundo que fazer amor na primavera ou no outono; e, certamente, falar com uma bela moça vale dez vezes mais que girar ao redor do Apolo Belvedere ou da Vênus Capitolina, como fiz. Escrevi ultimamente sobre o teu pacote e a acolhida que teve por D. Marianna. Não sei se aquela minha carta foi entregue. Mas sei que a tua de 27 de Março chegou aqui uma entrega depois do normal, ou seja, dia 3 de Abril, com o último correio. Acrescento agora que Mariuccia ficou muito contente com o teu presente, e mais de uma vez pediu-me para te agradecer tanto. Sei que ela se diverte muito a tocar essa tua</p>
---	---

ringraziartene tanto. So che si diverte molto a suonare questa tua musica, la quale le piace assai, e che n'ha imparato parecchie arie, ed alcune ne canta, ma non in presenza mia, sicchè non ti posso dir quali siano.

Io credeva che tu sapessi il nome del Ministro di Prussia. Vedi ora che l'impegno da lui preso per me, non è poi tanto casuale come tu mi dicevi, giacchè io scrissi quelle bagattelle latine ad effetto espresso d'introdurmi nella conoscenza di Niebuhr, come mi riuscì. L'ultima volta ch'io lo vidi, mi disse ch'era tornato a parlar di me con Capaccini, il quale l'aveva assicurato ch'io non poteva mancare d'esser provvisto. Bellissime parole. Il Ministro è partito per sempre il Sabato santo. Mi dispiace moltissimo che il Zio Carlo abbia informato mio padre dell'affare, e mi dispiace perchè da una parte è impossibile che mio padre approvi mai nessun passo fatto per levarmi stabilmente da Recanati; dall'altra parte è facilissimo ch'egli e i miei Zii, mossi e persuasi subito da lui, vogliano mettere, senza mia intervensione o saputa, le mani in pasta, e rovinare il negozio. Del che mi pare di accorgermi da alcune parole del Zio Carlo, che finora ha approvato tutto il fatto da me su questo particolare, e adesso la mastica. E qui forse comincieranno le orditure segrete

música, que lhe agrada muito, e que aprendeu várias outras; e algumas ela canta, mas não em minha presença, de modo que não posso dizer quais sejam.

Pensei que soubesses o nome do Ministro da Prússia. Vês então que o empenho que ele teve por mim não é tão casual como dizias, pois escrevi aquelas bobagens latinas justamente para me introduzir no círculo de conhecidos de Niebuhr, como aconteceu. Na última vez que o vi, disse-me que tinha voltado a falar de mim com Capaccini, o qual havia garantido que eu não podia deixar de ser atendido. Belíssimas palavras. O Ministro partiu para sempre Sábado santo. Desagrada-me muitíssimo que Tio Carlo tenha informado meu pai sobre o assunto, e me desagrada porque, de um lado, é impossível que meu pai aprove algum passo feito para me tirar definitivamente de Recanati; de outro, é bem possível que ele e meus Tios, movidos e convencidos por ele, queiram tomar parte e arruinar o negócio, sem que eu intervenha ou saiba. Pude perceber isso de algumas palavras do Tio Carlo, que até agora aprovou tudo o que fiz sobre este assunto e agora está ruminando. E aqui talvez comecem as urdiduras secretas, que farão ir tudo pelos ares: histórias infames, que não sei como suportar nem como impedir. Mas, por favor, contém a tua

che manderanno ogni cosa al diavolo: buzzarate infami, ch'io non so come sopportare nè come impedire. Ma tu frena in questo, ti prego, il tuo carattere e non dare in scartate su questo proposito colla Mamma, nè mostrare ad alcuno ch'io t'abbia mai scritto circa questo punto. Te ne prego caldamente; e sotto un altro pretesto scrivo oggi a mio padre, e gli dico intorno all'affare quello che mi par conveniente. Già da più parti m'è arrivato all'orecchio che il Segretario di Stato m'ha offerto la mantelletta e ch'io l'ho ricusata, e altre tali ciarle fottute, sparse dal Zio Momo, bench'io l'avessi già scongiurato a non dir niente; ed abbia sempre fatto grandissima forza per impedire che si discorresse di questo in tavola; dove tu non puoi credere che maledetto ciarlare che si faccia, in presenza dei ragazzi e dei servitori, sopra tutte le cose della famiglia che dovrebbero esser più segrete e gelose.

Quanto al Trattato di Paolina, scrissi lungamente coll'ultimo ordinario a mio padre, che me n'aveva interrogato sotto gran confidenza. Siccome credo che la mia lettera sarà stata comunicata alla Mamma almeno, e dalla Mamma a Paolina, perciò non ripeto quello che vi si conteneva. Solamente ti dico che i vantaggi di questo partito sono tanti e tali, che non solamente compensano, ma quasi annullano

índole e não abre o jogo sobre este assunto com a Mamãe, nem mostra a ninguém que escrevi sobre ele. Por favor, te peço. Escreverei hoje a meu pai com outro pretexto e falarei o que me parece conveniente em torno à questão. Já de outras bandas chegou-me aos ouvidos que o Secretário de Estado ofereceu-me o hábito e que recusei, e outras fofocas desgraçadas espalhadas por Tio Momo, embora eu já tivesse lhe pedido para não dizer nada, e tenha também feito a maior força para impedir que se falasse disso à mesa, quando não sabes que maldito falatório acontece, na presença dos meninos e dos criados, sobre todas as coisas da família que deveriam ser mais segretas e zeladas.

Quanto ao acordo de Paolina, com o último correio escrevi longamente a meu pai, que havia perguntado muito confidencialmente sobre o assunto. Como creio que minha carta terá sido comunicada pelo menos à Mamãe, e da Mamãe à Paolina, não repito o que ela continha. Digo somente que as vantagens desse partido são tantas e tais, que não somente compensam, mas quase anulam o sacrifício que exigiria de Paolina; sacrifício muito tolerável, pois Marini, apesar de não ser jovem, é bem-disposto, são e forte, e mesmo considerando somente o

il sacrificio ch'esso richiederebbe da Paolina: sacrificio molto comportabile perchè Marini, benchè non giovane, è fresco, sano e forte, ed anche considerando il solo esteriore, è venti volte più amabile di Peroli. Ma di ciò parleremo pienamente a voce, e per parte mia non mancherà che il Trattato, se è possibile, abbia effetto. Ne scrivo anche oggi a mio Padre. Salutami Paolina e confortala a star di buon animo. Tu godi della bella stagione, e forse agli ultimi di questo la godremo insieme. Non serve che ti dica quanto io desideri di trovarmi con te. Lascio per la fretta molte altre cose che ti vorrei dire in risposta alla cara tua.

Non dite ad alcuno l'epoca della partenza del Ministro di Prussia che vi ho scritta qui dietro. Questo vostro silenzio m'è necessario per un'espressione ambigua ch'io metto nella lettera a mio Padre. Ec. ec.

A MONALDO LEOPARDI

Roma, 5. Aprile 1823.

Carissimo Sig. Padre
Coll'ultimo ordinario risposi dettagliatamente alla sua graziosissima dei 28 Marzo. Ora debbo avvertirla che il Cav.

aspecto exterior, é vinte vezes mais afável que Peroli. Mas falaremos disto pessoalmente e, no que depender de mim, farei tudo para que o Acordo seja realizado, se possível. Também devo escrever sobre isto a meu Pai hoje. Saúda-me Paolina, e a conforta a estar de bom ânimo. E tu, aproveita a bela estação, e quem sabe no fim deste mês possamos aproveitar juntos. Não é preciso que eu diga quanto gostaria de te encontrar. Deixo por pressa muitas outras coisas que queria dizer em resposta à tua.

Não diga a ninguém a época da partida do Ministro da Prússia que escrevi aqui atrás. O seu silêncio é necessário por conta de uma expressão ambígua que colocarei na carta a meu Pai. Etc. etc.

A MONALDO LEOPARDI

Roma, 5 de Abril de 1823.

Caríssimo Sr. Pai,
Com o último correio respondi detalhadamente à sua gentilíssima de 28 de Março. Agora devo avisar-lhe que o

Marini, avendo ricevuta, com'Ella certamente già sa, la nota proposizione di matrimonio, si è confidato segretissimamente su questo punto col mio cugino Melchiorri, ch'è suo intimo; e questo, non avendo alcuna cosa segreta per me, mi ha riferito il suo discorso, quantunque il Cav. l'avesse pregato di tacermelo. Il Cav. è molto propenso a questo trattato, e benchè sul momento non si trovi all'ordine di venire alle seconde nozze, desidera che l'affare non manchi di effetto. Stima molto la parentela, ed è contentissimo dell'educazione, delle qualità morali, e dello spirito della giovane, secondo i ragguagli che ne ha potuto avere. Conosco che mi usa più buone grazie del solito, anzi ultimamente m'invitò a pranzo. Mio cugino mi assicura che il Cav. sarà trattabilissimo circa la dote, e che anche sopra di questa si è spiegato con lui in genere, molto favorevolmente. Ho creduto di doverla informare di tutto questo, e di non far torto con ciò a mio cugino che mi ha pregato di non parlarne ad alcuno: come anche ho creduto di doverlo intieramente tacere al Zio Carlo. So che questi le ha scritto del Memoriale che ho fatto presentare al Segretario di Stato per consiglio e col favore del Ministro di Prussia. Se il Ministro mi avesse lasciato tempo di chiedere a Lei i suoi consigli e il suo piacere, non avrei voluto che

Cavalheiro Marini, tendo recebido a conhecida proposta de casamento, como o senhor certamente já sabe, confidenciou-se secretissimamente sobre este assunto com meu primo Melchiorri, que é íntimo dele; e este, não havendo segredos comigo, contou-me o que ele disse, apesar do Cavalheiro ter pedido para que não dissesse nada. O Cavalheiro está muito propenso a esse acordo, e, embora neste momento não tenha planos de se casar pela segunda vez, deseja que o acordo seja feito. Estima muito a parentela, e está contentíssimo com a educação, as qualidades morais e o espírito da jovem, de acordo com as informações que pôde ter. Percebo que tem sido mais cordial que de costume comigo, aliás, ultimamente convidou-me para almoçar. Meu primo garante que o Cavalheiro será muito flexível em relação ao dote, e que, inclusive, falou-lhe sobre isto superficialmente, e teve boa recepção. Pensei que devia informá-lo destas coisas, sem com isto contrariar meu primo, que me pediu para não falar sobre o assunto com ninguém; bem como achei melhor calar-me totalmente com o Tio Carlo. Sei que ele escreveu ao senhor sobre o Memorando que preparei para ser apresentado ao Secretário de Estado por conselho e favor do Ministro da Prússia. Se o Ministro

alcuno l'informasse di questo affare prima di me. Ma trovandosi allora il Ministro sul punto di partire (come è partito già da parecchi giorni), mi disse espressamente che non v'era luogo a dilazioni, e però mi convenne decidere dalla mattina alla sera circa l'impiego che s'aveva a domandare; e dentro due giorni portare il Memoriale in Segreteria di Stato. Non potendo interrogar Lei, consultai la cosa coi miei due Zii, e volendo il Ministro ch'io domandassi qualche impiego specificato e non in genere, mi decisi per quello di Cancelliere del censo, non solamente perchè così parve ai miei Zii, ma perchè credetti che così piacesse anche a Lei, avendomi detto spesso la Mamma che questo era l'unico impiego che mi convenisse. Presentato il Memoriale, e non restando a far altro per parte mia, non nego ch'io ebbi in animo di farle una sorpresa al mio ritorno, raccontandole il tutto a voce. Ora sapendola già informata, non voglio più mancare di scriverlene io stesso, e quantunque da una parte io non creda che si possa molto sperare da una protezione già lontana, dall'altra parte non veda qual altro passo utile si possa fare, contuttociò desidero ch'Ella si compiaccia di darmi su questo proposito i suoi consigli e i suoi ordini, che avrei già domandati antecedentemente, se

tivesse me dato tempo de pedir ao senhor seus conselhos e sua opinião, não teria querido que alguém o informasse sobre esse assunto antes de mim. Mas, estando o Ministro a ponto de partir (pois partiu há vários dias), disse-me expressamente que não havia tempo para demoras, e por isso precisei decidir da manhã para a noite acerca do emprego a solicitar, e, no prazo de dois dias, levar o Memorando à Secretaria de Estado. Não podendo perguntar ao senhor, consultei-me com meus Tios, e como o Ministro queria que eu pedisse um emprego específico e não genérico, decidi-me pelo de Oficial de Registro do Patrimônio, não somente porque esta pareceu a melhor opção aos Tios, mas também porque acreditei que agradaria ao senhor, tendo a Mamãe dito várias vezes que este era o emprego que mais me convinha. Depois de apresentar o Memorando, e não podendo fazer mais nada, não nego que tive em mente fazer-lhe uma surpresa em meu retorno, contando-lhe tudo pessoalmente. Mas sabendo que o senhor já sabe, não quero deixar de lhe escrever sobre isto, e, mesmo que por um lado eu não acredite que se possa esperar muito de uma proteção já distante, por outro não vejo que outro passo útil possa dar; considerando tudo, desejo que o senhor tenha a bondade de dar seus conselhos e

dopo presentata la Supplica, avessi creduta o utile o possibile qualche altra pratica, o se avessi dovuto fare qualunque passo ulteriore.

Tutti stiamo bene, e da quindici giorni e più, abbiamo un bellissimo tempo. I Zii la salutano. Io la prego a benedirmi, e continuarmi l'amor suo, e baciandole la mano mi ripeto

Suo affettuosissimo figlio
Giacomo

A BARTHOLD GEORG
NIEBUHR

[Roma 9 Aprile 1823.]

Eccellenza

Mi sarebbe di grandissima confusione e rammarico il turbare le occupazioni di V.E. e per questo timore scrivo brevemente, ma pure ardisco di scriverle per supplire con questo agli uffici che non potei fare a voce coll'E.V. augurandole un prospero viaggio, ricordandole la mia indelebile riconoscenza, e supplicandola ad onorarmi de' suoi comandi in

suas ordens a este propósito, os quais eu já teria pedido anteriormente se, depois de apresentar a Súplica, acreditasse que fosse útil ou possível qualquer outra prática, ou se tivesse que dar qualquer outro passo.

Todos estamos bem, e há mais de quinze dias temos um bellissimo clima. Os Tios o saúdam. Peço que o senhor me abençoe e continue a me amar.

Beijo-lhe a mão e me confirmo
Seu afetuossissimo filho
Giacomo

A BARTHOLD GEORG
NIEBUHR

[Roma, 9 de Abril de 1823.]

Excelência,

Seria um desastre e um desgosto para mim disturbar as occupações de V. Ex.a, e com este temor, escrevo rapidamente, mas, assim mesmo, ousou lhe escrever para compensar com este os officios que não pude fazer pessoalmente, desejando-lhe uma próspera viagem, recordando-lhe o meu indelével reconhecimento, e suplicando que me honre com

quelle cose dov'Ella non mi credesse affatto inabile a servirla.

V.E. ebbe la bontà di promettermi che mi avrebbe proposto un lavoro filologico al quale Ella giudicava che mi sarebbe stato utile e conveniente l'applicarmi. Quando le occupazioni di V.E. le daranno luogo e comodità di significarmi il suo pensiero, attenderò da Lei quest'altro segno della sua generosità verso di me.

Forse non sarà discaro a V.E. l'intendere che ultimamente ho trovato e trascritto nella Bibl. Barberina il supplemento d'una gran lacuna della famosa orazione di Libanio ὑπερτῶνιερωῶν il qual supplemento equivale incirca ad una quinta parte dell'orazione.

Il mio indirizzo, che V.E. si compiace di domandarmi, è dalla parte di Napoli, *Macerata per Recanati*, e dalla parte d'Oltremonti, *Recanati par Ancone*. Io sarò ancora in Roma altre due o tre settimane, alla fine delle quali tornerò al silenzio ed all'oscurità della mia patria.

Non so quale strada abbia destinato V.E. tenere al suo ritorno di costà. Nel caso che questa fosse quella d'Ancona, vostra Eccellenza farebbe a mio padre ed a me un nuovo favore segnalatissimo, se non isdegnasse di onorare colla sua presenza e con quella della sua rispettata famiglia la casa di mio padre, scegliendola, nel passaggio, per

suas ordens no que o senhor não me considerar de fato inábil para servi-lo.

V. Ex.a teve a bondade de me prometer que teria me proposto um trabalho filológico, ao qual julgava que teria sido útil e conveniente aplicar-me. Quando as ocupações de V. Ex.a lhe derem espaço e comodidade para me manifestar o seu pensamento, aguardarei este outro sinal de sua generosidade para comigo.

Talvez não desagrade a V. Ex.a saber que ultimamente encontrei e transcrevi na Biblioteca Barberina o suplemento de uma grande lacuna da famosa oração de Libânio ὑπερτῶνιερωῶν, que equivale a cerca da quinta parte da oração.

O meu endereço, que V. Ex.a teve a bondade de pedir, é, pelo lado de Nápoles, *Macerata para Recanati*, e pelo lado ultramontano, *Recanati par Ancone*. Estarei aqui em Roma mais duas ou três semanas, no final das quais voltarei ao silêncio e à obscuridade da minha terra natal.

Não sei que estrada V. Ex.a destinou para o seu retorno daí. Se for a de Ancona, Vossa Excelência faria a meu pai e a mim outro favor distintíssimo, se não recusasse honrar com sua presença e a de sua respeitada família a casa de meu pai, escolhendo-a, na passagem, como local de sua parada. Se não ousou

luogo di sua fermata. Se io non ardisco lusingarmi che questo mio desiderio e questa mia preghiera abbiano effetto, spero almeno che V. Eccellenza voglia perdonare la libertà che ho preso di esporle l'uno e l'altra, ed aggradire i vivi sentimenti di devozione e d'ossequio, con cui passo all'onore di confermarmi

Di V.E.

Umo Obbedmo Servitore
G. Leopardi.

Roma 9 Aprile 1823.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma 16 Aprile 1823.]

Carissimo Sig. Padre.

Non ho che soggiungere alle sue savissime riflessioni espresse nella lettera dei 10 corrente. Ma, com'Ella dice, non si rischia nulla, cercando un impiego, intorno al quale, ottenuto che fosse, e conoscitene le condizioni e circostanze, si avrebbe sempre luogo a deliberare se fosse da accettarsi, o da ricusarsi o rinunziarsi. Mi farei difficilmente credere se dicessi che il soggiorno di Recanati per

lisonjear-me que este meu desejo e este meu pedido tenham efeito, espero ao menos que V. Excelência queira perdoar a liberdade que tomei de expor tanto um quanto o outro, e aceitar os vivos sentimentos de devoção e obséquio com os quais tenho a honra de me declarar

De V. Ex.a

Humilíssimo,
Obedientíssimo Criado
G. Leopardi.

Roma, 9 de Abril de 1823.

A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 16 de Abril de 1823.]

Caríssimo Sr. Pai.

Não tenho o que acrescentar às suas sábias reflexões expressas na carta do dia 10 corrente. Mas, como o senhor disse, não há o que arriscar procurando um emprego, em torno ao qual, se der certo, seria sempre possível decidir se aceitar, recusar ou renunciar, tendo conhecido suas condições e circunstâncias. Dificilmente alguém acreditaria em mim se eu dissesse que a permanência em

se medesimo mi sia più grato che il soggiorno di Roma. Ma come quello indubitatamente mi è più caro per la presenza di Lei e della mia famiglia, così anche per tutti gli altri riguardi, Ella si deve persuadere che se io non considero il mio ritorno con gioia, neppur lo considero colla minima pena. Io sono naturalmente inclinato alla vita solitaria. Contuttociò non posso negare ch'io non desideri una vita distratta, avendo veduto per esperienza che nella solitudine io rodo e divoro me stesso. Ma fuor di ciò, qualunque soggiorno m'è indifferentissimo, e quello della mia famiglia, che non mi può essere indifferente, mi sarà sempre carissimo. La nostra partenza è fissata per li 28 del corrente. Essendo forse questa l'ultima lettera della quale potrò avere risposta qui in Roma, la prego a volermi sollecitamente dichiarare il suo parere e il suo giudizio circa le mancie che si dovranno lasciare alla famiglia de' miei ospiti. Questa è composta presentemente di due servitori di sala, che non mi hanno fatto altro se non servirmi in tavola e alzarmi qualche volta le portiere qui in casa; e due ufficiali di cucina e credenza insieme, che le mattine ch'io sono stato in camera, mi hanno mandato, per ordine de' padroni, il caffè. Due altri sono usciti di servizio un mese fa: l'uno era ufficiale di

Recanati agrada-me mais do que a permanência em Roma. Mas, como a primeira indubitavelmente me é mais cara por sua presença e de minha família, bem como por toda a atenção, o senhor deve se convencer de que se não considero meu retorno com alegria, também não o considero com o mínimo sofrimento. Tenho inclinação natural para a vida solitária. Apesar disto, não posso negar que deseje uma vida distraída, tendo visto por experiência que, na solidão, consumo e devoro a mim mesmo. Mas, fora isto, qualquer permanência para mim é indiferentíssima, e estar com minha família, que não pode ser indifferente para mim, ser-me-á sempre muito caro. Nossa partida está fixada para o dia 28 do corrente. Sendo esta talvez a última carta à qual poderei ter resposta aqui em Roma, peço ao senhor que me diga solícitamente o que pensa e a sua opinião quanto às gorjetas que devem ser deixadas para a família que me hospeda. Eles possuem atualmente dois criados de sala, que não fizeram outra coisa senão servir-me à mesa e erguer-me algumas vezes os reposteiros aqui de casa; dois empregados de cozinha e copa juntos, que, nas manhãs em que estive no quarto, levaram-me o café por ordem dos patrões. Dois outros saíram do trabalho um mês atrás: um era

credenza, e questo mi aveva mandato il caffè nello stesso modo; l'altro, servitor di sala, e mi aveva salutato spesso quando io passava, e non altro. Tutti due hanno promesso o minacciato al Zio Momo e a me, di tornarci a riverire alla nostra partenza, e tutt'altro si può sperare, fuor che non mantengano la parola. Sono dunque in tutto, sei individui da riconoscersi. Le donne non hanno avuto mai niente a far con me, per nessun titolo. Quanto al Cameriere del Zio Momo, il quale mi ha discretamente servito per tutto questo tempo, potremo, s'Ella crede, discorrerne a Recanati, giacchè il medesimo tornerà con noi. La prevengo che a conti fatti, mi resterà una quindicina di scudi in mano, prima di mettermi in viaggio, disponibili in queste mancie, se, e come Ella crederà. Il Cav. Marini è tornato a parlare con molto interesse a Melchiorri del noto affare, domandandogli ragguagli di Paolina, e mostrando molta indifferenza circa la quantità della dote.

Augurandomi di farlo presto in presenza, le bacio la mano col cuore, e mi ripeto

Suo affettuosissimo figlio
Giacomo.

Roma 16 Aprile 1823.

copeiro, e este também levou-me o café do mesmo modo; o outro, criado de sala, saudou-me frequentemente quando eu passava, e nada mais. Os dois prometeram, aliás, ameaçaram voltar para cumprimentar Tio Momo e eu em nossa partida, mas pode-se esperar tudo menos que mantenham a palavra. Então, são ao todo seis indivíduos a reconhecer. As mulheres não tiveram absolutamente nada a ver comigo. Quanto ao Camareiro do Tio Momo, que me serviu discretamente por todo este tempo, podemos falar em Recanati, se o senhor concordar, já que ele irá voltar conosco. Previno-o de que, feitas as contas, restarão cerca de quinze *scudi* em minhas mãos antes de iniciar a viagem, que podem ficar disponíveis para essas gorjetas, se e como o senhor achar melhor. O Cavalheiro Marini voltou a falar com muito interesse a Melchiorri do conhecido negócio, pedindo informações sobre Paolina, e demonstrando muita indiferença acerca da quantidade do dote.

Desejando poder beijar sua mão pessoalmente, o faço com o coração, e me confirmo

Seu afetuossíssimo filho
Giacomo.

Roma, 16 de Abril de 1823.

A CARLO LEOPARDI

Roma 19 Aprile 1823.

Carlo mio. Ti scrivo brevemente, perchè in questi ultimi giorni sono affollato di occupazioni vanissime e seccantissime, ma che pur levano il tempo. Ricevetti unitamente le vostre dei 10 e dei 14. Puoi bene immaginare quanto mi abbia afflitto il racconto che tu mi fai del disturbo accaduto in casa; il quale mi è dispiaciuto per riguardo vostro e per riguardo mio; che lasciando una Roma, e tornando in una Recanati, non vorrei trovar altro che amicizia ed amore. Questo disgusto mi è riuscito improvviso affatto, perchè la tua penultima, come ti dico, mi è giunta ritardata, e insieme coll'ultima. Ti ringrazio bensì molto di avermi dato subito questa notizia, perchè noi dobbiamo dividere insieme ogni cosa; e ti compatisco più che non ti puoi figurare della rincreasevole circostanza nella quale ti sei trovato tu e gli altri.

Scrivo oggi a Paolina, la quale ha bisogno d'esser moderata ne' suoi trasporti: vedo che la speranza la travaglia assai più della disperazione e del dolore; e che l'aver provato una

A CARLO LEOPARDI

Roma, 19 de Abril de 1823.

Meu Carlo. Escrevo rapidamente, pois nos últimos dias estou lotado de ocupações inutilíssimas e chatíssimas, mas que demandam tempo. Recebi juntas as suas do dia 10 e do dia 14. Podes bem imaginar quanto me affligiu o que me contas sobre o problema ocorrido em casa; sinto muito por vocês e por mim, pois deixando esta Roma, e voltando a essa Recanati, não gostaria de encontrar nada além de amizade e amor. Esse aborrecimento foi uma surpresa completa para mim, pois a tua penúltima carta, como disse, chegou atrasada, e junto com a última. No entanto, agradeço muito teres me dado logo essa notícia, pois devemos dividir todas as coisas; compartilho mais do que podes imaginar da circunstância desagradável na qual tu e os outros se viram envolvidos.

Escreverei hoje a Paolina, que precisa moderar seu entusiasmo: vejo que a esperança a faz sofrer mais que o desespero e a dor; e que ter sentido uma forte expectativa não lhe dá sossego. Isto não me surpreende;

forte lusinga, non la lascia trovar luogo. Questo non mi fa meraviglia; ma bisogna ispirarle un poco di costanza, perchè in verità non v'è stato così inquieto e smanioso come quello di chi spera vivamente, e trema di sperare invano. Noi due siamo fuori di questi pericoli; ma la poverina non ha ancora *reso le armi alla fortuna*, come aveva fatto il Petrarca. La mantelletta si può dire veramente che mi sia stata offerta; e questo dal Segretario di Stato, come potrete vedere nella lettera che mi scrisse il Ministro di Prussia. Ma queste offerte son cose di tanto poco momento, che non vale la pena di parlarne. Addio, Carlo mio caro. Pensa un poco se fosse mai possibile ch'io ti potessi servire in qualche cosa, prima del mio ritorno. Forse potrò ancora ricevere un'altra tua lettera, ed eseguire qualche tuo comando, se me ne farai. La nostra partenza era determinata per li 28: ora il giorno preciso è in dubbio. Il certo è che la partenza è vicinissima. Addio, abbracciandoti e baciandoti.

mas é preciso aconselhar-lhe um pouco de constância, pois, na verdade, não há estado mais inquieto e ansioso que o de quem espera vivamente, e teme esperar em vão. Nós dois estamos fora desses perigos, mas a pobrezinha ainda não *rendeu as armas à fortuna*, como havia feito Petrarca. Pode-se dizer que o hábito realmente foi-me oferecido pelo Secretário de Estado, como é possível ver na carta que me escreveu o Ministro da Prússia. Mas estas ofertas são coisas de tão pouca importância que não vale a pena tocar no assunto. Adeus, meu caro Carlo. Pensa um pouco se não há nada em que te possa servir antes do meu retorno. Talvez eu ainda possa receber uma outra carta tua e executar algum pedido, se houver. Nossa partida estava determinada para o dia 28; agora há dúvidas sobre o dia preciso. Certo é que a partida está muito próxima. Adeus, te abraço e te beijo.

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma] 19 Aprile. [1823]

Cara Paolina. Vi ringrazio assai della confidenza che mi mostrate raccontandomi le vostre pene d'animo. Che mi preghiate ad interessarmi per voi, quantunque sappiate ch'io non ho bisogno d'esser pregato per questo effetto; lo considero come un segno che vogliate essermi grata anche di quello ch'io debbo farvi per obbligo. Sappiate dunque che direttamente o indirettamente, voi in realtà siete stata proposta al Cav. Marini, e che questo non si è mostrato niente alieno dall'aderire a questo partito, anzi ha lasciato vedere di esservi piuttosto propenso; e che in somma è verissimo tutto quello che io scrissi al Papà nelle lettere che avete lette. È vero ancora che il Cav. ha per le mani un altro partito: e perciò ha detto a Melchiorri che gli era necessario un pretesto o un'occasione per abbandonarlo: ma questo pretesto e questa occasione son facili a trovarsi, se il Cav. Vorrà: ed io ho ragione di credere che lo voglia. Intanto io non posso sapere qual risposta precisa egli abbia dato alla persona che gli ha fatto la proposta relativa a voi. Il Zio Carlo non me ne ha detto niente: son certo però che il Cav. non ha dato una ripulsa; piuttosto avrà

A PAOLINA LEOPARDI

[Roma] 19 de Abril [1823].

Cara Paolina. Agradeço muito a confiança que deposita em mim, falando-me das penas de sua alma. Considero o pedido para que me interesse por você um sinal de gratidão por aquilo que eu devo necessariamente fazer, sem que para isto seja preciso pedir. Saiba, então, que, na realidade, direta ou indiretamente você foi proposta ao Cavalheiro Marini, que não se mostrou nem um pouco indiferente a aderir ao acordo, muito pelo contrário, pareceu bastante propenso a aceitá-lo; e que, enfim, é tudo verdade o que escrevi ao Papai nas cartas que leu. É também verdade que o Cavalheiro tem nas mãos outro partido; e, por isto, disse a Melchiorri que precisava de um pretexto ou uma ocasião para abandoná-lo; mas esse pretexto e essa ocasião são fáceis de achar, se o Cavalheiro quiser, e tenho razões para crer que ele queira. Por enquanto, não posso saber que resposta precisa ele deu à pessoa que lhe fez a proposta relativa a você. Tio Carlo não me disse nada: estou certo, porém, de que o Cavalheiro não recusou; provavelmente terá pedido um tempo; e estou bem informado das últimas disposições do

preso tempo; ed io son bene informato delle disposizioni posteriori del Cav., come ho scritto al Papà, e come avete veduto. La dote che il Cav. Dà alla figlia, non sono 14 m. scudi; ma 18 m., come io scrissi, e come so di certo; anzi si stenderà, bisognando, fino a 20 mila. Secondo tutti i ragguagli ch'io ho, non è vero che il Cav. Voglia rifarsi di questa dote con quella della futura sua sposa. Ma il Zio Carlo, come sapete, è mutabile, e vuole e disvuole un poco troppo presto. Sicchè non dovete maravigliarvi se questo trattato che da principio gli parve bellissimo e facile, dopo due settimane gli è sembrato sconveniente e impossibile. La conchiusione è, che l'affare sta presentemente in quel medesimo piede che potete rilevare dalle mie lettere passate. Il Papà coll'ultimo ordinario non mi ha scritto. Mostrategli questa lettera. S'egli crederà che parli io medesimo al Cav. e lo stringa in modo da trarne qualche risposta concludente, lo farò subito. In caso diverso, l'affare, anche nell'assenza mia, starà molto bene in mano di Melchiorri, il quale da una parte è così intrinseco del Cav. Che questo, poco fa, l'aveva incaricato di trovar moglie a lui, e marito alla figlia, dall'altra parte è impegnatissimo per il Papà, per voi, e per me, e lo sarà molto maggiormente quando si trovi

Cavalheiro, como escrevi ao papai, e como pôde ver. O dote que o Cavalheiro dá à filha não é de 14 mil *scudi*, mas de 18 mil, como escrevi, e como sei ao certo; aliás, chegará a 20 mil, se for preciso. De acordo com as informações que tenho, não é verdade que o Cavalheiro queira recuperar este dote com o da futura esposa. Mas Tio Carlo, como sabe, é mutável: quer e desquer um pouco rápido demais. De modo que, não se surpreenda se este acordo, que a princípio pareceu-lhe bellissimo e fácil, depois de duas semanas lhe parecer inconveniente e impossível. A conclusão é que o acordo está atualmente no mesmo pé em que estava nas minhas cartas passadas. Papai não me escreveu com o último correio. Mostre-lhe esta carta. Se ele quiser que eu mesmo fale com o Cavalheiro e o pressione para chegar a alguma resposta conclusiva, o farei imediatamente. Caso contrário, o acordo, mesmo em minha ausência, estará muito bem nas mãos de Melchiorri, que é íntimo do Cavalheiro ao ponto deste, pouco tempo atrás, tê-lo encarregado de encontrar esposa para si e marido para a filha; por outro lado, está empenhadíssimo por Papai, por você e por mim, e se empenhará ainda mais quando for autorizado a tratar o negócio.

Que tudo isso seja dito para o seu consolo, e porque esta

autorizzato a trattare il negozio.

Tutto ciò sia detto per vostra consolazione, e perchè questa è la verità. Ma, cara Paolina mia, non posso dissimulare che lo stato dell'animo vostro, e il turbamento e l'agitazione che mi dipingete nella vostra lettera, mi fa troppa compassione, anzi arriva a parermi un poco riprensibile. Che voi piangiate e vi disperiate perchè? Perchè avete concepito una grande speranza, non è intieramente degno di voi, e non s'accorda colle lezioni che avete ricevuto dai libri, e da quel poco di lumi che i vostri fratelli per la propria esperienza, v'hanno potuto dare, e v'hanno dato. La speranza è una passione turbolentissima, perchè porta con sè necessariamente un grandissimo timore che la cosa non succeda; e se noi ci abbandoniamo a sperare, e per conseguenza a temere, con tutte le nostre forze, troviamo che la disperazione e il dolore sono più sopportabili della speranza. Lasciamo stare che quando anche voi foste già qui, moglie del Cav. Marini, ricca, divertita, vedreste che questo stato (al quale forse giungerete) non valeva poi la pena di tanti palpiti. Ma poniamo ancora, che il medesimo sia la più gran felicità che si possa immaginare: io v'assicuro, Paolina mia, che se noi non acquistiamo un poco

é a verdade. Mas, minha cara Paolina, não posso disfarçar que seu estado de ânimo, e a perturbação e a agitação que demonstra em sua carta me dão muita pena, aliás, chegam a me parecer um pouco repreensíveis. Você chora e se desespera por quê? Porque concebeu uma grande esperança, e isto não é absolutamente digno de você, e não combina com as lições que recebeu dos livros e da pouca luz que seus irmãos, por experiência própria, puderam dar-lhe e deram. A esperança é uma paixão turbuléntissima, pois traz consigo necessariamente um enorme temor de que a coisa não aconteça; se nós nos entregamos a esperar e, conseqüentemente, a temer, com todas as nossas forças, descobrimos que o desespero e a dor são mais suportáveis que a esperança. Sem contar que se você também já estivesse aqui, casada com o Cavalheiro Marini, rica, divertida, veria que este estado (ao qual talvez chegasse), não valia a dor de tanta palpitação. Mas, suponhamos ainda que ele seja a maior felicidade que se possa imaginar: eu lhe garanto, minha cara Paolina, que, se nós não conquistamos um pouco de indiferença em relação a nós mesmos, jamais poderemos ser felizes, e nem mesmo viver. É preciso que se deixe levar um pouco pela vontade da fortuna, e

d'indifferenza verso noi stessi, non possiamo mai, non dico esser felici, ma neppur vivere. Bisogna che vi lasciate un poco portare dalla volontà della fortuna, e che sperando, non vi approfondiate tanto nella speranza, che non siate pronta a quello che può succedere: altrimenti, anche andando le vostre cose a vele gonfie, vi martirizzerete da voi stessa in modo, che prima d'ottenere quello che avrete sperato, sarete passata per un vero purgatorio. Direte ch'io vi sono sempre intorno colla filosofia. Ma mi concederete che questa non mi è stata insegnata nè dai libri nè dagli studi nè da nessun'altra cosa, se non dall'esperienza: ed io vi esorto a questa filosofia perchè credo che vi abbiate i miei stessi diritti e la mia stessa disposizione.

Se mi volete bene, fatevi coraggio e armatevi d'un poco di costanza. Salutatemmi tutti. Non dubitate del mio impegno per voi. Aspettatemmi fra poco, e intanto spazzatemmi la casa dalla malinconia. Saluti del Zio Carlo alla Mamma e al Papà. Addio addio.

que, esperando, não se aprofunde tanto na esperança, a ponto de não estar pronta ao que possa acontecer: caso contrário, mesmo que suas coisas andem de vento em popa, será um martírio tal que, antes de obter o que esperava, você já terá passado por um verdadeiro purgatório. Dirá que estou sempre a rodeá-la com a filosofia. Mas terá de concordar que esta não me foi ensinada pelos livros nem pelos estudos ou outra coisa qualquer, mas pela experiência: e eu a exorto a praticar esta filosofia porque creio que você tenha as mesmas capacidades e a mesma disposição que eu.

Se me quer bem, crie coragem e arme-se de um pouco de constância. Lembranças a todos. Não duvide do meu empenho por você. Aguarde-me em breve e, por enquanto, varra a melancolia de casa. Saudações do Tio Carlo à Mamãe e ao Papai. Adeus, adeus.

A MONALDO LEOPARDI

[s.d., ma Roma, 22 aprile
1823]

Amatissimo Sig. Padre
Seguendo il suo parere, mi sono spiegato sull'affare di Paolina col Zio Carlo, dal quale ho saputo quello che io già immaginava. Il Zio, (non volendo espor Lei ad un rifiuto) prima di scrivere a Lei il suo pensiero, o nello stesso tempo che le ne scrisse, fece parlare al Cavalier Marini da persona amica dell'uno e dell'altro, la quale parlò al Cavaliere come da sè. La risposta fu equivoca, cioè che in quel momento il Cavaliere aveva per le mani un altro partito, com'era verissimo. Il Zio Carlo ricevette questa risposta dopo aver già scritto a Lei la prima volta; e ricevutala, credette bene di significarne a Lei la sostanza, senza dirle di aver fatto interpellare il Cav., e ciò per non inquietarla. Egli credette che questa risposta fosse stato un pretesto, e avendo pure inteso che il Cav. avesse forti pretensioni circa la dote, stimò che l'affare non fosse combinabile, e in questo sentimento le scrisse la lettera ch'Ella m'ha inviato, e che le rimando. Ora mosso dalla sua ultima, voleva per mezzo della stessa persona già da lui adoperata, fare avanzare al Cav.

A MONALDO LEOPARDI

[s.d., mas Roma, 22 de
abril de 1823.]

Amadíssimo Sr. Pai,
Seguindo o seu conselho, expliquei o acordo de Paolina ao Tio Carlo, do qual soube o que eu já imaginava. O Tio (não querendo expor o senhor a uma recusa), antes de lhe escrever sobre o que pensa, ou ao mesmo tempo em que lhe escreveu, fez com que uma pessoa amiga tanto de um quanto de outro falasse com o Cavalheiro Marini. A resposta foi ambígua, isto é, que naquele momento o cavalheiro tinha em mãos outro partido, como realmente era verdade. Tio Carlo recebeu esta resposta depois de ter escrito a primeira vez ao senhor; e, ao recebê-la, pensou que seria bom informá-lo da sua essência, sem dizer que o Cavalheiro havia sido interpellado, para não inquietá-lo. Ele achou que aquela resposta tivesse sido um pretexto, e tendo ouvido que o Cavalheiro tinha grandes pretensões acerca do dote, julgou que o negócio não fosse viável, e com este sentimento escreveu a carta que o senhor me enviou, e que lhe envio de volta. Então, motivado por sua última carta, queria, por intermédio da mesma pessoa, apresentar uma proposta decisiva ao Cavalheiro para obter

una proposizione decisa, per averne una risposta della stessa natura. Ma informato da me delle cose che ho saputo da Melchiorri, e persuaso che il Cav. non è alieno dal nostro partito, ha giudicato bene che il portatore di questa proposizione (o comunque si dovrà chiamare) sia lo stesso Melchiorri, ch'è il fa-tutto del Cav., e il quale, ottenendo una risposta soddisfacente, potrà poi intendersela col Zio Carlo, e direttamente con Lei, per tutte le particolarità che si dovranno combinare. Parlerò dunque a Melchiorri (autorizzato come sono da Lei), e farò che colla dovuta prudenza, cerchi di trarre dal Cav. una risposta concludente, com'Ella desidera. Sono certissimo che il Cav. gli risponderà sincerissimamente e col cuore sulle labbra, perchè così suol fare con lui. Questo è già molto. Ma di più spero che la risposta non sarà dispiacevole per noi, quando anche per l'esecuzione del trattato, il Cav. fosse per domandare qualche dilazione: giacchè sento che per sua quiete e della sua futura sposa, desideri di maritar la figlia prima di restringersi in matrimonio; e sta già in varie trattative per maritarla.

Ho consegnato al Cav. Marini la sua Memoria raccomandandogliela caldamente. Mi ha promesso di far tutto il possibile dal canto suo, e son

uma resposta da mesma natureza. Mas, depois de informado por mim das coisas que soube através de Melchiorri, e convencido de que o Cavalheiro não está indiferente ao nosso partido, julgou que o portador dessa nossa proposta (ou seja lá como irá se chamar) deva ser o próprio Melchiorri, que é o faz-tudo do Cavalheiro, e que, se obtiver uma resposta satisfatória, poderá depois se entender com o Tio Carlo, e diretamente com o senhor para todos os detalhes que deverão ser acertados. Portanto, falarei com Melchiorri (agora que fui autorizado pelo senhor), e farei com que, com a devida prudência, tente arrancar do Cavalheiro uma resposta conclusiva, como o senhor deseja. Estou certo de que o Cavalheiro lhe responderá muito sinceramente e de peito aberto, pois assim costuma agir com Melchiorri. Isto já é tanto. Mas espero ainda que a resposta não seja desagradável para nós, mesmo que o Cavalheiro peça algum prazo para a execução do acordo; pois tenho ouvido dizer que, para a sua tranquilidade e de sua futura esposa, ele deseje casar a filha antes de unir-se em matrimônio; e já tem várias tratativas em andamento para desposá-la.

Entreguei ao Cavalheiro Marini o seu Memorando, com muitas recomendações. Ele me

certo che non mancherà. Avrebbe voluto che la stessa Delegazione scrivesse al Buon Governo, ed assumesse (com'egli dice) l'iniziativa in questo reclamo, del quale egli ha pienamente e altamente riconosciuto la giustizia. Son persuaso che a Lei non sarà sfuggito il pensiero di mettere la Delegazione attivamente dalla sua parte, e che quando non l'abbia fatto, ciò sarà provenuto da qualche impedimento che il Cav. ed io non possiamo conoscere. Prima di consegnar la Memoria, l'ho fatta leggere al Zio Carlo, il quale ha concepito molta indignazione sul contenuto della medesima, e me l'ha fatta copiare, per mettere in opera, come ha già fatto, alcuni altri mezzi che ha creduto opportuni per farle ottenere la giustizia ch'Ella domanda.

Noi partiremo prestissimo, ma non posso ancora sapere il giorno preciso, benchè questa settimana addietro, la partenza fosse stata fissata ai 28, come le scrissi col penultimo ordinario. Certo è che poco si potrà scostare dal detto termine, e pertanto non so se potrei ricevere il riscontro della presente.

Mille saluti de' Zii, e mille
affettuosi ossequii del suo
Amorosissimo figlio
Giacomo.

prometeu fazer o que estiver ao seu alcance, e estou certo de que não irá faltar. Queria que a própria Delegação escrevesse ao Bom Governo e assumisse (como ele disse) a iniciativa desta reclamação, que ele reconhece como plena e altamente justa. Estou certo de que não deve ter fugido ao senhor a ideia de pôr a Delegação ativamente ao seu lado, e de que, se não o tiver feito, terá sido por algum impedimento do qual o Cavalheiro e eu não temos conhecimento. Antes de entregar o Memorando, fiz com que fosse lido pelo Tio Carlo, que ficou muito indignado com o conteúdo do mesmo, e pediu-me que o copiasse para pôr em ação, como já fez, outros meios que acreditava oportunos para fazer com que o senhor obtenha a justiça que pede.

Nós partiremos muito em breve, mas ainda não sei o dia exato, embora na semana passada a partida estivesse fixada para o dia 28, como lhe escrevi com o penúltimo correio. Mas certamente pouco nos afastaremos dessa data, e portanto não sei se poderei receber a resposta da presente.

Mil saudações dos Tios, e
mil afetuosos obséquios de seu
Amorosíssimo filho
Giacomo.

A PIETRO GIORDANI

Roma 26 Aprile 1823.

Sperava di ricevere qualche altra tua lettera in Roma. Ma dalla cara tua de' 16 di Febbraio in poi (alla quale risposi molto lungamente) non ho più veduto i tuoi caratteri. Ben so che scrivesti a mio Zio e questa mattina Mons. Mai mi ha detto che tu gli scrivi, e gli parli di me con quell'affetto ch'è proprio tuo; ed intendendo ch'io ti voleva scrivere, m'ha commesso di salutarti caramente a suo nome. Così fece anche l'Abate Canova, il quale vidi l'altro dì, e parlammo di te quanto e nel modo che puoi pensare. Ma si lamentava anch'esso del tuo silenzio. Fra due o tre giorni io parto di qui, e torno al mio Recanati, dove mi fermerò forse poco, forse sempre. Porto buone speranze d'esser provveduto di qualche impiego, anzi il Segretario di Stato ne diede promessa formale al Ministro di Prussia, che presentemente è a Napoli, come saprai, ed ha scoperto in quei codici diverse cose notabili; fra l'altre, una gran parte inedita di Sosipatro Carisio Grammatico. Se il Segretario di Stato si ricorderà di me, non resterò in Recanati gran tempo: altrimenti non vedo come ne potrò

A PIETRO GIORDANI

Roma, 26 de Abril de 1823.

Esperava receber alguma outra carta tua em Roma. Mas, da tua cara de 16 de Fevereiro em diante (à qual respondi muito longamente), não vi mais tua letra. Bem sei que escreveste ao meu Tio, e, esta manhã, o Monsenhor Mai me disse que lhe tens escrito, e que falas de mim com aquele afeto que te é próprio; e, ao saber que eu pretendia escrever-te, pediu que te saudasse afetosamente em seu nome, assim como o Abade Canova, que vi outro dia, e com quem falei de ti do modo que podes imaginar. Mas também ele se lamentava do teu silêncio. Daqui a dois ou três dias parto daqui e volto para Recanati, onde talvez fique pouco, talvez sempre. Levo boas esperanças de conseguir um emprego, aliás, o Secretário de Estado o prometeu ao Ministro da Prússia, que atualmente está em Nápoles, como debes saber, e descobriu nos códices de lá várias coisas notáveis; entre elas, uma parte grande inédita da Gramática de Sosípatro Carísio. Se o Secretário de Estado se lembrar de mim, não ficarei em Recanati muito tempo: caso contrário, não

di nuovo uscire; del che mi prendo pochissima pena. Ho fatto in Roma gran moto ed esercizio di corpo, ed ho sopportato il tutto facilissimamente, e senza la menoma incomodità, quantunque uscissi da un'eccessiva, anzi totale inerzia corporale di più anni. Fuor del vigore che non riacquisterò mai più, e della piena signoria de' miei occhi e della mia testa, che parimente ho perduta per sempre posso dir che la mia salute è non solamente buona ma ottima. Non così bene posso dire del mio spirito, il quale assuefatto per lunghissimo tempo alla solitudine e al silenzio, è pienamente ed ostinatissimamente nullo nella società degli uomini, e tale sarà in eterno, come mi sono accertato per molte anzi continue esperienze. Ed avendo in questi ultimi mesi perduto anche l'abito della solitudine, è diventato nullo ancora in se medesimo, di modo che veramente io non son più buono a cosa alcuna del mondo; e questo ancora mi dà poca noia.

vejo como poderei sair de lá; mas isto me preocupa pouquíssimo. Fiz em Roma tanto movimento e exercício com o corpo, e suportei tudo muito facilmente, e sem a mínima incomodidade, embora viesse de uma excessiva, aliás, total inércia corporal de anos. À parte o vigor, que jamais reconquistarei, e a plena senhoria dos meus olhos e da minha cabeça, que também perdi para sempre, posso dizer que minha saúde não só está boa, como ótima. O mesmo não posso dizer do meu espírito, que, acostumado longamente à solidão e ao silêncio, é completa e obstinadamente nulo no convívio com os homens, e assim será eternamente, como pude certificar-me através de muitas, contínuas experiências. E, tendo, nos últimos meses, perdido inclusive o hábito da solidão, tornou-se ainda mais nulo, de modo que eu realmente não sou mais capaz de coisa alguma no mundo; e isto também pouco me incomoda.

A FRANCESCO CAPACCINI

[s.d., ma Roma, fine aprile 1823.]

Signoria Illustrissima
Padrona Colendissima

Trovandomi sul punto di partire per Recanati mia patria, e non avendo avuto la sorte di poter inchinare Vostra S. Ill. Nelle due volte che mi sono recato presso di Lei a questo effetto, mi fo coraggio di servirmi della presente per chiedere i di Lei comandi nel mio imminente ritorno alla mia patria, dove sarò disposto e pronto agli ordini di S. Em. il Signor Cardinale Segretario di Stato, e attenderò con fiducia gli effetti della sua alta beneficenza. Avrei desiderato e voluto personalmente fare omaggio all'Em. Sua, offrirmi umilmente ai cenni della Medesima, e profondamente ringraziarla delle benigne disposizioni che si è degnata di mostrare in favor mio, ma straniero come io sono alla Corte, timido per natura e per abitudine, e persuaso che ciascuno istante rapito alle vaste occupazioni di S. Em. sia rapito allo Stato, e al bene de' sudditi Pontificii, ho sperato che V.S. Ill. Si sarebbe compiaciuta di supplire alla mia insufficienza, rappresentando questi miei umili sentimenti all'Em. Sua, ed invocando la benignità della Medesima sulla

A FRANCESCO CAPACCINI

[s.d., mas Roma, fim de abril de 1823.]

Ilustríssima Senhora
Patroa Colendíssima,

Estando a ponto de partir para Recanati, minha terra natal, e não tendo tido a sorte de inclinar-me diante de Vossa Senhora Ilustríssima nas duas vezes em que lhe procurei para tal efeito, crio coragem de servir-me da presente para lhe pedir que queira me comandar em meu imminente retorno à pátria, onde estarei disposto e pronto às ordens de Sua Eminência o Senhor Cardeal Secretário de Estado, e aguardarei confiante os efeitos de sua alta beneficência. Gostaria de ter reverenciado pessoalmente Sua Eminência, ou de ter oferecido humildemente os meus préstimos e agradecido profundamente pelas disposições benignas que se dignou de mostrar em meu favor; mas, estranho como sou à Corte, tímido por natureza e por hábito, e convencido de que cada instante roubado às vastas ocupações de Sua Eminência é roubado ao Estado e ao bem dos súditos Pontíficios, esperei que V.S. Il.ma tivesse a bondade de suprir a minha insuficiência, apresentando os meus humildes sentimentos à Sua Eminência, e invocando a benevolência da Mesma em

mia rispettosa ritenutezza. Per mezzo del Sig. Ministro di Prussia ho saputo che l'Eminentissimo Sig. Cardinale nell'ultimo colloquio avuto con S. Ecc. si degnò di assicurarla che i benevoli ufficj fatti da essa in mio favore, non sarebbero stati privi di effetto. Io parto dunque con viva e ferma lusinga fondata sulla magnanima generosità dell'Em. Sua, e nel partire raccomando confidentemente me stesso alla memoria ed alla bontà di V.S. Ill. Forse non sarà qui fuor di luogo, nè parrà grave a V.S. Ill. ch'io le significhi ossequiosamente una circostanza relativa alla Memoria già presentatale per me, circa i posti di Verificatore del Bollo e Registro che vaceranno in Ancona e in Rimini alla fine di Giugno prossimo. E la detta circostanza si è, che la Direzione Generale de' Catasti, trovandosi, per non so quali ragioni, poco soddisfatta dell'attuale Cancelliere del Censo in Rimini, avrebbe molto caro che il medesimo fosse trasportato nel posto di Verificatore del Bollo e Registro come S. Em. potrà intendere dal Rmo Mons. Tesoriere, se avrà la degnazione d'interrogarlo in proposito. E quando fosse volontà dell'Emin. Sua che questo traslocamento avesse luogo, verrebbe a vacare in Rimini il posto di Cancelliere del Censo, la qual carica è l'oggetto della Supplica che io ebbi l'onore

relação à minha respeitosa discrição. Por intermédio do Sr. Ministro da Prússia, soube que o Eminentíssimo Sr. Cardeal, no último colóquio tido com Sua Excelência, dignou-se de assegurar-lhe que as benévolas intercessões feitas por ele em meu favor não deixariam de ter efeito. Parto, portanto, com viva e firme esperança, fundada na magnânima generosidade de Sua Eminência, e, ao partir, entrego-me confiantemente à memória e à bondade de V. S. Il.ma. Talvez esta sede não seja inadequada, nem parecerá grave a V. S. Il.ma que eu o informe obsequiosamente sobre uma circunstância relativa ao Memorial por mim já apresentado acerca das vagas de Verificador de Taxas e Registro que abrirão em Ancona e Rimini no final de Junho próximo. E essa circunstância é tal que, estando a Direção Geral dos Cadastros pouco satisfeita com o atual Oficial de Registro do Patrimônio de Rimini, não sei por que razão, gostaria que o mesmo fosse transferido à função de Verificador de Taxas e Registro, como Sua Eminência poderá saber do Reverendíssimo Monsenhor Tesoureiro, se tiver a bondade de lhe perguntar sobre o assunto. E, se for vontade de Sua Eminência que essa transferência ocorra, vagaria em Rimini o posto de Oficial de Registro do

<p>di umiliare per di Lei mezzo all'Em. Sua. Prego istantemente V.S. Ill. A perdonare la mia importunità, e rinnovandole l'offerta della mia intera servitù, e le espressioni della fiducia che ho nel di Lei gentile e benefico animo, con piena e singolare stima ed ossequio, passo all'onore di segnarmi</p> <p style="text-align: center;">Palazzo Mattei etc.</p>	<p>Patrimônio, cargo que é objeto da Súplica que tive a honra de apresentar humildemente à Sua Eminência por intermédio do senhor. Peço encarecidamente a V. S. Il.ma que me perdoe o importuno e, renovando a oferta de minha total servidão e as expressões de confiança que tenho em Sua gentil e benéfica alma, com plena e singular estima e obséquio, tenho a honra de me declarar</p> <p style="text-align: center;">Palácio Mattei etc.</p>
---	---

4 À SOMBRA DO AUTOR TRADUTOR: COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Em nossa atividade como tradutores, acontece de trabalharmos com textos de autores que, por sua vez, são ou foram tradutores e, de modo mais ou menos sistemático, pensaram a tradução. Essas reflexões, mesmo que estejam fora do texto sobre o qual nos debruçamos, acabam compondo uma teia de pensamentos e fazeres, que tendem idealmente a afinar o entendimento e o trabalho ao qual nos dedicamos. É o caso deste projeto.

Tanto na fase de elaboração da tradução das cartas de Roma quanto das reflexões sobre o processo tradutório, procurei dialogar com reflexões feitas por Leopardi sobre tradução e outros temas entrecruzados como leitura, língua e a arte de escrever bem. O universo leopardiano é tão fértil também nestes campos do pensamento que quis explorá-lo ao máximo, tentando sanar minimamente o déficit que se sente ao trabalhar com um autor cujo saber é tão amplo que, quanto mais se conhece, mais se percebe que há por conhecer. Por isto a decisão de manter-me dentro do campo de reflexões leopardianas também na discussão da tradução, seja através de sua voz, seja na de seus comentadores.

Como se sabe, Leopardi, desde muito jovem, dedicou-se à leitura e à tradução de obras gregas e latinas, que tiveram um papel fundamental em sua formação como pensador e escritor. Suas reflexões sobre as experiências de tradução encontram-se, sobretudo, nos prefácios de suas traduções e no já citado *Zibaldone di pensieri*, diário intelectual do poeta, composto por 4526 páginas escritas de modo fragmentário entre os anos de 1817 e 1832. Algumas delas estão nas cartas, em especial, na carta aberta *Lettera ai compilatori della Biblioteca italiana* (que questionava a proposta de Bellini de traduzir todos os poetas gregos), e em cartas a Pietro Giordani, e aos editores Stella e Brighenti principalmente.

Em *Leopardi lettore e traduttore*, Novella Primo dizia que a leitura – e, eu acrescento, também a tradução – é vivida por Leopardi do ponto de vista do escritor que almeja adquirir competências estilístico-linguísticas de um gênero literário, ou seja, como estratégia de aprendizado e aperfeiçoamento da escrita, discutida nas cartas com Giordani em torno ao ano de 1817. Esse processo envolveria a criação de hábito e a imitação (em relação ao gênero ou ao estilo de escrita de certo autor), além da introspecção e da apreciação do texto. E, neste

sentido, as escolhas precoces de Leopardi refletiam também seu posicionamento frente à produção do conhecimento: ler e traduzir obras gregas e latinas era um modo de se contrapor ao declínio dos estudos do mundo moderno e exortar os leitores a apreciar a “verdadeira poesia” (PRIMO, 1998, p. 10).

Referindo-se às dinâmicas internas movidas pela leitura e pela tradução, o jovem Leopardi falava a Giordani, em carta de 21 de março de 1817, do tumulto provocado pela leitura e da acomodação na mente proporcionada pela tradução:

O Senhor diz, como Mestre, que traduzir é utilíssimo na minha idade, algo certo e que a prática me mostra de modo claríssimo. Pois tendo lido algum Clássico, minha mente tumultua e se confunde. Então, começo a traduzir o melhor que posso, e aquelas belezas, por necessidade examinadas e repostas uma a uma, tomam lugar na minha mente, a enriquecem e me deixam em paz.” (*Epist.*, I, p. 71).

Dessa relação com os clássicos emerge a concepção de leitura como apropriação corpórea do texto através do envolvimento de todas as esferas sensoriais. E, desse ponto de vista, traduzir é também absorver, pois para que os modernos, que estão distantes daquele ‘impulso sobre-humano’, se apropriem dos clássicos, precisam ‘ruminar’¹⁴³ seus escritos (PRIMO, 2008, p. 14). A imersão dos sentidos promovida pela leitura seria tal a provocar a dessensibilização em relação ao espaço físico circundante, resultando numa sensação de vigor corporal e

¹⁴³ “Ruminar” – “remoer, remastigar para melhor absorver”, no sentido figurado “refletir longamente sobre” – vocábulo usado por Primo para sintetizar a apropriação leopardiana dos textos antigos, teria sido também o que fez Leopardi nos comentários às rimas de Petrarca, trabalho realizado para Stella em 1826. Diz Ricardo Tesi que os comentários de Leopardi consistiam basicamente em “atualizar” a língua de um autor antigo para leitores estrangeiros ou italianos cultos, mas sem formação literária. E acrescenta que tanto os comentários quanto o trabalho de compilação e crítica feito para a *Crestomazia italiana* de prosa e para a *Crestomazia poetica* teriam sido um “passo decisivo para afinar o laboratório linguístico das obras maiores” do recanatense (referindo-se aqui aos *Cantos* e às *Operette morali*). In Tesi, Ricardo. *Profilo linguistico di Leopardi*. *Enciclopedia dell’italiano* (2010). Disponível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/giacomo-leopardi_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giacomo-leopardi_(Enciclopedia-dell'Italiano)/)

elevação do espírito. No prefácio da tradução da *Batracomiomachia*, Leopardi irá narrar um processo semelhante a esta imersão, através da introjeção do texto, que, antes de passar do original para sua nova forma na outra língua, repousaria em sua mente:

Tentei apropriar-me dos pensamentos do poeta grego, torná-los meus, e dar assim uma tradução que tivesse um aspecto de obra original, e não obrigasse o leitor a se lembrar, a cada trecho, que o poema que ele lia havia sido escrito em grego muitos anos atrás. **Quis que as expressões do meu autor, antes de passar do original aos meus papéis, repousassem um pouco na minha mente, e conservando todo o sabor grego, recebessem o andamento italiano, e fossem postas em versos não duros e em rimas que pudessem parecer espontâneas.**¹⁴⁴ [negritos meus].

A leitura, na visão de Leopardi, envolveria processos psicológicos complexos de introjeção de objetos, ambientes, imagens, que ocorreriam paralelamente ao imitar e ao habituar-se aos textos lidos. Na tradução ocorreria, então, um “processo de interiorização dos textos a traduzir, em que o valor poético está subordinado à capacidade de preservar as sensações do texto imitado” (PRIMO, 2008, p. 27), ao mesmo tempo que se conserva a importância da imitação, pois tal como Leopardi afirma no fragmento 1988 do *Zibaldone*: “a plena e perfeita imitação é o que constitui a essência da tradução perfeita”¹⁴⁵. Ou seja, segundo Primo, “traduzir para Leopardi significa imitar não só as qualidades externas, mas o espírito do original, mesmo se a exatidão filológica é mais respeitada que a fidelidade estrutural.” (PRIMO, 2008, p. 89)

¹⁴⁴ *Discorso sopra la Batracomiomachia*. Disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit000086/bibit000086.xml&doc.view=print&chunk.id=d74e121&toc.depth=1&toc.id=0>. Site consultado em 24 de março de 2015.

¹⁴⁵ *Zibaldone* 1888, 25 de outubro de 1821, disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e34266&toc.depth=1&tot.id=&brand=newlook&query=piena%20e%20perfetta%20traduzione#>. Acesso em 3 de maio de 2015.

No pensamento leopardiano, seguindo a análise de Primo, a introjeção do que está fora seria acompanhada pelos aspectos projetivos da leitura: o ato de ler funcionaria como uma lente de aumento de nossos pensamentos e sensações; uma palavra lida seria capaz de mover mecanismos complexos da memória, despertar sensações adormecidas, como um catalisador que faz com que cada leitor, quando lê, encontre a si mesmo, remetendo à obra fundamental de Proust, *Em busca do tempo perdido*.

Mas a capacidade de ouvir a ‘voz’ dos sumos poetas estaria restrita a quem tem uma bagagem cultural adequada e sensibilidade especial, como a que tem o homem em sua idade ingênua (infância). Daí a concepção leopardiana de que o tipo de leitura formará o tipo de escritor, abolindo a ideia do gênio poeta. O grande poeta seria aquele capaz de assimilar e apropriar-se da obra dos outros, transformando-a. Do mesmo modo, segundo Leopardi, para traduzir poesia seria necessária “uma alma grande e poética”, e, no caso da tradução de prosa, “um longo exercício e muita leitura”, além do domínio da língua familiar¹⁴⁶. Quanto à alma poética do tradutor de poesia, Leopardi será categórico no prefácio à tradução do segundo livro da *Eneida*, em que inicia descrevendo o impulso de traduzir pelo qual fora tomado ao ler Virgílio:

Pois lida a Eneida [...], eu vivia continuamente sofrendo, e buscando um modo de tornar minhas [...] aquelas divinas belezas; nem tive paz enquanto não fiz um pacto comigo mesmo, e me lancei ao segundo Livro do sumo poeta, que havia me tocado mais do que os outros, de um jeito que ao lê-lo, sem notar, o recitava, mudando o tom

¹⁴⁶ Leopardi se referia aqui ao italiano correto e bem pronunciado, segundo ele, falado em Florença (ou seja, para traduzir prosa seria necessário, entre outras coisas, o pleno domínio da língua de chegada). Aliás, o conselho do autor era “morar algum tempo em lugar onde se fale a boa língua, morar algum tempo em Florença”. (De Leopardi a Giordani, 30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 96). Esta opinião relativa à pureza da língua na Toscana era amplamente difundida na época, e cidades como Siena, em especial, eram muito visitadas durante o *Gran tour* para o aprendizado e a prática da língua italiana. Vide observações em “La via della língua: Firenze e Siena” no Site da Biblioteca Nacional Central de Florença in <http://grandtour.bncf.firenze.sbn.it/racconto/grand-tour-e-la-toscana/gli-itinerari-tematici/la-via-della-lingua-firenze-e-siena>. Acesso em 26 de março de 2015.

quando convinha, inflamando-me e talvez até pondo para fora alguma lágrima. Ao iniciar a empresa, sei bem dizer ter comprovado que sem ser poeta não se pode traduzir um verdadeiro poeta, quanto mais Virgílio, quanto mais o segundo Livro da Eneida, quase todo ardente do princípio ao fim; de modo que, quando começava a me faltar ardor e energia, percebia que a pena de Virgílio virava estilo em minha mão. E assim me mantive sempre próximo ao texto, passo a passo (pois quanto à fidelidade, que posso julgar com meus quatro olhos, não temo comparação); mas as escolhas dos sinônimos, a posição das palavras, a força do dizer, a harmonia expressiva do verso, tudo faltava ou era ruim, quando, desaparecendo o poeta, restava somente o tradutor.¹⁴⁷

Numa boa tradução de poesia, aos olhos de Leopardi, coexistiriam fidelidade e originalidade e, diz Primo, “certa identificação entre o poeta traduzido e o tradutor, capaz de gerar a poesia do encontro fecundo entre original e tradução.” (2008, p. 28).

Seguindo um percurso semelhante de indagação dos fenômenos e processos envolvidos na tradução, Antonio Prete, estudioso de Leopardi e tradutor de Baudelaire em italiano, que reuniu suas reflexões sobre tradução em um livro intitulado *All’ombra dell’altra lingua. Per una poetica della traduzione* (2011), percorre o jogo de sombras envolvido na tradução, considerando que se traduz sempre à sombra de um outro texto e num tempo posterior a ele.

Para Prete, nessa “transmutação de uma língua a outra, de um texto a outro, de uma voz a outra voz”, há algo que assemelha a relação de amor ou, pelo menos, a tensão provocada por ela. Como em toda relação de amor, a questão fundamental seria: como estar aberto ao outro sem me perder, ou, nas palavras de Prete, “como dizer o outro sem que o meu sotaque o deforme [...], e, por outro lado, como me deixar dizer pelo outro de modo que a sua voz não esvazie a minha?” (2011, p. 12). Nessa empresa amorosa, segundo ele, o tradutor arrisca a própria

¹⁴⁷De Leopardi, “Ao leitor” em *Tradução do segundo livro da Eneida*, disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001511/bibit001511.xml&chunk.id=d46e209&toc.id=&brand=newlook&query=Eneide>. Acesso em 24 de março de 2015.

língua, pois é com ela que ele atravessa e interroga o território da língua estrangeira.

A tradução, para Prete, só seria possível porque, enquanto lemos e escutamos outra língua, nossa língua respira sob a nossa leitura e é o ponto de partida para a nossa escuta. E, para ilustrar essa relação, recorre à imagem da câmera escura, referida por Leopardi em suas considerações sobre o jogo de sombras que ocorre na relação entre línguas, no qual se evidencia o domínio da língua familiar, presente em trecho do *Zibaldone*, escrito em 1821:

Como cada um pensa na sua língua, ou naquela que lhe é mais familiar, cada um experimenta e sente em sua própria língua as qualidades das escritas feitas em qualquer língua. Assim como o pensamento, as qualidades relativas à fala são sempre sentidas e concebidas inevitavelmente na língua que costumamos usar. [...] De modo que o efeito de uma escrita estrangeira em nosso espírito é como o efeito das perspectivas repetidas e vistas na câmera escura, que podem ser distinguidas e corresponder realmente aos objetos e perspectivas reais quanto mais a câmera for adequada para dar a ideia exata; de modo que todo o efeito depende mais da câmera escura do que do objeto real. (*Zib.* 963).

Ou seja, a relação e o confronto que se instalam entre as duas línguas não acontecem num terceiro lugar, acontecem na língua em que se traduz. A ênfase recai na língua alvo, embora o leitor-tradutor seja a parede em que se projeta a primeira língua, e, portanto os modos dessa apropriação dependem do que Prete chama de “sentimento linguístico” de quem traduz (2011, p. 19).

Tanto as perspectivas da câmera escura, exploradas por Leopardi, quanto a noção de “sentimento linguístico” de quem traduz, mencionada por Prete, dizem respeito ao tradutor enquanto sujeito da relação com o texto, relação que inclui tanto aspectos histórico-culturais da língua que acolhe o tradutor em seu nascimento como aspectos bem menos universais, que fazem parte do arcabouço da experiência linguística pessoal e, inclusive, inconsciente do tradutor. Quando Leopardi afirma que o “efeito do texto estrangeiro em nosso espírito depende mais da câmera escura do que do objeto real”, fala, entre outras coisas, da leitura singularíssima que surge desta relação entre leitor-tradutor e texto.

A ideia do efeito que uma obra produz, por sua vez, é muito explorada por Leopardi ao longo do *Zibaldone*, que conta 916 ocorrências para a palavra ‘effetto’ e 431 para ‘effetti’¹⁴⁸. É verdade que o uso do vocábulo é muito amplo, incluindo desde ‘o efeito do entusiasmo da imaginação’, ao ‘efeito da corrupção e do pecado’, passando pelo ‘efeito da cognição do grande nada’ e pelos ‘efeitos que certas ações ou inações nossas podem produzir nos outros’, só para citar ao acaso algumas expressões usadas com a palavra ‘efeito’ ao longo do *Zibaldone* nos mais variados campos temáticos. No tocante à escrita literária, Leopardi ressalta a importância da sintaxe no efeito que produz no leitor¹⁴⁹; o cuidado que o escritor deve ter para não chamar atenção demais para o efeito que quer conseguir, de modo que o efeito que o texto produz deve ser ‘sentido’ pelo leitor, mas não ficar forçadamente evidente no texto¹⁵⁰; a capacidade que uma língua tem de ser flexível o

¹⁴⁸ O número de ocorrências baseia-se numa busca textual que tem como base o *Zibaldone* online, e foi feita na seção específica de busca da Biblioteca italiana, site ligado à Universidade de Roma ‘La Sapienza’. Trata-se de uma fonte riquíssima de pesquisa, pois permite, além do acesso a inúmeras obras de autores italianos (divididos por seções: autores, obras, gêneros, coleções e períodos), a busca de vocábulos ou expressões no interior da obra de determinado autor ou até de um gênero de texto ou de um período específico, através da aba ‘ricerca testuale’ (busca textual). Mais adiante explico um exemplo de busca envolvendo a tradução das cartas de Roma, excelente método para compreender melhor certos usos que Leopardi faz das palavras, baseado na verificação dos contextos em que ocorrem. Ver <http://www.bibliotecaitaliana.it/Ricerca_Testuale.html>

¹⁴⁹ “Citarei um lugar das *Noites romanas*, não porque eu creia que o livro possa ser um modelo de estilo, mas para chegar ao exemplo que me vem a calhar. E é um em que a Vestal diz que [ele] bateu desesperadamente a cabeça em uma parede, e morreu. A supressão do verbo intermediário entre bater a cabeça e morrer, ou seja, cair, produz um **efeito** sensibilíssimo, fazendo com que o leitor sinta toda a violência e o golpe daquela queda pela ausência daquele verbo, que parece te faltar debaixo dos pés, e que te faz despencar da primeira ideia na segunda, que não pode ser ligada à primeira a não ser pela do meio que falta. Estas são as verdadeiras artes de dar virtude e eficácia ao estilo, e de fazer quase com que se sinta o que narras” (*Zib.*, 8 jan 1820, grifo meu), disponível em <<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e209&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=effetto#82>>

¹⁵⁰ Cito, em especial, crítica de Leopardi ao *Corsário* de Byron, que usa como exemplo para se referir a certos efeitos muito marcados no texto, que não deveriam ser evidentes, mas somente sentidos pelo leitor. (*Zib.*, 24 ago 1820)

suficiente para se adequar aos modos da fala estrangeira, possibilitando a criação do mesmo efeito na língua em que se traduz¹⁵¹; além do efeito de clareza que um texto bem escrito provoca no leitor por dar “uma ideia clara do estado preciso de nossa mente”¹⁵². Estes exemplos, longe de esgotarem os contextos em que a palavra aparece no campo literário do *Zibaldone*, pretendem dar somente uma ideia da importância que o efeito tem para a concepção leopardiana de boa escrita.

Assim sendo, uma boa tradução deveria provocar em seu leitor o mesmo efeito provocado no leitor do original. Ou seja, se existe correspondência em tradução, ela estaria em produzir na nova língua uma correspondência de percepção.

E o que isso significa em termos do meu projeto?

No caso das cartas de Leopardi, dois pontos são essenciais na minha leitura: a consideração do fator temporal – pois são cartas do início do século XIX – e a consideração daquilo que Zilly chama de “qualidade diferencial de estilo”¹⁵³, isto é, aquilo que é a marca do autor naquele texto e que o diferencia de outros textos do mesmo gênero na época; no meu caso, aquilo que, de vez em vez, dá o tom leopardiano às cartas. Através de uma análise textual profunda se trabalha para

disponível em
 <<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e5164&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=effetto#113>>

¹⁵¹ No trecho ao qual me refiro, Leopardi falava em especial da incapacidade que a língua francesa tinha de acolher em tradução textos de outras línguas, por ser uma língua mais dura, inflexível. Dizia Leopardi: “E como esta língua já dominada é o único instrumento que temos para formar o conceito da natureza, força e valor das frases e das palavras estrangeiras, se o instrumento é insuficiente ou escasso, escasso e insuficiente será também o **efeito**.” (*Zib.*, 20-22 abril. Dia de Páscoa, 1821). Disponível em <<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e14742&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=scarso%20e%20insufficiente#>>. Acesso em 3 de março de 2015

¹⁵² *Zib.*, 23 jul 1821, disponível em

<<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e26327&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=effetto%20della%20chiarezza#>>. Acesso em 3 de março de 2015.

¹⁵³ Em entrevista concedida à revista *Metáfora* em julho de 2012, disponível em <<http://verahelena.blogspot.com.br/2012/07/berthold-zilly-na-revista-metafora.html>>, acesso em 25 de março de 2015.

preservar os elementos essenciais do texto, cuidando, ao mesmo tempo, da sua legibilidade para aquele que imaginamos ser o nosso leitor.

Diferentes registros e tons requerem diferentes soluções. Pudemos ver na análise do capítulo dois quanto variam as cartas romanas de Leopardi. Mas destaco dois aspectos entre as qualidades diferenciais da escrita do *corpus* escolhido, que demonstram o quanto o autor é capaz de explorar e potencializar os recursos da língua italiana “a serviço do próprio pensamento” (PIPERNO, 2014, p. 163).

Um deles, segundo Piperno, é a extrema propriedade com que Leopardi usa as palavras, com escolhas lexicais que evidenciam um “discernimento analítico”, uma capacidade de “redenominação do real, típica do exercício da filosofia” (2014, p. 163). Os arcaísmos, coloquialismos e neologismos presentes nas cartas romanas, cuja tradução comentarei logo adiante, são testemunhos desse primeiro aspecto. O outro aspecto diferencial estaria na sintaxe, mais especificamente no ritmo e em certas estruturas frasais recorrentes no modo de dizer leopardiano que, em tantas cartas, compõem aquilo que Prete (2006) chama de ‘pensamento poetante’: um pensamento que teria a poesia como língua necessária. Esses aspectos lexicais e sintáticos integrariam, grosso modo, o conceito de “leveza e exatidão” da escrita leopardiana defendido por Landi, através de Calvino, e abordado no capítulo de análise das cartas. É interessante ainda notar que, nas considerações de Leopardi sobre a arte de escrever bem, ele aponta para essa qualidade fundamental da escrita, que residiria na junção entre filosofia e poesia, ultrapassando a histórica compartimentação de áreas do pensamento e modos de expressão.

Outras questões fundamentais que se põe Leopardi tradutor giram em torno à oscilação entre fidelidade (ao modo de construção dos originais, em especial) e originalidade (da tradução, que deve ser fluida e respeitar a “índole” da língua de chegada), que preanuncia a concepção leopardiana de tradução como imitação e a exatidão filológica (ou seja, compreensão do sentido, com forte viés histórico no caso dele que traduziu os antigos) somada à propriedade dos conceitos adotados na tradução. Além da importância da análise e cotejo de traduções existentes antes de realizar a sua. Esses aspectos da reflexão leopardiana sobre tradução, com os quais procuro dialogar, serão retomados na medida em que forem pertinentes ao comentário da tradução das cartas.

4.1 Marcadores temporais do texto

Um texto antigo sempre exige do leitor a disponibilidade para se transportar no tempo. Um texto antigo bom, em geral, promove esta viagem de modo natural, ajudando o leitor a sair de sua cômoda posição linguística e a dar os passos necessários para entrar em outra época. A tradução de um texto antigo não é diferente: requer do tradutor o estabelecimento de estratégias para lidar com a transposição do tempo entre original e tradução, de modo que o texto produzido tenha o sabor de uma época sem vestir-se forçadamente de antigo, para usar uma ideia bem leopardiana.

Pensando na legibilidade de Leopardi hoje em dia, vale notar que ele é lido por um jovem estudante italiano com a ajuda de um glossário, o que indica a necessidade de transposição do tempo no interior da própria língua materna em termos de vocabulário, usos e construções. A língua de Leopardi provoca certo estranhamento no leitor contemporâneo, que o Leopardi em português também deveria provocar em seu leitor, seguindo a ideia do mesmo efeito. Mas de onde surge o efeito, senão do texto em si? Cabe, então, identificar os marcadores temporais que dão esse ar antigo às cartas (que, aliás, são antigas por si só nos dias de hoje), e, alargando a ideia de efeito para além do aspecto temporal, obviamente cairemos nos aspectos estilísticos das epístolas de Leopardi. Começemos pelos primeiros.

4.1.1 Graus de intimidade: o caso do *voi* e do *tu*

Um dos principais desafios que enfrentei foi traduzir os diferentes graus de intimidade com que Leopardi trata seus interlocutores, que se manifestam em vários aspectos da escrita, mas, em especial, na designação do pronome de tratamento. As diferenças, aparentemente claras e divididas em três níveis de formalidade, que seguem a tradição epistolar do século XIX italiano, tornam-se mais confusas no núcleo íntimo de interlocutores (irmãos, sobretudo), com os quais o autor alterna *voi* e *tu*. O quadro abaixo sintetiza os usos que Leopardi faz dos pronomes de tratamento ao longo do *Epistolario*:

	<i>Allocutivo ou pronome de tratamento</i>	De Leopardi para
Máxima	<i>Vostra Signoria; Vostra Eminenza</i>	Nobres e autoridades; autoridades eclesiásticas

formalidade	<i>Ella ou Lei</i>	Pai, mãe, tios, amigos mais velhos ou pessoas com quem não tem intimidade
Formalidade Intermediária (ou de uso neutro)	<i>voi</i> (usado para uma única pessoa)	Pessoas próximas, com as quais conserva certa cerimônia ou respeito à tradição. Amigos (Giordani e Brighenti, Antonietta Tommasini, Adelaide Maestri, por ex.), Paolina (cartas iniciais), irmãozinho Pietruccio, Carlo (raramente).
Intimidade	<i>tu</i>	Irmãos, amigos da mesma idade (Papadopoli, Giuseppe Melchiorri, Puccinotti, Ranieri) Amigos mais velhos, mas especiais como Giordani e Brighenti

No português brasileiro atual, usaríamos: “O senhor / a senhora” para o tratamento formal (*Ella/Lei*) dispensado aos pais e tios, por ex.; “Vossa Senhoria” e “Vossa Eminência” para os nobres e autoridades. Mas como resolver o caso do *voi* e do *tu*? Falta-nos um pronome de formalidade intermediária, pois “você” é de uso informal, aqui correspondendo mais ao *tu* do italiano do que ao *voi*. Neste raciocínio, “O senhor / a senhora” seriam destinados às cartas ao pai (*Ella/Lei*) e à mãe: como destinar o mesmo tratamento a alguém como Paolina, jovem, com quem Leopardi usa *voi* por ser uma irmã, a quem devia uma

distância respeitosa¹⁵⁴, ou com o irmãozinho Pietruccio, porque cabia a ele dar exemplo de bons costumes na escrita epistolar ou porque brinca de lhe falar como se fosse um adulto?

Era comum entre os membros das famílias nobres italianas da época tratar-se por *voi*. Mas faz parte daquelas tradições que vão perdendo força e que acabam tendo um uso neutro na língua. Diz Serianni no periódico da Accademia *La Crusca per voi*:

Poderíamos afirmar, esquematizando um pouco, que o italiano literário dos séculos passados se encaminhava para compartilhar a mesma situação do inglês atual: **o pronome allocutivo [de tratamento] não marcado era *voi*** (como *you*), ***lei* e *tu*** eram empregados respectivamente como variante **altamente formal** e **altamente informal**, mas *tu* podia representar um pronome de tratamento sem conotação social, ou seja, usado em referência a Deus ou a uma entidade abstrata personificada (como o inglês *Thou*). [...]

Para o passado é preciso levar em conta sobretudo dois fatos: 1) eram fortes os desequilíbrios sociais entre os interlocutores (patrão-servo etc.) e o fator idade podia condicionar até a relação pais-filhos (na burguesia oitocentista um filho ainda podia tratar por *lei* seu pai ou sua mãe, recebendo obviamente o *tu*): 2) nas relações entre iguais o uso dos pronomes de tratamento era menos estável de quanto é hoje, podia-se passar do *tu* ao *lei* ou ao *voi* – e vice-versa – sem particulares implicações afetivas.¹⁵⁵ (negritos meus).

Ao longo do *Epistolario* são várias as ocasiões em que os pronomes de tratamento protagonizam os discursos. Na carta abaixo,

¹⁵⁴ Vide trecho da carta a Paolina, de 30 de dezembro de 1822: “Sinceramente, não sei responder com a graça que as suas frases mereceriam. Não tenho muito garbo nos galanteios, além do que, se quisesse usá-lo com você, temo que a Mamãe queimasse minhas cartas antes ou ao menos depois de tê-las entregado.” (*Epist.*, I, p. 606)

¹⁵⁵ n. 20, abril de 2000, p. 7, disponível em <<http://www.accademiadellacrusca.it/it/lingua-italiana/consulenza-linguistica/domande-risposte/allocutivi-cortesia>>. Acesso em 12/03/2014.

Pietro Brighenti respondia a Leopardi, que havia lhe pedido para ser tratado como um amigo, e não como um nobre (no caso, passando do *Lei/Vossa Signoria*, tratamento que Brighenti lhe reservava, para *voi*). Dizia Brighenti:

Non è mio costume di prendermi la Libertà di dare del *voi* a persona titolata, e molto meno a persone che ai titoli cavallereschi, uniscono i più pregevoli distintivi dell'ingegno: ma **Voi, o Signore, mi minacciate di cangiarmi il Voi in Lei**, se io non v'imito, e però tostamente lascio da parte ogni cerimonia e vi scrivo coi termini della più confidente amicizia. (De Brighenti a Leopardi. 9 de ago de 1820. *Epist.*, I, p. 427-8, negritos meus).¹⁵⁶

Também a carta da amiga bolonhesa Antonietta Tommasini, escrita aos 11 de dezembro de 1827, toca no assunto:

Permettetemi che abbandonando il *Lei* adoperi il *Voi*, siccome più adatto al linguaggio della vera amicizia. I vostri caratteri mi sono stati sempre carissimi, ma questa volta lo furono a dismisura; tanto amichevoli, e tanto graditi sentimenti mi esprimono¹⁵⁷. (De Antonietta Tommasini a Leopardi. *Epist.*, I, p. 1431)

Outro exemplo está na progressiva mudança de intimidade na correspondência Leopardi-Giordani: de fevereiro a maio de 1817,

¹⁵⁶ Embora tenha optado por traduzir as citações italianas ao longo da tese, preferi deixar este exemplo e os próximos que tratam da questão pronominal na língua original, porque os detalhes das atribuições dos pronomes em italiano talvez se perdessem na tradução. Indico, caso a caso, as possíveis traduções. Eis uma tradução possível do trecho citado da carta de Brighenti: “Não é meu costume tomar a liberdade de tratar por *voce* [*voi*] pessoa titulada. E muito menos pessoas que, aos títulos cavaleirescos, unem as mais nobres distinções do engenho, mas **Você [*Voi*], senhor conde, ameaça não me chamar de Você [*Voi*] mas de Senhor [*Lei*], se não o imito**; por isto, com dificuldade, deixo de lado toda cerimônia e lhe escrevo nos termos da mais confidente amizade.”

¹⁵⁷ “Permita-me que, abandonando o *Senhor* [*Lei*] use *Você* [*Voi*], por ser mais adequado à linguagem da verdadeira amizade. Suas letras sempre me foram tão caras, mas desta vez o foram ainda mais: tão amigáveis e tão gratos são os sentimentos que exprimem.”

período em que trocam as primeiras cartas, Leopardi e Giordani se tratam por *Ella/Lei*, e, normalmente, usando na fórmula de abertura “Signor mio carissimo” e “Mio carissimo Signore Contino”, respectivamente. Aos 20 de junho de 1817, Leopardi comunica a Giordani que havia escrito uma carta aberta¹⁵⁸ endereçada a ele para a introdução de uma tradução sua, e que nela o tratava por *voi*, pois a terceira pessoa (*Lei*) lhe “parecia um obstáculo ao estilo” (*Epist.*, I, p. 121). Apesar de jovem, Giacomo era um conde, e cabia a ele sugerir maior intimidade, rapidamente acolhida por Giordani, que responde: “Io voglio fare tutto quello che piace al mio Contino, che singularissimamente amo: però se **le** piace diamoci del **voi**¹⁵⁹.” (*Epist.*, I, p. 123, negritos meus). Ao que Leopardi responde: “**Vi** ringrazio dal bando dato alla **signoria**¹⁶⁰” (*Epist.*, I, p. 124, negritos meus).

Um parêntese para comentar a solução que a tradutora da coletânea em inglês, Prew Shaw, encontrou: “In that letter I shall address you as *Voi*, because the third person form off address seems to me stylistically very awkward” (SHAW, 1998, p. 47) é a versão inglesa para a comunicação de Leopardi a Giordani. Diante da aceitação deste, responde o recanatense: “Thank you for banishing ‘Sir’” (SHAW, 1998, p. 48), muito eficaz, pois até então, a fórmula de abertura usada por Leopardi para se dirigir a Giordani era “Dear Sir”. Considerando as limitações da língua inglesa, que não permitiria, segundo a tradutora, a reprodução dos três níveis de intimidade, tanto menos da oscilação entre *voi* e *tu*, ela decide assumir a perda inevitável (SHAW, 1998, p. 27), mas, ao dar visibilidade ao *voi*, que permanece em italiano na frase, a tradutora acaba dando uma chance para que o leitor recupere um dado perdido na tradução inglesa. Considerando que a coletânea é razoavelmente pequena (são 220 cartas), não é algo que passa despercebido, aliás, pareceu-me uma boa solução.

A intimidade entre Giacomo e Giordani avançaria ainda em 1819. Aos 10 de abril, o mestre escreve passando ao *tu*: “O mio rarissimo giacomino [sic]. **Perdonami** se io pur comincio a **scriverti di questa maniera che non è lecita se non coi più intimi**. Io non so altro modo

¹⁵⁸ Tratava-se da *Lettera di Giacomo Leopardi al Ch. Pietro Giordani sopra il Dionigi del Mai*, já mencionada.

¹⁵⁹ “Quero fazer tudo o que agrada o meu Condinho, que singularissimamente amo: portanto, se **lhe** agrada, tratemo-nos por **você**”.

¹⁶⁰ “Agradeço a **você** ter banido a senhoria”.

per ringraziarti di tanta amorevolezza che è nella **tua** del 28 marzo¹⁶¹ [...]” (10 abr 1819. *Epist.*, I, p. 292). Giacomo não comenta nada, só responde aos 19 de abril, tratando Giordani por *tu* pela primeira: “Mio diletissimo ed unico amico. Forse non **ti** sarà discaro ch’io non abbia aspettato io **tuo** ritorno a Milano per rispondere alle **tue**¹⁶² [...]” (19 abr 1819. *Epist.*, I, p. 295, negritos meus).

Leopardi parece ter um pouco de dificuldade para adaptar-se à nova situação, e, por um tempo, alterna o uso do pronome íntimo (*tu*) com o de cortesia (*voi*), mas depois adota definitivamente o *tu*. Diz Filicaia, a propósito desses costumes, que provavelmente era mais simples passar do *Lei* ao *voi*, do que do *voi* ao *tu*, visto que Giacomo era muito mais jovem e menos conhecido que Giordani, e considerando que a primeira passagem havia sido proposta por Giacomo após apenas quatro meses de troca epistolar, enquanto a segunda levou cerca de dois anos (FILICAIA, 2011, p. 28-9). Vale notar, porém, que Giacomo não era exatamente o “elemento mais frágil do par”, como ela afirma. Considerando que as regras de cortesia eram ditadas pelas posições sociais ocupadas pelos interlocutores, embora fosse “jovem e menos conhecido que Giordani”, Giacomo era um conde, e os nobres ocupavam posição social mais elevada que as pessoas comuns, inclusive sendo de menor idade (vide as cartas citadas de Brighenti e Tommasini).

Essa estreita ligação entre língua e costume sociais lembra a passagem de uma carta de julho de 1821, em que Leopardi dizia, a propósito de seu projeto de escrever sobre as línguas que compunham “a família das línguas meridionais (grega, latina, italiana, francesa e espanhola)”, que a matéria exigia “tanta profundidade de conceitos quanta pode caber na mente humana, já que a língua e o homem e as nações por pouco não são a mesma coisa.” (De Leopardi a Giordani, 13 jul 1821. *Epist.*, I, p. 515).

A situação pronominal se complica nas cartas romanas, que, a exemplo do que afirmava Serianni a respeito dos usos do *tu* e do *voi*, caracterizando uma fase de transição dos costumes e, conseqüentemente, da língua italiana, mostra exatamente a neutralidade do *voi*¹⁶³, o que se

¹⁶¹ “Ó, meu raríssimo giacomino [sic]. **Perdoa**-me se começo a **te** escrever desta maneira que não é permitida senão com os mais íntimos. Não sei de que outro modo **te** agradecer tanta ternura presente na **tua** do dia 28 de março [...]”.

¹⁶² “Meu afetuosíssimo e único amigo. Talvez não **te** desagrade que eu não tenha esperado o **teu** retorno de Milão para responder às **tuas** [...]”.

¹⁶³ Outra prova disto é o modo como Monaldo se dirige ao filho Giacomo, tratando-o por *voi*: “Parlatemi di **voi**” (6 dez 1822. *Epist.*, I, p. 582). Este caso

confirma, sobretudo, pela passagem do *voi* ao *tu* muitas vezes na mesma carta. O *tu*, porém, continua sempre reservado à intimidade e a certos tons mais poéticos nas cartas de Leopardi. São vários os exemplos de concomitância *tu-voi* nas cartas do *corpus* da tese. Vejamos um deles (no exemplo, Leopardi inicia tratando Paolina por *voi* e depois passa ao *tu*):

Quanto alla prima domanda **siete** soddisfatta. Alle altre risponderò con più comodo. **Salutate** il Papà, **baciategli** la mano per me [...] Non ho adempiuto i **vostri** comandi, ma col tempo si farà tutto. **Vogliami bene e sta' bene**. Aspetto lettera di Carlo con quest'ordinario, e **tua** fra una settimana. Addio. Marietta **ti** saluta. Addio¹⁶⁴. (Leopardi a Paolina, 3 de dez de 1822. *Epist.*, I, p. 576, negritos meus).

Num primeiro momento, acreditei ter encontrado a solução para essa situação pronominal complicada, usando, no português ‘o senhor/a senhora’ para *Ella/Lei*, ‘vós’ para *voi*, e ‘tu’ para *tu*, mantendo assim, os três graus de intimidade expressos pela variedade pronominal, e a oscilação presente no texto epistolar leopardiano, que é também marca de uma época na língua italiana (largamente presente inclusive nas cartas dos correspondentes de Leopardi). Apoiava-me, sobretudo, na beleza, fluidez e naturalidade que senti ao ler a tradução de Marcelo Backes para *Os sofrimentos do jovem Werther*¹⁶⁵ (1774), romance epistolar de Goethe, escrito em época um pouco anterior às cartas romanas, que adota esta solução para os diferentes graus de intimidade.

demonstra bem a neutralidade do *voi*, que aqui não poderia ser traduzido por ‘o senhor’, tratamento que Monaldo não dispensaria ao filho, e nem por ‘tu’, intimidade que não havia entre os dois. Resta-nos a opção de um tratamento intermediário, no caso da carta do pai ao filho, representado pelo pronome ‘você’: “Fale-me de você” seria a tradução. Vale lembrar que a situação pronominal do *Epistolario* como um todo foi considerada, inclusive as cartas dos correspondentes de Leopardi.

¹⁶⁴ “Quanto à primeira pergunta, considere-se satisfeita. Às outras responderei com mais calma. Lembranças ao Papai, beije-lhe a mão por mim [...]. Não fiz o que me **pediu**, mas com o tempo tudo se fará. **Quer-me bem e fica bem**. Espero uma carta de Carlo com este correio, e uma **tua** daqui a uma semana. Adeus. Marietta **te** saúda. Adeus.”

¹⁶⁵ Edição comentada e traduzida por Marcelo Backes para a L&PMPocket, 2006.

Mas tanto os gramáticos quanto as editoras consideram o pronome ‘vós’ em pleno desuso na língua portuguesa do Brasil, e investigações me levaram a saber que o pronome de tratamento ‘vós’ fora pouco usado no Brasil inclusive nos séculos passados, quando aqui se usava sobretudo ‘vosmecê’ (que ao longo dos anos teria adquirido a forma ‘você’). De modo que certa familiaridade que temos com este uso pronominal hoje em dia se deve muito mais à persistência do ensino da conjugação da segunda pessoa do plural na pessoa do ‘vós’, seguindo a norma culta, e eu arriscaria dizer, às traduções teatrais, poéticas e sobretudo bíblicas, nas quais o fiel se dirige sempre à figura de “Deus”, ou do “Pai”, com respeito e adoração por algo superior designado pelo pronome ‘vós’¹⁶⁶.

Convencida do desuso do ‘vós’ no português atual, mas, sentindo necessidade de manter na tradução os três níveis de intimidade, fui buscar nas correspondências de literatos brasileiros modelos de escrita. Li a correspondência de Machado de Assis (de 1860-1908), Casimiro de Abreu (de 1851-1860)¹⁶⁷, Álvares de Azevedo (1840-1851), Gonçalves Dias (de 1840-1864), Euclides da Cunha (de 1890-1809), entre outras cartas esparsas de autores mais antigos e mais modernos. E pude notar, que embora em período posterior ao das cartas romanas, especialmente no caso de Machado, principal referência para mim, a correspondência conserva três graus de intimidade durante um bom período, de modo similar ao que ocorria na Itália.

Enquanto na Itália oitocentista o sistema de tratamento era tripartido (*Lei/voi/tu*), com o desaparecimento do *voi* somente no século XX¹⁶⁸, quando se passa ao sistema bipartido atual *Lei/tu* (formal/familiar), o português brasileiro via a transição do “vosmecê”, que era usado como forma de cortesia, a “você”, de uso mais amplo e

¹⁶⁶ Basta lembrar o pai-nosso, em que o interlocutor se dirige ao Pai com as palavras: “Pai nosso, que **estais** nos céus, santificado seja o **Vosso** nome. Venha a nós o **Vosso** reino, seja feita a **Vossa** vontade, assim na terra como no céu [...]”.

¹⁶⁷ A correspondência de Machado de Assis, assim como a de Casimiro de Abreu, faz parte da Coleção Afrânio Peixoto da Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, que pode ser acessada pelo site da ABL: <<http://www.academia.org.br>>. Ambas as edições trazem as cartas acompanhadas de uma contextualização ao leitor, além da história da seleção do *corpus*, da busca dos originais e estabelecimento dos textos, material rico também do ponto de vista das escolhas editoriais na publicação de epistolários.

¹⁶⁸ Permanecendo até hoje em algumas formas dialetais, como em Nápoles, sul da Itália.

coloquial, que acaba ganhando o espaço antes ocupado também pelo “tu”.

Vemos, nas décadas 1860 e 1870, que Machado se vale do “tu” no diálogo com os íntimos e da terceira pessoa, geralmente com sujeito implícito, com os interlocutores menos familiares (usando, por vezes “o senhor / a senhora”). Raríssimas vezes, Machado responde com o mesmo pronome, valendo-se do “vós” e de “vossa mercê”. A partir dos anos 1880 vemos com frequência o tratamento “você”, reservado para o grau intermediário de intimidade, enquanto o “tu” ainda era o tratamento preferencial para os íntimos. Esta configuração praticamente irá mudar só no início do século XX, quando Machado passar a usar “você” mais amplamente, quase desaparecendo o “tu”. Abaixo encontramos exemplos dos três graus de formalidade/intimidade na correspondência de Machado de Assis, partindo do mais formal para o mais íntimo:

Ex.1 (muito formal)

(a) Carta ao Senhor Bispo do Rio de Janeiro

[Rio de Janeiro, 18 de abril de 1862.]

Excelentíssimo reverendíssimo senhor, Nomeio das práticas religiosas, a que as altas funções de prelado chamam hoje **vossa excelência** consinta que se possa ouvir o rogo, a queixa, a indignação, se não é duro o termo, de um cristão que é dos primeiros a admirar as raras e elevadas virtudes, que exornam a pessoa de **vossa excelência**. [...] **Vossa excelência** receberá os protestos de minha veneração e me deitará a sua bênção. [Machado de Assis] (ASSIS, 2008, p. 11-12, tomo I, negritos meus).

(b) A Sua Excelência o Senhor conselheiro José de Alencar.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1868.

Excelentíssimo Senhor. É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de **Vossa Excelência**, comum a carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração. A musa do Senhor Castro Alves não podia ter mais feliz

introito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre. [...]

Quanto a **Vossa Excelência**, respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras-primas com que nos há de vir surpreender cá embaixo. **Deve fazê-lo** sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem **Vossa Excelência**, um aliado invencível: é a conspiração da posteridade. Machado de Assis. (ASSIS, 2008, p. 232-240, tomo I, negritos meus).

Ex. 2 (neutro - formalidade intermediária – terceira pessoa com sujeito implícito)

A Júlio César Machado

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1871.

Meu caro Júlio César Machado. Não sei de que modo **lhe agradeça** o magnífico e mais que benévolo artigo da América a respeito das minhas Falenas. De longe, e há muito, admirava o seu talento vivaz e brilhante. Era, porém, uma homenagem do espírito. **Fala-lhe** agora a voz do coração, de um coração que é **seu**, porque uma voz benévola que nos vem de tão longe só não cativaria um ingrato, e não o é nem o será nunca este **seu** admirador Machado de Assis. (ASSIS, 2009, p. 34, tomo II, negritos meus).

Ex. 3 (íntimo – uso do ‘tu’)

A Quintino Bocaiúva

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1866.

Meu Quintino. Sei pelas folhas do Pará que **fizeste** até ali uma boa viagem, e estimo d’alma que o mesmo sucedesse até NewYork. Imagino, meu amigo, que há de ser uma coisa triste e difícil o separar-se a gente de criaturas que **lhe** são caras; faço idéia do que **terás sofrido**. Ao menos, porém, se há compensação para isto, **deves consolar-te** um pouco com a idéia de que **tens** uma viva saudade em todos quantos apreciam o **teu** caráter e o **teu** coração, e que esses, como a

tua família, têm um desejo: o de que **voltes** ao **teu** país, depois de preenchido o **teu** dever e garantido o teu futuro. [...]

Adeus, **meu Quintino**, **sê** feliz, e volta breve ao Brasil, onde tanta gente, valendo menos que **tu**, tem tido a inexplicável fortuna de nos governar este barco. Adeus. **Teu** do coração, Machado de Assis. (ASSIS, 2008, p. 169-71, tomo I, negritos meus).

E, abaixo, um exemplo da oscilação de pronomes na mesma carta, pouco comum em Machado, provavelmente marcando a transição em curso na língua¹⁶⁹:

A Salvador de Mendonça

[Rio de Janeiro,] 30 de maio de 1891.

My dear. Aí **lhe** mando tudo. Vão informações e quadros relativos aos serviços incumbidos a esta Diretoria [...]. Não é preciso dizer que as informações são para acrescentar-lhes o que **lhe** parecer melhor. Também não é preciso dizer que a minha gente deu conta de si. Se quiser alguma coisa mais é pedir. **Teu** Machado de Assis. (ASSIS, 2011, Tomo III, p. 5, negritos meus).

Poderia apontar muitas afinidades lexicais e sintáticas na escrita epistolar de Machado e Leopardi, a começar pela semelhança no modo

¹⁶⁹ Com relação a uma carta em que Machado havia usado “você” em 1871, diz Sílvia Eleutério, uma das organizadoras e comentadoras do volume: “O uso do pronome de **tratamento coloquial “você”**, que determina o verbo na 3.ª pessoa do singular, em competição com a forma de 2.ª pessoa do singular, **começa a fixar-se na segunda metade do século XIX**. O uso do “você” numa carta aberta reafirma o conhecimento de longa data, dando ao leitor a sensação de privar da intimidade daquelas duas notabilidades. Na resposta que dará a Ladislau Neto em [111], Machado sustentará o diálogo valendo-se do mesmo pronome, o que **lhe** era pouco comum à época. **Na década de 1860, para sublinhar a familiaridade, Machado e seus amigos tutelaram-se pela imprensa**, consoante a prescrição da norma europeia. Numa carta aberta da década 1870, este é o único exemplo; mas em cartas particulares, usará cada vez mais o pronome de tratamento, sobretudo com os íntimos. Ver (ASSIS, 2009, nota 3 em p. 49, tomo II, negritos meus).

como ambos constroem o discurso formal (em Machado, representado pelos exs. 1 a e b acima) e o uso comum de tantos recursos retóricos (palavras em par, repetições etc.), além da coincidente saudação íntima feita com o pronome possessivo na carta ao amigo íntimo Bocaiúva (“Meu Quintino”), como a que Leopardi usava com Carlo (“Carlo mio”). Isto foge ao meu escopo, mas serve como uma espécie de aval para a aproximação que eu desejava fazer, utilizando a correspondência de Machado como uma referência para a resolução das questões pronominais nas cartas de Leopardi. Ademais, vale lembrar que Machado fora um grande admirador de Leopardi. Prova disto seriam as evidentes referências ao “Diálogo da natureza e um islandês”, do autor italiano, no capítulo intitulado ‘Delírio’ das machadianas *Memórias póstumas de Brás Cubas*¹⁷⁰.

Como já mencionado, há uma tradução francesa das cartas, que não incluo nestes comentários porque não tenho familiaridade com o francês e não posso me valer do cotejo entre original e tradução infelizmente. Na coletânea brasileira organizada por Lucchesi (LEOPARDI, 1996), o tradutor Maurício Santana Dias soluciona do seguinte modo a questão pronominal das cartas: em grande parte das vezes, opta pelo uso do verbo na terceira pessoa, em geral com sujeito implícito, quando o tratamento é designado por *voi* em italiano; por vezes, explicita o tratamento usando “o senhor”. Adota igualmente “o senhor/a senhora” para as situações mais formais (*Ella/Lei*), e “tu” em português para o *tu* italiano. Como se trata de um volume que contempla prosa e verso de Leopardi, não há muito espaço para comentários sobre a tradução, à parte algumas notas, entre as quais uma (presente em LEOPARDI, 1996, p. 1013 nota 22), que informa sobre a oscilação do “pronome ‘vós’/’tu’” na carta a Giordani de 21 de junho de 1819 (LEOPARDI, 1996, p. 747). Não há uma advertência de que esta variação ocorra em outras cartas da coletânea, de modo que o duplo tratamento que Leopardi destina à mesma pessoa passa despercebido ao leitor menos atento. Mostro, nos exemplos abaixo, algumas incongruências em relação aos originais:

¹⁷⁰ Ver Bosi, Alfredo. “Um nó ideológico. Notas sobre um enlace de perspectivas em Machado de Assis” In *Escritos*. Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa. Ano 2 /n.2, 2008, p. 30. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero02/FCRB_Escritos_2_1_Alfredo_Bosi.pdf.

Texto original	Tradução brasileira (Maurício Dias)
<p>Ex.1 <i>Salutate</i> il Papà, baciategli la mano per me, ditegli che ho ricevuto la sua del 29 passato [...] Non ho adempiuto i vostri comandi, ma col tempo si farà tutto. Voglimi bene e sta' bene. Aspetto lettera di Carlo com quest'ordinario, e tua fra uma settimana. (6 dez 1822. <i>Epist.</i>, I, p. 577)</p> <p>Ex.2 Carlo mio. Se non siete persuaso di quello ch'io cercai di provarvi nell'ultima mia, <i>n'en parlon plus</i>. [...] Buona notte. Stammi allegramente, se puoi; voglimi bene e scrivimi. (16 dez 1822. <i>Epist.</i>, I, p. 594)</p> <p>Ex.3 Cara Paolina. Mi vergogno di non avere ancora eseguite le vostre commissioni, bench'io non le abbia perciò dimeticate. [...] Le vostre letterine e il vostro modo di scrivere, ch'io ho conosciuto per la prima volta dopo la mia partenza da costì, sono così gentili [...] (30 dez 1822. <i>Epist.</i>, I, p. 605)</p>	<p>Saúda o papai, beija-lhe a mão por mim, e diga-lhe que recebi sua carta de 29 do último [...] Não atendi aos seus pedidos, mas com o tempo tudo se fará. Queira-me bem e fique tranquila. Espero uma carta de Carlo com este correio, e uma tua na próxima semana. (LEOPARDI, 1996, p. 791)</p> <p>Meu Carlo. Se não estás convencido do que procurei demonstrar na minha última carta, <i>n'en parlon plus</i>. [...] Boa noite. Se possível, alegre-te. Tem amor por mim e escreve-me. (LEOPARDI, 1996, p. 798)</p> <p>Cara Paolina. Envergonho-me de ainda não ter cumprido seus pedidos, embora não os tenha esquecido. [...] Tuas cartinhas – e teu modo de escrever, que passei a conhecer depois da minha partida – são tão gentis [...] (LEOPARDI, 1996, p. 799)</p>

Nota-se, no ex.1, que os dois primeiros verbos na tradução estão conjugados na segunda pessoa ('tu' – saúda, beija), enquanto o próximo, na terceira pessoa do singular ('você' - diga), enquanto todos estão na segunda pessoal do plural em italiano (*voi* – salutate, baciate, dite). No

final do trecho, ocorre uma inversão: onde o tratamento destinado a Paolina é *tu* em italiano (*voglìmi, stai*), temos a terceira pessoa em português (queira, fique), encerrando ambos com o pronome oblíquo “tua”. Os pronomes, embora oscilem na tradução, não seguem a oscilação do original.

No ex.2, Leopardi começa tratando Carlo pela segunda pessoa do plural em italiano (o neutro *voi – siete, provarvi*) e termina com a segunda pessoa do singular (*tu – stammi, puoi, voglìmi, scrivimi*); em português tudo está na segunda pessoa do singular (*tu – estás, alegre-te, tem amor, escreve-me*), o que poderia ser uma escolha consciente de homogeneizar o tratamento a Carlo, visto que as cartas a ele são as mais íntimas de todo o *Epistolario*. Mas, no caso da carta a Paolina do ex.3, vemos que somente a tradução oscila, enquanto o pronome é sempre *voi* em italiano. Não fica clara a estratégia adotada, mas provavelmente trata-se de erros, o que não é de se admirar com um original que oscila tanto.

Não cabe aqui apontar defeitos — a tradução de Dias é primorosa em muitos aspectos, especialmente no léxico adotado nas cartas em geral e na fluência dos textos. A ideia é ressaltar a atenção que a questão merece. Uma vez adotada uma solução, é preciso segui-la e dobrar o cuidado na tradução das pessoas do discurso.

Minha solução é bastante próxima à do tradutor Dias e dos três níveis de interlocução das cartas de Machado. Eis o quadro que a sintetiza:

	Pronome de tratamento em italiano	Tradução
Máxima formalidade	<i>Vostra Signoria; Vostra Eminenza, Vostra Eccellenza</i>	Vossa Senhoria; Vossa Eminência; Vossa Excelência etc.
	<i>Ella</i> ou <i>Lei</i>	o senhor / a senhora
Formalidade Intermediária (ou uso neutro)	<i>voi</i> (usado para uma única pessoa)	Verbo conjugado na terceira pessoa do singular, com sujeito implícito quando

		possível. Se realmente é necessário explicitá-lo, uso ‘você’ (exceto no caso de carta de Giacomo ao tio Ettore, a quem ele se dirige com certa intimidade, mas se trata de um tio mais velho que seu pai Monaldo).
Intimidade	<i>tu</i>	tu

Escolhi empregar ‘o senhor/a senhora’ para *Ella/Lei*; a terceira pessoa com sujeito implícito, quando possível, para *voi* (exceto nos casos especificados); e ‘tu’ para tu. Embora este último seja um pronome atualmente restrito a algumas regiões do Brasil, o ‘tu’ já foi amplamente usado (como vimos nas cartas de Machado e outros) e ainda o é em poesia ou em textos teatrais em que se deseja criar uma atmosfera íntima no diálogo. No caso da publicação da tradução, eu faria uma nota introdutória, justificando a escolha de reproduzir a variedade e a oscilação pronominal dos originais por considerá-las características importantes de Leopardi epistológrafo, sobretudo porque reflete um momento de transição nos costumes e na língua italiana. Abaixo alguns exemplos dos níveis de formalidade na tradução das cartas de Roma (os negritos são meus):

original	tradução
<p>Ex.1 A Niebuhr, 9 de abril de 1823 (‘Vostra eccellenza’ - muito formal)</p> <p>Eccellenza Mi sarebbe di grandissima confusione e rammarico il turbare le occupazioni di V.E. e per questo timore scrivo brevemente,</p>	<p>Excelência, Seria um desastre e um desgosto para mim disturbar as ocupações de V. Ex.a, e com este temor, escrevo rapidamente, mas, assim</p>

<p>ma pure ardisco di scriverle per supplire con questo agli uffici che non potei fare a voce coll'E.V. augurandole un prospero viaggio, ricordandole la mia indelebile riconoscenza, e supplicandola ad onorarmi de' suoi comandi in quelle cose dov'Ella non mi credesse affatto inabile a servirla. [...] (<i>Epist.</i>, I, p. 691)</p>	<p>mesmo, ouso lhe escrever para compensar com este os ofícios que não pude fazer pessoalmente, desejando-lhe uma próspera viagem, recordando-lhe o meu indelével reconhecimento, e suplicando que me honre com suas ordens no que o senhor não me considerar de fato inábil para servi-lo. [...]</p>
<p>Ex.2 A Monaldo Leopardi, 15 de fevereiro de 1823 (<i>Lei - formal</i>)</p> <p>Carissimo Sig. Padre Ho ricevuto la Sua affabilissima degli 11 corrente, e l'altra che si compiacque di scrivermi a nome di Pietruccio, per la quale ho dovuto maravigliarmi che fra le Sue occupazioni presenti Ella possa e voglia darsi tanto pensiero di me. [...] (<i>Epist.</i>, I, p. 650-1)</p>	<p>Caríssimo Sr. Pai, Recebi a sua afabilíssima do dia 11 deste mês, e a outra que teve a bondade de me escrever em nome de Pietruccio, e me surpreendeu que, entre as ocupações atuais, o senhor possa e queira preocupar-se tanto comigo. [...]</p>
<p>Ex. 3. A Ettore Leopardi, 14 de dezembro de 1822 (<i>voi - formalidade intermediária</i>)</p> <p>Caro Zio, credetemi ch'io v'amo di tutto cuore, e che le distrazioni di Roma non m'impediscono d'avervi presente alla memoria. Avrei voluto scrivervi prima, ma io posso disporre di poco tempo, perchè ad ogni momento, ora questo ora quello mi viene a prendere in casa, e tutta la giornata si consuma in girare e</p>	<p>Caro Tio, acredite que eu o amo com todo o coração, e que as distrações de Roma não me impedem de tê-lo presente na memória. Gostaria de ter-lhe escrito antes, mas disponho de pouco tempo, pois, a todo instante, um ou outro vem buscar-me em casa, e o dia todo se consome em rodar e ver. Peço-</p>

<p>vedere. Abbate cura della vostra salute, ve ne prego con tutta l'anima, e s'è possibile distraetevi, chè la distrazione è la miglior medicina per voi e per me. (<i>Epist.</i>, I, p. 591)</p>	<p>lhe, com toda a alma, que tenha cuidado com a sua saúde, e, se possível, distraia-se, pois a distração é o melhor remédio para o senhor e para mim.</p>
<p>Ex.3 A Paolina Leopardi, 19 de abril de 1823 (voi - neutro)</p> <p>Cara Paolina. Vi ringrazio assai della confidenza che mi mostrate raccontandomi le vostre pene d'animo. Che mi preghiate ad interessarmi per voi, quantunque sappiate ch'io non ho bisogno d'esser pregato per questo effetto; lo considero come un segno che vogliate essermi grata anche di quello ch'io debbo farvi per obbligo. (<i>Epist.</i>, I, p. 702)</p>	<p>Cara Paolina. Agradeço muito a confiança que deposita em mim, falando-me das penas de sua alma. Considero o pedido para que me interesse por você um sinal de gratidão por aquilo que eu devo necessariamente fazer, sem que para isto seja preciso pedir.</p>
<p>Ex.4 A Pietro Giordani, 1 de fevereiro de 1823 (tu - informal)</p> <p>Mio divino amico. Non puoi pensare di quanta consolazione mi sia stato il rivedere i tuoi caratteri dopo tanto intervallo; benchè mi sconsorti infinitamente l'intendere che i mali de' tuoi nervi durano ancora, contro quello che io sperava e che quasi mi prometteva. (<i>Epist.</i>, I, p. 642)</p>	<p>Meu divino amigo. Não podes imaginar quanto consolo me deu rever tua letra depois de um intervalo tão grande, embora me desconforte infinitamente saber que teus males dos nervos ainda duram, ao contrário do que eu esperava e quase teria jurado.</p>
<p>Ex. 5 A Pietro Brighenti, 4 de janeiro de 1823 (oscilação voi / tu)</p>	

<p>Caro Amico. Siete pur memore delle offese, e non volete lasciarne passar una senza rappresaglia. Vi doleste mesi fa del mio lungo silenzio: avevate ragione; vi rispose subito pregandovi a perdonarmi e scrivermi, ma voi mi avete voluto punire, e tacere. Lasciando gli scherzi, io son qui da circa un mese, e ci starò tutto l'inverno. [...] Consolami, caro amico, d'una tua risposta, e voglami bene, assicurandoti ch'io sono sempre verso di te quello di prima, cioè caldissimo e costantissimo amico. Se qui o dovunque ti posso servire in qualche cosa, comandami e adoprami come adopreresti te medesimo: e in qualunque caso credimi /Il tuo Leopardi (<i>Epist.</i>, I, p. 610)</p>	<p>Caro Amigo. Você guarda mesmo ofensas na memória, e não deixa passar uma sem represália. Lamentou-se, meses atrás, do meu longo silêncio: tinha razão; respondi-lhe imediatamente, pedindo que me perdoasse e me escrevesse, mas você me quis punir e calar. Brincadeira à parte, estou aqui há cerca de um mês e aqui estarei por todo o inverno. [...] Consolame com uma resposta tua, caro amigo, e quer-me bem, estando certo de que para ti sou sempre o mesmo de antes: o calorosíssimo e constantíssimo amigo. Se aqui ou em outro lugar puder ser-lhe útil em algo, estou às ordens, serve-te de mim como de ti próprio; e, em todo caso, crê-me / O teu Leopardi</p>
<p>Ex. 6 A Carlo Leopardi, 5 de abril de 1823 (oscilação tu / voi)</p> <p>Caro Carlo. Ti felicito sommamente del tu nuovo amore; e altrettanto mi dispiacerebbe che a Pasqua fosse cominciata per te la Quaresima. Veramente non so qual migliore occupazione si possa trovare al mondo, che quella di fare all'amore, sia di primavera o d'autunno; e certo che il parlare a una bella ragazza vale dieci volte più che girare, come io fo, attorno all'Apollino di Belvedere o</p>	<p>Caro Carlo. Fico muito feliz por teu novo amor, assim como lamentaria que na Pásqua iniciasse para ti a Quaresma. Realmente, não sei que ocupação melhor pode-se encontrar no mundo que fazer amor na primavera ou no outono; e, certamente, falar com uma bela moça vale dez vezes mais que girar ao redor do Apolo Belvedere ou da Vênus Capitolina, como fiz. [...] Não</p>

<p>alla Venere Capitolina. [...] Non dite ad alcuno l'epoca della partenza del Ministro di Prussia che vi ho scritta qui dietro. Questo vostro silenzio m'è necessario per un'espressione ambigua ch'io metto nella lettera a mio Padre, <i>ec. ec.</i> (<i>Epist.</i>, I, p. 688)</p>	<p>diga a ninguém a época da partida do Ministro da Prússia que escrevi aqui atrás. O seu silêncio é necessário por conta de uma expressão ambígua que colocarei na carta a meu Pai etc. etc.</p>
--	---

4.1.2 Fórmulas de saudação e despedida, abreviações, maiúsculas iniciais e ortografia

As fórmulas de saudação e despedida não suscitaram grandes problemas tradutórios, ao contrário do que aponta a tradutora da coletânea inglesa em relação ao seu trabalho (SHAW, 1998, p. 27). Provavelmente, a proximidade do modelo retórico epistolar e o repertório similar de fórmulas usadas em italiano e em português brasileiro no século XIX¹⁷¹ facilitam o uso de correspondentes – diferentemente do caso inglês. Pude traduzir boa parte das fórmulas de

¹⁷¹ Pude ver várias semelhanças nas saudações e despedidas das correspondências brasileiras citadas. Cito algumas fórmulas de despedida usadas por Gonçalves Dias (1864) nos anos 1850: “teu amigo muito obrigado, G. Dias” (Ao amigo Capanema, jan 1856, p. 186); “Fazendo votos pela conservação da preciosa vida de Vossa Majestade e da Família Imperial / beija humildemente as Augustas Mãos de Vossa Majestade / o **humilíssimo súdito** Antônio Gonçalves Dias” (Ao “meu Senhor” D. Pedro II, jan 1856, p. 187); “De V. Ex.a / amigo e obrigadíssimo **criado** / Gonçalves Dias” (ao II.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Francisco Freire, ago 1859, p. 259, grifo meu); “De V. Ex.a muito afeiçoado amigo e admirador, G. Dias” (a José de Alencar, jun 1860, p. 277). E por Casimiro de Abreu (2007) também na mesma década: “Agradeço a bondade com que sempre fui tratado, e tenho a honra de despedir-me e de assinar-me de / V. Sa. **Amigo obrigadíssimo e criado** / Casimiro JM. de Abreu” (Ao patrão José Domingues da Costa, fev 1858, p. 61); “Rogo-lhe queira recomendar-me aos primos e **lançar a bênção sobre / Seu filho amante** Casimiro JM de Abreu” (Ao pai, mai 1858, p. 75); e os fechamentos mais íntimos respectivamente ao amigo Couto e à irmã: “**Adeus; escreve-me de vez em quando, pois bem sabes que isso me dá prazer.** Aceita um abraço de / Teu amigo do coração Casimiro JM de Abreu” (Mar 1858, p. 63), “Adeus! **dou-te um beijo e um abraço**, e assino-me com todo amor e ternura / Teu irmão do coração Casimiro” (Jul 1858, p. 91), (todos os negritos são meus).

saudação e de despedida quase literalmente, mas, em algumas ocasiões, privilegiei vocábulos ou usos mais comuns em português, que destaco a seguir. Vejamos alguns exemplos:

Fórmulas de saudação	
original	tradução
Carissimo Sig. Padre, Amatissimo Sig. Padre (a Monaldo Leopardi, várias cartas)	Caríssimo Sr. Pai, Amadíssimo Sr. Pai
Ill.mo Sig.re Abate Padrone ed Amico (a Cancelliere, jan 1823)	Il.mo Sr. Abade, Patrão e Amigo
Carlo mio (a Carlo Leopardi, várias cartas)	Meu Carlo
Fórmulas de despedida	
original	tradução
Di Vostra Eminenza Reverendissima / Umilissimo, Devotissimo, Obbligatissimo Servitore / Giacomo Conte Leopardi (a Consalvi, 13 mar 1823)	De Vossa Eminência Reverendíssima / Humilíssimo, Devotíssimo, Obrigadíssimo Criado / Conde Giacomo Leopardi
Vi bacio la mano e mi protesto / vostro affettuosissimo e obbligatissimo nipote. Giacomo (a Ettore Leopardi, 14 dez 1823)	Beijo-lhe a mão e me protesto / seu afetuosíssimo e obrigadíssimo sobrinho. Giacomo
Mi benedica: non è necessario dirle che mi comandi: solamente ne la posso pregare, perch'io abbia la consolazione di renderle qualche servizio secondo le mie forze. Il suo tenero figlio Giacomo (a Monaldo Leopardi, 9 dez 1822)	Sua benção: não é necessário dizer que estou às suas ordens; é só o que posso pedir para que eu tenha o consolo de lhe ser útil segundo as minhas forças. O seu filho terno Giacomo.

<p>Ella mi conservi la sua benevolenza, che mi fu e sarà sempre preziosissima, e mi onori de' suoi comandi. (a Cancellieri, jan 1823)</p>	<p>Que o senhor conserve para comigo a sua benevolência, que me foi e será sempre preciosíssima, e me honre com as suas ordens.</p>
<p>Addio, v'abbraccio, e vi do tanti e tanti baci. E voi baciato forte i fratelli per me, e la mano a Babbo e a Mamma. (a Pierfrancesco Leopardi, 27 dez 1822)</p> <p>Se mi volete bene, fatevi coraggio e armatevi d'un poco di costanza. Salutatemmi tutti. Non dubitate del mio impegno per voi. Aspettatemi fra poco, e intanto spazzatemi la casa dalla malinconia. Saluti del Zio Carlo alla Mamma e al Papà. Addio addio. (a Paolina Leopardi, 19 abr 1823)</p> <p>Addio, caro Carlo. Scrivimi subito per carità; vogliami bene; ti do un bacio; scriverò più a lungo quando avrò veduta qualche tua lettera. (A Carlo Leopardi, 26 dez 1822)</p> <p>Addio, caro: salutami il Papà, la Mamma, i fratelli e tutti. Scrivimi, se mi vuoi bene. Possibile che tu non me ne voglia? Addio addio. (a Carlo Leopardi, 6 jan 1823)</p>	<p>Adeus, dou-lhe um abraço e tantos e tantos beijos. Beije forte os irmãos por mim e a mão de Papai e Mamãe.</p> <p>Se me quer bem, crie coragem e arme-se de um pouco de constância. Saúde-me todos. Não duvide do meu empenho por você. Aguarde-me em breve e, por enquanto, varra a melancolia de casa. Saudações do Tio Carlo à Mamãe a ao Papai. Adeus, adeus.</p> <p>Adeus, caro Carlo. Escreve-me logo, por favor; quer-me bem; dou-te um beijo; escreverei mais quando receber alguma carta tua.</p> <p>Adeus, caro, saúda-me o Papai, a Mamãe, os irmãos e todos. Escreve-me, se me queres bem. É possível que não me queiras? Adeus, adeus.</p>

<p>Addio, addio, ch'è ora di pranzo, e andremo a sentirne delle belle, secondo il solito. (a Carlo Leopardi, 5 fev 1823)</p>	<p>Adeus, adeus que é hora do almoço e iremos ouvir as maravilhas de sempre.</p>
<p>Vogliami bene, ancorchè non è necessario il pregartene, ma questa clausola serve a conchiuder la lettera. [...] Addio: ti do tanti baci, e ti ricordo il tuo antico Buccio. (a Carlo Leopardi, carnaval de 1823)</p>	<p>Quer-me bem, ainda que não seja preciso pedir, mas esta cláusula serve para concluir a carta. [...] Adeus: muitos beijos e recordações do teu antigo Buccio.</p>

O modo peculiar como Leopardi chamava o irmão, “Carlo mio”, com o pronome possessivo depois do nome, enfatizando em italiano a proximidade entre os dois, retoma a ordem direta na tradução (“Meu Carlo”), como em outros casos em que a inversão soa artificial em português; em compensação é uma saudação bastante comum na correspondência brasileira entre íntimos na época¹⁷². Analisadas fora de contexto, algumas despedidas parecem forçadas, mas condizem com o tom geral da carta, com a maior ou menor cumplicidade entre Leopardi e seu interlocutor e com as regras da boa escrita epistolar da época, que o autor segue. Das despedidas citadas na nota 17, chamo atenção para duas em cartas de Casimiro de Abreu, respectivamente ao amigo Couto e à irmã, que se assemelham muito ao modo como Leopardi se despedia de Carlo e Paolina. Dizia Casimiro a Couto: “Adeus; escreve-me de vez em quando, pois bem sabes que isso me dá prazer. Aceita um abraço de / Teu amigo do coração Casimiro JM de Abreu’ (2007, p. 63); e à irmã: “Adeus! dou-te um beijo e um abraço, e assino-me com todo amor e ternura / Teu irmão do coração Casimiro” (ABREU, 2007, p. 91).

Outros marcadores temporais se perderam na tradução, como o uso de certas abreviaturas e variações ortográficas típicas do período.

As abreviaturas, que figuravam especialmente nas fórmulas de saudação e despedida, em geral foram desenvolvidas na tradução, pois o leitor atual teria dificuldade em identificá-las abreviadas em português.

¹⁷² Vide os modos como Machado de Assis chamava o amigo Bocaiúva, “Meu Quintino” (2008, tomo I, p. 169); Gonçalves Dias, a sua esposa, “Minha Olímpia” (Out 1856. 1864, p. 202); e Casimiro de Abreu, o amigo do coração Francisco Couto, “Meu Couto” (Dez 1858. 2007, p. 117).

Elas abundavam nas cartas dos correspondentes, já Leopardi tende a escrever sem abreviar tanto. Mantenho somente as abreviações mais comuns no português brasileiro, como V. Ex.a (Vossa Excelência), ou ao longo do texto, depois de ter desenvolvido a primeira abreviação que aparece na carta (caso de Vossa Senhoria Ilustríssima, que ao longo da carta indico por V. S. Il.ma, como o original. Vejamos alguns exemplos:

original	tradução
Suo Affmo e Gratmo figlio (a Monaldo, 4 jan 1823)	Seu Afetuosíssimo e Gratíssimo filho
Il suo Dmo (a Cancellieri, fim jan 1823)	O seu Devotíssimo
Suo Dmo Obllmo Servitore (a N. N., início1823)	Seu Devotíssimo Obrigadíssimo Criado
Umo Obemo Servitore (A Niebuhr, 9 abr 1823)	Humilíssimo Obedientíssimo Criado
Signoria Illustrissima Padrona Colendissima (A Consalvi, fim abril 1823)	Ilustríssima Senhoria Patroa Colendíssima
Ab. (várias)	Abade
Cav. (várias)	Cavalheiro
V.E. (ou E.V.) (a Niebhur, 9 abr 1823)	V. Ex.a
V. S. Ill. (a Cappaccini, fim abr 1823)	Vossa Senhoria Ilustríssima (na primeira vez em que aparece na carta) ou V. S. Il.ma
Rmo Mons. (a Cappaccini, fim abr 1823)	Reverendíssimo Monsenhor
S. Ecc. (a Cappaccini, fim abr 1823)	Sua Excelência

Em. Sua ou Sua Em. (a Cappaccini, fim abr 1823)	Sua Eminência
P. Tracchini (a Monaldo Leopardi, 22 dez 1822)	Padre Trachini
M.ro Carafa (a Monaldo, 27 dez 1822)	Maestro Carafa
SS. Apostoli (a Monaldo Leopardi, 30 jan 1823; a Carlo Leopardi, 12 mar 1823)	Igreja dos Santos Apóstolos
b.m. [<i>benedetta memoria</i>] ¹⁷³ (a Carlo Leopardi, 16 dez 1822_	de abençoada memória

Como se pode notar pelos exemplos já citados, conservo na tradução as maiúsculas de época, tanto na data das cartas, quanto no corpo das epístolas, seguindo a edição Brioschi e Landi, que por sua vez, reproduz a grafia dos manuscritos. O uso de maiúsculas iniciais, frequente na tipografia da época, tantas vezes não tinha conotações expressivas particulares, como aponta Magro (2012, p. 41, nota 2), embora Fornaciari sugira alguns usos frequentes, entre os quais: em nomes de pátria e nação, usados como substantivos; em substantivos indicando dignidade ou título, em substantivos usados em sentido especial ou histórico, no início de versos e também para clarear ou dar força expressiva (FORNACIARI *apud* MAGRO, p. 41, nota 2).

No texto epistolar leopardiano há muita oscilação, e as maiúsculas iniciais podem aparecer tanto em substantivos genéricos

¹⁷³ Vide carta irônica de Giacomo a Carlo Leopardi, de 16 de dezembro de 1822: “Cancellieri mi diverte qualche volta con alcuni racconti spirituali, verbigratia che il **Card.** Malvasia **b. m.** metteva le mani in petto alle Dame della sua conversazione, ed era un *débauché* di prima sfera, e mandava all’inquisizione i mariti e i figli di quelle che le resistevano ec. ec. [Cancellieri diverte-me às vezes com algumas anedotas espirituais, por exemplo que o **Cardeal** Malvasia, **de abençoada memória**, metia as mãos nos peitos das Damas de seu convívio, era um *dèbauché* de primeira, e mandava para a inquisição os maridos e filhos daquelas que resistiam a ele etc. etc.) (*Epist.*, I, p. 592, negritos meus).

como *Padre, Stampatore, Libretto*, como em adjetivos (*Italiana, Sacra*); do mesmo modo como nomes de cidades e países podem começar com letra minúscula (*parigi, italia*). O quadro das cartas de Leopardi, segundo Magro, permite afirmar que as maiúsculas eram usadas segundo os hábitos gráficos da época, mas de modo “um tanto quanto caprichoso” (2012, p. 41). Mesmo assim, achei que valia a pena mantê-las, pois tendem a ressaltar a importância da palavra no discurso, são marcas temporais¹⁷⁴, além do que o próprio Leopardi comenta sobre este assunto, como nesta carta ao editor Stella:

Por regra de seus compositores, eu escrevo sempre *céu* com c minúsculo, quando esta palavra significa lugar, ou quer dizer céu visível, ou quer dizer paraíso; escrevo sempre *Céu* com C maiúsculo quando esta palavra significa pessoa ou pessoas, isto é, Deus, os Deuses, os Beatos etc., por exemplo nestas frases: *piaccia al Cielo* [queira Deus]; *il Cielo mi vuole Felice* [Deus queira que eu seja feliz]; *grato al Cielo* [graças a Deus]; *leggi del Cielo* [leis de Deus], e semelhantes, que são frequentíssimas.” (16 jun 1826, *Epist.*, I, p. 1180).

Leopardi usa nas cartas – sobretudo com Carlo – muitas expressões em francês¹⁷⁵, a língua estrangeira mais usada no *Epistolario*¹⁷⁶, e algumas em latim: todas mantidas na tradução. Só na

¹⁷⁴ As próprias edições das correspondências do século XIX brasileiro tendem a conservar as maiúsculas iniciais usadas em nossa língua como marcas da escrita daquele autor em determinada época.

¹⁷⁵ Para aprofundar os francesismos, latinismos e outros estrangeirismos na língua do *Epistolario*, ver MAGRO (2012), obra citada, p. 212-220. No mesmo volume, Magro analisa os arcaísmos, os coloquialismos, e os toscanismos e outros regionalismos do ponto de vista do léxico.

¹⁷⁶ É mais raro o uso do inglês. Entre os exemplos curiosos, todos eles de um período mais adiantado do *Epistolario*, encontram-se os finais das cartas a Tereza Malvezzi (em que Leopardi comenta a tradução que ela havia feito dos *Frammenti della Repubblica di Cicerone* – da qual admira a sobriedade, o prefácio e a pureza da língua e do estilo): “Intanto amate mi, come fate, certamente, e credetemi *your most faithful friend, or servant, or both, or what you like*”. (18 abr 1827. *Epist.*, II, p. 1307); a Carlo: “Addio, Carluccio mio caro caro: *seek to the address you know*. Addio addio.” (21 nov 1827. *Epist.*, II, p. 1413) e a Paolina: “But, pray, how long is it, since you have learned english?”

carta de 16 de dezembro ao irmão encontramos: *n'en parlons plus, attrait, débauché, bons-mots*; e em outras: *aimable chanteuse; lorgnette; entrevue, opérà* etc., que manteve na tradução. O mesmo para as expressões em latim¹⁷⁷: *de agenda vita; jazer prope magnos Torquati cineres* etc.

Há entre as cartas de Roma uma carta inteira em francês a Tiersch (16 de dezembro de 1822. *Epist.*, I, p. 594-5), curiosamente, datada do mesmo dia em que Leopardi escreve a carta recheada de expressões francesas a Carlo, a qual provavelmente ressentida da atmosfera francesa do dia. A carta a Tiersch foi comentada na análise do *corpus*, mas deixada na língua original no capítulo 3, porque foge ao objetivo desta tese, cujo foco é a tradução do italiano ao português. No caso da tradução do *Epistolario* todo, teria que se pensar na solução a adotar. A edição organizada por Lucchesi (1996) reproduz as cartas em francês. Eu tenderia a traduzi-las numa edição integral, indicando que foram escritas em francês, mas possibilitando sua leitura a quem desconhece a língua de partida.

Quanto às variações ortográficas, é uma pena que se percam na tradução, porque são marcadores de época importantes. Casos como a presença da semiconsoante ‘j’ (como ‘noja’) ou do plural de palavras terminadas em ‘io’ (como ‘principio’), grafadas com ‘ii’ (‘principii’ ao invés de ‘principi’) são raros nas cartas de Leopardi após 1820 (MAGRO, 2012, p. 33). De fato, diz Magro, que estes eram usos comuns nas primeiras décadas do século XIX italiano, que foram se

You surprise me: I can assure you that you write it perfectly. Would I be mistaken, if I were to think that our brother has assisted you? I shall write and inform you as you wish. Adieu.” (18 jan 1833. *Epist.*, II, p. 1981)

¹⁷⁷O largo uso de expressões em francês e em latim não deixam de ser marcas temporais na língua, se considerarmos o uso difundido do latim entre os cultos na época e a influência que o francês exerce na Itália após as conquistas napoleônicas. O trecho seguinte, de uma carta de Brighenti a Leopardi, ilustra bem esta influência – para além da língua – ao falar da cerimônia como um costume francês adquirido, que Brighenti convida Leopardi a abandonar. Dizia ele: “O senhor não me conhece, mas considere que sou um homem de hábitos simples, e meu coração fica tão tocado quando encontro quem me trata com confiança, e com liberdade. Quando criança, usavam-se ainda os costumes italianos, voz forte, abraços apertados, palavras claras e ânimo abertíssimo. Agora temos os hábitos civis franceses, que consistem em vozes éticas, em sílabas entre os dentes, em reverências, cerimônias, em muitas falsidades, e em corações que jamais palpitam a não ser por estarem grudados ao corpo; a amizade que sinto e busco é de outra natureza.” (22 jul 1820. *Epist.*, I, p. 423).

perdendo. Mas pude identificar alguns deles nas cartas romanas: “ordinarij” e “ordinarii”, “principii”, “letterarii”, “augurii”, “ossequii” (curiosamente, todas elas em cartas ao pai Monaldo); “sofrii”, a Carlo e Paolina; “Pontificii” (a Consalvi), para citar alguns exemplos. Alternâncias de acentos e apóstrofes, documentados na língua da época e nas cartas do jovem Leopardi (MAGRO, 2012, p. 35), aparecem discretamente nas cartas romanas: “questa opinione” e “nella opinione”¹⁷⁸, variação anterior à apócope do artigo indeterminado¹⁷⁹; já “dall’esperienza”¹⁸⁰, por ex., é grafada no modo mais moderno. Não identifiquei palavras com variação de acento no *corpus*, tal como ‘perche’ ou ‘finche’.

Outra variação importante que Magro destaca na escrita epistolar de Leopardi é a separação gráfica dos advérbios, conjunções e preposições (ex. ‘così dette’, ‘in fatti’, ‘e pure’), presentes como “formas analíticas de uma escrita grave e literária” (2012, p. 38), que ressalta uma opção linguística mais culta. Destaco dois exemplos nas cartas romanas, que ocorrem justamente com interlocutores em que há cerimônia: “pur troppo non meritato amore” (a Monaldo¹⁸¹); “pur troppo ho conosciuto che dovrei rinunziare ad ogni speranza di ulteriori avanzamenti se continuassi a vivere in Recanati mia Patria.” (a Consalvi¹⁸²).

Diz Magro que se nota, comparando a escrita de Leopardi com a de seus correspondentes cultos, que ele logo se distancia das formas ortográficas mais “extravagantes” e é mais coerente que a média (2012, p. 36, nota 3). Entretanto, há uma curiosidade, que, a meu ver, fala muito da personalidade do autor. Leopardi costuma manter na escrita epistolar os mesmos erros cometidos por seus correspondentes: uma forma delicada de responder. Essas e outras minúcias da ortografia leopardiana, que Magro analisa em seu estudo sobre a língua e o estilo no *Epistolario*, se perdem na tradução.

4.2 Questões de léxico

“Se é lícito que eu fale da minha tradução, direi que a fiz com todo o estudo possível, não avançando uma palavra sem tê-la

¹⁷⁸ A Giodarni, 1 fev 1823. (*Epist.*, I, p. 642)

¹⁷⁹ Supressão do final do artigo indeterminado *questa* e introdução do apóstrofo, resultando em *quest’opinione*.

¹⁸⁰ A Carlo, 6 dez 1823. (*Epist.*, I, p.578)

¹⁸¹ 27 de dezembro de 1822. (*Epist.*, I, p. 602)

¹⁸² 13 de março de 1823. (*Epist.*, I, p. 670)

cuidadosamente ponderado, e com todo o conhecimento das línguas do qual sou capaz.”¹⁸³ Assim escrevia o jovem Leopardi a Antonio Fortunato Stella a propósito de sua tradução do segundo livro da *Eneida*, que mandava para a apreciação do editor milanês em fevereiro de 1817.

Poucos meses depois, Leopardi irá afirmar a Giordani a importância de traduzir para adquirir propriedade no uso da língua:

Que a propriedade dos conceitos e das expressões é o que de fato distingue o escritor Clássico do comum, e o mais difícil de conservar nas expressões quanto mais rica é a língua, é uma verdade tão evidente que foi a primeira que percebi quando comecei a refletir seriamente sobre a literatura: e depois disto vi claramente que o meio mais rápido e seguro de conquistar esta propriedade era transportar de uma língua a outra os bons escritores. (30 abr 1817. *Epist.*, I, p. 94).

Ter propriedade no uso da língua, para Leopardi, é saber explicitar de modo claro, estável e consistente as ideias confusas da mente através das palavras, pois, segundo ele, uma ideia sem palavras é uma ideia errante: nós pensamos falando, aplicando a palavra à ideia, num processo de fixação da palavra à “coisa”, de modo que, com ela o pensamento “ganha corpo, e quase forma visível, e sensível, e circunscrita”. Essa reflexão, presente no fragmento 95 do *Zibaldone*¹⁸⁴, exalta as vantagens de se dominar várias línguas, úteis para que possamos expressar os “infinitos detalhes do pensamento”, tornando mais fácil e claro seu entendimento a nós mesmos. Além do que, reforça a ideia da importância da exatidão de sentido na tradução, que teria como base uma interpretação do texto feita, na medida do possível, dentro do contexto histórico em que o texto foi redigido, para que não se cometa, por exemplo, o erro de atribuir a uma palavra significado mais atual do que ela tinha em seu contexto¹⁸⁵.

¹⁸³ 21 de fevereiro de 1817. (*Epist.*, I, p. 52)

¹⁸⁴ Disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e209&toc.depth=1&toc.ii=&brand=newlook>. Acesso em 24/04/2015.

¹⁸⁵ Leopardi anotava, em 10 de maio de 1828, no *Zibaldone*, uma reflexão sobre as interpretações equivocadas da palavra *anime* nas traduções de Homero feitas

A propriedade das “palavras”, entretanto, nada teria a ver com a precisão dos vocábulos científicos ou “termos”, que, na geometria e racionalidade da língua, “determinam e definem a coisa em todos os seus aspectos”, de modo que “apresentam a ideia nua e circunscrita daquele objeto”, enquanto as palavras exprimem “uma ideia composta de muitos lados e ligada a muitas ideias concomitantes”. As palavras, portanto, seriam “mais adequadas à literatura (e à beleza)” (*Zib.* 110-11), ou seja, à linguagem poética, porque são vagas e indefinidas, e capazes de expressar sensações indeterminadas e indefinidas.

4.2.1 Arcaísmos moderados

Outra teorização de Leopardi no campo linguístico, anotada em 1821 no *Zibaldone*, que interessa diretamente à reflexão sobre a tradução do nosso *corpus*, concerne ao uso dos arcaísmos, a começar pelo seu horror ao excesso. Dizia Leopardi: “Odeio os arcaísmos, e aquelas palavras antigas, que, apesar de serem claríssimas, expressivíssimas, belíssimas, utilíssimas, são sempre afetadas, artificiais, forçadas, sobretudo na prosa” (*Zib.* 1099)¹⁸⁶. Já o “arcaísmo moderado”, isto é, o “uso conveniente de palavras antigas”¹⁸⁷, será considerado por Leopardi “fonte de elegância e adequado a um estilo literário elevado, antigo-moderno, imperceptivelmente distinto da língua corrente” (TESI, 2010)¹⁸⁸. Tesi destaca dois tipos de arcaísmos

por Foscolo, Monti e outros, nascidas da aplicação de opiniões contemporâneas dos tradutores às palavras de Homero, originando traduções infiéis à essência e ao sentido do original, problema típico de quem não conhecia bem Homero, o seu tempo e o modo de pensar dos antigos. Disponível em <http://www.bibliotecaitaliana.it/Ricerca_Testuale.html>. Acesso em 19 de abril de 2015.

¹⁸⁶28 de maio de 1821, disponível em <<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e18208&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=arcaism+i#2>>

¹⁸⁷ O arcaísmo moderado de Leopardi, segundo Tesi, se aproximaria da noção de ‘cultismo’, ou seja, do uso de palavras, formas ou construções de tradição culta, mas mais raras ou menos recorrentes na língua de uso.

¹⁸⁸ Tesi, Riccardo. “Arcaismi e arcaismi moderati” in LEOPARDI, Giacomo. *Enciclopedia dell’italiano*. 2010, disponível em <http://www.treccani.it/enciclopedia/giacomo-leopardi_%28Enciclopedia_dell%27Italiano%29/>. Acesso em 20-04-2015.

moderados, que dariam à prosa¹⁸⁹ de Leopardi uma “pátina antiga”: os léxico-semânticos e os sintáticos. Atenho-me aos primeiros, de dois tipos: palavras de uso corrente usadas com significado incomum e palavras incomuns ou pouco frequentes no século XIX italiano, mas com significado, forma ou sons semelhantes aos de palavras corriqueiras.

Em geral, procurei escolher vocábulos com datação mais antiga para a tradução dos arcaísmos do autor, sem forçar demais a língua portuguesa. Por isso, o texto da tradução, em alguns casos, se torna mais claro que o original, e acaba favorecendo a legibilidade para o nosso leitor. Mas a ideia não é facilitar a tradução nem tampouco dificultá-la a ponto do leitor se sentir ‘ofendido’ e desistir de ler o texto, como dizia Zilly¹⁹⁰; pelo contrário, é buscar um equilíbrio que permita uma leitura minimamente confortável, sem para isto desrespeitar o tom da carta.

Destaco abaixo alguns casos de palavras usadas com significado incomum no nosso *corpus*. Os 4 primeiros exemplificam uma palavra comum usada num registro mais elevado e ilustram, segundo Magro, o “gosto pela expressão redundante” presente em fórmulas de cortesia típicas da escrita epistolar da época (MAGRO, 2012, p. 189):

Ex. 1 *umiliare* (= apresentar humildemente um pedido, não ‘humilhar’ no sentido mais comum de ‘rebaixar-se’ ou de ‘tratar com desdém’).

<p>E quando fosse volontà dell'Eminenza Sua che questo traslocamento avesse luogo, verrebbe a vacare in Rimini il posto di Cancelliere del Censo, la qual carica è l'oggetto della Supplica che io ebbi l'onore di umiliare per di Lei mezzo all'Eminenza Sua. (a Cappaccini, fim abr 1823)</p>	<p>E, se for vontade de Sua Eminência que essa transferência ocorra, vagaria em Rimini o posto de Oficial de Registro do Patrimônio, cargo que é objeto da Súplica que tive a honra de apresentar humildemente à Sua Eminência por intermédio do senhor.</p>
--	---

Ex. 2 *significare* (= comunicar, referir, expressar, e não ‘significar’ como ‘ter o significado de’). Neste caso, até haveria a possibilidade de

¹⁸⁹ Refere-se aqui à prosa das *Operette morali*, mas algumas destas características podem ser identificadas também nas cartas.

¹⁹⁰ Bertold Zilly em entrevista já citada à Revista *Metáfora* em 2012.

usar na tradução o verbo ‘significar’, que admite o sentido de ‘fazer conhecer’, ‘participar’ (ex.: “a diretoria significou(-lhes) a decisão de não fazer demissões”) (HOUISS). Mas me parecia forçar demais a língua (num contexto já extremamente formal), e acabei preferindo alternativas com datação antiga, mas de leitura fluente em português:

<p>Ex.2.1 Quando le occupazioni di V.E. le daranno luogo e comodità di significarmi il suo pensiero, attenderò da Lei quest'altro segno della sua generosità verso di me. (a Niebhur, 9 abr 1823)</p> <p>Ex.2.2 Il Zio Carlo ricevette questa risposta dopo aver già scritto a Lei la prima volta; e ricevutala, credette bene di significarne a Lei la sostanza, senza dirle di aver fatto interpellare il Cavaliere, e ciò per non inquietarla. (a Monaldo Leopardi, 22 abr 1823)</p> <p>Ex.2.3 Non è necessario ch'io le significhi con quanto affetto e desiderio giungerò a rivederla e baciarle la mano [...] (a Monaldo Leopardi, 2 abr 1823)</p>	<p>Quando as ocupações de V. Exa. lhe derem espaço e comodidade para me manifestar o seu pensamento, aguardarei este outro sinal de sua generosidade para comigo.</p> <p>Tio Carlo recebeu esta resposta depois de ter escrito a primeira vez ao senhor; e, ao recebê-la, pensou que seria bom informá-lo da sua essência, sem dizer que o Cavaleiro havia sido interpelado, para não inquietá-lo.</p> <p>Não é preciso que eu manifeste com quanto afeto e prazer virei a revê-lo e beijar-lhe a mão [...]</p>
--	--

Ex. 3 *favorire* (= dar gentilmente, fazer um favor, não ‘favorecer’ no sentido mais comum de ‘beneficiar’ ou ‘obter vantagem’). Optei neste caso pelo uso de ‘favorecer’ em português, que, como o verbo italiano, admite o sentido de ‘obsequiar’, ‘fazer favor a’, pouco usado nessa acepção em ambas as línguas.

<p>Ma intanto Ella mi favorirebbe mandandomi i contrassegni di quella edizione, cioè l'anno, se</p>	<p>No entanto, o senhor me favoreceria enviando-me os dados daquela edição, isto é, o</p>
--	--

v'è, il luogo della stampa, il nome dell'editore, stampatore ec. (a Monaldo Leopardi, 20 dez 1822)	ano, se o há, o local da impressão, o nome do editor, o tipógrafo etc.
--	--

Ex. 4 *professare* (= declarar abertamente, manifestar, ‘professar’, não no sentido de ‘seguir’ ou ‘ser adepto’, como em ‘professar uma religião’). Neste caso, adotei ‘professar’ na tradução, porque bastante usado na linguagem cortês das epístolas brasileiras do século XIX.

Ex.4.1 Ti mandava il suo lavoro per testimonio della memoria che tiene di te, e dell'altissima stima che ti professa . (a Giordani, 1 fev 1823)	Mandava o seu trabalho como testemunho da lembrança que tem de ti, e da altíssima estima que te professa .
Ex.4.2 A lei professerò eternamente la più viva gratitudine e il più caldo e filiale affetto. (a Monaldo Leopardi, 29 nov 1822)	Ao senhor professarei eternamente a minha mais viva gratidão e o mais ardente e filial afeto.

Ex. 5 *affezionare* (= fazer sentir afeto, ‘afeiçoar’) – *affezionarselo*: uso na tradução o verbo ‘afeiçoar’ no sentido, incomum hoje em dia, de ‘fazer sentir afeto’, tal como no original. Julguei que o seguimento da frase acaba clareando o pensamento de quem fala (‘fazer com que ele sinta afeto’), tornando fácil a compreensão do sentido incomum do verbo.

In ogni modo è un uomo molto cortese; ci sarebbe forse anche il suo verso di prenderlo e d'affezionarselo , e se io ne potrò profittare per te, non potrò mancare di farlo. (a Carlo Leopardi, 5 fev 1823)	De todo modo, é um homem muito cortês; talvez haja até um jeito de conquistá-lo e afeiçoá-lo , e se eu puder aproveitar para fazer algo por ti, não perderei a oportunidade.
---	---

Ex. 6 *disperare* (= ‘fazer perder a esperança’, ‘desesperar’). Em carta de 18 de janeiro de 1823, Giacomo escrevia ao irmão Carlo, tirando-lhe algumas dúvidas de italiano:

Come [Como] recebe também o caso oblíquo: *come me*, *come te* [como eu, como tu] etc. Então, *come lei* [como ela] está bem dito. *Avvampare* [Arder] ativo está ótimo. ***Disperare* [Desesperar] para *trarre di speranza* [perder a esperança], se os antigos não o disseram, também não deixaram em testamento que não se possa dizer.** (*Epist.*, I, p. 630, negritos meus).

Na lição ao irmão, Leopardi acaba reforçando uma das interpretações que eu havia feito para *disperare* no sentido de ‘provocar a perda da esperança’, de uso pouco comum. Vejamos três exemplos do uso de *disperare* nas cartas romanas: o primeiro, com o significado de ‘perder a esperança’; no segundo não fica claro se a acepção é a mesma ou se *disperante* aqui se refere a alguém que ‘provoca desconforto ou irritação’; já o terceiro *disperato* tem um significado diverso, de alguém empenhado, tomado pela paixão. O foco da tradução de todos, entretanto, leva em conta a importância de conservar o radical ‘esperar’ (esperança), palavra-chave do pensamento leopardiano:

<p>Ex.6.1 L'attirare gli occhi degli altri in una gran città è impresa disperata [...] (a Carlo Leopardi, 6 dez 1823)</p> <p>Ex.6.2 Ieri fui da Cancellieri, il qual è un coglione, un fiume di ciarle, il più noioso e disperante uomo della terra. (a Carlo Leopardi, 25 nov 1823)</p> <p>Ex.6.3 Da ora in poi non ci sarà camminatore più disperato di me. (a Carlo Leopardi, 18 jan 1823)</p>	<p>Atrair os olhos dos outros em uma grande cidade é uma tarefa desesperada [...]</p> <p>Ontem visitei Cancellieri, que é um imbecil, um rio de boatos, o mais entediante e desesperador homem da terra.</p> <p>De agora em diante não haverá caminhador mais desesperado que eu.</p>
---	--

Ex. 7 *deludere* (= enganar, burlar, iludir, não ‘desiludir’)

<p>Sono ora occupato a copiarla, nel che debbo superare infinite difficoltà, perchè da una parte mi conviene combattere coll'oscurità del codice, e dall'altra sfuggire o deludere continuamente con vari pretesti la vigilanza del Bibliotecario. (a Monaldo Leopardi, 7 mar 1823)</p>	<p>Estou agora ocupado em copiá-lo, o que me faz ter que superar infinitas dificuldades pois, de um lado, tenho que lutar contra a obscuridade do código e, de outro, esquivar-me ou burlar continuamente a vigilância do Bibliotecário com vários pretextos.</p>
--	--

Ex. 8 *divertire* (= distrair, desviar a atenção) – adjetivo *divertita*: neste caso opto pelo adjetivo ‘divertida’ em português, que também significa ‘distráida’ e me pareceu uma opção intelegível e tão ambígua quanto a palavra original.

<p>Lasciamo stare che quando anche voi foste già qui, moglie del Cav. Marini, ricca, divertita, vedreste che questo stato (al quale forse giungerete) non valeva poi la pena di tanti palpiti. (a Paolina Leopardi, 19 abr 1823)</p>	<p>Sem contar que, quando você também estiver aqui, esposa do Cavaleiro Marini, rica, divertida, verá que este estado (ao qual talvez chegue), não valia a dor de tanta palpitação.</p>
---	--

Ex. 9 *comportabile* (= adj. tolerável, suportável e não no sentido de *confacente* ou ‘comportável’, que ‘se pode comportar’)

<p>[...] i vantaggi di questo partito sono tanti e tali, che non solamente compensano, ma quasi annullano il sacrificio ch'esso richiederebbe da Paolina: sacrificio molto comportabile perchè Marini, benchè non giovane, è fresco, sano e forte, ed anche considerando il solo esteriore, è venti volte più amabile di Peroli. (a Carlo</p>	<p>[...] as vantagens desse partido são tantas e tais, que não somente compensam, mas quase anulam o sacrifício que exigiria de Paolina; sacrifício muito tolerável, pois Marini, apesar de não ser jovem, é bem-disposto, são e forte, e mesmo considerando somente o aspecto exterior, é vinte vezes mais afável que Peroli.</p>
--	---

Leopardi, 5 abr 1823)	
-----------------------	--

Ex.10 *società* (= convívio, companhia, usado como sinônimo de *consorzio*); locução: *fanno società*

Ex.10.1 Non così bene posso dire del mio spirito, il quale assuefatto per lunghissimo tempo alla solitudine e al silenzio, è pienamente ed ostinatissimamente nullo nella **società** degli uomini [...] (a Giordani, 26 abr 1823)

Ex.10.2 Marietta sta bene, e deve avere scritto a Paolina Finora, ch'io sappia, (e credo certo di saperlo) non è uscita se non una sera, ch'è venuta colla Madre e con me da Reinhold, e quivi le donne **fanno società da loro sole**. (a Carlo Leopardi, 26 dez 1822)

Ex.10.3 D'altronde mio padre aggravato di prole, e per le passate vicende attenuato di rendite, non ha mezzi di mantenermi in altro luogo dove la **società** d'uomini di Lettere, e il soccorso de' libri possano perfezionare le mie deboli cognizioni. (a Consalvi, 13 mar 1823)

O mesmo não posso dizer do meu espírito, que, acostumado longamente à solidão e ao silêncio, é completa e obstinadamente nulo no **convívio** com os homens [...]

Marietta está bem, e deve ter escrito a Paolina. Até agora, que eu saiba, (e creio saber) não saiu, a não ser uma noite, em que foi com sua mãe e comigo à casa de Reinhold, e ali as mulheres **reúnem-se** entre si.

Por outro lado, meu pai, gravado pela prole e com a renda atenuada por acontecimentos passados, não tem meios para me manter em outro lugar onde o **convívio** com homens de Letras e o socorro dos livros possam aperfeiçoar meus fracos conhecimentos.

Em outras duas cartas, porém, o autor emprega a palavra ‘società’ no sentido mais comum de agrupamento social, ‘sociedade’:

Ex.10.4 L'unica maniera di poter vivere in una città grande, e che	A única maneira possível de viver em uma grande cidade, e
---	---

<p>tutti, presto o tardi, sono obbligati a tenere, è quella di farsi una piccola sfera di rapporti, rimanendo in piena indifferenza verso tutto il resto della società. (a Carlo Leopardi, 6 dez 1822)</p> <p>Ex.10.5 [...] e che questi beni, vivendo nel mondo e nella società, non si godono nè si mettono a profitto, come sogliono credere i giovani, ma si perdono intieramente, restando l'animo in un vuoto spaventevole. (a Paolina Leopardi, 28 de jan 1823)</p>	<p>que todos mais cedo ou mais tarde são obrigados a adotar, é criar uma pequena esfera de relações, ficando completamente indiferente ao resto da sociedade.</p> <p>[...] e que esses bens, vivendo no mundo e na sociedade, não são desfrutados nem aproveitados, como costumam crer os jovens, mas se perdem completamente, ficando a alma em um vazio assustador.</p>
---	---

Trata-se de palavras inseridas dentro de conjuntos de ideias, cujo significado varia de acordo com a linha do pensamento, fazendo com que cada caso seja um caso, mesmo dentro de um *corpus* mais ou menos homogêneo do ponto de vista dos usos, como é o *Epistolario*, o que reforça a importância de seu entendimento contextual.

Ex. 11 *diritto* (= possibilidade, capacidade, poder; não ‘direito’ no sentido mais comum ‘daquilo que é facultado ou permitido a alguém’). Neste caso, tanto a versão brasileira (Dias) quanto a inglesa (Shaw) usaram a tradução literal da palavra *diritto* (= ‘direito’ e ‘right’¹⁹¹, respectivamente), mas eu optei por uma tradução mais esclarecedora que o original. Vejamos os exemplos:

--	--

¹⁹¹ “[...] e eu te exorto a esta filosofia porque acredito que tens a mesma disposição e os mesmos direitos que eu” (LEOPARDI, 1996, p. 822) e “Vivo aqui com muita indiferença, e não trato com mulheres; mas sem elas nenhuma ocupação ou circunstância de nossa vida tem o direito de nos afeiçoar ou agradar” (LEOPARDI, 1996, p. 818), são as traduções de Maurício Dias para os dois exemplos citados; já a tradução de Shaw para a edição em inglês, que inclui somente a carta a Carlo (ex.2), é: “I have no dealings with women; and without them no activity or circumstance of our life has the right to earn our affection or to please us” (SHAW, 1998, p. 141).

<p>Ex.11.1 Direte ch'io vi sono sempre intorno colla filosofia. Ma mi concederete che questa non mi è stata insegnata nè dai libri nè dagli studi nè da nessun'altra cosa, se non dall'esperienza: ed io vi esorto a questa filosofia perchè credo che vi abbiate i miei stessi diritti e la mia stessa disposizione. (a Paolina Leopardi, 19 abr 1823)</p> <p>Ex.11.2 Io vivo qui molto indifferentemente, non tratto donne; e senza queste nessuna occupazione o circostanza della nostra vita ha diritto di affezionarci o di compiacerci. (a Carlo Leopardi, 22 mar 1823)</p>	<p>Dirá que estou sempre a lhe rodear com a filosofia. Mas terá de concordar que esta não me foi ensinada pelos livros nem pelos estudos ou outra coisa qualquer, mas pela experiência: e eu a exorto a esta filosofia porque creio que você tenha as mesmas capacidades e a mesma disposição que eu.</p> <p>Eu vivo aqui muito indiferentemente; não frequento mulheres, e, sem estas, nenhuma ocupação ou circunstância da nossa vida é capaz de nos afeiçoar ou contentar.¹⁹²</p>
---	---

Usei em português ‘capacidade’ (para ‘diritto’) e ‘é capaz’ (para ‘ha diritto’), por considerar que ‘direito’ não traduzia o sentido de ‘diritto’ nestes contextos. Leopardi, no ex. 1, usava de sua ‘filosofia prática’ para aconselhar a irmã a se entregar menos às paixões e esperanças em relação à vida, e a cultivar certa indiferença, inclusive em relação ao que parece bom para ter menor expectativa e menor sofrimento. Falava, portanto, de uma ‘capacidade’ que ela precisava desenvolver em si própria, e não de um ‘direito’ seu. Já no ex.2, fica claro que Leopardi não está falando do ‘direito’ que algo tem de afeiçoar ou contentar, mas da ‘impossibilidade’ de isto acontecer.¹⁹³

¹⁹² Note-se que neste exemplo aparece novamente a palavra ‘afeiçoar’ no sentido de ‘fazer sentir afeto’.

¹⁹³ A própria tradutora da edição inglesa reforça este pensamento de Leopardi, pondo uma nota à tradução da carta de 22 de março de 1823 com trecho de outra carta a Carlo: “[...] certamente, falar com uma bela moça vale dez vezes mais que girar ao redor do Apolo Belvedere ou da Vênus Capitolina, como fiz.” (De Giacomo a Carlo Leopardi. 5 abr 1823, *Epist.*, I. p. 687-8); quanto à nota da tradução em inglês (SHAW, 1998, p. 141 nota 6).

Sem dúvida é um uso ambíguo e pouco comum da palavra ‘diritto’¹⁹⁴ que Leopardi faz, e que os tradutores Dias e Shaw mantiveram. Mas, acreditando que, neste caso, a ambiguidade na tradução prejudica a clareza do pensamento, resolvi investigar as ocorrências da palavra no *Zibaldone*.

Usei o método de busca textual na página da *Biblioteca italiana*¹⁹⁵, através da qual é possível ver todos os contextos em que a palavra pesquisada aparece no interior do *corpus* selecionado. Foi um recurso empregado nesta tese para compreender melhor os usos que Leopardi faz de certas palavras, mas não deixa de ser uma excelente fonte de pesquisa para tradutores de italiano em geral, considerando o vasto volume de obras que a Biblioteca compreende. A busca inicial (que ilustro em detalhes para mostrar o processo) se deu a partir do seguinte quadro:



 Ricerche testuali

Parole del testo	
<input checked="" type="radio"/> Tutte le parole o sintagmi	
<input type="radio"/> Almeno una parola o sintagma	diritto
Escluse le parole	
Prossimità	▼ parola(e)
Metadati	
Titolo	Zibaldone
Autore	Leopardi
Limita la ricerca	
Sezioni testuali	<input checked="" type="radio"/> Tutto il testo
	<input type="radio"/> intertitolo
	<input type="radio"/> Voci

Em *Ricerca testuale* busquei *diritto* (em *Tutte le parole o sintagmi*), *Zibaldone* (em *Titolo*) e Leopardi (em *Autore*), o que resultou

¹⁹⁴ Segundo o Tommaseo online: “DIRITTO. 15. Per Inclinato, Disposto. M. V. 9. 53. (Mt.) *E perchè il tempo allora era diritto alle piove..., molti stimarono...*”.

¹⁹⁵ Como já mencionado, trata-se de um site ligado à Universidade de Roma – *La Sapienza* acessível em <http://www.bibliotecaitaliana.it/>

em 89 ocorrências. No quadro das ocorrências, selecionei ‘testo’ para poder visualizar as palavras no contexto em que se encontram:

The screenshot shows the search results page for the query «Leopardi» in creator «Zibaldone» in title «diritto» nel testo. The results are ordered by relevance (relevanza) and show two documents. The first document is titled «Zibaldone di pensieri» and has 89 occurrences of the word «diritto». The second document is titled «Indice del mio Zibaldone di pensieri» and has 96% of the occurrences. The interface includes navigation tabs for «Bibit», «Scrittori d'Italia», «Incunaboli», «Collezioni speciali», and «Risorse».

Ricerca:	«Leopardi» in creator «Zibaldone» in title «diritto» nel testo
Risultati:	2 Documenti
Ordinamento:	relevanza <input type="button" value="Vai"/>
Modifica la ricerca - Nuova ricerca	
1 Autore:	Giacomo Leopardi
Titolo:	Zibaldone di pensieri 100%
Genere:	Memorialistica
Periodo:	800
Num. occorrenze:	89
Concordanze KWIC:	Ordinamento: Testo - Contesto Sx - Contesto Dx
2 Autore:	Giacomo Leopardi
Titolo:	Indice del mio Zibaldone di pensieri 96%
Genere:	Memorialistica
Periodo:	800

O próximo quadro mostra as 89 ocorrências, a partir das quais fui investigar os sentidos dados para ‘diritto’ nos diversos contextos em que a palavra aparece no *Zibaldone*:

The screenshot shows the context of the word «diritto» in the Zibaldone. The results are ordered by relevance (relevanza) and show 15 occurrences. The context is displayed in a table with the word «diritto» highlighted in red. The interface includes navigation tabs for «Bibit», «Scrittori d'Italia», «Incunaboli», «Collezioni speciali», and «Risorse».

Ricerche testuali	Ordinamento:	2	Testo	2	Contesto Sx	3	Contesto Dx	2	Indietro
Giacomo Leopardi - Zibaldone di pensieri									
1	...proprietà tali, che non ha più nessun	diritto di dare ad un altro rivo nato...							
2	...non essendo alterata, restiamo sempre in	diritto d'attingerne, e anche quivi con...							
3	...Ed ecco la cagione del diverso	diritto , e delle diverse conseguenze che si...							
4	...chiamati cari a Giove, entra nel	diritto così detto universale delle genti, e l'...							
5	...bisogno di riflessione. E così il	diritto delle genti, che si crede naturale,...							
6	...di quella religione che a buon	diritto si vanta per la più misericordiosa ec. Ma...							
7	...Ogni uomo ha	diritto di giudicare di per se stesso, e la diversità delle...							
8	...della durata, non ha la potenza o il	diritto , cosicchè l'uomo non ci può trovar...							
9	...dal di lei fine, ch'è divenuto in	diritto e in dovere il suo proprio fine....							
10	...può mai spogliare in minima parte del	diritto di seguire in tutto e per tutto la...							
11	...appresso egli può disubbidire in	diritto , e non può non poterlo fare. V. p. 452...							
12	...contraddizione tra il fatto e il	diritto , una contraddizione nell'ordine delle...							
13	...dessero a chi le possiede, un	diritto di comandare e di essere ubbidito, 1. dove...							
14	...non avrebbe ancora nessun'ombra di quel	diritto al comando, che avrà poi per...							
15	...natura : 5. questo	diritto supposto naturale, non dovrebbe tuttavia durare se...							

Ao clicar em uma ocorrência, somos conduzidos ao texto do *Zibaldone*, em que a palavra aparece destacada, tornando possível a

leitura no contexto integral, como no exemplo abaixo. É interessante notar que através das flechas é possível passar diretamente à próxima ocorrência dentro do *corpus* selecionado:

Giacomo Leopardi - Zibaldone di pensieri

89 occorrenze di **diritto**
[Cancella Hist]

3	1 - 207
5	204 - 420
8	421 - 601
6	602 - 800
8	801 - 1001
	1001 - 1201
1	1201 - 1400
	1400 - 1602
	1603 - 1799
2	1800 - 2000
3	2000 - 2200
3	2200 - 2400
4	2401 - 2602
4	2602 - 2800
	2800 - 2999
1	3000 - 3206

durata, non ha la potenza o il **diritto**, cosicché l'uomo non ci può trovar quiete. Al contrario nel caso opposto. Ma questa quiete non è quiete assoluta, quasi che la quiete fosse essenzialmente e primordially buona; bensì è quiete relativa, o vogliamo dire armonia. Non bisogna dunque usare le proposizioni astratte nelle cose relative, né pretendere di aver dimostrato che noi amiamo naturalmente un tal ordine, perciò che amiamo l'ordine. Amiamo l'ordine, l'amano tutti gli esseri; ma qual ordine? O diamo il disordine, ma qual è questo disordine? Ciò bisogna cercare, qui di nuovo i filosofi si dividono, e dal principio antecedente, incontrastabile e confessato, invano si presume di ricavar nulla di definito e concreto, circa la questione, dello stato e perfezione destinata particolarmente all'uomo, e desiderata da lui ardentemente. Io dico dunque: lo stato di perfezione, quello stato di ordine, fuori del quale non c'è riposo, fuor del quale non c'è la tranquillità dell'ordine, né la felicità, è per l'uomo, come per tutte le altre cose esistenti; quello stato in cui la natura l'ha posto di sua propria mano, e non quello in cui egli o si sia posto, o si debba porre da se.

Il Capo 9, dell'Essai ec. qui sopra citato è il più forte profondo e concludente forse di tutta l'opera, perchè le prove della Religione non sono dedotte dalla considerazione dell'uomo qual egli è, dalle opinioni ec. ma dalla natura dell'uomo. Farai bene a rileggerlo. Ma ecco il suo raziocinio. La felicità non si trova se non nella perfezione di cui l'essere è capace. Un essere non è perfetto se le sue facoltà non sono perfettamente d'accordo fra loro, perfettamente sviluppatte secondo la loro natura, e se non godono ciascuna del suo proprio oggetto secondo tutta l'estensione della sua capacità. Non è perfetto s'egli non è in conformità colle leggi che risultano dalla sua natura. Ma per conformarcisi bisogna conoscerle. Dunque l'uomo non sarà felice se non quando conosca se stesso, e i rapporti necessari che ha con altri esseri. E deve poterli conoscere, altrimenti sarebbe un essere contraddittorio, perchè avendo un fine, cioè la perfezione o la felicità, non avrebbe alcun mezzo di pervenirvi. L'uomo dunque inclinando alla perfezione o felicità, inclina sommanente alla cognizione del vero. Dalla cognizione

Na grande maioria das vezes em que ocorre, a palavra 'diritto' aceita a tradução literal 'direito'¹⁹⁶, sem dúvida. Mas encontrei, em especial, uma reflexão filosófica, anotada no *Zibaldone* entre 7-8 de dezembro de 1820, em que o autor usa 'diritto' com o mesmo significado da palavra nas cartas citadas (= possibilidade, capacidade, poder). Trata-se de uma reflexão de Leopardi em torno à relatividade da ordem a partir do *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião*, de Lamennais. Segundo Leopardi, a ordem, que cria a sensação de bem-estar no homem, nada mais é do que estar em harmonia com a própria natureza individual. Não haveria, então, uma ordem geral ou uma harmonia absoluta: cada um encontra repouso, quietude, de um jeito, dependendo dos hábitos que tem, de forma que "o repouso que

¹⁹⁶ Cito dois exemplos com 'diritto' = 'direito': "[...] così agli antichi era lode l'umanità verso i nemici, che non si reputavano aver **diritto** all'umanità, non istimandosi aver nulla di umano, cioè nulla di comune con quegli *uomini* che li combattevano. (*Zib.*, 11 jun 1823) acessível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e50261&brand=newlook&query=diritto&set.anchor=40>; e "e si crede in **diritto** di esigerlo (*Zib.*, 26-27 ago 1823) acessível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e68977&brand=newlook&query=diritto&set.anchor=45>

desejamos não é repouso ou quietude no sentido absoluto, mas harmonia com nossa natureza tão específica quanto individual”. E aqui o trecho que nos interessa: “O mesmo podemos dizer da estabilidade, pois o que se opõe à nossa natureza, mesmo se tem a ação de durar, não têm força ou **poder** [*diritto*], e, por isto, o homem não pode encontrar nela quietude.¹⁹⁷ (negrito meu)”.

Este exemplo, que, a meu ver, não admitiria a tradução literal de ‘*diritto*’, não só confirma o meu entendimento da fala de Leopardi aos irmãos, como me faz pensar até que ponto é possível forçar a língua para introduzir usos pouco comuns numa tradução. É verdade que há ambiguidade no texto original, mas vale a pena mantê-la em casos assim? Leopardi costuma ser coerente e claro nos usos que faz das palavras, mas às vezes uma palavra assume significados tão abrangentes que chega ao ponto de não aceitar mais a mesma tradução. Talvez este seja um critério para a intervenção do tradutor no texto.

E assim poderíamos citar outras tantas palavras com significado incomum ou de uso incomum em nosso *corpus*, como: *alieno* (= ‘estranho’, e não ‘alienado’ ou ‘alienígena’); *geloso* (= ‘zeloso’ e não ‘ciumento’); *verbigrazia* (= ‘por exemplo’); *incommodità* (= ‘incomodidade’, no sentido de ‘incômodo’); *pezza da teatro* (= ‘peça de teatro’, ao invés de *spettacolo di teatro*); *pagella* (= ‘depósito’, entendido como mesada, e não ‘boletim’), *portiera* (= ‘reposteiro’ ou cortinado que serve para dissimular uma porta) etc.

Entre as palavras de uso mais antigo ou incomum, cito alguns exemplos no *corpus* em que o arcaísmo marcado do italiano acaba se perdendo na tradução (como no caso da variação ortográfica de época):

Ex. 1 *aggradire* (*gradire*) (= ‘agradar’, mas também ‘aceitar’) – adj. *aggradevole*

<p>Ex.1.1 Ma perchè gli uomini si rendono aggradevoli colle maniere molto più che col semplice aspetto, le dirò che le maniere del Cav. Marini sono</p>	<p>Mas, como os homens tornam-se agradáveis muito mais pelas maneiras que pelo simples aspecto, direi que as maneiras do Cavalheiro Marini são</p>
---	---

¹⁹⁷ “Così diremo della stabilità, perchè quello che contrasta colla nostra natura, se anche ha l’atto della durata, non ha la potenza o il **diritto**, cosicchè l’uomo non ci può trovar quiete.” (*Zib.*, 7 dez 1820) in <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&hunk.id=d88e5164&brand=newlook&query=diritto&set.anchor=4>

<p>piacevolissime [...] (a Monaldo Leopardi, 2 abril 1823)</p> <p>Ex.1.2 [...] spero almeno che V. Eccellenza voglia perdonare la libertà che ho preso di esporle l'uno e l'altra, ed aggradire i vivi sentimenti di devozione e d'ossequio [...] (a Niebhur, 9 abril 1823)</p>	<p>agradabilíssimas [...]</p> <p>[...] espero ao menos que V. Excelência queira perdoar a liberdade que tomei de expor tanto um quanto o outro, e aceitar os vivos sentimentos de devoção e obséquio [...]</p>
---	---

Ex.2. *attristare* (*ratristare*) (= 'entristecer')

<p>Amava svisceratamente la sua moglie benchè zoppa e brutta, e s'attristò della sua morte in modo che non trovava consolazione: io stesso l'ho veduto piangere sopra la sua perdita, due mesi e più dopo accaduta. (a Monaldo Leopardi, 2 abr 1823)</p>	<p>Amava visceralmente sua mulher, apesar de manca e feia, e se entristeceu com sua morte de um modo que não encontra consolo: eu mesmo o vi chorar por sua perda dois meses e meio depois do ocorrido.</p>
---	--

Ex.3 *profondare* (*sprofondare*) (= 'afundar', 'penetrar'): vocábulo antigo e literário, segundo Magro usado na tradução do segundo livro da Eneida ("E nel fianco la spada profundogli / insino all'elsa" (MAGRO, 2012, p. 201). Opto por 'aprofundar' na tradução para manter a relação com 'fundo' ou 'ir fundo'. Por coincidência, trata-se de um trecho, aliás, carta com forte tom poético, em que a consideração do ritmo é fundamental na tradução.

<p>Bisogna che vi lasciate un poco portare dalla volontà della fortuna, e che sperando, non vi profundiate tanto nella speranza, che non siate pronta a quello che può succedere: altrimenti, anche andando le vostre cose a vele gonfie, vi martirizzerete da voi stessa in modo, che prima</p>	<p>É preciso que se deixe levar um pouco pela vontade da fortuna, e que, esperando, não se aprofunde tanto na esperança, a ponto de não estar pronta ao que possa acontecer: caso contrário, mesmo que suas coisas andem de vento em popa, será um martírio tal que, antes de obter o que</p>
---	--

d'ottenere quello che avrete sperato, sarete passata per un vero purgatorio. (a Paolina Leopardi, 19 abr 1823)	esperava, você já terá passado por um verdadeiro purgatório.
--	--

Ex.4 *sortire* (*avere in sorte*) (= ‘ter sorte de’, ‘sortir’): neste caso, haveria a possibilidade de usar ‘sortir’ com o mesmo sentido em português, mas opto por uma solução mais legível hoje em dia, que inclusive transforma a sintaxe da frase original.

E per quasi niun’altro [sic] rispetto mi rallegro di aver sortito un cuore sensibile e pieno d’amore, se non perch’io posso rivolgere la mia sensibilità verso di Lei. (a Monaldo Leopardi, 29 nov 1822)	E não por outro motivo senão para poder-lhe destinar a minha sensibilidade, alegro-me pela sorte de ter um coração sensível e cheio de amor.
---	---

Como veremos mais adiante em reflexão do próprio Leopardi sobre os neologismos, o que importa de fato na tradução de palavras incomuns ou de uso incomum não é encontrar uma palavra equivalente na língua alvo, mas uma palavra que tenha a força expressiva que aquela tinha no original, e cause a mesma impressão no leitor. Neste sentido, mesmo quando as opções foram mais comuns em português do que eram em italiano, ou quando, por vezes, tendem a explicar o significado das originais, procurei manter o tom geral da carta, recuperando o aspecto da ‘novidade’ ou ‘estranheza’ em outro trecho, quando possível.

Entre as palavras de uso comum na época de Leopardi e muito frequentes nas cartas de Roma, mas pouco comuns com este sentido hoje em dia, estão *ospiti* e *ordinario*, referindo-se, respectivamente, aos seus anfitriões e ao ‘correio ordinário’ (ou comum, que respeitava certa periodicidade nas entregas etc.).

No caso de *ospite* (= ‘hospedeiro’ nas cartas de Roma), poderia ter optado pela tradução ‘hóspede’, palavra usada de modo ambíguo antigamente também em português para designar quem hospedava (considerada obsoleta pelo Houaiss). Mas preferi a versão mais inteligível hoje em dia (hospedeiro). Ex.:

E augurando a Lei ed a tutta la	E, desejando ao senhor e a toda a
---------------------------------	-----------------------------------

<p>mia famiglia le felici feste, e ritornandole i saluti de' miei ospiti, particolarmente di Donna Marianna e del Zio Carlo, le bacio la mano con tutta l'anima, e mi ripeto Suo vero e gratissimo e amorosissimo figlio Giacomo. (a Monaldo Leopardi, 20 dez 1822)</p>	<p>minha família felizes festas, e restituindo-lhe as saudações de meus hospedeiros, em particular, de Dona Marianna e do Tio Carlo, beijo-lhe a mão com toda a alma, e me declaro Seu verdadeiro, gratíssimo e amorosíssimo filho Giacomo.</p>
--	--

Já no caso da tradução de *ordinario*, procurei na correspondência brasileira do século XIX o termo mais adequado para nomear os envios e entregas dos correios naquele tempo. No Rio de Janeiro, cidade mais importante da época, falava-se em ‘paquete’ ou ‘vapor’, pois as cartas de/dirigidas a outras cidades viajavam de navio (ex. “Peço-te encarecidamente que vejas isto hoje, porque amanhã chega o *paquete*.”¹⁹⁸). Preferi usar ‘correio’ em português, embora seja o mesmo vocábulo escolhido para traduzir *posta* (ou *corriere*) do italiano. Exceção: quando os dois termos se encontram na mesma frase, optei pela tradução literal do italiano ‘ordinário’ (redução de ‘correio ordinário’), mas no último exemplo usei ‘entrega’, que cabia melhor no contexto. Exs.:

<p>Ex.1 Bacia per me la mano al signor Padre e alla Mamma, a' quali scriverò quest'altro ordinario, se ancora saprò scrivere. (a Carlo Leopardi, 25 dez 1822)</p> <p>Ex.2 Mio incomparabile amico, La tenerissima vostra dei 16 del passato, benchè giunta qui a' 27 del medesimo, non mi è stata renduta se non con quelle dell'ultimo ordinario: solite</p>	<p>Beija por mim a mão do senhor Pai e da Mamãe, aos quais escreverei no próximo correio, se ainda souber escrever.</p> <p>Meu incomparável amigo. A tua carinhosíssima do dia 16 passado, embora tenha chegado aqui dia 27 do mesmo mês, só foi entregue com as cartas do último ordinário: negligência</p>
---	--

¹⁹⁸ De Machado de Assis a Francisco Paz, sem data (ASSIS, 2008, tomo I, p. 288).

<p>negligenze di questa posta. (a Giordani, 10 mar 1823)</p> <p>Ex.3 Non so se quella mia lettera ti sia capitata. So bene che la tua de' 27 Marzo è giunta qui un ordinario più tardi del giusto, cioè ai 3 d'Aprile, o sia coll'ultimo corriere. (a Carlo Leopardi, 5 abril 1823)</p>	<p>costumeira deste correio.</p> <p>Não sei se aquela minha carta foi entregue. Mas sei que a tua de 27 de Março chegou aqui uma entrega depois do normal, ou seja, dia 3 de Abril, com o último correio.</p>
---	--

4.2.2 Coloquialismos

Contrabalançando os arcaísmos, temos no *corpus* da tradução variados exemplos de uma linguagem coloquial, rica de elementos ligados ao cotidiano e à oralidade típica do gênero, mas, neste caso, relacionada também à “natureza fundamentalmente dialógica do espírito leopardiano”. Em especial, nas cartas aos irmãos Carlo e Paolina há, segundo Magro, um resgate das palavras próprias e domésticas que, juntamente com a sintaxe e a pontuação, dariam a grande parte destas cartas a impressão de uma “conversa *in praesentia*”. A propósito da pontuação, neste contexto, Magro destaca as “perguntas típicas de quem imagina o interlocutor perto de si” (MAGRO, 2012, p. 203). Abaixo, alguns exemplos nas cartas de Roma:

<p>Ex.1 Intanto divèrtiti. Credi tu ch'io mi diverta più di te? No sicurissimamente. (a Paolina Leopardi, 28 jan 1823)</p> <p>Ex.2 Che voi piangiate e vi disperiate perchè? perchè avete concepito una grande speranza, non è intieramente degno di voi, e non s'accorda colle lezioni che avete ricevuto dai libri, e da quel poco di lumi che i vostri fratelli per la propria esperienza, v'hanno potuto dare, e v'hanno dato. (a</p>	<p>Por enquanto diverte-te. Pensas que me divirto mais que tu? Certamente que não.</p> <p>Você chora e se desespera por quê? Porque concebeu uma grande esperança, e isto não é absolutamente digno de você, e não combina com as lições que recebeu dos livros e da pouca luz que seus irmãos, por experiência própria, puderam dar-lhe e deram.</p>
---	---

<p>Paolina Leopardi, 19 abril 1823)</p> <p>Ex.3 Che ti dirò di Canova? Vedi ch'io son pure sfortunato, come soglio, poichè quando aveva pure ottenuto, dopo tanti anni e tanta disperazione, d'uscire dal mio povero nido e veder Roma, il gran Canova [...], appena un mese avanti il mio arrivo in questa città piena di lui, se n'è morto. (A Giordani, 1 fev 1823)</p> <p>Ex.4 Questo è quel principe ch'ebbe quel miracolo di guarire improvvisamente (come si lesse nelle gazzette) dalla sordità, restando più sordo di prima. Che ve ne pare? (a Carlo Leopardi, 6 dez 1822)</p> <p>Ex.5 M'ha risposto che l'ha ricevuta [...], e vi fece anche dire che non vi scriveva essa medesima per non disturbarvi <i>nelle vostre grate occupazioni</i>. Capite? nelle sue grate occupazioni? così proprio: nelle sue ec. Questo mi ha detto quella befana, e in questo modo, ridendo. (a Carlo Leopardi, 12 fev 1823)</p>	<p>O que dizer de Canova? Vês que sou mesmo desventurado, como sempre, pois, depois de tantos anos e tanto desespero, quando consegui sair de meu pobre ninho e ver Roma, o grande Canova [...] morreu apenas um mês antes de minha chegada nesta cidade impregnada dele.</p> <p>Este é aquele príncipe que fez o milagre de curar-se improvvisamente da surdez (como se leu nas gazetas), ficando mais surdo que antes. O que acha disso?</p> <p>Respondeu-me que a recebeu, [...] dizendo inclusive que não lhe escrevia ela mesma para não atrapalhar <i>em suas gratas ocupações</i>. Entendeu? em suas gratas ocupações? assim mesmo: em suas etc. Foi o que me disse aquela bruxa, e deste modo, rindo.</p>
--	--

Comentarei aspectos sintáticos das cartas no próximo item, mas quanto à linguagem coloquial, procurei manter na tradução a mesma carga que tinha no original, sem atenuar, por exemplo, o vocabulário tantas vezes cru e vulgar que Leopardi usa com o irmão Carlo:

<p>Ex.1 Al passeggio, in Chiesa, andando per le strade, non trovate una befana che vi guardi. [...] Trattando, è così difficile il fermare una donna in Roma come in Recanati, anzi molto più, a cagione dell'eccessiva frivolezza e dissipatezza di queste bestie femmine, che oltre di ciò non ispirano un interesse al mondo, sono piene d'ipocrisia, non amano altro che il girare e divertirsi non si sa come, non la danno (credetemi) se non con quelle infinite difficoltà che si provano negli altri paesi. (6 dez 1823)</p> <p>Ex.2 Primieramente io non ho conosciuto nè guardia nè Spada nessuna. Ho ben conosciuto quel fenomeno di Menicuccio Melchiorri, e pratico tuttogiorno con quel coglione di Peppe, che invita mezzo mondo a mettergli tre braccia di corna. (16 dez 1823)</p> <p>Ex.3 Dovete però sapere che la filosofia, e tutto quello che tiene al genio, insomma la vera letteratura, di qualunque genere sia, non vale un cazzo cogli stranieri [...] (22 jan 1823)</p> <p>Ex.4 Pare che questi fottuti</p>	<p>Ao passear, na Igreja, caminhando pelas ruas, não se encontra uma bruxa velha que o olhe. [...] Enfim, é tão difícil parar uma mulher em Roma quanto em Recanati, aliás, muito pior, devido à excessiva frivolidade e devassidão dessas bestas femininas que, além do mais, não inspiram interesse algum ao mundo, são cheias de hipocrisia, só gostam de rodar e se divertir sabe-se se lá como; não dão (acredite em mim), a não ser com as infinitas dificuldades que sentimos em outras cidades.</p> <p>Em primeiro lugar, não conheci nem guarda nem Spada alguma¹⁹⁹. Conheci bem aquele fenômeno do Menicuccio Melchiorri, e convivo todos os dias com aquele imbecil do Peppe, que convida meio mundo a pôr-lhe três braços de chifre.</p> <p>Saiba, porém, que a filosofia, e tudo o que concerne ao gênio, em suma, a verdadeira literatura, seja ela de que gênero for, não vale merda nenhuma para os estrangeiros [...]</p> <p>Parece que esses malditos</p>
---	---

¹⁹⁹ Trata-se de um trocadilho com as palavras *guarda* e Spada (sobrenome de uma família que Carlo pergunta se Giacomo conhecera em Roma), pouco compreensível em português.

<p>Romani che si son fatti e palazzi e strade e chiese e piazze sulla misura delle abitazioni de' giganti, vogliono anche farsi i divertimenti a proporzione, cioè giganteschi, quasi che la natura umana, per coglionesca che sia, possa reggere e sia capace di maggior divertimento che fino a un certo segno. (5 fev 1823)</p>	<p>Romanos, que fizeram palácios e estradas e igrejas e praças do tamanho das habitações dos gigantes, querem ter diversões da mesma proporção, ou seja, gigantescas, como se a natureza humana, por mais estúpida que seja, possa aguentar e ser capaz de diversão maior que até certo ponto.</p>
---	---

São muitas as expressões idiomáticas ou proverbiais presentes no *corpus*, as quais, segundo Magro, pertencem ao mesmo compartimento da escrita coloquial nas cartas (2012, p. 210). Estes modos de dizer, que vinham se perdendo na língua italiana, segundo Leopardi estão ligados à intimidade e à oralidade da língua, e contribuem para a sua beleza, já que uma língua é mais bonita quanto mais consegue preservar seus aspectos próprios e naturais²⁰⁰.

Na tradução nem sempre se consegue encontrar uma expressão correspondente em termos de sentido e força da original, mas procurei traduzir expressões por expressões sempre que possível, evitando traduções explicativas (que ocorrem nos exs. 4 e 6, por falta de opção). Vejamos os exemplos:

--	--

²⁰⁰ Cito uma passagem do *Zibaldone* que trata do assunto dos 'idiotismos': "A universalidade de uma língua deriva principalmente da regularidade geométrica e da facilidade de sua estrutura, da exatidão, clareza material, precisão, certeza de seus significados etc., coisas apreciadas por todos, sendo fundadas na seca razão e no puro senso comum; mas não têm nada a ver com a beleza, a riqueza (aliás, a riqueza confunde, dificulta e prejudica), a dignidade, variedade, harmonia, graça, força, evidência, que tanto dão ou têm importância para a universalidade de uma língua, quanto 1. não podem ser sentidas intimamente e apreciadas, a não ser pelos conterrâneos, 2. requerem uma abundância de idiomatismos, figuras, ou seja, irregularidades que, por mais que sejam necessárias à beleza e ao prazer, que não pode estar associado à monotonia e ao esquema da ordem matemática, prejudicam a pura utilidade, a facilidade etc. (*Zib.*, 12-13-14 set 1820) disponível em <[http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e5164&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=universa lit%20una%20lingua#](http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e5164&toc.depth=1&toc.id=&brand=newlook&query=universa%20lit%20una%20lingua#)>

<p>Ex.1 Le donne romane alte e basse fanno propriamente stomaco; gli uomini fanno rabbia e misericordia. (a Carlo Leopardi, 25 nov 1822)</p> <p>Ex.2 Mi si offre il catalogo dei Codici greci della Barberina, che finora non v'è stato un cane che abbia saputo quel che contengono. (a Carlo Leopardi, 6 jan 1823)</p> <p>Ex.3 Abbiamo un freddo del diavolo. (a Carlo Leopardi, 16 dez 1823)</p> <p>Ex.4 Questo sarà il mio primo passo; dopo il quale (come n'ho molti esempi, anzi quotidiani) è probabile che diversi forestieri, ministri, ec. desiderino di conoscermi, e allora proccureremo di cavar qualche ragno²⁰¹. (a Carlo Leopardi, 22 jan 1823)</p> <p>Ex.5 Sta' poi sicuro che non ti fabbrica diademi²⁰², perch'ella è</p>	<p>As mulheres romanas altas e baixas realmente dão nojo; os homens dão raiva e pena.</p> <p>Ofereceram-me o catálogo dos Códices gregos da Barberina, que até agora não houve infeliz que soubesse o que contém.</p> <p>Está um frio dos diabos²⁰⁶.</p> <p>Este será meu primeiro passo, depois do qual (tenho tantos exemplos, aliás, cotidianos) é provável que vários estrangeiros, ministros etc. desejem me conhecer, e então tentaremos conseguir algo.</p> <p>E depois, está certo de que ela não enfeita a tua testa, porque</p>
---	--

²⁰¹ “**RAGNO. non cavare un ragno dal buco.** Non concludere nulla nonostante sforzi e tentativi, come cercando di stanare un ragno che invece si addentra sempre più nella sua tana per sfuggire al disturbatore.” In *Dizionario dei modi di dire*. Hoepli Editori. Disponível em <<http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire/R/ragno.shtml>>. Acesso em 20/04/2015.

²⁰² Não encontrei em dicionário algum a expressão “fabbricare diademi”, mas ‘diadema’ significa coroa, ornamento para a cabeça. Na realidade, neste trecho da carta Leopardi tranquilizava Carlo com relação à sua amada Mariuccia, que não devia ser motivo de preocupação do irmão quanto a uma possível traição. Por isto, usa a expressão *non ti fabbrica diademi*, ou seja, não ‘enfeita a tua testa’. Uma confirmação desta interpretação vem de carta escrita ao irmão, em que Leopardi falava da mulher de Peppe, segundo ele, uma ‘puta’, que punha

<p>veramente del sistema de' miei ospiti: uscire, vedere e tornare a casa: vita porca, della quale vorrebbero a parte anche me; s'io fossi uno stivale²⁰³ più largo e più lungo dell'Italia. (a Carlo Leopardi, 5 fev 1823)</p> <p>Ex.6 Quando sarà tempo, metteremo il campo a romore²⁰⁴. (a Monaldo Leopardi, 7 mar 1823)</p> <p>Ex.7 Vedete se si può dir di più: e se non bisognerebbe darsi i pugni in testa, quando si fosse lasciata fuggire quest'occasione. (a Carlo Leopardi, 12 mar 1823)</p> <p>Ex.8 [...] ha giudicato bene che il portatore di questa proposizione (o comunque si dovrà chiamare)</p>	<p>realmente segue o sistema dos meus hospedeiros: sair, ver e voltar para casa: uma vida besta, da qual queriam que eu também participasse, se fosse mais burro que uma porta.</p> <p>Quando for a hora, causaremos alvoroço.</p> <p>Vê se é preciso dizer algo mais: e se desperdiçar uma oportunidade como esta não mereceria uma bordoadada na cabeça.</p> <p>[...] julgou que o portador dessa nossa proposta (ou seja lá como irá se chamar) deva ser o próprio</p>
---	---

'três braças de chifre' na cabeça de Melchiorri (ou seja, esta sim, 'enfeitava a testa' do marido).

²⁰⁶ Em outras ocasiões já optei por traduzir "del diavolo" por "dos inferno", locução que acho mais fluida em português. Entretanto vi exemplos tanto no Houaiss quanto no Aulete, que confirmam a possibilidade da tradução literal da locução italiana (uso o plural 'dos diabos'): "DIABO. Do(s) diabo(s)1 Pop. Excessivo (ger. em sentido negativo), infernal: Era um barulho dos diabos!". Disponível em <<http://www.aulete.com.br/diabo>>. Acesso em 20/04/2015.

²⁰³ "stivale: ant. o region. Persona incapace e stolta: *sei proprio uno stivale!*". Em *Vocabolario Treccani* disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/stivale/>>. Acesso em 20/04/2015.

²⁰⁴ "CAMPO - 70. *Mettere Il campo a romore*, fig., sollevare tumulto, Mettere sossopra." in Tommaseo, Niccolò; Bellini, Bernardo. *Dizionario della lingua italiana*. Vol. 2, p. 1158. Já no *Dizionario dei modi di dire*: **RUMORE. mettere a rumore**. Creare uno stato d'allarme o di tensione; suscitare scalpore o scandalo, imporsi all'attenzione generale suscitando subbuglio e confusione". Disponível em <<http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire/R/rumore.shtml>>. Acesso em 20/04/2015.

<p>sia lo stesso Melchiorri, ch'è il fa-tutto del Cavaliere [...] Sono certissimo che il Cavaliere gli risponderà sincerissimamente e col cuore sulle labbra²⁰⁵ [...] (a Monaldo Leopardi, 22 abril 1823)</p>	<p>Melchiorri, que é o faz-tudo do Cavaleheiro [...] Estou certo de que o Cavaleheiro lhe responderá muito sinceramente e de peito aberto [...]</p>
--	---

Magro chama atenção para os superlativos, diminutivos e outros adjetivos, substantivos ou advérbios derivados, largamente utilizados no *Epistolario* e em outras obras do autor, que teriam, na língua de Leopardi, um caráter ‘natural’, remetendo à sua matriz ‘popular’ e ‘cotidiana’ (2012, p. 230). Segundo Magro, estes usos estariam diretamente relacionados à ideia leopardiana de uma língua vital, cujo enriquecimento, pelas mãos dos bons escritores, se daria a partir de sua ‘própria substância’ e de seu ‘próprio fundo’ (2012, p. 228-9). Os derivados e compostos eram a verdadeira riqueza da língua dos antigos, dizia Leopardi, e os bons escritores não deveriam abrir mão de criá-los, pois eles ampliam sensivelmente as possibilidades da língua²⁰⁷. Esses

²⁰⁵ **“CUORE. avere il cuore sulle labbra.** Parlare sinceramente, con franchezza, dicendo quello che si sente nel cuore. **Var.: con il cuore sulle labbra.** In *Dizionario dei modi di dire*. Hoepli Editori, disponível em <<http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire/C/cuore.shtml#10>>. Acesso em 20/04/2015.

²⁰⁷ Dirá Leopardi em anotação de 8 de junho de 1821 no *Zibaldone*: “Já mostrei como a verdadeira fonte de riqueza das línguas antigas consistia na grande faculdade dos derivados e compostos, e, como esta é a principal fonte de riqueza de qualquer língua, aquela que não tem isto ou é escassa disto, jamais pode ser rica. [...] Será então verdade que a língua italiana é a mais rica entre as modernas, e esta superioridade, que um dia foi efetiva (pelas razões mencionadas), não passará como tantas outras, se nós não a despirmos das faculdades que a produzem, e que somente elas podem especificamente produzir; e que, por outro lado, são próprias de sua índole. Isto é, se não a despirmos da faculdade de criar novos compostos e derivados, desfazendo o que fizeram os nossos antigos. Pois impedir que a língua siga exercitando as faculdade generativas que lhe foram dadas por aqueles que a formaram (e isto pela lei da constância) é o mesmo que despi-la, o que significa desfazer e não conservar a obra dos nossos grandes.” (*Zib.*, 8 jul 1821), disponível em

são aspectos aos quais estive atenta, e que procurei reproduzir na tradução, na medida em que mantinham a naturalidade em português.

Os diminutivos, em geral, estão relacionados ao *topos* da modéstia, quando se trata de falar de si ou do próprio trabalho; em outros casos pretendem demonstrar ou despertar o envolvimento emocional de quem escreve e de seu leitor (MAGRO, 2012, p. 230). À parte os apelidos carinhosos dados a Mariuccia, Marietta, Pietruccio, Menicuccio, Buccio, Carluccio, vejamos três exemplos de diminutivos em nosso *corpus* e as soluções de tradução, que, em geral, não criaram dificuldades:

<p>Ex.1 Ho recato qua certe piccole coserelle lungamente lavorate [...] (a Giordani, 1 fev 1823)</p> <p>Ex.2 Molti provano un sentimento d'indignazione vedendo il cenere del Tasso, coperto e indicato non da altro che da una pietra larga e lunga circa un palmo e mezzo, e posta in un cantoncino d'una chiesuccia. (a Carlo Leopardi, 20 fev 1823)</p> <p>Ex.3 Le vostre letterine e il vostro modo di scrivere, ch'io ho conosciuto per la prima volta dopo la mia partenza da costì, sono così gentili, che non solamente non paiono recanatesi, ma neanche italiane. (a Paolina Leopardi, 30 dez 1822)</p>	<p>Trouxe para cá algumas pequenas coisinhas trabalhadas por muito tempo [...]</p> <p>Muitos têm um sentimento de indignação ao ver as cinzas de Tasso cobertas e indicadas por algo que não passa de uma pedra larga, com cerca de um palmo e meio de comprimento, posta no cantinho de uma igrejinha.</p> <p>Suas cartinhas e seu modo de escrever, que conheci pela primeira vez depois que saí daí, são tão gentis, que não só não parecem recanatenses, mas sequer italianas.</p>
---	--

<<http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e26327&toc.depth=1&tot.id=&brand=newlook&query=indole%20della%20lingua#30>>. Acesso em 24/04/2015.

Os superlativos (terminados em *-issimo*) e os advérbios terminados em *-mente*, muito presentes na escrita do *Epistolario*, estão relacionados também à retórica do gênero, “podendo servir ao distanciamento típico nas cartas de caráter mais formal ou ir em direção a uma mais intensa e evidente participação emotiva” (MAGRO, 2012, p. 232). Nas cartas romanas há exemplos do primeiro caso: Estimadíssimo, Humilfíssimo, Devotíssimo, Obrigadíssimo, Eminentíssimo Príncipe, entre outros. E do segundo: contentíssimo, amorosíssimo; calorosíssimo e constantíssimo amigo; afetuosíssimo, afeiçoadíssimo, amantíssimo filho; saúdam-te caramente.

Fora esses casos, procurei manter na tradução os superlativos terminados em *-issimo* sempre que possível, optando, às vezes, por outras soluções que favoreçam o contexto em que as palavras se inserem. É o caso do segundo exemplo, em que traduzo ‘*probabilissimo*’ por ‘muito provável’, para compor uma gradação que termina em ‘probabilíssimo’. No terceiro exemplo, hesitei em utilizar ‘inimicíssimo’ na tradução, porque menos comum em português: numa rápida pesquisa no Google, há pouco mais de 3.000 ocorrências da palavra em português (mais com referência à dicionarização do termo) versus mais de 6.000 ocorrências da palavra em italiano, entre as quais uma inserção no *Vocabolario della Crusca* — demonstrando que se trata de um uso comum na época de Leopardi. Mas decidi mantê-lo porque soa bem na frase (à parte o fato de ser uma indiscutível marca da escrita leopardiana). Vejamos os exemplos:

<p>Ex.1 E perchè in una gran città dove pur c'è qualcuno che legga, è utilissimo, anzi necessario il metter fuori qualche cosa che ti faccia conoscere, [...] ho voluto scrivere qualche bagattella (tutta erudita) che verrà fuori a momenti [...] (a Carlo Leopardi, 22 jan 1823)</p>	<p>E, visto que em uma grande cidade, onde há alguém que leia, é utilíssimo, aliás, necessário divulgar algo que te torne conhecido, [...] quis escrever alguma bobagem (totalmente erudita) que sairá em breve [...]</p>
<p>Ex.2 [...] e questo è probabilissimo che avvenga; anzi è facilissimo; anzi, andando le cose naturalmente, è certissimo. (a Paolina Leopardi,</p>	<p>[...] e é muito provável que isto aconteça, aliás, probabilíssimo; aliás, se as coisas seguirem seu rumo natural, é certíssimo.</p>

<p>28 jan 1823)</p> <p>Ex.3 Le piogge sono state frequenti, ma non si è più parlato di freddo; il quale quest'anno, non so per qual cagione, m'era riuscito nimicissimo, al contrario del solito. (a Monaldo Leopardi, 15 fev 1823)</p>	<p>As chuvas foram frequentes, mas não se falou mais de frio, que neste ano, não sei por que razão, havia se tornado um inimicíssimo meu, ao contrário do habitual.</p>
---	--

O mesmo ocorre com relação aos advérbios terminados em *-mente*: por vezes, a sufixação se perde em português, como no segundo ex., em que adoto o uso mais comum na norma brasileira ('livre e abertamente') e, no terceiro, em que construo uma oração com verbo, substantivo e adjetivos, em vez de verbos e advérbios ('poter viver mediocrementemente e quietamente'; 'ter uma vida mediana e tranquila'). Eis os exemplos:

<p>Ex.1 Amava svisceratamente la sua moglie benchè zoppa e brutta [...] (a Monaldo Leopardi, 2 abr 1823)</p> <p>Ex.2 [...] e dal tuono dei discorsi che si fanno qui, dove tutti parlano molto liberamente e apertamente sopra tutti gli affari e le persone di casa [...] (a Carlo Leopardi, 12 fev 1823)</p> <p>Ex.3 Oggi o domani debbo portargli una supplica pel Cardinale, dove chiederò una carica che mi dia tanto da poter vivere mediocrementemente e quietamente, che è tutto quello che io desidero. (a Giordani, 10 mar 1823)</p>	<p>Amava visceralmente sua mulher, apesar de manca e feia [...]</p> <p>[...] e, pelo tom das conversas que acontecem aqui, em que todos falam muito livre e abertamente sobre todas as coisas e pessoas da casa [...]</p> <p>Hoje ou amanhã devo levar-lhe uma súplica para o Cardeal, na qual pedirei um cargo que me dê o suficiente para ter uma vida mediana e tranquila, que é tudo o que desejo.</p>
--	---

Difícil, porém, a tradução da união dos dois sufixos *-issimo* e *-mente*, com valor enfático, como no caso de *secretissimamente* e *schiochissimamente*, pouco natural em português. O largo uso no *Zibaldone* deste elemento lexical-estilístico, de matriz alferiana, teria motivado polémicas, segundo Magro, especialmente por conta de certos acavalamentos, como neste trecho do *Zibaldone*: “quell’azione ec. essendo manifestissima, e manifestissimamente lodevolissima”²⁰⁸. Nos exemplos abaixo conservo a longa terminação no primeiro e no terceiro caso (‘secretissimamente’ e ‘plenissimamente’); nos outros dois privilegio o ritmo da frase:

<p>Ex.1 [...] si è confidato segretissimamente su questo punto col mio cugino Melchiorri, ch’è suo intimo [...] (a Monaldo Leopardi, 5 abril 1823)</p> <p>Ex.2 [...] quell’eterno discorrere di letteratura (come p.e., Massucci de’ suoi negozi), e discorrerne sciocchissimamente, e come di un vero mestiere [...] (a Carlo Leopardi, 16 dez 1823)</p> <p>Ex.3 Ora io per soddisfarti plenissimamente ti voglio anche dire che [...] non fu alcuno di noi tre che non chiamasse finalmente ad esame anche il concetto che avevamo della fedeltà e dell’amor tuo. [...] Non per alcuna, ancor menomissima, cagione particolare che ci movesse a voler chiarirci di questo punto [...] (a Giordani, 10 mar 1823)</p>	<p>[...] confidenciou-se secretissimamente sobre este tema com meu primo Melchiorri, que é íntimo dele [...]</p> <p>[...] aquele eterno falar de literatura (como Massucci fala de seus negócios), e uma fala superficialíssima, como se a literatura fosse uma verdadeira profissão [...]</p> <p>Pois bem, para te satisfazer plenissimamente, gostaria também de dizer que [...] não houve entre nós três quem não tenha finalmente examinado até a opinião que tínhamos da tua fidelidade e do teu amor. [...] Não por uma razão particular, ou mínima sequer, que nos levasse a querer esclarecer esse ponto [...]</p>
--	--

²⁰⁸ *Zib.* 2429, citado em MAGRO (2012, p. 232, nota 1)

Creio que a decisão de permanecer mais próxima do texto de partida ou de buscar soluções mais legíveis em português deva ter como base o respeito à língua da tradução, àquilo que Leopardi chamava de ‘índole da língua’, ou seja, a sua naturalidade, a propriedade e a forma próprias da língua em que traduzimos. Do mesmo modo que o escritor deve ter certa liberdade nos usos que faz da sua língua²⁰⁹, o tradutor não pode permanecer amarrado à língua do texto-fonte, negando a sua. Procuro, em geral, respeitar as características próprias da língua de Leopardi nas cartas, mas quando isto sacrifica demais o português, opto por soluções mais fluentes para nós. Isto fica ainda mais evidente na discussão dos aspectos sintáticos no item 4.4.

4.2.3 Neologismos e outros (nomes próprios, de moedas, cargos e departamentos)

Mais do que os arcaísmos pouco naturais, Leopardi defendia os usos incomuns e as palavras ‘novas em folha’ [*nuove di zecca*], pois a novidade tem uma imprecisão, uma indefinição, uma vagueza que, segundo ele, fascina. A graça de uma expressão muitas vezes está ligada ao seu aspecto inusitado. Em longo trecho do fragmento 12 do *Zibaldone*, Leopardi fala sobre esta novidade na língua:

²⁰⁹ A questão da liberdade do escritor com relação aos usos ditados pelas Gramáticas e Vocabulários aparece em várias anotações de Leopardi no *Zibaldone*, entre as quais, cito uma de 28 fev. 1821: “Portanto, a liberdade na língua deve derivar da perfeita ciência e não da ignorância. Liberdade devida e conveniente que hoje em dia falta em quase todos os escritores. Pois os que querem seguir a pureza e a índole e a leis da língua não se comportam livremente, aliás, se comportam como escravos. Pois não a dominando total e fortemente, e sempre temendo ofendê-la, andam tão amarrados que parecem caminhar sobre ovos. E os que se comportam livremente têm a liberdade dos plebeus, que vem da ignorância da língua, de não saber manejá-la, e de não se importar com isto.” Disponível em <http://ww2.bibliotecaitaliana.it/xtf/view?docId=bibit001705/bibit001705.xml&chunk.id=d88e12286&brand=newlook&query=indole%20della%20lingua&st.anchor=3>. Acesso em 24/04/2015.

Uma observação importantíssima sobre as traduções, e que não sei se outros já fizeram, e não sei se alguém a tenha usufruído, é a seguinte. Muitas vezes nós encontramos no autor que traduzimos, p. ex., grego, um composto, uma palavra que nos parece ousada, e ao traduzi-la nos esforçamos para encontrar uma que lhe equivalha, e, feito isso, ficamos contentes. Mas, muitas vezes, o tal composto ou palavra não apenas era ousada, mas o autor a formava para aquele caso específico e a destacava no escrito, e por isso causava aquela impressão nos leitores gregos, como causam as palavras novas em folha, e como causam em nós, italianos, as muitas palavras de Vittorio Alfieri, p. ex., *spiemontizzare* [despiemontizar] etc. etc. Então, quem traduz, mesmo que tenha encontrado uma palavra correspondentíssima, apropriadíssima, equivalentíssima, ainda assim não fez nada, se essa palavra não for nova e não causar em nós a impressão que causava nos gregos. E aqui é muito comum o descuido e nada mais. E, se ao traduzir for encontrada essa palavra e não for entendida, procura-se nos dicionários, e, por ser essa a palavra de um clássico, encontra-se com a explicação em palavras comuns, e com palavras comuns é traduzida e não se observa, em primeiro lugar, se o autor traduzido é o único que a tenha usado; em segundo lugar, se é o primeiro, porque poderia também, depois dele, ter sido passada em uso e, contudo, não ter sido menos ousado, nem menos novo, nem menos expressivo o seu primeiro uso. Eis um exemplo: Luciano de Samósata, nos Diálogos dos mortos, no de Hércules e Diógenes, usa a palavra ἄντανδρον. Procura-se nos dicionários: explicam: *succedaneus* etc., mas ao virar a página: substituto, ou algo parecido, assim não se chega à eficácia burlesca e satírica da nova palavra de Luciano, que quer dizer *contrapersona* [contrapessoa] e com a sua novidade tem uma vagueza e uma força particular, especialmente a de zombar. (*Nota bene*, eu não sei se essa palavra de Luciano é apenas dele: encontro-a nos dicionários, sem exemplos, podendo por isso ser

própria da língua; e é preciso buscar melhores dicionários que eu agora não possuo; porque cairia por terra esse exemplo, por outro lado suficiente para dar a entender, verdade ou não, a minha proposição e observação). O que eu afirmei sobre as palavras entenda-se também para os modos, frases etc. etc. etc.²¹⁰

Exemplos de neologismos em nosso *corpus* são *spassione* (falta de paixão) e *disvuole* (o oposto de *volere* ou querer). Nos dois casos o neologismo serve para destacar uma contradição evidente na frase, efeito que procurei manter na tradução. Vejamos os contextos, ambos em cartas aos irmãos:

<p>Ex.1 Da questo potete congetturare quanto maggiore e più terribile sia la noia che si prova in una grande città, di quella che si prova nelle città piccole: giacchè l'indifferenza, quell'orribile passione, anzi spassione, dell'uomo, ha veramente e necessariamente la sua principal sede nelle città grandi, cioè nelle società molto estese. (a Carlo Leopardi, 6 dez 1822)</p> <p>Ex.2 Ma il Zio Carlo, come sapete, è mutabile, e vuole e disvuole un poco troppo presto. Sicchè non dovete maravigliarvi se questo trattato che da principio gli parve bellissimo e facile, dopo due settimane gli è sembrato sconveniente e impossibile. (a Paolina Leopardi,</p>	<p>Disto é possível deduzir quão maior e mais terrível é o tédio sentido em uma grande cidade, se comparado ao que se sente nas idades pequenas: pois a indiferença, aquela horrível paixão, aliás, despaixão do homem, tem de fato e necessariamente sua sede principal nas grandes cidades, nas sociedades muito extensas.</p> <p>Mas Tio Carlo, como sabe, é mutável: quer e desquer um pouco rápido demais. De modo que, não se surpreenda se este acordo, que a princípio pareceu-lhe belíssimo e fácil, depois de duas semanas lhe parecer inconveniente e impossível.</p>
--	--

²¹⁰ *Zibaldone* [12], tradução de Andréia Guerini, Anna Palma e Tânia Mara Moysés, disponível em <www.zibaldone.cce.ufsc.br>. Acesso em 24/04/2015.

19 abril 1823)	
----------------	--

Devo ainda comentar, em termos de léxico, as traduções de nomes próprios, moedas, cargos e departamentos, que exigiram certo cuidado.

Em geral, uso traduções consagradas para os nomes próprios em português, assim: San Girolamo se torna São Jerônimo, Varrone/Varrão, Cicerone/Cícero, Platone/Platão, Manlio/ Mânlio, Sosipatro Carisio/Sosípatro Carísio etc. Há um caso de tradução envolvendo um nome próprio, em que optei por esclarecer (explicando de que praça se tratava):

Io non vedo che bellezza vi sia nel porre i pezzi degli scacchi della grandezza ordinaria, sopra uno scacchiere largo e lungo quanto cotesta piazza della Madonna . (a Paolina, 3 dez 1822)	Não vejo que beleza há em colocar as peças de xadrez de tamanho normal sobre um tabuleiro tão largo e comprido quanto a praça de Nossa Senhora em Recanati .
--	---

Moedas e dinheiro, em geral, são mantidos como estão no original (em itálico, indicando palavra estrangeira), pois seria complexo demais atualizá-los. Assim ocorre para: *scudi*, *paoli*, *baiocchi* etc.

Cargos, profissões, departamentos e divisões territoriais, quando apresentaram dificuldade, foram traduzidos levando em conta o aspecto funcional, ou seja, com o esclarecimento embutido na tradução, tentando remediar a diferença histórico-cultural que não permitiria ao leitor brasileiro atual compreender do que se trata. É uma opção próxima à adotada pela tradutora da edição inglesa. Vejamos alguns exemplos:

annona	Abastecimento ²¹¹
--------	------------------------------

²¹¹ Neste caso, o contexto era: “Ho conosciuto il Cav. Marini, Direttore generale de' catasti, uomo coltissimo, il quale mi parlò subito di Lei, e de' suoi affari **al tempo dell'annona**, ne' quali anch'egli, come mi disse, ebbe parte [...]” (carta a Monaldo, 9 dez 1822). *Annona* aqui se refere a uma Secretaria Municipal, na época ocupada por Monaldo, que cuidava da distribuição e abastecimento relativo às colheitas. Na tradução de Maurício Dias, ele optou por “anona”, que

Antiquaria	Antiquariato (estudo)
Antiquario	Antiquário (profissional)
Archeologia	Arqueologia
Archeologo	Arqueólogo
Cancelliere del censo	Oficial de Registro do Patrimônio
Capo-luogo di Delegazione	Capital de Circunscrição
Direttore generale de' catasti	Diretor-geral dos Cadastros
Minutante	Minutador
Prelato	Prelado
Prelatura	Carreira eclesiástica ²¹²
Segretario di Stato	Secretário de Estado
Verificatore del Bollo e Registro	Verificador de Taxas e Registro

Por fim, ilustro abaixo um trecho em que Leopardi, planejando a viagem de retorno a Recanati, pergunta ao pai sobre a gorjeta a deixar para os criados da casa Antici. É interessante notar o quanto revela não só das funções exercidas pela criadagem, como dos costumes de uma família aristocrática da época:

<p>Questa è composta presentemente di due servitori di sala, che non mi hanno fatto altro se non servirmi in tavola e alzarmi qualche volta le portiere qui in casa; e due ufficiali di cucina e credenza insieme, che le mattine ch'io sono stato in camera, mi hanno mandato, per ordine de' padroni, il caffè. Due altri sono usciti di servizio un mese fa: l'uno era uffiziale di credenza, e questo mi aveva</p>	<p>Eles possuem atualmente dois criados de sala, que não fizeram outra coisa senão servir-me à mesa e erguer-me algumas vezes os reposteiros aqui de casa; dois empregados de cozinha e copa juntos, que, nas manhãs em que estive no quarto, levaram-me o café por ordem dos patrões. Dois outros saíram do trabalho um mês atrás: um era copeiro, e este também levou-me o café do mesmo modo; o outro, criado de</p>
---	---

existe em português, mas que ocorre em textos históricos com aceção mais ligada à prática de distribuição de víveres nos tempos do Império Romano. Por isto, optei por “Abastecimento” com letra maiúscula, indicando o nome de um departamento ou secretaria.

²¹² Em português ‘prelatura’ está relacionada à diocese ou jurisdição de um prelado (ver ‘prelatura’ ou ‘prelazia’ em HOUAISS E AULETE), por isto a opção por ‘carreira eclesiástica’; poderia ser também ‘carreira prelatícia’.

<p>mandato il caffè nello stesso modo; l'altro, servitor di sala, e mi aveva salutato spesso quando io passava, e non altro. Tutti due hanno promesso o minacciato al Zio Momo e a me, di tornarci a riverire alla nostra partenza, e tutt'altro si può sperare, fuor che non mantengano la parola. Sono dunque in tutto, sei individui da riconoscersi. (a Monaldo, 16 abr 1823)</p>	<p>sala, saudou-me frequentemente quando eu passava, e nada mais. Os dois prometeram, aliás, ameaçaram voltar para cumprimentar Tio Momo e eu em nossa partida, mas pode-se esperar tudo menos que mantenham a palavra. Então, são ao todo seis indivíduos a reconhecer.</p>
--	---

4.3 Aspectos estilístico-sintáticos

É preciso antes aprender as palavras para depois saber como dizer. Nesses termos, Leopardi falava em carta a Giordani, de 20 de novembro de 1820²¹³, sobre a passagem de sua dedicação primeiramente voltada à filologia, depois à poesia e, por fim aos estudos filosóficos. E não se arrependia de tê-lo feito nesta ordem, pois se naquele momento tinha algo a dizer (do ponto de vista do interesse crescente pelas ‘coisas do mundo’), que soubesse “como deve ser dito”, sempre “esperando que tenha aprendido a significar”. (*Epist.*, I, p. 462)

Do modo de dizer, ou seja, da forma como o texto é construído, unido à atribuição correta das palavras aos conceitos, resultaria a clareza e a fluidez do texto, características fundamentais para garantir a boa qualidade textual, seja qual for a matéria da escrita. Em carta a Giordani de 13 de julho de 1821, Leopardi comentava um escrito do amigo-mestre²¹⁴, considerado por ele o texto mais filosófico em torno à língua publicado na Itália nos últimos anos, além da “mais bela prosa italiana”

²¹³ “Venho lendo e escarabochando com dificuldade, e os meus estudos já não caem mais sobre as palavras, mas sobre as coisas. Nem me arrependo de ter antes estudado de propósito a falar, e depois a pensar, ao contrário do que os outros fazem; tanto que se agora tiver algo a dizer, saiba como deve ser dito, e não tenha que deixá-lo de lado, esperando que eu tenha aprendido a significar. Além do mais, a faculdade da palavra ajuda incrivelmente a faculdade do pensamento, e limpa e encurta a estrada. Pelo contrário, pude perceber por experiência que até o conhecimento de várias línguas confere admiravelmente facilidade, clareza e precisão à concepção. A poesia, quase a esqueci, pois vejo que não sinto mais nada.” (*Epist.*, I, p. 462)

²¹⁴ Citar Carta de Giordani a Monti.

daquele século, a não ser por um defeito que tinha em comum com o texto de muitos antigos: “a falta de clareza” (ou ‘obscuridade’, nas palavras de Leopardi), que nasceria “das virtudes da escrita”, ou seja, do cuidado extremo na construção e na amarração dos períodos, que “cansam um pouco” o leitor e o fazem ter que reler a frase para manter o fio do raciocínio, especialmente por conta dos usos ‘peregrinos’ que o amigo faz. Isso acontecia, segundo Leopardi, porque nos escritos filosóficos eles eram acostumados a um modo de dizer solto e amplo, que beneficiava a facilidade, mas sacrificava a força e a beleza (*Epist.*, I, p 515). Ou seja, Leopardi prima pela simplicidade, mas beleza, inclusive nos escritos filosóficos.

E a beleza da escrita para Leopardi deriva da “natureza e não da afetação ou do artifício” (*Zib.* 319, 11 de novembro de 1820). O problema é que o tradutor, segundo ele, geralmente “afeta” o texto ao tentar “expressar o caráter e o estilo” do autor em sua língua, de modo que é difícil uma “boa tradução de bela literatura”, pois um dos principais méritos de uma obra é ser natural, espontânea, o que aparentemente entra em contradição com os artifícios usados na tradução. Daí segue, na reflexão leopardiana, que uma boa tradução seria o que ele chama de uma “imitação sofisticada”: uma espécie de compilação com a mesma habilidade retórica que o original, um *capo morto*²¹⁵ ou nova obra.

Neste sentido, as traduções dos franceses, conhecidas como belas infieis, nunca afetavam a obra, pelo contrário, adaptavam, facilitavam, enquanto as traduções dos antigos publicadas na Inglaterra e na Alemanha da época não deixavam nada a desejar “quanto à precisão e exatidão dos entendimentos dos verdadeiros sentidos dos autores”²¹⁶. Mas as traduções alemãs, em particular, pecavam muitas vezes pela exatidão extrema, pois não só conservavam “o caráter do autor e todo o seu estilo”, não só imitavam, expressavam e representavam o gênio e a índole da língua-fonte, como correspondiam “verso por verso, palavra por palavra, sílaba por sílaba, os versos e construções, a ordem precisa das palavras [...] e todas as possíveis qualidades extrínsecas e intrínsecas que se [encontravam] no original”, tornando-se verdadeiras cópias do original, e não imitações (*Zib.* 2845, 29 de junho de 1823). Seguir tão de perto a língua do original fazia com que a língua alemã se transformasse, segundo Leopardi, numa ‘massa disforme e macia’, disposta a receber as “figuras e marcas que se desejasse”. Mas nem a massa nem o molde

²¹⁵ Do latim *caput mortuum* ou resíduo de destilação.

²¹⁶ Carta a Stella de 13 de maio de 1825 (*Epist.*, I, p. 870)

pertenciam ao tradutor, que era como um “operário servil e mecânico” (*Zib.* 2845, 29/30 de junho de 1823).

O resultado da imitação, portanto, tem que ser digno, e se concretiza na criação presente na imitação; a semelhança do produto da tradução com o original, segundo Leopardi, se deve mais ao engenho do artífice do que às circunstâncias exteriores. O bom resultado de uma tradução residiria, então, num equilíbrio entre o respeito às particularidades da língua do original e o uso criativo da língua da tradução. Este é um tema importante especialmente quando se fala de tradução com foco na sintaxe.

Em seu longo e detalhado estudo sobre língua e estilo do epistolário leopordiano, Magro diz que a sintaxe do *Epistolario*:

[...] é uma sintaxe que responde a critérios de funcionalidade e linearidade expressiva, e que põe em campo, com imediatez, as próprias estratégias comunicativas, procedendo por dilatação e acumulação de preferência à direita do tema [...]: o resultado geral tende a um equilíbrio entre a clareza racional da mensagem, sempre disponível ao envolvimento do coração, e a elegância musical do ditado. (2012, p. 164).

As simetrias e o ritmo dão, segundo Magro, sustentação para que o discurso não seja interrompido (ruptura comum na língua francesa e que não agradava a Leopardi), sem prejudicar a clareza e a transparência, aspectos fundamentais para o autor.

Entres os elementos empregados para manter a coesão do discurso, apontados por Magro no *Epistolario*, estão os pronomes relativos – usados numa grande variedade de formas e, obviamente motivo de atenção na tradução. Vejamos alguns exemplos entre original e tradução, muitas vezes com a retomada do substantivo anterior (MAGRO, 2012, p. 166):

<p>Ex.1 Non mancherò, com'Ella amorosamente mi ordina, di fare che ogni ordinario parta qualche mia lettera diretta alla mia famiglia. Nella quale, Ella dice troppo bene che regna un ordine</p>	<p>Como o senhor amorosamente me pede, não deixarei de fazer com que a cada correio parta uma carta minha endereçada à minha família. Família em que, como o senhor bem diz, reina</p>
--	--

<p>veramente raro, il qual ordine tanto più si stima, quanto più si conosce il disordine delle altre famiglie nel loro interno. (a Monaldo, fim dez 1822)</p> <p>Ex.2 [...] non si va allo spettacolo se non puramente per veder lo spettacolo, (cosa noiosissima), oppure per trattarsi con quelle tali poche persone che formano il piccolo circolo di ciascheduno; il qual piccolo circolo s'ha nelle città piccole meglio ancora che nelle grandi, e certamente nelle grandi è più ristretto che nelle piccole. (a Carlo, 16 dez 1822)</p> <p>Ex.3 Ti dico in genere che una donna nè col canto nè con altro qualunque mezzo può tanto innamorare un uomo quanto col ballo: il quale pare che comunichi alle sue forme un non so che di divino, ed al suo corpo una forza, una facoltà più che umana. (a Carlo, 5 fev 1823)</p> <p>Ex.4 Ho preso questo incarico colla speranza di far qualche scoperta, e di potermene servire, in caso che mi riuscisse di farne. Il che è difficilissimo in questa città [...] (a Monaldo, 7 abril 1823)</p>	<p>uma ordem realmente rara, ordem que mais se estima quanto mais se conhece de dentro a desordem de outras famílias.</p> <p>[...] não se vai ao espetáculo a não ser para ver estritamente o espetáculo (coisa tediosíssima) ou então para estar com as poucas pessoas que formam o pequeno círculo de cada um; pequeno círculo que é mais fácil ter nas cidades pequenas do que nas grandes, e certamente nas grandes é mais restrito que nas pequenas.</p> <p>Digo que, de modo geral, nem com o canto nem com outro meio uma mulher pode fazer um homem se apaixonar tanto quanto com a dança: algo que parece dar às suas formas um não sei quê de divino e, ao seu corpo, uma força, uma capacidade mais que humana.</p> <p>Peguei este encargo com a esperança de fazer alguma descoberta, e poder me servir dela, se fosse o caso, o que é difícilimo nesta cidade [...]</p>
---	--

Nota-se que no ex.1 inverteo a ordem no início da frase, assim como altero a pontuação nos exs. 1, 3 e 4, priorizando a norma brasileira e a legibilidade para o nosso leitor. Vale notar que a pontuação — em especial, o uso dos sinais de vírgula (,), ponto e vírgula (;) e dois pontos

(:) — varia bastante no italiano do século XIX. De acordo com Magro, tanto a prática dos escritores quanto as sistematizações teóricas dos gramáticos em relação ao assunto ainda estão em vias de definição no final do século XVIII, e a correspondência de Leopardi, de pontuação heterogênea, ressoa desta oscilação “em sintonia com a escrita da época” (2012, p. 46). Além do que, a pontuação das cartas tem a particularidade de um gênero que mantém uma estreita relação com a oralidade e com a natureza variada dos escritos (2012, p. 42). Isto justifica a escolha de considerar a pontuação das cartas leopardianas muito mais do ponto de vista do ritmo do que dos sinais específicos em si. Manter os sinais tal e qual o original (como o ponto final antes do pronome relativo, por exemplo) pode prejudicar a legibilidade para o leitor brasileiro; procuro seguir a norma da língua portuguesa, tentando manter o ritmo e a clareza do conjunto.

O próprio Leopardi havia manifestado a sua preocupação com relação à pontuação em termos de clareza e legibilidade do texto:

Eu, sabendo que a clareza é o primeiro dever do escritor, nunca elogiei a avareza de pontos, e vejo que muitas vezes uma única vírgula bem colocada ilumina todo um período. Além do tédio e do cansaço do pobre leitor, que respira ofegante a cada página, isto se não pensar a entender, pode prejudicar os mais belos efeitos de qualquer escrita. (De Leopardi a Giordani, 12 mai 1820. *Epist.*, I, p. 403).

Outro exemplo de construção sintática tradicional, que serve para unir o discurso, e apontada por Magro como característica da prosa de Leopardi: o uso de *dico*, retomando um termo anterior, como no exemplo seguinte, sem que o período se torne mais complexo. Neste caso, adotei uma estrutura diferente para a tradução, que rompe com a construção tradicional, mas soa mais fluida em português:

<p>La tua lettera m'è stata molto gradita, come sempre mi saranno quelle che mi scriverai, ma mi dispiace pur molto di sentirti così travagliata dalla tua immaginazione. Non dico già</p>	<p>Tua carta agradou-me muito, e assim será sempre que me escreveres; mas também me desagrada muito sentir-te assim atormentada pela tua imaginação. Não digo que não</p>
---	--

<p>dalla immaginazione, volendo inferire che tu abbi il torto, ma voglio intendere che di lì vengono tutti i nostri mali [...] (a Paolina Leopardi, 28 jan 1823)</p>	<p>tenhas razão de sofrer por conta da imaginação, mas que de lá vêm todos os nossos males [...]</p>
---	---

Além disto, são frequentes nas cartas estruturas correlativas (de nexó sintático comparativo), que contribuem para uma maior “orquestração do período, construído por movimentos contrapostos – um ascendente e o outro descendente – que se anulam mutuamente”, dando um efeito de equilíbrio musical. Esta seria uma das figuras que melhor representam o pensamento leopordiano, que segundo o estudioso, “adora proceder por estruturas binárias” (MAGRO, 2012, p. 169). Vejamos alguns exemplos e as soluções em português:

<p>Ex.1 Quanto più da vicino si vede la corte, tanto più si dispera di cavarne niente. (a Carlo Leopardi, 22 jan 1823)</p> <p>Ex.2 E perciò, esattamente parlando, tanto gode e tanto pena il povero, il vecchio, il debole, il brutto, l'ignorante, quanto il ricco, il giovane, il forte, il bello, il dotto: perchè ciascuno nel suo stato si fabbrica i suoi beni e i suoi mali; e la somma dei beni e dei mali che ciascun uomo si può fabbricare, è uguale a quella che si fabbrica qualunqu'altro. (a Paolina Leopardi, 28 jan 1823)</p> <p>Ex.3 Non voglio nè mostrar poca stima dell'occasione che iersera mi procurò la sua conoscenza, nè renderla tanto fastidiosa a V.S. quanto è grata</p>	<p>Quanto mais de perto se vê a corte, maior é o desespero por não se obter nada dela.</p> <p>E, por isto, falando concretamente, tanto gozam e sofrem o pobre, o velho, o fraco, o feio, o ignorante, quanto o rico, o jovem, o forte, o belo, o douto: pois cada um em seu estado constrói seus bens e seus males, e a quantidade de bens e males que um homem pode construir é igual a que constrói qualquer outro.</p> <p>Não quero nem demonstrar pouca estima pela ocasião que tive ontem à noite de conhecê-lo, nem fazer com que se torne um incômodo tão grande à V. Sa.</p>
---	--

<p>ed onorevole a me. (A N.N., início 1823)</p> <p>Ex.4 Senti, mio caro fratello; non mi dare del misantropo, nè del codardo, nè del bigotto; ma piuttosto assicurati che quello ch'io sono per dirti m'è dettato dall'esperienza, e dalla cognizione dell'animo tuo e mio. (a Carlo Leopardi, 6 dez 1822)</p>	<p>quanto o prazer e a honra que me proporcionou.</p> <p>Escuta, meu caro irmão; não me chames de misantropo, nem de covarde, nem de beato; entretanto acredita que o que estou para te dizer é ditado pela experiência e pelo que conheço do teu espírito e do meu.</p>
---	--

No terceiro exemplo, ocorre o que Magro chama de “espelhamento opositivo”: uma estrutura paralelística de adjetivos relacionados ao ‘tu’ (no caso V.S. – *fastidiosa*) e ao ‘eu’ (*grata ed onorevole*). Além das repetições de *nè* (*nè mostrar, nè renderla*), que se perdem parcialmente na tradução, pois preferi evitar o ‘nem’ no início de frase que já começava com uma negação.

No último exemplo, por sua vez, além da correlação (*non mi dare del ... ma piuttosto assicurati*), temos a repetição da mesma estrutura (*nè, nè; dall', dalla*) que mantenho na tradução (‘nem’, ‘nem’; ‘pela’, ‘pelo’). Na “orquestração da escrita”, como dirá Magro, Leopardi recorre a figuras de repetição e estruturas paralelísticas usadas com discrição e naturalidade. E, apesar de serem recursos claramente retóricos, os transforma em estilo (2012, p. 171). Neste sentido, uma das figuras mais usadas é a anáfora (com uma simples repetição da conjunção, por exemplo), que seria usada de diferentes formas, inclusive em “série abertas, modulando a amplitude do período, sem complicar a sua arquitetura”. (MAGRO, 2012, p. 171).

No exemplo abaixo, várias estruturas se repetem (*non ti stancasse, non ti annoiasse, non dico; tutto il tuo, tutto il mio, tutta la vita; dubita, dubitare*) dando um ritmo marcado ao trecho; além do que, destacam-se sons em ‘e’ (*felice, contento, teco, partecipe*), em “i” (*finchè, fiato, dubiti*), e em ‘t’ (*trovarmi, teco, partecipe, tutto, tuo, vita, certo, fiato, altro*) de efeito especialmente musical. Na tradução não foi possível seguir de perto estas sonoridades, mas procurei manter as repetições e o ritmo marcado. Vejamos o original e a tradução:

Vorrei che non ti stancassi , e	Gostaria que não te cansasses , e
--	--

<p>non ti annoiassi di seguitare. Ma quanto più vorrei, non dico saperti felice o contento, chè questi son sogni per noi; ma trovarmi teco, ed essere partecipe di tutto il tuo, e tu di tutto il mio, come siamo pure stati per tutta la vita finora. E certo che lo saremo finchè avremo fiato, se tu non dubiti di me. Ma questo è il più raro nella nostra amicizia, che l'uno di noi non dubita che l'altro possa mai dubitare di lui. Ti bacio. (a Carlo Leopardi, 22 jan 1823)</p>	<p>não te incomodasses de continuar. Mas gostaria mais ainda, não digo de ver-te feliz ou contente, pois isto são sonhos para nós, mas de me encontrar contigo, e ser partícipe de tudo o que é teu, e tu, de tudo o que é meu, como sempre fomos a vida toda até agora. E é certo que seremos enquanto respirarmos, se não duvidas de mim. Mas isto é o que mais vale em nossa amizade: que nenhum de nós jamais duvida que o outro possa duvidar dele. Beijo-te.</p>
--	--

Já no próximo exemplo, em carta a Paolina, as repetições tem uma função persuasiva, acentuando a ênfase dada a certos pontos que Leopardi defende para convencer a irmã a moderar os próprios sentimentos, sem para isto ‘enfrentá-la’: trata-se de um convencimento carinhoso. No caso, as repetições (*che... che... che; non... non; così accade... così accadrà... così porta*) são elementos importantes na produção do efeito do discurso, assim como as palavras em par (*consolare e procurare; incomodità e affanno*) e as estruturas correlativas (*non solamente... ma anche; non solo... ma*), que reproduzo na tradução:

<p>Vorrei poterti consolare, e procurare la tua felicità a spese della mia; ma non potendo questo, ti assicuro almeno che tu hai in me un fratello che ti ama di cuore, che ti amerà sempre, che sente l'incomodità e l'affanno della tua situazione, che ti compatisce, che in somma viene a parte di tutte le cose tue. Dopo tutto questo non ti ripeterò</p>	<p>Gostaria de poder te consolar, e proporcionar a tua felicidade à custa da minha; mas, como não posso, ao menos te asseguro de que tens em mim um irmão que te ama de coração, que te amará sempre, que sente a incomodidade e a angústia da tua situação, que te compadece, em suma, que participa de todas as coisas tuas. Depois disso, não</p>
--	--

che la felicità umana è un sogno, **che** il mondo **non** è bello, anzi **non** è sopportabile, se **non** veduto come tu lo vedi, cioè da lontano; **che** il piacere è un nome, non una cosa; **che** la virtù, la sensibilità, la grandezza d'animo sono, **non solamente** le uniche consolazioni de' nostri mali, **ma anche** i soli beni possibili in questa vita; e **che** questi beni, vivendo nel mondo e nella società, **non** si godono **nè** si mettono a profitto, come sogliono credere i giovani, ma si perdono intieramente, restando l'animo in un vuoto spaventevole. Queste cose già le sai, e **non solo** le sai, **ma** le credi; e nondimeno hai bisogno e desideri di vederle coll'esperienza tua propria; e questo desiderio ti rende infelice. **Così accadeva** a me, **così accade** e **accaderà** eternamente a tutti i giovani, **così accade** agli uomini ancora e agli stessi vecchi, e **così porta la natura**. Vedi dunque quanto io sono lontano dal darti il torto. (a Paolina Leopardi, 28 jan 1823)

será preciso repetir **que** a felicidade humana é um sonho, **que** o mundo **não** é belo, aliás, **não** é suportável, a **não** ser visto como o vês, isto é, de longe; **que** o prazer é uma palavra, **não** uma coisa; **que** a virtude, a sensibilidade, a grandeza de espírito **não só** são os únicos consolos para os nossos males, **como** os únicos bens possíveis nesta vida; e **que** esses bens, vivendo no mundo e na sociedade, **não** são desfrutados **nem** aproveitados, como costumam crer os jovens, mas se perdem completamente, ficando a alma em um vazio assustador. Destas coisas já sabes, e **não só** sabes **como** acreditas nelas; e, assim mesmo, tens necessidade e desejo de vê-las por experiência própria; e este desejo te torna infeliz. **Assim acontecia** comigo, **assim acontece e acontecerá** eternamente com todos os jovens, **assim acontece** também com os homens e com os velhos, **assim é a natureza**. Vês, portanto, quanto estou distante de dizer que não tens razão.

Não é preciso dizer a importância que a leitura em voz alta tem para a tradução da sonoridade de uma prosa poética como esta. Neste sentido, gostaria de registrar a experiência da leitura bilíngue de algumas cartas deste *corpus* compartilhada com alunos de um Liceu italiano, durante o estágio doutoral em Siena, muito enriquecedora tanto pela oportunidade de ouvir os originais na voz de falantes nativos quanto pelo *feedback* que pude receber a partir da comparação do efeito musical das cartas em italiano e em português.

Prosseguindo com as estruturas frequentes na sintaxe do *Epistolario*, diz Magro que as conjunções, que agregam as partes que vão sendo acrescentadas, têm um papel fundamental na ordenação da argumentação (2012, p. 172). É o caso da cadeia anafórica, que, por vezes, é composta por frases que evidenciam o caráter coloquial do discurso e, ao mesmo tempo, atendem à necessidade de brevidade (como quando Leopardi tem que resumir notícias ao destinatário) (MAGRO 2012, p. 174). Eis um exemplo com a repetição das conjunções ‘che’ e ‘giacchè’, que imprimem certo ritmo à fala:

<p>Le dirò solo che l'affare non è d'un triennio, ma di più o meno a piacer mio: che a piacer mio saranno ancora tutte le circostanze sì del lavoro, sì dell'impegno, quando si contragga; giacchè per uso e per ragione gli autori non si legano cogli stampatori come due parti contraenti, ma li trattano a modo loro: che De Romanis è un buon uomo, non estremamente interessato, e se non altro, maneggiabile: che in Italia, e massimamente in Roma, com'Ella sa, non si può pretender gran cosa per lavori letterarii, giacchè il guadagno degli stampatori è ristretto, e il numero di copie ch'Ella dice, non credo che possa trovar esito, anzi sarebbe molto che se n'esitasse la metà: che nell'impresa di De Romanis non avrebbe luogo il testo, ma la sola traduzione con note o filosofiche o storiche, ma non filologiche: che ho già presso di me un Platone di Lipsia 1819-22 in-8°, volumi, finora, 3, datomi da De Romanis <i>gratis</i>,</p>	<p>Digo somente que o acordo não é de um triênio, mas de um tempo mais ou menos de minha escolha; que de minha escolha serão também todas as circunstâncias tanto do trabalho quanto do compromisso, se eu o assumir, já que de costume, e com razão, os autores não mantêm vínculos com os editores como duas partes contratantes, mas decidem o que acordar; que De Romanis é um homem bom, não extremamente interesseiro, e até maneável; que na Itália, e sobretudo em Roma, como o senhor sabe, não se pode pretender grande coisa por trabalhos literários, já que o ganho dos editores é restrito, e o número de cópias que o senhor diz, não creio que possa ser feito, aliás, seria muito se saísse a metade; que no projeto de De Romanis não se colocaria o texto, mas somente a tradução com notas filosóficas ou históricas, mas não filológicas; que já tenho comigo um Platão de Lipsia 1819-22, 8 volumes,</p>
--	--

<p>come anche <i>gratis</i> mi dovrà procurare qualunque altra opera, edizione ec. sia necessaria al proposito; e che finalmente o non si farà scrittura, ed io resterò libero di far quanto mi piacerà, e d'interrompere il lavoro subito che lo stampatore non corrisponda il convenuto [...] (a Monaldo Leopardi, 13 jan 1823)</p>	<p>dos quais tenho até agora 3, que De Romanis me deu <i>grátis</i>, assim como irá me procurar, também <i>grátis</i>, qualquer outra obra, edição etc. necessária ao propósito; e, finalmente, que não haverá contrato, e ficarei livre para fazer o que me agradar e para interromper o trabalho assim que o editor não corresponder ao combinado [...]</p>
--	--

A figura da anáfora, segundo Magro, também é usada para ressaltar a participação emotiva do ‘eu’ (2012, p. 172). Nas cartas romanas há alguns exemplos de repetidas negações, que ilustram particularmente este aspecto. É o caso da carta de 25 de novembro de 1822 a Carlo, exemplar na construção metódica de um discurso negativo, no qual é possível identificar vários recursos usados para reforçar tal ideia.

A carta é toda escrita em torno à negação do mundo novo, com o qual Leopardi entrou em contato em Roma, e da descrição de si como alguém cuja identidade se perdeu. A observação dessa estrutura na construção do discurso é fundamental para a tradução, pois a repetição de tantos “nãos” e “nens”, as antíteses, as palavras em par, as metáforas, tudo é necessário para reforçar a impressão que o autor quer dar de sua experiência, que procurei seguir de perto na tradução.

O exemplo é longo, mas só assim é possível compreender o desenvolvimento desta negatividade da qual eu falava. A primeira parte da carta trata da negação do ‘novo mundo’ (em destaque os vários ‘nãos’ e ‘nens’); a segunda reforça as qualidades negativas da Casa Antici com palavras em par e vários adjetivos; em seguida, a contradição expressa na figura de Cancellieri (destaque para as antíteses, a metáfora e as palavras em par); e, na última parte, a perda da identidade própria através de uma negação repetida e crescente, que termina com uma forte imagem visual (*non mi sento più buono, non spero più nulla ... son fato in tutto e per tutto una statua*):

<p>Carlo mio. Se tu credi che quegli che ti scrive sia Giacomo tuo</p>	<p>Meu Carlo. Se crês que aquele que te escreve é Giacomo, teu</p>
---	---

fratello, t'inganni assai, perchè questi è **morto o tramortito**, e in sua vece resta una persona che a stento si ricorda il suo nome. Credi, Carlo mio caro, che io son fuori di me, **non** già per la meraviglia, chè quando anche io vedessi il Demonio **non** mi meraviglierei: e delle gran cose che io vedo, **non** provo il **menomo** piacere, perchè conosco che sono meravigliose, ma **non** lo sento, e t'accerto che la moltitudine e la grandezza loro m'è venuta a noia dopo il primo giorno. E perciò s'io ti dico d'aver quasi perduto la conoscenza di me stesso, **non** pensare **nè** alla meraviglia, **nè** al piacere, **nè** alla speranza, **nè** a veruna cosa lieta. [...]

Ma giunto ch'io sono, e veduto questo **orrendo disordine, confusione, nullità, minutezza insopportabile e trascuratezza indicibile**, e le altre spaventevoli qualità che regnano in questa casa; e trovatomi intieramente **solo e nudo** in mezzo ai miei parenti (benchè nulla mi manchi), ti giuro, Carlo mio, che **la pazienza e la fiducia** in me stesso, le quali per lunghissima esperienza m'erano sembrate **insuperabili e inesauribili, non solamente sono state vinte, ma distrutte**.

[...]

Ieri fui da Cancellieri, il qual è un coglione, **un fiume di ciarle**, il più **noioso e disperante** uomo

irmão, te enganas muito, pois aquela está **morto ou desmaiado, e, em seu lugar, há uma pessoa que mal lembra o próprio nome**. Acredita, Carlo, meu querido, que estou fora de mim **não** pelo espanto, que até se eu visse o Demônio **não** me espantaria; e frente às coisas grandiosas que vejo, **não** experimento o menor prazer, pois entendo que são maravilhosas, mas **não** o sinto, e te garanto que sua abundância e amplidão me entediaram passado o primeiro dia. E, por isto, se te digo que quase **não** me reconheço mais, **não** penses no espanto **nem** no prazer **nem** na esperança **nem** em algo agradável. [...]

Mas, tendo chegado aqui, e visto esta **horrenda desordem, confusão, nulidade, pequenez insuportável e desleixo indizível**, e as outras espantosas qualidades que reinam nesta casa; e encontrando-me completamente **só e nu** em meio aos meus parentes (embora nada me falte), juro, Carlo querido, que **a paciência e a confiança** em mim mesmo, as quais por longuíssima experiência minha pareciam **insuperáveis e intermináveis, não só foram vencidas, mas destruídas**.

[...]

Ontem visitei Cancellieri, que é um imbecil, um **rio de boatos**, o mais **entediante e desesperador**

della terra; parla **di cose assurdamente frivole col massimo interesse, di cose somme colla maggior freddezza possibile**; ti affoga di **complimenti e di lodi altissime**, e ti fa gli uni e l'altre **in modo così gelato e con tale indifferenza**, che a sentirlo, pare che **l'esser uomo straordinario sia la cosa più ordinaria del mondo.**

[...]

In somma io sono in braccio di **tale e tanta** malinconia, che di nuovo **non ho altro piacere se non il sonno: e** questa malinconia, e l'essere sempre esposto al di fuori, tutto al contrario della mia antichissima abitudine, **m'abbatte, ed estingue** tutte le mie facoltà in modo ch'io **non sono più buono da niente, non ispero più nulla, voglio parlare e non so che diavolo mi dire, non sento più me stesso, e son fatto in tutto e per tutto una statua.**

(a Carlo Leopardi, 25 de Nov 1822)

homem da terra; fala de coisas **absurdamente frívolas com o maior interesse, de coisas importantes com a maior frieza possível**; afoga-te em **elogios e louvores altíssimos**, e faz tudo de um **modo tão gelado e com tanta indiferença** que, ao ouvi-lo, parece que **ser um homem extraordinário é a coisa mais ordinária deste mundo.**

[...]

Em suma, estou nos braços de uma melancolia **tal e tamanha**, que de novo **não tenho outro prazer senão o sono**; e esta melancolia, e estar sempre exposto ao mundo externo, completamente ao contrário do meu antiquíssimo hábito, **abate-me e extingue** todas as minhas faculdades, de modo que **não me sinto bom para nada, não espero nada, quero falar e não sei que diabo dizer, não sinto mais a mim mesmo, e me tornei, em tudo e para tudo, uma estátua.**

Destaco também nesta carta a fisicalização do pensamento, já apontada como característica do sensismo leopardiano na escrita, que se materializa em aspectos e sensações corpóreas, entre os quais: *morto, tramortito, vedo... ma non sento, conoscenza di me, solo e nudo, sono in braccio, piacere, sonno, abbatte, voglio parlare.. e no so che dire, non sento me stesso, son fatto... una statua*. Essa linguagem física, que remete àquilo que todos temos em comum – a mundana condição de ser que habita um corpo –, tende a provocar no leitor uma identificação ou, pelo menos, uma empatia em relação àquele que sofre. A escolha lexical

da tradução, neste caso, é importantíssima para manter esse efeito do texto.

A mesma impressão sobre a Casa Antici narrada a Carlo na carta acima é descrita em carta ao pai Monaldo poucos dias depois em tom bem mais ameno, ilustrando a diversidade e a flexibilidade dos registros usados por Leopardi. O léxico do exemplo abaixo é mais culto ('heteróclitos', 'anômalos') e o discurso, mais comedido. Leopardi critica os hospedeiros com moderação (não pode lhes comunicar as coisas do coração, mas não lhe falta nada necessário; na carta a Carlo também dizia 'nada me falta', mas depois de desfilar uma série de adjetivos negativos, como: "confusão, vazio, pequenez insuportável e desleixo indizível"). Para Monaldo a desordem da casa Antici é 'inacreditável e inconcebível', enquanto para Carlo é 'horrenda'. São todos aspectos que exigem atenção para a tradução do tom geral da carta.

Destaco, no exemplo abaixo, recursos como as palavras em par, seguidas da antítese (anômalos... naturais), enfatizando o discurso. E um final que resume seu sentimento: "eu ... um forasteiro entre eles" (que na carta a Carlo era mais dramático: "me tornei... uma estátua"):

<p>Tutte le lettere ch'io ricevo da casa mia, e specialmente le sue, mi consolano e mi rallegrano sopra ogni altra cosa, perchè in verità io ebbi sempre ed avrò sempre bisogno della comunicazione del cuore e dei sentimenti, la quale non posso trovare appresso i miei ospiti, quantunque non mi lascino mancare di nessun'altra cosa o necessaria o comoda. Ma i principii e gli elementi eteroclitici ed affatto anomali di cui sono composti i loro naturali, e il disordine incredibile e inconcepibile che regna nel giornaliero di questa famiglia, non mi lasciano esser con loro altro che forestiere. (a Monaldo Leopardi, 9 dez 1823)</p>	<p>Todas as cartas que recebo de casa, e especialmente as suas, consolam-me e alegam-me acima de qualquer coisa, pois, na verdade, sempre senti e sentirei necessidade de comunicar o que vem do coração e dos sentimentos, o que não é possível com os meus hospedeiros, embora eles não me deixem faltar nenhuma coisa necessária ou cômoda. Mas, os princípios e elementos heteróclitos e, de fato, anômalos, que para eles são naturais, e a desordem inacreditável e inconcebível que reina no cotidiano desta família, não permitem que eu seja mais do que um forasteiro entre eles.</p>
---	--

Outra estrutura particularmente difundida no *Epistolario*, que Magro destaca, é a colocação do assunto no início da frase, sem o “pronomes de retomada” depois, a qual cumpriria a função de encurtar a exposição do tema, destacando-o ao leitor logo de início (2012, p. 180). Trata-se de uma estrutura que procurei respeitar na tradução. Vejamos os exemplos:

<p>Ex.1 Del Cav. Marini, dopo la morte di sua moglie, corse qui in Roma quella voce di cui Ella mi domanda. Ma egli se ne ride, e invece della prelatura, è verisimile che prenda un'altra moglie. (a Monaldo Leopardi, 24 jan 1823)</p> <p>Ex.2 Del Grutero non dubito che non sia cosa magnifica, com'Ella dice, e son certo ch'è utilissima, e poco meno che necessaria, massimamente a una Biblioteca. (a Monaldo Leopardi, 9 dez 1822)</p>	<p>Quanto ao Cavalheiro Marini, depois da morte de sua mulher, correu aqui em Roma o boato sobre o qual o senhor me pergunta. Mas ele se diverte com o que falam, e ao invés da carreira eclesiástica, é bem possível que se case de novo.</p> <p>Com relação ao Grutero, não duvido que seja algo magnífico, como o senhor diz, e estou certo de que é muito útil e pouco menos que necessário sobretudo a uma Biblioteca.</p>
---	---

No exemplo 2 acima, nota-se também uma construção, que Magro dizia estar entrando em desuso no italiano da época de Leopardi, baseada no emprego dos chamados *verba timendi* (*temere, dubitare, negare, impedire*), com o “uso do advérbio de negação entre estes verbos e o verbo da subordinada afirmativa que regem” (2012, p. 151). Nestes casos, muitas vezes parece haver uma dupla negação, mas, de fato, o sentido da oração subordinada é afirmativo (como em “non dubito che *non sia*” = não duvido que seja). Cito abaixo outros exemplos envolvendo este tipo de construção, com diferentes soluções em português. Em alguns, a ‘aparente’ negação da subordinada se perde na tradução (exs. 2 e 3); em outros, não (exs. 1). O que determina a escolha é a clareza do contexto em que a construção se insere:

<p>Ex.1 [...] io dubito assai che, valendo molto il quadro (come pare anche a me), il dono non sia gettato [...] Contuttociò credo anch'io che il dono d'un quadro sarebbe forse il più a propósito [...] (a Monaldo Leopardi, 20 dez 1822)</p> <p>Ex.2 Non nego però che questo non venga in gran parte dalla mia particolare costituzione morale e fisica. (a Carlo Leopardi, 16 dez 1822)</p> <p>Ex.3 [...] Non ho molto garbo nella galanteria, e di più temo che, se volessi usarla con voi, la Mamma non abbruciasse le mie lettere o prima o almeno dopo di avervele date. (a Paolina Leopardi, 30 dez 1822)</p>	<p>[...] duvido muito que, se o quadro valer bastante (como me parece), o presente não seja desperdiçado [...] Contudo, também creio que dar um quadro viria melhor ao caso [...]</p> <p>Não nego, porém, que isto venha, em grande parte, da minha peculiar constituição moral e física.</p> <p>[...] Não tenho muito garbo nos galanteios, além do que, se quisesse usá-lo com você, temo que a Mamãe queimasse minhas cartas antes ou ao menos depois de tê-las entregue.</p>
---	--

A linguagem amorosa, comumente usada nas cartas entre amigos no século XIX italiano²¹⁷, e nos dias de hoje próxima à que se usaria entre pessoas apaixonadas, foi preservada na tradução, apesar da estranheza. O que nem sempre é possível preservar é a ordem dos elementos na frase, por vezes são necessárias alterações; nos exemplos seguintes busco manter a sintaxe do original:

<p>Ex.1 Credi, Carlo mio, che se l'amor nostro scambievolmente potesse crescere, crescerebbe dalla mia parte, non solo per</p>	<p>Acredita, meu Carlo, que se o amor nosso recíproco pudesse crescer, cresceria da minha parte, não só pelo afastamento, que, em</p>
--	--

²¹⁷ Bastante presente nas cartas aos amigos próximos de Leopardi, como Carlo (o irmão), Giordani, Brighenti e, sobretudo Ranieri, na segunda fase do *Epistolario*.

<p>l'allontanamento, il quale agli animi come i nostri, suol recare gran desiderio dell'amato, ma per lo stesso viver nel mondo, e nel tumulto, e per le stesse distrazioni, e gl'impedimenti ch'io ho di pensare a te solo. (a Carlo Leopardi, 6 dez 1822).</p> <p>Ex.2 Che tu segua ancora ad amarmi, bench'io non ne dubitassi, pur mi è così dolce il sentirlo da te, che non so qual'altra dolcezza e qual altro contento non darei di tutto cuore in cambio di questo. (a Giordani, 1 fev 1823)</p>	<p>espíritos como os nossos, costuma causar um grande desejo do amado, mas pelo próprio viver no mundo e no tumulto, e pelas próprias distrações e pelos impedimentos que tenho de pensar somente em ti.</p> <p>Que sigas ainda me amando, embora disso eu não duvidasse, é tão doce ouvir de ti que, de todo coração, não sei que outra doçura e que outro contentamento eu poderia dar em troca.</p>
---	--

Outro recurso usado com certa frequência nas cartas é a enumeração (adição de coisas relacionadas entre si por polissíndeto ou assíndeto), presente, segundo Magro, em passagens “mais sensíveis” do ponto de vista da participação emocional (2012, p. 175), como nos exemplos abaixo:

<p>polissíndeto</p> <p>Ex.1 Addio cara Paolina mia. Stammi bene, e non ti curare d'essere una gamba mia, come dici, chè adesso ti converrebbe di faticare bestialmente, e di mandare ogni giorno al diavolo le selci e i fanghi e l'eternità delle strade di questa città eterna. (a Paolina Leopardi, 19 mar 1823)</p> <p>Ex.2 È tutta costeggiata di case destinate alle manufature, e risuona dello strepito de' telai e d'altri tali istrumenti, e del canto</p>	<p>Adeus, minha querida Paolina. Fica bem, e não queiras ser uma perna minha, como dizes, pois te cansarias bestialmente, e todos os dias mandarias ao inferno as pedras e a lama e a eternidade das ruas dessa cidade eterna.</p> <p>É toda costeadada por casas destinadas às manufaturas, e ecoa o ruído dos teares e de outros instrumentos, e o canto das</p>
---	--

delle donne e degli operai occupati al lavoro. (a Carlo Leopardi, 20 de fev 1823)

assíndeto e polissíndeto

Ex.3 I più santi nomi profanati, le più insigni sciocchezze levate al cielo, i migliori spiriti di questo secolo calpestati come inferiori al minimo letterato di Roma, la filosofia disprezzata come studio da fanciulli, il genio e l'immaginazione e il sentimento, nomi (non dico cose ma nomi) incogniti e forestieri ai poeti e alle poetesse di professione; l'Antiquaria messa da tutti in cima del sapere umano, e considerata costantemente e universalmente come l'unico vero studio dell'uomo. (a Carlo Leopardi, 16 dez 1823).

Ex.4 Ma qui, dove niuno si vuole incomodare; dove i figli alla Madre, la Madre ai figli, il marito alla moglie, la moglie al marito si contrastano abitualmente e sinceramente le pagnotte di pane, i sorsi di vino, i migliori bocconi delle vivande, e se li negano scambievolmente, e se li tolgono di bocca, e se li rimproverano, e si danno dei ghiotti gli uni cogli altri; ciascheduno è incomodato da tutti e tutti da ciascuno. (a

mulheres e dos operários ocupados com o trabalho.

Os nomes mais santos profanados, as mais insignificantes tolices erguidas aos céus, os melhores espíritos deste século pisados como inferiores ao menor literato de Roma, a filosofia desprezada como um estudo de criança; o gênio e a imaginação e o sentimento, palavras (não digo coisas, mas palavras) desconhecidas e estranhas aos poetas e às poetisas profissionais; o Antiquariato posto por todos no topo do saber humano, e considerado constante e universalmente como o único e verdadeiro estudo do homem.

Mas aqui, onde ninguém quer se incomodar, onde habitual e abertamente os filhos brigam com a Mãe, a Mãe com os filhos, o marido com a mulher, a mulher com o marido, por pedaços de pão, goles de vinho, pelas melhores partes de um prato, negando-os mutuamente, e tirando-os da boca, e acusando, e chamando de glutões uns aos outros, cada um é incomodado por todos e todos por um.

Monaldo Leopardi, fim dez 1822).	
----------------------------------	--

Mesmo diante dos afetos expressos nas cartas, Magro chama a atenção para um aspecto da escrita epistolar de Leopardi, que os vários exemplos vistos demonstram: mesmo quando há maior envolvimento do estado de ânimo do autor, é sempre presente uma capacidade de organizar o discurso, de modo que a “exigência de clareza está sempre em primeiro plano.” (2012, p. 173)

Outro aspecto que Leopardi explora na escrita epistolar é a força da imagem visual. À parte os vários exemplos já mencionados indiretamente, há duas imagens que no nosso corpus descrevem muito bem a falta de acolhida para a dimensão humana característica da grande cidade. Uma delas é a descrição que Leopardi faz da Praça de São Pedro à Paolina, tão grande e inadequada à dimensão humana; a outra é a da grande esfera social, que impossibilita as trocas entre os homens, feita a Carlo. Vejamos os trechos e suas traduções:

Ex.1 Il materiale di Roma avrebbe un gran merito se gli uomini di qui fossero alti cinque braccia e larghi due. Tutta la popolazione di Roma non basta a riempire la piazza di San Pietro. (a Paolina, 3 dez 1822).

Ex.2 **L'uomo non può assolutamente vivere in una grande sfera**, perchè la sua forza o facoltà di rapporto è limitata. In una piccola città ci possiamo annoiare, ma alla fine i rapporti dell'uomo all'uomo e alle cose, esistono, perchè la sfera de' medesimi rapporti è ristretta e proporzionata alla natura umana. In una grande città l'uomo vive senza nessunissimo rapporto a

A arquitetura de Roma teria um grande mérito, se os homens daqui medissem cinco braços de altura e dois de largura. Toda a população de Roma não basta para preencher a Praça de São Pedro.

O homem não pode absolutamente viver em uma grande esfera, pois sua força ou faculdade de se relacionar é limitada. Em uma pequena cidade podemos nos entediar, mas, no final, as relações de homem a homem e deste com as coisas existem, pois a esfera destas relações é restrita e proporcional à natureza humana. Em uma grande cidade o homem

<p>quello che lo circonda, perchè la sfera è così grande, che l'individuo non la può riempire, non la può sentire intorno a sè, e quindi non v'ha nessun punto di contatto fra essa e lui. (a Carlo, 6 dez 1822).</p>	<p>vive sem absolutamente nenhuma relação com aquilo que o circunda, pois a esfera é tão grande que o indivíduo não pode preenchê-la, não pode senti-la ao redor de si, e, portanto, não há nenhum ponto de contato entre ela e ele.</p>
--	---

Escolho, para encerrar os comentários, um trecho típico da poeticidade presente nas cartas, com destaque para as imagens visuais e metafóricas (*nero, freddo, morto dell'abbandono; goccia di piacere, lampo di luce; dense e mute e deserte tenebre*) unidas às sinestésias (*stava in grandissimo batticuore; questo pensiero mi pungeva, goduto di um piacere fuggitivo, piacere rubato...*) e ao ritmo, que determinou bastante as escolhas da tradução:

<p>Ex.1 Ma io stava in grandissimo batticuore sullo stato dell'animo tuo verso di te, e delle tue circostanze, e questo pensiero mi pungeva infinitamente quel primo giorno ch'io ti lasciai, e ch'io mi dipingeva alla fantasia tutto il nero, tutto il freddo, tutto il morto dell'abbandono in cui ti trovavi. [...] Domandami se in due settimane da che sono in Roma, io ho mai goduto pure un momento di piacere fuggitivo, di piacere rubato, preveduto o improvviso, esteriore o interiore, turbolento o pacifico, o vestito sotto qualunque forma. Io ti risponderò in buona coscienza e ti giurerò, che da</p>	<p>Mas sentia o coração apertadíssimo por conta do teu estado de ânimo em relação a ti mesmo e às tuas circunstâncias, e este pensamento me doía tanto naquele primeiro dia em que te deixei, que ficava imaginando toda a escuridão, todo o frio, todo o torpor do abandono em que te encontravas. [...] Pergunta-me, se nas duas semanas que estou em Roma, pude alguma vez gozar de um pequeno prazer fugidio, de um prazer roubado, previsto ou improvviso, exterior ou interior, turbulento ou pacífico, ou vestido de uma forma qualquer. Responderei em sã consciência e jurarei que desde</p>
---	---

quando io misi piede in questa città, **mai una goccia di piacere non è caduta sull'animo mio**; eccetto in quei momenti ch'io ho letto tue lettere, i quali ti dico senz'alcuna esagerazione che sono stati i più bei momenti della mia dimora in Roma: quelle stesse poche righe che ponesti sotto la lettera di mia Madre, furono per me come **un lampo di luce che rompessero le dense e mute e deserte tenebre che mi circondavano**. (a Carlo, 6 dez 1823).

que pus os pés nesta cidade, **jamais uma gota de prazer caiu sobre a minha alma**, exceto nos momentos em que li tuas cartas, que foram, sem exagero algum, os momentos mais bonitos de minha estada em Roma; e, mesmo as poucas linhas que puseste no final da carta de minha Mãe, foram para mim como **um raio de luz rompendo as densas e mudas e desertas trevas que me circundavam**.

Parecem infindáveis os recursos que se descobrem a cada leitura do original leopardiano e que poderiam ser explorados do ponto de vista da tradução. Longe de esgotar as questões suscitadas, procurei, neste capítulo, explorar alguns dos aspectos essenciais da riquíssima língua epistolar leopardiana, os principais problemas e as soluções propostas nos textos das cartas traduzidas. Passo, então, às considerações finais do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das maiores contribuições que uma tradução comentada de literatura pode dar, além do produto final da tradução, é pôr em evidência o processo tradutório, revelando caminhos, estudos e escolhas feitas. Lançar luz, até onde é possível, nessa relação tão peculiar do tradutor com o texto.

Como exposto na introdução deste trabalho, escolhi, no início da pesquisa, dedicar alguns meses à leitura exclusiva do *Epistolario*, deixando de lado, num primeiro momento, a crítica e a história literária. Parecia a melhor forma de me aproximar do texto, pois queria sentir o efeito que as cartas me provocavam e ‘ouvir a voz de Leopardi’ antes das outras, evitando, a princípio, muitas interferências.

A impressão que um texto desperta no tradutor estará sempre ali, agindo mais ou menos conscientemente durante a tradução, apesar de todo o estudo em torno à obra que se propõe a traduzir. E um modo de resgatar parte disso é manter o registro desse contato estreito com o texto em anotações que permitam, numa leitura posterior, identificar as impressões suscitadas. E esse foi o modo como começou o meu itinerário tradutório, especialmente por se tratar de um *corpus* grande como o do *Epistolario* de Leopardi, que viria a ser recortado para a tese, mas que contém 1969 cartas igualmente importantes como partes desse todo tomado como referência para as decisões gerais do projeto de tradução.

Em meu arquivo ‘leitura das cartas’ cabia de tudo: anotações sobre pesquisas feitas nos dicionários, relativas ao entendimento de certa palavra desconhecida (com a compilação paralela de um mini-glossário das cartas), colagens de trechos com comentários sobre o estilo, a poeticidade, a ironia, a linguagem, a relação com outras cartas, o tipo de pronome usado, o tema principal, a sinalização de algum *continuum* temático, traços psicológicos, cartas importantes do ponto de vista biobibliográfico ou porque falavam sobre tradução, língua, escrita e temas pertinentes ao campo de estudo da tese, pré-traduções ou trechos com possíveis problemas de tradução e até notas que me ajudavam a compor um quebra-cabeça sobre a biografia de Leopardi a partir dos acontecimentos ou comentários que vinham surgindo lentamente ao longo dos anos do *Epistolario*. Este arquivo tornou-se uma ferramenta extremamente útil tanto para buscas de ocorrências de temas e palavras ao longo dos anos, como para rastrear as cartas a um correspondente em particular, por exemplo. Embora fosse uma anotação caótica na origem, serviu para sistematizar a pesquisa numa fase

posterior, dando, inclusive, a possibilidade de rever o que mais me chamou a atenção em cada carta no início, antes dos estudos feitos ao longo do doutorado. Sem esse registro seria impossível trabalhar com um *corpus* dessa dimensão, tantos detalhes se perderiam.

Este foi um dos aspectos mais difíceis deste trabalho: como lidar com um *corpus* tão amplo, tanto do ponto de vista da retenção das informações e da escolha dos aspectos principais a considerar, por exemplo, ao apresentar o *Epistolario* como um todo na tese, quanto da seleção da antologia para a tradução. São inúmeras as possibilidades de abordagem, e o material vasto requer método, clareza do que se pretende e, eu diria, frescor da leitura.

Nesse sentido, lamento não ter escrito o primeiro capítulo da tese lá no início do doutorado: o frescor da leitura teria me ajudado na visão geral das cartas, e as anotações, auxiliado nos detalhes. Na época, eu já tinha a ideia de iniciar a tese com uma espécie de biografia de Leopardi contada através das cartas, que pusesse o leitor em contato com vários trechos do texto epistolar, e não as apresentasse somente através de um panorama geral. Queria fazer algo original, baseado quase que exclusivamente na minha leitura. Mas acabei percebendo que isto era trabalho para uma outra tese, e resolvi me apoiar em estudos já sistematizados, que me ajudassem a manter um fio condutor ao longo dos anos do *Epistolario*, papel que coube especialmente a Laura Diafani, e às coletâneas brasileira e inglesa de cartas de Leopardi, que serviram como referências quanto às cartas importantes a considerar. Procurei, entretanto, manter o foco naquilo que sempre foi meu interesse principal, ou seja, uma linha que privilegiasse o desenvolvimento do pensamento leopardiano ao longo dos anos, com as cartas de maior carga poética e com os principais acontecimentos psicológicos e biográficos do autor.

Por outro lado, considero feliz a escolha do *corpus* da tradução. Embora o número de cartas na tese tenha diminuído consideravelmente em relação ao projeto inicial, que contemplava a tradução das cartas de 1821-1823 enviadas e recebidas por Leopardi, a antologia escolhida mostrou-se suficientemente representativa das cartas do autor, incluindo variados registros a vários interlocutores, e ganhou em unidade, por retratar um período bem específico da experiência existencial de Leopardi, representado por sua primeira estadia em Roma. Do ponto de vista temático, as cartas de Roma permitiram acompanhar o amadurecimento de certas ideias que vinham compondo as reflexões leopardianas naqueles anos, mostrando, sobretudo, o Leopardi observador social (que contrapõe a amplidão e a monumentalidade da

grande cidade à dimensão mais íntima do homem, além de ser um observador agudo dos hábitos dos romanos), e o Leopardi filósofo da vida prática, que em várias ocasiões nas cartas reflete sobre aspectos da existência humana como a relação entre mundo externo e mundo interno, felicidade/infelicidade, prazer/dor, paixão/indiferença.

Com a restrição do *corpus*, perderam-se cartas importantes e bonitas, em particular algumas escritas por Leopardi em 1821; e, ao deixar de traduzir os correspondentes, perdeu-se no volume de cartas e na variedade de escritores, perda, a meu ver, compensada pela possibilidade de aprofundar detalhes sobre a escrita epistolar leopardiana e sobre as soluções encontradas para a tradução, o que dificilmente teria sido possível tendo que me dedicar a várias vezes simultaneamente. O comentário da tradução, por conta dessas escolhas, revelou-se bastante concreto e baseado na exploração dos recursos linguístico-estilísticos de Leopardi, que considero uma contribuição útil para quem se propuser a traduzir outros textos do autor, ou mesmo autores clássicos como ele.

A experiência do estágio de docência, em que propus a leitura e discussão de algumas cartas de Leopardi a alunos de Letras italiano, já me havia ajudado a reforçar a tendência que eu tinha de me manter bem próxima ao texto. Percebi, em ocasião das aulas, que, embora os alunos demonstrassem dificuldade e certa resistência em ler um autor do século XIX italiano, as leituras e análises conjuntas, aproximando os alunos do texto, e não somente da crítica sobre o autor, iam lentamente despertando o interesse do grupo: à medida que os alunos se familiarizavam com a linguagem e se apropriavam dos textos, tornavam-se cada vez mais participativos, capazes de comentar a própria experiência de leitura e de tecer análises. Isto reforçou ainda mais a importância que eu já dava à análise textual profunda com vistas à tradução, buscando compreender não só o texto e a poética do autor, mas tentando detalhar os meios através dos quais ele consegue obter certos efeitos no texto.

É verdade que parte desta análise ocorre de modo quase automático durante a leitura, e entra quase automaticamente no processo de tradução. Percebemos certas estruturas recorrentes no texto, notamos os usos lexicais, procuramos compreender os sentidos, e isto norteia o trabalho. Mas a análise parece algo infundável. A prova disto é que a cada leitura do texto-fonte percebem-se detalhes antes não vistos, indicando que há sempre o que explorar na construção dos textos, sobretudo quando o seu autor é alguém que sabe usar tão bem as características de uma língua, como é Leopardi.

Neste sentido, pude confirmar plenamente o que Brioschi dizia, na Introdução do *Epistolario*, a respeito da literariedade das cartas de Leopardi, ou, mais especificamente, da impossibilidade de considerar “ingênuo” uma página qualquer escrita por um autor da altura dele. O que parece estar ali ‘por acaso’ acaba se mostrando necessário no texto; e quanto mais profundamente lemos, mais percebemos que as necessidades são tantas.

Mas até que ponto manter certas estruturas na língua de chegada serve para obter o mesmo efeito provocado pelo original? Até que ponto é possível preservar a sintaxe sem forçar a nossa língua?

E aqui entram os maiores ganhos que o tradutor de um autor como Leopardi pode ter: um deles é o aprendizado da língua estrangeira, concretizado, no meu caso, na oportunidade de estudar os vários recursos da língua italiana expressos na voz de Leopardi; o outro, o aprendizado do português, através do longo trabalho de exploração das possibilidades da nossa língua para a tradução. À medida que se conhece mais a própria língua, percebe-se melhor o que ela é capaz de acolher da fala do outro. É um trabalho de ponderação, que levou a muitas alterações na tradução, sempre buscando uma mediação entre o respeito ao texto de Leopardi e ao que é natural em português.

Nesse processo, não há dúvida de que os estudos históricos, literários e linguísticos tiveram papel fundamental na ampliação da percepção e da compreensão do texto leopardiano e, conseqüentemente, na tradução. Não poderia deixar de ressaltar, também, a importância do estudo de Fabio Magro para a tradução das cartas, importância que se estende a outros textos de Leopardi, considerando que as análises linguísticas do livro abarcam várias obras do autor.

Traduzir Leopardi, como foi possível ver, requer tanto o rigor da transmissão das informações pontuais, pela extrema propriedade com que o autor usa as palavras e a importância que a clareza tem para ele na construção dos discursos, quanto a maleabilidade e a criatividade necessárias à tradução de um texto literário. E uma das maiores dificuldades de traduzir Leopardi, e eu diria, o maior risco, está em sua enorme erudição, que mesmo em textos mais simples como o de algumas cartas, ‘respira’ por trás do texto²¹⁸, de modo que um texto pode ser simples na aparência — e a escrita de Leopardi costuma ser

²¹⁸ A propósito da erudição de Leopardi e a tradução, ver “Lo *Zibaldone* ritrovato in una bottiglia”, entrevista de Franco D’Intino sobre a tradução integral do *Zibaldone* para o inglês. In <<http://www.filosofia-italiana.net/wp-content/uploads/2014/12/INTERVISTA-KARP.pdf>>. Acesso em 30/05/2015.

clara e precisa — mas pode ocultar conceitos bem mais complexos, cujas origens e tradições em que se inserem nós desconhecemos e, portanto, não percebemos.

Por isso, do ponto de vista conceitual e lexical, leituras de outros textos do autor, assim como de seus comentaristas, mostraram-se fundamentais para a compreensão dos usos que Leopardi faz. Entre as obras consultadas, destaco a importância do *Zibaldone*, aliás, texto fundamental para qualquer estudo sobre a obra do autor, seja por sua abrangência temporal, seja por atravessar os mais variados temas da reflexão leopardiana. O imenso ‘diário intelectual’ de Leopardi se confirma como uma fonte inesgotável de pesquisa para a compreensão de conceitos-chave do autor ou de palavras nos múltiplos contextos em que se inserem, revelando-se um instrumento muito útil também à desambiguação na tradução. À parte que é extremamente prazeroso pesquisar no *Zibaldone*: a simples busca de uma palavra leva à descoberta de mundos de pensamentos que se interconectam, e o único risco é seguir em frente, esquecendo o motivo que nos levou até lá.

A propósito da importância do *Zibaldone* em pesquisa semântica, reproduzo uma passagem sobre os vários aspectos do método utilizado na formulação do *Lessico leopardiano* (2014), que ressalta a natureza laboratorial da escrita do *Zibaldone*, e as vantagens desse contato com sua língua ‘em processo’, menos concisa e definida que a língua das obras destinadas ao público:

O *Zibaldone* mostrou-se particularmente sensível à solicitação semântica; este, de fato, permite uma observação privilegiada da composição da língua leopardiana. Assim como na gênese das línguas histórico-naturais há uma fase processual de composição, organização do sistema linguístico seguida de uma estabilização, em cada escritor é possível notar uma fase de seleção do material lexical e das redes de relações entre os lemas antes de sua exposição ao público. Através das oscilações e ambiguidades, de sua natureza laboratorial e problemática, o diário leopardiano reflete essa fase de organização da língua do autor, permitindo-nos o acesso a informações preciosas acerca da acomodação do sistema dos significantes. Nesta obra se exprime um modo de escrita que, mesmo em sua natureza fragmentária, não podemos definir senão extensiva, totalmente

oposta à escrita seletiva, concentradora, sintética, expressa na produção para o público: Leopardi prefere claramente as formas breves, a lírica e a prosa breve, nas quais as relações semânticas são contraídas, tensas, concentradas. Na interminável extensão material do *Zibaldone* a propriedade dos termos e suas relações de tensão, que buscamos, riscam se perder ou parecer provisórias, mas nos permitem vê-los abertos, desenvoltos e, por isso, mais facilmente tangíveis, aferráveis, decifráveis. (PIPERNO, 2014, p. 172-3).

Para concretizar a pesquisa no *Zibaldone* foi essencial a descoberta da ferramenta de busca textual no *site* da *Biblioteca italiana*, com amplas possibilidades de pesquisa não só no interior da obra de Leopardi como em literatura italiana em geral.

A riqueza de informações que a busca contextual de termos leopardianos demonstrou aponta para um campo muito fértil de pesquisa, a exemplo do trabalho lexical feito para o *Lessico leopardiano* citado acima, mas voltado à tradução para o português. Parece óbvio pesquisar os contextos em que certa palavra ocorre na obra de um autor, mas num escritor como Leopardi, que constrói verdadeiros sistemas de ideias interligadas de modo mais ou menos explícito, atravessando sua obra, torna-se fundamental para a clareza dos conceitos e as escolhas tradutórias. É um bom campo a ser explorado.

Por fim, espero que com a conclusão deste trabalho eu não me despeça também das cartas e dos estudos leopardianos. Além das várias cartas já traduzidas, de 1821 e 1822, descartadas na seleção do *corpus*, permanece a vontade de traduzir outras, o que contraria completamente o meu hábito de querer sempre inovar, mesmo passados quatro anos de pesquisa. Talvez isso signifique alguma coisa.

BIBLIOGRAFIA

ABES, Gilles Jean. **Reflexos de um vitral Partido sobre um mito: Tradução da correspondência de Charles Baudelaire de 1832 a 1842**. Tese de Doutorado. PGET/UFSC, 2011.

ABREU, Casimiro de. **Correspondência completa de Casimiro de Abreu**. Reunida, organizada e comentada por Mário Alves de Oliveira. Rio de Janeiro: ABL, 2007. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 77)

ANDRADE, Adriana A. S.; GUERINI, Andréia. “Entrevista a Maurício Santana Dias. Universidade de São Paulo” in **Appunti leopardiani**, 2012-1. Disponível em <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition03/entrevistas/entrevista_mauricio_santana.php>

ANTONELLI, Giuseppe; CHIUMMO, Carla; PALERMO, Massimo. **La cultura epistolare nell’ottocento. Sondaggi sulle lettere del CEOD**. Roma: Bulzoni editore, 2004.

ASOR ROSA, Alberto. **Storia europea della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2009. 3 vols.

ASSIS, Machado de. **Correspondência de Machado de Assis. Tomo I: 1860-1869**. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Organização Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 84). Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=729>>

_____. **Correspondência de Machado de Assis. Tomo II: 1870-1889**. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Organização Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 92)

_____. **Correspondência de Machado de Assis. Tomo III: 1890-1900**. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. Organização Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, v. 98)

AZEVEDO, Álvares. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1976. vol.1.

BANDINI, Fernando. “Prefazione”. In Giacomo Leopardi. **La vita e le lettere**. (Org.) Nico Naldini. Milano: Garzanti, 1983.

BELLUCI, Novella. **Itinerari leopardiani**. Roma: Bulzoni Editore, 2012.

BELLUCCI, Novella; TRENTI, Luigi. (org.). **Leopardi a Roma. Catalogo da mostra**. Roma: Electa, 1998.

BELLUCI, Novella; D’INTINO, Franco, GENSINI, Stefano (Org.). **Lessico leopardiano 2014**. Roma: Sapienza Università Editrice, 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza C. “Formas de tratamento e estruturas sociais”. In **ALFA** 18/19 (1972-1973).

BIGI, E. “Le lettere del Leopardi”. In **Dal Petrarca al Leopardi**. Napoli: Ricciardi, 1954.

BINI, Walter. **Corso sul Leopardi. Dispense redatte e curate da R. Cardin. Anno Accademico 1965-66**. Roma: Edizioni dell’Ateneo di Roma, 1965.

BONIFAZI, Neuro. **Le lettere infedeli. Ariosto, Leopardi, Manzoni**. Roma: Officina Edizioni, 1975.

BOSI, Alfredo. “Um nó ideológico. Notas sobre um enlace de perspectivas em Machado de Assis”. In **Escritos. Revista do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa**. Ano 2/n.2, 2008, p.30. Disponível em

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero02/FCRB_Escritos_2_1_Alfredo_Bosi.pdf>

BOTTI, Francesco Paolo. “Introduzione”. In LEOPARDI, Giacomo. **Signore ed Amico amatissimo. Lettere all’editore Stella**. Venosa: Ed. Osanna Venosa, 1997.

BRIOSCHI, Franco. “Introdução”. In **Epistolario**. Torino: Bollati Boringhieri, 1998. (Org.) Franco Brioschi e Patrizia Landi.

BUONAFITA, Maria Teresa. **As *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, de Ugo Foscolo. Tradução comentada e anotada de seleção das cartas.** Dissertação de mestrado, USP, 2006.

CACCIAPUOTI, Fabiana. “Tra etica e esistenza: la situazione umana” in **Appunti leopardiani**, 5-6/2013. <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition05/artigos/Tra-etica-e-esistenza.php>

CALVINO, Italo. **Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio.** Milano: Oscar mondadori, 2002.

COSTA, Walter C; PAULA, Marcelo B.; TAVARES, Pedro H. (orgs). **Tradução e Psicanálise.** Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

CUNHA, Euclides da. **Correspondência.** (Org.) Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti. São Paulo: Edusp, 1997.

DAMIANI, Rolando. **All'apparir del vero - Vita di Giacomo Leopardi.** Milano: Mondadori, 2002.

_____. “Vita abbozzata di un uomo solo”, “Cronologia”, “Nota all’edizione” e “Commento”. In LEOPARDI, Giacomo. **Lettere.** (Org. Rolando Damiani) Milano: Mondadori, 2006.

DE CAPRIO, Vincenzo; GIOVANNARDI, Stefano. **I Testi della Letteratura Italiana dell’Ottocento.** Milano: Einaudi Scuola, 1993.

DE SANCTIS, Francesco. **Sull’epistolario di Giacomo Leopardi.** Torino: Einaudi, 1960.

DIAFANI, Laura. **La stanza silenziosa - Studio sull’epistolario di Leopardi.** Firenze: Le Lettere, 2000.

DIAS, Gonçalves. **Correspondência ativa de Antônio Gonçalves Dias.** (Org.) Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971, vol. 84.

D'INTINO. **Lo Zibaldone ritrovato in una bottiglia. Intervista a Franco D'Intino a cura di Morris Karp.** In <www.filosofia-italiana.net>, Ottobre 2014.

DONDERO, Marco. “Lo stampatore De Romanis”. In BELLUCCI, N.; TRENTI, L. (org.). **Leopardi a Roma. Catalogo da mostra.** Roma: Electa, 1998, p. 94.

DOTTI, Ugo. “Introduzione” e “Note” in LEOPARDI, Giacomo. **Storia di un'anima - scelta dall'Epistolario.** (Org.) Ugo Dotti. Milano: Rizzoli, 1998.

FELICI, Lucio. **La luna nel cortile. Capitoli leopardiani.** Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2006.

FIGORILLI, Maria Cristina. “Al sepolcro del Tasso”. In BELLUCCI, N.; TRENTI, L. (org.). **Leopardi a Roma. Catalogo da mostra.** Roma: Electa, 1998.

FILICAIA, Costanza G. da. **Fuori da Recanati io non sogno. Temi e percorsi di Leopardi espitografo.** Firenze: Le Lettere, 2006.

GOETHE, Johann W. **O sofrimento do jovem Werther.** Edição comentada e traduzida por Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PMPocket, 2006.

GUERINI, Andréia. “O epistolário leopardiano de 1809 a 1817: as primeiras reflexões sobre tradução”. In **Fragmentos.** Florianópolis: EDUFSC, 2007, vol. 33, pp. 273-8.

_____. **Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi.** São Paulo: Edusp, 2007.

GUERINI, Andréia; MOYSÉS, Tânia M.; PALMA, Anna. “As dominantes na tradução brasileira do Zibaldone de Leopardi”. In **Aletria**, Jan/abril/2012, v. 22.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. Torres; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert.** Rio de Janeiro: 7Letras/Capes, 2011.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos (org.). **Sobre Discruso e tradução**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

LANDI, Patrizia. **Con leggerezza ed esattezza. Studi su Leopardi**. Bolonha: Clueb, 2012.

LEOPARDI, Giacomo. **Canti**. (Org.) Ugo Dotti. Milano: Feltrinelli, 1993.

_____. **Correspondance générale (1807-1837)**. Paris: Allia, 2007. Traduit de l'italien par Monique Baccelli.

_____. **Epistolario**. Torino: Bollati Boringhieri, 1998. (Org.) Franco Brioschi e Patrizia Landi.

_____. **Epistolario**. (Org.) Prospero Viani. Firenze: Le Monnier, 1892.

_____. **Epistolario di Giacomo Leopardi**. (Org.) Francesco Moroncini. Nuova Edizione Ampliata Firenze: Le Monnier, 1934-41.

_____. **Lettere agli amici di Toscana**. Introdução e organização de William Spaggiari. Milano: Mursia, 1990.

_____. **Lettere al fratello Carlo**. Introduzione di Renzo Bragantini (org.). Nota di Franco Foschi. Venosa: Ed. Osanna Venosa, 1997.

_____. **Lettere da Roma**. Com ensaio “Giacomo Leopardi e Roma” de Giulia Alberico (Org.). Roma: Lozzi Publishing, 2011.

_____. **Lettere**. (Org.) Rolando Damiani. Milano: Arnoldo Mondadori, Meridiani, 2006.

_____. **Lettere**. Tomo primo. Scelta e commento a cura di Sergio e Raffaella Solmi. Torino: Einaudi, 1977.

_____. **Paolina mia. Lettere Alla sorella**. Introduzione di Mariella Muscariello (Org.). Nota di Franco Foschi. Venosa: Ed. Osanna Venosa, 1997.

_____. **Poesia e Prosa.** Organização e notas Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

_____. **Signore ed Amico amatissimo. Lettere all'editore Stella.** Introduzione di Francesco Paolo Botti (org.). Nota Franco Foschi. Venosa: Ed. Osanna Venosa, 1997.

_____. **Storia di un'anima - scelta dall'Epistolario.** Introduzione e note di Ugo Dotti (org.). Milano: Rizzoli, 1998.

_____. **Tutte le opere. Le poesie e Le prose.** (Org.) Francesco Flora. Milano: Mondadori, 1949, vol. 5.

_____. **Tutte le poesie e tutte le prose.** (Org.) Lucio Felici e Emanuele Trevi. Edizione integrale. Roma: Newton, 2001, 2ª edição.

_____. **Zibaldone.** (Org.) Lucio Felici com premissa de Emanuele Trevi. Edição integral. Roma: Newton, 2005, 3ª edição.

_____. **Zibaldone di pensieri.** Roma: Biblioteca Italiana, 2008.
Disponível em
<http://www.bibliotecaitaliana.it/indice/visualizza_scheda/bibit001705>

LEOPARDI, Paolina. **Io voglio il biancospino. Lettere 1829-1969.** (Org.) Manuela Ragghianti. Milano: Archinto, 1990.

LUCCHESI, Marco. “Carta para um jovem do século XX”. In LEOPARDI, Giacomo. **Poesia e Prosa.** (Org.) Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

_____. “Leopardi, poeta do infinito”. In **Revista USP**, São Paulo, n.43, p. 146-155, setembro/novembro 1999. Disponível em
<<http://www.usp.br/revistausp/43/14-marco.pdf>>

MAGRO, Fabio. **L'Epistolario de Giacomo Leopardi. Lingua e Stile.** Pisa/Roma: Fabrizio Serra Editore, 2012.

MANGANELLI, G. “Introduzione”. In PULCE, Graziella (org.). **Il Monarca della Indie: Corrispondenza tra Giacomo e Monaldo Leopardi.** Milano: Adelphi, 1988.

MELOSI, Laura. “In toga e in camicia. Giudizi Letterari di Pietro Giordani nelle opere e nell’epistolario”. In TELLINI, Gino (org.). **Scrivere Lettere. Tipologie Epistolari nell’Ottocento italiano**. Roma: Bulzoni Editore, 2002.

MENGALDO, Pier Vincenzo. “Presentazione”. In MAGRO, Fabio. **L’Epistolario di Giacomo Leopardi. Lingua e Stile**. Pisa/Roma: Fabrizio Serra Editore, 2012.

PIPERNO, Martina. “Appendice. Un metodo per il Lessico Leopardiano”. In BELLUCI, Novella; D’INTINO, Franco, GENSINI, Stefano (Org.). **Lessico leopardiano 2014**. Roma: Sapienza Università Editrice, 2014.

PRETE, Antonio. **All’ombra dell’altra lingua. Per una poetica della traduzione**. Turim: Bollati Boringhieri, 2011.

_____. **Il pensiero poetante**. Milão: Feltrinelli, 2006.

PRIMO, Novella. **Leopardi lettore e traduttore**. Leonforte: Insula 2008.

PULCE, Graziella (org.). **Il Monarca della Indie: Corrispondenza tra Giacomo e Monaldo Leopardi**. Milano: Adelphi, 1988.

RANIERI, Antonio. **Sette anni di sodalizio con Giacomo Leopardi**. Cesena: AQF, 2009. (edição eletrônica da ed. Giannini de 1880). Disponível em <<http://www.classicitaliani.it/ranieri/sodalizio.pdf>>

SANGIRARDI, Giuseppe. “Profilo di Leopardi prosatore”. In **Italies** [En ligne], 7 | 2003, mis en ligne le 03 avril 2009, consulté le 28 janvier 2013. In <<http://italies.revues.org/1269>>

SHAW, Prue (org.). **The Letters of Giacomo Leopardi. 1817-1837**. Selected and traslated by Prue Shaw. Leeds: Northern Universities Press, 1998.

SILVA, Anatalia C. C. **A tradução como experiênciã e reflexãõ no Epistolario e no Zibaldone di Pensieri**. Dissertação de mestrado, PGET/UFSC, Florianópolis, 2012.

SOLMI, Sergio. “Introduzione”. In LEOPARDI, Giacomo. **Lettere**. Tomo primo. Scelta e commento a cura di Sergio e Raffaella Solmi. Torino: Einaudi, 1977.

TATTI, Mariasilvia. “I ‘racconti spirituali’ di Cancellieri”. In BELLUCCI, N.; TRENTI, L. (org.). **Leopardi a Roma. Catalogo da mostra**. Roma: Electa, 1998.

TELLINI, Gino (org.). **Scrivere Lettere. Tipologie Epistolari nell'Ottocento italiano**. Roma: Bulzoni Editore, 2002.

_____. **L'arte della prosa**. Scandicci: La Nuova Italia, 1995.

TESI, Riccardo. **LEOPARDI, Giacomo**. Treccani Enciclopedia dell'italiano, 2010.

TREVI, Emmanuele. Nota ao “Discurso sui costumi degli italiani” in LEOPARDI, Giacomo. **Tutte le poesie e tutte le prose**. (Org.) Lucio Felici e Emanuele Trevi. Edizione integrale. Roma: Newton, 2001, 2ª edição.

TRENTI, Luigi. “L'antiquaria: il sommo della spienza umana”. In BELLUCCI, N.; TRENTI, L. (org.). **Leopardi a Roma. Catalogo da mostra**. Roma: Electa, 1998.

VEGLIANTE, Jean-Charles. **Il tradurre come “pratique-théorie” nell'opera poetica e filosofica di Leopardi**. Comunicação apresentada no XIII Congresso leopardiano em Recanati, em set. 2013. In <<http://circe.univ-paris3.fr/Il-tradurre-in-Leopardi.pdf>>

VIANI, Prospero. “Prefácio”. In LEOPARDI, Giacomo. **Saggio sopra Gli Errori Popolari degli Antichi**. Florença: Le Monnier, 1855.

WATAGHIN, Lucia. “Leopardi no Brasil” in **Appunti leopardiani**, 7/2014-1. Disponível em <<http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition07/artigos/Leopardi-no-Brasil-Lucia-Wataghin.php>>

ZILLY, Berthold. “Entrevista de Berthold Zilly”. In **Revista Metáfora**. Disponível em <<http://verahelena.blogspot.com.br/2012/07/berthold-zilly-na-revista-metaphora.html>>

DICIONÁRIOS E ARQUIVOS

ARCHIVIO DI STATO DI ROMA. Sistema informativo para pesquisas on-line. Disponível em <http://ricerca.archiviodistatoroma.beniculturali.it/OpacASRoma/>

BIBLIOTECA ITALIANA. Disponível em <http://www.bibliotecaitaliana.it/>

DICIONÁRIO ON-LINE CALDAS AULETE. Com verbetes da língua portuguesa atualizados e originais (do final do século XIX), dicionário analógico e gramática básica. Lexikon editora digital, 2007. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>

DIZIONARIO DEI MODI DI DIRE DELLA LINGUA ITALIANA (org. Monica Quarta). Hoepli editore, disponível em <http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire/>

DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA SABATINI COLETTI. Disponível em http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/index.shtml

DIZIONARIO DELLA LÍNGUA ITALIANA. Tommo settimo. Bologna, presso Riccardo Mais, MDCCCXXVI.

DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DELLE SCIENZE, LETTERE ED ARTI COMPILATO PER LA PRIMA VOLTA DA ANTONIO BAZZARINI (1834, vol. VI).

DIZIONARIO GARZANTI LINGUISTICA. Disponível em <http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/>

HOUAISS ELETRÔNICO. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Instituto Antônio Houaiss, versão 3.0, junho 2009.

IATE. INTERACTIVE TERMINOLOGY FOR EUROPE. Disponível em <http://iate.europa.eu/SearchByQueryLoad.do?method=load>

IL DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA. (org.) Tommaseo/Bellini. Disponível em <http://www.dizionario.org/index.php?dizionario-italiano> (versão digitalizada somente até a letra G)

IL DIZIONARIO DELLA LINGUA ITALIANA (TOMMASEO ONLINE). (org.) Tommaseo/Bellini. Versão eletrônica do dicionário (2015). Disponível em <http://www.tommaseobellini.it/#/>

INFOPÉDIA. Dicionários Porto editora. Disponível em <http://www.infopedia.pt/>

LESSICOGRAFIA DELLA CRUSCA IN RETE. Vocabolario degli accademici della Crusca. 4 edizione. (1729-1728). Disponível em <http://www.lessicografia.it/>

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, Tomo XX, Rio de Janeiro: Tipographia Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858. In <https://books.google.com.br/books?id=JCAeAQAAMAAJ>

TRECCANI VOCABOLARIO, SINONIMI, ENCICLOPEDIA E BIOGRAFIE. Disponível em <http://www.treccani.it/>

VOCABOLARIO DEGLI ACCADEMICI DELLA CRUSCA. Disponível em http://vocabolario.sns.it/html/_s_index2.html

ZIBALDONE.BR. Zibaldone dei pensieri on-line em português. Disponível em <http://www.zibaldone.cce.ufsc.br/>